
INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

**A REPRESENTAÇÃO MATERNA, PATERNA E FILIAL DE
CRIANÇAS NORMAIS E DEPRIMIDAS**

Reg. 8831
Instituto Superior de Psicologia Aplicada
ESTUDOS

Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica

Por: Ana Mafalda Guimarães Bello Pais de Almeida

Orientador: Professor Doutor Emílio Salgueiro

Lisboa, Dezembro 1994

**A REPRESENTAÇÃO MATERNA, PATERNA E FILIAL,
DE CRIANÇAS NORMAIS E DEPRIMIDAS**

Aos Pedros,
pelo tempo que não lhes dei ...

ÍNDICE

VOLUME I

Pág.

AGRADECIMENTOS

4

I. INTRODUÇÃO

5

II. PARTE TEÓRICA

1 - SOBRE A DEPRESSÃO NA CRIANÇA

7

1.1. Psicopatologia da organização depressiva

7

1.2. Perda, separação e depressão na criança

16

1.3. A criança deprimida - quadro clínico

19

1.4. Constelação familiar da criança deprimida

24

2 - SOBRE AS FUNÇÕES MATERNAL E PATERNAL

28

2.1. A função maternal

28

2.2. A função paternal

31

2.3. Estilos de interacção de mães e de pais

35

III. PARTE PRÁTICA

1 - APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

42

1.1. Definição do problema

42

1.2. Definição das hipóteses

42

1.3. Definição das variáveis

43

a) Variável independente

43

b) Variável dependente

43

1.4. Delineamento do estudo

44

1.5. Sujeitos

45

a) Critérios de selecção da amostra

45

b) Dimensão dos grupos

46

c) Sexo

47

d) Nível de escolaridade

48

e) Nível sócio-económico

49

f) Outros dados importantes

50

	Pág.
1.6. Instrumentos	51
a) O teste do desenho da família	51
b) Questionário	53
1.7. Procedimento	54
a) Local	54
b) Procedimento / recolha de dados	55
1.8. Organização dos dados recolhidos	55
a) Organização dos dados recolhidos pelo teste do desenho da família	55
b) Organização dos dados recolhidos pelo questionário	67
 2 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TESTE DO DESENHO DA FAMÍLIA	 87
2.1. Análise dos elementos formais dos desenhos	87
a) Tamanho médio da figura maior	87
b) Diferenciação de gerações dos personagens	88
c) Diferenciação sexual dos personagens	89
d) Grau de ocupação da folha	90
e) Ambiente	90
2.2. Análise de conteúdo dos desenhos	93
a) Família representada	93
b) O próprio / figura dominante da fratria	95
c) O pai / figura paterna	96
d) A mãe / figura materna	97
e) Irmãos / primos	98
f) Particularidades	99
g) Breve referência às respostas ao questionário sobre o desenho	101
2.3. Síntese dos principais resultados analisados nos pontos anteriores	102
2.4. Discussão	104

	Pág.
3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO	109
3.1. Apresentação e análise dos resultados da pergunta 1	113
3.2. idem da pergunta 2	123
3.3. idem da pergunta 3	131
3.4. idem da pergunta 4	140
3.5. idem da pergunta 5	147
3.6. idem da pergunta 6	155
3.7. idem da pergunta 7	163
3.8. idem da pergunta 8	173
3.9. idem da pergunta 9	180
3.10. idem da pergunta 10	187
4 - DISCUSSÃO	196
5 - CONCLUSÕES	216
<i>IV. RESUMOS</i>	219
<i>V. BIBLIOGRAFIA</i>	223

VOLUME II

ANEXOS

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível de realizar sem a colaboração generosa de várias pessoas, a quem quero agradecer sinceramente.

Ao Professor Emílio Salgueiro, pelo seu apoio na orientação e pelo entusiasmo nos momentos de maior desânimo.

A toda a equipa da Clínica da Encarnação do departamento de Pedopsiquiatria do Hospital Dona Estefânia, nomeadamente à Dr^a. Maria José Vidigal, à Dr^a. Maria Filomena Andrade, à Professora Manuela Cruz, à Professora Paula Taborda Duarte, entre outros, pelo muito que se empenharam em tornar possível a recolha da amostra de crianças deprimidas.

À Escola Avé-Maria, à Escola primária do Penedo e à equipa do ATL da paróquia de S. João do Estoril, pela disponibilidade que desde logo mostraram para a realização do estudo.

À Dr^a. Isabel Dória, pelo trabalho incansável de reflexão e análise estatística dos dados.

À Dr^a. Teresa Reis, pela ajuda ímpar quer no confronto e discussão de ideias, quer na revisão do trabalho.

À Dr^a. Luisa Norton, pelo suporte constante ao longo de todo este tempo.

A todas as crianças, pais e mães que colaboraram neste estudo, pela sua generosidade e pela espontaneidade dos seus depoimentos.

Por último, à minha família, por tudo aquilo que fez por mim.

I. INTRODUÇÃO

Este estudo assenta numa comparação das representações materna, paterna e filial de crianças normais e deprimidas.

Ao longo deste tempo de trabalho, vários foram os momentos em que nos questionámos sobre as motivações profundas que lhe deram origem.

Seguramente, no percurso de cada indivíduo, as coisas não surgem por mero acaso: prendem-se com a história pessoal, com as circunstâncias, os momentos e a fase da vida em que nos encontramos.

No nosso caso, fazia sentido a questão das funções maternal e paternal e este foi, sem dúvida, o motor inicial do trabalho. Ao ler o registo de uma conversa com João dos Santos, deparámos com a pergunta: "a minha mãe o que é?" e encontrámos nela um eco da nossa própria.

Quizemos, primeiramente, saber o que são o pai e a mãe de cada um, ou melhor, o que é que há em cada criança do seu pai e da sua mãe. Como é que a criança os representa mentalmente? O que espera deles? Será que estas suas representações coincidem com as representações que os próprios pais têm?

Surgiu assim a ideia de abordar pais e filhos, na procura de uma eventual resposta.

Porque voltados para a Clínica, ao reflectirmos sobre a depressão infantil, pusemos a mesma questão, mas agora com uma pequena "nuance": o que falta de pai e de mãe na criança deprimida? Como se caracterizam as representações materna e paterna de crianças cujo sentimento dominante é de insatisfação profunda, de abandono afectivo? E daqui nasceu a ideia de comparar os dois grupos de crianças, normais e deprimidas, e respectivos pais.

Ainda, quizemos explorar em paralelo as representações de filho e de filha, abordando assim as diferentes figuras constituintes da família nuclear.

Ao colocar estas diferentes questões, deparámo-nos com a dificuldade em dar uma certa unidade ao estudo, em definir o seu objectivo de fundo, mas isto não nos impediu de realizá-lo. Apenas o tornou mais difícil.

Por último queremos apenas enfatizar que de modo algum, pretendemos esgotar estas questões com a abordagem que fizemos. Enquanto estudo exploratório, limitou-se a uma reflexão de base, que poderá, eventualmente, servir de apoio para futuros trabalhos.

II. PARTE TEÓRICA

1.1. PSICOPATOLOGIA DA ORGANIZAÇÃO DEPRESSIVA

Nota introdutória:

Não é objectivo deste capítulo fazer uma revisão teórica exaustiva e aprofundada sobre as diferentes abordagens psicopatológicas deste tema.

Pretende-se sim fazer uma reflexão sobre a depressão infantil, à luz do modelo psicodinâmico, que nos permita compreender melhor a criança deprimida. A ideia central de Coimbra de Matos de que a baixa auto-estima é um dos núcleos centrais da organização depressiva encontrou bastante eco no nosso pensamento e no nosso sentir, pelo que a expomos de forma detalhada.

No entanto, o facto desta concepção nos ter servido como principal modelo teórico de referência, não significa que não tenhamos encontrado noutros autores reflexões que nos mereceram toda a consideração, e que em muito contribuíram para o aprofundar deste estudo.

Falar de depressão na criança é sempre falar de crianças tristes, ainda que aparentemente possam não o estar. É sempre tomar consciência de que é possível, na idade da esperança e da alegria, encontrar crianças sem gosto de viver, apáticas, sem interesse por quase nada, a ponto de por vezes as levar ao suicídio.

A dificuldade em aceitar este quase paradoxo deu origem a uma prolongada negação da existência desta patologia na "idade de ouro". Até ao final do anos 60, havia uma profunda reticência dos adultos em consentir o reconhecimento de um autêntico sofrimento depressivo infantil, como se isso lhes fosse insuportável.

Os estudos focavam principalmente a depressão anaclítica do recém-nascido (fenómeno descrito por R. Spitz, como uma reacção a uma situação traumática precoce), e a depressão nos adolescentes, já mais próxima da do adulto. A década de 70 marca, sem dúvida, o reconhecimento oficial e definitivo desta patologia na criança, concretamente após o IV Congresso da União Europeia de Pedopsiquiatras (Estocolmo, 1971), inteiramente dedicado a este tema.

Desde então, um sem número de estudos proliferou nesta área. Contudo, a não concordância de critérios clínicos e metodológicos, a multiplicidade de classificações e a heterogeneidade dos materiais de estudo têm tornado difícil e complexa a abordagem do tema. E por isso, o sofrimento depressivo, quer na criança, quer no adulto, é ainda um dos grandes problemas da psicopatologia, não só pela sua grande frequência como, e sobretudo, pelas dificuldades a nível do diagnóstico, compreensão do quadro clínico e, consequentemente, do tratamento.

O movimento inicial de negação da doença na infância parece estar actualmente invertido. Confunde-se muitas vezes a simples depressividade e tristeza com a verdadeira depressão. Também com a introdução da ideia de depressão latente, a palavra depressão ou depressivo começou a aplicar-se a diferentes conteúdos mentais e a diferentes configurações dinâmicas.

Surge então como dificuldade importante a delimitação precisa e clara entre o que é a depressão como sintoma, e o que é a depressão como quadro psicopatológico. Neste ponto há claras divergências, nomeadamente em considerar a depressão infantil como um quadro em tudo semelhante ao adulto, ou pelo contrário, como uma patologia específica da infância, ainda que com traços semelhantes aos que se manifestam na idade adulta.

Em "Luto e Melancolia" [27], Freud aborda a temática da depressão numa concepção que não permite dar conta da existência do fenómeno depressivo na criança. O jogo entre as diferentes instâncias psíquicas presentes na melancolia (a identificação de uma parte do EU ao objecto perdido, o retorno sádico do SuperEU contra o EU e a baixa auto-estima) pressupõe que o sujeito tenha chegado a um estado de maturação suficiente para que estas instâncias estejam diferenciadas e elaboradas. Ora, obviamente, isto não acontece nas crianças pequenas, pelo que o esquema só se aplicaria ao adulto. Aliás, a maioria dos autores concorda que a depressão, vista psicanaliticamente como um fenómeno superegóico, não existe na criança, exactamente porque a estrutura psíquica desta é ainda imatura, e por isso incapaz de produzir um estado depressivo comparável ao que se observa no adulto.

A teoria de M. Klein [56] sobre o desenvolvimento psíquico, concretamente o conceito de posição depressiva, está na origem de muitas das descobertas ligadas à depressão infantil. Este conceito não significa, como é sabido, uma "posição estanque" face ao objecto, nem uma depressão no sentido clínico. É sim um momento evolutivo no desenvolvimento afectivo e cognitivo da criança, de grande complexidade, em que esta vai deixando de se identificar com os objectos parciais

para se identificar com os objectos totais, que são os pais interiorizados. Por volta do quarto ou quinto mês, a criança passa a reconhecer, por um lado, a unidade do objecto com as suas partes boas e gratificantes e as más, persecutórias, e por outro lado, reconhece-se também a si própria como portadora de pulsões ambivalentes, de amor e de ódio, face a este objecto. Desta ambivalência e do inerente medo de matar ou prejudicar os objectos interiores pelos seus ataques sádicos, sem não os poder reparar, surge a angústia depressiva. A criança sai deste estado de angústia através da reparação, conceito importante em Klein. Consiste no restaurar os objectos interiorizados, com todas as suas qualidades psíquicas que os caracterizam (e não o refazer a história no exterior). São mecanismos de "domínio" dos objectos interiorizados. Nesta medida, o verdadeiro trabalho de reparação confunde-se com todo o desenvolvimento da capacidade de pensar e inclui a formação do símbolo. Para Klein, a posição depressiva é uma posição central, pois marca um movimento que vai alterar a relação do sujeito com a realidade, concretamente a nível das suas reacções face à perda e à separação. A sua resolução comanda o futuro do desenvolvimento psíquico, isto é, a saúde mental ou um ingresso num percurso psicopatológico.

Depois de M. Klein, muitos autores descrevem uma fase depressiva no desenvolvimento afectivo mas que não pertence seguramente ao registo das organizações depressivas patológicas, tendo escassa ligação com o quadro clínico da depressão infantil.

Um aspecto fundamental em inúmeros trabalhos psicanalíticos sobre a depressão é a noção de perda do objecto e a ideia de que se pode estabelecer uma ligação entre a separação e a depressão (ponto que retomaremos mais à frente). Nesta linha, Spitz [58], Bowlby [10], Sandler e Joffe [52; 53], entre outros, permitem-nos uma melhor compreensão da psicopatologia dos estados depressivos exactamente pelo conceito de perda do objecto, real e fantasmática, e também pelo conceito de "perda de estado de si" na relação de objecto, donde vem um sentimento de vazio interior, de amputação de uma parte de si. Directamente ligado com a experiência da perda, surge o problema do manejo e expressão da agressividade, questão central no sofrimento depressivo. A impossibilidade de descarga da agressividade contra a fonte de sofrimento é sublinhada pela maioria dos autores.

Outro ponto importante é o de se tentar perceber se e como se constitui na infância a sensibilidade depressiva do adulto. Os trabalhos de Spitz e Bowlby são os primeiros a referir uma concepção de génese da depressão. Põem a tónica na importância do meio, dos seus contributos quantitativos e qualitativos, e da sua estabilidade. Para estes autores, os traumatismos representados por separações precoces, as rupturas dos

primeiros laços afectivos, fragilizam a personalidade e predispõe a depressões posteriores.

D. Winnicott [60] introduz conceitos muito próprios e fundamentais no seu pensamento como "concern", "holding", a "mãe suficientemente boa" e a "(in)capacidade de estar só", permitindo-nos compreender melhor a importância da qualidade da relação precoce para o desenvolvimento da criança.

Bergeret [8] insiste particularmente na importância do papel dos pais na sensibilização depressiva. Segundo este autor, a ruptura ou acidentes nas ligações entre a criança e a mãe provocam problemas e situações por vezes próximas dos estados de luto. No percurso do desenvolvimento da criança, em que há períodos cuja elaboração se pode aproximar do trabalho de luto, acidentes tais como excessos de superprotecção ou privação, podem conduzir à organização de personalidades dependentes com tendências depressivas.

Esta brevíssima passagem por alguns autores e suas abordagens da problemática depressiva (e do desenvolvimento psíquico em geral) permitiu-nos tomar contacto com questões centrais à volta deste tema. Importa agora tentar chegar a uma compreensão profunda do mecanismo da depressão, tendo em vista caracterizar o núcleo de todo o estado depressivo, qualquer que seja o nível de maturação do sujeito. É neste contexto que apresentamos detalhadamente a perspectiva de **Coimbra de Matos** [14 a 19].

Dentro de uma concepção psicodinâmica, relacional, compreende-se cada indivíduo como fruto das relações que estabelece com os outros. Sabemos claramente que as capacidades e os comportamentos típicos e exclusivamente humanos só se desenvolvem se o recém-nascido estiver inserido num grupo organizado de adultos mais experientes. Ao afirmar que "o ser que vive isolado ou é um Deus ou é uma besta, mas não um ser humano", Aristóteles tornou muito clara esta ideia da total dependência inicial dos humanos face ao meio que os rodeia.

A vida mental, a vida afectiva, têm então que ser compreendidas à luz da relação do indivíduo com os que o rodeiam, já que não existe vida mental, nem normal nem patológica, fora da relação.

Nesta linha, Coimbra de Matos [19] defende que, dependendo das relações que o indivíduo estabelece com o seu mundo objectal, não se pode falar em doenças no sentido médico propriamente dito. Fala-se sim em organizações de vida relacional, de vida relacional patológica, no caso concreto da depressão.

Numa classificação estrutural, o autor utiliza fundamentalmente quatro modelos clínicos. Do mais grave para o menos grave, são eles:

- psicose
 - organização border-line
-
- organização depressiva
 - organização neurótica

A linha de clivagem separa as psicoses, estendidas às organizações border-line (na periferia da psicose, psicoses menos graves), das neuroses, extensivas às organizações depressivas (na periferia das neuroses, neuroses mais graves). A definição desta linha remete para o teste da realidade, pois observamos que é nas situações border-line que este teste começa a falhar ou seja, que os sujeitos, embora inseridos na realidade, facilmente deixam de a perceber com objectividade.

Isto não acontece, definitivamente, na organização depressiva, e este é um aspecto importante a salientar. Este tipo de organização, pressupõe já uma imagem do Self suficientemente organizada, em que os sintomas de despersonalização praticamente não aparecem (ou se aparecem não são verdadeiras organizações depressivas mas sim organizações psicóticas ou border-line).

Outro aspecto importante é que o mundo das psicoses é o mundo da não separação entre a imagem do Self e a imagem do objecto, enquanto no mundo das neuroses estas imagens estão delimitadas, distintas uma da outra. A diferenciação entre o EU e o objecto, só é possível se a relação precoce com o primeiro objecto foi rica, securizante, estruturante. Este objecto, normalmente a mãe, terá necessariamente que ter desempenhado o seu papel de "holding", utilizando o conceito de Winnicott, de modo a permitir que o sujeito se perceba como pessoa total, e que estabeleça relações de objecto com pessoas totais. Se isto não acontecer, temos os fundamentos para o caos de uma relação de objecto de tipo psicótico.

Com esta delimitação da linha de clivagem dos modelos de organização de vida relacional, quizemos apenas situar a organização depressiva na compreensão que o autor faz da psicopatologia em geral.

Centrar-nos-emos, a partir de agora, na compreensão da organização depressiva propriamente dita, e logo na noção de que, para Coimbra de Matos, a depressão está fundamentalmente ligada ao modo como se organizou a auto-estima.

Com efeito, na relação que o sujeito estabelece com os outros desde o seu nascimento, constatamos desde logo a existência de duas vertentes: por um lado, o investimento feito no objecto, e por outro, o investimento em si próprio. Este último, inicialmente, não é directo, pois o que o sujeito recebe é o investimento que o sujeito faz em si, e é precisamente da forma como o sujeito é investido pelo seu objecto que vai depender a organização da sua auto-estima.

Explicitando, no desenvolvimento normal, o sujeito vai gradualmente reconhecendo o seu próprio Self e vai criando, quer uma auto-imagem, quer uma imagem do objecto. Investe o objecto e investe-se a si próprio. O investimento em si próprio depende, como se viu, da estima do objecto, e esta tem que ser suficiente para que o indivíduo desenvolva uma auto-estima relativamente sólida, que lhe permita enfrentar com eficácia as diferentes frustrações, insucessos e dificuldades da vida. Caso contrário, a vulnerabilidade face aos mesmos é grande. A este período em que a auto-estima depende do amor que o objecto dedica ao sujeito, o autor chamou de **narcisismo dependente**.

Ainda que nunca totalmente, pouco a pouco, o sujeito vai-se libertando da necessidade de ser amado pelos outros. Atinge então o **narcisismo auto-governado** ou **autárcico**, em que passa a ter uma auto-estima que o regula internamente. O normal será então que o adulto já não precise tanto do amor dos outros para se considerar como pessoa válida e capaz, mas antes que tenha um elevado grau de auto-governação.

O que acontece nas organizações depressivas é que esta passagem da dependência à autarcia, à auto-governação, não se verificou; o sujeito deprimido depende fortemente do amor que o objecto lhe dedica, sem que tenha conseguido organizar um auto-amor sólido. Na base desta falta de amor por si próprio, deste narcisismo deficitário, parece estar então um investimento insuficiente do indivíduo pelos seus objectos, isto é, dir-se-ia que houve uma narcisação insuficiente no decorrer do seu percurso de vida. O investimento feito no próprio EU está diminuído, e o indivíduo necessita de se narcisar.

Constata-se claramente que a baixa auto-estima é o traço dominante e o núcleo fundamental em que qualquer tipo de organização depressiva. Já em 1915, Freud, em "Luto e Melancolia" afirmava que, nesta última, um dos traços distintivos fundamentais era a baixa auto-estima, enquanto que no luto ela aparecia de forma muitíssimo mais discreta. "No luto, o mundo torna-se pobre e vazio. Na melancolia, é o próprio EU que se torna" (p.278).

As circunstâncias que mais frequentemente dão origem a que isto aconteça são o insuficiente investimento afectivo que o objecto faz no sujeito, ou os abandonos súbitos a que o submete, isto é, as perdas. Perdas aqui não no sentido do luto, em que há uma perda concreta, material e irreversível do objecto, mas antes perda afectiva, ou seja, o abandono afectivo, a perda do amor do objecto.

Talvez isto explique, segundo o autor, o facto de não se encontrar, nas organizações depressivas, quer em crianças, quer nos adultos, uma maior percentagem de perdas reais (lutos) do que no conjunto da população. Os estudos apontam para uma maior frequência deste tipo de organizações em famílias complexas, mal organizadas, em que os pais pela sua própria perturbação, sujeitam as crianças a verdadeiros abandonos afectivos, mesmo estando presentes.

Mas se por um lado, no plano das relações objectais, estas perdas ou abandonos afectivos lesam a auto-estima, por outro lado, também os insucessos (e sobretudo a ausência de sucessos), no plano da realidade concreta, a vão degradar.

Este aspecto central da depressão, o sentimento de perda do amor do objecto, está seguramente na origem e motivação do nosso trabalho. Assim, como já referimos, é nesta dinâmica afectiva e relacional, em que o indivíduo investe o(s) seu(s) objecto(s) e é investido por ele(s), que se vai formando a auto-imagem e a imagem do objecto. Nesta linha, faz-nos sentido pensar que, perante a hipótese de um insuficiente investimento parental na criança deprimida, ou melhor, perante o sentimento de profunda insatisfação afectiva, ela irá desenvolver imagens parentais diferentes daquelas desenvolvidas por crianças não deprimidas (entenda-se, crianças que não sentem esta insatisfação profunda).

A própria dinâmica depressiva, de excessiva idealização do objecto e depreciação do próprio, esclarece esta ideia. Enquanto que no luto o indivíduo fica triste pela perda real do objecto, na organização depressiva, perante o sentimento de perda do afecto / amor do objecto o sujeito não fica apenas triste. Interroga-se simultaneamente sobre o porquê desta retirada de afecto, sendo uma certa revolta para com o objecto a reacção mais saudável.

Para além disto, o indivíduo procura também em si próprio a explicação para este abandono; e é assim que pode chegar a duas situações (justificações), que habitualmente se conjugam (e que reflectem as duas vertentes qualitativas da depressão [15]):

- a) reconhece que ele próprio não tem valor, é inferior, e que por isso o objecto se desinteressou. Neste caso estamos perante uma **depressão de inferioridade ou depressão narcísica**,
- b) reconhece a sua culpa, no sentido em que fez algo para merecer este abandono, e então desenvolve-se a **depressão de culpabilidade ou depressão masoquista**.

Para Coimbra de Matos, a depressão simples corresponde sempre ao sentimento de ter sido abandonado afectivamente pelo objecto, em que o traço característico é um sentimento de insatisfação profunda. "A libido, retida no primeiro objecto e nos objectos infantis de satisfação oral e, de amor - carinho e necessidade de protecção, impede o investimento de novos objectos e objectivos: de objectivos genitais e de independência e comando, de objectos exogâmicos, longínquos e livres" (p. 1).

Esta depressão simples, esta forma de organização do EU, tende sempre a consolidar-se numa depressão de culpabilidade (ou masoquista) ou de inferioridade (ou narcísica). Ambas estão, no entanto, sempre associadas, sem que existam quadros puros; coexistem sempre sentimentos de culpa e de não-valor. Assim, o objecto, porque decepcionante ou abandonante, é gerador de lesão na auto-estima. "A raiva narcísica e o desejo de vingança aparecem então como reacção ao sentimento de ser menos amado ou apreciado pelo objecto." (p.4) Mas esta agressividade (presente em todos os quadros depressivos), se por um lado atenua o sofrimento da depressão de inferioridade (pela sobreposição do sentimento de revolta), também o agrava porque não só põe a claro a vulnerabilidade narcísica como, dirigida contra o objecto amado, desencadeia fortes sentimentos de culpa (e consequentemente, o masoquismo, o agravamento da depressão).

A dinâmica da depressão caracteriza-se então pela idealização excessiva do objecto, e desidealização do próprio; desculpabilização do objecto e auto-culpabilização; sobreinvestimento neste objecto exclusivo e ilusório, e desinvestimento em si e noutros objectos. A depressão é assim a doença do objecto único, da relação exclusiva. É uma relação densa, que passa alternadamente do ódio mortífero (mas profundamente recalcado e a maior parte do tempo invertido contra o próprio) ao amor intenso, numa constante idealização do objecto. Este bom e mau objecto alternadamente, bifacial, impede assim a revolta, o afastamento e a procura de novos e melhores objectos.

A negação da má qualidade do objecto e a idealização das suas

partes boas, constitui o traço fundamental da relação depressiva, pois é o mecanismo que permite ao sujeito não perder totalmente o objecto o que lhe traria um sofrimento insuportável. Por esta razão, o autor define [18] o objecto de depressivo como "perdido e não perdido (porque ausente no concreto relacional e presente no inconsciente afectivo)" (p. 10). Enquanto perdura esta idealização objectal, fica algo escondida a inferioridade narcísica. No entanto, à medida que se processa a desidealização (no tratamento), torna-se presente a grande ferida narcísica, isto é, a depressão de inferioridade. Surge então o vazio depressivo, pois aquele objecto que era exclusivo, desfez-se, desapareceu e o indivíduo está verdadeiramente só.

A idealização e / ou desculpabilização do objecto, dão conta da impossibilidade do sujeito em reconhecer a má qualidade do mesmo. Nesta linha, o sujeito faz uma clivagem do objecto, retira a sua parte má, negativa, e introjecta-a em si próprio, no Self. A organização depressiva é vista assim também como a doença da introjecção maligna, em que o indivíduo introjecta as partes más do objecto tal como as sentiu, sem que este necessariamente as apresente na realidade. (Pode acontecer que, por vezes, não se dê esta "introjecção maligna", mas antes aquilo a que o autor designa por clivagem horizontal: as partes más do objecto, em vez de introjectadas fazendo corpo com o Self, são interiorizadas, mas ficando separadas deste, num plano inconsciente. Assim, neste sistema de clivagem horizontal, o que se passa é que há conteúdos psíquicos que ficam clivados do conjunto do Self e também da consciência. Por exemplo, um sujeito cuja a mãe é frequentemente protectora, mas apresenta também marcantes comportamentos de desprotecção, tem com frequência sonhos de desamparo, quedas num buraco, etc. No fundo, não é mais do que a mãe desamparante que ele negou, mas que ao fazer a negação faz também uma clivagem, e guarda este aspecto no seu inconsciente, sem fazer corpo como Self.).

A par desta idealização do objecto, (da negação da sua má qualidade), o sujeito sente que o objecto não lhe deu todo o afecto que podia dar. Assim, não se desprende do objecto porque este está idealizado e interiorizado. Por outro lado, como não recebeu o afecto suficiente continua a busca nesse objecto, com quem mantém uma relação de tipo dependente, anaclítica. Kohut [34] fala na "fome de objecto", para descrever a intensidade da procura e da dependência do objecto. O sujeito vive na ilusão de que aquele objecto que por várias vezes não lhe deu o afecto desejado, agora vai dar, e é isto que mantém a dinâmica depressiva. Até perceber que aquele sujeito nunca lhe dará aquilo que não deu na devida altura, o indivíduo cresce sempre aquém da

fantasia e do desejo; mantém a expectativa de receber algo que não recebe mas que fantasia que vai receber.

Demonstrar esta dinâmica, este funcionamento, é uma tarefa difícil, porque implica um trabalho de separação desse objecto idealizado. Coimbra de Matos [16] fala na des-idealização do objecto, com vista a transformá-lo na sua realidade. É necessário que o sujeito perceba claramente que aquele objecto é ilusório e idealizado, para se conseguir separar dele, passando o processo de cura exactamente por esta desmitificação do objecto. A par desta, é fundamental que se dê a reparação do Self, pois "só com uma auto-representação restaurada é que o sujeito poderá reconstruir um bom objecto interno." (p. 3).

1.2. PERDA, SEPARAÇÃO E DEPRESSÃO NA CRIANÇA

Estando o sentimento de perda do amor do objecto no centro de todo o sofrimento depressivo, parece-nos importante falar da relação entre organização depressiva e separação.

A separação, isto é, a perda ainda que temporária de uma pessoa amada, tem consequências diferentes conforme as modalidades de organização mental da criança, não sendo, por isso, obrigatório que toda a perda ou separação leve a uma organização depressiva. Assim, qualquer interrupção de uma relação com o objecto exterior engloba necessariamente um trabalho psíquico, mas que não é obrigatoriamente de tipo depressivo. É indiscutível que podemos encontrar uma depressão mesmo na presença dos pais, e também sabemos que a "perda afectiva" não está forçosamente ligada à ideia de morte ou separação.

A vivência de perda pode ser desencadeada por uma modificação nas modalidades de troca entre a criança e o meio, por uma mudança de atitude, uma alteração no ritmo e / ou duração das separações quotidianas, etc., que implicam uma modificação nos investimentos afectivos da criança, isto é, no investimento do objecto.

Para além disto, é importante que fique claro que a resposta depressiva não é uma simples reacção, ainda que diferida, a um determinado acontecimento: ela resulta de um trabalho psíquico face a acontecimentos que podem nem ter sido reais, mas somente imaginados, sonhados ou temidos pelo sujeito. Assim sendo, é fundamental

diferenciar os "momentos" de depressão dos estados depressivos que assombram de forma mais prolongada o funcionamento mental.

Neste contexto, gostaríamos de referir, antes de mais, que a problemática da perda do objecto se liga indubitavelmente às sucessivas experiências que decorrem ao longo da evolução de cada pessoa. Ela inscreve-se em todo o destino humano e condiciona o acesso da criança à sua individualidade: desde o nascimento, com a separação do corpo da mãe, passando pelo desmame, pela renúncia progressiva à onipotência infantil face à prova da realidade, ao sentimento de exclusão da ligação dos pais, à decepção edipiana, ao desinvestimento dos pais na latência, ao "lutos" obrigatórios da adolescência, etc, etc. O objecto, de quem a criança depende totalmente no início, está destinado a ser perdido (movimento marcado pelo início da posição depressiva) a fim de ser de novo reencontrado, ou melhor recriado.

Assim, podemos dizer que a vivência da perda, da separação, é outra face da relação, onde assenta todo o desenvolvimento psicológico normal. Para Arfouilloux [5], a perda, real ou temida, projectada, é intrínseca à relação de objecto. Não há evolução sem que ocorram separações, que exigem sempre um trabalho de elaboração mental, o qual se traduz muitas vezes num afecto de tristeza considerado normal. Um certo abatimento e uma inibição transitória podem-se ajustar à expressão deste afecto. Mas estes simples movimentos depressivos são geralmente ultrapassados com a ajuda do meio, e por um trabalho psíquico que faz intervir a representação do objecto que falta, e que permite à criança encontrar satisfações substitutas. Este trabalho de separação é claramente diferente do trabalho de luto, na medida em que na separação há um movimento recíproco, que implica sempre uma interacção, e no trabalho de luto o que há é a elaboração de uma perda real e irreversível.

Sendo a dor e tristeza uma reacção normal à perda ou falta de investimento do objecto, ela representa quase uma disposição natural à depressão. Esta disposição depressiva pode ser vista como uma capacidade dada à criança para fazer face às separações e perdas, iniciando um trabalho psíquico para as ultrapassar. A. Haynal [33] defende mesmo que a predisposição à depressão virá talvez da incapacidade de ultrapassar gradualmente estas etapas evolutivas que implicam o abandono de objectos ou de aspectos destes. A incapacidade de mudar de investimentos e de se desligar de ideais infantis (e, no limite, em passar da sujeição ao princípio do prazer ao princípio da realidade) é, segundo Haynal, uma das maneiras possíveis de definir a vulnerabilidade depressiva.

Podemos observar algumas crianças que não se deprimem, que não manifestam tristeza em certas situações. Normalmente, são crianças incapazes de fazer o trabalho de elaboração da separação, e o seu funcionamento mental muitas vezes ressentem-se disso. Falta-lhes curiosidade, recusam aprender, e refugiam-se na negação da realidade e na onipotência imaginária. Winnicott [60] fala da "defesa maníaca" contra a depressão: uma defesa irrisória, contra uma depressão que não se consegue nomear, simbolizar, elaborar e que ameaça o psiquismo de se afundar.

Para lá deste cariz inalienável que a vivência de perda apresenta face ao desenvolvimento de cada pessoa, as situações de separação concreta a que a criança é muitas vezes sujeita merecem também a nossa atenção.

É importante ter em conta nestas situações a duração da separação face ao desenvolvimento da criança e aquilo que ela é capaz de fazer para as "preparar", particularmente a possibilidade / capacidade de investir outras pessoas.

Paralelamente, as condições oferecidas às crianças nesta situação de separação são também determinantes. Por exemplo, uma criança pode suportar perfeitamente a separação da mãe se ficar com os avós, mas pode entrar num registo depressivo aquando de um pequeno internamento, no qual não lhe é permitido fazer um investimento substitutivo. Também se podem verificar situações como as descritas por A. Freud e D. Burlingham [26] em que, numa hospitalização de dois dias, a criança pode afundar-se em vivências depressivas porque, inteiramente concentrada na ideia de que a mãe a vem buscar, não investe nada nem ninguém a não ser essa ideia.

Estas autoras constataram ainda que, enquanto a angústia desaparece com o desaparecimento do objecto fobogénico, e a tristeza com o aparecimento do objecto amado, um sistema depressivo instaurado aquando duma separação da mãe, não desaparece imediatamente com o reaparecimento desta. Assiste-se mesmo, por vezes, a uma recusa do objecto. Isto mostra que, num sujeito deprimido, a satisfação parece deixar de ter valor para a economia psíquica. A tendência do sofrimento depressivo a "eternizar-se", ou pelo menos a "manter-se", dá conta da existência de uma dinâmica psíquica que o mantém.

Voltando à questão da separação, é importante ainda assinalar que a criança tem dificuldade em enfrentar uma separação que não tenha qualquer carácter previsível e que, por isso, não lhe permita fazer um trabalho de preparação. Assim, uma acentuada

imprevisibilidade nas trocas relacionais com o meio pode prejudicar claramente o desenvolvimento do sujeito.

Foi dito que, no desenvolvimento relacional, psicológico, o indivíduo se vai ligando a um objecto, o qual investe e pelo qual é investido. Ora se este investimento que o objecto faz no sujeito não for equilibrado, se não houver uma certa constância, se for altamente imprevisível, a criança organiza mal aquilo que se denomina por objecto interno ou, como diz Coimbra de Matos [19], a constância de amor do objecto. A criança tem que ter a certeza do amor do objecto, mesmo na sua ausência. É esta certeza que lhe dá segurança e que lhe permite mais tarde ser capaz de ter a constância de amor pelo objecto. É a partir desta constância de amor do objecto que o indivíduo vai, gradualmente, organizando a sua auto-estima, até ao já referido narcisismo autárcico. Este não é mais do que uma constância da auto-estima, isto é, depois de várias e diferentes experiências, em que objecto continua a apreciar o sujeito, este organiza uma auto-imagem suficientemente boa, estimada, constante e quase auto-reguladora.

Coimbra de Matos defende ainda que, enquanto a constância de amor pelo objecto se organiza precocemente, no fim da fase de separação individuação, a constância da auto-estima, de forma suficientemente estável, só se organiza no fim da adolescência, já que na infância a auto-estima é muito abalada pelos insucessos e frustrações várias.

1.3. A CRIANÇA DEPRIMIDA - QUADRO CLÍNICO

Após esta breve reflexão sobre modelo teórico que nos serve de referência para a compreensão do percurso e da dinâmica depressiva, consideramos importante fazer uma alusão ao quadro clínico da depressão infantil.

Diferentes autores apresentam vários critérios clínicos para este diagnóstico, sem que se tenha chegado a um consenso.

M. Dugas e M. -C. Mouren [24] após uma extensa resenha de literatura neste campo, concluem que o quadro da depressão da criança é mais complexo e mais enganador do que o do adulto, embora tenham algumas semelhanças clínicas. A falta de consenso entre os diferentes autores leva a que muitas vezes esta perturbação passe

despercebida. Para a maioria, contudo a diferença fundamental em relação ao adulto é a de que a criança não se queixa dos seus sintomas, não fala deles espontaneamente. O fenómeno depressivo é primeiro reconhecível pelas suas manifestações objectivas e só depois pelas subjectivas e introspectivas.

Faremos então uma caracterização sumária daquilo que os referidos autores consideraram um estado depressivo manifesto, por oposição à depressão mascarada (isto é, o quadro em que a depressão ou a tristeza não aparecem em primeiro plano).

Para Dugas e Mouren (op. cit.), uma criança que apresenta um estado depressivo manifesto aparece, na maioria das vezes, como triste, infeliz, abatida, a chorar por motivos fúteis. É incapaz de sentir prazer e queixa-se de ser mal compreendida; desapontada, ela desaponta também os outros. A sua mímica é pobre, o olhar inexpressivo e enfadado. Raramente sorri. Se se exprime é num tom monocórdico. Os autores referem que em 27 de 28 casos, estes sintomas aparecem espontaneamente, citados pelos pais ou notados pelos técnicos.

A dor moral, aspecto fundamental e sempre presente, só se revela, na maioria das vezes por meios de expressão livre (testes projectivos e nos desenhos, normalmente a preto ou com cores tristes). Frequentemente aparecem neles temas de morte e de mortos, e pode constatar-se que a criança se preocupa com o futuro, lamenta o passado, e afasta-se do presente. A má imagem que estas crianças têm de si, e que dão aos outros, procurando partilhar com eles a insatisfação que sentem permanentemente, é revelada por ideias de autodepreciação, expressas directa ou indirectamente pelo herói do teste. A criança dúvida de si, desvaloriza-se e desinteressa-se por si própria, o que por vezes pode se traduzir pela sujidade, pela incúria e, nas raparigas, pela ausência de "coquetteries", o que não é mais do que uma tentativa de reforçar o seu estatuto de mau objecto.

O aborrecimento, o desinteresse, a indiferença face ao meio são também frequentes.

A par destas perturbações tímicas, surge com muita frequência a inibição intelectual que se reflecte no baixo rendimento escolar; são crianças que não conseguem concentrar-se e para os quais todo o esforço intelectual é extremamente custoso; falha a memória e a imaginação torna-se pobre, impedindo qualquer compensação da tristeza sentida. É preciso constantemente solicitá-las e apoiá-las para que vençam a sua passividade.

Embora capazes de se orientar no tempo e no espaço, estas crianças são incapazes de utilizar estas dimensões na vida corrente. Parece então que as faculdades mentais não

são atingidas na sua integridade, mas unicamente no seu funcionamento e na sua eficiência.

A diminuição da actividade motora (que só em casos excepcionais se torna total) exprime-se sobretudo pela astenia, inércia espontânea, tendência ao isolamento e recusa de jogos colectivos. A criança raramente brinca, e quando o faz, fá-lo sózinha ou com crianças mais novas do que ela: o sentimento de insuficiência que sente face aos pares da sua idade é assim compensado, e sente-se revalorizada.

Estas crianças deprimidas são vistas como solitárias, no sentido em que as suas preocupações as impedem de estabelecer relações satisfatórias com os outros. Ao contrário dos psicóticos, que vivem voltados para si próprios, as crianças deprimidas têm uma enorme carência afectiva, mas sentem dúvidas em relação áqueles que as poderiam satisfazer, estando contiuamente insatisfeitos. (remetendo-nos para sentimento de insatisfação profunda de que fala Coimbra de Matos).

Por vezes, em grupo, tendem a provocar a agressão dos outros contra si próprias. Tornam-se bodes expiatórios, e fazem-se rejeitar. A culpabilidade está presente nestas condutas que traduzem um desejo masoquista de auto-punição. A relação com os outros é pobre mas o contacto não é cortado. De vez em quando, revelam-se reivindicativas, com uma procura jamais satisfeita. Estes comportamentos alternam com fases em que a criança recusa o contacto e por vezes agride mesmo o adulto. A angústia embora muitas vezes latente, isto é, não traduzida por estados de tensão emocional conscientes, está frequentemente presente. Observa-se, com alguma frequência, manifestações fóbicas, com fobias polimorfas, (embora menos estruturadas do que aquelas que formam o núcleo central de uma neurose).

O sintoma físico pode aparecer, mas com intensidade variável. A criança dissimula a dor moral através de condutas paradoxais de defesa, e o adulto pode ter dificuldade em se aperceber desta dor, que não parece ter localização. As queixas somáticas, o sofrimento do corpo, servem muitas vezes como substituto revelador da dor psíquica. Anorexia, vertigens, dores de cabeça, entre outras, podem surgir como pretexto de pedido de afecto; a queixa do sofrimento moral, por vezes só se consegue exprimir se este tiver um suporte de representação que permita dizer "onde é que doi". É importante, nestes casos, atender ao significado masoquista, auto-agressivo e auto-punitivo destas somatizações.

Constata-se que, frequentemente, a agressividade e a instabilidade psicomotora aparecem em primeiro plano no quadro clínico. A criança tenta lutar contra os seus sentimentos depressivos, transformando os seu afectos (passagens ao acto, atitudes

provocatórias, etc.). Lang, [36] refere que, sem que lhes possamos chamar mecanismos maníacos, existem momentos de negação de uma vivência dolorosa que se manifestam por uma excitação pseudo-eufórica, episódica, atitudes de satisfação apenas superficial, próximas da resignação.

É curioso ver que a agressividade e agitação motora são segundo Nissen [41], mais frequente nos rapazes do que nas raparigas deprimidas. Para este autor, o quadro da depressão varia com o sexo, e também com a idade. As raparigas deprimidas são sobretudo mais inibidas, com tendência a flutuações de humor e à ruminação triste. Os rapazes, pelo seu lado, apresentam uma maior dificuldade em estabelecer contacto, e uma procura de isolamento que, combinada com a inibição da aprendizagem e com a irritabilidade, conduzem às dificuldades escolares e à agressividade.

Talvez seja este o motivo pelo qual aparecem em consulta mais rapazes deprimidos do que raparigas, pois sendo este o quadro clínico característico de uns e outros, podemos pensar que aquele que mais perturba o adulto e que mais chama a sua atenção (quer pais, quer professores) é sem dúvida aquele em que há maior instabilidade e agressividade.

Fazemos aqui a ponte para aquilo a que normalmente se denomina por depressão mascarada. Esta "depressio sine depressione", esta situação em que a vivência depressiva não aparece em primeiro plano, mas que uma análise profunda permite perceber a sua intensidade é em si uma questão complexa, quer na criança, quer no adulto.

Sem a pretensão de fazer uma reflexão aprofundada sobre o tema, importa dizer que a ideia dos "equivalente depressivos" usada na psicopatologia do adulto, é utilizada por alguns autores, em relação à criança.

Toolan [59], afirma que as claras manifestações depressivas, só raramente aparecem em primeiro plano nos quadros clínicos. Constata que numa primeira abordagem, a maioria das crianças deprimidas não se manifesta como tal, podendo a temática depressiva ser mascarada por elementos heterógeneos que dão ao quadro um aspecto paradoxal. Muitas vezes, só numa relação terapêutica é que se expressa a depressão profunda que anteriormente a criança negou ou "mascarou". A elucidação do sentimento depressivo na psicoterapia leva ao desaparecimento dos diferentes sintomas de cobertura, o que favorece esta ideia. O autor aponta para a descoberta activa das referências fundamentais da vivência depressiva da criança, e das linhas de força da economia da sua personalidade, em detrimento dos critérios clínicos,

meramente descritivos. Isto leva a que para Toolan os mais diferentes sintomas possam ser considerados como equivalentes depressivos, desde que se prove, em psicoterapia, que são reveladores de uma problemática depressiva. A explicitação do material fantasmático e dos sonhos permite ligar os diferentes sintomas a um sentimento de autodepreciação e a uma vivência profundamente depressiva, dominada pelo medo de perder o amor da mãe, de não ter sido desejado, de ser atacado, destruído, (muitas vezes expressos em termos sadomasoquistas).

Na medida em que o sintoma pode variar, o que importa é ter em atenção as mudanças bruscas no comportamento habitual da criança. Por exemplo, se uma criança era calma e alegre, e de repente se torna instável, irritável, colérica, etc. É importante tentar compreender o porquê dessa mudança.

De facto, os problemas de carácter e de comportamento são os que mais frequentemente mascaram uma depressão, daí muitas vezes o aparecimento inesperado de gritos, cóleras, como reacções (novas) à frustração, bem como os negativismos e as oposições extremas, a par de agressividade com os outros e para consigo próprio.

Burks e Harrisson [11] defendem que estas reacções agressivas podem aparecer sobretudo no momento em que a criança está prestes a tomar consciência do seu grande desejo de amor, da irreabilidade dos seus fantasmas de onipotência, do seu sentimento de indignação. A explosão agressiva tem assim um papel de protecção, de defesa contra a emergência de sentimentos depressivos, mas também aumenta a culpabilidade, o sentimento de ser mal amado e de abandono. A criança pode inclusive passar ao acto e punir-se a si própria. Segundo estes autores, em alguns casos a depressão é mascarada por uma verdadeira agitação de tipo hipomaniaco, que não é mais do que uma falsa adaptação superficial, escondendo um núcleo depressivo muito activo. (É no fundo uma falsa alegria, uma negação de todo o sofrimento, uma defesa contra a depressão).

A hiperactividade febril que muitas vezes apresentam, apenas conduz a actividades inúteis. O sentimento de autodesvalorização apaga-se atrás das fantasias de onipotência e de sabedoria que têm, no desenvolvimento cognitivo, as mesmas consequências da depressão manifesta. (Por exemplo, no meio de muitas palhaçadas, uma criança desenha-se como um cão pequeno e abandonado, sujo e cheio de lama, e vai-se entristecendo à medida que contempla o seu desenho). Estes estados mistos, em que coabitam sinais de melancolia com euforia, são conhecidos também nos adultos. Mas no fundo, embora opostos na sua aparência, são ambos sustentados por uma

mesma relação de objecto, ora de avidez e incorporação oral, ora de destruição e expulsão anal.

Neste tipo de comportamentos defensivos que visam conter a emergência da depressão, as passagens ao acto de tipo agressivo, e até delinquente, tomam um significado particular. Tomam frequentemente o valor de condutas masoquistas, destinadas a provocar o castigo inconscientemente desejado. Para Winnicott, [60] os pequenos delitos, concretamente o roubo, não são só uma expressão de uma tendência anti-social; devem antes ser interpretadas como sinais de alarme, para aqueles de quem a criança procura receber o apoio e afecto que lhe falta.

A diminuição do rendimento escolar é outro sintoma que, frequentemente, esconde uma depressão. Desinteresse, pouca colaboração, dificuldades de aprendizagem até então não sentidas, alertam o professor para que algo se passa.

Outros sintomas como problemas de sono, enurese, encoprese, dificuldades de alimentação, problemas psicossomáticos, são também possíveis de relacionar com uma etiologia depressiva, e aqui a ajuda das técnicas projectivas é preciosa para estabelecer um diagnóstico.

No entanto e por último, é necessário ter bastante cuidado no diagnóstico de depressão mascarada, pois se, mesmo a nível depressão manifesta as discórdias são evidentes, quando se fala de depressão mascarada, elas são ainda mais acentuadas. Muitas vezes, como já se disse, é apenas num processo psicoterapêutico que se pode confirmar a etiologia depressiva de certas "máscaras". A depressão é, nestes casos, uma conclusão a que se chega, e não um ponto de partida inicial.

1.4. CONSTELAÇÃO FAMILIAR DA CRIANÇA DEPRIMIDA

De entre os variadíssimos factores que possam contribuir para o desenvolvimento de uma organização depressiva na criança, parece-nos importante falar da constelação familiar, uma vez que está directamente relacionada com os objectivos do nosso estudo.

Sabemos que o fenómeno depressivo infantil ocorre muitas vezes em famílias complexas, mal organizadas, onde a comunicação é difícil e distorcida.

Frequentemente são famílias que revelam uma grande incapacidade em lidar com os conflitos e as situações de perda. A isto acrescenta-se a impossibilidade de expressar os afectos negativos ou hostis, como a cólera, o desgosto, o que contribui para o desenvolvimento de estratégias familiares defensivas complexas.

Poznanski [46] admite três importantes características nas famílias de crianças deprimidas: em primeiro lugar, a alta incidência da depressão parental; em segundo, a dificuldade em manejar a agressividade e a hostilidade, e em terceiro lugar, uma rejeição parental manifesta.

A maioria dos autores partilha do primeiro ponto. A ligação entre a depressão de um dos membros do casal e a depressão da criança é muito nítida, (embora possam também aparecer outros tipos de patologia psiquiátrica). Na maioria dos casos, quando o pai ou a mãe são eles próprios deprimidos, a criança vai-se progressivamente identificando a esta depressão, e faz seu o sofrimento do adulto em questão. É frequente assistirmos a fenómenos verdadeiramente em espelho entre o adulto deprimido e a criança, em que esta segue os movimentos do primeiro, e retoma ou antecipa as suas reacções afectivas. A causa da depressão parental está muitas vezes ligada a um luto não elaborado, que se irá reflectir na criança. Esta dimensão transgeracional vem assim em primeiro plano: a história dos pais é retomada pela criança, que parece revivê-la no presente, ao mesmo tempo que os pais a revivem na sua relação com este(a) filho(a). Frequentemente, a criança que vem exprimir da depressão da geração acima.

Neste contexto, a depressão de mãe tem sido bastante mais referida do que a depressão do pai. Aceita-se facilmente, utilizando uma linguagem simples, que a mãe para se ocupar de um bebé necessita de uma energia física e psíquica, e de sentir-se ela própria suficientemente segura, de si e do seu valor. Esta serenidade interior permite à mãe responder de forma adequada às necessidades da criança, assegurando-lhe a protecção que ela necessita, mas estimulando também o seu potencial de desenvolvimento no caminho para uma autonomia progressiva. Ora se a mãe está ela própria deprimida, desvalorizada, desinvestida, insatisfeita, é incapaz também de fazer este investimento na criança e satisfazer assim os pedidos de amor desta. Vários estudos mostram uma alteração no comportamento da mãe deprimida em relação ao seu bebé, realçando a ideia de que a mãe, mais ligada aos seus próprios sentimentos e necessidades do que às da criança, corre o risco de não reconhecer os sinais desta e de, por isso, não lhe responder de maneira adequada. A qualidade das interacções

fantasmáticas e afectivas está profundamente alterada nestas situações, em que as comunicações da mãe, não tanto diminuídas, são sobretudo desvitalizadas, desafectivas, quase mecânicas.

Comportamentos de maior apatia, menor afectuosidade, incapacidade de actividade lúdica nas suas dimensões de prazer, criatividade e adaptação, reacções menos positivas às performances das crianças, estão entre os descritos nos estudos das interações das mães deprimidas com os seus bebés. Encontram-se raramente mães manifestamente hostis ou rejeitantes, sendo mais frequente as relações conflituais.

A referência à depressão do pai é menos frequente, embora a observação clínica mostre que a carência ou ausência paternal tem, na depressão infantil, um papel importante. A psicoterapia destas crianças, segundo Arfouilloux, [5] mostra a figura paterna como ausente ou fraca, um pai narcísico, um pai surdo-mudo, que não fala e não ouve. É esta ausência psíquica, mais do que física, que tem graves consequências para a criança. Assim, a presença física do pai mobiliza o interesse e investimento da criança, no momento em que ela se afasta da mãe para se virar para outros objectos de amor. Mas o pai não responde a este pedido, seja porque ele próprio não investiu a criança, seja porque foi impedido de o fazer por conflitos familiares. À semelhança da "mãe morta" (A. Green) nas primeiras relações objectais, podemos evocar aqui o "pai morto", muitas vezes morto no desejo da mãe, lugar vazio no psiquismo desta (e onde se joga também a relação com o seu próprio pai).

Bergeret [8] defende também uma ideia semelhante. Com efeito o primeiro esboço de representação paternal é recebido por intermédio da mãe, e o que se constata é que, no caso das crianças deprimidas, o phalus paternal é muitas vezes depreciado pela mãe e por isso dado a perceber à criança como perigoso e possivelmente sádico. Segundo este autor existe, além disto, uma conjugação notável nos pais (ambos pai e mãe) destas crianças deprimidas, entre uma parte contraditória e activa da mãe face a toda a instância paternal e, por outro lado, a fragilidade real do narcisismo do seu marido. Este mostra-se frequentemente incapaz de propôr eficazmente, enquanto pai, opções educativas e culturais próprias.

É frequente também nestas famílias a existência de instâncias parentais severas, de carácter sádico e impiedoso. Um pai rígido, muitas vezes frustra, que castiga e bate. Assume um papel de sancionador que prevalece muito sobre o seu papel iniciador, sendo a sua presença afectiva em casa geralmente reduzida. As mães dominam

normalmente estes casais: activas e inteligentes, são também ansiosas e culpabilizadas. Têm um fundo depressivo constante, e são tóxicas para os filhos, desvalorizando-os constantemente. Neste casos, o núcleo da depressão parece estar no sentimento de impotência da criança, que não consegue ser uma fonte de gratificação para a mãe. Aqui não se assiste a um problema de carência maternal, mas antes a uma desvalorização activa da mãe, acompanhada de um apoio paterno deficiente. (Dugas e Mouren, op. cit.).

Sem pretender fazer aqui uma carecterização exaustiva das constelações familiares mais frequentemente encontradas, nos estudos da depressão infantil, quizeamos contudo referir alguns aspectos típicos e algo regulares que se têm evidenciado. No entanto é preciso não cair no erro de estabelecer relações de causalidade linear, unidireccional, entre a patologia materna e / ou paterna e a organização depressiva da criança. Fala-se apenas em "frequência de" e não em causas, em determinismos demasiado simplistas. A ser assim, a criança seria apenas receptáculo passivo da patologia dos pais. Porém, o que sabemos é que ela é um parceiro activo nas relações que estabelece com a mãe e com o pai. Ao interagir com o objecto externo (deprimido ou não) ela vai organizando o seu próprio funcionamento mental, em função, também (e com grande peso) das suas próprias competências. Para além disto, as vicissitudes do próprio desenvolvimento infantil, vão ter reciprocamente uma influência importante na vida mental dos pais e determinar parte das suas atitudes para com a criança.

2 - SOBRE AS FUNÇÕES MATERNAL E PATERNAL

Pretendemos com este capítulo fazer uma reflexão sobre o que se entende por função maternal e função paternal; mais do que isso, o que se espera de quem as desempenha (ou de quem é suposto desempenhá-las).

Na medida em que cada criança tem um pai e uma mãe, presentes desde logo no seu mundo objectal, ela vai-se relacionando com ambos, de modo seguramente diferente.

A mãe, sem dúvida a personagem mais importante e mais privilegiada nos primeiros tempos de vida, assume de imediato e quase totalmente os cuidados do bebé, permitindo-lhe o bem estar e a satisfação das suas necessidades. Esta primazia inalienável da mãe junto da criança, obviamente com raízes biológicas muito fortes, levou a que, no nosso entender, os estudos se tenham centrado muito tempo na compreensão da relação precoce mãe/filho, como aspecto fundamental e determinante quase exclusivo do desenvolvimento infantil.

De facto, até recentemente, era clara a tendência a excluir o pai quer da responsabilidade, quer das intervenções terapêuticas. A título de exemplo, referimos os trabalhos de M. Mahler, cujo método consistia na observação das interacções criança / mãe e só a mãe. Só nas últimas décadas é que se tem dado a importância e a atenção devidas ao papel do pai que, na sua diferença e complementaridade face à mãe, assume um indiscutível relevo no desenvolvimento da criança.

Seguindo também a ordem natural das coisas, falaremos primeiro da função maternal e só depois da função paternal.

2.1. A FUNÇÃO MATERNAL

A extensa literatura que há sobre o tema torna difícil a não recorrência a ideias já muito repetidas, mesmo quase banais. Por isso mesmo, limitar-nos-emos a referir alguns pontos que nos parecem importantes

João dos Santos [55] refere que "a mãe desempenha uma função envolvente de protecção, de calor, de defesa da criança, de funcionamento por ela e para ela." (p. 35). Esta parece-nos a ideia chave, expressa em muitas abordagens que focam a relação precoce.

O recém-nascido, na sua fragilidade, saído do meio intra-uterino, necessita de um envolvimento protector, que lhe permita lidar com todo um novo conjunto de sensações e emoções, agradáveis e desagradáveis, às quais sózinho não consegue dar significado. Winnicott [61] refere que nos primeiros tempos de vida da criança, a mãe deveria quase deixar de investir o mundo real à sua volta, para se dedicar exclusivamente à unidade que ela e o bebé constituem. Facilitaria assim a transição deste, através de uma proximidade, que também lhe permitiria, a ela mãe, ir conhecendo os diferentes choros e sinais do seu filho, aquilo que o incomoda e aquilo que lhe dá prazer; a pouco e pouco, a mãe irá fornecendo ao bebé respostas que lhe permitam ir aprendendo a reconhecê-la como aquela que satisfaz as suas necessidades, a sua fonte de satisfação. Esta dedicação quase exclusiva da mãe deveria ser de tal ordem que, noutras fases da vida, seria considerada patológica.

Ideia semelhante é defendida por João dos Santos (op. cit.) ao dizer que entre mãe e filho há uma interligação inicial tão grande que "tudo se passa como se vivessem embrulhados na mesma problemática, no mesmo almofadão de nuvens ou de coisas confortáveis, de calor humano" (p. 34). Na qualidade desta relação assenta todo um crescimento equilibrado e saudável, visando a segurança e a verdadeira autonomia da idade adulta. Mesmo que o registo destas vivências não seja verbal, há muitas coisas que dizemos, vivemos e sentimos, e que definem a nossa maneira de ser, que vêm dessa fase primordial em que houve um contacto muito directo com a nossa mãe.

Mas o que é que faz a mãe, concretamente? Ou melhor, o que é que se espera que faça? Mais do que tudo que "dê colo", isto é, que console, que sossegue, alivie, aqueça, tranquilize, saceie, enfim, que securize. Com a sua capacidade de "reverie" (conceito de Bion) [51] a mãe exerce uma função continente, capaz de receber e transformar os conteúdos intoleráveis para o bebé, devolvendo-os de forma mais suportável e aliviadora. No fundo, a mãe "empresta" as suas capacidades psíquicas para ajudar a criança a sair do caos e encontrar a estabilidade.

Esta imagem de continente materno permanece para toda a vida. É a ideia que mais frequentemente ocorre quando se fala de função maternal. João dos Santos (op. cit.) refere que "há uma recordação muito ténue e inconsciente que persiste em nós (...), mais o imago, ou uma silhueta, uma espécie de ambiente particular, que é sem dúvida maternal, mas que pode não ser exactamente qualquer coisa que tenha o

aspecto de uma figura maternal, mas que tem sempre qualquer coisa de envolvimento, de calor, de conforto, de aroma, de cheiro, a que toda a gente chega" (p. 34). E esta recordação persiste ao longo de toda a vida, pois embora se quebre essa relação tão directa dos primeiros tempos, em que a mãe está sempre ali como suporte interveniente real, permanece sempre a imagem de afecto, de amor, de segurança que ela transmitiu no início. Por mais caminhos que se percorram, por mais leituras que se façam, parece-nos que é fundamentalmente sempre isto que se espera de quem exerce a função maternal.

Por tudo isto se torna compreensível que a função maternal tem como objectivo principal e último fundar as bases sólidas para um funcionamento psíquico equilibrado, ou seja: é na medida em que houve esta relação precoce securizante, de verdadeira estima e amor, que irá ser possível um desenvolvimento emocional, afectivo (e físico, inclusivé) harmonioso, pois, esta segurança que no início vem sempre de fora, do objecto, vai gradualmente ser interiorizada, transformando-se numa auto-segurança ou, se quisermos, num esboço da auto-estima. Só assim a criança poderá crescer. A mãe deverá então, pouco a pouco, reconhecer que o seu filho já não necessita tanto da sua intervenção e ajudá-lo a separar-se de si. Referimo-nos concretamente à ideia de que a "mãe tem que estar aqui / presente para ser deixada" ("Mothers have to be there to be left", [28]). Embora seja uma frase sobejamente conhecida, o seu sentido só se descobre no decorrer da experiência pessoal de cada um. Para a mãe, nem sempre é óbvio que o seu papel é agir de modo a que a criança não se culpabilize por se afastar dela e por crescer. Muitas vezes ela sente dificuldade em separar-se do seu filho (por exemplo, com a entrada para a escola), e em reconhecer que já não é tão fundamental. Se mostra a sua tristeza face aos movimentos de autonomia da criança, esta será levada a viver a sua experiência de independência, própria da sua idade, como algo que está errado, e a sentir, consequentemente, ressentimento e /ou culpabilidade.

Este tipo de interacções não favorece, seguramente, uma verdadeira alegria de crescer, nem uma verdadeira estima pela mãe. A criança pode mostrar que acede aos seus "pedidos", recusando avançar, deixando de ter gosto pelas novas aquisições e vontade de experimentar sózinha ou com outras crianças, actividades independentes da mãe. Se, deste modo, satisfaz o desejo de dependência da mãe, também a priva do prazer de a ver crescer e autonomizar-se normalmente. Sabemos que a capacidade para crescer, não menosprezando a estima e o amor que os pais normalmente têm, depende em grande parte da capacidade destes "estarem ali para ser deixados"; como

a mãe está, de facto, mais presente, é a ela que esta função é mais exigida e, não a aceitar põe em risco quer a relação actual, quer a capacidade futura da criança ser ela própria pai ou mãe. Aceitando-a irá favorecer na criança um controle de si própria, fazendo de cada passo uma etapa para a construção equilibrada do EU, num contexto de uma harmoniosa fusão entre amor e agressividade.

Winnicott [60] fala da capacidade de estar só, que mais não é do que a experiência de solidão na presença de alguém, e que se relaciona directamente com esta noção da mãe estar ali para ser deixada.

Neste contexto, E. Furman [28], propõe mesmo inverter o sentido da noção de "desmame": não é a mãe que desmama a criança, mas sim esta que desmama a mãe, seguindo o caminho para a sua autonomia. Se a mãe é capaz de tolerar esta experiência de rejeição agressiva e dolorosa, se é capaz de estar ali para ser deixada, favorece claramente o desenvolvimento da criança. Caso contrário, comunica-lhe o seu conflito emocional interno e fá-la sentir que no crescer, há algo de errado.

Portanto, voltando à ideia inicial da função maternal, é importante vê-la como envolvimento securizante mas, neste sentido, não sufocante, a ponto de impedir que a criança prossiga na sua independência. Como afirma M. José Gonçalves [31] "ao prazer de proteger, segue-se (ou deve seguir-se) ⁽¹⁾ o prazer de ver a criança funcionar e mais tarde o apoio à sua autonomização" (p. 37).

2.2. A FUNÇÃO PATERNAL

Como dissemos no início deste capítulo, a importância da função paternal, como determinante e fundamental para o desenvolvimento infantil, foi durante muito tempo ignorada, ou considerada como acessória.

J. Ross [49] acentua que, durante muito tempo, o pai ficou como o "parente esquecido" na literatura psicanalítica, sendo visto como protector e autoridade moral, mas não envolvido nos cuidados directos dos seus filhos, nem no seu crescimento emocional. A teoria psicanalítica, segundo este autor, apresenta a relação pai/criança como essencialmente ameaçadora e, no limite, destrutiva.

Actualmente reconhece-se e defende-se que o pai, tal como a mãe, tem um papel único e muito significativo no desenvolvimento da criança.

⁽¹⁾parentesis nosso

Em primeiro lugar, o pai exerce sempre uma influência indirecta no desenvolvimento dos seus filhos ao influenciar directamente o destino das capacidades maternas da mulher, assim como ela influencia as suas capacidades paternas. A estabilidade da relação entre ambos ajuda a assegurar uma boa relação mãe / criança. É a ideia de que uma mulher amada é quase sempre uma "boa mãe".

Paralelamente a isto, a influência directa do pai faz-se sentir desde o momento da concepção. É fundamental para a vida da criança que o seu nascimento tenha sido desejado; segundo Aberastury e Salas [2] é tão fundamental para o desenvolvimento da criança sentir-se filha dos seus pais como o próprio facto de o ser. Para os pais, a criança já existe antes de nascer e a sua espera pré-define a sua imagem. J. Ross (op. cit.) considera que o período da gravidez constitui um desafio importante para o futuro pai: provoca uma "revolução" interna, uma síntese do seu sentido de Self, cujo resultado é de importância crítica para toda a família. Logo após o nascimento, a criança estabelece, naturalmente, uma relação muito privilegiada com a mãe. Nesta fase de unidade da díade mãe / criança, Winnicott [62] atribui ao pai um papel fundamental de apoio e suporte à relação maternal. Estabelece-se assim uma relação pai - (mãe / criança), em que o papel deste é proteger esta unidade, como se tivesse que a embalar, mantendo-a em segurança face ao mundo exterior, de modo a que a mãe possa estabelecer uma verdadeira relação de amor com o seu bebé. Só mais tarde é que a relação pai / criança se irá autonomizar da relação desta díade.

Para a criança, a mãe é assim, naturalmente, o seu primeiro objecto de relação, de amor, e permanece único durante os primeiros tempos de vida. Quando a criança é confrontada com o segundo objecto, o pai, a primeira imagem que tem dele é a imagem que a mãe lhe apresenta, lhe transmite. Utilizando a expressão de Bergeret [8], a criança recebe da sua mãe um pai nas costas sendo o primeiro esboço da representação paternal, com efeito, recebido por intermédio da mãe. Esta transmissão depende naturalmente do valor funcional que tem para a mãe o seu próprio referencial paterno, bem como da sua relação com o pai da criança. O modo como introduz e conceptualiza o papel do marido como pai é talvez, segundo S. Cath [13], um dos determinantes mais importantes do modo como a criança se irá relacionar com o pai e com os outros homens e mulheres na sua vida. "Nesta constelação nuclear, a mãe pode ajudar a estabelecer atitudes positivas e negativas para com o pai, quer explicitamente quer por linguagem corporal, e assim contribuir para a matriz inconsciente de todas as subsequentes representações, idealizações e subvalorizações do pai" (p. 68/472). Neste contexto, mais importante do que a ausência física do pai é a sua ausência psíquica que pode ser favorecida pela mãe se

ela destruir todas as imagens, inclusivé a do pai, que a possam separar do filho, impossibilitando-o de arranjar um espaço mental para elas. Normalmente, no entanto, isto não acontece e o pai é então o segundo objecto para quem a criança se volta. O seu aparecimento provoca nela um fascínio especial e atraí-a para um mundo mais amplo de objectos e pessoas. O seu modo de se relacionar com o filho é quase sempre, desde os primeiros dias, muito diferente do da mãe. A mãe é geralmente mais tranquilizante, enquanto o pai fornece geralmente brincadeiras e experiências fisicamente mais excitantes, (o pai dá um tom de magia à vida da criança).

Fundam-se assim as bases para que o pai exerça a sua função essencial, que é a de agente separador, aquele que vem de fora e introduz uma espécie de cunha e diferencia as duas personagens da díade mãe / criança. Por um lado, a criança precisa do pai para se poder desligar da mãe pois, de facto, neste processo de separação - individuação é o pai que lhe permite libertar-se da inicial dependência exclusiva da mãe, em que ela é a única fonte de satisfação das suas necessidades e desejos. Com efeito, é na medida em que o pai vem encher o espaço da separação, que ela se torna tolerável para a criança. Afastando-se da mãe, ela encontra um outro, objecto do seu desejo e do desejo da mãe. Por outro lado, também a mãe precisa do marido para se desligar do bebé, pois é ele, com as suas solicitações afectivas, que lhe vai permitir o distanciamento necessário para que a relação não tenha indefinidamente o carácter simbiótico que, embora desejável no início, passaria a ser patológico se perdurasse para além de certos limites temporais.

Arfouilloux [5] introduz a ideia de que, sendo a posição depressiva (Klein) marcada pelo reconhecimento de uma dupla alteridade, a do objecto amado e odiado ao mesmo tempo e a do próprio sujeito ser capaz de experimentar movimentos opostos face a este objecto, "o pai constitui o terceiro termo desta alteridade, enquanto "o outro do outro", para a mãe e para a criança, o outro da cena primitiva onde a criança procura um lugar imaginário" (p. 260). Este autor acrescenta que a problemática edipiana, embora se resolva mais tarde (ou até nunca), está presente já nesta fase crucial em que a relação dual se abre a uma terceira pessoa, com tudo o que esta tem de desconhecido. Nesta medida, o pai não é só um agente de separação. Ele é, sobretudo, um factor de ligação e unificação para o psiquismo da criança, não se podendo isolar destas duas funções. "É porque ele separa que pode unir. E este processo, longe de ser pacífico e sem sofrimento, está na base do conflito neurótico infantil" (p.260).

Ao estudar o modo de relação do pai com os seus filhos, Abelin [1] constatou que, de facto, se estabelecem dois tipos de relações, de vinculações diferentes em relação ao pai e à mãe. Referiu a existência de uma relação simbiótica com o pai (no sentido que M. Mahler deu ao termo) que começa uma ou duas semanas mais tarde do que com a mãe. A angústia face a estranhos, caso o pai esteja presente, diminui gradualmente face a este, até que ele se torna insubstituível. A criança sorri, manifesta sinais de alegria e carinho para com o pai apenas com um pequeno desfazamento de tempo em relação à mãe. Nesta sua aproximação ao pai, as raparigas são mais ternurentas e os rapazes mais exploratórios. Este autor verificou ainda que a imagem mental do pai (no sentido piagetiano do termo) se forma mais tarde do que a da mãe, sendo diferentes as imitações que a criança faz de cada um dos seus progenitores, o que mostra que ela já tem, por volta dos catorze ou quinze meses, imagens diferentes de um e de outro. Destes diferentes tipos de relação que a criança estabelece com o pai e com a mãe vão resultar dois modelos especulares diferentes, que reflectem a busca de objectos pela criança, busca esta que a conduz à descoberta do Self. A criança tenderá a imitar, a seguir, a identificar-se a esses modelos, conforme essencialmente o respectivo sexo. Daqui resulta uma identificação do casal, uma identificação do próprio sexo e um modelo de comportamento, um Ideal de EU.

O pai, como primeira fonte de identificação masculina, tem assim um papel muito importante na formação da identidade sexual. Se bem que ser homem ou ser mulher é definido biologicamente, a identidade sexual pode ser distorcida de acordo com os estímulos familiares e sociais que a criança encontra. A figura paterna, ao fornecer uma fonte de identificação masculina, é tão importante como a materna ao fornecer uma fonte de identificação feminina. É preciso que, embora presentes conjuntamente, os dois estejam bem diferenciados para a criança, pois é desta diferenciação de funções que depende grandemente o sucesso da identificação sexual. Assim, um pai ausente, ou psicologicamente fraco, incapaz de assumir a sua paternidade, pode dificultar seriamente o processo de identificação sexual na criança, levando a que esta tenha, mais tarde, grandes dificuldade em assumir-se como homem ou mulher. Por outro lado, sendo este processo de identificação sexual fortemente delineado na fase edipiana, o papel do pai é nela fundamental, seja no caso da rapariga, para receber com ternura e sem excitação o que ela tem para lhe oferecer, seja quando se trata de um rapaz para lhe fornecer um modelo sólido de identificação masculina.

Posto isto, pode dizer-se que a presença do pai junto da criança nos primeiros anos de vida é tão básica como a da mãe. Se a presença desta parece mais importante para um desenvolvimento harmonioso e saudável é talvez porque a sua interacção é mais precoce, mas como se viu, o pai enquanto facilitador da triangulação e da consolidação da identidade sexual e das escolhas objectais, tem também um papel único e fundamental na estruturação da personalidade da criança.

Por último, queremos apenas acrescentar que se podemos separar teoricamente a função maternal da função paternal, e se é mesmo desejável que essa separação ocorra na realidade, não nos devemos esquecer da sua complementaridade, pois não só pai e mãe, no exercício das suas funções, são mutuamente influenciáveis e interdependentes, como também, os dois juntos, enquanto casal parental, afectam necessariamente os seus filhos, constituindo tudo isto um processo dialético. Mas como em todas as coisas, é preciso separar para compreender melhor. Como nós o fizemos aqui, a criança fá-lo na sua vida: separa-os, de início, para os compreender, para se identificar, mais com um ou mais com outro, para se conseguir descobrir a si própria. Mas depois volta a uni-los, e dos dois juntos surge um novo um modelo: um modelo de casal, que a criança quer e tem muita necessidade de mater junto, já que basta a ideia de separação dos pais, para induzir nela um sofrimento tão grande que, por si só, ilustra para a importância da presença conjunta do pai e da mãe na vida da criança.

2.3. ESTILOS DE INTERACÇÃO DE MÃES E DE PAIS

Na medida em que o nosso estudo assenta nas representações materna e paterna, avaliadas quer pelo desenho da família, quer por um questionário, pareceu-nos importante incluir aqui um pequeno apontamento sobre aspectos mais práticos, concretos, ligados ao papel da mãe e do pai. Não pretendemos, de modo algum, caracterizar o que a mãe ou o pai devem fazer, mas antes referir sucintamente aspectos mais característicos do desempenho de cada um, que diferentes estudos têm evidenciado. Note-se que estes estudos apresentam resultados muito diversos, por vezes até contraditórios, quer pela utilização de diferentes metodologias e definições,

quer pelos diferentes grupos em si, o que os torna muitas vezes dificilmente comparáveis. Apesar de tudo, têm-se observado algumas diferenças ao longo dos tempos, mais em relação à actuação do pai do que à da mãe. (Lamb, [35]).

No que respeita à mãe, embora se tenha assistido a uma grande mudança ligada ao crescente ingresso da mulher no mundo do trabalho, constata-se que é ela quem assume ainda o papel de educadora: é a mãe quem passa mais tempo com os filhos, quem interage mais, quem se ocupa essencialmente dos cuidados do dia-a-dia e quem assume a responsabilidade geral pelos cuidados e necessidades da criança, como por exemplo ir ao médico, planear actividades e diversas contingências, etc. Em suma, a "responsabilidade pelos cuidados e educação da criança mantém-se no domínio quase exclusivo das mães, enquanto os pais "ajudam quando podem ou quando é conveniente". (Lamb, op. cit., p. 34).

As mães revelaram também ser mais directivas com os filhos (Russell, G e Russell, A., [50]), e de um modo geral, o seu estilo de interacção não varia significativamente com o sexo da criança, isto é, o ser filho ou filha não leva a interacções diferentes por parte da mãe.

As mães assumem ainda, normalmente, e em termos gerais, a responsabilidade pela gestão da casa, e este papel é muitas vezes indissociado do cuidar dos filhos.

Curiosamente, contra as nossas expectativas, num estudo comparativo das interações da mãe e do pai com os seus filhos, estes autores não confirmaram a hipótese de que as mães são mais afectuosas e ternurentas para os filhos do que os pais. Citam estudos (Bronstein, 1984) que sugerem esta diferença, mas eles próprios encontraram alguns dados que apoiam e outros que contrariam esta hipótese, nomeadamente, a maior frequência de comportamentos de afeição física entre pai e filhos, bem como de brincadeiras e divertimentos mais ternurentos.

Se olharmos para trás, vemos que, apesar das grandes mudanças sociais ligadas ao facto de a mulher exercer cada vez mais uma actividade profissional, fora de casa em termos concretos da sua actuação como mãe, os papéis que desempenha continuam a ser fundamentalmente os mesmos, assumindo quase exclusivamente a responsabilidade pelos cuidados dos filhos. (Os estudos indicam que mesmo quando ambos os pais trabalham trinta ou mais horas por semana, a parte da responsabilidade assumida pelo pai é tão insignificante como quando as mães estão desempregadas. (Lamb, op. cit.).

Quanto ao pai, o mesmo não se pode dizer. Este mesmo autor afirma que, ao longo da história dos E.U.A., tem-se vindo a assistir a uma mudança na conceptualização dos seus papéis paternais: do pai como formador moral, ao pai como fonte de sustento económico, depois como modelo de tipificação sexual e, mais recentemente, o "novo pai envolvente", activa e profundamente envolvido nos cuidados diários e na educação dos seus filhos. Estas quatro imagens ou funções continuam a ser todas elas importantes, embora o grau de importância varie consoante o grupo social.

Embora se queira fazer passar a mensagem de que há um novo estilo de ser pai, e que estar activamente envolvido nos cuidados dos filhos, é o que define actualmente o que é ser "um bom pai", a verdade é que muitos pais têm uma concepção muito diferente da função paterna. Em termos concretos, assiste-se ainda a que "o sustento económico continua a ser o componente chave do papel paterno na maioria dos segmentos da sociedade" (p. 21), e isto mesmo nas famílias em que há dois assalariados, quanto mais não seja pelo facto de ainda persistirem grandes disparidades entre os salários dos trabalhadores masculinos e femininos.

Para além desta contribuição, ainda que indirecta, para a educação e saúde afectiva dos filhos, os pais influenciam também o desenvolvimento destes pelo apoio emocional que fornecem à família e mais concretamente à mãe (ideia já referida anteriormente). Quanto à interacção directa, com os filhos têm-se assistido a um aumento gradual do tempo que os pais passam com eles (Lamb, op. cit.; Russell e Russell, op. cit.), embora, como já se disse, este tempo seja muito inferior ao que a mãe lhes dedica, sendo o estilo de interacção (comportamental) dos pais diferente do das mães. Inquéritos e observações mostram que na mãe, como vimos, dominam os cuidados diários, enquanto no pai predomina o jogo, a brincadeira. De facto, os pais são muito identificados com o brincar, sobretudo brincadeiras físicas e também fora de casa (Russell e Russell, op. cit.). Por seu lado, as crianças também revelaram iniciar mais vezes brincadeiras com o pai do que com a mãe (idem).

No que respeita ao papel de formador moral com que o pai também é ainda identificado, estes mesmos autores puseram a hipótese de que o seu estilo de interacção seria mais restritivo, mais firme e mais negativo com as crianças. Porém as suas observações mostraram o contrário: não se revelaram diferenças entre as reacções dos pais e das mães, face às situações de "mau comportamento" dos filhos, de ensinar e corrigir as crianças. Mais uma vez estes resultados mostraram não ser sempre consistentes, havendo estudos que apresentam resultados exactamente opostos (Baumrind, 1982, citado por Russell e Russell).

Se nas mães os estudos sugerem que não há diferença no seu estilo de interacção consoante o sexo da criança, com os pais isto nem sempre é assim. Lamb refere que "os pais estão de facto mais interessados e mais envolvidos com os filhos do que com as filhas, e que tendem a passar mais tempo com os rapazes do que com as raparigas, independentemente da idade da criança" (p. 24). Contrariamente, Russell e Russell afirmam que os pais não interagem mais com os seus filhos rapazes do que com as raparigas, apesar dos filhos (rapazes) solicitarem mais o pai. No seu estudo, a diferença põe-se em que os pais respondem mais negativamente a comportamentos de dependência do rapaz do que da rapariga, e isto tem seguramente a ver com a questão de querer fazer do filho um homem forte, corajoso, independente, enfim masculino, não tolerando por isso, movimentos de dependência. Mais uma vez a diferença acentuada por estes estudos pode ter a ver com as metodologias e definições utilizadas, bem como com os estilos de interacção próprio ditos, que assim diferem consoante o grupo.

A questão que nos parece importante pôr é não tanto se o pai deve ou não envolver-se activamente nos cuidados e educação dos filhos, mas sim saber a sua motivação para o fazer. O pai quer de facto partilhar esta "tarefa" com a mãe? Está motivado ou é "forçado a"? Não nos parece evidente, como aliás também refere Lamb, que o aumento do envolvimento paterno, por si só, seja benéfico em qualquer situação familiar. Pode numas situações trazer benefícios e noutras não, o mesmo acontecendo com um baixo envolvimento paterno. Se o pai de facto assim o deseja, bem como a mãe, então o efeito de um aumento do envolvimento paterno pode ser positivo para a criança, mas em parte porque se criou assim um contexto familiar em que ambos pai e mãe se sentem bem no seu casamento e no equilíbrio que encontraram.

Vários estudos (Pruett, 1983; Sagi, 1982, citados por Lamb) referem que as crianças filhas de pais muito envolvidos mostram uma maior competência cognitiva, maior empatia, menos estereótipos sexuais e um locus de controlo mais interno. Lamb atribui estas características ao facto de, por um lado os pais assumirem, eles próprios, papéis menos estereotipados sexualmente, (e por isso os filhos têm também atitudes menos estereotipadas a este nível) e por outro, o facto de terem dois progenitores envolvidos em vez de um, assegurar-lhes uma maior diversidade de estimulação. E ainda, o facto de, por o pai estar mais envolvido, ambos pai e mãe têm a possibilidade de fazerem o que consideram importante para si. Ambos se sentem

mais realizados e consequentemente, as relações são mais ricas e calorosas do que noutras circunstâncias. Mas caso o pai não esteja motivado para se envolver mais com os seus filhos, a "obrigação de ter que o fazer" pode ter efeitos indesejáveis, como é óbvio. Parece então que os efeitos do envolvimento paterno terão mais a ver com o contexto em que este decorre do que com o próprio envolvimento em si.

Parece ser óbvio, para além de tudo isto, que os padrões de influência paterna variam consoante os factores sociais que definem o significado do envolvimento do pai, isto é, variam seguramente nos diferentes grupos sociais, étnicos, religiosos, etc.

Voltando à questão de saber se o pai está ou não motivado para partilhar e envolver-se nos cuidados dos filhos, sabemos que há pais que o estão e outros que não. Na base desta falta de motivação está, em grande parte dos casos, uma atitude de considerar que é efeminado envolver-se nos cuidados da criança. Muitos homens continuam a considerar incompatível a masculinidade e a paternidade activa, envolvente. Este tipo de sentimentos, segundo Lamb, ajuda a explicar o porquê da lentidão no aumento de pais que partilham com as mães os cuidados com os filhos, mesmo em situações que estas trabalham fora de casa. Além disto, a persistente identificação da paternidade com o papel de sustento económico, leva à limitação do envolvimento do homem nos cuidados da criança. Por outro lado, os homens muitas vezes embora motivados, afirmam não ter competência para o fazer. No entanto, estudos (Lamb, 1981, 1986) mostram que, no período neonatal, os pais são tão ou tão pouco competentes como as mães, e que esta competência se adquire no contacto diário com o bebé, pelo que, como as mães estão mais presentes, é natural que adquiram mais sensibilidade, maior consciência das necessidades e características da criança. Por outro lado os pais, por estarem menos presentes, têm menos experiência e sentem menos confiança nas suas capacidades. Não só cedem a responsabilidade à mãe, como reforçam o sentimento desta de que ela é mais competente do que eles, quando na verdade, na maioria das vezes, as mães, face ao primeiro filho são tão incompetentes e estão tão assustadas como eles, com a "pequena" diferença que delas, mulheres, se espera e se exige que saibam cuidar dos filhos, sem qualquer hipótese de se retirar. Isto leva a que depressa tenham que aprender e assim desenvolvem a sua auto-confiança e sensibilidade na matéria. A par da possível motivação do pai, tem que ser considerada a motivação da mãe em querer que o pai se envolva. Um grande número de mulheres não o quer, e as razões prendem-se, ainda que não só, com a dinâmica do poder dentro da família (Polatnick, 1973, 1974, citado por Lamb), pois o facto de o pai se envolver mais nos cuidados dos filhos

pode vir ameaçar o poder e autoridade que a mulher tem nos papéis de mãe e gestora da casa.

Isto conduz-nos de novo à ideia de que um maior envolvimento paterno, em absoluto e como regra para todo o tipo de situação familiar, pode nem sempre ser benéfico. É fundamental ter em conta as atitudes e motivações de ambos, pai e mãe, e respeitar o equilíbrio que encontraram, mesmo que de fora pareça desequilíbrio. Se um maior envolvimento do pai parece, em termos globais, importante e desejável, é preciso que de facto nas famílias haja motivação para isso, que se tenham ultrapassado algumas barreiras atitudinais e estereotipadas, e que a família se sinta bem com o desempenho destes papéis.

Assim se percebe a inconsistência dos estudos, que não poderão nunca ser conclusivos quanto à definição daquilo que o pai e a mãe fazem, a não ser na constatação de que a mãe é identificada com os cuidados com os filhos e o pai com o jogo. Por outro lado estamos numa fase de mudanças aceleradas, e por outro ser pai e ser mãe implica um conjunto de papéis que apelam a motivações e representações próprias e partilhadas. Afinal, embora saibamos da importância da função maternal e da função paternal, sabemos também como ambos sentem por vezes necessidade de trocar papéis um com o outro.

Assim, mais do que tudo, há uma espontaneidade em cada um de nós que, caso usemos ou nos permitamos segui-la, por mais modelos e referências que tenhamos, nos leva sempre a seguir os nossos afectos, na constante procura de um equilíbrio.

III. PARTE PRÁTICA

1 - APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

1.1. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Após esta reflexão teórica sobre as funções maternal e paternal e sobre a depressão infantil, estamos em condições de clarificar as questões centrais que deram origem a este trabalho.

Assim, partindo do pressuposto de que o sentimento fundamental do deprimido é o de insatisfação profunda e de que a baixa auto-estima é o traço dominante em qualquer tipo de organização depressiva, seja por falta de investimento do objecto (normalmente os progenitores) e / ou por incapacidade do sujeito para o receber, quizemos saber:

- Se as representações materna, paterna e filial de crianças deprimidas são diferentes das de crianças normais
- Se essas mesmas representações das crianças (quer normais, quer deprimidas) são diferentes das dos seus progenitores.

1.2. DEFINIÇÃO DAS HIPÓTESES

Com base na reflexão teórica que fizemos e no pressuposto acima referido, elaborámos as seguintes hipóteses de trabalho.

Hipótese 1:

A representação materna das crianças deprimidas assenta privilegiadamente na funcionalidade, enquanto a das crianças normais assenta privilegiadamente numa dimensão afectiva.

Explicitando, nas crianças deprimidas a mãe é representada sobretudo como aquela que assegura os cuidados básicos, enquanto que nas crianças normais esta representação assenta fundamentalmente em características como afectuosidade, ternura, segurança, etc., mais ligadas à função continente.

Hipótese 2:

Nas crianças deprimidas existe uma representação de pai ausente e demitido das suas funções, o que não acontece nas crianças normais.

A confirmação ou infirmação destas hipóteses permite-nos responder a uma parte da primeira questão do ponto anterior, que se prende com as representações materna e paterna. No que respeita às representações filiais e à segunda questão (comparação das representações das crianças com as dos seus progenitores), o nosso estudo é meramente exploratório, sem que tenhamos formulado qualquer hipótese à partida.

1.3. DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

a) Variável Independente

A variável independente em jogo é a depressão na criança.

Este tipo de variável não permite, como é óbvio, uma manipulação do investigador, no sentido de ser ele a introduzi-la ou a provocá-la. Permite apenas fazer uma selecção dos sujeitos que a apresentam.

Recorremos, para este efeito, a um serviço público de saúde mental infantil, concretamente a Clínica da Encarnação do Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital Dona Estefânia, cuja prática diária nos merece todo o crédito na avaliação, diagnóstico e tratamento dos casos que recebe.

O critério de diagnóstico da depressão utilizado pelos técnicos deste serviço é o critério da observação clínica, englobando quer depressões de tipo manifesto, quer de tipo mascarado.

É importante referir que se excluíram todos os casos em que a depressão encobria patologias mais pesadas, de tipo psicótico.

b) Variável Dependente

A variável dependente é, por definição, aquilo que se pretende medir ou avaliar, na sequência da manipulação / selecção da variável independente.

No caso concreto, sendo esta última a depressão na criança, a variável dependente irá ser a representação materna, paterna e filial dos sujeitos.

É importante esclarecer aquilo que se entende como representação.

Este termo foi utilizado nos primeiros modelos teóricos psicanalíticos de compreensão das neuroses, como algo claramente distinto do afecto. A título de exemplo, entendia-se que, no caso da neurose obsessiva, o afecto era deslocado da representação ligado ao acontecimento traumático para outra representação considerada como insignificante para o sujeito. Do mesmo modo, na histeria, o afecto seria convertido em energia somática, e a representação recalçada iria ser simbolizada por uma zona ou actividade corporal. Portanto, claramente, neste modelo representação é algo distinto e separado do afecto.

No entanto, Freud faz também uma distinção (ainda que não muito explícita) entre, por um lado, traço mnésico, e por outro lado, a representação como investimento desse traço mnésico, exactamente porque é difícil conceber a existência de um traço mnésico puro, isto é, de uma representação totalmente desinvestida pelo afecto, quer a nível consciente, quer a nível inconsciente.

Segundo Laplanche e Pontalis [37] a representação que um sujeito tem de um objecto é aquilo que dele retira e que se irá inscrever no seu sistema mnésico. E, sendo assim, o afecto está seguramente presente.

Neste contexto, aquilo que neste estudo se entende por representações parentais e filiais (variável dependente) é o conjunto de atributos, imagens e funções associadas, a nível mais ou menos consciente, a cada uma das figuras em jogo (mãe, pai e filhos).

A avaliação / caracterização desta variável foi feita através de dois instrumentos:

- o teste do desenho da família.
- um questionário aberto.

1.4. DELINEAMENTO DO ESTUDO

Adoptámos um delineamento pré-experimental do tipo comparação com um grupo estático (designação de Campbell e Stanley, [12]), na medida em que não manipulámos a variável independente, apenas a seleccionámos.

Constituímos então dois grupos, um de crianças deprimidas (grupo experimental) e outro de crianças normais (grupo de controle) e fomos comparar as suas representações.

Para além disto, avaliámos também as representações dos progenitores de cada criança, através das suas respostas ao mesmo questionário.

De modo a que os dois grupos fossem o mais característicos possível da variável em jogo, considerámos como crianças normais todas aquelas que não apresentavam qualquer motivo de queixa ou preocupação, quer para os pais, quer para os professores. Tivemos presentes os seguintes aspectos:

- Ausência de motivo para queixa psicológica, psiquiátrica ou neurológica.
- Ausência de queixas somáticas de possível origem psicológica (alergias, asma, etc.).
- Ausência de quaisquer queixas escolares, quer a nível de aprendizagem, quer de comportamento.
- Por último, crianças bem integradas na escola, que não manifestem excessivo bom comportamento, nem excessivo isolamento.

Estes pontos foram explicitados às professoras que colaboraram connosco, tentando-se assim eliminar ao máximo a inclusão de sujeitos com situações problemáticas no grupo das crianças normais.

1.5. SUJEITOS

a) Critérios de selecção da amostra

Os critérios de selecção dos sujeitos para a amostra foram apenas dois: crianças com idade entre oito e onze anos, que coabitem com o pai e a mãe em domicílio.

Nesta idade, as crianças são já capazes, em nosso entender, não só de analisar as situações pedidas, como também de as verbalizar. Este aspecto da verbalização era importante, na medida em que teriam que responder a um questionário de perguntas abertas. Estivemos, contudo, conscientes do risco de obtermos

respostas muito estereotipadas, convencionais, próprias de um funcionamento mais convencional característico deste período da latência.

Por outro lado, definimos como critério a coabitação em domicílio com os pais, pois só nos fazia sentido falar com crianças sobre os pais e as mães, tendo em vista a caracterização das suas representações, se esta fosse a sua situação concreta de vida. De outra maneira tornava-se difícil para elas comparar pai e mãe. Excluímos, portanto, todos os casos de famílias monoparentais, crianças que vivem com os avós, etc.

A escolha destes dois critérios introduziu outras diferenças entre os dois grupos, nomeadamente, a própria dimensão do grupo experimental e o nível de escolaridade dos sujeitos.

b) Dimensão dos grupos

À partida apontámos para dois grupos de dimensões diferentes: 20 crianças deprimidas (CD, grupo experimental) e 40 crianças normais (CN, grupo de controle). No final obtivemos 16 crianças deprimidas e 41 normais, respeitando os dois critérios acima descritos. Até completar a observação das primeiras demorámos seis meses, tendo sido impraticável prolongar por mais tempo a recolha de dados. Os sujeitos que constituem o grupo de controle provêm de duas escolas e de um atelier de tempos livres (ATL), que aceitaram colaborar connosco: Escola Avé-Maria, em Lisboa (19 sujeitos); Escola Primária do Penedo, S. Pedro do Estoril (15 sujeitos) e ATL da Paróquia de S. João do Estoril (7 sujeitos).

O estudo incidiu também sobre os progenitores de cada criança, os quais responderam a um questionário idêntico ao dos filhos. A colaboração dos pais nem sempre foi fácil, implicou bastante esforço e persistência da nossa parte, e o resultado foi o seguinte:

- Do grupo experimental entrevistámos as dezasseis mães (grupo que designámos por MD, isto é, mães de crianças deprimidas) e apenas doze pais (PD). Em termos de tríades completas (pai, mãe, filho) temos então doze, duas de raparigas e dez de rapazes.

- Do grupo de controle entrevistámos trinta e três mães (MN, mães de crianças normais) e trinta pais (PN). No entanto, tríades completas temos apenas vinte e nove (quinze de rapazes e catorze de raparigas).

Resta referir neste ponto que as crianças dos dois grupos aparecem identificadas por números, do 1 ao 57. O grupo de controle é constituído pelos sujeitos número 1 ao 41, inclusivé, e o grupo experimental abrange os sujeitos números 42 a 57, inclusivé. Para facilitar a identificação dos progenitores de cada criança, foi-lhes atribuído o número do respectivo filho. Assim, a título de exemplo, ao sujeito 1 corresponde a mãe 1 e o pai 1, que designámos, respectivamente, por M1 e P1.

c) Sexo

Foi nosso objectivo controlar esta variável, e constituir os dois grupos com igual número de rapazes e raparigas. Se no grupo de controle isto foi possível, (das 41 crianças, 21 são raparigas e 20 são rapazes), no grupo experimental não o foi: das 16 crianças, temos 12 rapazes e 4 raparigas.

No entanto, após a estupefacção inicial face a esta disparidade, verificámos ser este o panorama habitual, a realidade clínica, quer dos serviços de saúde mental infantil, quer concretamente de outros estudos sobre a depressão na criança: a percentagem de rapazes nas consultas é bastante superior à das raparigas. Num estudo sobre a depressão, feito no mesmo serviço onde recolhemos a amostra, entre 1979 e 1981, o número de rapazes era o dobro do das raparigas.

Provavelmente a ideia de Nissen de que o quadro clínico da depressão varia com o sexo (ver ponto 1.3., Parte Teórica) terá aqui algum fundamento. Para além disso, parece-nos que as manifestações da depressão são diferentemente interpretadas em rapazes e raparigas, ou seja, a tristeza e inibição são mais toleráveis numa rapariga e, portanto, quando aparecem nesta, passam mais despercebidas do que num rapaz, de quem se espera acção e movimento. Sendo assim, é provável que esta dimensão social seja também responsável pela disparidade já referida.

Em síntese, no grupo experimental temos 4 raparigas e 12 rapazes e no grupo de controle temos 21 e 20, respectivamente.

d) Nível de escolaridade

Sendo as dificuldades escolares um dos sintomas mais associado à depressão infantil, é de esperar que, como já referimos, ao seleccionar-mos os grupos por idades, estejamos a introduzir diferenças ao nível do grau de escolaridade.

Na verdade, foi isto que se verificou. Os quadros seguintes caracterizam os dois grupos quanto à idade e quanto ao nível de escolaridade.

Quadro 1: Distribuição dos sujeitos dos dois grupos por idades

IDADE → (em anos)	8	9	10	11	IDADE MÉDIA
GRUPO ↓					
CD	5	6	3	2	9,7
CN	7	28	6	0	8,9

Quadro 2: Distribuição dos sujeitos dos dois grupos por níveis de escolaridade

NÍVEL DE ESCOLARIDADE →	2ª	3ª	4ª	1º ano ciclo preparatório
GRUPO ↓	classe	classe	classe	
CD	4	2	9	1
CN	0	16	25	0

Como podemos ver, a idade média das crianças do grupo experimental é maior do que a das do grupo de controle. No entanto se olharmos ao nível de escolaridade, vemos que no primeiro grupo há quatro crianças que frequentam a 2ª classe, o que não acontece com nenhuma das crianças normais, o que mostra, de facto, a presença do insucesso escolar no grupo das crianças deprimidas.

e) Nível sócio-económico (N.S.E)

Fizemos uma caracterização dos grupos segundo esta variável, para a qual utilizámos a classificação social internacional estabelecida pelo professor Graffard (Bruxelas). Esta classificação estabelece cinco classes, tendo em conta a profissão dos pais, o nível de instrução, as fontes de rendimento familiar, o conforto do alojamento e ainda o aspecto do bairro onde habitam. A classe I é a mais elevada e a V a mais baixa. A fim de anular, tanto quanto possível, o efeito desta variável nos resultados, propositadamente incluímos sujeitos de diferentes N.S.E. Assim, no grupo de controle, a escolha de um colégio particular (Escola Avé-Maria) teve por base a procura de crianças de N.S.E mais elevado. Paralelamente, a recorrência a uma escola primária oficial e a um ATL visou encontrar crianças de níveis mais baixos.

Quanto ao grupo experimental, as crianças vêm todas das consultas da Clínica da Encarnação, onde predominam níveis mais baixos, embora hajam excepções.

O quadro seguinte resume a caracterização dos dois grupos de acordo com o N.S.E.

	I	II	III	IV	V
CD	0	1	6	7	2
CN	12	11	11	7	0

Quadro 3: Distribuição dos sujeitos dos dois grupos de acordo com o nível sócio-económico (Graffard).

Note-se que, o facto de, no grupo das crianças deprimidas predominarem N.S.E. mais baixos, não permite correlacionar estas variáveis. Tem a ver sobretudo com a fonte onde foram observadas estas crianças: a Clínica da Encarnação é um serviço público, com todas as características que isso implica em termos dos utentes que a eles recorrem. Provavelmente, se tivéssemos recorrido a consultórios privados, teríamos obtido outra caracterização deste grupo.

f) Outros dados importantes

Queremos ainda referir, ainda que muito resumidamente e em termos meramente descritivos, alguns dados referentes aos sujeitos do grupo experimental, que se prendem directamente com o quadro clínico que apresentam.

No âmbito do diagnóstico de depressão elaborado pelos técnicos do serviço, encontramos um conjunto de sintomas e comportamento que descrevemos em seguida. Note-se, no entanto, que estas informações foram obtidas pela consulta dos processos e pela troca de informação com os técnicos responsáveis, uma vez que o nosso contacto directo com as crianças se limitou à aplicação dos instrumentos.

Assim, em termos de sintomatologia, registámos:

- Dificuldades escolares - 11 sujeitos
- Tristeza manifesta (óbvia) - 7 sujeitos
- Isolamento dos pares - 6 sujeitos
- Tentativas de suicídio - 1 sujeito
- Instabilidade e agitação - 6 sujeitos
- Comportamentos hetero
e / ou auto-agressivos - 5 sujeitos
- Enurese nocturna primária - 2 sujeitos
- Dificuldades de linguagem - 1 sujeito
- Furtos - 1 sujeito

Entenda-se que cada criança apresentava mais do que um destes sintomas.

Paralelamente, tentámos fazer um levantamento do contexto familiar a fim de detectar a existência ou não de patologia no agregado familiar. Os resultados desta pesquisa foram os seguintes:

- Depressão materna - 8 casos
- Acentuada ambivalência materna - 2 casos
- Acentuada ansiedade da mãe - 2 casos
- Alcoolismo paterno - 3 casos
- Depressão paterna - 1 caso
- Conflitos manifestos no casal - 3 casos

Em certas famílias constatámos a acumulação de algumas destas situações.

Por último, queremos acrescentar que em relação a ambos os grupos, fizemos um registo de alguns dados que considerámos importantes, embora não tenham sido trabalhados. São eles a composição da fratria (idade e sexo), a idade dos progenitores e a referência de se a mãe trabalha ou não fora de casa. Este registo encontra-se em anexo 1.

1.6. INSTRUMENTOS

a) O teste do desenho da família

O Teste do Desenho da Família foi por nós utilizado com o objectivo de apreciar como é que as crianças diferenciam e representam os vários elementos da (sua) família e, conseqüentemente, abordar alguns aspectos da dinâmica afectiva relacional no seio do seu próprio agregado familiar.

Para contrapor à objectividade do outro instrumento utilizado (questionário), optámos aqui pela versão imaginativa de L. Corman [21] em que se propõe às crianças: "Desenha uma família que tu imagines, que tu podes inventar com quiseses", procurando assim obter conteúdos mais projectivos.

Segundo o autor, esta instrução mais alargada, (ao contrário da versão clássica em que se pede unicamente à criança que desenhe a sua família) "permite ao sujeito

construir um mundo social que lhe convenha, podendo afastar-se tanto quanto quizer da realidade objectiva, para dar primazia às suas próprias tendências e à sua concepção pessoal da vida familiar" (p. 41).

Embora um número considerável de crianças, apesar das instruções, desenhe a sua própria família, a maioria em geral, cria mesmo uma família desejada. Esta consigne permite assim uma maior projecção em que se assiste normalmente a uma diminuição das defesas, pois não se tratando da sua própria família, "quase tudo pode acontecer".

A aplicação do teste seguiu as indicações do próprio autor: os desenhos foram feitos a lápis de carvão, numa folha branca A4. (Ver anexo 2).

No fim do desenho, e seguindo novamente a metodologia de L. Corman, fizemos um pequeno questionário, que torna mais fácil a compreensão das vivências e fantasias da criança, assim como das suas identificações, quer conscientes, quer inconscientes. Substituímos assim a nossa interpretação pela interpretação da própria criança.

Questionário sobre o desenho:

- 1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?
- 2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática) ? Porquê?
- 3) Qual delas é a pior (a mais antipática) ? Porquê?
- 4) Qual é a mais feliz (a mais contente) ? Porquê?
- 5) Qual é a mais infeliz (a mais triste) ? Porquê?
- 6) E tu, nesta família, quem preferes?
- 7) Quem gostarias de ser ? Porquê ?

Nota: Embora esta prova permita uma expressão de uma variedade grande de situações e vivências, sobretudo em conjunto com outros instrumentos de avaliação, não foi nosso objectivo fazer uma análise profunda caso a caso, mas antes obter uma panorâmica de conjunto e uma comparação entre os grupos em estudo. Mais à frente descrevemos o processo adoptado para análise dos desenhos.

b) Questionário

Para além da prova projectiva do desenho da família, elaborámos um questionário, que visou obter opiniões mais directas sobre o assunto em estudo.

Não foi fácil a sua elaboração. Por um lado, queríamos avaliar as representações (conscientes) materna, paterna, de filho e de filha. Por outro, achámos importante tentar destrinçar estes papéis dos papéis sexuais, feminino e masculino.

Elaborámos assim um primeiro questionário, que aplicámos a algumas crianças e adultos. A análise das respostas permitiu-nos corrigir algumas falhas, eliminar perguntas, alterar outras, tornar a linguagem mais adequada, chegando a um produto final (que apresentamos em seguida) com dez perguntas, em que cinco se referem ao pai e à mãe (e a homens e mulheres) e as outras cinco ao filho e à filha, a rapazes e raparigas.

QUESTIONÁRIO

Vou fazer-te perguntas sobre pais e mães e sobre homens e mulheres.

- 1) Achas que os pais e as mães são diferentes na maneira de se darem com os filhos ou achas que são iguais? (os pais dão-se duma maneira com os filhos e as mães de outra?). Explica lá como é que é.
- 2) Que coisas é que o pai costuma fazer? E que coisas é que a mãe costuma fazer? Começa pelo pai.
- 3) Que coisas é que achas que os homens é que costumam fazer? E que coisas é que achas que as mulheres é que costumam fazer? Começa pelos homens.
- 4) Achas que a mãe é diferente para uma filha e para um filho...é duma maneira para uma filha e de outra para um filho? Como é que é?
- 5) Achas que o pai é diferente para uma filha e para um filho...é duma maneira para uma filha e de outra para um filho? Como é que é?

Agora vou fazer-te perguntas sobre filhos e filhas e sobre rapazes e raparigas.

- 6) Achas que os filhos e as filhas são diferentes na maneira de se darem com os pais ou achas que são iguais? (os filhos dão-se duma maneira com os pais e as filhas de outra?). Explica lá como é que é.
- 7) Que coisas é que o filho costuma fazer? E que coisas é que a filha costuma fazer? Começa pelo filho.
- 8) Que coisas é que achas que rapazes é que costumam fazer? E que coisas é que achas que as raparigas é que costumam fazer? Começa pelos rapazes.
- 9) Achas que o filho é diferente para o pai e para a mãe...é duma maneira para o pai e de outra para a mãe? Como é que é?
- 10) Achas que a filha é diferente para o pai e para a mãe...é duma maneira para o pai e de outra para a mãe? Como é que é?

Como se pode ver, cada pergunta do questionário pede sempre a comparação entre duas figuras: pai / mãe, homem / mulher, a mãe para o filho / filha, o pai para o filho / filha, etc.. Esta formulação foi propositada, no sentido de "forçar" os sujeitos a fazer, de facto, uma comparação e procurar as diferenças.

As respostas dos questionários, gravadas e depois transcritas, foram alvo de uma análise de conteúdo.

1.7. PROCEDIMENTO

a) Local

As entrevistas decorreram em diferentes locais. As crianças foram entrevistadas no local donde provinham, isto é, na escola Avé Maria, na escola primária do Penedo, nas instalações do ATL da paróquia de S. João do Estoril e num gabinete da Clínica da Encarnação.

Quanto aos pais, os que acederam deslocar-se a estes mesmos locais, foram aí entrevistados. Nos outros casos deslocámo-nos nós ao seu local de trabalho ou a casa.

b) Procedimento / recolha de dados

No grupo das CN começámos por enviar uma carta aos pais (via escola / ATL) a explicar os objectivos do trabalho e solicitar a sua colaboração, não só permitindo que o seu filho(a) participasse no estudo, como responderem eles próprios ao questionário.

No grupo das CD, este pedido foi feito na Clínica da Encarnação, no próprio dia da consulta da criança, com a colaboração do técnico responsável.

Nas crianças a ordem de aplicação dos instrumentos foi primeiro o desenho da família e depois o questionário.

Surgiram, como era de esperar, algumas dificuldades neste processo da recolha de dados: sujeitos menos à-vontade, quiçá algo contrariados, crianças com muita vontade de "fazer bem" o que lhes era pedido, alguma incompreensão do objectivo das perguntas, entre outras, que tentámos superar da melhor maneira que nos foi possível.

As entrevistas foram todas feitas pela mesma pessoa, e sempre que possível, gravadas. Exceptuaram-se alguns casos em que os sujeitos preferiram que não se gravasse.

No total, esta recolha de dados durou cerca de seis meses. Teve início em Junho de 1993 e terminou em Dezembro do mesmo ano. A recolha do grupo das CN demorou cerca de dois meses, entre crianças e pais, e a das CD prolongou-se por seis meses.

1.8. ORGANIZAÇÃO DOS DADOS RECOLHIDOS

a) Organização dos elementos recolhidos pelo teste do desenho da família

Tendo como objectivo procurar diferenças ao nível das representações paterna, materna e dos próprios filhos entre os dois grupos de crianças, quisemos tornar a análise dos desenhos o mais objectiva possível. Para este efeito, construímos uma grelha de análise, para a qual nos baseámos em primeiro lugar, nalguns critérios propostos pelo próprio autor do teste, e também numa grelha utilizada por Celeste Malpique no seu trabalho "A ausência do pai" [39]. A partir destas duas fontes e tendo em vista os objectivos do trabalho, construímos a nossa própria grelha de análise, que apresentamos em seguida. Engloba, por um lado, o registo de elementos mais formais como o tamanho das figuras, a diferenciação de sexos e gerações, o grau de ocupação da folha, a presença ou não de ambiente, o tipo de ambiente e os elementos que o compõem; por outro lado, inclui também itens que nos permitem fazer uma análise de conteúdo centrada no tipo de família desenhada, nas características das personagens (o próprio, o pai, a mãe e os irmãos) e ainda o registo de algumas particularidades encontradas nalguns desenhos.

A fim de aumentar a objectividade da cotação com base nesta grelha, cada desenho foi analisado e cotado por dois observadores. (Ver quadros anexo 3)

GRELHA DE ANÁLISE DO DESENHO

A) Família representada

1. Família real (nuclear / com quem cohabita)
2. Família alargada (parentes incluídos)
3. Família real não nuclear
4. Família imaginada

B) Diferenciação de gerações

1. Clara diferenciação de gerações
2. Diferenciação mínima
3. Diferenciação inexistente

C) Diferenciação sexual

1. Clara diferenciação sexual (vestuário, caract. sex. secundárias)
2. Diferenciação mínima (saia, cabelos)
3. Diferenciação inexistente

D) O próprio (EU) / Figura dominante da fratria

1. Ausente (excluído)
2. Desenhado em primeiro / segundo / terceiro lugar
3. Mais perto do pai / unido ao pai
4. Mais perto da mãe / unido à mãe
5. Equidistante / entre o pai e a mãe
6. Excluído do casal
7. Valorizado (grande, desenho cuidado)
8. Desvalorizado (pequeno, descuidado, últimos lugares)
9. Elementos afectuosos

E) Pai / Figura paternal

1. Ausente (excluído)
2. Valorizado (grande, primeiros lugares, desenho cuidado)
3. Desvalorizado (pequeno, últimos lugares, descuidado)
4. Elementos afectuosos para o próprio / figura dominante da fratria
5. Elementos afectuosos para outros
6. Abandónico
7. Sem particularidades

F) Mãe / Figura maternal

1. Ausente (excluída)
2. Valorizada (grande, primeiros lugares, desenho cuidado)
3. Desvalorizada (pequena, últimos lugares, descuidada)
4. Elementos afectuosos para o próprio / figura dominante da fratria
5. Elementos afectuosos para outros
6. Abandonica
7. Sem particularidades

G) Irmãos (primos)

1. Ausentes (excluídos)
2. Eliminados
3. Valorizados (grandes, primeiros lugares, cuidados)
4. Desvalorizados (pequenos, últimos lugares, descuidados)
5. Elementos afectuosos para o próprio / figura dominante da fratria
6. Sem particularidades

H) Ambiente

1. Desenho sem ambiente
2. Desenho com ambiente:
 - a) casa
 - b) TV / vídeo / computador
 - c) mesa
 - d) cozinha, fogão
 - e) carro, comboio
 - f) árvores, flores, jardins, montanhas
 - g) nuvens, céu, sol, estrelas, lua
 - h) animais
3. Ambiente completo:
 - a) Interior de uma casa
 - b) Exterior de uma casa

I) Tamanho médio da figura maior (em cm)

J) Grau de ocupação da folha

1. Ocupa grande parte da folha
2. Ocupa uma parte média da folha
3. Ocupa uma parte mínima da folha

L) Particularidades

1. Figuras / pormenores bizarros
2. Desolação / pobreza fantasmática
3. Figuras indiferenciadas
4. Rigidez
5. Suspeita de dificuldades ao nível da imagem corporal
6. Família desenhada da direita para a esquerda (suspeita de regressão)
7. Figuras perdidas / sem apoio / suspensas

Segue-se uma definição operacional destas categorias.

A) Família representada

1. Família real (nuclear / com quem cohabita)

Sempre que o sujeito desenha a família com quem vive. Mesmo que cohabite com tios ou outros elementos da família não nuclear, cota-se nesta categoria.

No caso do desenho do sujeito 33, embora a criança não tenha identificado a sua família, a semelhança era tão óbvia que cotámos como família real.

2. Família alargada

Quando o sujeito desenha a família nuclear e acrescenta alguns parentes (tios, primos, etc.), com quem não cohabita.

3. Família real não nuclear

Quando o sujeito desenha uma família que existe, mas não é a sua (família dos tios e seus filhos, por exemplo).

4. Família imaginada

B) Diferenciação de gerações

1. Clara

Sempre que seja evidente a diferença de gerações, quer por tamanho, vestuário, adereços, actividades, etc.

2. Diferenciação mínima

Quando os personagens são praticamente iguais, apenas havendo uma mínima diferenciação, por exemplo, no tamanho: um ser ligeiramente maior do que o outro.

3. Diferenciação inexistente

Quando nada nos indica que os personagens são de diferentes gerações, a não ser a informação fornecida pela criança.

C) Diferenciação sexual

1. Clara

Quando a diferenciação é óbvia, quer pelo vestuário, cabelos, adereços, actividades, etc.

2. Diferenciação mínima

Sempre que só e apenas um pequeno detalhe nos permita diferenciar o sexo dos personagens, por exemplo, o cabelo mais comprido dum elementos do sexo feminino.

3. Diferenciação inexistente

Quando não há nada que diferencie sexualmente os personagens, para além da informação que o sujeito nos dá.

D) O próprio (EU) / Figura dominante da fratria

Nota: A escolha da figura dominante obedeceu aos seguintes critérios:

- Nos casos em que o sujeito desenha a sua própria família nuclear, a figura dominante é ele próprio. Se nestes casos, o sujeito não se desenha, e desenha outros irmãos, por exemplo, a figura dominante (EU) é considerada ausente.
- Quando é desenhada uma família imaginada ou real mas não nuclear, considerarmos várias situações
 - quando não há crianças, a figura dominante é cotada como ausente
 - quando só há uma criança, ela é considerada como figura dominante, independentemente da sua idade e sexo
 - quando há mais do que uma criança, é escolhida aquela a quem nos parece que o sujeito se identifica, quer pela resposta ao questionário (quem gostarias de ser ou quem é o melhor), ou por estar mais investida, ou ainda por ser o único de idade e sexo aproximado do sujeito.

Nem sempre foi óbvio concluir qual dos personagens infantis seria a figura dominante da fratria, mas foram sempre utilizadas e conjugadas todas as indicações possíveis para perceber em quem é que o sujeito se revia, ou quem era para ele o mais importante, o melhor. (Por vezes são elementos mais novos ou mais velhos, depende do investimento que o sujeito faz e do que ele diz acerca dos personagens).

Salientamos, mais uma vez, que também esta definição da figura dominante foi feita em conjunto por dois observadores a fim de aumentar a objectividade dos critérios.

1. Ausente (excluído)

Desenhos da família nuclear em que o próprio está ausente, ou de outro tipo de família mas, em que só aparecem adultos.

É a desvalorização máxima do personagem.

2. Desenhado em primeiro / segundo / terceiro lugar

Cota-se sempre que o próprio está desenhado em primeiro e segundo lugar. Só se cota o desenhado em terceiro lugar, quando a família tem mais de 5 elementos, isto, porque considerámos que nestas famílias grandes, ser desenhado em terceiro lugar ainda "se" é dos primeiros.

3. Mais perto do pai / unido ao pai

Desenhado objectivamente mais perto do pai (em último caso, medir)

4. Mais perto da mãe / unido à mãe

Desenhado objectivamente mais perto da mãe (em último caso, medir)

5. Equidistante / entre o pai e a mãe

Consideram-se neste categoria tanto os casos em que a figura dominante está equidistante dos pais (embora não esteja entre eles), como os casos em que está entre o pai e a mãe.

No caso do desenho do sujeito 17, cotámos aqui porque está tão afastado dos pais e com tão pouca ligação com eles, que o facto de estar mais próximo da mãe (objectivamente) não nos pareceu suficiente para o cotar na respectiva categoria.

6. Excluído do casal

Consideramos "excluído do casal" os casos em que este aparece com outra criança, que não a figura dominante, e esta está afastada do casal (exemplo, desenho do sujeito 52). Exceptua-se o desenho do sujeito 38, por não nos parecer, claramente, uma exclusão.

7. Valorizado (grande, desenho cuidado)

Nota: Os critérios para se cotar valorizado ou desvalorizado aplicam-se, do mesmo modo, para o próprio, o pai, a mãe e os irmãos.

Seguimos, tanto quanto possível, os índices de valorização de L. Corman, propostos no manual de teste. São eles: desenhado em primeiro lugar, tamanho grande (mesmo que não tenha sido desenhado em primeiro lugar), desenho cuidado, riqueza de extras (adereços, objectos, etc.), posição central ou privilegiada no desenho (por exemplo, todos os olhares se dirigem a ele), ou ainda aquele que no inquérito se revela privilegiado. Note-se que não é necessário, obviamente, que todos estes índices estejam presentes simultaneamente. Para o autor, o personagem valorizado é frequentemente uma personificação da criança, é com ela que a criança se identifica no seu íntimo.

Acrescentamos que normalmente, há uns personagens valorizados e outros desvalorizados, isto é, para se cotar algum deles como valorizado, é porque, provavelmente, há outro(s) cujo desenho está mais descuidado, ou mais pequeno, etc., isto é, está desvalorizado. Quer isto dizer que a valorização de um personagem implica, em regra geral, a desvalorização de outro.

Excepção a esta regra é o caso do desenho do sujeito 17, em que todos os personagens estão muito valorizados, e cotámos isso mesmo.

No desenho do sujeito 52 cotámos o irmão como valorizado pela posição privilegiada que ocupa (entre os pais).

8. Desvalorizado

Considerámos também aqui os critérios propostos pelo autor do teste como índices de desvalorização: figura pequena, sobretudo tendo em conta a sua idade, a última a ser desenhada, desenho ao canto da folha (como se no início não houvesse intenção de desenhar), afastada ou debaixo de outras; figura pior desenhada que as restantes, sem cuidado, com omissão de detalhes importantes; depreciada por qualquer detalhe pejorativo, não designado pelo nome enquanto os outros o são, a figura riscada. É de notar que também aqui não é suposto estarem presentes, obviamente, todos estes sinais.

A figura desvalorizada, segundo o autor, é raramente uma personificação da criança; em regra a criança não se identifica ao personagem desvalorizado. Acrescentamos ainda que a desvalorização máxima é, para L. Corman, a omissão do personagem. No entanto, optámos por considerar esta omissão como um item independente, embora, nalgumas situações, para facilitar a análise estatística, tenhamos junto as categorias desvalorizado e ausente.

9. Elementos afectuosos

Sempre que o personagem execute movimentos de afecto (abraço, braços esticados para abraçar, palavras afectuosas escritas no desenho, etc.). Não considerámos relevante o destinatário desse afecto.

E) Pai e F) Mãe (as categorias são idênticas)

1. Ausente (excluído(a))

Quando o sujeito desenha uma família sem a figura paterna / materna, qualquer que seja o tipo de família representada.

2. Valorizado (a)

(Ver D 7)

3. Desvalorizado(a)

(Ver D 8)

4. Elementos afectuosos para o próprio

Quando os movimentos / detalhes de afecto são dirigidos para a figura dominante da fratria (por exemplo, pai / mãe dá a mão a este filho). A cotação nesta categoria não exclui a cotação na seguinte e vice-versa.

5. Elementos afectuosos para outros

Idêntico à anterior, mas sendo o afecto dirigido para outros personagens do desenho que não o próprio (exemplo, pai / mãe dá a mão a outro filho).

6. Abandónico (a)

É um critério algo subjectivo, afectivo até. Cotámos como abandonónico sempre que uma das figuras parentais nos parece "abandonar" ou "ignorar" a figura dominante, seja porque, por exemplo, está de costas para ela a ver TV, ou porque ambos os pais agarram pela mão de outro filho, deixando o próprio para trás, etc.. Apesar de subjectivo, achámos importante anotar estas situações.

7. Sem particularidades

Nota: Este critério aplica-se para o pai, a mãe e para os irmãos.

Sempre que a figura não apresenta nada de muito característico, nem está valorizada nem desvalorizada, nada ocorre dizer sobre ela face às categorias de análise propostas.

G) Irmãos (primos)

1. Ausentes (excluídos)

Só é cotado este item quando o sujeito desenha a sua família nuclear, mas omite todos os seu irmãos.

2. Eliminados

Quando o sujeito desenha a sua família nuclear e omite alguns irmãos, mas não todos.

3. Valorizados

(Ver D 7)

4. Desvalorizados

(Ver D 8)

5. Elementos afectuosos para o próprio

(Ver E / F 4)

6. Sem particularidades

(Ver E / F 7)

H) Ambiente

1. Desenho sem ambiente

Desenho que inclui apenas os personagens da família, sem quaisquer outros elementos.

2. Desenho com ambiente:

Sempre que o sujeito, para além dos personagens, acrescenta outros elementos referenciados na grelha.

3. Ambiente:

a) **Interior de uma casa:** Sempre que a "cena familiar" se desenrola dentro de casa.

b) **Exterior de uma casa:** Sempre que a "cena familiar" tem lugar fora de casa.

I) Tamanho médio da figura

Foi feita uma medição, em centímetros, da figura maior de cada desenho. Depois fez-se um cálculo para o tamanho médio desta figura, em cada um dos grupos.

J) Grau de Ocupação da folha

1. Ocupa grande parte da folha

Quando o desenho ocupa a maior parte da folha, deixando pouco espaço livre.

(Mas não é uma ocupação excessiva, que chama a atenção pelo seu aspecto quase invasor; estes casos são cotados na categoria particularidades, em "enchimento excessivo da folha").

2. Ocupa uma parte média da folha

Quando a proporção da folha parte desenhada / parte em branco é, sensivelmente, a olho nu, a mesma.

3. Ocupa uma parte mínima da folha

Quando o desenho ocupa uma parte ínfima da folha, sendo bastante maior a parte que deixa em branco.

L) Particularidades

Esta é a categoria mais subjectiva de todas, que pretende revelar o afecto, a sensação que nos passaram alguns desenhos. Foi difícil escolher os itens, foi também difícil cotar de modo objectivo. No entanto, mesmo com este risco, pareceu-nos que era importante fazer a tentativa de dar nome e uniformizar emoções que alguns desenhos despertaram.

1. Figuras ou pormenores bizarros

Como o nome indica, são desenhos cujas figuras são bizarras, estranhas (exemplo, desenho do sujeito 42) ou têm algum pormenor bizarro (por exemplo, as mãos das figuras do desenho do sujeito 13).

2. Desolação / pobreza fantasmática

O sentimento que passa é de tristeza, de desolação mesmo. O desenho pela sua pobreza, revela uma quase incapacidade em fantasiar (exemplo desenho do sujeito 14).

Nota: Hesitámos em agrupar este item com o 8 (figuras perdidas), mas não o fizemos porque, apesar de relacionados, pareceram-nos aspectos diferentes. No entanto, por vezes a distinção é ténue.

3. Figuras indiferenciadas

Desenhos em que não há diferenciação entre as figuras, nada as distingue (nem sexo, nem gerações, nada). Sente-se que não há investimento particular em nenhum personagem. (Exemplo, desenho do sujeito 42).

4. Rigidez

Desenho em que as figuras são desenhadas de forma rígida, com linhas e ângulos rectos. (Exemplo, desenho do sujeito 54).

5. Suspeita de dificuldades de imagem corporal

Desenho em que o corpo das figuras é estranho, não consonante com uma boa imagem corporal. Transparências, formas estranhas, etc. (exemplo, desenho do sujeito 45).

6. Família desenhada da direita para a esquerda

Ao contrario do habitual, as figuras são desenhadas da direita para a esquerda, como se fosse de frente para trás. Segundo o autor do teste [21], este é um indício forte "de uma tendência regressiva da personalidade que pode ter consequência patológicas" (p. 29).

7. Figuras perdidas / sem apoio / suspensas

Desenhos em que a principal sensação é a de que os personagens estão perdidos numa imensidão (exemplo, desenho do sujeito 52) ou estão sem apoio, sem suporte, suspensos, a pairar, ou ainda muito desequilibrados (exemplo, desenho do sujeito 45).

b) Organização dos dados recolhidos pelo questionário

As respostas foram transcritas na íntegra, (ver anexo 5) e sujeitas a uma análise de conteúdo, como já referimos. Esta análise tornou-se bastante difícil dado o grande

número de sujeitos inquiridos, a extensão do questionário e, nalguns casos a existência de respostas longas, confusas ou pouco claras.

Foi talvez a parte mais morosa e penosa de todo este estudo, dada a quantidade e diversidade de informação obtida. A análise de conteúdo rigorosa, isto é, abrangendo a totalidade das respostas, tornou-se impossível de pôr em prática, pelo que optámos, ao fim de várias tentativas, pelo seguinte critério: em cada pergunta, uma vez que o objectivo era sempre a comparação entre duas figuras (pai / mãe, filho / filha, etc.), considerámos só um aspecto (categoria) para cada uma das figuras. Ou seja, por exemplo, de uma resposta em que se comparava pai e mãe, tirámos sempre uma só ideia (categoria) acerca do pai e outra acerca da mãe. A categoria escolhida foi a que nos pareceu ser a dominante na resposta, a mais importante, aquela a que o sujeito dá mais ênfase.

Quando aparecem vários conteúdos e não é obvio qual o dominante, considerámos como tal aquele que o sujeito referiu em primeiro lugar.

Dois observadores independentes fizeram esta análise, a fim de diminuir a subjectividade da mesma. Mesmo assim, houve algumas situações duvidosas, passíveis de várias interpretações, e nessas pesou a nossa própria intuição.

Ficámos desde cedo com a ideia de que era impossível cotar as respostas em termos de "tudo ou nada". Utilizámos um exemplo para explicar esta ideia: na pergunta 1, duas categorias muito referidas são a "afectividade" e a "autoridade". Concretamente, a "afectividade" é mais referida como característica da mãe e "autoridade" como característica do pai. No entanto, quando por exemplo, alguém diz "a mãe é mais afectiva, mais carinhosa" está sempre subjacente que, é em comparação com o pai. Não quer dizer, por isso, que o pai não seja também carinhoso, só que a mãe é mais. O mesmo se passa em relação à autoridade: não quer dizer que a mãe não o seja, mas o pai é mais autoritário na sua relação com os filhos, do que a mãe.

Perante isto, ao classificarmos as respostas em determinada categoria, optámos não por um critério de presença / ausência (em que, por exemplo, 1 significaria presente e o 0 ausente) mas antes por um sistema de sinais. Ou seja: utilizámos o número 2 e 1 não como algarismos numa escala ordinal, (em que 2 é maior que 1) mas como sinais (podiam até ser letras), em que 2 tem o significado de **"a mãe é mais, (ou faz mais) de determinada maneira do que o pai"** e em que 1 quer dizer que **"o pai é mais (ou faz mais) de determinada maneira do que a mãe"**.

O **2** refere-se sempre ao **predomínio do elemento feminino** nessa categoria, e o **1** ao do **elemento masculino**.

Portanto, voltando ao exemplo dado, quando um sujeito refere que a mãe é mais afectiva e o pai é mais autoritário, a cotação é feita do seguinte modo: "Afectividade" **2**, "Autoridade" **1**. Nas restantes categorias, não referidas ou não dominantes, não se assinala nada.

Resumindo, a resposta de cada sujeito a cada pergunta aparece sempre "cotada" apenas com um **2** e um **1**, sendo o **2** colocado na categoria considerada dominante para a figura feminina e **1** naquela que é dominante para o elemento masculino. (Nesta lógica, como é óbvio, não é possível aparecer um **2** e um **1** na mesma categoria).

A contagem de frequências é feita separadamente: contam-se quantos **2** e quantos **1** aparecem em cada categoria. Se há mais **2**, quer dizer que o elemento feminino é referido mais vezes naquela categoria, se há mais **1**, quer dizer que a figura masculina é mais referida do que a feminina naquela categoria.

Nos casos em que os sujeitos não respondem à pergunta e naqueles em que não assinalam diferenças entre as duas figuras em causa, assinala-se, respectivamente, na coluna "não responde / não sei" ou na coluna "são iguais / não há diferenças". Aqui, o valor de **1** é mesmo 1, fazendo-se no fim uma contagem de quantas respostas foram dadas em cada coluna. (Em anexo 6 encontram-se as cotações das respostas de todos os sujeitos).

Passamos agora à descrição das categorias definidas para cada pergunta

PERGUNTA 1

Nesta pergunta, compara-se a relação que a mãe e o pai estabelecem com os filhos.

- 1) Cuidados com os filhos / Trabalho doméstico
- 2) Afectividade / Proximidade
- 3) Autoridade / Exigência
- 4) Distância / Ausência
- 5) Lazer (com os filhos)

- 6) Bricolage
- 7) Trabalho profissional / Sustento
- 8) Não responde / "Não sei"
- 9) Não há diferenças / "São iguais"

PERGUNTA 2

Nesta pergunta, compara-se aquilo que o pai e a mãe fazem.

- 1) Cuidados com os filhos / Trabalho doméstico
- 2) Afectividade / Proximidade
- 3) Educação sexual / Confidências
- 4) Autoridade / Exigência
- 5) Trabalho profissional / Sustento
- 6) Orientação geral
- 7) Lazer (com os filhos)
- 8) Bricolage
- 9) Ver TV / Ler o jornal
- 10) Não responde / "Não sei"
- 11) Não há diferenças / "São iguais"

PERGUNTA 3

Nesta pergunta, compara-se o que fazem o homem e a mulher.

- 1) Cuidados com os filhos / Trabalho doméstico
- 2) Trabalho profissional / Sustento
- 3) Autoridade / Poder
- 4) Afectividade / Proximidade
- 5) Distância / Ausência
- 6) Bricolage / Carros / Trabalhos pesados
- 7) Desporto / Café / TV
- 8) Revistas / Telenovelas / Crochet
- 9) Lazer (com os filhos)
- 10) Não responde / "Não há diferenças"

PERGUNTAS 4 e 5

Na pergunta 4 compara-se a relação do pai para com o filho e a filha.

A pergunta 5 é idêntica, mas sobre a relação mãe / filha e filho.

- 1) Afectividade / Proximidade
- 2) Educação sexual / Confidências
- 3) Autoridade / Exigência
- 4) Distância / Conflito
- 5) Competição / Rivalidade
- 6) Lazer (com os filhos)
- 7) Protecção / Controle
- 8) Dar liberdade
- 9) Não responde / "Não sei"
- 10) Não há diferenças / "É igual para os dois"

PERGUNTA 6

Nesta pergunta compara-se a relação das filhas versus filhos com os progenitores (ambos). No entanto, como se pode ver pelas categorias formadas, houve muitas respostas que descriminaram a relação com o pai versus com a mãe, que era pedida, concretamente, nas perguntas 9 e 10.

- 1) Afectividade / Dependência
- 2) Maior ligação à mãe
- 3) Maior ligação ao pai
- 4) Ajuda
- 5) Vivacidade / Movimento
- 6) Independente / Rebelde
- 7) Conflito com o pai
- 8) Conflito com a mãe
- 9) Não responde / "Não sei"
- 10) Não há diferenças / "São iguais"

PERGUNTA 7

Nesta pergunta, pede-se a comparação entre as tarefas que a filha e o filho fazem, no seu papel de filhos.

- 1) Afectividade / Dependência
- 2) Ajuda o pai
- 3) Ajuda a mãe
- 4) Brincadeiras tradicionais / consideradas próprias de rapazes
- 5) Brincadeiras tradicionais de raparigas
- 6) Novas tecnologias (vídeos, etc.)
- 7) Independente / Rebelde
- 8) Oposição / Persistência
- 9) Obediência
- 10) Estudar
- 11) Não responde / "Não sei"
- 12) Não há diferenças / "São iguais"

PERGUNTA 8

A pergunta destina-se à comparação das actividades características das raparigas e dos rapazes.

- 1) Afectividade / Proximidade
- 2) Ajuda o pai
- 3) Ajuda a mãe
- 4) Brincadeiras tradicionais de rapaz
- 5) Brincadeiras tradicionais de rapariga
- 6) Novas tecnologias
- 7) Independente / Rebelde
- 8) Estudar
- 9) Não responde / "Não sei"
- 10) Não há diferenças / "São iguais"

PERGUNTAS 9 e 10

Na pergunta 9 pretende-se comparar a relação dos filhos com o pai e a mãe e na 10 o mesmo, mas em relação às filhas.

- 1) Afectividade / Proximidade
- 2) "Abertura" / Confidências
- 3) Pedir auxílio prático
- 4) Lazer / Aventura
- 5) Admiração / Modelo / Imitação
- 6) Respeito / Medo
- 7) Distância / Conflito
- 8) Rivalidade / Competição
- 9) Não responde / "Não sei"
- 10) Não há diferenças

Passamos agora à definição operacional de cada uma das categorias de cada pergunta.

PERGUNTA 1

1) Cuidados com os filhos / Trabalho doméstico

Incluem-se aqui todas as respostas que referem como dominante a ideia do cuidar dos filhos e / ou da casa. O motivo porque juntamos estas duas ideias foi a de que muitas vezes as respostas eram do tipo " eu tenho a casa, os filhos ...", tornando-se difícil separar e escolher a dominante.

São respostas que referem qualquer coisa que tenha a ver com o trabalho doméstico (limpar, cozinhar, etc.) e / ou com o tratar do filhos. Inclui-se aqui a actividade de estudar com os filhos. *Exemplos:* "Leva-nos à escola", "dá-nos o jantar", "passa a ferro e limpa a casa", "leva-nos ao médico", "tenho a casa, os filhos".

2) Afectividade / Proximidade

Incluem-se nesta categoria respostas que refiram a ideia de ser afectuoso, meigo, atencioso, de ter maior proximidade com.

Exemplos: "É mais carinhosa", "dá mais atenção", "está mais ao pé dos filhos", "é mais querido", "dá mais miminhos", "é mais meigo", "são simpáticas", "fala mais com o filho".

Inclui também, por vezes, respostas que apelam a maior generosidade ("dá-me mais a mim", etc.)

3) Autoridade / Exigência

Incluem-se aqui as respostas que reportam claramente ao papel autoritário e / ou agressivo e / ou exigente, isto é, ideias como mandar, obrigar, ralhar, bater, exigir, etc. Em suma, exercer a sua autoridade.

Exemplos: "a mãe ralha mais", "o pai impõe mais o respeito", "ele às vezes bate-me muito", "são maus".

Aparecem por vezes respostas que se referem ao poder, à liderança, e que são cotadas como autoridade.

4) Distância / Ausência

Esta categoria opõe-se quase directamente à da afectividade. Apareceram muitas respostas que referem um dos elementos como mais próximo do que o outro, e isso levou-nos a criar esta categoria.

Exemplo (M48): "A mãe fala mais com o filho (...) o pai também havia de falar. A maior parte do tempo é passado com a mãe e não com o pai.". (Afectividade para a mãe e distância para o pai).

5) Lazer (com os filhos)

Incluem-se aqui todas as respostas que apelem a actividades de carácter lúdico, de divertimento, de lazer propriamente dito, mas que sejam realizadas com os filhos.

Exemplos: "Leva-nos a passear", "brinca connosco", "joga à bola connosco", "é só para nos divertirmos", etc.

6) Bricolage

Nesta categoria inclui-se as respostas que referem trabalho de bricolage, de arranjos domésticos.

Exemplo (suj.7): "O pai é melhor para levar as coisas, arranjar o autoclismo, montar as coisas, pregar os pregos".

7) Trabalho profissional / Sustento

Incluem-se nesta categoria as respostas que referem como ideia dominante o exercício da actividade profissional, e / ou a necessidade de sustentar a família.

Exemplo (suj.5): "Os pais têm que ir trabalhar e têm que ir arranjar as coisas para que os filhos sejam felizes".

8) Não responde / "Não sei"

Incluem-se aqui todas as respostas que, de facto, não respondem à pergunta colocada, mesmo depois de tentativa nossa de clarificação, e ainda respostas em que o sujeito afirma claramente não saber responder.

9) Não há diferenças / "São iguais"

Aqui incluem-se todas as respostas em que os sujeitos dizem expressamente que não consideram haver diferenças entre as duas figuras em questão; referem mesmo que "são iguais". Acontecem situações em que os sujeitos dizem: "são iguais", "são simpáticos", "gostam de nós", isto é, caracterizam ambos; aqui, como a ideia base é a de que não são assinaladas diferenças, as respostas cotadas nesta categoria.

Nota: Estas duas últimas categorias são iguais em todas as perguntas. As anteriores, algumas repetem-se outras não. No caso de serem repetidas faremos definições adicionais sempre que considerarmos necessário.

PERGUNTA 2

1) Cuidados com os filhos / Trabalho doméstico

Conforme pergunta 1

2) Afectividade / Proximidade

Conforme pergunta 1

3) Educação sexual / Confidências

Nesta categoria inserem-se as respostas que claramente referem o aspecto da educação sexual ou confidências sobre o mesmo tema, muitas vezes referido com "conversas de mulher para mulher ou homem para homem".

Exemplo (P21): "...Com a mãe, por exemplo, coisas que sejam vá, de mulher com mulher ... há certas coisas que já não vêm ter comigo, não é? Talvez questões de rapazes ou sexualidades, coisas assim ..."

4) Autoridade / Exigência

Conforme pergunta 1

5) Trabalho profissional

Conforme pergunta 1

6) Orientação geral

É uma categoria apenas referida para o pai, e que tem a ver com a ideia de que o pai é responsável pela educação em geral, mas não actua no dia a dia, nas tarefas de rotina.

Exemplo (Mãe4): "(...) A rotina é garantida por mim, embora o pai apoie em termos de educação, de conversas com ele, mas não tem a disponibilidade que eu tenho (...)"

7) Lazer (com os filhos)

Conforme pergunta 1

8) Bricolage

Conforme pergunta 1

9) Ver TV / Ler o jornal

Nesta categoria incluem-se as respostas em que actividade referida como dominante é independente qualquer relação com os restantes elementos da família, como por exemplo, ver TV ou ler o jornal. Não há, ao contrário da categoria "lazer", qualquer relação com os filhos ao estar a ver TV. É referida algumas vezes para o pai a ideia de que "chega a casa e vai ver TV ou ler o jornal".

Exemplo (suj.8): "o meu pai gosta mais de ver TV, não me liga. Liga-me, mas se eu pedir para vir brincar, ele prefere ver TV."

PERGUNTA 3

1) Cuidados com os filhos / Trabalho doméstico

Conforme pergunta 1

2) Trabalho profissional / Sustento

Conforme pergunta 1

3) Autoridade / Poder

Basicamente esta categoria é muito semelhante à referida na pergunta 1. No entanto, como esta pergunta se refere a homens versus mulheres a autoridade aparece aqui muito como supremacia, poder, liderança masculina sobre o feminino. Resposta como "os homens é que assumem ainda os lugares de chefia", por exemplo, ilustram bem esta nuance em relação à autoridade referida na pergunta 1, embora, basicamente, ambas traduzam o mesmo sentido.

4) Afectividade / Proximidade

Conforme pergunta 1

5) Distância / Ausência

Conforme pergunta 1

6) Bricolage / Carros / Trabalhos pesados

Além dos trabalhos ligados à bricolage, incluem-se nesta categoria actividades como lavar, arranjar, tratar do cano, tratar do quintal, e execução daquilo que se considera trabalhos pesados (carregar coisas mais pesadas, tarefas que exigem mais esforço físico) que, normalmente, são executadas pelos homens.

7) Desporto / Café / TV

Esta categoria resume algumas actividades referidas em várias respostas e são, usualmente, mais atribuídas também aos homens. São elas, ver / fazer desporto (desde caça, a pesca, a futebol, etc., etc.) ver televisão e ainda ir ao café, jogar, beber qualquer coisa, etc.

Englobámos todas na mesma porque, no fundo, referem-se todas a modos de ocupação de tempos livres.

8) Revistas / Telenovelas / Crochet

A diferença da categoria anterior, é que esta engloba diferentes actividades de tempos livres, mas neste caso mais comuns entre as mulheres: ler revistas, ver telenovelas, fazer crochet, passear, etc..

9) Lazer (com os filhos)

Conforme pergunta 1

PERGUNTAS 4 e 5

1) Afectividade / Proximidade

Conforme pergunta 1

2) Educação sexual / Confidências

Conforme pergunta 2

3) Autoridade / Exigência

Esta categoria apresenta aqui a nuance da exigência de forma mais marcada do que na pergunta 1. Exigência ganha aqui o sentido de se "pedir" mais de um filho ou de uma filha. Respostas como "em termos absolutos, acho que vou exigir mais do meu filho do que da minha filha" (P26) ilustram esta ideia.

4) Distância / Conflito

Nesta categoria não só englobámos a dimensão distância, no sentido de não estar tão próximo, estar mais ausente, como também a ideia de conflito, isto é, casos em que é expressamente referido que existe conflito do pai ou da mãe para com o filho ou a filha.

Exemplo : ver M31, pergunta 5

5) Competição / Rivalidade

Esta categoria diz respeito a resposta cujo conteúdo é mesmo de rivalidade entre pai ou mãe e filho ou filha, respectivamente. Distingue-se da categoria anterior porque aqui só estão incluídas respostas de rivalidade entre elementos do mesmo sexo.

Exemplo (P29): "...A partir de certa altura começará a haver uma certa competitividade, ou poderá existir, entre uma mãe e uma filha, o que não existe entre uma mãe e um filho ..."

6) Lazer (com os filhos)

Conforme pergunta 1

7) Protecção / Controle

Cabem aqui as respostas que referem a ideia de dar maior protecção (no sentido de menor liberdade) ao filho ou à filha. Prende-se com a ideia de não deixar fazer algo, por medo que aconteça alguma coisa, ou porque não é bem visto ou não é costume socialmente. Está presente a ideia de controle.

Exemplo (M55): "... uma rapariga talvez tenha uns conselhos que tenha de dar ... a rapariga requer mais atenção desde pequenina ... o rapaz não terá propriamente aquela necessidade de ser logo conduzido desde pequeno".

8) Dar liberdade

É o oposto da categoria anterior, no sentido de se permitir ao filho ou à filha maior liberdade de movimentos, de acção. Tem a ver, também, tal como a categoria anterior, com regras sociais; aquilo que os rapazes podem / devem fazer é diferente daquilo que fazem as raparigas. O próprio exemplo da categoria anterior serve para explicar esta. Ainda, dar liberdade pode também vir como oposto da ideia de maior exigência.

PERGUNTA 6

1) Afectividade / Proximidade / Dependência

O conteúdo desta categoria é basicamente idêntico ao da categoria "afectividade" da pergunta 1. No entanto, acrescentamos aqui a dimensão da dependência, uma vez que

foi referida em algumas respostas a ideia de "é mais ligada a nós, é mais dependente. Ele é mais solto". Por esta razão, opõe-se por vezes, à categoria "independente".

Exemplo (suj.2): "As filhas dão mais carinho aos pais e os filhos não. Quando estão doentes ou cansados vamos sempre ter com eles e saber o que foi. Os filhos não ligam tanto."

2) Maior ligação à mãe

Nota: Nesta pergunta não pedíamos que se diferenciasse a relação dos filhos com o pai e mãe, mas sim a relação diferente do filho / filha face a ambos os progenitores. No entanto, houve muitas respostas nesse sentido, o que nos obrigou a criar esta categoria e a seguinte, bem como as categorias de "conflito com o pai" e "conflito com a mãe".

Nesta categoria incluem-se as respostas que referem que os filhos ou as filhas têm uma maior proximidade com a mãe do que com o pai. Enquanto a afectividade dizia respeito ao ser mais afectivo com os progenitores, ambos, sem diferenciar (muitas vezes por oposição à categoria independente), aqui são respostas em que se refere maior proximidade, ou afectividade para com a mãe.

Exemplo (suj.25): "... os filhos gostam mais de brincar com os pais e acham que as mães não têm paciência. As filhas vão para o pé da mãe, brincam às bonequinhas, a mãe ensina a cozer roupa..."

3) Maior ligação ao pai

Categoria idêntica à anterior, mas referente ao pai. O exemplo dado anteriormente elucida também esta categoria.

4) Ajuda

Aqui incluem-se respostas que referem claramente a ideia de ajudar os pais (ambos), nas mais diversas tarefas.

Exemplo (suj.56): "As filhas não ajudam e os filhos ajudam. Ajudam em muita coisa. As filhas não ajudam em nada. Refilam."

5) Vivacidade / Movimento

Esta categoria abrange respostas cuja ideia principal é a de que o filho ou filha têm comportamentos mais mexidos, que envolvem mais a acção, o movimento e até a

agressividade para com os pares. Está, na maioria dos casos, mais associada aos rapazes do que às raparigas.

Exemplo (Suj.47): "... As meninas não gostam de andar de bicicleta nem de skate e os rapazes gostam ..."

6) Independente / Rebelde

Incluimos nesta categoria as respostas que referem uma maior autonomia face aos progenitores, no sentido mesmo de ser mais independente. Como já referimos na categoria afectividade, muitas vezes são cotadas uma e outra por oposição, do tipo: "Ela é mais afectiva, mais agarrada a nós, ele é mais solto, mais independente". Também pode haver situações em que predomina a rebeldia, como refere o exemplo da categoria 4 ("refilam").

7) Conflito com o pai

Incluem-se todas as respostas que refiram claramente a ideia filho ou filha terem um conflito, desentendimentos frequentes, ou maior dificuldade de relação com o pai. Por vezes a cotação surge como oposição à cotação na categoria "maior ligação à mãe" e até "maior ligação ao pai".

Exemplo (P24): "... criar uma certa dureza e uma certa agressividade e uma certa preparação para os rapazes enfrentarem outras coisas na vida ... e como se é mais intransigente com este tipo de educação, cria uma certa distância e até conflitos, e não há uma abertura tão grande entre pai e filho".

8) Conflito com a mãe

Idêntica à anterior, mas referente à mãe. Também por vezes surge como oposição à categoria "maior ligação ao pai" ou também à "maior ligação à mãe".

PERGUNTA 7

1) Afectividade / Dependência

Conforme pergunta 1

2) Ajuda o pai

Nesta categoria incluem-se as respostas que referem expressamente actividades de ajuda ao pai. Criámos esta categoria porque, nalguns casos, a distinção entre as tarefas da filha e do filho baseia-se apenas em quem ajudam.

Exemplo (suj.7): "O filho costuma mais ajudar o pai e a filha ajudar a mãe, porque o meu irmão não tem jeito para pegar no bebé, não tem jeito para pôr a mesa, põe ao contrário. Ajuda mais o meu pai a arranjar as coisas".

3) Ajuda a mãe

Categoria idêntica à anterior, mas referente à mãe. O exemplo serve para ambos.

4) Brincadeiras típicas dos rapazes

Muitos sujeitos centraram as diferenças nas brincadeiras, isto é, os filhos brincam mais a brincadeiras típicas de rapazes e as filhas aquelas que são típicas de raparigas. As de rapaz são actividades como por exemplo jogar à bola, brincar com carros, andar de skate, etc., etc.. São, normalmente, brincadeiras que envolvem mais movimento e acção do que as das raparigas.

Exemplo (suj.9): "A filha brinca com bonecas e o filho vai andar de skate ou brinca com carrinhos".

5) Brincadeiras típicas de raparigas

Nestas brincadeiras incluem-se: saltar à corda, brincar às bonecas, às casinhas, etc.. Em geral são brincadeiras mais calmas e mais caseiras do que as da categoria anterior. É curioso notar que o "estar com as amigas" é muito referido para as raparigas, como característica das suas brincadeiras, enquanto que nos rapazes não aparece tanto. Estes são preferidos, por vezes, como mais solitários nas suas diversões / ocupações.

6) Novas tecnologias

Nesta categoria incluem-se actividades ligadas à informática, aos jogos computadorizados e ainda ao vídeo (isto é, ver vídeos).

Exemplo (suj.16): "O filho é ver TV, jogar computador e coisas assim."

7) Independente / Rebelde

Conforme pergunta 6

8) Oposição / Persistência

Abrange respostas cujo conteúdo está ligado à ideia quase de teimosia, de fazer frente. Oposição e persistência no sentido dos filhos(as) testarem o seu "território", até onde podem ir com os pais.

Exemplo (M13): "As filhas são um bocado mais teimosas, talvez sejam um bocado mais com tendência para a desobediência (...) Sei lá, o esticar mais a corda, medir mais as coisas, tomar mais posição da parte delas, guardar mais o terreno do que os filhos (...)".

9) Obediência

Respostas que referem claramente o comportamento obediente, cumprir as obrigações, como característica dominante do filho ou da filha.

Exemplo (suj.38): "O filho é obedecer aos pais, fazer os trabalhos de casa, ajudar as mães e os pais; não aborrecer os pais".

10) Estudar

Incluem-se aqui as respostas que referem o estudo como elemento que diferencia os filhos das filhas.

Exemplo (suj.2): "O filho tem menos interesse na escola. Quer sempre brincar. A filha tem mais, estuda mais."

PERGUNTA 8

1) Afectividade / Proximidade

Conforme pergunta 1

2) Ajuda o pai

Conforme pergunta 7

3) Ajuda a mãe

Conforme pergunta 7

- 4) **Brincadeiras de rapaz**
Conforme pergunta 7
- 5) **Brincadeiras de rapariga**
Conforme pergunta 7
- 6) **Novas tecnologias**
Conforme pergunta 7
- 7) **Independente / Rebelde**
Conforme pergunta 7
- 8) **Estudar**
Conforme pergunta 7

PERGUNTAS 9 e 10

- 1) **Afectividade / Proximidade**
Conforme pergunta 1

- 2) **"Abertura" / Confidências**

Esta categoria é próxima da anterior. No limite poderia mesmo fazer parte dela. Distingui-mo-la porque se refere especificamente à conversa e ao maior à vontade para falar de certos assuntos que os filhos ou as filhas têm com o pai ou com a mãe.

Exemplo (M34): " (...) embora eu ache que o B. tem mais facilidade de falar com o pai das coisas íntimas dele (...) Se precisa de uma ajuda vem falar comigo. Para contar as suas coisas vai falar com o pai."

- 3) **Pedir auxílio prático**

Resposta que se refere claramente à ideia do filho ou filha pedirem mais auxílio ao pai ou à mãe para executar pequenas tarefas do dia a dia: estudar, vestir, etc.

Exemplo (M34) (na mesma resposta): "No dia a dia, mais depressa se relaciona comigo, se tem uma dificuldade, se precisa de uma ajuda, se precisa de alguma coisa vem falar comigo."

4) Lazer / Aventura

Conforme pergunta 1

5) Admiração / Modelo / Imitação

Respostas que apontam como característica da relação do filho(a) com o pai ou a mãe a ideia que o imitam, o admiram, o têm por modelo, numa linha de identificação ao progenitor do mesmo sexo.

Exemplo (M57): "O pai é como um servidor de exemplo e a mãe um apoio talvez. Vai procurar à mãe mais os carinhos e ao pai o exemplo, o modelo."

6) Respeito / Medo

Incluem-se nesta categoria respostas que referem claramente o respeito, no fundo a submissão à autoridade paterna / materna dos(as) filhos(as). São respostas do tipo: "ele a mim tem-me mais respeito. Basta eu abrir os olhos que já sabe o que é ...".

7) Distância / Conflito

Conforme pergunta 4 e 5

8) Rivalidade / Competição

Conforme pergunta 4 e 5

Exemplo (M24): "As filhas estão sempre, como eu estive com a minha mãe e tenho a certeza que a minha filha está comigo e que eu estou com a minha filha, mulher contra mulher (...) Eu com a minha mãe tinha imenso confronto. Com o meu pai não tinha (...)".

É importante que fique claro que por vezes só se pode cotar um dos elementos em comparação com o que é dito sobre o outro. Por exemplo, sujeito 18, pergunta 1: "As mães às vezes são simpáticas, os pais às vezes são maus". "Os pais são maus" tem claramente um significado de autoridade do pai, (zanga-se, é mau, etc.). A mãe ser simpática, por si só não é obrigatoriamente afectiva, mas neste contexto é.

Muitas vezes é preciso também ler a entrevista toda para se perceber o significado que o sujeito dá às palavras que utiliza. Ainda, há casos em que a resposta a uma pergunta só fica clarificada noutra mais à frente e é preciso atender a isso.

Acontecem também situações em que o sujeito refere uma diferença entre "como gostaria que fosse" e "como é na realidade". Na maioria dos casos pesou sempre a realidade concreta, isto é, cotámos aquilo que se passa, de facto. Fizemos, no entanto algumas excepções, em que o "como devia ser" aparece com mais peso do que a situação concreta. São respostas do tipo: "Cá em casa, por acaso é ao contrário, mas em geral penso que é mais assim ...".

Por último, e após esta definição tão exaustiva e operacional quanto possível, das categorias de resposta para cada pergunta, queremos de novo enfatizar que o critério de cotar cada personagem (pai, mãe, etc.) numa só categoria, nos levou a perder muita informação, sobretudo nos casos de respostas muito ricas. Foi, no entanto, a melhor maneira que conseguimos encontrar para tornar as respostas e os personagens comparáveis entre si.

2 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TESTE DO DESENHO DA FAMÍLIA

Após a cotação de cada desenho segundo a grelha apresentada no capítulo anterior, agrupámos os elementos recolhidos em dois grandes grupos: elementos formais e de conteúdo.

Começaremos por analisar os primeiros, que englobam o tamanho médio da figura maior, a diferenciação de sexos e gerações das personagens e a presença / ausência e caracterização do ambiente do desenho.

Para a análise de conteúdo tivemos por base o tipo de família desenhada, a caracterização do próprio, da mãe, do pai e dos irmãos e ainda a caracterização das particularidades encontradas nos desenhos.

Por último faremos uma breve análise das respostas aos questionários sobre os desenhos, realizados após a execução dos mesmos.

Esclarecemos que a numeração dos quadros apresentados foi feita capítulo a capítulo, separadamente. Assim, no capítulo anterior apresentámos três quadros, numerados de 1 a 3. Neste capítulo que se segue, porque independente do anterior, a numeração irá começar de novo por quadro 1, 2, etc., e assim sucessivamente, nos capítulos que se seguem a este.

Nota: Por motivos alheios à nossa vontade, nem sempre nos foi possível incluir, na mesma página, o quadro e a respectiva legenda. Pelo incómodo que isto causa em termos de leitura, pedimos desde já as nossas desculpas.

2.1. ANÁLISE DOS ELEMENTOS FORMAIS DOS DESENHOS

a) Tamanho médio da figura maior

Quadro 1: Apresentação do tamanho médio (em cm) da figura maior dos desenhos por grupo e por sexo (dentro de cada grupo)

		$\bar{x}$ (cm)
CD $\bar{x} = 3,84$	Rapazes n = 12	3,90
	Raparigas n = 4	3,65
CN $\bar{x} = 7,23$	Rapazes n = 20	6,28
	Raparigas n = 21	8,11

Nota: O teste estatístico utilizado foi o F, uma vez que a variável se encontra numa escala de intervalo (centímetros).

$$F_{\text{grupo}}(1,53) = 11.9 \quad , \quad p < 0,01$$

O tamanho das figuras foi desde logo um aspecto que nos chamou à atenção. Como se pode ver pelo quadro, há uma diferença nítida entre o tamanho médio da figura maior das crianças do grupo experimental (CD) e das do grupo de controle (CN).

As CD fazem figuras significativamente mais pequenas do que as CN.

Não se verificaram diferenças significativas entre os sexos nem na interação sexo x grupo.

b) Diferenciação de gerações dos personagens

Quadro 2: Caracterização dos desenhos dos dois grupos quanto ao grau de diferenciação de gerações de personagens

	Clara	Mínima	Inexistente
CD	2	4	10
CN	24	8	9

$$\chi^2_{(2)} = 11,19 \quad , \quad p < 0,01$$

Os dados mostram que os grupos se comportam de maneira muito diferente quanto à diferenciação de gerações entre os vários personagens. Assim, enquanto as CN fazem maioritariamente uma clara diferenciação, as CD não diferenciam os elementos das várias gerações. Avós e netos, pais e filhos são, preferencialmente, desenhados pela CD sem claros elementos que assinalem a sua diferença de gerações.

c) Diferenciação sexual dos personagens

Quadro 3: Caracterização dos desenhos dos dois grupos quanto ao grau diferenciação de sexual dos personagens

	Clara	Mínima ou Inexistente
CD	4	12
CN	31	10

$$\chi^2_{(1)} \text{ (correção de yates)} = 10,39 \quad , \quad p < 0,001$$

Nota: Foram agrupadas as categorias "mínima" e "inexistente" a fim de se poderem salientar estatisticamente as diferenças encontradas.

A diferença entre os dois grupos é muitíssimo significativa: enquanto as CN fazem uma clara distinção sexual entre os personagens dos desenhos (os elementos femininos distinguem-se claramente dos masculinos), as CD não fazem esta diferenciação, ou fazem-na à mínima.

d) Grau de ocupação da folha

Quadro 4: Caracterização dos desenhos dos dois grupos quanto ao grau de ocupação da folha

	Grande parte da folha	Parte média da folha	Parte mínima da folha
CD	4	11	1
CN	13	22	6

No que respeita ao espaço que o desenho ocupa na folha, não se verificaram diferenças significativas entre os dois grupos. Isto quer dizer que, apesar de os personagens serem significativamente mais pequenos no grupos das CD, os desenhos em si, com todos os elementos que os compõem, não diferem, em termos de espaço ocupado na folha, entre os dois grupos. Quer no grupo experimental, quer no grupo de controle, predomina a ocupação média da folha.

e) Ambiente

Iniciaremos pela análise dos dados quanto à presença / ausência de ambiente a enquadrar a família, e só depois faremos a caracterização dos elementos que o compõem.

Quadro 5: Caracterização dos desenhos dos dois grupos quanto à presença / ausência de ambiente

	Desenho sem Ambiente	Desenho com Ambiente
CD	5	11
CN	29	12

$$\chi^2_{(1)} (\text{correção de yates}) = 5,90 \quad , \quad p < 0,01$$

Pela leitura deste quadro, observa-se que os grupos diferem grandemente em relação a esta característica. Curiosamente, são as CD que, preferencialmente, mais envolvem os seus personagens num ambiente.

Para além disto, à primeira vista, pareceu-nos que poderia haver diferenças, dentro do grupo de controle (CN) entre rapazes e raparigas. O quadro seguinte elucida esta ideia.

(Note-se que, dado o reduzido número de raparigas no grupo experimental, esta comparação entre sexos é feita só em casos excepcionais, em que os resultados sugerem disparidades).

Quadro 6: Caracterização dos desenhos dos rapazes e raparigas do grupo de controle (CN), quanto à presença / ausência de ambiente

		Desenho sem Ambiente	Desenho com Ambiente
Crianças	Raparigas	19	2
	Rapazes	10	10

$$\chi^2_{(1)} (\text{correção de yates}) = 6,27 \quad , \quad p < 0,01$$

Há, de facto uma nítida diferença entre sexos neste grupo, quanto à inclusão ou não de ambiente no desenho. Assim, enquanto que as raparigas não desenhavam ambiente, os rapazes metade desenha e outra metade não. Isto permite pôr a hipótese de que, provavelmente, são as raparigas as responsáveis pelas diferenças observadas entre os grupos das CN e das CD, uma vez que são elas quem, preferencialmente, não desenhavam ambiente.

Que elementos caracterizam este ambiente?

Quadro 7: Caracterização do ambiente desenhado pelos dois grupos, quanto aos elementos que o compõe

	Casa	TV, Vídeo, Comp.	Mesa	Cozinha, Fogão	Carro, Comboio	Árvores, Flores, Jardim, Etc.	Nuvens, Céu, Sol, Lua, Etc.	Animais
CD	8	2	0	1	1	6	7	2
CN	6	4	5	2	0	5	6	2

Não se verificaram diferenças significativas entre os elementos que compõem o ambiente desenhado pelos dois grupos. Salientamos apenas que, os mais desenhados foram, pelos dois grupos, a casa, os jardins, flores, árvores, etc, e as nuvens, céu, sol, etc. A mesa só aparece nas CN.

No que respeita à diferenciação ambiente externo / interno, temos que:

Quadro 8: Caracterização do ambiente desenhado pelos dois grupos na dimensão exterior de uma casa / interior de uma casa.

	Exterior de uma casa	Interior de uma casa
CD	8	3
CN	7	5

A análise estatística permite-nos dizer que não há diferenças significativas entre os dois grupos quanto à dimensão ambiente externo / interno. Dos que desenharam ambiente, não há qualquer relação entre pertencer a um ou outro grupo e o tipo de ambiente desenhado. Nota-se que, em termos absolutos, o ambiente no exterior de uma casa é mais desenhado por ambos os grupos.

Tentando fazer uma síntese destes elementos formais dos desenhos podemos dizer que:

- Os desenhos das CN apresentam figuras maiores do que as das CD, claramente diferenciadas quanto ao sexo e gerações. As CD desenharam figuras mais pequenas e não diferenciam nem sexo nem geração dos personagens.
- Curiosamente, as CD compõem os seus desenhos com um ambiente, enquanto as CN, sobretudo as raparigas, preferem não incluir mais nada para além da família. Entre aqueles que desenharam ambiente nos dois grupos, predominam, em termos absolutos, os desenhos em que a cena familiar se desenrola no exterior de uma casa, não havendo diferenças significativas entre os elementos que compõem esse ambiente.

2.2. ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DESENHOS

a) Família representada

Quadro 9: Caracterização do tipo de família representada pelos sujeitos de cada grupo

	Família Real	Família Alargada + Real não nuclear	Família Imaginada
CD	9	5	2
CN	17	3	21

$$\chi^2_{(2)} = 9,5 \quad , \quad p < 0,01$$

A leitura que se pode fazer deste quadro é que os dois grupos diferem muito significativamente quanto ao tipo de família que representam.

Assim, enquanto as CN desenhavam preferencialmente uma família imaginada (quase não desenhada pelas CD), as CD diferenciam-se por uma maior frequência de desenhos da família alargada e/ou real não nuclear.

(A análise estatística dos valores residuais (ver anexo 4) permitiu-nos ver que são estas duas categorias que diferenciam os dois grupos de crianças, sem que a categoria família real intervenha nesta diferenciação. Isto quer dizer, que embora em termos absolutos as CD tenham desenhado mais vezes a família real do que qualquer outro tipo de família, não é isso que as caracteriza ou diferencia das CN, pois estas também desenharam muitas vezes a família real; o que as torna diferentes das CN é a frequência com que desenhavam a família alargada e/ou real não nuclear enquanto que as CN optam pela família imaginada).

Nota: Em relação ao próprio, pai, mãe, irmãos, foi feita uma caracterização das figuras (ver quadros gerais para cada personagem). No entanto, porque umas categorias excluíam outras, foram feitas algumas aglutinações e seguidamente uma análise estatística parcelar dos quadros, permitindo comparar algumas categorias que nos pareceram ter maior relevância.

b) O próprio / Figura dominante da fratria

Quadro 10: Caracterização da figura o próprio / dominante da fratria nos desenhos dos dois grupos

	Ausente	Primeiros lugares	Mais perto do Pai	Mais perto da Mãe	Equidis-tante	Excluído do casal	Valori-zado	Desvalori-zado	Afectuoso
CD	2	6	5	4	3	1	1	7	2
CN	3	22	17	12	6	1	14	5	5

A análise estatística dos resultados apresentados neste quadro permite-nos constatar que:

- Em relação à categoria ausente não há diferenças significativas entre os dois grupos.
- No que respeita ao próprio estar mais perto do pai, da mãe ou equidistante, também não se encontraram diferenças significativas entre os dois grupos. Isto quer dizer que o facto de se pertencer a um ou a outro grupo (CN ou CD) não está relacionado com o desenho do próprio mais perto da mãe ou do pai. Nota-se até que em ambos os grupos há mais crianças que desenham o próprio, a figura central, mais perto do pai, seguindo-se da mãe e por último equidistante. Ainda, também em ambos os grupos, dentro dos que desenham esta figura mais perto do pai, são praticamente tanto rapazes como raparigas, e dentro do que a colocam mais perto da mãe, são mais os rapazes que o fazem (em termos absolutos) mas sem que a diferença seja significativa em termos de sexos.
- Também na categoria "afectuoso" os desenhos dos dois grupos revelaram não ser significativamente diferentes.

- No entanto encontraram-se diferenças significativas entre os dois grupos quando comparadas as categorias valorização / desvalorização do próprio ($\chi^2_{(1)}=6,237$, $p < 0,01$).

Pela leitura do quadro 10 podemos ver claramente que o grupo das CN tende a valorizar a figura do próprio, enquanto o grupo das CD tende preferencialmente a desvalorizá-la.

Em suma, relativamente a esta figura, à criança central do desenho, o que se observa é que a diferença entre os dois grupos assenta apenas na valorização / desvalorização deste personagem, não constituindo as outras categorias critérios de distinção entre eles.

c) O Pai / figura paterna

Quadro 11: Caracterização da figura paterna nos desenhos dos dois grupos

	Ausente	Valorizado	Desvalorizado	Afectuoso para o próprio	Afectuoso para outros	Abandonico	Sem particulari- dades
CD	1	3	6	2	3	3	3
CN	1	12	11	5	5	2	8

Após a análise estatística destes dados, pudemos constatar que:

- Em ambos os grupos há apenas uma criança que não desenha a figura paterna. As diferenças intergrupos quanto à ausência / presença do pai não são por isso, significativas.

- Apesar de não se encontrarem diferenças significativas entre os dois grupos na comparação das categorias valorizado / desvalorizado, observam-se tendências aparentemente diferentes nos dois grupos de crianças. Assim, seis crianças do grupo experimental desvalorizaram a figura paterna no seu desenho (o dobro daquelas que a valorizou). Esta tendência para desvalorizar o pai (mais do que valorizar) não se revelou no grupo das CN.
- No que respeita à comparação entre figuras paternas abandonicas vs afectivas para o próprio ou para os outros também não se encontraram diferenças significativas entre os dois grupos, sendo a tendência dos dois grupos para desenhar mais como afectuosas.

Em síntese, em relação à figura paterna para além da tendência acima referida, não se evidenciaram, em termos gerais, diferenças significativas entre os dois grupos de crianças.

d) A Mãe / figura materna

Quadro 12: Caracterização da figura materna nos desenhos dos dois grupos

	Ausente	Valorizada	Desvalorizada	Afectuosa para o próprio	Afectuosa para outros	Abandonica	Sem particulari- dades
CD	2	6	0	2	3	2	4
CN	0	16	6	3	6	1	10

Pela análise estatística efectuada a estes resultados podemos dizer que:

- No grupo das CD há duas crianças que não desenharam este personagem, enquanto no grupo das CN todas a desenharam. Esta tendência é clara embora não

seja, contudo, suficientemente marcada de forma a diferenciar significativamente os dois grupos.

- Na comparação das categorias valorizada / desvalorizada não se encontraram diferenças significativas entre os dois grupos. Note-se que a tendência dos dois grupos é mais para valorizar mais a mãe do que desvalorizar, isto em termos absolutos.
- É curioso também notar que nenhuma das CD desenha a mãe de forma desvalorizada (embora duas não a desenhem, o que talvez constitua a desvalorização máxima), enquanto que seis o fazem em relação à figura paterna (ver quadro anterior). Portanto, em termos absolutos, neste grupo de CD, há mais crianças que desenham o pai de forma desvalorizada do que aquelas que o fazem em relação à mãe.
- No que respeita à categoria abandonica vs afectuosa para o próprio ou para os outros, os resultados encontrados para os dois grupos também não apresentam diferenças significativas). Observa-se que ambos os grupos desenham mais vezes a mãe como afectuosa (para o próprio ou outros) do que abandonica.

Em suma, a análise estatística destes resultados não revelou a existência de diferenças significativas entre os desenhos da figura materna dos dois grupos.

e) Irmãos / Primos

Quadro 13: Caracterização das figuras fraternais nos desenhos dos dois grupos

	Ausentes	Eliminados	Valorizado	Desvalorizado	Afectuosa	Sem particularidades
CD	0	1	4	3	0	7
CN	2	0	12	10	2	20

A análise estatística destes dados leva-nos a concluir que:

- Quanto à presença / ausência de irmãos, não se evidenciaram diferenças significativas entre os dois grupos.
- O mesmo se pode dizer quanto à comparação das categorias valorizados / desvalorizados, à qual juntamos os ausentes e eliminados. O que se observa é que, em ambos os grupos, os irmãos tanto são valorizados como desvalorizados.

Em síntese, desta análise dos diferentes personagens desenhados, a única diferença significativa que encontrámos foi em valorização do próprio no grupo das CN, versus a desvalorização do mesmo grupo das CD. De resto apenas encontrámos as tendências já referidas.

f) Particularidades

Se uma análise mais centrada nas diferenças estatísticas permitiu diferenciar, nalguns aspectos formais e de conteúdo, os desenhos dos dois grupos, foi sem dúvida em termos qualitativos, quase a nível do afecto que nos despertaram, que os desenhos nos pareceram claramente diferentes.

A título de exemplo, vejamos os desenhos dos sujeitos 42, 45 e 52 por exemplo, (todos de crianças do grupo experimental).

O primeiro é um desenho em que a família é um ínfimo pormenor, com figuras bizarras, totalmente indiferenciadas. Todo o afecto é posto nos restantes elementos do desenho (repare-se nas lagartas e o coração que as une), não havendo qualquer relação entre os membros da família. No segundo as figuras são muitíssimo bizarras, quase fazem arrepiar, põmos mesmo a hipótese de que esta rapariga terá, provavelmente, alguma dificuldade ao nível da imagem corporal. O terceiro é um desenho de um desolamento enorme, em que as figuras estão completamente perdidas na imensidão do mundo. Sentimo-nos facilmente identificados com a tristeza desta criança, e o seu desespero em se agarrar a alguém, (como o irmão que desenhava de mãos dadas com os pais).

Estes são alguns dos casos mais marcantes, que mais se distanciam dos desenhos das crianças do grupo de controle.

Elaboramos então uma mini-grelha que nos permitiu, dentro do possível, cotar "objectivamente" estas impressões, (tarefa árdua, diga-se).

O quadro seguinte resume a cotação final.

Quadro 14: Descrição das particularidades encontradas nos desenhos dos dois grupos

	Bizarro	Desolação	Figuras indiferenciadas	Rigidez	Dificuldade Imagem Corporal	Direita para Esquerda	Figuras Perdidas
CD	4	3	6	1	2	1	2
CN	2	3	5	0	0	0	1

O grande número de zeros neste quadro inviabilizou uma análise estatística em moldes semelhantes aos anteriores.

A hipótese de aglutinação de várias categorias, a fim de eliminar os zeros, tiraria todo o sentido ao seu conteúdo, pelo que optámos por fazer apenas uma análise descritiva e qualitativa.

O primeiro comentário que nos parece importante fazer diz respeito ao número absoluto de particularidades encontradas em cada grupo. Assim, nos 41 desenhos das CN, encontrámos onze particularidades, face a dezanove nos 16 desenhos das CD. Analisando categoria a categoria vemos que, em ambos os grupos, a particularidade mais encontrada foi o desenho de figuras indiferenciadas, isto é, todas praticamente iguais.

Na categoria figuras bizarras, as crianças do grupo experimental apresentam um maior número do que as normais, o que vai no sentido da nossa sensação de estranheza perante os seus desenhos.

A sensação de tristeza e desolação que tivemos ao ver estes desenhos está expressa nas categorias Desolação e Figuras Perdidas. Note-se que proporcionalmente, as crianças deprimidas têm também aqui uma maior frequência.

Um caso pontual que nos impressionou foi o desenho do sujeito 47 (CD) em que as figuras foram desenhadas da direita para a esquerda. Segundo Corman, isto pode ser um forte indício de regressão. No entanto, não fizemos um estudo aprofundado do caso que nos permitisse confirmar / infirmar esta hipótese.

Os desenhos dos sujeitos 45 e 48 (CD), além da bizarria das figuras, isto é, da sensação de estranheza que provocam, fazem-nos suspeitar, como já dissemos, se estas crianças não terão algumas dificuldades a nível de imagem corporal, sobretudo a primeira. Veja-se, concretamente, a estranha transparência das suas figuras bem como as formas bicudas das personagens do desenho do sujeito 48.

A maioria destes desenhos em que assinalámos particularidades mereceria, sem dúvida, uma análise mais detalhada, em função da história pessoal da criança, e inclusivé uma comparação com outros elementos de diagnóstico, a fim de se poder compreender o seu significado.

Esta análise que fizemos foi, no entanto, a possível, tentando não fugir aos objectivos gerais deste trabalho. Fica-nos contudo a consciência de que, em termos individuais de cada desenho, muito ficou por dizer.

g) Breve referência às respostas ao questionário sobre o desenho

Esta análise das respostas das crianças ao questionário após e sobre o desenho, serviu sobretudo para clarificar e auxiliar a cotação dos diferentes personagens nas diferentes categorias da grelha utilizada. No entanto gostaríamos de salientar apenas alguns aspectos que nos pareceram interessantes.

- A mãe / Figura maternal é a mais referida, por ambos os grupos, como "a melhor" (cerca de 43% das respostas). O pai aparece em segundo lugar, com cerca de metade de referências em relação à mãe, também nos dois grupos.

- Os personagens mais vezes referidos como "os piores" são os irmãos, de novo em ambos os grupos (50% no grupo experimental, 41% no grupo de controle).
- Curiosamente, embora os irmãos sejam mais vezes "os piores", no grupo experimental eles são também os mais referidos como "mais felizes" (cerca de 31% das respostas). No grupo de controle, o personagem que com maior frequência é referido como "o mais feliz" é o próprio / Figura dominante da fratria.
- O próprio / Figura dominante da fratria foi, por sua vez, o mais referido como "mais infeliz" pelas crianças deprimidas (25% das respostas) enquanto que apenas 7% das crianças normais o referem. Para estas últimas, a resposta mais frequente a esta pergunta foi "ninguém", com cerca de 31% do total das respostas do grupo.

2.3. SÍNTESE DOS PRINCIPAIS RESULTADOS ANALISADOS NOS PONTOS ANTERIORES

A fim de facilitar a discussão destes resultados que faremos em seguida, tentámos resumir em dois quadros, aquilo que deles nos pareceu fundamental.

O quadro 15 resume a informação obtida pela análise dos elementos formais e o quadro 16 a que provem da análise de conteúdo.

A leitura destes quadros deve ser feita do seguinte modo: em coluna encontram-se os tópicos analisados e em linha os resultados de cada grupo, relativamente a esses tópicos. Quando, numa coluna não aparece qualquer traço a separar os dois grupos, quer dizer que os resultados de ambos, nesse tópico, não foram significativamente diferentes. Nos outros casos, as diferenças estatísticas encontradas estão devidamente assinaladas com os sinais (**) e (***), que significam, respectivamente, diferença significativa entre os resultados dos dois grupos, com $p < 0,01$ e $p < 0,001$.

Quadro 15: Síntese e caracterização dos principais resultados dos elementos formais analisados nos desenhos dos dois grupos de crianças

	Tamanho das figuras	Diferenciação de gerações	Diferenciação sexual	Ocupação da folha	Ambiente	Tipo de Ambiente
CD	– x = 3,84	Praticamente inexistente	Praticamente inexistente	Predomina a ocupação média da folha em ambos os grupos	Desenho com ambiente	Predomina o ambiente no exterior de uma casa em ambos os grupos
CN	– x = 7,23	Clara	Clara		Desenho sem ambiente (raparigas, sobretudo)	
	(**)	(**)	(***)		(**)	

Quadro 16: Síntese e caracterização dos principais resultados da análise de conteúdo dos desenhos dos dois grupos de crianças

	Família representada	O próprio /Fig. dominante da fratria	Pai / Fig. Paterna	Mãe / Fig. Materna	Irmãos / Primos	Particularidades
CD	Família Alargada e Real não nuclear	Desvalorizado	Maior tendência das CD para desvalorizar o pai (não significativa)	Predomina a categoria valorizada em ambos os grupos	Oscilam entre valorizados e desvalorizados, sem particularidades relevantes em ambos os grupos	- Em ambos os grupos, predomínio da cat. figuras indiferenciadas - Desenhos dos deprimidos são mais bizarros e mais tristes
CN	Família imaginada	Valorizado				
	(**)	(**)				

(**) $p < 0,01$; (***) $p < 0,001$

2.4. DISCUSSÃO

Optámos por fazer agora a discussão destes resultados, para facilitar a leitura. No entanto, retomaremos alguns destes pontos na discussão final do trabalho.

Iniciaremos pelos resultados dos elementos formais.

Os desenhos do grupo experimental (CD) caracterizam-se, antes de mais, pelo pequeno tamanho dos seus personagens e pela não diferenciação sexual e geracional dos mesmos.

Em relação ao tamanho das figuras, parece-nos claramente que o factor inibição, presente neste grupo de crianças deprimidas, poderá ter contribuído para estes resultados. É razoável conceber que crianças inibidas e, provavelmente, pouco motivadas para esta tarefa, desenhem figuras mais pequenas, expressando também assim um pouco do seu próprio sentimento de insignificância, de não-valor.

Já o facto de os personagens serem, na maioria dos casos, indiferenciados quanto ao sexo e geração nos surpreendeu mais, pois, estamos em crer que estas crianças, em termos meramente cognitivos, são capazes de fazer esta diferenciação. Provavelmente, o que isto sugere é que as crianças deprimidas estarão ainda numa fase anterior do desenvolvimento, em que a distinção figura / fundo ou essencial / acessório não é tão clara, e portanto, face à "consigne" transmitida, o essencial é desenhar os personagens todos (ou quase todos) que compõe aquela família, parecendo ser irrelevante ter em conta as características etárias e sexuais dos mesmos.

Em termos afectivos, parece-nos também que as crianças deprimidas, comparadas com as normais, poderão estar ainda (ou ter regredido, consoante os casos), numa fase anterior do desenvolvimento, em que não lhes é permitido abordar a diferença de sexos e gerações. Por um lado, se o que está em causa é uma preocupação em encontrar um objecto suporte, continente e fonte de amor, esta preocupação pode ser tão grande que impeça o acesso a problemáticas mais edipianas, como o perceber que há pai e que há mãe, que são de sexos diferentes, e que há uma barreira geracional que a exclui da relação que os pais têm entre si. Por outro lado, porém, o sentimento de exclusão pode ser precisamente a problemática em causa e, assim sendo, a indiferenciação das figuras não será mais do que uma negação da diferença de sexos e gerações como defesa contra esse sentimento de exclusão.

Analisando agora a presença / ausência de ambiente, é curioso notar que as crianças deprimidas desenhavam, preferencialmente, um ambiente a enquadrar a família, (que aliás é responsável pelo facto de, apesar de as suas figuras serem mais pequenas, o grau de ocupação da folha pelo desenho não diferir do do grupo de controle). Este ênfase no ambiente levou-nos a pensar de novo na não distinção entre essencial / acessório (face à "consigne", concretamente) mas também, e talvez sobretudo, na necessidade destas crianças em criar um ambiente envolvente, contentor, que as securize. Por outro lado, interpretamos também esta presença de ambiente como um deslocamento do investimento afectivo para objectos e circunstâncias concretas, em detrimento do investimento nas pessoas e na relação. Sentimos que a imaginação e a fantasia destas crianças é posta ao serviço do não humano, porque a relação com os outros (provavelmente também consigo próprio) e o sentimento de insatisfação que daí lhe provém lhes é particularmente doloroso. O afecto é assim deslocado para algo em relação ao qual não é possível experimentar qualquer sentimento de rejeição, de abandono.

No grupo de controle, por seu lado, os sujeitos executaram o desenho de acordo com a "consigne", revelando aqui a primazia de um funcionamento mais convencional, mais concordante com as regras propostas, característico de um funcionamento normativo desta fase da latência. Neste grupo, as raparigas mostraram ser mais conformistas, representando estritamente o que lhes era pedido (uma família) enquanto que nos rapazes isto não se observou.

Passamos em seguida à discussão dos resultados da análise de conteúdo apresentados no quadro 16.

Em primeiro lugar, os grupos diferem significativamente quanto à família representada no desenho. No grupo experimental predominam as famílias alargada e real não nuclear, enquanto no grupo de controle a preferência vai para a família imaginada. Em relação a esta última, estes resultados vão claramente ao encontro da ideia do próprio autor do teste, ao referir que a "consigne" alargada permite à criança afastar-se tanto quanto quizer da sua realidade concreta e dar primazia às suas próprias tendências e à sua concepção pessoal de vida familiar.

É esta mesma capacidade de imaginação, de fantasia, que está em causa no grupo experimental, levando a que, o máximo que a criança deprimida se consegue distanciar quando se lhe pede uma família imaginada / inventada, é desenhando uma família de tios ou primos com quem se dá, ou alargando o desenho a parentes que

não pertencem à sua família nuclear. Não sentindo nesta o suporte afectivo de que necessita, mantém esse sentimento de insatisfação profunda, com toda a limitação da imaginação e fantasia consequentes. Face à "consigne" aberta, que permite fantasiar o impossível, criança deprimida ousa, no máximo, "procurar" esse mesmo apoio afectivo nas famílias que a circundam.

A análise de conteúdo dos diferentes personagens dos desenhos mostra-nos, em primeiro lugar, diferenças significativas entre os dois grupos na figura dominante da fratria, no que respeita a valorização / desvalorização da mesma. Como era de se esperar, dada a problemática das crianças do grupo experimental, a desvalorização que fazem desta figura é a expressão inequívoca da sua baixa auto-estima, do sentimento que têm de não-valor, da sua auto-depreciação constante e do desinvestimento em si próprias. Esta situação, obviamente, não tem paralelo no grupo de controle, onde é de esperar que as crianças tenham uma imagem de si próprias relativamente boa e positiva.

Note-se que estes resultados são concordantes com as respostas dadas ao questionário sobre o desenho, em que a figura dominante é a mais referida pelo grupo experimental como "a mais infeliz", enquanto que, para o grupo de controle, é a mais referida como "a mais feliz".

Em relação à caracterização da figura paterna, embora não se tenham encontrado diferenças significativas entre os desenhos dos dois grupos, os resultados sugerem uma tendência das crianças deprimidas a desvalorizar esta figura (mais do que a valorizá-la), o que não acontece no grupo de controle.

Sem que possamos, como é óbvio, confirmar a nossa segunda hipótese (de que as crianças deprimidas têm uma representação paterna mais distante, de um pai ausente e demitido das suas funções), podemos no entanto dizer que os resultados vão nesse sentido, mostrando, o grupo experimental (tendencialmente) uma figura paterna mais desvalorizada. Provavelmente é a expressão de uma figura de quem a criança não sente receber o suporte de que gostaria, quer na dimensão afectiva, quer a nível da socialização e da interacção lúdica (que, como referimos na parte teórica, é normalmente identificada como característica do pai).

No grupo de controle, como já referimos, não foi observada esta tendência, estando as desvalorizações desta figura equilibradas com as valorizações.

No que respeita à figura materna observamos a tendência em ambos os grupos para a valorizar. A mãe aparece nos desenhos dos dois grupos como um personagem investido e valorizado, não havendo referências significativas a uma representação materna menos afectuosa, distante ou até abandonica em nenhum dos grupos.

Estes resultados, por si só, não nos permitem confirmar nem infirmar a nossa primeira hipótese, segundo a qual a representação materna nas crianças deprimidas assenta principalmente no aspecto funcional da mãe e não numa dimensão afectiva, estando esta última apenas presente na representação materna do grupo de controle.

Assim, por um lado a valorização da figura materna do grupo experimental sugere-nos a existência de uma representação materna onde a dimensão afectiva parece estar presente, no limite até de uma "mãe suficientemente boa", sobretudo porque esta valorização não é acompanhada (ou melhor, contrariada) por qualquer expressão evidente de uma postura de abandono. Consta-se mesmo que a mãe é a personagem mais referida por ambos os grupos como "a melhor".

Por outro lado, sabemos também que a valorização do objecto, a par de uma desvalorização do próprio sujeito (facto que se observou neste grupo) caracteriza na essência a dinâmica depressiva, de acordo com o referencial teórico em que nos apoiamos. Nesta linha, esta valorização materna feita pelas crianças deprimidas pode corresponder não a uma situação real de existência de um "bom" objecto interno, securizante, mas tão somente a uma mitificação deste objecto maternal, feita pelos próprios sujeitos que, perante o sentimento de insatisfação afectiva profunda face a esse mesmo objecto, o idealizam, desvalorizando-se e / ou culpabilizando-se a si próprios.

Neste contexto, esperamos que as respostas ao questionário aberto nos venham ajudar a esclarecer o verdadeiro sentido desta valorização, uma vez que incidem e apelam a situações concretas da vivência relacional e familiar da criança. Voltaremos então a esta discussão na parte final do trabalho.

Em relação à caracterização dos irmãos / primos esclarecemos que não fizemos aqui qualquer distinção em termos de sexo, nem pretendemos com esta análise explorar as representações do filho e filha. Para caracterizar estas representações consideraremos apenas a informação obtida pelo questionário aberto.

Quanto às características observadas nos irmãos / primos desenhadas pelos dois grupos, constatamos que elas não assumem particularidades relevantes, oscilando entre a valorização e a desvalorização.

Esta desvalorização parece-nos normal dentro de um contexto de rivalidade fraterna na competição pelo objecto. Note-se que, em ambos os grupos, os irmãos foram os mais referidos como "os piores", sendo contudo, para o grupo experimental, também os "mais felizes". Isto sugere que, provavelmente neste grupo, a rivalidade fraterna poderá assumir proporções algo mais marcadas do que no grupo de controle, no sentido da criança deprimida poder considerar que o(s) irmão(s) são beneficiados pelo amor parental, e por isso são mais felizes. O ciúme subsequente leva a considerá-los como "os piores", e o sentimento de ter sido preterido e de insatisfação face ao objecto, na base da sua baixa auto-estima, fá-las sentir como "as mais infelizes".

Por último, em relação às particularidades encontradas nos desenhos, o quadro apresentado pretende apenas traduzir, tanto quanto possível, o afecto que os desenhos nos despertaram, sobretudo os do grupo experimental. Desenhos tristes, bizarros, desoladores, por vezes, que nos permitiram observar concretamente, alguns pontos referidos na parte teórica. Se o contacto com as crianças deprimidas foi muito curto no tempo, não nos permitindo, obviamente, tomar contacto mais aprofundado com a sua realidade psíquica, os desenhos, e sobretudo estas particularidades, foram quase uma "comprovação" do seu modo de funcionamento mental, da sua dor moral, da sua tristeza, enfim, do seu sofrimento depressivo.

Neste contexto, embora esta descrição das particularidades não se prenda directamente com as hipóteses formuladas, serviu como pano de fundo de toda a reflexão sobre o grupo experimental.

3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO

Antes de apresentarmos os resultados propriamente ditos, faremos uma explicação detalhada do modo como foram trabalhados os dados de cada pergunta (sendo o esquema de análise idêntico para as dez que compõem o questionário). O objectivo é esclarecer o leitor quanto àquilo que irá encontrar nos pontos seguintes.

Começamos por referir que temos agora resultados de seis grupos, e não apenas de dois o que, por si só, torna esta análise bastante mais complexa. São eles: crianças normais (CN), crianças deprimidas (CD), mães de crianças normais (MN), mães de crianças deprimidas (MD), pais de crianças normais (PN) e pais de crianças deprimidas (PD). Ainda, tal como no desenho, dado o número reduzido de raparigas no grupo experimental, optámos por não fazer uma análise sistemática por sexos. Exceptuam-se alguns casos que considerámos importantes.

Como já foi dito anteriormente, cada pergunta refere-se sempre a uma comparação entre duas figuras: pai / mãe, homem / mulher, relação pai / filha - pai / filho, etc. Pretende-se assim caracterizar as diferenças que os sujeitos atribuem às figuras em causa.

Neste sentido, o primeiro passo consistiu na elaboração de um quadro que põe em evidência três tipos de resposta para cada grupo: a resposta de que "há diferenças" entre as figuras em questão, a de que "não há diferenças" e ainda a que não responde à pergunta, seja porque o sujeito refere "não sei", seja porque o que diz não vai ao encontro daquilo que lhe foi perguntado.

O objectivo deste quadro é perceber em que sentido vai a maioria das respostas dos vários grupos: se para o lado da diferenciação das figuras, se para o lado da igualdade, da não diferenciação. Caso a maioria considere haver diferenças, tem sentido analisá-las; caso contrário, não.

O critério utilizado foi o seguinte: quando mais de metade dos sujeitos (em cada grupo, entenda-se) assinalam haver diferenças, é feita uma análise e caracterização das mesmas, isto é, vai-se ver em que é que essa maioria considera uma figura diferente da outra (de acordo com as categorias de resposta definidas para essa pergunta). Nos casos em que mais de metade dos elementos consideram não haver diferenças entre as figuras, a análise baseia-se nessa mesma informação, ou seja, na comparação entre quantos dizem haver

diferenças e quantos dizem não haver. A justificação para a adopção deste critério é a de que, uma vez que os grupos são pequenos, quando a maioria considera não haver diferenças, os que consideram haver são muito poucos o que, em nosso entender, torna a análise dessas diferenças sem sentido. Por exemplo, na pergunta 4, 28 sujeitos do grupo das CN consideram que não há diferenças na relação mãe / filha - mãe / filho, enquanto 11 consideram haver. Parece-nos claramente que o mais importante, em termos de caracterização das respostas do grupo em questão, é atender ao facto de que 28 em 41 crianças não assinalam diferenças, e não tanto ir esmiuçar em que é que as restantes consideram ser diferente a referida relação.

Depois de esclarecido este primeiro passo da análise destes resultados, passamos então ao segundo ponto, o da caracterização das diferenças assinaladas por cada grupo.

Tendo por base, como é óbvio, apenas os sujeitos que as referiram, elaborámos seis quadros que as resumem (um por grupo), de acordo com as categorias de resposta definidas para a pergunta. Adoptado o critério de cotação das respostas já referido no ponto 1.8 b), estes quadros apresentam discriminadamente o total de referências à figura feminina (resposta tipo 2) e o total de referências à figura masculina (resposta tipo 1), para cada categoria. (Lembramos que cada sujeito dá uma resposta tipo 1 e outra tipo 2). Temos assim a caracterização das diferenças intragrupo entre as duas figuras. Explicitaremos a análise estatística efectuada em relação a estes quadros aquando da apresentação do primeiro, de modo a facilitar ao leitor a sua compreensão.

Após esta caracterização das respostas de cada grupo, impôs-se uma comparação inter-grupos.

Aqui é importante referir que, dentro dos seis que já referimos, uns são independentes entre si e outros não. CN, MN e PN são grupos emparelhados, já que os sujeitos que os compõem são da mesma família, o mesmo acontecendo com CD, MD e PD. Este facto obrigou a que esta comparação inter-grupos fosse feita por dois processos distintos, consoante a independência ou não dos mesmos.

No caso dos grupos emparelhados, a comparação dos resultados assentou na análise conjunta das respostas das tríades, compostas por criança, mãe e pai da mesma família. No grupo experimental formámos doze tríades, que denominámos com FD (famílias de crianças deprimidas) e no grupo de controle vinte e nove, que referimos como FN (famílias de crianças normais).

A análise conjunta das respostas das tríades teve como objectivo averiguar da concordância ou não intrafamiliar. A estatística utilizada para o efeito foi o teste de

Cochran [20], tendo sido feita uma análise separada para cada uma das figuras em questão, categoria por categoria. De notar ainda que, nesta comparação intrafamiliar, tivemos em conta todas as respostas dadas, inclusivamente as que não assinalavam diferenças e as de tipo "não sei", porque nos pareceu importante ver se, mesmo nestas, há ou não concordância entre os diferentes elementos da família.

Resta-nos, por último, a comparação dos grupos independentes entre si, concretamente, os dois grupos de crianças (experimental e de controle), os dois grupos de mães (MD e MN) e os dois grupos de pais (PD e PN).

Neste sentido, foi feita uma comparação das respostas de cada uma destas parelhas, em relação a cada figura, separadamente (por exemplo, na pergunta 1, fomos comparar as respostas das CD com as das CN, primeiro em relação à mãe e depois em relação ao pai). Para este efeito, consideramos na maioria dos casos, apenas as respostas dos sujeitos que assinalaram diferenças, embora tenha havido excepções (concretamente nas perguntas 4 e 5, em que a maioria dos sujeitos, em termos gerais, não considera haver diferenças). A estatística utilizada foi o χ^2 (ou o Teste de Fisher, sempre que não se reuniram as condições necessárias à aplicação do primeiro). Dado o grande número de zeros nos quadros (que dificultam pesadamente o tratamento estatístico), em grande parte dos casos circunscrevemos esta comparação apenas às categorias mais referidas por ambos os grupos, na procura das diferenças. Foram feitas algumas aglutinações de categorias para viabilizar os cálculos, mantendo sempre aquelas em que a frequência de respostas era mais elevada e / ou em que nos parecia haver diferença relevante.

Acrescentamos aqui uma nota de que este variado tratamento estatístico a que recorremos, originou a que, por vezes, os resultados das várias análises parciais de cada pergunta aparentassem não ser concordantes. Tal deve-se, fundamentalmente, ao facto de nem sempre se ter como referência o mesmo número de sujeitos. Por exemplo, quando fazemos a caracterização das diferenças assinaladas pelas CN, podemos ter um máximo de 41 crianças; mas quando vamos fazer a comparação intrafamiliar, esta é baseada apenas em 29 dessas crianças (as que compõe as tríades). A fim de contornar esta dificuldade, poderíamos ter optado por considerar apenas para este estudo as tríades completas, e eliminar os restantes sujeitos. Optámos, no entanto, por não o fazer, dada a reduzida dimensão com que ficaria o grupo experimental.

Posto isto, queremos apenas apresentar esquematicamente, quase como um índice, os tópicos de análise de cada pergunta, que se repetirão em todas as dez. Assim, teremos:

- 1) Caracterização e análise das respostas de todos os grupos pelas categorias "há diferenças", "não há diferenças" e "não sei / não responde".

Neste ponto é apresentado um quadro.

- 2) Caracterização das respostas de cada grupo, em que n = número de sujeitos que assinala diferenças.
 - a) Crianças normais
 - b) Crianças deprimidas
 - c) Mães de crianças normais
 - d) Mães de crianças deprimidas
 - e) Pais de crianças normais
 - f) Pais de crianças deprimidas

Em cada uma destas alíneas é apresentado um quadro.

- 3) Análise das respostas das tríades.
 - a) FN, sobre a figura feminina
 - b) FN, sobre a figura masculina
 - c) FD, sobre a figura feminina
 - d) FD, sobre a figura masculina

- 4) Comparação CN vs CD.

- 5) Comparação MN vs MD.

- 6) Comparação PN vs PD.

Em anexo 7 encontram-se os resultados estatísticos referentes a toda esta análise.

Pensamos com esta explicação ter ajudado o leitor a compreender melhor os resultados que apresentaremos em seguida

3.1. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PERGUNTA 1

Pergunta 1 - "Acha que os pais e as mães são diferentes na maneira de se darem com os filhos ou acha que são iguais?"

3.1.1. Caracterização e análise das respostas de todos os grupos pelas categorias "há diferenças", "não há diferenças" e "não sei / não responde"

Quadro 1: Distribuição das respostas dos diferentes grupos pelas três categorias assinaladas

GRUPO →	CN	CD	MN	MD	PN	PD
RESPOSTA ↓						
"Há diferenças"	24	9	30	13	23	10
"Não há diferenças"	17	6	2	3	6	2
"Não sei / não responde"	0	1	1	0	1	0

Como se pode ver pelo quadro 1, em todos os grupos, mais de metade dos sujeitos considerou haver diferenças na relação mãe / filhos e pai / filhos, o que significa que fizemos uma análise detalhada dessas diferenças.

3.1.2. Caracterização das respostas de cada grupo, em que n = número de sujeitos que assinala diferenças

Relembramos aqui as categorias de resposta a esta pergunta (entre parentesis encontram-se as respectivas abreviaturas utilizadas nos quadros):

- 1) Cuidados com os filhos / Trabalhos domésticos (Cuid. Filhos)
- 2) Afectividade / Proximidade (Afect.)
- 3) Autoridade / Exigência (Aut.)
- 4) Distância / Ausência (Dist.)
- 5) Lazer (com filhos) (Lazer)
- 6) Bricolage (Bricol.)
- 7) Trabalho profissional / Sustento (Trab. Prof.)

a) Crianças Normais (n = 24)

Quadro 2: Distribuição das respostas das CN à pergunta 1 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	AFFECT.	AUT.	DIST.	LAZER	BRICOL.	TRAB. PROF.
REFERÊNCIA A ↓							
Mãe	11	11	1	1	0	0	0
Pai	0	6	11	0	3	1	3

(**)

(**)

A leitura deste quadro (e de todos os semelhantes a este) deve ser feita do seguinte modo: sabendo que cada sujeito refere apenas uma categoria para a mãe (figura feminina) e outra para o pai (figura masculina), na linha das referências à mãe encontramos a distribuição destas pelas categorias em causa, o mesmo acontecendo na linha das referências ao pai. Portanto, em **linha** temos sempre aquilo que os sujeitos disseram em relação a uma e a outra figura, separadamente. (Somando as referências em linha, obtemos sempre o **n** em causa, isto é, o número total de sujeitos que assinalou diferenças, neste caso concreto, 24). Uma leitura por **colunas**, permite-nos apreciar, categoria a categoria, qual o número de referências a uma e a outra figura; além disso podemos ainda ver qual das categorias foi mais referida em termos absolutos.

A forma como foi feita a análise de conteúdo das respostas e a organização dos dados originou uma grande frequência de zeros nestes quadros o que, mais uma vez, veio dificultar seriamente o tratamento estatístico.

Nesta medida, optámos por fazer uma análise dos dados categoria por categoria, isto é, das diferenças entre as referências a uma ou outra figura dentro de cada categoria. Assim, por exemplo, fomos ver se, dos 17 sujeitos que referiram a categoria "afectividade" (quadro 2), haveria diferença significativa entre o número

de vezes que a referiram para a mãe e o número de vezes que o fizeram para o pai. E isto para todas as categorias de resposta.

A estatística utilizada foi o χ^2 de ajustamento (ou o teste Binomial, sempre que não se reuniam as condições de aplicação do primeiro). Os sinais * e ** por baixo de algumas colunas indicam uma diferença significativa dentro dessa categoria, entre as referências às figuras em causa (neste caso pai e mãe), respectivamente com $p < 0,05$ e $p < 0,01$. Chamamos a atenção para o facto de, em toda esta análise estatística dos resultados do questionário, termos considerado apenas estes dois níveis de significância.

A ausência de qualquer sinal por baixo de uma coluna significa que não se encontraram diferenças significativas entre as referências às duas figuras, nessa categoria.

Posto isto queremos apenas acrescentar que a análise que faremos destes quadros é então quase sempre algo como: o que é que foi dito em relação a cada uma das figuras, e em que categorias é que estas mostraram ser diferentes.

Pela análise do quadro 2, podemos ver que as respostas se distribuem de forma desigual pelas várias categorias, sendo a relação mãe / filhos caracterizada sobretudo pelo "cuidar dos filhos" e pela "afectividade", havendo uma forte concentração de respostas nestas duas categorias (22 em 24), enquanto que em relação ao pai as respostas são mais dispersas, sendo a categoria mais referida a da "autoridade", seguida da "afectividade".

Podemos então concluir, pela leitura do quadro que, para as CN, a relação da mãe com os filhos é caracterizada pelos cuidados destes e pela afectividade, muito embora a nível desta última não haja diferença em relação ao pai. Este, por seu lado, é visto como mais autoritário do que a mãe.

b) Crianças Deprimidas (n = 9)

Quadro 3: Distribuição das respostas das CD à pergunta 1 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	AFECT.	AUT.	DIST.	LAZER	BRICOL.	TRAB. PROF.
REFERÊNCIA A ↓							
Mãe	2	4	2	0	1	0	0
Pai	0	2	5	1	0	0	1

Em termos descritivos, observa-se neste grupo uma dispersão das opiniões sobre a relação mães / filhos, sendo a categoria mais referida a "afectividade".

Sobre a relação pai / filhos, há maior concentração das respostas no polo da "autoridade".

No entanto, não se revelaram diferenças significativas em nenhuma das categorias, pelo facto que nos parece ter a ver com a reduzida dimensão deste grupo. Provavelmente, se a amostra fosse maior, poderíamos encontrar tendências mais claras.

c) Mães de Crianças Normais (n = 30)

Quadro 4: Distribuição das respostas das MN à pergunta 1 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	AFECT.	AUT.	DIST.	LAZER	BRICOL.	TRAB. PROF.
REFERÊNCIA A ↓							
Mãe	13	14	3	0	0	0	0
Pai	0	5	17	2	3	0	3

(**)

(*)

(**)

Em relação à mãe, as respostas das MN centram-se basicamente em duas categorias: "afectividade" e "cuidados com os filhos", sendo a mãe significativamente mais referida nestas categorias do que o pai.

A relação pai / filhos é vista sobretudo como autoritária, embora havendo também uma certa dispersão das respostas pelas categorias "afectividade", "lazer", "trabalho profissional" e "distância".

Portanto, o que podemos concluir é que em relação à mãe, as respostas das MN são relativamente unânimes, considerando sobretudo que a mãe é mais afectiva e tem mais o papel de cuidar dos filhos do que o pai. Sobre o pai as respostas dispersam-se, embora predomine a categoria "autoridade", em que o pai é visto como significativamente mais autoritário do que a mãe.

d) Mães de Crianças Deprimidas (n = 13)

Quadro 5: Distribuição das respostas das MD à pergunta 1 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	AFFECT.	AUT.	DIST.	LAZER	BRICOL.	TRAB. PROF.
REFERÊNCIA A ↓							
Mãe	2	10	1	0	0	0	0
Pai	0	2	8	3	0	0	0

(*) (*)

As respostas sobre a mãe concentram-se sobretudo na categoria "afectividade", sendo nesta significativa a diferença face ao pai.

Em relação a este, predominam as respostas na categoria "autoridade", cuja frequência é também significativamente diferente do número de vezes que a mãe é referida.

Em suma, para as MD a mãe é sobretudo mais afectiva para os filhos do que o pai e o pai é sobretudo mais autoritário do que a mãe.

e) Pais de Crianças Normais (n = 23)

Quadro 6: Distribuição das respostas dos PN à pergunta 1 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	AFECT.	AUT.	DIST.	LAZER	BRICOL.	TRAB. PROF.
REFERÊNCIA A ↓							
Mãe	7	16	0	0	0	0	0
Pai	0	0	15	0	3	0	5

(**) (**) (**)

Em relação à mãe, as respostas dos PN dividem-se entre as categorias "afectividade" e "cuidados com os filhos", embora a primeira seja referida mais do dobro das vezes do que a segunda. (Note-se que aqui diferem das respostas das MN e das CN, que se distribuíam quase igualmente pelas duas categorias). Em ambas, as diferenças entre pai e mãe são altamente significativas.

As respostas sobre o pai concentram-se sobretudo na categoria "autoridade", (na qual as diferenças entre pai e mãe são também significativas), havendo algumas referências à categoria "trabalho profissional" e "lazer".

Em síntese, para os PN, a mãe é vista essencialmente como mais afectiva e com mais trabalho de cuidar dos filhos e o pai como mais autoritário.

f) Pais de Crianças Deprimidas (n = 10)

Quadro 7: Distribuição das respostas dos PD à pergunta 1 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	AFECT.	AUT.	DIST.	LAZER	BRICOL.	TRAB. PROF.
REFERÊNCIA A ↓							
Mãe	4	5	1	0	0	0	0
Pai	0	1	2	0	0	0	7

(**)

Mais uma vez as respostas sobre a mãe se concentram sobretudo nas categorias "trabalho filhos" e "afectividade", embora não haja, diferença significativa em relação ao pai, (nestas categorias, entenda-se). Fica-nos a dúvida de se esta não significância não terá a ver apenas com a reduzida dimensão da amostra.

Em relação ao pai, predominam as respostas na categoria "trabalho profissional", na qual há diferenças significativas em relação à mãe, sendo a categoria "autoridade" referida apenas duas vezes e a "afectividade" uma.

É, sem sombra de dúvida o grupo que refere menos vezes a autoridade como característica do pai, dando, em compensação, mais peso ao trabalho profissional. Sugere-nos a ideia de que estes PD se vêem como pouco autoritários e sobretudo como demitidos e mais ausentes face aos filhos, mais centrados no seu trabalho profissional.

3.1.3. Análise das respostas das tríades

a) FN, sobre a mãe

Nesta comparação a primeira análise é a de que não há concordância a nível das respostas que não consideram haver diferenças. As tríades respondem, de facto, de forma significativamente diferente ($p < 0,01$), sendo as crianças quem mais respondem que "não há diferenças", enquanto mães e pais o fazem menos.

Em todas as restantes categorias, "cuidar dos filhos", "afectividade", "autoridade", etc., não se verificaram diferenças significativas nas respostas

das tríades, o que nos permite dizer que, nestas famílias, há uma certa concordância sobre aquilo que caracteriza a relação mãe / filhos.

b) FN, sobre o pai

Na categoria "afectividade" observa-se uma discordância de respostas entre os elementos das famílias. Assim, ela é referida por algumas crianças e mães, sem que nenhum pai a refira, o que torna as respostas intragrupo significativamente diferentes ($p < 0,05$).

Nas restantes categorias não se observaram diferenças significativas.

Em síntese, podemos dizer que as FN discordam ao considerar que a relação do pai com os filhos é igual à da mãe, com o predomínio de respostas das crianças nesta categoria, e discordam também na categoria "afectividade" em relação ao pai, não havendo, no entanto, qualquer discordância em relação à mãe.

c) FD, sobre a mãe

A única categoria em que se verificaram discordâncias significativas ($p < 0,01$) foi a "afectividade". Esta foi mais referida por mães e pais, enquanto apenas uma criança a referiu. Podemos pensar que nestas FD, as mães consideram importante a característica "afectividade" mas provavelmente não são muito afectuosas, ou pelos menos nalguns casos, os seus filhos não as percebem como tal. Nas restantes categorias não se verificaram diferenças significativas.

d) FD, sobre o pai

As FD mostram-se concordantes quanto à relação pai / filhos, com excepção da categoria "trabalho profissional". Nesta observam-se diferenças significativas ($p < 0,01$), havendo mais pais que a referem do que mães e crianças.

Isto vai no mesmo sentido daquilo que já descrevemos anteriormente, isto é, que provavelmente os pais se vêem como mais ausentes, mais centrados no seu trabalho profissional.

Em síntese, nestas 12 famílias, as mães acentuam mais a afetividade como característica da relação maternal, e os pais dão relevo destacado ao seu trabalho profissional.

3.1.4. Comparação CN vs CD

Em relação à mãe, embora a dispersão de respostas dos dois grupos pelas várias categorias tenha sido diferente, nomeadamente nos "cuidados com os filhos" e na "afetividade", não se verificaram diferenças significativas.

Quanto ao pai, comparámos a categoria "autoridade", "lazer" e aglutinámos as restantes. Não se verificaram diferenças significativas entre os dois grupos.

Em conclusão, podemos dizer que a análise estatística não revelou diferenças significativas entre as respostas dos dois grupos de crianças.

3.1.5. Comparação MN vs MD

Pela a análise dos quadros em relação à mãe, poder-se-ia esperar que as MD dessem proporcionalmente mais peso à "afetividade" do que as MN, cujas respostas se dividiam basicamente, entre a "afetividade" e o "trabalho filhos". No entanto estas diferenças não se revelaram significativas (comparámos "afetividade", "cuidados com os filhos", outras).

No que respeita ao pai, também não há diferenças significativas a assinalar, sendo que, em ambos os os grupos, há um predomínio da categoria "autoridade". (comparámos "autoridade", "distância", outras).

Podemos então concluir que MN e MD não diferem significativamente nas suas respostas sobre a relação mãe / filhos e pai / filhos.

3.1.6. Comparação PN vs PD

Sobre a mãe, os resultados parecem ir no sentido de os PN darem maior ênfase à "afetividade" do que os PD. No entanto, as diferenças não são significativas quando comparamos "afetividade" e outras.

Em relação ao pai, comparámos as categorias em "autoridade", "trabalho profissional", outras. Neste caso, apesar das diferenças não serem significativas, nota-se uma tendência dos PN a responder preferencialmente na "autoridade" e dos PD no "trabalho profissional".

Fazendo uma **síntese** dos principais resultados da **pergunta 1**, podemos dizer que:

Em relação à mãe, as categorias mais referidas e em que se diferencia do pai, foram a "afectividade / proximidade" e os "cuidados com os filhos / trabalhos domésticos", dando os diferentes grupos diferentes pesos a uma e a outra. As CN enfatizam os cuidados com os filhos e referem o mesmo número de vezes a categoria "afectividade / proximidade", sem considerar, contudo, que a mãe seja significativamente mais afectiva do que o pai. As CD dispersam as suas respostas sobre ambos os progenitores, sugerindo não haver uma opinião uniformizada quanto às características da relação de cada um deles com os filhos. (Note-se, no entanto, que a "afectividade / proximidade" foi a categoria mais referida para a mãe e a "autoridade / exigência" para o pai). As MN dão tanto peso à afectividade como à tarefa de cuidar dos filhos, enquanto que nas MD a tónica é só posta na afectividade. Para os PN, a primazia vai para a afectividade, sendo contudo os "cuidados com os filhos" também um pelouro da mãe. Os PD dão um peso semelhante às duas categorias, ainda que este não assuma dimensão significativa.

No que respeita ao pai, é sem dúvida a categoria "autoridade / exigência" que o caracteriza, isto é, que o diferencia em relação à mãe. Assim, à excepção dos PD que quase não a referem e das CD que o fazem de forma menos expressiva, todos os restantes grupos vêem a relação pai / filhos como mais autoritária e / ou exigente. Os PD distinguem-se pelo ênfase que põem no trabalho profissional.

Da análise das respostas da FN concluímos que há mais filhos (crianças) que não diferenciam a relação em causa do que adultos. Ainda, nestas famílias há concordância quanto ao tipo relação materna, mas em relação ao pai, mães e filhos vêem-no como mais afectivo do que os próprios pais.

Nas FD, as mães enfatizam mais afectividade materna do que os pais e sobretudo do que as crianças. Os pais, por seu lado, dão grande destaque ao seu trabalho profissional, sem paralelo nas opiniões das mães e dos filhos.

As comparações CN vs CD, MN vs MD e PN vs PD não revelaram diferenças significativas nas parelhas, a não ser a já referida tendência dos PN a acentuar mais autoridade e os PD o trabalho profissional.

3.2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PERGUNTA 2

Pergunta 2 - "Que coisas é que o pai costuma fazer? E que coisas é que a mãe costuma fazer?"

3.2.1. Caracterização e análise das respostas de todos os grupos pelas categorias "há diferenças", "não há diferenças" e "não sei / não responde"

Quadro 8: Distribuição das respostas dos diferentes grupos pelas três categorias assinaladas

GRUPO →	CN	CD	MN	MD	PN	PD
RESPOSTA ↓						
"Há diferenças"	39	14	30	15	28	11
"Não há diferenças"	2	2	3	1	2	1
"Não sei / não responde"	0	0	0	0	0	0

Como se pode ver, pelo quadro 8, em todos os grupos a grande maioria dos sujeitos considera que há diferenças entre as tarefas do pai e as tarefas da mãe.

É curioso notar que, enquanto na pergunta anterior, que se referia ao modo de relação pai / filhos, mãe / filhos, as crianças identificaram menos diferenças, nesta que apela ao concreto das tarefas de cada um, elas fazem já uma diferenciação mais clara, o que

nos leva a pensar que provavelmente, esta pergunta era mais acessível para os dois grupos de crianças.

3.2.2. Caracterização das respostas de cada grupo, em que n = número de sujeitos que assinala diferenças

Relembramos as categorias de resposta definidas para esta pergunta:

- 1) Cuidados com os filhos / Trabalhos domésticos **(Cuid. Filhos)**
- 2) Afectividade / Proximidade **(Afect.)**
- 3) Educação sexual / Confidências **(Educ. Sex.)**
- 4) Autoridade / Exigência **(Aut.)**
- 5) Trabalho profissional / Sustento **(Trab. Prof.)**
- 6) Orientação geral **(Orient. Ger.)**
- 7) Lazer (com filhos) **(Lazer)**
- 8) Bricolage **(Bricol.)**
- 9) Ver TV / Ler o jornal **(Ver TV)**

a) Crianças Normais (n = 39)

Quadro 9: Distribuição das respostas das CN à pergunta 2 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	AFFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	TRAB. PROF.	ORIENT. GER.	LAZER	BRICOL.	VER T.V.
REFERÊNCIA A ↓									
Mãe	34	1	0	2	1	0	0	0	1
Pai	0	5	0	6	3	0	16	3	6

(**)

(**)

Para as CN, à mãe cabe, principalmente, a tarefa de "cuidar dos filhos e da casa", sendo as restantes categorias muito pouco referidas. Nesta categoria ("cuidados com os filhos") a diferença entre pai e mãe é altamente significativa.

O pai assume claramente a função de ocupação dos tempos livres, sendo a categoria "lazer" a única em que difere significativamente da mãe, havendo alguma dispersão das restantes respostas por várias categorias.

b) Crianças Deprimidas (n = 14)

Quadro 10: Distribuição das respostas das CD à pergunta 2 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	AFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	TRAB. PROF.	ORIENT. GER.	LAZER	BRICOL.	VER T.V.
REFERÊNCIA A ↓									
Mãe	10	1	0	1	0	0	2	0	0
Pai	0	2	0	4	2	0	1	3	2

(**)

De novo, tal como para o grupo anterior, para as CD cabe à mãe o "cuidar dos filhos e da casa" categoria em que difere muito significativamente do pai.

Quanto ao pai, as respostas dispersam-se por muitas categorias, sem que haja em nenhuma delas, diferença significativa em relação à mãe. O "lazer", categoria mais referida pelas CN, aparece aqui apenas com uma referência, sendo a categoria mais referida a "autoridade".

c) Mães de Crianças Normais (n = 30)

Quadro 11: Distribuição das respostas das MN à pergunta 2 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	AFFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	TRAB. PROF.	ORIENT. GER.	LAZER	BRICOL.	VER T.V.
REFERÊNCIA A ↓									
Mãe	21	5	2	1	0	0	1	0	0
Pai	2	2	0	8	2	1	15	0	0

(**)

(*)

(**)

Também para as MN, é apenas na categoria "cuidado com os filhos" que a mãe se diferencia claramente do pai (diferença altamente significativa), cabendo-lhe a si esta tarefa dos cuidados diários dos filhos e da casa.

Em relação ao pai, este assume mais as tarefas de lazer com os filhos, de ocupação de tempos livres (diferença muito significativa), além de ser referido como significativamente mais autoritário do que a mãe; nas restantes categorias não se assinalam diferenças relevantes.

Em suma, para as MN, a mãe é quem se ocupa dos cuidados diários dos filhos e da casa, enquanto ao pai cabem os divertimentos, sem esquecer o seu papel de autoridade.

d) Mães de Crianças Deprimidas (n = 15)

Quadro 12: Distribuição das respostas das MD à pergunta 2 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	AFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	TRAB. PROF.	ORIENT. GER.	LAZER	BRICOL.	VER T.V.
REFERÊNCIA A ↓									
Mãe	10	2	0	1	0	0	2	0	0
Pai	0	2	0	3	5	0	4	0	1

(**)

Neste grupo, as respostas sobre a mãe concentram-se sobretudo na categoria "cuidados com os filhos", a única em que a mãe difere significativamente do pai. Sobre o pai, as respostas são dispersas por várias categorias, não havendo diferenças significativas, em relação à mãe, em nenhuma delas. A mais referida é o "trabalho profissional".

e) Pais de Crianças Normais (n = 28)

Quadro 13: Distribuição das respostas dos PN à pergunta 2 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	AFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	TRAB. PROF.	ORIENT. GER.	LAZER	BRICOL.	VER T.V.
REFERÊNCIA A ↓									
Mãe	22	3	1	1	0	0	1	0	0
Pai	0	1	0	4	2	2	17	2	0

(**)

(**)

A mãe, para este grupo, tem, significativamente mais do que o pai, o papel de cuidar dos filhos e da casa. Nas restantes categorias não há diferenças significativas.

Ao pai, segundo os PN, cabe principalmente proporcionar as actividades de lazer, de ocupação dos tempos livres, a única em que difere significativamente da mãe.

f) Pais de Crianças Deprimidas (n = 11)

Quadro 14: Distribuição das respostas dos PD à pergunta 2 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	AFFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	TRAB. PROF.	ORIENT. GER.	LAZER	BRICOL.	VER T.V.
REFERÊNCIA A ↓									
Mãe	10	1	0	0	0	0	0	0	0
Pai	0	1	0	3	2	0	5	0	0

(**)

Em relação à mãe há uma forte concentração das respostas na categoria "cuidados com os filhos", em que a diferença face ao pai é altamente significativa.

Sobre o pai, as opiniões dividem-se por várias categorias, sem que em nenhuma delas haja diferenças de realce em relação à mãe. A mais referida é a categoria "lazer".

3.2.3. Análise das respostas das tríades

a) FN, sobre a mãe

É curioso ver que, apesar da categoria "cuidados com os filhos" ter sido a mais referida por todos os grupos, há uma diferença nestas tríades sobre

esta tarefa. Sendo mais referida pelas crianças do que pelos pais ou mães ($p<0,05$).

Nas restantes categorias não se encontraram diferenças significativas.

b) FN, sobre o pai

Sobre o pai, parece também haver concordância intrafamiliar, à excepção da categoria "ver TV". Assim, as categorias mais referidas pelas FN foram o "lazer" e a "autoridade", nas quais os elementos das famílias estão de acordo. É apenas no "ver TV" que há respostas discordantes ($p<0,01$), sendo esta categoria referida por 6 filhos, e nunca pelos seus pais nem mães.

c) FD, sobre a mãe

As respostas das FD concentram-se sobretudo na categoria "cuidados com os filhos", não havendo diferenças significativas em nenhuma das categorias.

d) FD, sobre o pai

Também aqui não se encontraram diferenças significativas dentro das tríades, tendo sido mais referidas as categorias "autoridade" e "trabalho profissional".

3.2.4. Comparação CN vs CD

Em relação à mãe, as respostas dos dois grupos não diferem significativamente. Ambos referem como tarefa principal os cuidados com os filhos e com a casa sendo a proporção de CN que atribui este papel à mãe, significativamente a mesma do que no grupo das CD. (aglutinação feita: "cuidados com os filhos" / outras).

Em relação ao pai, fizemos a comparação "lazer" / outras categorias e encontrámos diferenças significativas ($p<0,05$) entre os grupos. Assim, as CN

dão mais ênfase a este papel do pai de ocupação dos tempos livres com os filhos do que as CD.

3.2.5. Comparação MN vs MD

Em relação à mãe, ambos os grupos referem sobretudo a categoria "cuidados com os filhos", não se observando diferenças significativas entre eles (aglutinação "cuidados com os filhos" / outras).

No que respeita ao pai, as MD referem mais vezes a categoria "trabalho profissional" do que as MN ($p < 0,05$; aglutinação "trabalho profissional" / outras categorias).

3.2.6. Comparação PN vs PD

Em relação à mãe não se encontraram diferenças significativas entre os dois grupos, tendo ambos referido sobretudo a categoria "cuidados com os filhos" (aglutinação "cuidados com os filhos" / outras).

Em relação ao pai, o mesmo se pode afirmar. Pela aglutinação "lazer" / "autoridade" / "outras", não encontramos diferenças significativas entre os dois grupos.

Fazemos então em seguida uma **síntese** dos principais resultados da **pergunta 2**.

No que respeita à caracterização do que a mãe faz, todos os grupos, sem exceção, referem como tarefa principal, e distinta das do pai, os cuidados com os filhos e com a casa.

Em relação ao pai, podemos ver que tanto as CN, como as MN como os PN referem sobretudo a categoria "lazer com os filhos" como característica das tarefas paternas, claramente diferenciadas das da mãe. As MN insistem também no papel mais autoritário do pai, face à mãe. Esta referência ao divertimento com os filhos como característica do pai não aparece nos restantes grupos (CD, MD e PD). Embora tenha

sido algo referida pelos dois últimos, não assumiu expressão de relevo, sendo uma grande dispersão das respostas pelas diferentes categorias aquilo que sobressai nestes três grupos. Assim, o pai não é caracterizado, por nenhum deles, pelo desempenho de qualquer tarefa em particular, (em comparação com a mãe).

A comparação intrafamiliar não revelou diferenças significativas nas FD, quer em relação à mãe, quer em relação ao pai. Embora isto tenha o significado de que não há respostas discordantes no seio das famílias, tem também relação directa com a grande dispersão de respostas pelas diferentes categorias, (ou seja, como a dispersão é grande, cada categoria tem um número pequeno de referências, o que pode levar a não se encontrar diferenças significativas).

Nas FN, apesar de todos darem grande ênfase ao papel da mãe em cuidar dos filhos e da casa, as crianças fazem-no mais do que os adultos. Quanto ao pai, há divergências apenas na categoria "ver TV", referida pelos filhos, mas nunca pelos pais ou pelas mães.

A comparação entre o grupo experimental (CD) e o grupo de controle (CN) mostra que, este último, em relação ao pai, refere mais a categoria "lazer com os filhos" do que o primeiro.

Entre os dois grupos de mães, a diferença entre MN e MD põe-se no maior ênfase que as segundas dão à categoria "trabalho profissional" em relação ao pai.

Na comparação das respostas dos dois grupos de pais não se evidenciaram diferenças significativas.

3.3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PERGUNTA 3

Pergunta 3 - "Que coisas é que acha que os homens é que costumam fazer? E que coisas é que acha que as mulheres é que costumam fazer?"

Esta pergunta visava uma tentativa de diferenciação entre os papéis parentais e os papéis sexuais. Pretendíamos no fundo averiguar se haveria diferenças entre as respostas sobre a mãe / mulher e sobre o pai / homem.

Foi uma pergunta que levantou algumas dúvidas aos inquiridos, que acabaram por nos dar um conjunto de respostas extremadas, na sua maioria de acordo com o estereótipo de actividades ligadas ao sexo masculino e feminino.

3.3.1. Caracterização e análise das respostas de todos os grupos pelas categorias "há diferenças", "não há diferenças" e "não sei / não responde"

Quadro 15: Distribuição das respostas dos diferentes grupos pelas três categorias assinaladas

GRUPO →	CN	CD	MN	MD	PN	PD
RESPOSTA ↓						
"Há diferenças"	39	15	27	13	24	9
"Não há diferenças"	1	0	6	2	5	1
"Não sei / não responde"	1	1	0	1	1	2

Pela leitura do quadro, utilizando o critério já definido, vemos que em todos os grupos, mais de metade dos sujeitos assinalam diferenças entre as tarefas do homem e da mulher, pelo que fizemos uma análise exaustiva das mesmas.

3.3.2 Caracterização das respostas de cada grupo, em que n = número de sujeitos que assinala diferenças

Relembramos as categorias de resposta definidas para esta pergunta:

- | | |
|--|-----------------------|
| 1) Cuidados com os filhos / Trabalhos domésticos | (Cuid. Filhos) |
| 2) Trabalho profissional / Sustento | (Trab. Prof.) |
| 3) Autoridade / Poder | (Aut.) |
| 4) Afectividade / Proximidade | (Afect.) |
| 5) Distância / Ausência | (Dist.) |
| 6) Bricolage / Carros / Trabalhos Pesados | (Bricol.) |
| 7) Desporto / café / TV | (Esp.) |
| 8) Revistas / Telenovelas / Crochet | (Revist.) |
| 9) Lazer (com filhos) | (Lazer) |

a) Crianças Normais (n = 39)

Quadro 16: Distribuição das respostas das CN à pergunta 3 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	TRAB. PROF.	AUT.	AFFECT.	DIST.	BRICOL.	DESP.	REVIST.	LAZER
REFERÊNCIA A ↓									
Mulher	34	0	0	1	0	0	0	3	1
Homem	0	5	7	0	0	11	14	0	2
	(**)		(**)			(**)	(**)		

Quase em unanimidade, as CN dizem que à mulher cabem as tarefas de cuidar dos filhos e da casa, sendo a diferença altamente significativa em relação ao homem. Há apenas uma ligeira dispersão das respostas por outras categorias, sendo grande a concentração de respostas na categoria "cuidados com os filhos / trabalhos domésticos".

Sobre o homem, há maior dispersão de respostas por várias categorias, e em três delas há diferenças muito significativas em relação à mulher. Em primeiro lugar, o "desporto / café / TV", isto é, para as CN os homens costumam fazer desporto e / ou assistir a espectáculos desportivos, ir ao café ou ver TV. São, sem dúvida, actividades que os caracterizam. A bricolage também e aqui, note-se, incluem-se todos os trabalhos que tenham a ver com arranjos da casa, do carro e do jardim. É ainda referida aqui, a autoridade masculina com diferenças significativas, face à mulher. Nas restantes categorias não se encontraram diferenças significativas entre homem e mulher.

Em suma, para as CN os homens são mais autoritários, ocupam-se com actividades ligadas a desporto, idas ao café e bricolages, enquanto às mulheres cabe-lhes sobretudo o trabalho com os filhos e com a casa.

b) Crianças Deprimidas (n = 15)

Quadro 17: Distribuição das respostas das CD à pergunta 3 pelas várias categorias

CATEGÓRIAS →	CUID. FILHOS	TRAB. PROF.	AUT.	AFECT.	DIST.	BRICOL.	DESP.	REVIST.	LAZER
REFERÊNCIA A ↓									
Mulher	11	0	0	2	0	0	0	2	0
Homem	0	6	3	0	0	3	3	0	0

(**)

(*)

Em relação à mulher, observamos que, para as CD, a sua principal actividade é o cuidar dos filhos e da casa (diferença altamente significativa face ao homem), havendo grande concentração nesta categoria e pouca dispersão pelas outras.

Quanto ao homem, a dispersão por várias categorias é maior, sendo a única em que há diferenças significativas a do "trabalho profissional". "Autoridade", "bricolage" e "desporto" são as restantes referidas pelas CD.

Em suma, para as CD as mulheres ocupam-se sobretudo dos trabalhos domésticos e com os filhos, enquanto os homens se dedicam mais ao seu trabalho profissional.

c) Mães de Crianças Normais (n = 27)

Quadro 18: Distribuição das respostas das MN à pergunta 3 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	TRAB. PROF.	AUT.	AFECT.	DIST.	BRICOL.	DESP.	REVIST.	LAZER
REFERÊNCIA A ↓									
Mulher	23	0	0	2	0	0	0	2	0
Homem	0	11	5	0	0	7	3	0	1
	(**)	(**)				(**)			

Tal como os dois grupos anteriores, as MN também caracterizam as actividades da mulher como os cuidados com os filhos e com a casa, sendo a única categoria em que há diferenças altamente significativas em relação ao homem.

No que respeita ao homem, referem sobretudo o "trabalho profissional" e a "bricolage" como actividades em que este se distingue claramente da mulher.

d) Mães de Crianças Deprimidas (n = 13)

Quadro 19: Distribuição das respostas das MD à pergunta 3 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	TRAB. PROF.	AUT.	AFECT.	DIST.	BRICOL.	DESP.	REVIST.	LAZER
REFERÊNCIA A ↓									
Mulher	12	0	0	0	0	0	0	1	0
Homem	0	6	1	0	1	3	1	0	1
	(**)	(*)							

A distribuição de respostas é semelhante à das CD: a mulher é quase sempre referida na categoria "cuidados com os filhos" e o homem no "trabalho profissional", sendo estas as únicas categorias em que ambos se distinguem.

e) Pais de Crianças Normais (n = 24)

Quadro 20: Distribuição das respostas dos PN à pergunta 3 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	TRAB. PROF.	AUT.	AFFECT.	DIST.	BRICOL.	DESP.	REVIST.	LAZER
REFERÊNCIA A ↓									
Mulher	20	0	0	2	0	0	0	2	0
Homem	0	3	8	0	0	7	2	0	4
	(**)		(**)			(**)			

Segundo os PN, à mulher cabe, de novo, o trabalho com a casa e com os filhos, sendo pequena a dispersão pelas outras categorias.

Quanto ao homem, a dispersão de respostas é maior do que para a mulher, havendo duas categorias em que difere significativamente desta: "autoridade / poder" e "bricolage / carros / trabalhos pesados".

f) Pais de Crianças Deprimidas (n = 9)

Quadro 21: Distribuição das respostas dos PD à pergunta 3 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	CUID. FILHOS	TRAB. PROF.	AUT.	AFECT.	DIST.	BRICOL.	DESP.	REVIST.	LAZER
REFERÊNCIA A ↓									
Mulher	9	0	0	0	0	0	0	0	0
Homem	0	4	0	0	0	5	0	0	0

(**)

Os PD são o grupo mais radical, no que respeita às actividades da mulher: a totalidade da amostra que considerou diferenças respondeu na categoria "cuidados com os filhos", confirmando a ideia de que há uma separação muito marcada entre o que o homem faz e o que a mulher faz.

Quanto ao homem, as respostas do grupo dividem-se entre as categorias "trabalho profissional" e "bricolage", sem que no entanto haja diferenças significativas nestas categorias (mais uma vez, provavelmente, devido à reduzida dimensão deste grupo).

Feita a caracterização das diferenças assinaladas por cada grupo, é curioso salientar que em todos eles, as categorias referidas para as mulheres são diferentes das referidas para o homem. Exceptuando o grupo das CN, em que aparece na categoria "lazer" a referência a ambos homem e mulher, todas as respostas de todos os grupos diferenciam claramente as actividades do homem e da mulher, isto é, as categorias referidas para um nunca são referidas para outro.

Isto vai ao encontro daquilo que dissemos no início da análise desta pergunta, ou seja, o facto de esta apelar muito para estereótipos masculino e feminino.

3.3.3. Análise das respostas das tríades

a) FN, sobre a mulher

Embora todos os grupos, sem exceção, refiram, para a mulher, predominantemente a categoria "cuidados com os filhos", ao fazermos a comparação das respostas destas tríades encontramos diferenças significativas ($p < 0,05$). Assim, enquanto os filhos respondem quase exclusivamente nesta categoria, os pais e mães dispersam um pouco mais as suas respostas por outras categorias.

Nas restantes categorias não se verificaram resultados significativamente discordantes.

b) FN, sobre o homem

Aqui, a única categoria em que as FN diferem é no "desporto / café / ver TV", aliás, já visível aquando da caracterização de cada grupo. De facto as CN referem com muito ênfase esta categoria para os homens, o que não acontece com os outros grupos, sendo as diferenças significativas ($p < 0,01$). Nas restantes podemos dizer que há concordância intrafamiliar.

c) FD, sobre a mulher

Em relação à mulher, estas tríades respondem de forma muito concordante: a categoria mais referida por todos eles é "cuidados com os filhos", sendo muito pequena a dispersão por outras, não havendo diferenças significativas em nenhuma delas.

d) FD, sobre o homem

Quanto ao homem, as respostas são também concordantes, à excepção da categoria "desporto / café / TV". Esta é referida por 3 crianças, sem que as mães ou os pais o façam, o que é suficiente para que as respostas sejam significativamente diferentes ($p < 0,05$).

3.3.4. Comparação CN vs CD

No que respeita à mulher, ambos os grupos referem, de forma acentuada, a categoria "cuidados com os filhos", sem que se verifiquem diferenças significativas na parelha (aglutinação feita: "cuidados com os filhos" / outras categorias).

Quanto ao homem, à partida poder-se-ia pensar que as CN dão proporcionalmente mais peso à "bricolage" e ao "desporto", e as CD ao "trabalho profissional". No entanto a análise do χ^2 não revelou diferenças significativas entre os dois grupos nestas categorias (aglutinação: "bricolage" / "desporto" / "trabalho profissional" / outras categorias).

Em suma, as respostas dos dois grupos de crianças a esta pergunta não são significativamente diferentes.

3.3.5 Comparação MN vs MD

As respostas de ambos os grupos sobre a mulher são muito concordantes incidindo sobretudo na categoria "cuidados com os filhos".

O mesmo se poderá dizer sobre as respostas em relação ao homem, em que ambos os grupos incidem mais sobre o "trabalho profissional". Aglutinámos "autoridade" / "trabalho profissional" / outras categorias, e não encontramos diferenças significativas entre os grupos.

Em suma, tal como nos grupos das crianças, também aqui não se revelaram significativas as diferenças entre as respostas dos dois grupos de mães.

3.3.6. Comparação PN vs PD

Sobre a mulher, as respostas vão no mesmo sentido, ambos os grupos referindo mais a categoria "cuidados com os filhos". Embora os PD tenham referido exclusivamente esta categoria, isso não torna significativamente diferentes as respostas dos dois grupos. (Aglutinação "cuidados com os filhos" / outras categorias).

Quanto ao homem, a dispersão das respostas dos PN por várias categorias, versus a concentração das respostas dos PD em apenas duas delas, levou-nos a pensar que os dois grupos olhavam de modo diferente as actividades tipicamente masculinas. No entanto a análise estatística não nos permite confirmar este facto, parecendo-nos, contudo, importante assinalar esta maior dispersão das respostas dos PN por várias categorias, relativamente aos PD.

Fazendo uma **síntese** dos principais resultados da **pergunta 3**, podemos dizer que:

No que respeita à mulher há, de modo geral, uma grande unanimidade entre todos os grupos em considerar os cuidados com os filhos e com a casa a sua actividade principal. Nas FN, são as crianças quem mais acentua esta categoria.

Quanto ao homem, há alguma dispersão das respostas dos vários grupos por diferentes categorias, que vão no sentido dos estereótipos mais comuns. O trabalho profissional está entre as mais referidas: para as CD e MD é apenas nesta categoria que se diferencia a actividade masculina, enquanto que as MN referem ainda a categoria "bricolage / carros / trabalhos pesados". Esta última é também discriminada pelos PN e pelas CN, bem como a "autoridade / poder". Ainda, é dado bastante ênfase ao "desporto / café / TV" pelo grupo das CN. Quanto aos PD, as suas respostas dividem-se pelas categorias "bricolage / etc" e "trabalho profissional", sem assumirem, no entanto, expressão significativa.

A comparação intrafamiliar, além do que já foi dito em relação à mulher, revelou diferenças nas FN, ao nível da categoria "desporto / café / TV", a que os filhos dão significativamente mais importância do que os pais e as mães.

Nas FD observou-se o mesmo fenómeno, embora menos acentuado.

As comparações CN vs CD, MN vs MD e PN vs PD não revelaram diferenças significativas entre as respostas de qualquer destas pares.

3.4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PERGUNTA 4

Pergunta 4 - "Acha que a mãe é diferente para uma filha e para um filho?"

3.4.1. Caracterização e análise das respostas de todos os grupos pelas categorias "há diferenças", "não há diferenças" e "não sei / não responde"

Quadro 22: Distribuição das respostas dos diferentes grupos pelas três categorias assinaladas

GRUPO →	CN	CD	MN	MD	PN	PD
RESPOSTA ↓						
"Há diferenças"	11	7	13	4	20	6
"Não há diferenças"	28	9	18	11	8	6
"Não sei / não responde"	2	0	2	1	2	0

Nesta pergunta, à excepção dos PN, observa-se que em todos os restantes grupos, pelo menos metade dos sujeitos considera que não há diferença na relação mãe / filha, mãe / filho. Parece-nos que esta é a conclusão mais importante a tirar. Utilizando o critério já definido no início, de que apenas analisaríamos as diferenças nos grupos em que mais de metade dos sujeitos as assinalasse, neste caso essa análise resume-se apenas ao grupo dos PN. No entanto, para que o leitor possa conhecer os resultados encontrados nos outros grupos, apresentaremos a título meramente ilustrativo, os quadros relativos à sua (escassa) caracterização das diferenças, sem contudo termos sobre eles quaisquer comentários.

3.4.2. Caracterização das respostas de cada grupo, em que n = número de sujeitos que assinala diferenças

Relembramos as categorias de resposta definidas para esta pergunta:

- | | |
|-----------------------------------|----------------------|
| 1) Afectividade / Proximidade | (Afect.) |
| 2) Educação sexual / Confidências | (Educ. Sex.) |
| 3) Autoridade / Exigência | (Aut.) |
| 4) Distância / Conflito | (Dist.) |
| 5) Competição / Rivalidade | (Comp.) |
| 6) Lazer (com filhos) | (Lazer) |
| 7) Protecção / Controle | (Protec.) |
| 8) Dar liberdade | (Dar Liberb.) |

a) Crianças Normais (n = 11)

Quadro 23: Distribuição das respostas das CN à pergunta 4 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	DIST.	COMP.	LAZER	PROTEC.	DAR LIBERD.
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	8	0	0	1	0	0	2	0
Filho	1	0	3	5	0	0	0	2

b) Crianças Deprimidas (n = 7)

Quadro 24: Distribuição das respostas das CD à pergunta 4 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	DIST.	COMP.	LAZER	PROTEC.	DAR LIBERD.
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	6	0	1	0	0	0	0	0
Filho	1	0	2	4	0	0	0	0

c) Mães de Crianças Normais (n = 13)

Quadro 25: Distribuição das respostas das MN à pergunta 4 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	DIST.	COMP.	LAZER	PROTEC.	DAR LIBERD.
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	3	1	6	3	0	0	0	0
Filho	7	0	0	3	0	0	0	3

d) Mães de Crianças Deprimidas (n = 4)

Quadro 26: Distribuição das respostas das MD à pergunta 4 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	DIST.	COMP.	LAZER	PROTEC.	DAR LIBERD.
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	2	1	0	0	0	0	1	0
Filho	0	0	0	3	0	0	0	1

e) Pais de Crianças Normais (n = 20)

Quadro 27: Distribuição das respostas dos PN à pergunta 4 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	DIST.	COMP.	LAZER	PROTEC.	DAR LIBERD.
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	8	1	2	4	1	0	1	3
Filho	7	0	3	7	0	0	1	2

Sobre a relação mãe / filha, o que podemos ver é que a categoria mais referida é a "afectividade", dispersando-se as restantes respostas por várias categorias, sem que em nenhuma delas se verifiquem diferenças significativas face à relação mãe / filho. Quanto à relação mãe / filho, vemos que as categorias mais referidas foram a "afectividade" e o "lazer", sem que no entanto, se distingam de modo significativo da relação mãe / filha.

Em nenhuma categoria se observaram diferenças significativas entre as referências à filha e ao filho.

Portanto, mesmo neste grupo de pais que assinala diferenças no tipo de relação mãe / filha, mãe / filho, estas diferenças não são nítidas, não se concentram em nenhuma categoria em especial, para nenhuma das figuras, parecendo antes haver grande dispersão das opiniões. Ou seja, o único grupo que sugeriu haver diferenças (este, dos PN), não foi de modo nenhum unânime nas suas respostas, não nos permitindo caracterizar essas diferenças.

f) Pais de Crianças Deprimidas (n = 6)

Quadro 28: Distribuição das respostas dos PD à pergunta 4 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	DIST.	COMP.	LAZER	PROTEC.	DAR LIBERD.
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	3	3	0	0	0	0	0	0
Filho	0	0	0	3	0	0	0	3

3.4.3. Análise das respostas das tríades

a) FN, sobre a relação mãe / filha

Antes de falar da relação mãe / filha, referimos que, como era de esperar, as FN diferem muito significativamente ($p < 0,01$) na categoria "não há diferenças". Dentro das tríades, filhos e mães referem mais vezes que a relação é igual para filho e filha, enquanto os pais, como já vimos, referem-no muito menos vezes.

Quanto à relação mãe / filha, encontrámos diferenças significativas ($p < 0,05$) nestas famílias na categoria "autoridade", mais referida pelas mães do que pelos pais e crianças. (Note-se que falamos de concordância intrafamiliar, e o que estes resultados significam é que, nos poucos casos em que as mães referiram esta categoria, não foram acompanhadas pelos seus filhos nem pelos seus maridos).

b) FN, sobre a relação mãe / filho

No que respeita à relação mãe / filho, é também apenas na categoria "autoridade" que encontrámos discordância nas respostas. ($p \leq 0,05$). Desta vez são os pais (apenas 3, note-se) que referem a mãe como mais autoritária / exigente para os filhos, sem que mães ou filhos o façam.

Estas duas opiniões contrastantes (algumas mães acham-se mais exigentes com as filhas e alguns pais acham-nas mais exigentes com os filhos), vêm exactamente no sentido da não uniformidade das respostas nesta pergunta, isto é, parece de facto não haver um modelo típico de relação mãe / filha e mãe / filho, variando esta consoante a família, a mãe e os filhos.

c) FD, sobre a relação mãe / filha e sobre a relação mãe / filho

Nas FD, não se observaram diferenças significativas em nenhuma das categorias. De salientar apenas que, como é óbvio, a resposta mais frequente nas tríades é a de que não há diferenças na relação.

3.4.4. Comparação CN vs CD

3.4.5. Comparação MN vs MD

3.4.6. Comparação PN vs PD

Uma vez que em quase todos os grupos a resposta mais frequente foi a que não considera que a mãe tenha uma relação diferente com a filha e com o filho, fomos apenas comparar se os grupos se distinguiam nessa resposta, por oposição à resposta de que a relação é diferente. Verificámos, no entanto, que em nenhuma das pares se observam diferenças significativas entre as respostas "há diferenças" e "não há diferenças".

Enquanto que nas crianças e mães não nos surpreendeu este facto, porque as respostas de ambos (CN vs CD e MN vs MD) vão no mesmo sentido, nos grupos dos pais surpreendeu-nos pois, à partida, pensámos que, claramente, os PN diriam mais vezes do que os PD que a relação mãe / filha era diferente da relação mãe / filho.

Podemos **sintetizar** os resultados da **pergunta 4** do seguinte modo:

À excepção do grupo dos PN, a maioria dos sujeitos de todos os restantes grupos não considera haver diferença na relação mãe / filha e mãe / filho. Esta é, sem dúvida, a conclusão mais importante a tirar destes resultados, cuja justificação / explicação remetemos para o capítulo da discussão.

No grupo dos PN a maioria dos sujeitos, de facto, assinala a existência de diferenças. No entanto, as suas respostas dispersam-se por várias categorias, sugerindo uma grande divergência de opiniões, sem que nenhuma se assuma como característica dominante no grupo.

Este assinalar de diferenças pelos PN originou, como era de se esperar, diferenças significativas na comparação das respostas das FN, em que crianças e mães consideram sobretudo que a relação materna é idêntica para ambas as figuras. Ainda no seio destas famílias, vemos que algumas mães se vêem como mais autoritárias / exigentes para com as filhas, enquanto que alguns pais as vêem como mais autoritárias / exigentes em relação aos filhos. (Note-se, no entanto, que estes resultados têm muito pouca expressão no global das respostas).

De resto não se verificaram quaisquer diferenças significativas quer na análise das respostas das FD, quer na comparação das pares CN vs CD, MN vs MD e PN vs PD.

Em suma, podemos dizer que, em termos gerais, a relação da mãe com um filho ou com uma filha não é vista como diferente, e quando o é, a dispersão de respostas é grande, sugerindo que, provavelmente, aquilo que marca a diferença tem a ver com a experiência pessoal de cada um, e não com um padrão típico de relação da mãe com filho e filha.

3.5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PERGUNTA 5

Pergunta 5 - "Acha que o pai é diferente para uma filha e para um filho?"

3.5.1. Caracterização e análise das respostas de todos os grupos pelas categorias "há diferenças", "não há diferenças" e "não sei / não responde"

Quadro 29: Distribuição das respostas dos diferentes grupos pelas três categorias assinaladas

GRUPO →						
RESPOSTA ↓	CN	CD	MN	MD	PN	PD
"Há diferenças"	15	5	22	7	23	7
"Não há diferenças"	25	10	8	7	7	5
"Não sei / não responde"	1	1	3	2	0	0

Nesta pergunta, utilizámos o mesmo critério referido na anterior: só analisámos as respostas dos grupos em que mais de metade dos sujeitos considerou haver diferença ou seja: MN, PN e PD.

Quanto aos restantes, o que podemos dizer é que tanto as CN como as CD, referem maioritariamente que não há diferenças na relação pai / filho / filha. As MD dividem-se, metade dizendo que não há diferenças, outra metade dizendo que há.

Assim, as crianças mantêm, em termos gerais, a resposta da pergunta anterior; nas MD nota-se um ligeiro aumento das respostas "há diferença"; os PN mantêm também em termos gerais, a sua resposta a maioria continuando a achar que há diferença, e os PD, embora mais de metade o faça, é uma diferença muito ténue em relação à pergunta 4. É no grupo das MN que há grandes diferenças face à questão anterior: quando inquiridas sobre si próprias (ou antes, sobre a mãe) elas, maioritariamente, não consideraram ser diferente para um filho ou para uma filha, mas quando inquiridas sobre o pai, uma grande maioria considerou haver diferença. Provavelmente, tiveram mais facilidade, porque mais distantes, em caracterizar a relação do pai com os filhos, e diferenciá-la para filho e filha.

Passemos agora à caracterização das respostas que assinalam diferenças dos vários grupos. À semelhança do que fizemos na pergunta 4, apresentamos os quadros referentes a CN, CD e MD, a título meramente ilustrativo, sem contudo tecer sobre eles quaisquer considerações.

3.5.2. Caracterização das respostas de cada grupo, em que n = número de sujeitos que assinala diferenças

Relembramos as categorias de resposta definidas para esta pergunta:

- | | |
|-----------------------------------|---------------|
| 1) Afectividade / Proximidade | (Afect.) |
| 2) Educação sexual / Confidências | (Educ. Sex.) |
| 3) Autoridade / Exigência | (Aut.) |
| 4) Distância / Conflito | (Dist.) |
| 5) Competição / Rivalidade | (Comp.) |
| 6) Lazer (com filhos) | (Lazer) |
| 7) Protecção / Controle | (Protec.) |
| 8) Dar liberdade | (Dar Liberb.) |

a) Crianças Normais (n = 15)

Quadro 30: Distribuição das respostas das CN à pergunta 5 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	DIST.	COMP.	LAZER	PROTEC.	DAR LIBERD.
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	6	0	1	7	0	0	0	1
Filho	7	0	4	2	0	2	0	0

b) Crianças Deprimidas (n = 5)

Quadro 31: Distribuição das respostas das CD à pergunta 5 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	DIST.	COMP.	LAZER	PROTEC.	DAR LIBERD.
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	3	0	0	2	0	0	0	0
Filho	2	0	2	1	0	0	0	0

c) **Mães de Crianças Normais (n = 22)**

Quadro 32: Distribuição das respostas das MN à pergunta 5 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	DIST.	COMP.	LAZER	PROTEC.	DAR LIBERD.
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	13	0	2	3	0	0	4	0
Filho	6	0	8	5	0	0	0	3

(*)

Sobre a relação pai / filha, como se pode ver pelo quadro 32, a categoria mais referida é a "afectividade", sugerindo até, que para as MN, o pai é mais afectivo para as filhas do que para os filhos. No entanto, esta diferença não se mostrou significativa. A dispersão das restantes respostas por outras categorias levou a não se obter uma diferenciação clara daquilo que caracteriza a relação pai / filha, por oposição ao filho.

No que respeita ao filho, a categoria mais referida foi a "autoridade" / "exigência" havendo nesta diferença significativa em relação ao número de vezes que foi referida para a filha. É, aliás a única em que há diferença de realce assinalada por este grupo.

Portanto, se à primeira vista nos pareceu que, para as MN, a tendência era para considerar os pais mais afectivos e mais protectores para as filhas do que para os filhos e, para além disto, mais autoritários / exigentes mas dando maior liberdade ao filho do que à filha, apenas tomou significado, em termos estatísticos, a questão da maior autoridade face ao filho.

d) Mães de Crianças Deprimidas (n = 7)

Quadro 33: Distribuição das respostas das MD à pergunta 5 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	DIST.	COMP.	LAZER	PROTEC.	DAR LIBERD.
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	3	0	0	4	0	0	0	0
Filho	3	1	0	3	0	0	0	0

e) Pais de Crianças Normais (n = 23)

Quadro 34: Distribuição das respostas dos PN à pergunta 5 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	DIST.	COMP.	LAZER	PROTEC.	DAR LIBERD.
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	10	0	0	8	0	0	3	2
Filho	8	2	6	4	0	1	0	2

(*)

Em relação à filha, verifica-se uma divisão de opiniões entre categorias algo opostas entre si, como "afectividade" e "distância" e também "protecção" e "dar liberdade"; parece que os PN não são, então, de modo algum, unânimes no que respeita àquilo que caracteriza a relação pai / filha. Em nenhuma destas categorias se verificaram diferenças estatisticamente significativas face ao filho.

Considerando agora o filho, há também uma dispersão de respostas por várias categorias, sendo a mais referida a "afectividade" (tal como para a filha).

Foram também referidas as categorias "autoridade", "distância", "dar liberdade", "educação sexual" e "lazer". No entanto, só na primeira é que a diferença é significativa em relação ao número de referências à filha, isto é, tal como as MN, os PN vêem o pai como mais autoritário / exigente para o filho do que para a filha.

c) Pais de Crianças Deprimidas (n = 7)

Quadro 35: Distribuição das respostas dos PD à pergunta 5 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	EDUC. SEX.	AUT.	DIST.	COMP.	LAZER	PROTEC.	DAR LIBERD.
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	2	0	0	3	0	0	2	0
Filho	2	2	2	1	0	0	0	0

O pequeníssimo número de dados e a dispersão das respostas por várias categorias levaram a que não se encontrassem diferenças significativas entre as referências ao filho e à filha em nenhuma categoria. Para a filha, foram referidas as categorias "distância", "afectividade", "protecção" e para o filho "afectividade", "educação sexual", "autoridade" e "distância", mostrando claramente a não uniformidade das respostas.

3.5.3. Análise das respostas das tríades

a) FN, sobre a relação pai / filha

Antes de nos referir-mos concretamente à relação pai / filha, fazemos notar que, como não podia deixar de ser, há uma muito significativa discordância

nas respostas das tríades ($p < 0,01$) no que respeita a considerar idêntica a relação do pai para o filho e para a filha.

A análise feita até aqui permitia-nos já antever que as crianças iriam dar mais este tipo de resposta do que os seus pais e mães, o que de facto se verificou. Esta é a primeira grande diferença dentro das FN.

Concretamente sobre a relação pai / filha, a categoria mais referida pelas tríades foi a "afectividade", mas foi também a única em que se verificou haver discordância significativa entre as respostas dos elementos destas famílias ($p < 0,05$). Assim, as crianças dizem menos vezes que os seus pais e mães, que o pai é mais afectivo para a filha do que para o filho.

b) FN, sobre a relação Pai / filho

Aqui, verificámos que as FN são consonantes nas suas respostas, isto é, dentro de cada categoria, não há diferenças significativas entre as respostas dos vários elementos.

Na categoria "autoridade", parecia haver menor número de respostas dos filhos, mas, estatisticamente, não é significativo.

Portanto, dentro dos elementos das FN que consideraram ser diferente a relação pai / filho / filha, apenas se encontraram discordâncias significativas quanto à maior "afectividade" do pai face à filha.

c) FD, sobre a relação pai / filha e sobre a relação pai / filho

Em ambos os casos, verificámos que, de modo geral, os elementos destas tríades não discordam entre si. Quer dentro dos que acham que não há diferenças, quer dentro daqueles que acham que há, não se observam respostas significativamente discordantes no seio destas famílias.

3.5.4 Comparação CN vs CD

Tal como na pergunta anterior, comparámos apenas as respostas "não há diferenças" vs "há diferenças", na relação pois em ambos os grupos é mais

frequente a primeira. A análise estatística mostrou que os grupos não diferem significativamente neste tipo de respostas.

3.5.5. Comparação MN vs MD

Uma vez que não analisámos as diferenças assinaladas pelas MD, fomos apenas comparar se os grupos diferem, de facto, como aparentam, em termos de considerar idêntica ou não a relação pai / filha e pai / filho. Mais uma vez os resultados estatísticos nos surpreenderam bastante, ao revelar não significativa esta diferença entre MN e MD.

3.5.6. Comparação PN vs PD

A disparidade na dimensão dos grupos torna difícil a análise estatística.

Sobre a relação pai / filha, comparámos as categorias "afectividade" / "distância" / outras sem que as diferenças entre estes grupos se tenham mostrado significativas.

Também na análise da relação pai / filho não contrámos diferenças significativas, tendo sido feita a comparação "afectividade" / "autoridade" / "distância" / outras.

Passemos agora então a uma breve **síntese** destes resultados da **pergunta 5**.

Nos dois grupos de crianças mais de metade dos sujeitos considerou não haver diferença na relação do pai com o filho e com a filha. Nas MD, metade foi também desta opinião, pelo que, nestes três grupos, esta parece-nos a conclusão mais importante a realçar.

No que respeita à relação pai / filha, os três grupos que assinalaram diferenças face à relação pai / filho (MN, PN e PD), dispersaram bastante as suas respostas por várias categorias, sem que nenhuma delas, por isso mesmo, sobressaísse como característica diferenciada desta relação. Mesmo a ideia, algo frequente no senso comum, de que os pais serão mais afectivos com as filhas do que com os filhos, não aparece de modo nenhum patente nestes resultados, pois embora a categoria "afectividade" /

proximidade" tenha sido a mais referida por todos os grupos (em termos absolutos) não há, em nenhum deles, diferença de relevo entre o número de referências à filha e ao filho.

Quanto à relação pai / filho, MN e PN enfatizam que o pai é mais autoritário / exigente com este do que com a filha, sendo este o único aspecto que diferencia a relação em causa. Os PD de novo dispersam as suas respostas, sem que se destaquem quaisquer características marcantes.

A comparação intrafamiliar mostrou que nas FN, há mais filhos do que pais e mães a referir que a relação é idêntica (como era óbvio, dado o conjunto de respostas das CN). Mães e pais nestas famílias, por seu lado, referem mais vezes do que os seus filhos, que o pai é mais afectivo / próximo para a filha do que para o filho. (Note-se que isto significa apenas uma diferença de respostas intrafamiliar, sem que esta opinião destes adultos se assuma como característica das respostas dos grupos a que pertencem).

No seio das FD não se encontraram respostas significativamente discordantes.

As comparações entre os grupos independentes, CN vs CD, MN vs MD e PN vs PD, não revelaram diferenças significativas nas respostas a esta pergunta, em nenhuma das três parelhas.

Em suma, em termos da relação que o pai estabelece com o filho e com a filha podemos dizer que para uns não há diferença (três grupos) e para os outros que a consideram haver ela não é, de modo nenhum, uniforme. Varia, provavelmente, com a experiência e as circunstâncias de cada um, sem que pareçam padrões típicos. Destaca-se apenas que o pai é visto por dois grupos como mais autoritário / exigente para o filho do que para a filha.

3.6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PERGUNTA 6

Pergunta 6 - "Acha que os filhos e as filhas são diferentes na maneira de se darem com os pais (pai e mãe) ou acha que são iguais?"

3.6.1. Caracterização e análise das respostas de todos os grupos pelas categorias "há diferenças", "não há diferenças" e "não sei / não responde"

Quadro 36: Distribuição das respostas dos diferentes grupos pelas três categorias assinaladas

GRUPO →	CN	CD	MN	MD	PN	PD
RESPOSTA ↓						
"Há diferenças"	14	10	19	14	21	7
"Não há diferenças"	25	4	9	2	6	4
"Não sei / não responde"	2	2	5	0	3	1

Pela leitura do quadro 36, podemos ver que apenas o grupo das CN responde, em mais de metade dos casos, que não há diferença no modo como uma filha e um filho se relacionam com os pais. Nisto, este grupo diferencia-se claramente dos restantes, sendo esta a característica principal das suas respostas.

Assim, iremos analisar todas as respostas de todos os outros grupos, tentando caracterizar as diferenças por eles assinaladas.

À semelhança do que temos vindo a fazer apresentaremos, no entanto, o quadro relativo às diferenças assinaladas pelas CN.

3.6.2. Caracterização das respostas de cada grupo, em que n = número de sujeitos que assinala diferenças

Relembramos as categorias de resposta definidas para esta pergunta:

- | | |
|-------------------------------|---------------------|
| 1) Afectividade / Dependência | (Afect.) |
| 2) Maior ligação à mãe | (Maior Lig. à mãe) |
| 3) Maior ligação ao pai | (Maior Lig. ao pai) |
| 4) Ajuda | |
| 5) Vivacidade / Movimento | (Vivac.) |
| 6) Independente / Rebelde | (Indep.) |
| 7) Conflito com o pai | (Conf. com o pai) |
| 8) Conflito com a mãe | (Conf. com a mãe) |

a) Crianças Normais (n = 14)

Quadro 37: Distribuição das respostas das CN à pergunta 6 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	MAIOR LIGAC. À MÃE	MAIOR LIGAC. AO PAI	AJUDA	VIVAC.	INDEP.	CONF. COM O PAI	CONF. COM A MÃE
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	4	5	2	2	0	1	0	0
Filho	2	2	6	0	1	3	0	0

b) Crianças Deprimidas (n = 10)

Quadro 38: Distribuição das respostas das CD à pergunta 6 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	MAIOR LIGAC. À MÃE	MAIOR LIGAC. AO PAI	AJUDA	VIVAC.	INDEP.	CONF. COM O PAI	CONF. COM A MÃE
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	2	5	1	0	0	1	0	1
Filho	0	1	5	1	1	1	1	0

Para este grupo, metade das respostas sobre a filha, referem-na com "maior ligação à mãe" e metade sobre o filho referem-no com "maior ligação ao pai". As restantes dispersam-se sem expressão relevante por várias categorias.

Não se encontraram diferenças significativas entre as referências ao filho e à filha em nenhuma das categorias.

c) Mães de Crianças Normais (n = 19)

Quadro 39: Distribuição das respostas das MN à pergunta 6 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	MAIOR LIGAC. À MÃE	MAIOR LIGAC. AO PAI	AJUDA	VIVAC.	INDEP.	CONF. COM O PAI	CONF. COM A MÃE
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	6	4	7	0	1	0	0	1
Filho	2	7	4	0	0	5	0	1

Em relação à filha, predominam as respostas nas categorias "maior ligação ao pai" e "afectividade", seguindo-se a "maior ligação à mãe". Nota-se assim alguma dispersão das respostas, sem haver diferenças significativas, face ao filho, em nenhuma das categorias.

Sobre o filho, prevalecem as referências nas categorias de "maior ligação à mãe" e "independência", sem que também se destaque de forma relevante em relação à filha.

Portanto, se à primeira vista nos parecia que as MN consideravam as filhas mais afectivas (no sentido de mais próximas, mais ligadas) aos pais (ambos, pai e mãe) e os filhos mais independentes e, por outro lado, a filha mais ligada ao pai e o filho à mãe, nada disto se mostrou significativo em termos estatísticos.

d) Mães de Crianças Deprimidas (n = 14)

Quadro 40: Distribuição das respostas das MD à pergunta 6 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	MAIOR LIGAC. À MÃE	MAIOR LIGAC. AO PAI	AJUDA	VIVAC.	INDEP.	CONF. COM O PAI	CONF. COM A MÃE
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	3	3	5	0	0	3	0	0
Filho	3	5	3	0	1	2	0	0

Como se pode ver pela leitura do quadro 40, em nenhuma das categorias há diferenças significativas entre as referências à filha e ao filho.

Podemos dizer que, sobre a filha, as respostas dispersam-se pelas categorias "afectividade", "maior ligação à mãe", "maior ligação ao pai" e "independente", sendo a mais referida "maior ligação ao pai" (5 vezes).

Sobre o filho, as respostas dispersam-se pelas mesmas e ainda uma na categoria "vivacidade", sendo a mais referida a "maior ligação à mãe" (também 5 vezes).

Portanto, se existe alguma tendência, é a de as MD considerarem que as filhas têm maior ligação ao pai e os filhos à mãe, sem que no entanto isto seja significativo em termos estatísticos.

e) Pais de Crianças Normais (n = 21)

Quadro 41: Distribuição das respostas dos PN à pergunta 6 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	MAIOR LIGAC. À MÃE	MAIOR LIGAC. AO PAI	AJUDA	VIVAC.	INDEP.	CONF. COM O PAI	CONF. COM A MÃE
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	9	6	6	0	0	0	0	0
Filho	0	5	5	0	2	7	1	1

(**)

(**)

Para este grupo aquilo que distingue a relação das filhas com os pais (pai e mãe) é o facto de elas serem mais afectivas, mais próximas, mais "dependentes" destes do que os filhos. No que respeita a serem mais ligadas ao pai ou à mãe do que os filhos, as opiniões dividem-se, sem expressarem diferenças significativas.

Sobre o filho, por oposição à filha, os PN vêem-no como mais independente sendo aqui também significativa esta diferença. Também não são unânimes, como se pode ver, em considerar se o filho é mais ligado à mãe ou ao pai do que a filha.

Em suma, os PN caracterizam a relação filhas / pais como mais dependente, mais afectiva do que a dos filhos, e estes mais independentes, mais "soltos" da protecção parental.

f) Pais de Crianças Deprimidas (n = 7)

Quadro 42: Distribuição das respostas dos PD à pergunta 6 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	MAIOR LIGAC. À MÃE	MAIOR LIGAC. AO PAI	AJUDA	VIVAC.	INDEP.	CONF. COM O PAI	CONF. COM A MÃE
REFERÊNCIA A ↓								
Filha	4	3	0	0	0	0	0	0
Filho	0	0	3	0	1	3	0	0

Como se pode ver no quadro 42 as respostas dos PD sobre as filhas dividem-se apenas entre as categorias a "afectividade" e "maior ligação à mãe", sem que nestas se observem diferenças marcantes face às referências ao filho.

Quanto aos filhos, as referências concentram-se nas categorias "maior ligação ao pai" e "independência", sem que também se assinalem quaisquer diferenças de relevo, face às referências à filha nas mesmas categorias.

3.6.3. Análise das respostas das tríades

a) FN, sobre a filha e sobre o filho

Antes de referir concretamente os aspectos que se prendem com a filha e o filho, fazemos notar que, como era de se esperar, estas tríades respondem diferentemente no que respeita a considerar se filhos e filhas têm ou não uma relação igual com os pais. Já tendo visto que nas CN predomina a ideia de que não há diferenças, é óbvio que ao analisar as tríades na categoria "não há diferenças", fomos encontrar diferenças altamente significativas ($p < 0,01$).

Em relação às referências à filha e ao filho não encontramos diferenças significativas, no seio das FN, em nenhuma das categorias.

b) FD, sobre a filha e sobre o filho

Os elementos que formam as tríades mostraram concordância entre si, não diferindo as suas respostas em termos significativos, quer em relação à filha, quer em relação ao filho.

3.6.4. Comparação CN vs CD

Já vimos que, nas CN, predomina a resposta de "não há diferenças", o que não acontece nas CD. Esta diferença entre os dois grupos de crianças é significativa ($p < 0,05$).

3.6.5. Comparação MN vs MD

Sobre a(s) filhas e filho(s):

Não encontramos diferenças significativas na comparação que fizemos ("afectividade" / "ligação ao pai" / "independência" / e "outras" para a filha, e "ligação à mãe", "independência" para o filho).

3.6.6. Comparação PN vs PD

A grande disparidade na dimensão dos grupos, aliada ao extenso número de categorias, provavelmente contribuiu para não ser possível diferenciar estatisticamente as suas respostas.

Sobre a relação das filhas com os progenitores, embora à partida tivéssemos pensado que os PN dariam mais ênfase à "maior ligação ao pai" do que os PD, tal não se verificou.

Também sobre a relação filho / pais não encontramos diferenças significativas entre estes dois grupos, embora se pudesse pensar que os PN dariam, proporcionalmente, mais peso à categoria "maior ligação à mãe", o que não se verificou.

Desta **pergunta 6**, que visava diferenciar a relação das filhas vs filhos com os pais, (ambos pai e mãe), podemos **resumir** que:

As CN são o único grupo em que a maioria dos sujeitos não considera haver diferenças no tipo de relação em causa. Por incapacidade de as descrever / elaborar ou porque, de facto, não as sentem, fica em aberto.

Dos restantes, exceptuando os PN, nota-se uma dispersão das respostas, que poderá sugerir, nalguns grupos a maior afectividade / proximidade das filhas e a maior independência dos filhos face à protecção familiar (MN e PD), noutros a maior ligação das filhas à mãe e dos filhos ao pai (CD e PD) e noutras a maior ligação das filhas ao pai e dos filhos à mãe (MN e MD).

No entanto, não há de facto unanimidade nas respostas destes grupos, o que impede de fazer uma caracterização típica da relação das filhas e filhos com os pais.

Quanto aos PN, são os únicos que, em maior consonância, dizem que a filha é mais afectiva / dependente dos pais e o filho mais independente, mais solto da tutela familiar. Portanto, este é o único grupo que "define" uma característica, um padrão mais geral da relação filho / filha / pais, sendo claro que, nos restantes, este padrão não se define, variando provavelmente entre e intra famílias.

Nas FN a divergência baseia-se apenas no ponto de vista das CN, já referido.

Nas FD não se registaram diferenças significativas entre as respostas dos elementos que compõem as tríades.

Na comparação intergrupos, CN vs CD, MN vs MD e PN vs PD, apenas há a realçar o já referido predomínio, nas CN, das respostas "não há diferenças".

É curioso ver que sobre a mãe e o pai (pergunta 1 e 2) fomos capazes de identificar alguns traços predominantes na relação, enquanto que sobre os filhos e as filhas isso não aconteceu, para a maioria dos grupos. Estes resultados, em termos gerais, parecem apontar para a não existência de um estilo padronizado de relação das filhas com os progenitores demarcado do dos filhos. O que existe, provavelmente, é um somatório de casos particulares, que variam muito entre si.

3.7. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PERGUNTA 7

Pergunta 7 - "Que coisas é que o filho costuma fazer? E que coisas é que a filha costuma fazer?"

Recordamos que o objectivo desta pergunta era, tal como na 2, concretizar um pouco aquilo que era dito na 6, isto é: tal como na 1, na 6 pedia-se para caracterizar a relação, e tal como na 2, na 7 pedia-se para concretizar a acção, as tarefas, no fundo o concreto da relação.

As respostas a esta pergunta vão muito para actividades das crianças que não envolvem obrigatoriamente a relação com os pais, o que pode ser devido ao modo como a pergunta foi posta (talvez pouco explícita, estranha a quem não está por dentro do estudo) e também à dificuldade dos sujeitos em uniformizar / generalizar sobre os "filhos" e as "filhas". Obtivemos respostas muito diversas, o que obrigou a um grande número de categorias.

3.7.1. Caracterização e análise das respostas de todos os grupos pelas categorias "há diferenças", "não há diferenças" e "não sei / não responde"

Quadro 43: Distribuição das respostas dos diferentes grupos pelas três categorias assinaladas

GRUPO →	CN	CD	MN	MD	PN	PD
RESPOSTA ↓						
"Há diferenças"	39	14	20	10	22	10
"Não há diferenças"	2	2	11	4	6	1
"Não sei / não responde"	0	0	2	2	2	1

Como se pode ver pelo quadro, a maioria dos sujeitos, em todos os grupos, assinalam diferenças entre as tarefas / actividades do filho e da filha, o que nos levou a uma análise exaustiva de todos os grupos.

3.7.2. Caracterização das respostas de cada grupo, em que n = número de sujeitos que assinala diferenças

As categorias de resposta definidas para esta pergunta foram as seguintes:

- | | |
|---|-----------------|
| 1) Afetividade / Dependência | (Afect.) |
| 2) Ajuda o pai | |
| 3) Ajuda a mãe | |
| 4) Brincadeiras tradicionais de rapazes | (Brinc. rapaz) |
| 5) Brincadeiras tradicionais de raparigas | (Brinc. Rapar.) |
| 6) Novas Tecnologias | (N.T.) |
| 7) Independente / Rebelde | (Indep.) |
| 8) Oposição / Persistência | (Opos.) |
| 9) Obediência | (Obed.) |
| 10) Estudar | (Est.) |

a) Crianças Normais (n = 39)

Quadro 44: Distribuição das respostas das CN à pergunta 7 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFFECT.	AJUDA A MÃE	AJUDA O PAI	BRINC. RAPAZ	BRINC. RAPAR.	N.T.	INDEP.	OPOS.	OBED.	EST.
REFERÊNCIA A ↓										
Filha	1	7	1	0	29	0	0	0	0	1
Filho	0	2	3	29	0	2	1	0	1	1

(**)

(**)

Sobre as filhas, destaca-se a categoria de "brincadeiras de rapariga" em que a diferença é muitíssimo significativa face aos filhos (outra coisa não seria de esperar, diga-se).

Das 7 respostas dadas na categoria "ajudar a mãe", 6 foram dadas por raparigas. Embora não significativa, é de notar esta disparidade entre raparigas e rapazes deste grupo. Pareceu-nos, além disto, que no conjunto, as CN dariam mais ênfase à filha na ajuda à mãe do que ao filho, mas esta diferença também não se mostrou significativa.

Sobre os filhos, as respostas concentram-se sobretudo na categoria "brincadeiras de rapaz", também com diferenças altamente significativas face à filha. Há uma ligeira dispersão das restantes respostas por várias categorias, sem expressão de relevo.

Portanto, para as CN, o que caracteriza as actividades das filhas e dos filhos são, basicamente, as (tradicional) brincadeiras de raparigas e rapazes, respectivamente.

b) Crianças Deprimidas (n = 14)

Quadro 45: Distribuição das respostas das CD à pergunta 7 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFFECT.	AJUDA A MÃE	AJUDA O PAI	BRINC. RAPAZ	BRINC. RAPAR.	N.T.	INDEP.	OPOS.	OBED.	EST.
REFERÊNCIA A ↓										
Filha	0	4	0	0	8	0	0	1	0	1
Filho	0	0	1	10	0	0	0	0	0	3

(**)

(**)

Sobre a filha, tal como no grupo anterior, há forte concentração das respostas na categoria "brincadeiras de raparigas", a única em que as filhas diferem significativamente dos filhos. As restantes respostas são dispersas por várias categorias: "ajudar a mãe", "oposição" e "estudar".

Sobre o filho, também, a única categoria em que este difere significativamente da filha é nas "brincadeiras", neste caso, típicas de rapazes, sendo além desta, também referidas as categorias "estudar" e "ajudar o pai".

Portanto, para este grupo, tal como no anterior, aquilo que caracteriza as actividades das filhas e dos filhos são as suas "brincadeiras", típicas de raparigas e rapazes, respectivamente.

c) Mães de Crianças Normais (n = 20)

Quadro 46: Distribuição das respostas das MN à pergunta 7 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFFECT.	AJUDA A MÃE	AJUDA O PAI	BRINC. RAPAZ	BRINC. RAPAR.	N.T.	INDEP.	OPOS.	OBED.	EST.
REFERÊNCIA A ↓										
Filha	0	5	0	0	11	0	1	3	0	0
Filho	2	0	2	11	0	0	2	0	1	2

(**) (**)

Embora havendo maior dispersão das respostas das MN por outras categorias que não as "brincadeiras de rapazes" e "brincadeiras de raparigas" (relativamente à dispersão encontrada nas CN e CD), as únicas categorias em que filhos se distinguem claramente de filhas são também as "brincadeiras". Nota-se, além disso, alguma tendência, ainda que não significativa para as MN considerarem que as filhas ajudam mais a mãe do que os filhos.

d) Mães de Crianças Deprimidas (n = 10)

Quadro 47: Distribuição das respostas das MD à pergunta 7 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFFECT.	AJUDA A MÃE	AJUDA O PAI	BRINC. RAPAZ	BRINC. RAPAR.	N.T.	INDEP.	OPOS.	OBED.	EST.
REFERÊNCIA A ↓										
Filha	0	6	0	0	3	0	0	0	1	0
Filho	0	0	1	6	0	0	3	0	0	0

(*) (*)

Relativamente à filha, mais de metade das respostas estão na categoria "ajudar a mãe", diferindo esta significativamente relação ao filho. As restantes respostas

dispersam-se pelas "brincadeiras" e "obediência", sem que haja diferenças de realce.

Sobre o filho, aquilo que o caracteriza, segundo as MD, são as "brincadeiras de rapazes", categoria em que também encontrámos diferenças salientes. Foram também referidas as categorias "independência" e "ajudar o pai", mas não de forma significativamente diferente em relação à filha.

Resumindo, para as MD a filha é caracterizada sobretudo por actividades de ajuda à mãe e o filho pelas brincadeiras típicas de rapaz.

e) Pais de Crianças Normais (n = 23)

Quadro 48: Distribuição das respostas dos PN à pergunta 7 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFFECT.	AJUDA A MÃE	AJUDA O PAI	BRINC. RAPAZ	BRINC. RAPAR.	N.T.	INDEP.	OPOS.	OBED.	EST.
REFERÊNCIA A ↓										
Filha	4	4	0	1	11	0	0	1	1	0
Filho	0	0	3	14	1	1	1	0	1	1

(**)

(**)

Em relação à filha, metade dos sujeitos referiram a categoria "brincadeira de raparigas", havendo nesta diferenças marcantes face ao filho. As restantes respostas estão dispersas por outras categorias, sem expressão relevante.

Sobre o filho, mais de metade dos sujeitos refere as "brincadeiras de rapazes" (significativamente diferente da filha). As outras referências dispersam-se por várias categorias.

Portanto, também neste grupo, as diferenças marcantes entre filho e filha assentam nas diferentes brincadeiras que uns e outros têm, respectivamente típicas de rapazes e de raparigas.

f) Pais de Crianças Deprimidas (n = 10)

Quadro 49: Distribuição das respostas dos PD à pergunta 7 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFFECT.	AJUDA A MÃE	AJUDA O PAI	BRINC. RAPAZ	BRINC. RAPAR.	N.T.	INDEP.	OPOS.	OBED.	EST.
REFERÊNCIA A ↓										
Filha	0	6	0	0	3	0	0	0	1	0
Filho	0	0	4	3	0	1	2	0	0	0

(*)

Curiosamente, em relação à filha, as respostas dos PD vão na mesma linha das MD: prevalecem as referências na categoria "ajudar a mãe", a única em que há diferenças significativas face ao filho. As restantes respostas dividem-se entre as categorias "brincadeira de raparigas" e "obediência".

Em relação ao filho, a "ajudar o pai" é a mais referida, mas a dispersão de respostas é grande, não havendo diferenças significativas em nenhuma categoria.

Em síntese, para os PD a diferença de actividades entre filho e filha está em que a filha é principalmente vista como aquela que ajuda a mãe, vindo as "brincadeiras" em segundo plano, enquanto que sobre o filho há maior dispersão nas respostas, alternando basicamente entre "ajudar o pai" e "brincadeiras de rapaz".

3.7.3. Análise das respostas da tríades

a) FN, sobre a filha

Antes de mais, as respostas dos elementos que compõem as tríades das FN diferem ao considerar se há ou não diferenças entre aquilo que os filhos e

as filhas fazem. Mães referem mais vezes que não há diferença (10), pais menos (6) e filhos menos ainda (2), resultados significativamente diferentes ($p < 0,05$).

Em relação à filha, embora a categoria "brincadeiras de raparigas" tenha sido a mais referida por todos os elementos que compõem as FN, ela é bastante mais infantizada pelos filhos do que pelos pais e mães ($p < 0,01$). No fundo é apenas uma diferença quantitativa e não qualitativa na caracterização das actividades da filha, já que é só nesta categoria que todos os elementos a diferenciam do filho.

b) FN, sobre o filho

Do mesmo modo se verifica que os filhos, nas FN, dão mais relevo à "brincadeira de rapaz" enquanto característica típica dos rapazes, do que os seus progenitores. Estes, apesar de também recorrerem a esta categoria para fazer a distinção filho / filha, dispersam mais as suas respostas por outras categorias. Esta diferença de peso dada às "brincadeiras de rapazes" pelos diferentes elementos que compõem as tríades é significativa ($p < 0,05$).

c) FD, sobre a filha

A análise das respostas da FD revelou não haver discordância entre as respostas dos elementos que as compõem, em nenhuma das categorias. Este facto parece discordante com a caracterização feita por cada um dos grupos no ponto anterior. No entanto, relembramos aqui que esta análise se baseia em 12 tríades, que não correspondem exactamente ao **n** utilizado aquando da caracterização feita no ponto 2. (Só a título de exemplo, duas das crianças que compõem estas tríades responderam "não haver diferença" entre filho e filha, logo não estão incluídas no quadro 44 referente à caracterização das diferenças assinaladas pelas CD.).

d) FD, sobre o filho

Sobre o filho sobressaem somente diferenças na categoria "estudar". Esta categoria é apenas referida por 3 crianças (curiosamente 3 rapazes), mas é o

suficiente para que a diferença se revele significativa ($p < 0,05$) porque nenhum dos progenitores a referiu.

(Nota: Embora tenham sido só 3 crianças a referir isto, na altura das entrevistas foi um facto que nos impressionou, pois estes miúdos referiram o estudo quase como um castigo para si, o que não acontecia com as raparigas / irmãs: num caso à filha cabia ajudar a mãe, e noutros dois podia brincar enquanto eles tinham que estudar. Havia uma certa indignação em tudo isto.).

3.7.4. Comparação CN vs CD

Sobre a filha, as respostas de ambos os grupos vão no mesmo sentido, sendo as categorias mais referidas "brincadeiras de rapariga" e "Ajudar à mãe".

Sobre o filho, embora os resultados nos tenham sugerido que na categoria estudar pudesse haver diferenças entre os dois grupos, tal não se verificou. (Comparámos "Brincadeiras de rapaz" / "estudar" / outras, sem que as diferenças se tenham revelado significativas).

Portanto, em síntese, não há diferenças significativas entre os dois grupos de crianças, na caracterização feita sobre aquilo que os filhos e as filhas fazem.

3.7.5. Comparação MN vs MD

Em relação à filha, pareceu-nos que haveria, nas MD, uma maior tendência para referir a ajuda mãe. Contudo, comparamos "brincadeiras de rapariga" / "ajuda à mãe" / outras, e não encontrámos diferenças significativas entre os dois grupos.

Quanto ao filho, ambos os grupos enfatizam mais a "brincadeira de rapaz", não apresentando diferenças significativas entre si (Aglutinação: "brincadeira de rapaz" / "independência" / outras.).

3.7.6. Comparação PN vs PD

Em relação à filha, tal como aconteceu no caso das MD, os resultados sugeriram maior ênfase dos PD na categoria "ajuda à mãe". No entanto, ao

comparar-mos "brincadeiras de rapariga / ajuda à mãe / outras", a diferença entre os grupos não se mostrou significativa.

Também não encontrámos diferenças significantes entre os dois grupos de pais, no que respeita às características das actividades do filho (comparação: "brincadeiras de rapaz" / "ajudar o pai" / outras).

Em **síntese** final sobre a **pergunta 7**, podemos dizer o seguinte:

O primeiro aspecto que queremos referir é o de que não nos parece ter sido fácil, para a maioria dos sujeitos, responder a esta pergunta. As crianças aparentaram maior facilidade porque, ao ser-lhes pedido o concreto da acção dos filhos e filhas, centraram as respostas em termos daquilo que fazem e vêem os outros fazer, isto é, nas brincadeiras. Para os pais e mães, embora a referência às brincadeiras também tenha sido como critério de diferenciação, houve alguma dificuldade em responder à pergunta de forma diferente. Sentimos muitas hesitações, ficando-nos a ideia de que a pergunta não era muito óbvia, pelo menos na formulação apresentada.

Passando agora à síntese dos resultados propriamente ditos, podemos dizer que, em relação às actividades das filhas quatro grupos caracterizaram-nas sobretudo pelas "brincadeiras de raparigas", e os restantes dois (MD e PD) referiram a "ajuda à mãe". Isto quer dizer que, para os primeiros quatro grupos é nas brincadeiras que a filha se diferencia do filho, e para os dois últimos é na ajuda que dão à mãe.

Quanto ao filho, à excepção dos PD, todos caracterizaram as suas actividades pelas brincadeiras que têm, tipicamente de rapaz. Os PD não foram unânimes nas suas respostas, pelo que a dispersão levou a que em nenhuma categoria o filho se diferenciasse da filha, de forma significativa.

Nas FN, é de notar que pais e mães, acentuam mais do que os filhos que não há diferença entre aquilo que o filho e a filha fazem. Por seu lado, os filhos dão mais peso do que pais e mães às brincadeiras das filhas e às brincadeiras dos filhos.

Nas FD, em relação à filha, não há diferenças relevantes nas respostas das tríades. No entanto, a respeito do filho, as crianças destas famílias dão mais peso do que os seus progenitores à categoria estudar.

Por último, as comparações CN vs CD, MN vs MD e PN vs PD não revelaram ser significativamente diferentes as respostas destes grupos. Se isto aparenta ser contraditório com os resultados do ponto 2 já referidos acima (MD e PD enfatizarem mais a ajuda à mãe prestada pelas filhas), é justificado apenas pelos diferentes tipos de tratamento estatístico utilizados nos diversos passos de análise destes resultados.

3.8. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PERGUNTA 8

Pergunta 8 - "Que coisas é que acha que rapazes é que costumam fazer? E que coisas é que é que acha que as raparigas é que costumam fazer?"

3.8.1. Caracterização e análise das respostas de todos os grupos pelas categorias "há diferenças", "não há diferenças" e "não sei / não responde"

Quadro 50: Distribuição das respostas dos diferentes grupos pelas três categorias assinaladas

GRUPO →	CN	CD	MN	MD	PN	PD
RESPOSTA ↓						
"Há diferenças"	38	16	27	13	25	9
"Não há diferenças"	2	0	6	1	5	3
"Não sei / não responde"	1	0	0	2	0	0

Todos os grupos afirmam claramente que aquilo que as raparigas fazem é diferente do que os rapazes fazem, pelo que iremos proceder à análise dessas diferenças.

Note-se que à semelhança das perguntas 2 e 3, esta pergunta 8, por comparação com a 7, pretendia verificar se haveria relação entre as imagens de filha e rapariga e de filho

e rapaz. No fundo ver se aquilo que se acha que é típico dos rapazes e raparigas (e que tem a ver com a identidade sexual), corresponde também àquilo que é próprio dos filhos e filhas, na sua relação com os pais.

3.8.2. Caracterização das respostas de cada grupo, em que n = número de sujeitos que assinala diferenças

Lembramos aqui as categorias de resposta definidas para esta pergunta:

- | | |
|---|-----------------|
| 1) Afectividade / Proximidade | (Afect.) |
| 2) Ajuda o pai | |
| 3) Ajuda a mãe | |
| 4) Brincadeiras tradicionais de rapazes | (Brinc. rapaz) |
| 5) Brincadeiras tradicionais de raparigas | (Brinc. Rapar.) |
| 6) Novas Tecnologias | (N.T.) |
| 7) Independente / Rebelde | (Indep.) |
| 8) Estudar | (Est.) |

a) Crianças Normais (n = 38)

Quadro 51: Distribuição das respostas das CN à pergunta 8 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	AJUDA A MÃE	AJUDA O PAI	BRINC. RAPAZ	BRINC. RAPAR.	N.T.	INDEP.	EST.
REFERÊNCIA A ↓								
Rapariga	2	5	0	0	27	1	1	2
Rapaz	1	0	2	35	0	0	0	0

(**) (**)

Sobre as raparigas, a maioria das respostas concentra-se na categoria "brincadeiras de raparigas", sendo a diferença, face aos rapazes, altamente significativa. Há, no entanto, alguma dispersão das restantes respostas por outras categorias: "Ajudar à mãe", "Afectividade", "estudar", "novas tecnologias e independente", não havendo nestas diferenças significativas face ao rapaz.

Sobre o rapaz, há forte concentração das respostas na categoria "brincadeiras de rapaz", sendo a dispersão das restantes mínima e inexpressiva.

Sem dúvida, raparigas e rapazes distinguem-se, segundo as CN, pelo tipo de brincadeiras que têm.

b) Crianças Deprimidas (n = 16)

Quadro 52: Distribuição das respostas das CD à pergunta 8 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	AJUDA A MÃE	AJUDA O PAI	BRINC. RAPAZ	BRINC. RAPAR.	N.T.	INDEP.	EST.
REFERÊNCIA A ↓								
Rapariga	0	2	0	0	12	1	0	1
Rapaz	0	0	0	13	0	1	0	2

(**) (**)

Também este grupo distingue as raparigas e os rapazes sobretudo pelo tipo de brincadeiras que têm, sendo as categorias "brincadeiras de rapaz" e "brincadeiras de rapariga" as únicas em que as referências a uns e a outros são significativamente diferentes.

Apenas de salientar que, embora não tenha qualquer expressão no global das respostas, volta a haver aqui, em relação ao rapaz, duas referências à categoria "estudar", dadas pelos mesmos sujeitos que as referiram na pergunta anterior.

c) Mães de Crianças Normais (n = 27)

Quadro 53: Distribuição das respostas das MN à pergunta 8 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	AJUDA A MÃE	AJUDA O PAI	BRINC. RAPAZ	BRINC. RAPAR.	N.T.	INDEP.	EST.
REFERÊNCIA A ↓								
Rapariga	1	1	0	0	25	0	0	0
Rapaz	0	0	1	24	0	1	1	0

(**)

(**)

Distribuição de respostas semelhante às anteriores, em que o que distingue, de forma muito significativa, as raparigas dos rapazes são as "brincadeiras de rapariga" e as "de rapaz".

d) Mães de Crianças Deprimidas (n = 13)

Quadro 54: Distribuição das respostas das MD à pergunta 8 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	AJUDA A MÃE	AJUDA O PAI	BRINC. RAPAZ	BRINC. RAPAR.	N.T.	INDEP.	EST.
REFERÊNCIA A ↓								
Rapariga	0	3	0	0	8	1	1	0
Rapaz	0	1	0	11	0	0	1	0

(**)

(**)

Em relação à rapariga, as MD também privilegiam a categoria "brincadeira de raparigas", a única em que há diferenças significativas face ao rapaz ($\alpha=0,01$). No entanto, observam-se algumas referências na categoria "ajuda à mãe", que embora não expressivas, vão um pouco no sentido das respostas deste grupo à pergunta 7, isto é, de que as filhas se caracterizam sobretudo pela ajuda à mãe.

Sobre o rapaz, há quase total unanimidade na referência à categoria "brincadeira de rapaz", sendo a diferença nesta categoria, face à rapariga, altamente significativa.

e) Pais de Crianças Normais (n = 25)

Quadro 55: Distribuição das respostas dos PN à pergunta 8 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	AJUDA A MÃE	AJUDA O PAI	BRINC. RAPAZ	BRINC. RAPAR.	N.T.	INDEP.	EST.
REFERÊNCIA A ↓								
Rapariga	3	3	0	0	19	0	0	0
Rapaz	0	0	1	20	0	3	1	0

(**) (**)

De novo, sobre a rapariga, a tónica é posta sobretudo na categoria "brincadeiras de rapariga", com dispersão inexpressiva pelas "afectividade" e "ajuda à mãe".

O mesmo se pode dizer em relação ao rapaz, isto é, o que o diferencia das raparigas são as "brincadeiras de rapaz", sendo também aqui mínima a dispersão por outras categorias.

f) Pais de Crianças Deprimidas (n = 9)

Quadro 56: Distribuição das respostas dos PD à pergunta 8 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	AJUDA A MÃE	AJUDA O PAI	BRINC. RAPAZ	BRINC. RAPAR.	N.T.	INDEP.	EST.
REFERÊNCIA A ↓								
Rapariga	0	0	0	0	9	0	0	0
Rapaz	0	0	0	9	0	0	0	0

$$\begin{pmatrix} * & * \end{pmatrix} \quad \begin{pmatrix} * & * \end{pmatrix}$$

Este é o grupo mais radical, cujas respostas incidem exclusivamente nas categorias "brincadeiras de raparigas" e "brincadeiras de rapaz". Portanto, para os PD, a única actividade que diferencia raparigas de rapazes, é o tipo de brincadeiras.

3.8.3. Análise das respostas das tríades

a) FN, sobre o rapaz e sobre a rapariga

Como era previsível pelos resultados do ponto 2, as FN apresentam uma concordância de respostas em todas as categorias, quer sobre a rapariga quer sobre o rapaz.

b) FD, sobre o rapaz e sobre a rapariga

Também nas FD não há resultados significativamente discordantes sobre o rapaz ou sobre a rapariga, em nenhuma das categorias de resposta definidas para esta pergunta.

3.8.4. Comparação CN vs CD

Ambos os grupos referem sobretudo as "brincadeiras" para a distinguir aquilo que um rapaz faz daquilo que faz uma rapariga, não diferindo significativamente entre si.

3.8.5. Comparação MN vs MD

As respostas de ambos os grupos vão no mesmo sentido, como já se viu, não revelando diferenças significativas. Realçamos mais uma vez aquilo que já dissemos aquando da caracterização das respostas das MD, que estas dão algum peso à categoria "ajudar a mãe", embora sem expressão significativa.

3.8.6. Comparação PN vs PD

Embora os PD tenham respondido exclusivamente nas categorias "brincadeiras de raparigas" e "brincadeiras de rapazes", e os PN tenham referido, para além destas, outras categorias, os dois grupos não diferem significativamente na caracterização que fazem das actividades dos rapazes e das raparigas.

Em **síntese**, o que podemos dizer das respostas a esta **pergunta 8**, é que é sobretudo pelo tipo de brincadeiras que os diferentes grupos distinguem as actividades dos rapazes das das raparigas.

Esta é a opinião, em termos gerais, de todos os grupos, havendo concordância intrafamiliar e também intergrupos.

Parece então que foi mais fácil para os sujeitos caracterizar as actividades da rapariga e do rapaz do que fazê-lo em relação ao filho ou à filha.

Da comparação das respostas desta pergunta com a anterior, ressalta que enquanto nesta todos os grupos dão maior ênfase à "brincadeira", na anterior, MD e PD referem mais, em relação à filha, a categoria "ajuda a mãe".

3.9. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PERGUNTA 9

Pergunta 9 - "Acha que o filho é diferente para o pai e para a mãe?"

3.9.1. Caracterização e análise das respostas de todos os grupos pelas categorias "há diferenças", "não há diferenças" e "não sei / não responde"

Quadro 57: Distribuição das respostas dos diferentes grupos pelas três categorias assinaladas

GRUPO →	CN	CD	MN	MD	PN	PD
RESPOSTA						
↓						
"Há diferenças"	13	10	23	10	21	8
"Não há diferenças"	28	6	7	5	8	2
"Não sei / não responde"	0	0	3	1	1	2

Como se pode ver, à excepção das CN, em todos os grupos, a maioria dos sujeitos considera que o filho é diferente, ou tem uma relação diferente com o pai e com a mãe. As CN distinguem-se assim dos restantes grupos, sendo este não assinalar de diferenças a conclusão mais importante a tirar das suas respostas. Apresentaremos contudo, tal como temos vindo a fazer, o quadro de distribuição das poucas respostas que consideram diferenças.

3.9.2. Caracterização das respostas de cada grupo, em que n = número de sujeitos que assinala diferenças

As categorias de resposta definidas para esta pergunta foram as seguintes:

- | | |
|----------------------------------|--------------|
| 1) Afectividade / Proximidade | (Afect.) |
| 2) Abertura / Confidências | (Abert.) |
| 3) Pedir auxílio prático | (Aux. Prat.) |
| 4) Lazer / Aventura | |
| 5) Admiração / Modelo / Imitação | (Modelo) |
| 6) Respeito / Medo | (Resp.) |
| 7) Distância / Conflito | (Dist.) |
| 8) Rivalidade / Competição | (Rival.) |

a) Crianças Normais (n=13)

Quadro 58: Distribuição das respostas das CN à pergunta 9 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	ABERT.	AUX. PRAT.	LAZER	MODELO	RESP.	DIST.	RIVAL.
REFERÊNCIA A ↓								
Mãe	5	0	0	0	0	0	8	0
Pai	4	0	0	3	4	1	1	0

b) Crianças Deprimidas (n =10)

Quadro 59: Distribuição das respostas das CD à pergunta 9 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	ABERT.	AUX. PRAT.	LAZER	MODELO	RESP.	DIST.	RIVAL.
REFERÊNCIA A ↓								
Mãe	1	1	0	0	0	1	7	0
Pai	5	2	0	0	0	2	1	0

Não encontramos diferenças significativas entre as referências à mãe e ao pai em nenhuma das categorias. Contudo, embora não haja, uma diferença marcante entre a relação filho / pai e filho / mãe, não deixa de ser notório que 7 em 10 respostas sobre a mãe estão na categoria "distância" (quer isto dizer que 7 em 10 CD vêem a relação filho / mãe como mais distante do que filho / pai), enquanto também 7 em 10 referem as categorias "afectividade" e "abertura" face o pai, indicando que,

provavelmente, a relação filho / pai é vista, tendencialmente, como mais afectiva, mais próxima do que a relação filho / mãe. A reduzida dimensão da amostra não nos permite avançar mais do que hipóteses sobre tendências.

c) Mães de Crianças Normais (n = 23)

Quadro 60: Distribuição das respostas das MN à pergunta 9 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	ABERT.	AUX. PRAT.	LAZER	MODELO	RESP.	DIST.	RIVAL.
REFERÊNCIA A ↓								
Mãe	13	2	2	0	0	1	5	0
Pai	2	2	0	2	1	7	8	1

(**)

Sobre a relação filho / mãe, destaca-se o grande número de respostas na categoria "afectividade", que difere de forma muito significativa da relação filho / pai.

Em relação ao pai, as categorias mais referidas são a "distância" e o "respeito", sem que haja diferença significativa face ao número de referências à mãe nas mesmas.

No entanto, ainda que não expressivo em termos estatísticos, fica-nos a impressão de que o filho, segundo as MN, terá uma relação mais submissa e mais distante com o pai, sendo claramente mais afectivo / próximo em relação à mãe.

d) Mães de Crianças Deprimidas (n = 10)

Quadro 61: Distribuição das respostas das MD à pergunta 9 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	ABERT.	AUX. PRAT.	LAZER	MODELO	RESP.	DIST.	RIVAL.
REFERÊNCIA A ↓								
Mãe	7	0	0	0	0	0	3	0
Pai	2	0	0	0	1	3	4	0

Da leitura do quadro 61, fica-nos a mesma impressão referida anteriormente (quadro 60) de que, embora sem assumir significado estatístico, as MD tendem a ver o filho como mais afectivo para a mãe do que para o pai, tendo com este uma relação mais distante e de respeito.

Note-se que no entanto, não foram encontradas diferenças significativas em nenhuma das categorias, nem mesmo na "afectividade / proximidade".

e) Pais de Crianças Normais (n = 21)

Quadro 62: Distribuição das respostas dos PN à pergunta 9 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	ABERT.	AUX. PRAT.	LAZER	MODELO	RESP.	DIST.	RIVAL.
REFERÊNCIA A ↓								
Mãe	15	0	0	0	0	1	5	0
Pai	2	2	2	1	2	4	5	3

(**)

No que respeita à relação do filho com a mãe, ela é caracterizada pelos PN como mais afectiva do que em relação com o pai.

Sobre esta última, as respostas deste grupo dispersam-se muito por várias categorias, sem que nenhuma se assuma como característica desta relação.

Parece então que, para os PN, o filho é claramente mais afectivo / próximo para a mãe, sem que se defina, em paralelo, um padrão típico (ou uma característica típica) de relacionamento deste com o pai.

f) Pais de Crianças Deprimidas (n = 8)

Quadro 63: Distribuição das respostas dos PD à pergunta 9 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	ABERT.	AUX. PRAT.	LAZER	MODELO	RESP.	DIST.	RIVAL.
REFERÊNCIA A ↓								
Mãe	4	1	0	0	0	0	3	0
Pai	2	0	0	0	0	4	2	0

A opinião deste pequeno grupo sobre a relação filho / mãe divide-se entre o ser mais afectivo e mais distante, sem que em nenhuma destas categorias se demarque da relação filho / pai.

Sobre esta, a categoria mais referida pelos PD foi o "respeito", havendo também referências nas categorias "afectividade" e "distância".

Com esta dispersão e sendo o grupo tão pequeno, é óbvio que não encontramos diferenças significativas em nenhuma das categorias, sendo impossível definir algo que marque claramente, segundo os PD, os dois tipos de relação em causa.

3.9.3. Análise das respostas das tríades

a) FN, sobre a relação filho / mãe

Como é óbvio, pelos resultados descritos até aqui, a primeira grande diferença ($p < 0,01$) está na categoria "não há diferenças", mais referida pelos filhos do que pelas mães ou pais.

No que respeita concretamente à relação filho / mãe, constata-se diferenças significativas ($p < 0,05$) no seio destas famílias na categoria afectividade, mais referida por pais e mães do que pelas crianças. Nas restantes categorias, a análise estatística não evidenciou diferenças de relevo.

b) FN, sobre a relação filho / pai

Verificamos haver diferenças significativas em duas categorias ($p < 0,05$): "respeito / medo" e "distância / conflito", ambas mais referidas pelos pais e pelas mães do que pelas crianças.

Nas restantes categorias não há diferenças significativas entre as respostas dos elementos que compõem estas tríades.

c) FD, sobre a relação filho / mãe e sobre a relação filho / pai

Não encontramos diferenças significativas entre as respostas dos elementos que compõem as tríades das FD, no que diz respeito quer à relação filho / mãe, quer à relação filho / pai.

3.9.4. Comparação CN vs CD

A diferença a assinalar entre os dois grupos é o facto das CN referirem mais do que as CD a ideia de que o filho tem uma relação igual para com o pai e a mãe. (Diferença significativa, $p < 0,05$).

3.9.5. Comparação MN vs MD

Ambos os grupos referem com maior frequência as categorias "afectividade / proximidade" e "distância / conflito", como características da relação filho / mãe. Apesar das MN o fazerem com mais ênfase no que respeita à primeira destas categorias, não se observaram diferenças significativas entre as respostas dos dois grupos (comparação "afectividade" / "distância" / outras).

Sobre a relação filho / pai as opiniões destes dois grupos também não diferem significativamente (comparamos: "respeito" / "distância" / outras).

3.9.6. Comparação PN vs PD

As opiniões dos dois grupos sobre a relação filho / mãe os grupos não diferem de forma significativa. Em ambos a categoria com maior frequência observada é a "afectividade", seguindo-se a "distância", pelo que as respostas vão até no mesmo sentido. (Comparação: "afectividade" / "distância" / outras).

No que respeita à relação filho / pai embora pareça haver uma tendência dos PD em responder preferencialmente na categoria "distância", enquanto os PN dispersam mais as suas respostas por outras categorias, esta diferença também não é significativa.

Em **síntese** o que podemos dizer sobre os resultados desta **pergunta 9** é o seguinte:

As CN são o único grupo em que há predomínio das respostas que não referem diferenças no tipo de relação que o filho estabelece com a mãe e com o pai (facto que nos levou a encontrar resultados discordantes nas FN a este nível).

Todos os restantes grupos referem diferenças na relação em causa, embora estas não assumam, na maior parte dos casos, características muito nítidas e uniformes.

No que respeita à relação com a mãe, apenas dois grupos (MN e PN) a referem significativamente como mais afectiva / próxima do que a relação com o pai. De resto apenas podemos falar em ligeiras tendências de resposta. Assim, as MD tendem

também a responder nesta linha, mas não de forma tão expressiva. No grupo das CD, contudo, a tendência é quase oposta, indo no sentido de considerar o filho como mais distante e / ou em conflito com a mãe (e, paralelamente, mais afectivo / próximo em relação ao pai). Quanto aos PD, a dispersão das suas respostas não permite identificar qualquer tendência que possa caracterizar esta relação.

No que se refere à relação do filho com o pai, em nenhum dos grupos ela assume qualquer característica particular, significativamente demarcada da relação com a mãe. Referimos apenas uma ligeira tendência das MN e das MD a referi-la como mais centrada no respeito / medo e também mais distante, tendência esta que, como referimos acima, é contrária à do grupo das CD. Nos dois grupos de pais, PN e PD, a dispersão de respostas é grande, sugerindo a não existência de um estilo de relação filho / pai definido, padronizado.

A comparação intrafamiliar mostra-nos que, nas FN, além do que já referimos no início desta síntese, pais e mães referem mais vezes a relação com a mãe como mais afectiva / próxima, bem como a relação com o pai mais assente na distância e no respeito. Contudo, em nenhum dos casos são acompanhados pelos seus próprios filhos.

A nível da FD não se evidenciaram quaisquer diferenças significativas entre as respostas dos elementos das tríades.

O grupo das CN difere significativamente das CD, no que respeita a não considerar diferente a relação em causa. Quanto às parelhas MN vs MD e PN vs PD, não revelaram diferenças significativas nas suas respostas.

3.10. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PERGUNTA 10

Pergunta 10 - "Acha que a filha é diferente para o pai e para a mãe?"

3.10.1. Caracterização e análise das respostas de todos os grupos pelas categorias "há diferenças", "não há diferenças" e "não sei / não responde"

Quadro 64: Distribuição das respostas dos diferentes grupos pelas três categorias assinaladas

GRUPO →	CN	CD	MN	MD	PN	PD
RESPOSTA ↓						
"Há diferenças"	12	10	25	10	21	8
"Não há diferenças"	29	5	7	6	8	3
"Não sei / não responde"	0	1	1	0	1	1

O padrão mantém-se idêntico ao da pergunta anterior, isto é, as CN voltam a dar mais a resposta de que não há diferença na relação das filhas com o pai e com a mãe, enquanto que nos outros grupos prevalece, em mais de metade dos sujeitos, a ideia de que há diferenças.

Portanto, de novo, as CN distinguem-se dos restantes grupos por este tipo predominante de resposta, sendo esta a principal conclusão a tirar sobre este grupo. À semelhança do que tem vindo a acontecer, apresentaremos o quadro de distribuição das escassas respostas deste grupo que assinalam diferenças.

3.10.2. Caracterização das respostas de cada grupo, em que n = número de sujeitos que assinala diferenças

Relembramos aqui as categorias de resposta definidas para esta pergunta:

- | | |
|----------------------------------|--------------|
| 1) Afectividade / Proximidade | (Afect.) |
| 2) Abertura / Confidências | (Abert.) |
| 3) Pedir auxílio prático | (Aux. Prat.) |
| 4) Lazer / Aventura | |
| 5) Admiração / Modelo / Imitação | (Modelo) |
| 6) Respeito / Medo | (Resp.) |
| 7) Distância / Conflito | (Dist.) |
| 8) Rivalidade / Competição | (Rival.) |

a) Crianças Normais (n = 12)

Quadro 65: Distribuição das respostas das CN à pergunta 10 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	ABERT.	AUX. PRAT.	LAZER	MODELO	RESP.	DIST.	RIVAL.
REFERÊNCIA A ↓								
Mãe	6	0	0	0	5	0	1	0
Pai	4	0	0	1	0	0	7	0

b) Crianças Deprimidas (n = 10)

Quadro 66: Distribuição das respostas das CD à pergunta 10 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	ABERT.	AUX. PRAT.	LAZER	MODELO	RESP.	DIST.	RIVAL.
REFERÊNCIA A ↓								
Mãe	9	1	0	0	0	0	0	0
Pai	0	0	0	0	0	0	10	0

(**)

(**)

As CD foram muito claras e unânimes na sua caracterização das diferenças na relação da filha com o pai e com a mãe. Assim, para este pequeno grupo, a filha é significativamente mais afectiva para a mãe e mais distante em relação o pai.

É de notar que, se em relação aos filhos não houve uma caracterização tão radical, houve uma clara tendência para considerá-lo mais distante da mãe e mais afectivo e mais aberto com o pai.

Portanto, as CD vêem a filha como mais próxima e afectiva com a mãe e mais distante do pai, e tendencialmente o filho como mais ligado ao pai e mais distante da mãe.

c) Mães de Crianças Normais (n = 25)

Quadro 67: Distribuição das respostas das MN à pergunta 10 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	ABERT.	AUX. PRAT.	LAZER	MODELO	RESP.	DIST.	RIVAL.
REFERÊNCIA A ↓								
Mãe	7	5	2	0	0	1	9	1
Pai	10	0	0	3	0	6	6	0

A grande dispersão de respostas não permite identificar qualquer categoria que caracterize a relação da filha com a mãe e com o pai. Parece-nos, no entanto, haver uma "divisão" dentro deste grupo de mães entre aquelas que a consideram mais afectiva para o pai e mais distante para a mãe e as que consideram o contrário (tendo por base que as categorias "afectividade / proximidade" e "distância / conflito" foram as mais referidas, em termos absolutos).

d) Mães de Crianças Deprimidas (n = 10)

Quadro 68: Distribuição das respostas das MD à pergunta 10 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	ABERT.	AUX. PRAT.	LAZER	MODELO	RESP.	DIST.	RIVAL.
REFERÊNCIA A ↓								
Mãe	6	1	0	0	0	0	3	0
Pai	3	0	0	0	0	3	4	0

As respostas deste grupo de mães sobre a relação da filha com a mãe não diferem significativamente das respostas dadas sobre a relação com o pai, em nenhuma das categorias.

De novo, as categorias mais referidas, em termos absolutos, são a "afectividade / proximidade" e a "distância / conflito", sugerindo-nos haver neste grupo a mesma divisão de opiniões que referimos no grupo das MN.

e) Pais de Crianças Normais (n = 21)

Quadro 69: Distribuição das respostas dos PN à pergunta 10 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	ABERT.	AUX. PRAT.	LAZER	MODELO	RESP.	DIST.	RIVAL.
REFERÊNCIA A ↓								
Mãe	7	4	0	1	3	0	3	3
Pai	8	0	2	1	0	2	8	0

Embora, tal como nos outros grupos, à primeira vista, a distribuição de respostas nos pareça ser diferente para o pai e para a mãe, o que se verifica é que não há diferenças significativas em nenhuma das categorias. Isto é, tal como nos grupos anteriores, há grande dispersão de opiniões, sem que se consiga identificar algo que marque, de forma unânime, a relação da filha com o pai ou com a mãe.

A categoria "afectividade / proximidade" é aqui também a mais referida em termos absolutos, mas o número de referências à mãe e ao pai é semelhante, sugerindo-nos de novo a existência de uma divisão dentro do grupo em considerar a filha mais afectiva para o pai ou para a mãe.

f) Pais de Crianças Deprimidas (n = 8)

Quadro 70: Distribuição das respostas dos PD à pergunta 10 pelas várias categorias

CATEGORIAS →	AFECT.	ABERT.	AUX. PRAT.	LAZER	MODELO	RESP.	DIST.	RIVAL.
REFERÊNCIA A ↓								
Mãe	4	1	0	0	0	0	3	0
Pai	3	0	0	0	0	3	2	0

O grupo dos PD apresentam respostas semelhantes às dos grupos anteriores: as categorias mais referidas são a "afectividade / proximidade" e a "distância / conflito", sem que se encontrem diferenças significativas entre as referências ao pai e à mãe em nenhuma delas. De novo vemos que não há unanimidade quanto à diferenciação dos tipos de relação em causa.

3.10.3. Análise das respostas das tríades

a) FN, sobre a relação filha / mãe

Antes de nos referir-mos à relação filha / mãe salientamos que, como era de se esperar, tendo as CN uma posição diferente dos restantes grupos, essa diferença foi-se revelar na análise das respostas das tríades. Assim, na categoria "não há diferenças", a discórdia entre os elementos é significativa ($p < 0,01$).

Falando agora da relação da filha com a mãe, apenas encontramos diferenças significativas no seio destas famílias na categoria "distância / conflito", mais referida pelas mães do que pelos pais e filhos ($p < 0,05$).

b) FN, sobre a relação filha / pai

Os elementos que formam as tríades discordam em duas categorias ($p < 0,05$): "afectividade / proximidade" e "respeito / medo".

A primeira é referida sobretudo por pais e mães e quase nunca pelos filhos. A segunda, "respeito", é referida sobretudo por mães e menos vezes por pais e filhos.

Nas restantes categorias não há respostas significativamente discordantes entre os diferentes membros de cada família.

c) FD, sobre a relação filha / mãe e sobre a relação filha / pai

Nestas famílias, não há diferenças significativas em nenhuma das categorias de resposta, quer nas referências à mãe, quer ao pai.

3.10.4. Comparação CN vs CD

A grande diferença entre os dois grupos de crianças, está em que as CN respondem preferencialmente que a relação da filha para com o pai e a mãe não difere de forma marcante, enquanto as CD respondem que ela difere ($p < 0,05$),

caracterizando claramente a filha como mais afectiva / próxima para a mãe e mais distante e / ou em conflito com o pai.

3.10.5. Comparação MN vs MD

As respostas dos dois grupos não se revelaram significativamente diferentes quanto à caracterização dos dois tipos de relação em causa. A dispersão é grande em ambos os grupos, sugerindo divisão de opiniões dentro de cada um deles.

3.10.6. Comparação PN vs PD

Também não encontramos diferenças significativas entre as respostas destes dois grupos, na caracterização que fizeram das diferenças no estilo de relação da filha com o pai e com a mãe.

Tal como na parelha anterior, constata-se também aqui uma grande diversidade de respostas pelas várias categorias definidas.

Em **síntese**, podemos resumir os principais resultados da **pergunta 10** do seguinte modo:

À semelhança da pergunta anterior, as CN são o único grupo que vê preferencialmente como idêntica a relação da filha com a mãe e com o pai, sendo esta a tónica fundamental das suas respostas.

Por seu lado, as CD são também o único grupo que diferencia claramente os dois tipos de relação em causa, caracterizando a da filha com a mãe como mais afectiva / próxima face à mãe e mais distante e / ou conflituosa em relação ao pai.

Os restantes quatro grupos, (todos de adultos, note-se), embora refiram que a relação é diferente, não são de modo nenhum unânimes na caracterização dessas diferenças. Em nenhum deles encontramos qualquer característica que diferencie claramente os dois tipos de relação, e em todos eles constatamos serem as categorias "afectividade / proximidade" e "distância / conflito" as mais referidas, em termos absolutos.

Contudo, o número de referências à mãe e ao pai nestas categorias não é, nos quatro grupos em causa, significativamente diferente, o que demonstra bem a divisão de opiniões: por um lado aqueles que consideram a filha mais afectiva / próxima da mãe e mais distante e / ou em conflito com o pai, e por outro lado os que defendem o inverso, maior afectividade / proximidade com o pai e maior distanciamento / conflituosidade face à mãe. Isto sugere claramente a não existência de um estilo de relação comum, padronizado, da filha com cada um dos seus progenitores, parecendo antes variar com as vivências e circunstâncias de cada um.

De notar que, aquilo que se observou na pergunta anterior nos grupos MN e PN (consideraram claramente o filho como mais afectivo / próximo em relação à mãe) não teve aqui paralelo. Parece então, apesar de tudo, haver um maior consenso nestes dois grupos, quanto à caracterização da relação do filho com a mãe do que da filha.

Na comparação intrafamiliar observam-se opiniões discordantes no seio das FN, decorrente do tipo de resposta predominante das crianças: estas referem, mais do que os seus pais e mães, que não há diferenças na relação em causa. Para além disto, constata-se que há mais mães (do que pais e crianças) que referem a filha como mais distante em relação à mãe e também como tendo mais respeito / medo em relação ao pai; ainda, pais e mães destas famílias dão mais ênfase do que as crianças à afectividade da filha face ao pai.

No seio das FD não se observaram diferenças significativas em qualquer das categorias de resposta definidas para esta pergunta.

Ao comparar os grupos independentes, a única parelha que revelou diferenças marcantes nas suas respostas foi a das CN vs CD, cujo teor já referimos no início desta síntese.

Em conclusão, podemos ver que são então as CD o único grupo que diferencia clara e unanimemente a relação da filha com a mãe e com o pai, sugerindo as respostas dos restantes grupos a não existência de padrões definidos.

4 - DISCUSSÃO

Após esta extensa apresentação dos resultados do questionário sentimos, inegavelmente, alguma dificuldade em organizar a discussão dos mesmos. Optámos por começar por aspectos gerais que se prendem com todo o questionário e com os grupos em si, para depois passarmos propriamente à discussão das sínteses elaboradas sobre as respostas a cada pergunta.

Um primeiro aspecto que nos parece fundamental abordar é a questão da própria formulação das perguntas. É óbvio que quando elaborámos o questionário e o apresentámos aos sujeitos, após um pequeno pré-teste, estávamos convictos da sua acessibilidade, em termos da clareza das questões, face aos objectivos pretendidos; caso contrário, não o teríamos utilizado. No entanto, após a análise das respostas, verificámos que a formulação aberta das perguntas levou a que, com alguma frequência, as respostas dos sujeitos não fossem exactamente ao encontro daquilo que esperávamos. Não nos referimos (obviamente) a opiniões discordantes das nossas, mas antes a diferentes interpretações das perguntas que "desviaram" as respostas para áreas que não estavam nos nossos objectivos. (Concretamente, um dos enfiamentos mais sentidos foi os sujeitos entenderem a questão não como caracterização da relação, mas antes a qualidade do afecto face às figuras em causa.). Reconhecemos que a formulação possa não ter sido óbvia para alguns dos sujeitos, sendo também algumas perguntas mais acessíveis do que outras (já assinalamos, por exemplo, a dificuldade sentida na pergunta 7). Para além disso, deparámos com alguns casos de adultos que referiram nunca ter pensado nas questões em causa, agindo, por regra, espontaneamente, sem pensar muito, ou sem tomar consciência daquilo que faziam ou dos motivos subjacentes, o que também dificultou as suas respostas.

Para além do que isto possa representar em termos de elaboração correcta ou não instrumento utilizado, o que daqui resultou directamente foi uma diversidade tal de respostas que obrigou à definição de um grande número de categorias em cada pergunta. A opção podia ter sido agrupar as menos referidas numa só, sob a designação de "outras", por exemplo. Não nos pareceu ser o melhor caminho, embora, sem dúvida, pudesse ter facilitado o tratamento dos dados. Estamos certos de que a grande quantidade de categorias definida, aliada ao critério de cotação que utilizámos, dificultou o tratamento estatístico, na medida em que a grande dispersão das respostas, originou frequências

muito baixas em várias categorias, tornando impossível muitas vezes, diferenciar as duas figuras em causa, no conjunto das respostas do grupo.

Daqui, termos centrado a análise das diferenças na análise individual de cada categoria, e termos atendido sobretudo às mais referidas, o que nem sempre solucionou o problema.

Neste constante ultrapassar dos obstáculos que foram surgindo, o processo adoptado para análise e tratamento destes resultados foi aquele que nos pareceu mais adequado, face aos nossos objectivos. Foi também, sem dúvida, um processo difícil, bastante moroso e trabalhoso, que implicou um grande esforço da nossa parte.

Porém, estamos também conscientes de que a diversidade do tratamento estatístico decorrente dos diferentes tipos de comparações que nos propusemos fazer, deu origem, como de resto já assinalámos, a que muitas vezes os resultados de cada pergunta não nos pareçam concordantes. Isto torna difícil a sua articulação e interpretação e inclusivé a chegada a conclusões finais.

Um outro aspecto que queremos realçar é a questão da comparação dos dois grupos de mães e dos dois grupos de pais. Se, em relação às crianças, aquilo que as diferencia é a depressão, (pondo agora de parte a discussão sobre outras variáveis parasitas que possam ter influenciado os resultados), em relação aos seus progenitores não houve qualquer controle de selecção a não ser esse mesmo, isto é, serem pais de uma criança normal ou deprimida. Desde logo se nos pôs a questão de que só este critério não os define como dois grupos característicos e distintos, pois aqui sim, há uma série de outras variáveis em jogo que, seguramente, tiveram peso nos resultados. Porém, se isto é verdade, também o é que os estudos apontam para a existência de organizações familiares complexas, mal definidas, no limite patológicas, a "rodear" a criança deprimida. (Veja-se o que sobre isto foi referido no ponto 1.4. da parte teórica). Portanto, ainda que o ser pai / mãe de uma criança deprimida não diferencie por si só, de um pai / mãe de criança normal, o facto é que, as famílias de deprimidos apresentam, frequentemente, uma organização no mínimo particular. Daqui o termos optado por fazer a comparação entre os dois grupos de mães e de pais. Mas note-se, e isto é fundamental, que não pretendemos de modo nenhum fazer qualquer tipo de extrapolação no sentido de justificar os resultados encontrados com base no ser ou não pai / mãe de uma criança deprimida. Enquanto que em relação às crianças iremos tentar pôr hipóteses explicativas dos resultados à luz da variável depressão, nos progenitores apenas faremos uma descrição dos resultados e das diferenças encontradas, tentando, quando possível, relacioná-los com alguns aspectos referidos na parte teórica.

Posto isto, passamos agora então à discussão dos resultados propriamente ditos. Optámos por fazê-lo pergunta a pergunta, tentando relacioná-los sempre que possível e pertinente.

Em relação à pergunta 1, constatamos que, em todos os grupos, a caracterização da relação materna assenta fundamentalmente em duas categorias, assumindo estas diferentes pesos nos diferentes grupos. São elas a "afectividade / proximidade" e "cuidados com os filhos / trabalhos domésticos", (estes últimos, na maioria dos casos, claramente indissociados), o que nos parece ir ao encontro dos principais aspectos referidos a propósito da função maternal e do seu estilo de interacção. Por um lado a mãe continente, securizante, afectuosa, e por outro aquela que, na prática, assume a parte mais funcional, isto é, a responsabilidade geral pelos cuidados diários e necessidades da criança, sendo estes os dois aspectos / dimensões que fundamentalmente a caracterizam.

No que respeita às crianças, parece claro pela análise de caracterização que os dois grupos fazem do tipo de relação que a mãe estabelece com os filhos, que quer no grupo experimental, quer no grupo controle, coexistem a dimensão afectiva e a dimensão funcional. As CN referem em igual número as duas categorias, embora seja nos cuidados com os filhos que ponham claramente a distinção face ao pai. Nas CD, ainda que não tenhamos encontrado qualquer categoria que diferencie claramente a relação materna da paterna (devido à reduzida dimensão do grupo e à grande dispersão das respostas) constatamos que a categoria "afectividade" é a mais referida, em termos absolutos, em relação à mãe. Nesta medida, a nossa primeira hipótese de que, a representação materna das CD assentaria privilegiadamente na funcionalidade e a das CN numa dimensão mais afectiva, não encontrou qualquer suporte nestes resultados. Nem as CD privilegiam a funcionalidade, nem as CN a afectividade.

Sem que se tenham verificado diferenças significativas entre as respostas dos dois grupos, estas sugerem a existência de uma representação materna em que ambas as dimensões estão presentes (Veja-se também as respostas à pergunta 2, em que ambos os grupos acentuam claramente os cuidados com os filhos). Isto é o que observamos em termos gerais, e que aliás vai de certo modo ao encontro do que foi observado nos desenhos da família, relativamente ao predomínio da valorização materna por ambos os grupos. Portanto, em termos concretos, parece-nos poder dizer que os resultados obtidos não confirmam a primeira hipótese.

No entanto, e aqui entram as vicissitudes decorrentes dos diferentes tratamentos estatísticos utilizados, ao fazermos a comparação intrafamiliar, verificámos que, nas FD,

há mais mães que dão mais peso à afectividade materna do que pais e sobretudo do que crianças, o que de novo nos sugere que, nalguns casos (nalgumas famílias), estas crianças deprimidas, parecem não sentir, de facto, esta afectuosidade materna.

Certos de que, em termos de grupo, a nossa primeira hipótese não é de modo nenhum confirmada, atrevemo-nos a dizer que parecem existir alguns casos pontuais em que se possa verificar.

No que respeita ao pai, o predomínio das referências na categoria "autoridade / exigência" por quase todos os grupos sugere uma identificação muito marcada ao seu papel de formador moral. Espera-se do formador exactamente autoridade, exigência, firmeza para que os "formandos" percebam claramente as regras da família e da sociedade, tendo sido estas as características que a maioria dos sujeitos referiu, tanto pais, como mães, como crianças.

Exceptua-se aqui o grupo dos PD, que refere sobretudo, e curiosamente, a categoria "trabalho profissional / sustento". Sem dúvida muito frequente, na nossa sociedade, esta identificação principal (quase exclusiva) da paternidade com o sustento económico, ela pode ser acompanhada, nalguns casos, por uma atribuição de menor importância ao contacto directo do pai com os filhos. O pai que vê como seu papel principal sustentar os filhos, pode dar como "missão cumprida" o ordenado ao fim do mês, pondo em plano secundário a interacção directa com os filhos, seja ela de cariz mais formador, mais lúdico, ou apenas de cuidados diários. Pode ser, por isso, um pai provavelmente mais ausente na vida diária dos filhos, e aqui está o aspecto curioso de ter sido este "estilo de pai" o mais referido pelo grupo dos PD. Sem querer, de modo algum, tirar ilações abusivas, não deixamos de pôr a hipótese de este ênfase dado ao trabalho profissional, poder constituir um "alibi" para estes pais, de modo a evitarem o contacto directo com os filhos, no qual poderão, eventualmente, estar menos à-vontade.

Por outro lado, parece-nos fundamental não esquecer que toda esta representação das funções paternas tem seguramente relação com o grupo social de pertença, o que também pode ter contribuído para as diferenças encontradas.

Em relação a esta pergunta queremos ainda salientar dois aspectos que se prendem com a análise dos resultados das FN. O primeiro é a questão de haver mais filhos a negar a existência de diferenças na relação materna e paterna do que pais e mães. Isto remete, em parte, para a possibilidade de algumas crianças terem interpretado a pergunta no sentido de "quem é o melhor" (questão que já abordámos atrás), bem como para uma possível dificuldade real destas crianças em fazer uma análise detalhada / discriminada das situações em causa.

O segundo aspecto refere-se ao facto de haver mais mães e crianças a considerarem a afectividade uma característica paterna do que pais. Ao constatararmos este fenómeno, de imediato nos recordámos da dificuldade sentida por muitos homens (focada na parte teórica) em conciliar a masculinidade com a paternidade activa, envolvente. Talvez seja isto que se passa nestas FN, em que os pais não assumem a sua afectividade, mas ela é reconhecida (ou reivindicada) pelas crianças e pelas mães.

Iniciaremos agora a discussão dos resultados da pergunta 2, que diz respeito ao concreto das interacções do pai e da mãe com os filhos.

Em relação à mãe, para todos os grupos, é unânime a identificação das suas acções com as tarefas de cuidar dos filhos e da casa, sendo este o seu papel característico. Estes resultados vão claramente ao encontro dos referidos por Lamb [35], em que a mãe assume a responsabilidade geral pelos filhos, quer a nível das rotinas, quer das excepções, a par do papel de gestora da casa.

Em relação ao pai constata-se claras diferenças. CN, MN e PN dão marcado ênfase às interacções de lazer do pai com os filhos, o que não se verifica nos grupos CD, MD e PD. Ou seja, em termos gerais, nos três primeiros grupos o pai é claramente identificado com o jogo, com a brincadeira (o que confirma, de novo, os resultados de Lamb, op. cit. e Russell e Russell, [50], entre outros). Este parece ser um papel muito importante atribuído ao pai, em termos das suas interacções directas com os filhos, que crianças, mães e pais valorizam. Relacionando com a pergunta anterior, o pai é visto assim como autoridade, mas simultaneamente como aquele que brinca e que proporciona momentos de divertimento.

Nos outros três grupos (CD, MD e PD) isto não se verifica: é enfatizada autoridade paterna (e o seu papel de sustento) na pergunta 1, mas de modo nenhum acompanhada por uma interacção mais directa com os filhos, centrada em actividades lúdicas. As referências ao jogo e ao lazer como características da interacção paterna não aparecem explícitas, sobretudo no grupo das CD, em que o número de vezes que o pai é referido nesta categoria é significativamente menor do que no grupo de controle. Sendo esta a actividade a que as CN dão mais importância, a nível das interacções com o pai, é, por seu lado, uma das menos referidas pelas CD, sugerindo que estas últimas não vêem (sentem) o pai como um parceiro de brincadeira, de divertimento.

Relativamente à segunda hipótese que colocámos, da existência de uma representação paterna, nas CD, de um pai ausente e demitido das suas funções (ao contrário das CN) pensamos poder afirmar que os resultados lhe dão algum suporte. Assim, não só aquilo

que para as CN aparece como fundamental (a interacção lúdica com o pai) não é praticamente referido pelas CD, como também as referências destas centram-se em categorias cujo conteúdo não é de interacção com os filhos (em 14 crianças, há 7 referências a actividades que não implicam qualquer tipo de interacção: trabalho profissional, bricolage e ver TV). Neste sentido, se não podemos afirmar com segurança a existência de uma representação de um pai ausente (porque, apesar de tudo, metade das referências apelam à interacção) podemos sugerir a representação de um pai não muito presente, nem interactivo naquilo que as crianças normais previlgiam, isto é, a actividade lúdica. Portanto, tal como o desenho não nos permitiu confirmar sem equívocos esta hipótese, revelando somente uma tendência deste grupo em desvalorizar a figura paterna, também estes resultados nos permitem apenas dizer que, em termos de representação, a figura paterna parece não estar tão presente no grupo experimental como no grupo de controle.

Não queremos deixar de referir que, apesar de tudo, a categoria "lazer", é a mais referida para o pai pelos próprios PD (ainda que não diferencie significativamente pai e mãe). Isto leva-nos a pôr duas hipóteses: ou estes pais respondem em termos do que "acham que deve ser", sem que na prática isso se verifique, ou aquilo que entendem como actividade de lazer e de divertimento, não vai ao encontro das expectativas das crianças, ficando aquém daquilo que elas desejavam, embora eles pais, possam considerar suficiente e adequado.

Em relação ao facto de em nenhum dos três grupos CD, MD e PD ter sobressaído qualquer característica que demarcasse uma actividade típica do pai, pensamos que a reduzida dimensão dos grupos aliada ao grande número de categorias pode ter contribuído para tal. No entanto, os mesmos grupos conseguiram identificar claramente aquilo que consideram caracterizar a actividade materna, e neste sentido, o facto de não o terem feito em relação ao pai, não deixa de ser sugestivo quanto à indefinição do papel deste no seio destas famílias.

No que respeita à diferença encontrada entre os dois grupos de mães, em que as MD dão mais ênfase ao trabalho profissional do pai do que as MN, de novo nos remete para a possibilidade de nestas famílias de crianças deprimidas, haver uma maior ausência do pai, em termos reais e concretos.

Passamos agora à discussão dos resultados da pergunta 3, que visava uma diferenciação entre os papéis sexuais de homem e mulher e os papéis parentais, referidos nas anteriores.

Em relação à mulher, o padrão geral de respostas manteve-se idêntico ao referido para a mãe. A mulher foi claramente identificada, por todos os grupos, com o papel de cuidar da casa e dos filhos. Apesar da inclusão de novas categorias de resposta, o predomínio recaiu de novo sobre esta, indo ao encontro de estereótipo mais comum acerca dos papéis femininos. Parece-nos então que os papéis de mãe e mulher são quase indissociados em termos de representação social, e isto transparece muito nas respostas do tipo "eu tenho a casa e os filhos". Espera-se que a mulher seja mãe, que cuide dos filhos, e que a mãe "cumpra" as suas tarefas de mulher, assumindo a gestão da casa.

Isto não acontece tanto em relação ao homem. Repare-se que as respostas em relação ao pai diferem claramente das relativas ao homem. Enquanto pai, é-lhe atribuída principalmente uma função de autoridade, de formador e de companheiro nos divertimentos e brincadeiras com os filhos. Mas enquanto homem, as respostas dividem-se mais: a "bricolage / carros / trabalhos pesados" ganha bastante peso, bem como o trabalho profissional. As CN identificam o homem principalmente com as suas ocupações típicas ligadas ao desporto, às "idas ao café". A autoridade e o poder, enquanto características masculinas, são bastante importantes para os PN. No fundo aquilo que estes diferentes grupos esperam do homem são coisas diferentes daquilo que esperam de um pai: do homem espera-se força, trabalho, autoridade, aspectos marcantes do estereótipo de virilidade, de masculinidade. E provavelmente, é isto que por vezes é difícil de conciliar com uma paternidade envolvente, activa, vista por alguns homens como algo efeminada.

De novo chamamos a atenção para o carácter indissociável destas representações da masculinidade / paternidade do grupo social em que os indivíduos estão inseridos. Embora também se observe este fenómeno em relação à representação de mulher / mãe, parece-nos que esta é partilhada por um maior conjunto de grupos sociais do que a correspondente masculina. Aquilo que define o que é "ser homem" (e "ser pai") varia bastante consoante o grupo social, não acontecendo tanto em relação à mulher e à mãe.

Ainda em relação a estes resultados da pergunta 3, não queremos deixar de comentar o facto de os PD nunca terem referido actividades ligadas à autoridade / poder como características do homem. Já pouco o tinham feito em relação à figura do pai, o que nos leva a pensar que, possivelmente, para este grupo de homens / pais, lhes é difícil assumir um papel mais autoritário, "refugiando-se" mais no desempenho do seu trabalho profissional e nas actividades de bricolage.

Por último, a questão das CN referirem frequentemente a categoria "desporto / café / ver TV", em relação ao homem: provavelmente é isto que vêem os pais / homens fazer, tal como a bricolage e os trabalhos pesados, e o seu raciocínio, ainda algo concreto, pode ter levado a este tipo de resposta.

Dos resultados da pergunta 4, o que se pode depreender é que a maioria dos sujeitos, à excepção dos PN, não considera ser diferente a relação materna com o filho e com a filha. Esta tendência geral à não diferenciação das interações da mãe consoante o sexo do filho é consistente com alguns estudos já referidos (Lamb, op. cit.). Porém, se a realidade parece ser esta, (e de modo nenhum a queremos negar) também é verdade que no decorrer das entrevistas sentimos, muito concretamente nesta pergunta, o enviezamento de interpretação referido no início (muitos sujeitos interpretaram-na no sentido de a mãe ter um afecto diferente pela filha e pelo filho). Como é óbvio, o objectivo era caracterizar a relação e não questionar o afecto, mas mesmo após a clarificação do mesmo, pensamos que houve sujeitos que mantiveram essa interpretação, e se o fizeram, não só isso pode ter conduzido ao predomínio da resposta "não há diferenças", como esta pode ter aqui o sentido de "a mãe gosta tanto de um como de outro", "o que faz por um, faz pelo outro", particularmente nos dois grupos de crianças.

Neste contexto, e sem menosprezar de novo a realidade concreta, poderá também ter sido mais difícil para as próprias mães reconhecer essa diferença, pois se a interpretaram em termos de qualidade do afecto, o seu reconhecimento traria alguma culpabilidade. A opção pela resposta da não diferenciação poderá assim (note-se que tudo isto são meras hipóteses) ter sido algo defensiva, de modo a evitar essa culpabilidade e a não criar susceptibilidades em relação ao filho e à filha.

Para os PN, o único grupo cuja maioria considera haver diferenças na relação em causa, este "problema" ligado à susceptibilidade e à culpabilidade não se põe. No entanto, não é o maior distanciamento que justifica / explica o seu tipo predominante de respostas, uma vez que, quando inquiridos sobre si próprios, sobre se o pai é diferente para um filho e para uma filha, voltam a dizer, em maioria, que o é. Sem que nos ocorra qualquer explicação plausível para a diferente opinião deste grupo face aos restantes, limitamo-nos a constatá-la.

Os PN consideram que a relação é diferente, mas não a caracterizam explicitamente em nenhum dos casos, sugerindo que a diferença assenta na experiência pessoal de cada um e não num padrão típico de relação da mãe com a filha e com o filho (padrão este, que como sugerem os resultados nesta pergunta, parece não existir).

Passando agora à discussão dos resultados da pergunta 5, vemos que em três grupos (CN, CD e MD), a maioria das respostas vai no sentido da não diferenciação. Nos restantes (MN, PN e PD) predomina a ideia de que o pai tem uma relação diferente com o filho e com a filha.

Em termos gerais, esta diferença de opiniões entre os grupos vem dar ênfase aos resultados não concordantes de vários estudos. Lamb (op. cit.) refere que os pais estão mais interessados e mais envolvidos com os filhos do que com as filhas e que tendem a passar mais tempo com eles, enquanto que para Russell e Russell (op. cit.) isto não se verifica, pelo menos de forma tão explícita. (ver ponto 2.3., parte teórica).

No que respeita aos dois grupos de crianças, experimental e controle, se na pergunta 4 a sua opinião de não diferenciação foi acompanhada pela maioria dos grupos, (e até concordante com outros estudos) o mesmo não se verifica aqui. São estes dois grupos, CN e CD, quem mais ênfase dá à não diferença da relação em causa, ideia não partilhada pela maioria dos adultos (seus pais e mães). Isto leva-nos a pensar o seguinte: provavelmente, as crianças assentam a comparação pedida ou em coisas muito concretas como, "se está mais tempo com um ou com outro", "se dá mais coisas a um ou a outro", etc, ou na linha do enfiamento de interpretação referido na pergunta 4, questionam se o pai gosta mais dos filhos do que das filhas (note-se, porém, que o facto de passar mais tempo com um ou com outro, ou dar mais a um ou a outro, pode também ser interpretado pelas crianças como gostar mais de um do que outro). Neste contexto, parece-nos que as respostas da não diferenciação surgem ou porque, de facto, as crianças não sentem essa diferença, ou, se a sentem, têm receio de a verbalizar, pondo em causa o pai, com a culpabilidade que daí lhes pode advir. E aqui, aparentemente, sem distinção entre grupo experimental e grupo controle, já que os resultados de ambos não são significativamente diferentes. (Voltaremos, no entanto, a este ponto mais adiante). Note-se que se sugerimos isto, foi apenas porque nos causou alguma estranheza o facto de os próprios pais se considerarem diferentes e os filhos não.

Dentro dos grupos que consideraram ser diferente a relação do pai com o filho e com a filha não se identificou nenhuma característica que marcasse a relação com a filha, sendo mesmo a afectividade igualmente referida para ambos os sexos. O que isto nos sugere, e

que já referimos aquando da apresentação dos resultados, é que não existe um padrão típico de relação, uniforme, em todos os grupos sociais. Este varia com as circunstâncias e a experiência de cada um. O mesmo quase se pode dizer da relação pai / filho, dada a grande dispersão de respostas. No entanto, em relação a esta, sobressai em dois grupos (MN e PN) a ideia de que pai é mais autoritário / exigente para os rapazes.

É curioso este aspecto, se tivermos em conta que estes grupos referiram a autoridade como uma característica fundamental da relação paterna e também como uma marca importante da masculinidade (sobretudo os PN). Parece então ser este o modelo de pai e de homem nestes grupos, que preside à educação dos rapazes, competindo ao pai exigir, "prepará-los", fazer deles homens valentes e corajosos, não vacilantes, à semelhança daquilo que é a sua própria referência de pai e de homem. Os resultados de Russell e Russell (Ver ponto 2.3., parte teórica) vão neste sentido: os pais respondem mais negativamente a comportamentos de dependência dos rapazes do que das raparigas e isto tem a ver com a representação da masculinidade em causa. Paralelamente a isto, o mesmo raciocínio pode ser aplicado no caso dos PD. Não tendo assumido este grupo a autoridade como característica da relação paterna nem como traço de masculinidade, não é de esperar que a transmita aos seus filhos rapazes. De novo nos remete para a questão de que, possivelmente, para alguns destes pais, não é fácil assumir um papel mais autoritário.

Se até aqui nos foi possível fazer uma discussão de resultados tendo por base um referencial teórico anteriormente definido, a partir de agora, uma vez que as perguntas que se seguem dizem respeito à caracterização filha / filho, rapaz / rapariga, não temos nenhum suporte para confronto dos dados. Mais não faremos, então, do que tentativas de justificação dos resultados à luz da nossa própria reflexão, articulando, sempre que possível, com o que já ficou dito atrás. É, digamos, a parte mais exploratória do estudo, no verdadeiro sentido do termo, já que o que nos motivou foi conhecer as opiniões dos sujeitos, mesmo nem sempre conseguindo uma explicação / justificação para os mesmos.

Passamos então à discussão dos resultados da pergunta 6, que visava, à semelhança da primeira, caracterizar a representação da relação das filhas e dos filhos com ambos os progenitores. No fundo, quizemos saber se haveria atributos, funções ou estilos de relação mais típicos quer das filhas, quer dos filhos.

Os resultados não foram de modo nenhum conclusivos, nem sequer esclarecedores. Assim, só um dos seis grupos em causa (PN) caracterizou a filha como mais afectiva / dependente dos pais e o filho como mais independente, mais "solto" da tutela familiar.

MN e PD revelaram também esta tendência de resposta, embora sem assumir um significado expressivo. O grupo das CN referiu maioritariamente não haver diferenças na relação em causa, e nos restantes a dispersão de respostas foi grande, não permitindo identificar nenhuma categoria como mais característica do filho ou da filha.

Neste sentido, em termos gerais, os resultados sugerem a não existência de uma representação de estilos característicos de relação das filhas e dos filhos com ambos os progenitores, parecendo estes variar de caso a caso.

Fazemos notar aqui que a nossa opinião pessoal em relação a este assunto, vai no sentido das respostas do grupo dos PN: as filhas, parecem-nos, de modo geral, mais afectivas e / ou dependentes dos pais, enquanto os filhos assumem mais a sua independência, fazendo "questão" em se libertar da protecção e do tecto familiar, e isto prende-se muito, sem dúvida, com as nossas representações de masculino e feminino.

Por si só, o facto de apenas um grupo ter partilhado connosco estas ideias, não nos levantaria grandes questões, pois de modo algum esperávamos encontrar unanimidade neste tema. O que nos surpreendeu foi a não conclusividade das respostas, ou seja, a sugerida não existência de um estilo de relação mais característico das filhas e outro dos filhos, quaisquer que sejam. Será que não existem mesmo, e então os resultados mais não espelham do que a realidade concreta? Ou será que outros factores contribuíram também para a não conclusividade dos dados?

A ser verdadeira a primeira hipótese, resta-nos apenas constatar estas diferentes opiniões, limitando-nos a dizer que pode ter sido difícil para os pais fazer uma generalização das interacções dos filhos e filhas, na procura de um padrão típico, tendo antes centrado as suas respostas caso a caso.

Contudo, estamos em crer que a segunda hipótese tem também algum fundamento, na medida em que, à semelhança do que sucedeu noutras, esta pergunta foi frequentemente interpretada num sentido que não era o seu objectivo, tendo muitos sujeitos posto a tónica na maior ligação ou distanciamento a um dos progenitores, assunto que, nos nossos planos, remetia para as perguntas 9 e 10. Esta interpretação pode ter vindo na sequência da pergunta anterior em que se pedia a comparação da relação do pai com o filho e com a filha, tendo os sujeitos mantido nesta o mesmo raciocínio.

Daqui resultou a definição de algumas categorias de resposta que se prendem mais com um ou outro progenitor (por exemplo, maior ligação à mãe, conflito com o pai, entre outras), nas quais se centram as tendências de respostas encontradas nalguns grupos. Portanto, diferentes interpretações podem ter levado à maior dispersão de respostas, contribuindo também para a não conclusividade dos resultados.

Este tipo de interpretação parece-nos ter sido particularmente frequente no caso das crianças. Repare-se que as CN são o único grupo cuja maioria considerou não haver diferenças na relação em causa, tal como o foi nas perguntas 9 e 10, que apelam à relação particular do filho e da filha com o pai e com a mãe. Ainda, das poucas crianças deste grupo que assinalaram diferenças, metade referiu maior ligação a um ou a outro progenitor. No caso das CD o fenómeno é idêntico pois, ainda que não sobressaia das suas respostas a esta pergunta nenhuma categoria discriminativa dos tipos de relação em causa (devido à dispersão de respostas) vemos, sem dúvida, que as mais referidas são a "maior ligação à mãe" (para a filha) e "maior ligação ao pai" para o filho, padrão que é clarificado nas suas respostas às 9 e 10. Isto sugere-nos fortemente que a pergunta foi interpretada no sentido que era pedido nas duas últimas, admitindo nós, por outro lado, a hipótese de ser apenas em termos de diferentes aproximações a cada um dos progenitores que as crianças conseguem fazer a diferenciação pedida, e neste sentido as suas respostas podem espelhar as características das suas representações de filho e filha.

Em suma, para além daquilo que os resultados possam sugerir, em termos da não existência de padrões definidos, fica-nos a sensação de que esta pergunta não foi totalmente bem conseguida em relação aos objectivos pretendidos.

Passando agora à pergunta 7, já referimos, aquando da apresentação dos resultados, da nossa impressão de que não terá sido fácil para a maioria dos sujeitos responder de forma clara pois, provavelmente, não era muito óbvia, pelo menos na formulação apresentada. Se na pergunta anterior sentimos a existência de diferentes interpretações, nesta foi sobretudo a hesitação dos sujeitos, o espanto perante a questão. Deste modo, a maioria das respostas centrou-se em actividades dos filhos que não envolvem obrigatoriamente a interacção com os pais, sendo em muito semelhantes às da pergunta seguinte: filhos e filhas foram caracterizados por quatro grupos (CN, CD, MN e PN), pelas suas brincadeiras, mais tradicionalmente vistas como típicas de rapazes ou de raparigas. Registaram-se, no entanto, algumas referências a características dessa interacção, o que explica a definição de um grande número de categorias. Não deixa de ser interessante terem sido as MD e os PD a referir a "ajuda a mãe" como característica da filha. Embora, em termos absolutos, esta resposta tenha mais relação directa com a pergunta do que a referência às brincadeiras e, neste sentido, vai mais ao encontro dos objectivos pretendidos, o certo é que ela é sobretudo referida para as filhas. Note-se que, apesar de nos PD a "ajuda ao pai" ter sido a categoria mais referida para o filho (em termos absolutos), esta referência não assume a expressão que tem a "ajuda a mãe" para a filha;

além disto, no grupo das MD são sem dúvida as brincadeiras de rapaz que caracterizam o filho.

Se esta diferente caracterização do filho e filha pode sugerir, numa primeira leitura, uma maior exigência nestas famílias com as filhas do que com os filhos, no sentido de darem mais peso às "obrigações e deveres" das primeiras, estando os filhos mais libertos para o jogo, não nos parece ser este o sentido dos resultados. Veja-se, por exemplo, que nestas mesmas FD, há mais crianças (concretamente rapazes) que põem o ênfase na obrigação de estudar do filho (quase como castigo) sem o fazer para a filha, dando assim a ideia de que, provavelmente, sentem maior exigência para com eles, rapazes, do que para com as raparigas.

Tendo sido apenas estes dois grupos que caracterizaram filho e filha a nível das interações com os pais, a diferente caracterização de um e outro parece-nos antes poder estar ligada ao próprio papel (modelo) de mãe e pai existente nestas famílias. Os papéis materno / feminino estão aparentemente bem definidos, (perguntas 1, 2, 3), enquanto os papéis do pai / homem estão pouco clarificados (veja-se que as MD os vêem como mais autoritários, mas os próprios PD centram as respostas no trabalho profissional e na bricolage, sem que por vezes, mesmo estas, se assumam como características marcantes). Neste sentido a filha é caracterizada em tarefas que a assemelham à mãe, enquanto o filho, possivelmente pela ausência de um modelo definido de pai / homem, é mais caracterizado pelas suas brincadeiras, sendo esta a leitura preferencial que fazemos destes resultados.

No que respeita à pergunta 8, as respostas são unânimes e claras: aquilo que caracteriza os rapazes e as raparigas são os diferentes tipos de brincadeiras de uns e outros, e isto para a maioria dos sujeitos de todos os grupos. Pretendíamos com as questões 7 e 8 pôr a tónica na comparação entre ser filha / filho e ser rapaz / rapariga, do mesmo modo com que pretendemos, com a 2 e 3, a diferenciação entre mãe / mulher e pai / homem.

É seguramente mais fácil pôr a questão para os adultos, do tipo: o que é que define ser "boa mãe" ou um "bom pai"? É o mesmo que define ser uma mulher ou ser um homem? Que especificidade e que relação há entre estes dois papéis, entre estas duas representações?

Para as crianças não nos parece tão óbvio: como é isto de "ser filha" ou "filho"? É idêntico a ser rapariga ou rapaz? À partida, as representações de filho / filha prendem-se mais com a relação com os pais, enquanto as de rapariga / rapaz não necessariamente; assentam sobretudo na relação com os outros, com o mundo.

Por outro lado, pode haver situações em que os pais achem que as suas filhas ou filhos não "correspondem" à representação que eles próprios têm de rapariga e rapaz, respectivamente, e daqui pode resultar uma variedade de sentimentos grande. (Por exemplo, "gostava que ele fosse mais rapaz, mais homem", com a possível consequente frustração e até culpabilidade, por não ser capaz de servir como modelo, etc).

Foi um pouco com base nestas questões que incluímos a pergunta 8 no questionário, cujos resultados vão no sentido de haver uma representação claramente diferenciada de rapaz e rapariga, centrada privilegiadamente nas brincadeiras típicas de cada sexo.

Se, comparando com os resultados da pergunta anterior, vemos que as respostas vão no mesmo sentido (à excepção de dois grupos), não nos parece, só por isso, poder afirmar que as representações de filho e filha sejam coincidentes com as de rapaz e rapariga, respectivamente.

A nossa ideia é a de que estas representações estão seguramente muito ligadas uma à outra, (mais do que, por exemplo, as de pai e homem) e daí ter sido difícil para os sujeitos responder à pergunta 7, e diferenciá-la da questão 8. Embora nos pareçam ser papéis obviamente distintos, o facto é que os resultados sugerem que as representações de filha e filho assentam muito nas representações sexuais, aparentando inclusivé estar imbrincadas umas nas outras, sendo mais difícil aos sujeitos fazer esta diferenciação do que no caso dos adultos.

Prosseguimos de imediato com a discussão dos resultados da pergunta 9.

O primeiro aspecto que ressalta é o facto dos dois grupos de crianças diferirem significativamente nas suas respostas, padrão repetido na pergunta 10, pelo que faremos uma análise conjunta.

A questão põe-se em tentar perceber porque é que as CN consideram maioritariamente não haver diferença na relação do filho / filha com qualquer dos seus progenitores, enquanto as CD tendem a referir que esta relação é mais próxima / afectiva com um deles e mais distante e / ou conflituosa com o outro (deixando em aberto a justificação para essa aproximação ser preferencialmente com o elemento do mesmo sexo).

A análise das respostas destes dois grupos em perguntas anteriores permite talvez encontrar alguma justificação para estas diferenças.

Assim, a nível de representações parentais, ficou claro atrás que para as CN, a mãe é tida como aquela que cuida dos filhos e o pai como a figura de autoridade e simultaneamente parceiro de divertimento, estando presente a dimensão afectiva em ambas as representações. Isto sugere-nos haver um certo equilíbrio nas relações destas crianças

com os seus progenitores, aparecendo ambos como suporte afectivo, e complementares nas suas funções. Pai e mãe são representados como duas figuras valorizadas, a quem a criança recorre em diferentes situações, parecendo exercer, na essência, as funções maternal e paternal de forma adequada, fazendo assim parte de um mundo objectal da criança provavelmente securizante.

Neste contexto, mesmo que estas crianças tenham interpretado as perguntas 4 e 5 no sentido de se o pai ou a mãe gostam mais do filho ou da filha, a resposta da não diferenciação é provavelmente verdadeira, sem que estas crianças ponham em causa o afecto e a estima dos seus pais por si próprias. Do mesmo modo, ainda que na prática recorram ao pai e à mãe para coisas diferentes, nas perguntas 9 e 10 referem de novo não ter uma relação diferente com qualquer deles, aqui assumindo assim o valor de "eu gosto igualmente dos dois, porque os dois são bons para mim", vindo esta resposta em consonância com as anteriores.

No caso das CD, estes resultados chamaram-nos particularmente à atenção, sobretudo quando comparados com os das questões 4 e 5, em que, maioritariamente, não são assinaladas diferenças na relação dos progenitores com filhos de diferentes sexos. Fazendo uma análise semelhante à que fizemos para o grupo de controle, constatamos que aqui, no grupo experimental, a mãe é representada também nas suas dimensões funcional e afectiva (à semelhança das CN), mas o pai tende a ser representado, ainda que como figura de autoridade, como um elemento menos presente, com funções não muito definidas, e de modo nenhum como o parceiro das brincadeiras que é para as CN. (Veja-se discussão da pergunta 2).

Do mesmo modo que as respostas das CN nos sugeriram a existência de um equilíbrio afectivo no seu mundo interno, pela valorização das duas representações parentais, estas respostas das CD sugerem-nos a ausência desse equilíbrio. Isto é: a tendência à representação de uma figura paterna e masculina menos forte, menos presente e mais demitida das suas funções, (e, por isso, menos valorizada), permite-nos pensar na existência de um desequilíbrio, de um déficit a nível do mundo objectal, em que a criança não sente em ambos os progenitores o suporte afectivo que desejaria. Por outro lado, o facto de se aproximar mais de um deles do que do outro (como sugerem as respostas às questões 9 e 10), pode ser visto como a confirmação desse desequilíbrio, "socorrendo-se" a criança naquele de quem sente ou deseja receber maior suporte. A ser verdade isto que acabámos de dizer, neste provável desequilíbrio, as crianças deprimidas assumem o protagonismo numa dinâmica que lhes é característica: sem que nenhum dos objectos seja posto em causa (respostas de não diferença as questões 4 e 5), é a própria criança que diz

aproximar-se mais de um ou de outro, de modo a que, a ser nisso apontada alguma "falha", ou alguma "culpa", esta é atribuída a si própria e não ao objecto.

Sem pretender ser categóricos com este raciocínio justificativo das diferenças encontradas entre grupo de controle e grupo experimental, tentámos apenas encontrar uma linha condutora ao longo de todo o questionário, coerente com o referencial teórico que nos serviu de base. A sua confirmação / infirmação implicaria uma análise aprofundada caso a caso, que não está no âmbito deste estudo. Ainda, se demos particular ênfase às respostas destes dois grupos foi porque elas nos pareceram claramente demarcadas quer entre si, quer das dos restantes grupos.

Continuando a discussão dos resultados da pergunta 9, todos os grupos de adultos assinalam que a relação em causa é diferente, embora ela só assuma expressão clara nos grupos PN e MN. Para estes, o filho é mais afectivo / próximo da mãe do que do pai, tendência partilhada pelas MD, sugerindo ser esta uma característica comum ou frequente nalgumas famílias (curiosamente, contrária à sugerida pelas CD). Mas apesar de terem sido as MN e os PN a referi-lo, não nos parece ser um padrão típico destes grupos, por oposição às famílias de crianças deprimidas (até porque as MD também o sugerem). Provavelmente prende-se mais com características pessoais de algumas mães e de alguns filhos aqui referidos, corroborado pela a variedade de respostas encontrada nos outros grupos em relação a esta diferenciação, sendo a leitura preferencial de que fazemos destes resultados a da não existência de estilos padronizados de relação do filho com os seus progenitores, variando estes dentro do equilíbrio de cada família.

Mas admitindo também a hipótese de ser este, de facto, um estilo característico de relação dos filhos com a mãe no seio destas famílias, este prende-se provavelmente com aquilo que os mesmos grupos responderam na pergunta 5, isto é, o pai ser mais autoritário / exigente com os filhos do que com as filhas. Assim sendo, perante esta atitude do pai, os filhos (rapazes) tendem a ser, em resposta, mais afectivos e / ou próximos da mãe.

Em relação à pergunta 10, para além do que já referimos sobre o grupo experimental e o grupo de controle, o que encontramos são também apenas tendências, sem que alguma se assuma como característica marcada da relação da filha com o pai ou com a mãe. As respostas dispersam-se, indo sobretudo no sentido da maior aproximação / ou distanciamento face a um ou a outro progenitor, sem nunca assumirem, contudo, o relevo marcante que assumiram nas CD. As respostas discordantes a nível intrafamiliar surgem no contexto desta dispersão sem, por isso, nos merecerem qualquer destaque relevante.

À semelhança do que dissemos na pergunta anterior, a discussão desta assenta apenas na constatação da não existência de estilos de relação típicos da filha face a cada um dos seus progenitores, sugerindo-nos tudo isto que é provavelmente bastante mais acessível para a maioria dos sujeitos falar, ou melhor, generalizar sobre pais e mães do que sobre filhos e filhas.

Por último, queríamos acrescentar que, tendo sido um dos objectivos deste estudo comparar as representações das crianças e dos seus progenitores, os resultados podem sugerir, em termos muito gerais, haver mais situações de concordância intrafamiliar do que discordância nas suas respostas. No entanto, é nossa opinião convicta, que a metodologia adoptada para a análise em questão (comparação das respostas das tríades), ainda que tenha sido a única possível dada a organização dos dados, e permitindo-nos, apesar de tudo, salientar aspectos relevantes, não é de modo nenhum a mais adequada para o estudo aprofundado do problema. Para se conseguir responder de forma mais conclusiva a esta questão, teria sem dúvida, que se recorrer a outra metodologia.

Tendo feito uma discussão separada sobre os resultados de cada um dos instrumentos utilizados, desenho da família e questionário, terminaremos este estudo com uma **síntese global** dos resultados relativamente aos grupos experimental e de controle, tentando relacionar os dados obtidos pelos **dois instrumentos**.

Em primeiro lugar, é fundamental frisar que, sendo um um teste mais projectivo e outro um questionário aberto, os dados fornecidos por ambos, embora complementares, são necessariamente de natureza diferente: o questionário apela sobretudo às representações conscientes, enquanto o desenho nos permite ir um pouco mais além. Conscientes desta diferença, tentaremos articulá-los dentro do possível, quer nos seus aspectos concordantes, quer discordantes.

Em termos globais, os resultados dos desenhos diferenciaram de forma mais clara os dois grupos em causa: crianças normais e deprimidas. Mais do que as respostas ao

questionário, os desenhos permitiram-nos sentir a depressão das crianças, quer pelas particularidades assinaladas, quer pelas próprias diferenças objectivas face aos dos sujeitos do grupo de controle.

Assim, da análise dos elementos formais, sobressai a inibição do grupo experimental (expressa sobretudo pela reduzida dimensão das figuras), os "obstáculos" afectivos e cognitivos à diferenciação de sexo e geração dos personagens e a necessidade de criar um ambiente envolvente, contentor, securizante. De toda esta informação, as respostas ao questionário apenas permitem reforçar conclusivamente a questão da inibição: de facto, também nestas foi notória a inibição do grupo experimental, havendo algumas crianças com muita dificuldade em verbalizar as suas ideias, sendo o grupo de controle, em termos gerais, bastante mais espontâneo e desinibido nos seus depoimentos.

Do mesmo modo, a capacidade de imaginar e fantasiar outros cenários familiares que não o seu próprio, patente nos desenhos deste último grupo, parece estar algo comprometida no grupo experimental, que tende a desenhar a família alargada e real não nuclear. Obviamente que no questionário isto não é directamente visível pois, de modo geral, as respostas incidem sobre a própria família, e em ambos os grupos encontramos respostas de tipo "não sei" quando a pergunta não se adapta ao seu contexto familiar.

A representação da figura materna não se revelou diferente nos dois grupos, ambos valorizando esta personagem, quer nos desenhos quer nas respostas ao questionário. Se isto nos causa alguma surpresa, concretamente no que diz respeito ao grupo experimental, lembramos que, por um lado, houve casos em que esta situação não se verificou tão claramente (concretamente nas respostas ao questionário), e por outro lado, o grupo é bastante pequeno levando-nos a pôr a questão de que, se fosse maior, os resultados se manteriam ou não. Não sendo este um estudo de caso, temos obviamente que atender aos resultados mais expressivos do grupo, e não a situações particulares.

Nos desenhos são mais os rapazes, em ambos os grupos e em termos absolutos (sem contudo que a diferença seja significativa face às raparigas) que colocam o próprio ou a figura dominante da fratria mais perto da mãe. No questionário esta tendência não se verificou: no grupo de controle, maioritariamente, os sujeitos não diferenciam a relação do filho com o pai e com a mãe, e no grupo experimental a tendência é aparentemente contrária à dos desenhos, indo as respostas no sentido de um maior aproximação (real ou desejada) entre filha e mãe e filho e pai. Dizemos aparentemente porque os resultados se

referem ao grupo em geral , e teríamos que fazer uma análise caso a caso a fim de perceber se são os mesmos sujeitos que manifestam essas tendências no desenho e no questionário.

Em relação à representação da figura paterna, as respostas ao questionário mostram diferenças significativas entre os dois grupos, sendo o pai, para o grupo de controle, representado com uma figura de autoridade e um parceiro importante nas brincadeiras e, por isso, claramente presente e valorizado. No grupo experimental o pai é representado também como figura de autoridade, mas não como um parceiro privilegiado nos divertimentos, facto que parece ir no mesmo sentido da tendência deste grupo a desvalorizar a figura paterna nos seus desenhos. No grupo de controle nota-se um equilíbrio entre as valorizações e desvalorizações desta figura, que poderão, hipoteticamente, "traduzir" do ponto de vista da criança, aquilo que de "bom" tem o acompanhamento lúdico do pai, e aquilo que de "menos bom" tem o seu papel mais autoritário e exigente.

Nota-se ainda que, em ambos os grupos, há mais crianças que desenham o próprio ou a figura dominante da fratria mais perto do pai (do que as que a desenham mais perto da mãe) independentemente do sexo, o que de novo parece não concordante com as respostas do grupo experimental ao questionário, que sugerem, como já referimos, uma maior aproximação (de novo real ou desejada) dos filhos rapazes ao pai.

A valorização versus desvalorização da figura central da fratria, diferença bastante relevante nos desenhos dos dois grupos, não pode ser comparada, de forma conclusiva, com as respostas ao questionário. No entanto, em termos qualitativos, quer do discurso quer da própria postura, sentimos, de modo geral uma maior alegria e maior convicção e segurança nas afirmações do grupo de controle do que no grupo experimental. No fundo, aquilo que nos desenhos se traduziu expressamente, no questionário passou mais ao nível da atitude, do não verbal. Ainda, o próprio facto de as crianças deprimidas não verem o pai como parceiro das suas brincadeiras, pode traduzir, em hipótese, uma desvalorização de si próprias, um sentimento de não-valor: estando este mais centrado no seu trabalho profissional, são elas que nem sequer o conseguem cativar para brincar consigo.

Não nos referiremos aqui às representações filiais de ambos os grupos, uma vez que apenas foram avaliadas pelas respostas ao questionário.

Em suma, relativamente aos resultados obtidos pelos dois instrumentos, embora os desenhos da família nos tenham permitido, de facto, diferenciar mais claramente os dois grupos, traduzindo de uma forma que nos parece significativa a patologia do grupo experimental, os resultados do questionário, por seu lado, forneceram informações que consideramos bastante importantes em termos das representações conscientes das figuras parentais, às quais provavelmente não teríamos tido acesso só pelos desenhos. Nesta medida, ainda que de natureza bastante diferente, é nossa opinião que os dois instrumentos se revelaram bastante complementares para a concretização dos objectivos pretendidos.

5- CONCLUSÕES

- 1) As representações maternas das crianças normais e deprimidas não se revelaram significativamente diferentes: em termos gerais, ambos os grupos valorizaram esta figura, assentando a sua representação quer na dimensão afectiva, quer na dimensão funcional.
- 2) No entanto, registaram-se alguns casos no grupo experimental que parecem contrariar estes resultados, indo no sentido do não reconhecimento da afectuosidade materna. Este facto, aliado ao reduzido número de sujeitos deste grupo, leva-nos a admitir a hipótese de que, numa amostra maior, os resultados seriam provavelmente diferentes.
- 3) Nas crianças normais, o pai é fundamentalmente representado como uma figura de autoridade e, simultaneamente, como parceiro de actividades de divertimento. É, claramente, uma figura presente e valorizada no mundo relacional destas crianças.
- 4) Nas crianças deprimidas a representação paterna assenta na autoridade, mas de modo nenhum na parceria nos divertimentos. Muito centrado no seu trabalho profissional o pai parece ser uma figura menos presente e menos valorizada na vivência diária destas crianças.
- 5) A representação materna tanto das mães como dos pais das crianças normais assenta fundamentalmente nas dimensões afectiva e funcional. Nos mesmos grupos o pai é representado como uma figura de autoridade e companheiro nos divertimentos dos filhos.
- 6) Em ambos os grupos das mães e dos pais das crianças deprimidas, a figura materna é também essencialmente representada nas dimensões afectiva e funcional. Quanto ao pai, é representado por este grupo de mães como uma figura de autoridade e algo centrada no seu trabalho profissional. A representação que estes pais têm deles próprios assenta sobretudo no seu papel de sustento económico, assumindo-se muito ocupados com o seu trabalho.
- 7) O estudo não nos permitiu diferenciar claramente as representações de filho e filha das de rapaz e rapariga, em nenhum dos grupos.

- 8) Do mesmo modo, ainda que em termos de grupo os resultados sugiram uma certa consonância das representações das crianças e dos seus progenitores, não nos foi possível, através da metodologia adoptada, fazer uma comparação intrafamiliar conclusiva das representações em causa.

IV. RESUMOS

RESUMO

Este estudo tem por principal objectivo a comparação das representações materna, paterna e filial de crianças normais ($n = 41$) e deprimidas ($n = 16$), bem como as dos respectivos pais e mães.

Assenta no pressuposto teórico de que o sentimento fundamental do deprimido é o de insatisfação profunda e de que a baixa auto-estima é o traço dominante em qualquer tipo de organização depressiva.

A avaliação das representações em causa foi feita através de do teste do desenho da família e de um questionário.

Por si só, os desenhos permitiram-nos diferenciar mais claramente os dois grupos de crianças.

No seu conjunto, os resultados dos dois instrumentos não revelaram diferenças significativas ao nível da representação materna das crianças normais e deprimidas, assentando esta quer na dimensão afectiva, quer na dimensão funcional.

Quanto ao pai, é representado pelas crianças normais como uma figura de autoridade e simultaneamente como parceiro nos divertimentos dos filhos, estando este último aspecto claramente ausente na representação paterna das crianças deprimidas.

Em termos gerais, as representações materna e paterna dos progenitores das crianças normais revelaram-se em consonância com as dos seus filhos.

O mesmo se pode dizer em relação à representação materna das mães e dos pais das crianças deprimidas. No que respeita ao pai, é representado por este grupo de mães com um figura de autoridade, algo centrada no seu trabalho profissional. A representação que estes pais têm de si próprios assenta sobretudo no seu papel de sustento económico.

A nível das representações filiais, o estudo não nos permitiu diferenciar claramente as representações de filho e filha das de rapaz e rapariga, em nenhum dos grupos.

RÉSUMÉ

Cette étude a pour objectif la comparaison des représentations maternelles, paternelles et filiales d'enfants normaux ($n = 41$) et déprimés ($n = 16$) ainsi que de leurs parents respectifs.

Théoriquement, elle se fonde sur l'idée de que le sentiment fondamental du déprimé est celui de l'insatisfaction profonde et que la perte de l'estime de soi est un trait dominant et commun à tous les types de dépressions.

La évaluation des représentations en cause a été faite au travers du test du dessin de famille et d'un questionnaire.

Les dessins seuls nous ont permis de différencier plus clairement les deux groupes d'enfants.

Dans leur ensemble, les résultats des deux instruments ne révèlent pas de différences significatives au niveau de la représentation maternelle des enfants normaux et déprimés, celle-ci se basant soit sur la dimension affective soit sur la dimension fonctionnelle.

Quant au père, il est représenté par les enfants normaux simultanément comme figure de l'autorité et comme compagnon de jeux, ce dernier aspect étant franchement absent chez les enfants déprimés.

Des conclusions ont également été tirées sur les représentations maternelles et paternelles des parents des deux groupes.

Au niveau des représentations filiales l'étude ne nous a permis de différencier clairement les représentations fils / fille de celles des sexes masculin / féminin, et ceci pour tous les groupes.

ABSTRACT

The main purpose of this study is to compare the mother, father, son and daughter representations in normal ($n = 41$) and depressed children ($n = 16$), and their parents.

We made the assumption that the fundamental feeling of those depressed is a deep dissatisfaction, as well as a low self-esteem.

The representations were assessed using the family drawing test and with a questionnaire.

Significant differences were not found in the maternal representation in either group of children: mainly, mother seems to be represented in both affective and functional dimensions.

As for the father, normal children represent him as an authority figure, as well as someone they look for to play and for amusement. This latter aspect is definitely absent in the paternal representation of the depressed children.

Using the parents maternal and paternal representations, we reached some conclusions.

No clear differentiations between son and daughter representations and boy and girl representations were made by any of the groups.

V. BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- [1] ABELIN, E. (1975) - "Some further observations and comments on the earliest role of the father", in International Journal of Psycho-Analysis, 56, pp. 293 - 302.
- [2] ABERASTURY, A. e SALAS (1978) - "A paternidade; um enfoque psicanalítico", Porto Alegre, Artes Médicas.
- [3] AJURIAGUERRA, J. DE e MARCELLI, D. (1989) - "Psychopathologie de l'enfant", Paris, Masson.
- [4] ARFOUILLOUX, J.-C. (1982) - "Dépression et separation", in Neuropsychiatrie de l'Enfance, 30 (10-11), pp. 607 - 614.
- [5] ARFOUILLOUX, J.-C. (1993) - "Dépression et dépressivité chez l'enfant", in Journal de la Psychanalyse de l'Enfant, (13), Paris, Bayard Ed., pp. 242 - 262.
- [6] BARDIN, L. (1977) - "Análise de conteúdo", Lisboa, Edições 70, Col. Persona, 1979.
- [7] BEGOIN, J. (1993) - "Dépression et destructivité dans la vie psychique de l'enfant", in Journal de la Psychanalyse de l'Enfant, (13), Paris, Bayard Ed., pp. 100 - 126.
- [8] BERGERET, J. (1976) - "Dépressivité et dépression dans le cadre de l'économie défensive", in Revue Française de Psychanalyse, vol. 40, n° 5 - 6, pp. 835 - 1044.
- [9] BETTELHEIM, B. (1987) - "Pour être des parents acceptables - Une psychanalyse du jeu", Paris, Ed. Robert Laffont, S.A., 1988.
- [10] BOWLBY, J. (1960) - "Grief and mourning in infancy and early childhood", in Psychoanalytic Study of the Child, 15, pp. 9 - 52.

- [11] BURKS, H. L. e HARRISON, S. (1962) - "Agressive behavior as a mean of avoiding depression", in Amer. J. Orthopsychiat., 32, pp. 416 - 422 (citado por DUGAS, M. e MOUREN, M. - C.)
- [12] CAMPBELL, D. T. e STANLEY, J. C. (1966) - "Delineamentos experimentais e quase-experimentais de pesquisa", S. Paulo, E.P.U., EDUSP, 1979.
- [13] CATH, S. (1986) - "Fathering from infancy to old age: a selective overview of the recent psychoanalytic contributions", in the Psychoanalytic Review, vol. 73, nº 4, pp. 65 / 469 - 75 / 479.
- [14] COIMBRA DE MATOS, A. (1977) - "O Desenvolvimento infantil na perspectiva psicanalítica", comunicação apresentada à Sociedade Portuguesa de Psicologia em 27/3/1977.
- [15] COIMBRA DE MATOS, A. (1982) - "A Depressão, essa incógnita", in Jornal do Médico, vol. CIX, (1991), pp. 937 a 938.
- [16] COIMBRA DE MATOS, A. (1982) - "Esquema do núcleo depressivo da personalidade", in "O Médico", nº 1597, Ano 33 - vol. 103.
- [17] COIMBRA DE MATOS, A. (1982) - "Razões da morte; morte da razão, (Abordagem psicanalítica do suicídio)", conferência apresentada no Encontro "A Morte Vista Por", Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 28 e 29 de Janeiro.
- [18] COIMBRA DE MATOS, A. (1986) - "Neurose e depressão", in Jornal do Médico, CXXI (2188), pp. 290 - 292; CXXI (2190), pp. 385 - 388.
- [19] COIMBRA DE MATOS, A. (1989) - "A Depressão na criança", extracto de uma aula gravada do Curso de Internos, Texto de apoio à cadeira de Psicopatologia da Criança e do Adolescente, do 4º ano, do curso de Psicologia da F. P. C. E. L..
- [20] CONOVER, W. J. (1971) - "Practical nonparametric statistics", New York, John Wiley & Sons, Inc. (1980).

- [21] CORMAN, L. (1961) - "Le test du dessin de famille dans la pratique médico - pédagogique", Paris, PUF, 1967.
- [22] DENIS, P. (1987) - "La dépression chez l'enfant: reaction innée ou élaboration?", in *Psychiatrie de l'Enfant*, XXX, 2, pp. 301 - 328.
- [23] DORPAT, T. L. (1980) - "Depressive affect", in *Psychoanalytic Study of the Child*, 35, pp. 237 - 265.
- [24] DUGAS, M. e MOUREN, M. - C. (1980) - "Les troubles de l'humeur chez l'enfant de moins de 13 ans", Paris, PUF, Col. "Le Fil Rouge".
- [25] EPELBAUN, C. e FERRARI, P. (1992) - "La prise en charge des parents dans le cadre des dépressions de l'enfant", in *Neuropsychiatrie de l'Enfance*, 40 (10), pp. 516 - 520.
- [26] FREUD, A. e BURLINGHAM, D. (1974 ?) - "Infants without families and reports on the Hampstead nurseries 1939 - 1945", London, Hogarth (citado por DENIS, P.).
- [27] FREUD, S. (1915 - 1917) - "Luto e Melancolia", in *Edição Standard Brasileira das Ob. Psci. Comp. de S. Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora, Lda, 1976, vol. XIV, pp. 275 - 291.
- [28] FURMAN, E. (1982) - "Mothers have to be there to be left", in *The Psychoanalytic Study of the Child*, vol. 37, pp. 15 - 28.
- [29] FURMAN, R. A. (1991) - "The father - child relationship", in *The Course of life*, vol. III, cap. 11, Madison, Int. Universities Press, Inc..
- [30] GAMPEL, Y. (1993) - "Papa, tu m'entends?", in *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant*, (13), Paris, Bayard Ed., pp. 328 - 344.
- [31] GONÇALVES, M. J. (1992) - "As relações Pais / Criança: uma perspectiva clínica", in *Análise Psicológica*, nº 1, série X, pp. 35 - 41.

- [32] HANSON, S. M. H. e BOZETT, F. W. (Ed.) (1985) - "Dimensions of fatherhood", Califórnia, Sage Publications, Inc..
- [33] HAYNAL, A. (1977) - "Le sens du desespoir", in *Revue Française de Psychanalyse*, vol. XLI, 1 - 2, pp. 5 - 186 (citado por DUGAS, M e MOUREN, M. - C.).
- [34] KOHUT, H. (1974) - "Le soi", Paris, PUF.
- [35] LAMB, M. (1986) - "O papel do pai em mudança", in *Análise Psicológica*, 1992, nº 1, série X, pp. 19 - 34.
- [36] LANG, J. - L. (1978) - "Aux frontières de la psychose infantile", Paris, PUF, Col. Le Fil Rouge (citado por DUGAS, M. e MOUREN, M. - C.).
- [37] LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. - B. (1967) - "Vocabulaire de la psychanalyse", Paris, PUF, 1978.
- [38] LAYAND, W. R. (1981) - "In search of a loving father", in *International Journal of Psycho-Analysis*, 62, pp. 215 - 223.
- [39] MALPIQUE, C. (1984) - "A ausência do pai", Porto, Ed. Afrontamento.
- [40] MCGUIGAN, F. J. (1924) - "Psicologia Experimental: uma abordagem metodológica", S. Paulo, E.P.U., 1976.
- [41] NISSEN, G. (1973) - "La dépression masquée chez l'enfant et l'adolescent", in KIELHOLZ, P., *La dépression masquée*, Symposium International Saint Morritz, Paris, Masson, pp. 133 - 151, (citado por DUGAS, M. e MOUREN, M. - C.).
- [42] ODY, M. (1985) - "Carence paternelle: Importance du père et de la fonction paternelle dans le développement du fonctionnement mental", in *Traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent* (LEBOVICI, S.; DIATKINE, R.; SOULÉ, M.), vol. III, cap. 102, Paris, PUF.
- [43] PARKE, R. D. (1981) - "Ser Pai", Lisboa, Pub. Dom Quixote, 1982.

- [44] PENOT, B. (1985) - "La dépression chez l'enfant", in *Traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent* (LEBOVICI, S.; DIATKINE, R.; SOULÉ, M.), vol. II, cap. 51, Paris, PUF.
- [45] PERRON, R. (1983) - "Le développement de la personnalité chez l'enfant", in *Encyclopédie Médico-chirurgicale*, Paris, 37031 A10.
- [46] POZNANSKI, E. e ZRULL, J. P. (1970) - "Childhood depression", in *Arch. Gen. Psychiatrie*, 23, pp. 8 - 15 (citado por DUGAS, M. e MOUREN, M. - C.).
- [47] REYNOLDS, H. T. (1984) - "Analysis in Nominal Data", Beverly Hills, Sage Publications.
- [48] ROSENFELD, D. (1992) - "Le rôle du père dans la psychose", in *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, (11), Paris, Bayard ed., pp. 13- 38.
- [49] ROSS, J. (1979) - "Fathering: A review of some psychoanalytic contributions on paternity", in *International Journal of Psycho-Analysis*, 60, pp. 317 - 327.
- [50] RUSSELL, G. e RUSSELL, A. (1987) - "Mother - child and Father - child Relationships in Middle Childhood", in *Child Development*, 58, pp. 1573 - 1585.
- [51] SALOMÃO, J. (Direcção de) (1973 ?) - "Introdução às ideias de Bion", Rio de Janeiro, Imago Editora, Lda, 1973.
- [52] SANDLER, J. e JOFFE, W. G. (1965) - "Notes on childhood depression", in *International Journal of Psycho-Analysis*, 40, pp. 88 - 96.
- [53] SANDLER, J. e JOFFE, W. G. (1967) - "Remarques sur la souffrance, la dépression et l'individuation", in *Psychiatrie de l'Enfant*, 1, pp. 123 - 156.
- [54] SANTOS, J. DOS (1983/4) - "Se não sabe porque é que pergunta? - Conversas com João Sousa Monteiro", Lisboa, Assírio e Alvim, 1989.
- [55] SANTOS, J. DOS (1985/6) - "Eu agora quero-me ir embora - Conversas com João Sousa Monteiro", Lisboa, Assírio e Alvim, 1990.

- [56] SEGAL, H. (1969) - "Introdução à obra de Melanie Klein", Rio de Janeiro, Imago Editora, Lda, Col. Psicologia Psicanalítica, 1975.
- [57] SPIEGEL, M. R. (1961) - "Estatística", São Paulo, Ed. McGraw-Hill do Brasil, Lda, Col. Shaum, 1971.
- [58] SPITZ, R. (1946) - "Anaclitic Depression", in *The Psychoanalytic Study of the Child*, 2, pp. 213 - 342.
- [59] TOOLAN, J. M. (1962) - "Depression in children and adolescents", in *Amer. J. Orthopsychiat.*, 32, pp. 404 - 415, (citado por DUGAS, M. e MOUREN, M. - C.).
- [60] WINNICOTT, D. W. (1958) - "De la pédiatrie à la psychanalyse", Paris, Payot, 1969.
- [61] WINNICOTT, D. W. (1964) - "The child, the family and the outside world", New York, Penguin Books (citado por FURMAN, R.A.).
- [62] WINNICOTT, D. W. (1987) - "The maturational processes and the facilitating environment", London, Hogart Press (citado por GONÇALVES, M. J.).

VOLUME II - ANEXOS

Anexo 1 - Quadros referentes à caracterização dos dois grupos de crianças

Anexo 2 - Desenhos da família e respostas ao respectivo questionário

Anexo 3 - Quadros referentes à cotação de cada desenho, de acordo com a grelha de análise definida

Anexo 4 - Tabela dos valores residuais referidos no ponto 2.2. a), Parte III, Vol.I

Anexo 5 - Transcrições das respostas ao questionário (crianças, mães e pais)

Anexo 6 - Quadros referentes à cotação das respostas ao questionário, de acordo com as categorias definidas

Anexo 7 - Resultados estatísticos referentes à análise das respostas ao questionário

ANEXO 1 - Quadros referentes à caracterização dos dois grupos de crianças

CRIANÇAS NORMAIS

Nº	ORIGEM	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	NÍVEL SÓCIO-ECONÓMICO	SEXO E IDADE DA FRATRIA	MÃE TRABALHA SIM OU NÃO	IDADE DA MÃE	IDADE DO PAI	QUEST. À MÃE SIM OU NÃO	QUEST. AO PAI SIM OU NÃO
1	Esc. Avé Maria	Rapariga	9	3ª classe	I	Rapariga 2	Sim	33	40	Sim	Sim
2	Esc. Avé Maria	Rapariga	9	3ª classe	II	Rapaz 16	Sim	39	42	Não	Não
3	Esc. Avé Maria	Rapariga	9	3ª classe	II	Rapariga 15	Sim	48	49	Sim	Sim
4	Esc. Avé Maria	Rapariga	8	3ª classe	I	Rapariga 18, Rapaz 14	Sim	45	44	Sim	Não
5	Esc. Avé Maria	Rapariga	8	3ª classe	I	Rapaz 13	Sim	49	38	Sim	Sim
6	Esc. Avé Maria	Rapariga	9	3ª classe	I	Rapariga 10	Sim	33	34	Sim	Sim
7	Esc. Avé Maria	Rapariga	9	4ª classe	I	Rapaz 11, Rapaz R.N.	Sim	31	40	Não	Sim
8	Esc. Avé Maria	Rapariga	9	4ª classe	II	Rapariga 4	Sim	35	33	Sim	Sim
9	Esc. Avé Maria	Rapariga	9	3ª classe	I	Rapaz 7	Sim	36	41	Sim	Sim
10	Esc. Avé Maria	Rapariga	9	4ª classe	II	Rapariga 15, 11	Sim	41	43	Sim	Não

CRIANÇAS NORMAIS

Nº	ORIGEM	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	NÍVEL SÓCIO-ECONÓMICO	SEXO E IDADE DA FRATRIA	MÃE TRABALHA SIM OU NÃO	IDADE DA MÃE	IDADE DO PAI	QUEST. À MÃE SIM OU NÃO	QUEST. AO PAI SIM OU NÃO
11	ATL S. João do Estoril	Rapariga	9	4ª classe	II	Rapaz 8	Sim	38	37	Sim	Sim
12	ATL S. João do Estoril	Rapariga	9	4ª classe	III	Rapaz 5	Sim	38	36	Sim	Sim
13	ATL S. João do Estoril	Rapariga	9	3ª classe	III	—	Sim	34	33	Sim	Sim
14	Esc. Primária do Penedo	Rapariga	10	4ª classe	III	—	Sim	31	32	Sim	Sim
15	Esc. Primária do Penedo	Rapariga	10	4ª classe	IV	Rapaz 4	Não	31	38	Não	Não
16	Esc. Primária do Penedo	Rapariga	9	4ª classe	III	Rapaz 12	Sim	37	42	Sim	Sim
17	Esc. Primária do Penedo	Rapariga	10	4ª classe	IV	Rapariga 13, 8	Sim	39	43	Sim	Não
18	Esc. Primária do Penedo	Rapariga	9	4ª classe	IV	Rapaz 12	Sim	35	35	Não	Não
19	Esc. Primária do Penedo	Rapariga	9	4ª classe	II	Rapaz 9; 1/2 Rapariga 17	Não	38	40	Sim	Sim
20	Esc. Primária do Penedo	Rapariga	8	3ª classe	IV	Rapariga 2	Sim	36	42	Sim	Sim

CRIANÇAS NORMAIS

Nº	ORIGEM	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	NÍVEL SÓCIO-ECONÓMICO	SEXO E IDADE DA FRATRIA	MÃE TRABALHA SIM OU NÃO	IDADE DA MÃE	IDADE DO PAI	QUEST. À MÃE SIM OU NÃO	QUEST. AO PAI SIM OU NÃO
21	Esc. Primária do Penedo	Rapaz	8	3ª classe	III	Rapaz 14	Sim	40	40	Sim	Sim
22	ATL S. João do Estoril	Rapaz	9	4ª classe	IV	—	Sim	52	41	Não	Não
23	ATL S. João do Estoril	Rapaz	8	3ª classe	III	Rapaz 22, 20, 18, 15, 7 Rapaz 17, 14	Não	45	46	Não	Não
24	Esc. Avé Maria	Rapaz	8	3ª classe	I	Rapaz 19, Rapaz 17	Não	40	43	Sim	Sim
25	ATL S. João do Estoril	Rapaz	10	4ª classe	III	Rapaz 7	Sim	31	31	Sim	Não
26	Esc. Avé Maria	Rapaz	9	3ª classe	I	Rapaz 18, 13	Sim	39	41	Sim	Sim
27	Esc. Avé Maria	Rapaz	9	3ª classe	II	Rapaz 11, 10, 7 Rapaz 4	Sim	37	37	Sim	Sim
28	Esc. Primária do Penedo	Rapaz	9	4ª classe	IV	Rapaz 13	Não	34	35	Sim	Sim
29	Esc. Avé Maria	Rapaz	9	4ª classe	I	Rapaz 11, Rapaz 4	Não	38	37	Sim	Sim

CRIANÇAS NORMAIS

Nº	ORIGEM	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	NÍVEL SÓCIO-ECONÓMICO	SEXO E IDADE DA FRATRIA	MÃE TRABALHA SIM OU NÃO	IDADE DA MÃE	IDADE DO PAI	QUEST. À MÃE SIM OU NÃO	QUEST. AO PAI SIM OU NÃO
30	Esc. Primária do Penedo	Rapaz	10	4ª classe	III	—	Sim	31	32	Sim	Sim
31	Esc. Primária do Penedo	Rapaz	10	4ª classe	III	Rapariga 26	Não	51	52	Sim	Sim
32	Esc. Avé Maria	Rapaz	8	3ª classe	I	Rapariga 24, 23, 22 Rapaz 20, 15	Não	45	51	Não	Não
33	Esc. Primária do Penedo	Rapaz	9	4ª classe	II	—	Sim	49	46	Sim	Sim
34	Esc. Avé Maria	Rapaz	9	4ª classe	I	Rapariga 8	Sim	29	32	Sim	Sim
35	Esc. Primária do Penedo	Rapaz	9	4ª classe	II	Rapariga 10, 1/2 Rapariga 17	Não	38	40	Sim	Sim
36	Esc. Avé Maria	Rapaz	9	4ª classe	II	—	Sim	31	32	Sim	Sim
37	Esc. Avé Maria	Rapaz	9	4ª classe	II	Rapaz 23, 17, Rapariga 13, 2	Sim	43	45	Não	Não

CRIANÇAS NORMAIS

Nº	ORIGEM	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	NÍVEL SÓCIO-ECONÓMICO	SEXO E IDADE DA FRATRIA	MÃE TRABALHA SIM OU NÃO	IDADE DA MÃE	IDADE DO PAI	QUEST. À MÃE SIM OU NÃO	QUEST. AO PAI SIM OU NÃO
38	Esc. Avé Maria	Rapaz	9	4ª classe	I	Rapariga 12	Sim	37	38	Sim	Sim
39	ATL S. João do Estoril	Rapaz	9	4ª classe	III	Rapariga 4	Sim	32	33	Sim	Sim
40	Esc. Primária do Penedo	Rapaz	9	4ª classe	III		Sim	28	35	Sim	Sim
41	Esc. Primária do Penedo	Rapaz	9	3ª classe	IV	Rapariga 3	Não	29	30	Sim	Sim

CRIANÇAS DEPRIMIDAS

Nº	ORIGEM	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	NÍVEL SÓCIO-ECONÓMICO	SEXO E IDADE DA FRATRIA	MÃE TRABALHA SIM OU NÃO	IDADE DA MÃE	IDADE DO PAI	QUEST. À MÃE SIM OU NÃO	QUEST. AO PAI SIM OU NÃO
42	Clínica da Encarnação	Rapariga	11	4ª classe	V	Rapariga 9	Sim	33	43	Sim	Não
43	Clínica da Encarnação	Rapariga	8	3ª classe	IV	Rapariga 6	Sim	29	30	Sim	Não
44	Clínica da Encarnação	Rapariga	9	3ª classe	IV	Rapariga 12	Não	30	42	Sim	Sim
45	Clínica da Encarnação	Rapariga	10	4ª classe	III	Rapaz 18, Rapaz 6	Não	39	42	Sim	Sim
46	Clínica da Encarnação	Rapaz	10	4ª classe	IV	Rapariga 4	Sim	32	32	Sim	Sim
47	Clínica da Encarnação	Rapaz	8	2ª classe	V	Rapariga, Rapaz 5 (Gémeos)	Não	31	32	Sim	Não
48	Clínica da Encarnação	Rapaz	9	4ª classe	IV	Rapariga 6	Não	30	33	Sim	Sim
49	Clínica da Encarnação	Rapaz	8	2ª classe	IV	Rapariga 6	Sim	23	31	Sim	Sim
50	Clínica da Encarnação	Rapaz	8	2ª classe	III	—	Não	39	39	Sim	Não
51	Clínica da Encarnação	Rapaz	11	1º ano do ciclo	III	Rapaz 9	Sim	32	37	Sim	Sim

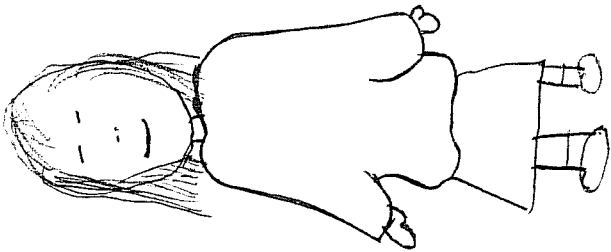
CRIANÇAS DEPRIMIDAS

Nº	ORIGEM	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	NÍVEL SÓCIO-ECONÓMICO	SEXO E IDADE DA FRATRIA	MÃE TRABALHA SIM OU NÃO	IDADE DA MÃE	IDADE DO PAI	QUEST. À MÃE SIM OU NÃO	QUEST. AO PAI SIM OU NÃO
52	Clínica da Encarnação	Rapaz	9	4ª classe	III	Rapaz 11	Sim	32	37	Sim	Sim
53	Clínica da Encarnação	Rapaz	10	4ª classe	IV		Sim	47	41	Sim	Sim
54	Clínica da Encarnação	Rapaz	8	2ª classe	III	Rapariga 14, Rapaz 8 (Gémeo)	Sim	45	45	Sim	Sim
55	Clínica da Encarnação	Rapaz	9	4ª classe	III	Rapaz 17	Sim	34	39	Sim	Sim
56	Clínica da Encarnação	Rapaz	9	4ª classe	II	Rapariga 11, Rapaz 4	Não	39	37	Sim	Sim
57	Clínica da Encarnação	Rapaz	9	4ª classe	IV		Não	28	31	Sim	Sim

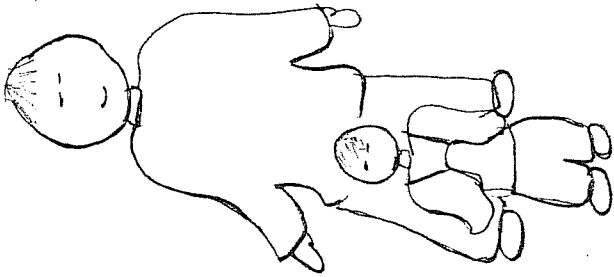
ANEXO 2 - Desenhos da família e respostas ao respectivo questionário

Nota: A seta nos desenhos indica o próprio / figura dominante da fratria

1



2



3



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. N° 1 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A mãe (1), o pai (2) e o filho pequenino (3)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

O bebé, por ser pequenino, eu gosto mais

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O pai, porque na maior parte das famílias o pai é o mais nabujento. Na minha mãe.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

É o filho, porque recebe carinho do pai e da mãe.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

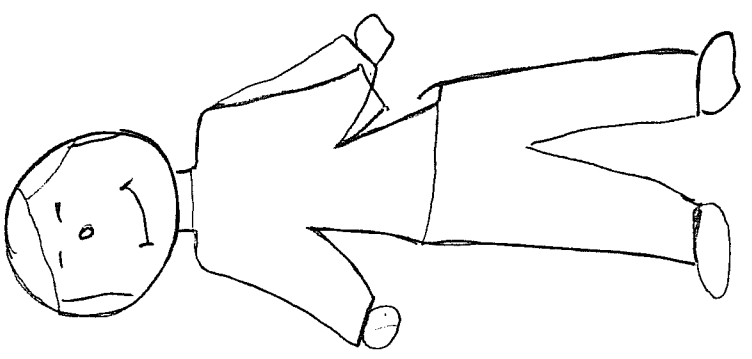
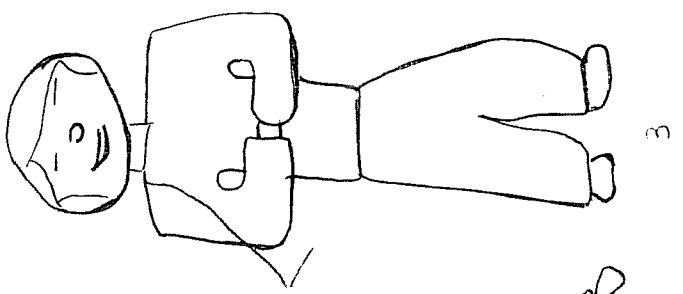
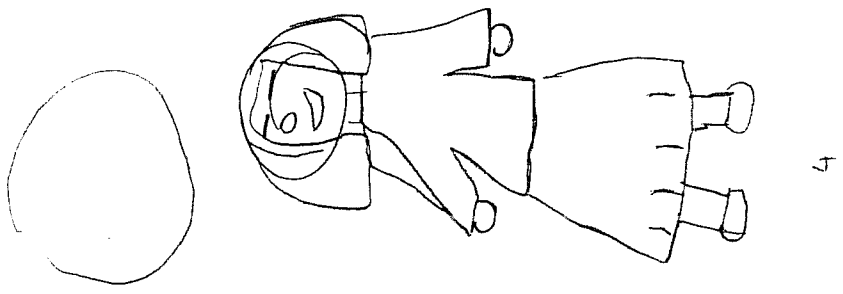
Não há.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A mãe, porque são sempre mais atenciosas

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O filho porque recebe carinho do pai e da mãe



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 2 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O pai (1), a filha (2; 5 anos), O irmão mais velho (3; 10 anos)
e a mãe

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A mãe, porque mostra carinho pelos filhos e amigos

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

A filha. É má, bate nas pessoas e chateia-as.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O irmão porque tem mais amigos e sai com eles e gosta muito dos pais.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

É o pai porque trabalha muito e chega a casa cansado e tem que ajudar a família

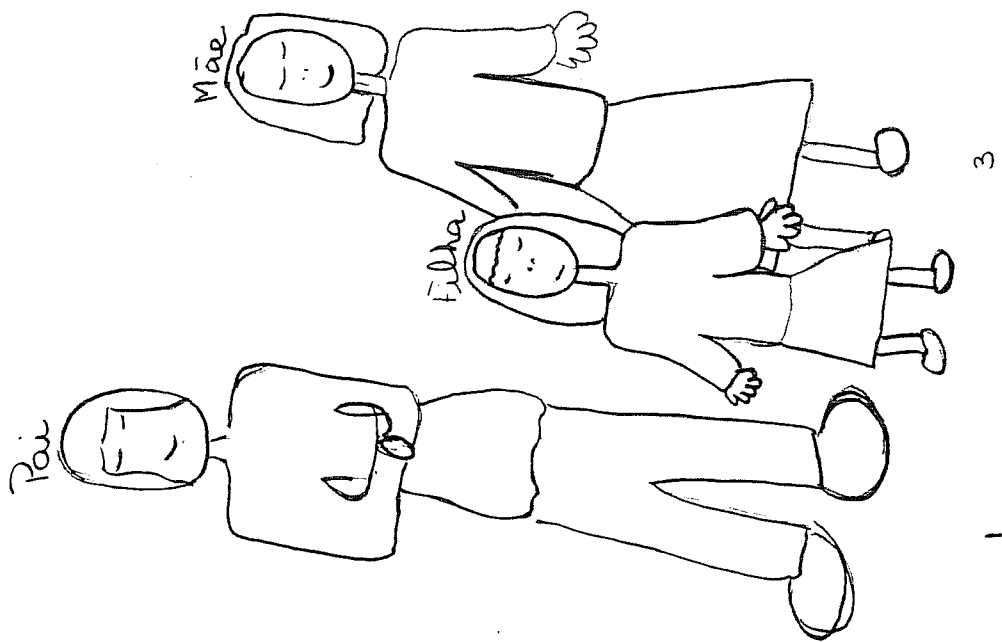
6) E tu, nesta família, quem preferes?

O pai

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Não sei... a filha, porque é rapariga.

(Esquerdina)



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 3; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O pai (1), a filha (7/8 anos) e a mãe (3)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

O pai, tem uma cara simpática

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

(...) A filha, ... Tem a cara mais antipática

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

Parece a mãe, porque está com um ar mais alegre

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

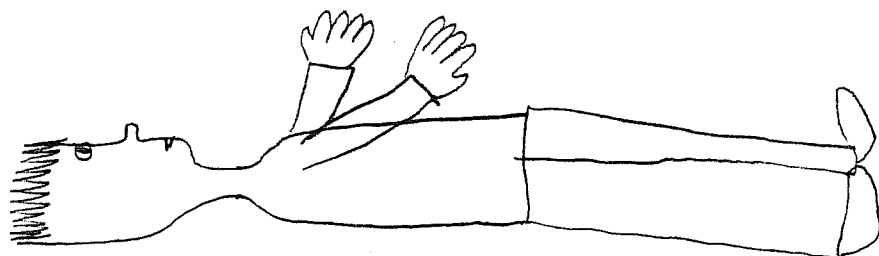
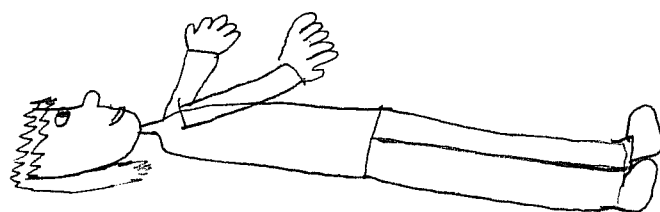
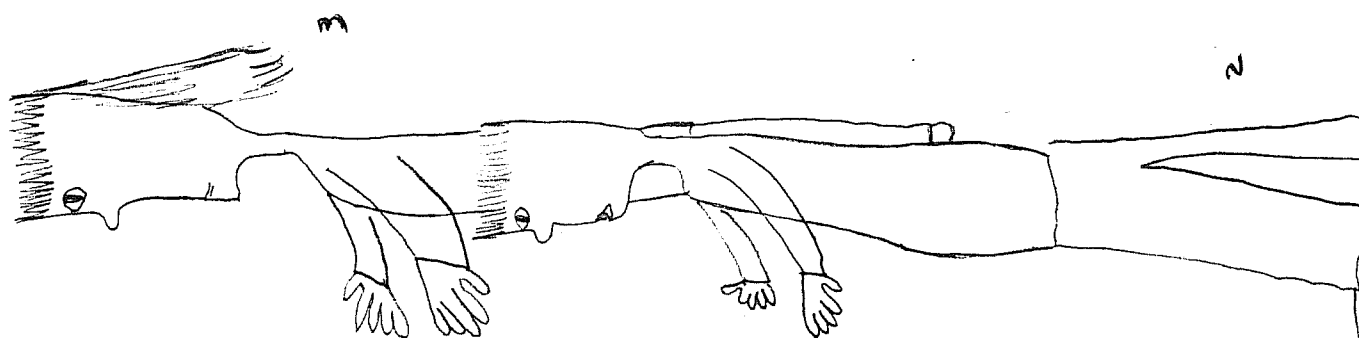
A filha, tem um ar mais infeliz

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A mãe, parece ajudar muito

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

A mãe, porque parece alegre e mais feliz.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 4 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A irmã (1; 6 anos), o pai (2), a mãe (3) e o irmão (4; 12 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A mãe ; não sei

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O irmão , porque os caprichos são maus

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O pai porque gosta de ver os filhos felizes

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

O irmão , porque apauha dos pais e é mal comportado.

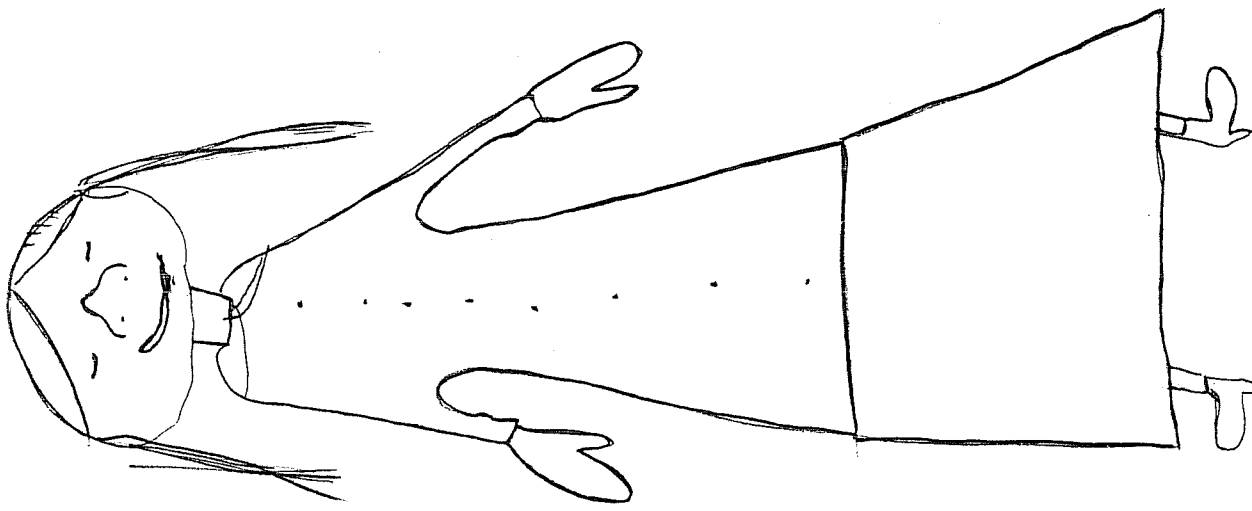
6) E tu, nesta família, quem preferes?

Não sei

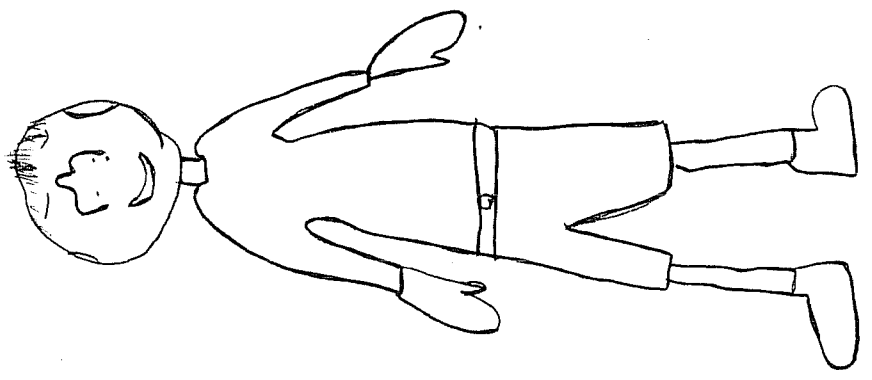
7) Quem gostarias de ser? Porquê?

A irmã , porque gosto de ser rapariga

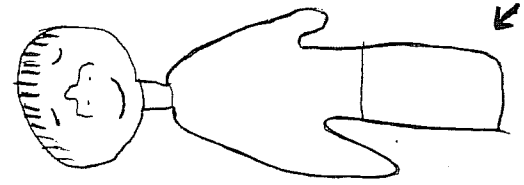
2



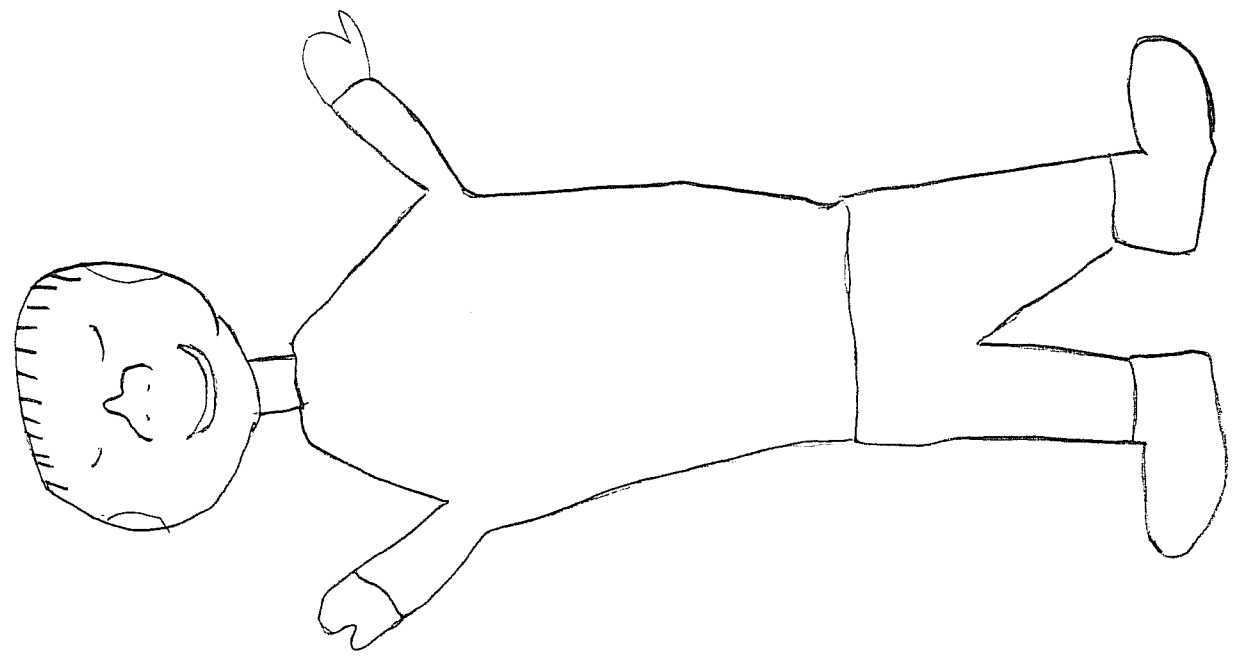
3



4



1



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 5 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O pai (1) , a mãe (2) , o irmão (3; 8 anos) e o bebé (4)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

O pai , porque o bebé ainda não sabe, o irmão ainda se porta um bocado mal e a mãe está a arranjar a casa e o pai pode estar a tomar conta dos filhos

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O irmão , porque a mãe está a trabalhar muito e tem que arranjar a casa , o bebé só come e faz graças e o irmão está numa idade de aprender e está numa escola onde há muitas pessoas

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O bebé , porque tem muito mimo

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

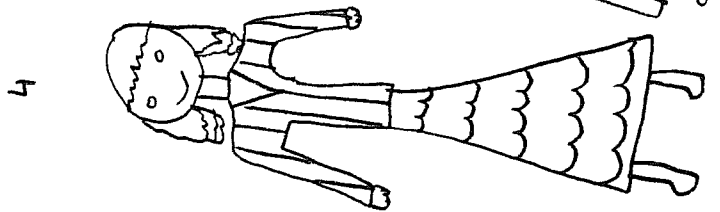
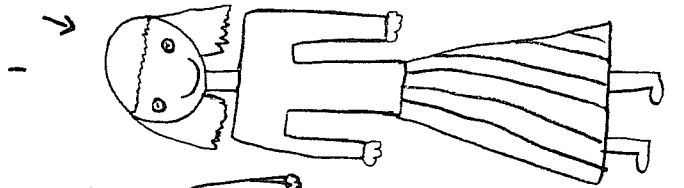
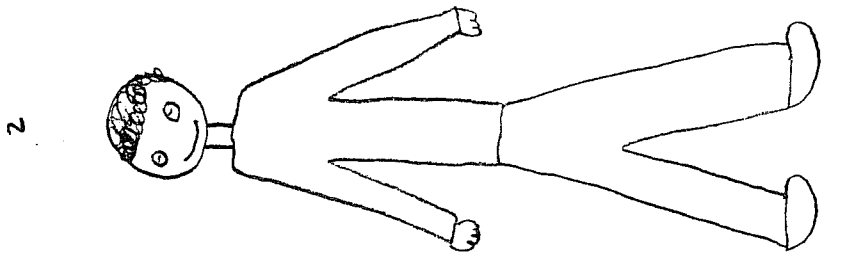
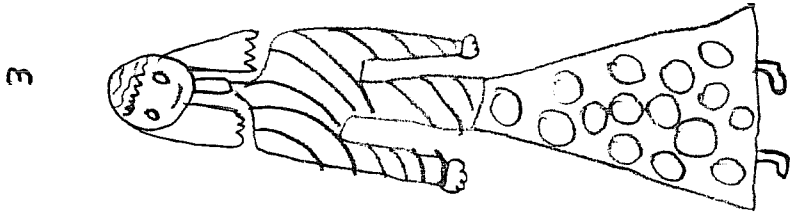
Não sei

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O pai

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O bebé , porque leva mais mimo



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 6 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

Sou eu (1), depois o meu pai (2), a minha mãe (3)
e a minha irmã (4)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A minha mãe, dá-me miminhos e
gosta de mim

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O meu pai, porque bate-me

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

Não sei

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

Não sei

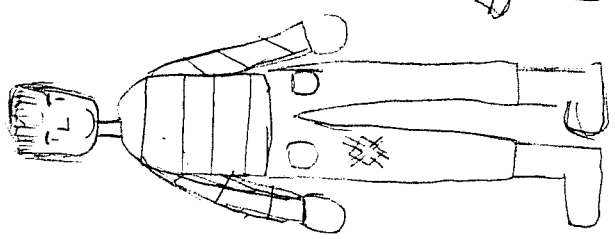
6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha mãe e o meu pai

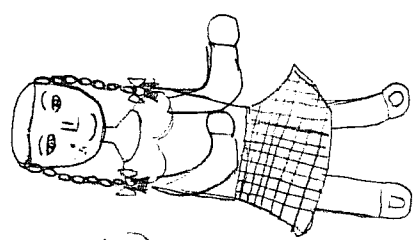
7) Quem gostarias de ser? Porquê?

A minha mãe

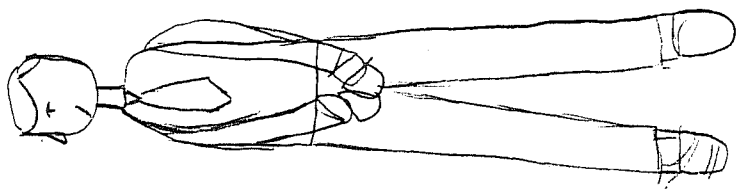
2



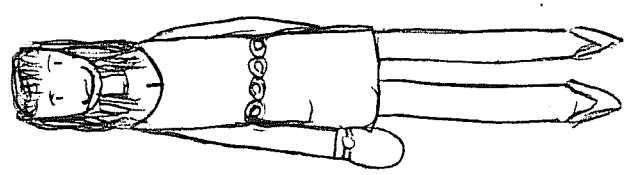
1



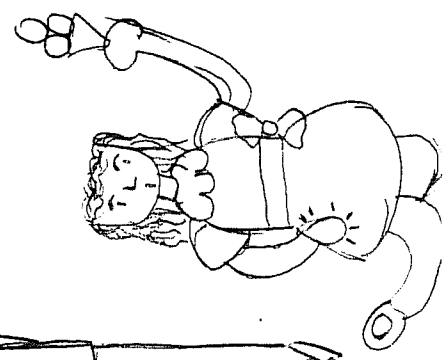
3



4



5



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 7; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

Esta mãe é a minha família, inventei. Esta é a Paiã (1; mais nova), este é o Niquel (2; mais velho) este é o pai (3), a mãe (4) e a filha do meio (5).

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A mãe, porque ajuda mais, é a mais querida, é a que eu gosto mais

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

É a do meio (5), porque é a mais feia.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

É ele (2) porque é o mais velho e pensa que manda nas irmãs dele.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

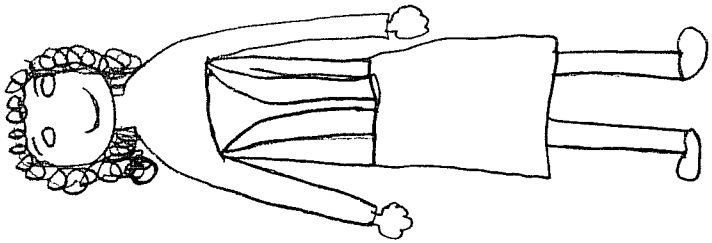
É esta, a Natilde, porque ninguém gosta dela, por amizade e não por amor.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

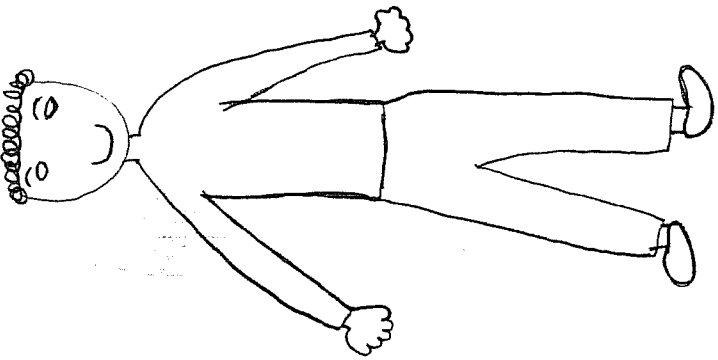
A mãe

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

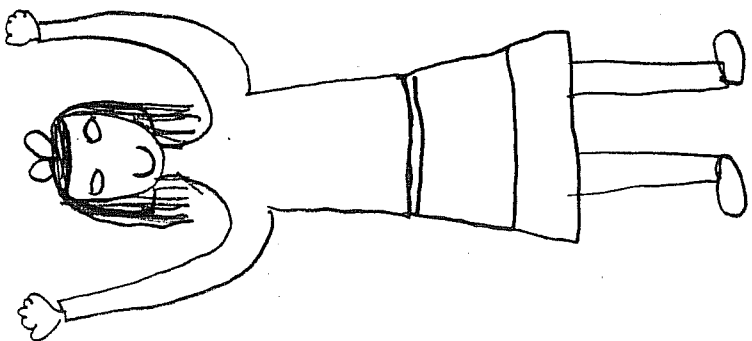
A mãe, porque as mães é que têm a responsabilidade pelos filhos, têm que tomar conta deles.



2

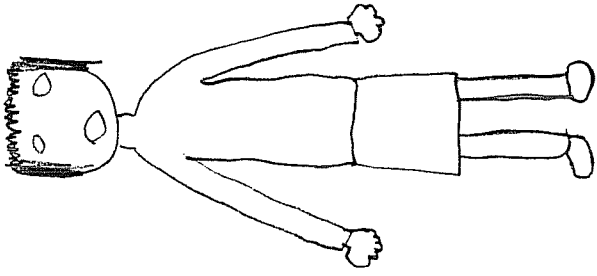


1



4

↑



3

QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 8; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O meu pai (1), a minha mãe (2), a minha irmã (3) e eu (4)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

Eu gosto de todos. A mãe, porque as vezes eu digo coisas à mãe que tenho vergonha de dizer ao pai

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Nenhuma

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

É a minha irmã. Não consigo explicar, ela é mais pequena, pode brincar mais, tem mais amigos.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

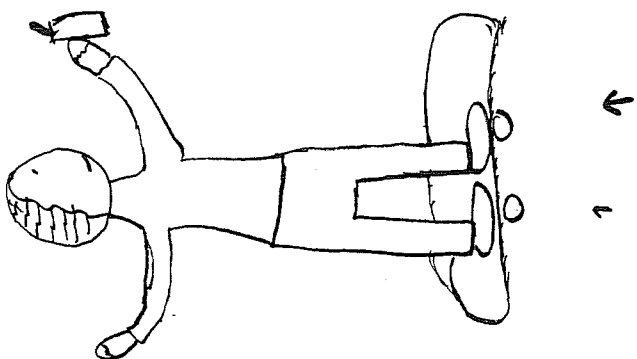
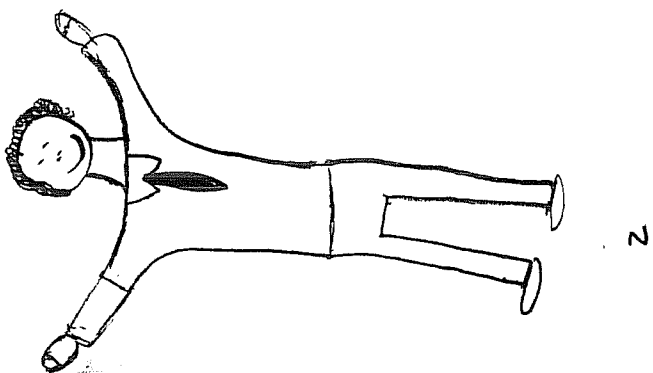
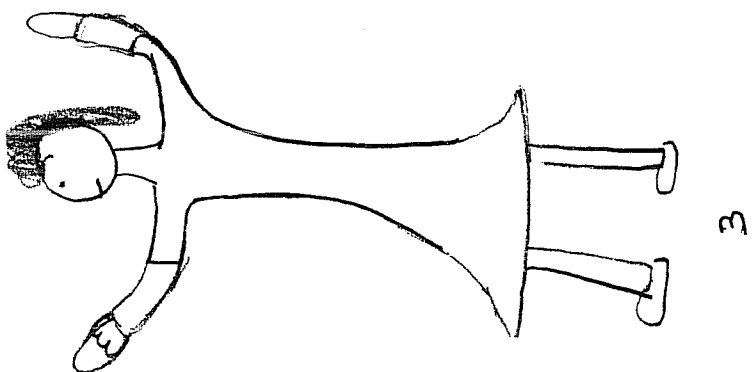
Nenhuma

6) E tu, nesta família, quem preferes?

Eu prefiro todos, gosto igual de todos

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Não sei



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 9; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O filho (1; 10 anos), o pai (2) e a mãe (3)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

É o pai e a mãe, porque eu gosto deles igualmente

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

É este, porque as irmãs são chateadas. Não, às vezes são queridos

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O pai, porque está a rir-se

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

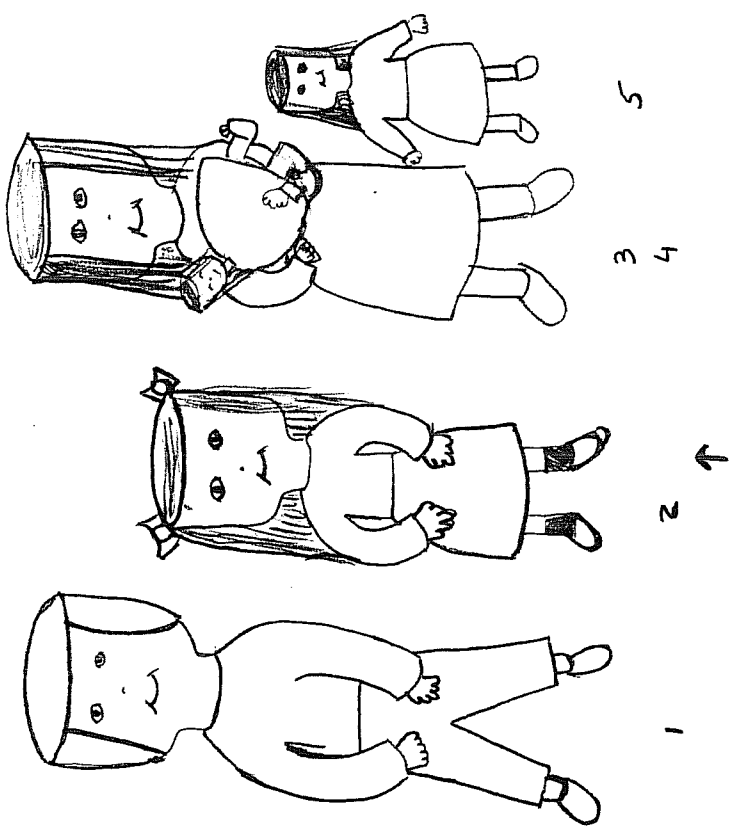
O filho, porque não pôs a boca a rir

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O filho, porque é o que está mais bem feito

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O filho, porque sempre gostei de ser um rapaz



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 10 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

É o pai (1), a filha mais velha (2; 10 anos), a mãe (3) com a filha mais nova (4; bebé) e a filha do meio (5; 7 anos).

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A mais velha, porque aprendeu melhor a ser a mais simpática, porque é mais velha.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

A do meio, porque ...

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

É a mãe, porque come-lhe melhor a vida, tem menos problemas.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

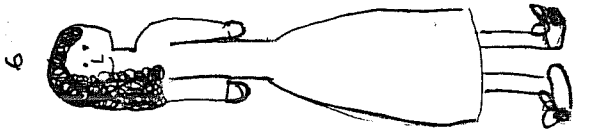
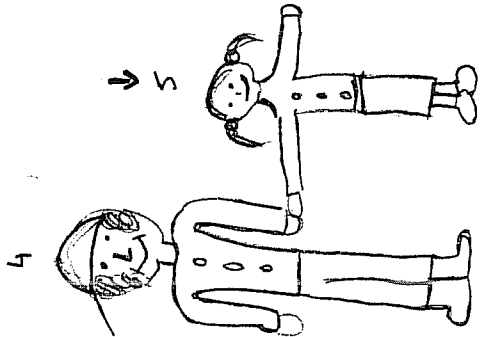
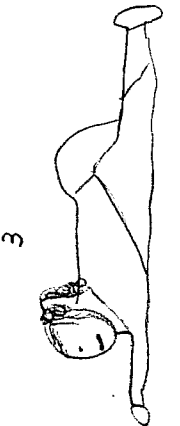
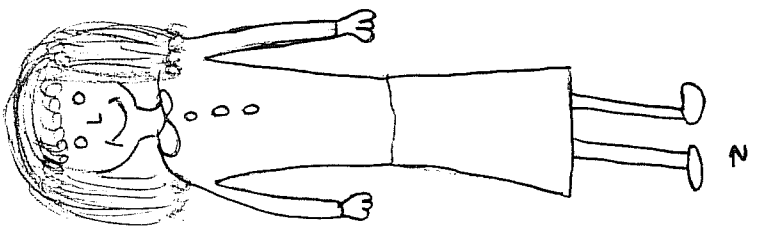
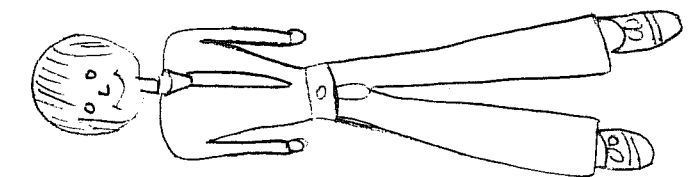
É este (pai), porque ...

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O bebé, porque deve discutir menos.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

A mais velha, porque gosto de ser a mais velha.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 11 ; 9

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O pai (1), a mãe (2), o bebé (3), o irmão (4; 8 anos),
a irmã média (5; 6 anos) e a irmã mais (6; 16 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A irmã média, porque é a maior dos mais
pequenos e a mais pequena dos maiores. É
simpática para os adultos e para os pequenos

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O rapaz, porque não gosta de rapazes.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

A irmã média. Tem a bebézinha para
brincar e tem os mais velhos para tomarem
conta dela.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

O irmão. Como é rapaz, está no meio das
irmãs que são todas napanigas.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

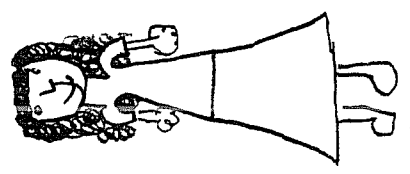
A irmã média

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

A mais velha, porque eu gosto de ser
cuidada, mas às vezes queria ser um
pouco maior.

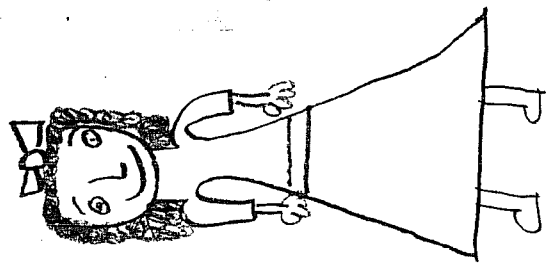


4

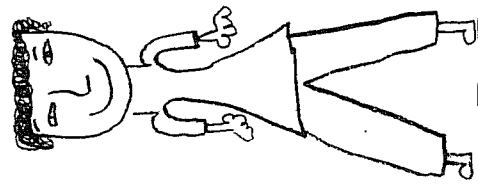


3

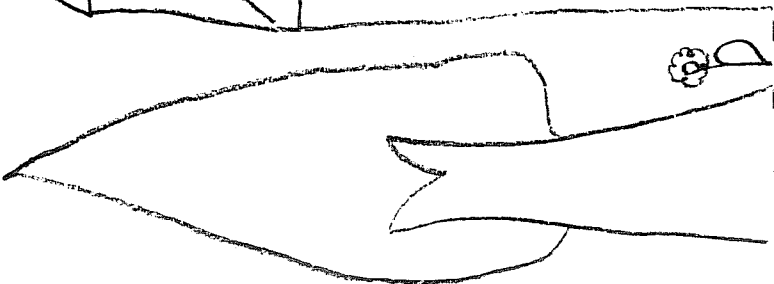
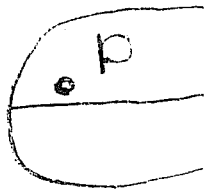
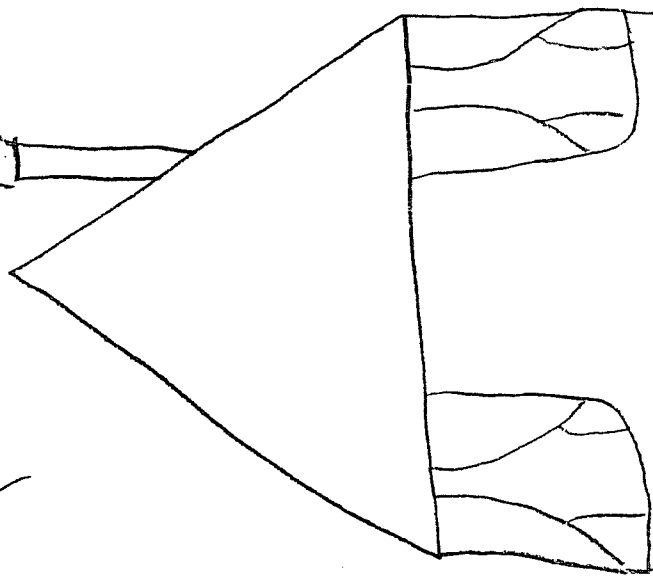
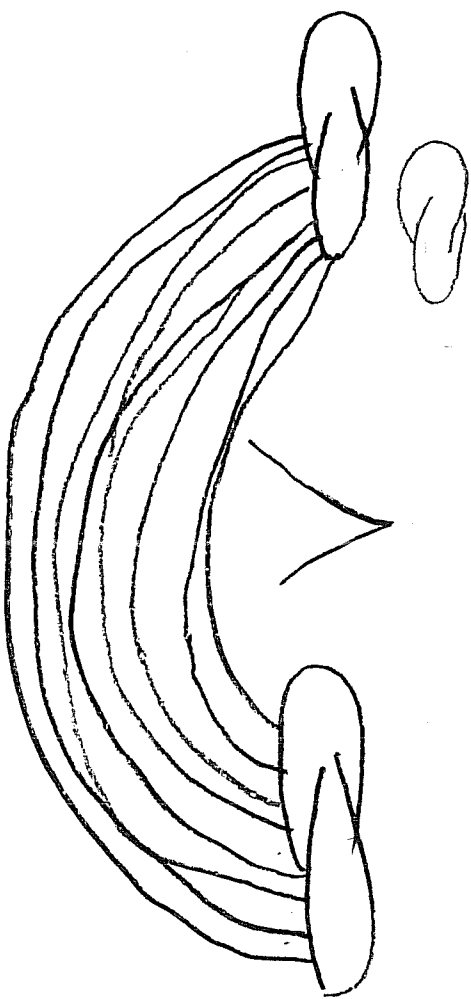
2



2



1



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 12; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O meu pai (1), a minha mãe (2), eu (3) e
o meu irmão (4; 5 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

são todos

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Nenhuma

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

Todos. Nunca estamos a lutar, nunca
ninguém está triste

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

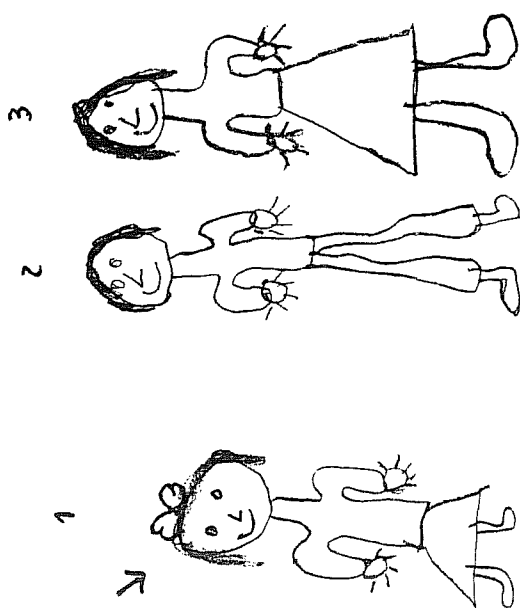
Nenhuma

6) E tu, nesta família, quem preferes?

o meu pai, a minha mãe e o meu irmão

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Não sei



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 13 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

Esta é a filha (1; 8 anos), o pai (2) e a mãe.
nas mãos é a minha família.

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

É a mãe, porque não tem a voz grossa como o pai.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Nenhuma

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

A filha. Não sei

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

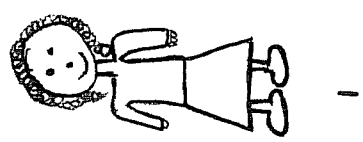
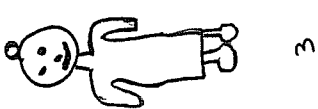
Nenhuma

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A mãe

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

A filha, porque é mais pequena.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. N° 14 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A minha mãe (1), o meu pai (2), a minha avó (3)
e eu (4)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

O meu pai. Não sei

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Nenhuma

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

Eu, porque estou sempre feliz

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

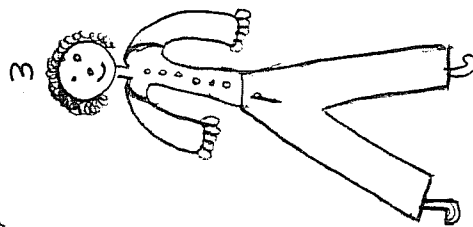
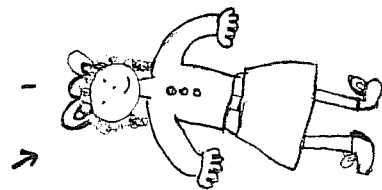
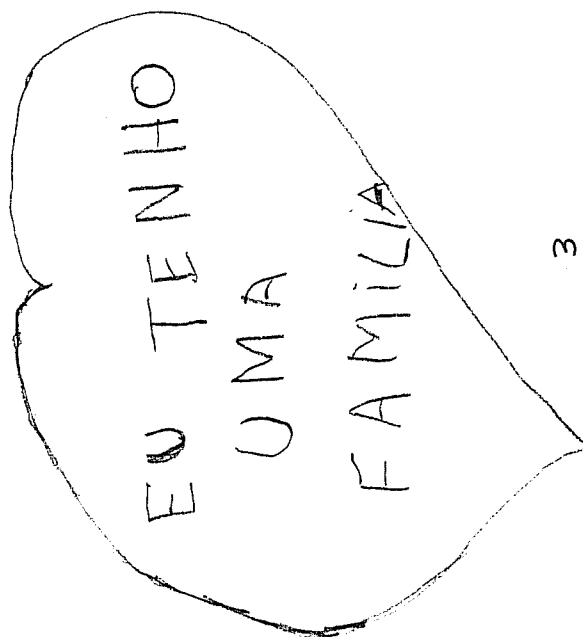
A minha avó, ela está sempre doente.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

Todos

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Não sei.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. N° 15 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

Esta sou eu (1), o mais pequeno é o meu irmão (2; 4 anos), este é o meu pai (3) e a seguir a minha mãe (4)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A minha mãe. Porque não me bate muito.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O meu pai, porque bate-me muito

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

Eu, porque eu brinco com muitas pessoas amigas

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

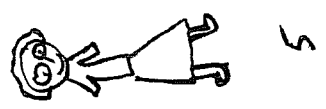
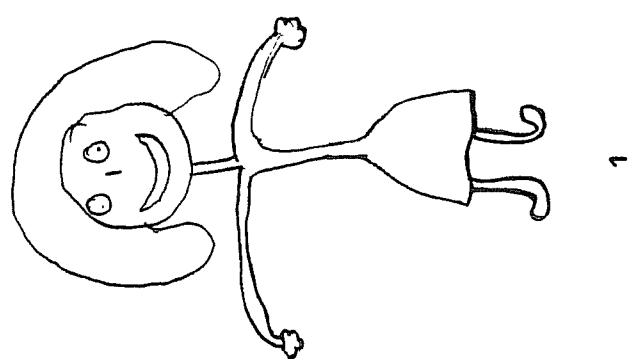
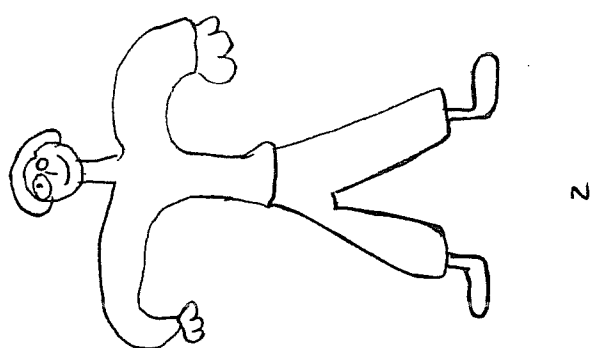
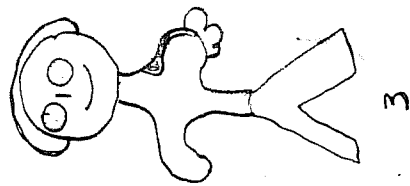
Nenhuma

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha mãe

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

A minha mãe, porque sim



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 16 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A minha tia (1), o meu tio (2), o meu irmão (3; 12 anos)
a minha madrinha (4) e a minha prima dali (5; 12 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A minha madrinha. leva-me a passear,
faz coisas comigo, e' divertida.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

A minha tia, porque e' um bocadinho chata,
sempre a ralhava

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O meu tio. Porque tem tudo o que quer.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

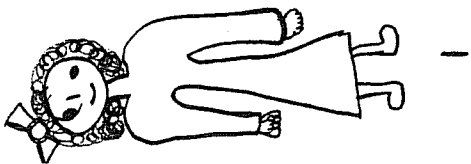
A prima. Tem que fazer muitas coisas na
quintal, tem que estar sempre a trabalhar

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha madrinha

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

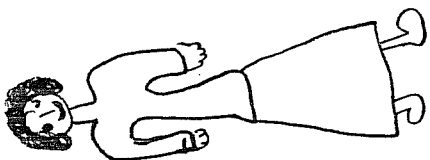
Talvez a minha madrinha porque e' mais
adulta, meu e' muito criança nem e'
muito adulta (21 anos)



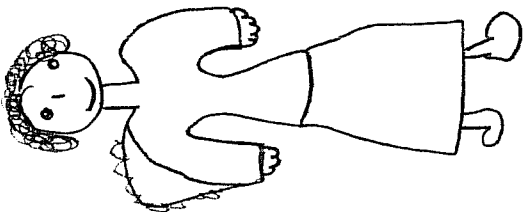
1



2



3



4



5

QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 17 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A minha irmã (1; 8 anos) , o meu pai (2), a minha mãe (3), a minha irmã mais velha (4; 13 anos) e eu (5)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

O meu pai. Porque não ralha tanto

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

A minha irmã (1) (4) , anda-me sempre a chatear

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O meu pai. Anda sempre mais feliz

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

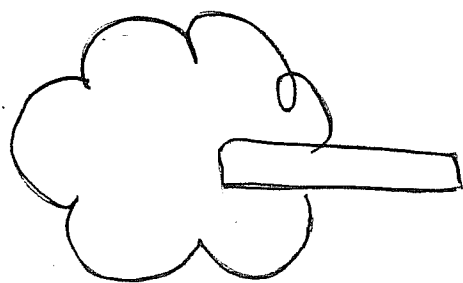
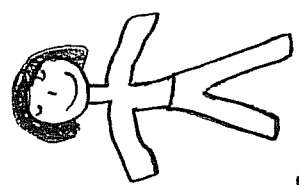
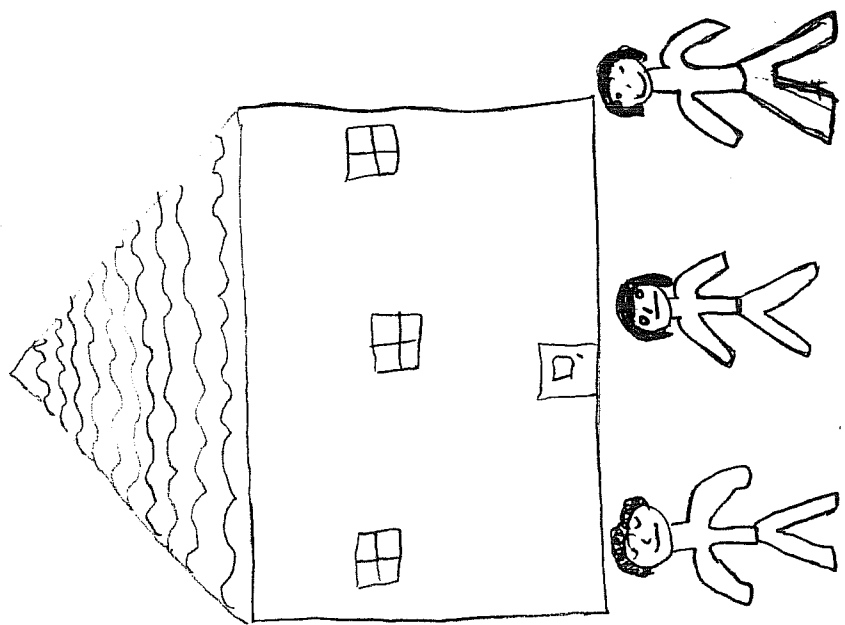
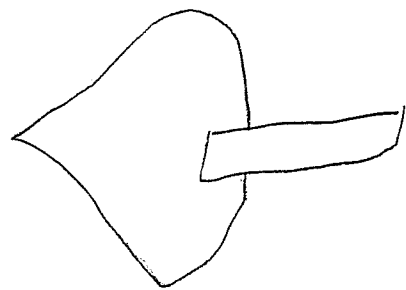
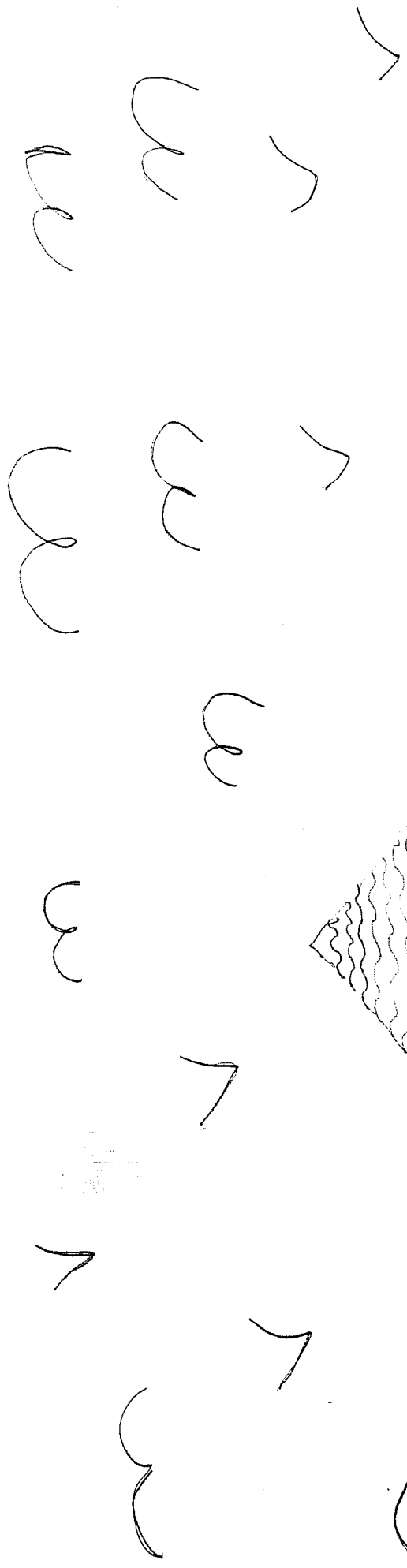
A minha mãe , anda sempre triste. Às vezes chora

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha irmã mais nova

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Não sei.



4

3

2

1

QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 18 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

Sou eu (1), o meu irmão (2; 12 anos), a minha mãe (3) e o meu pai (4)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A mãe. Gosto muito dela

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O meu irmão. Porque é muito chato, está-me sempre a chatear e a bater.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

EU. Porque Tenho muitas coisas, fico muito contente.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

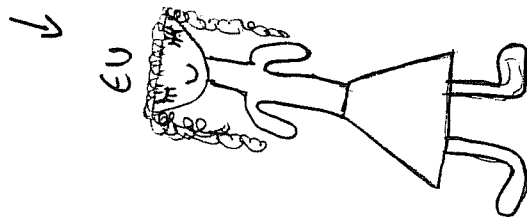
A minha mãe - Porque lá no Trabalho há velhos que molestem e ela fica triste.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

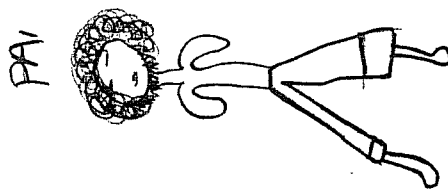
A minha mãe.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

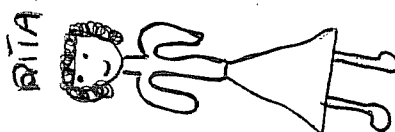
Eu gosto de ser eu.



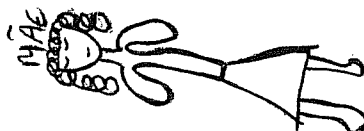
1



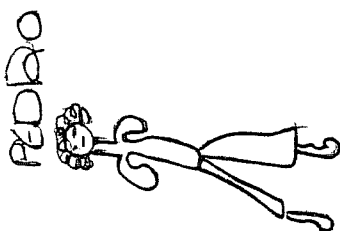
2



3



4



5

QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. N° 19 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

Eu (1), o meu pai (2), a Rita (3; 17) a minha mãe (4)
e o Pedro (5; 9 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A minha mãe, porque é a mais brincalhona
lá de casa.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

É mais ou menos a minha irmã. Porque...

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

Acho que é o meu irmão. Está sempre
a sorrir e a brincar com as outras pessoas.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

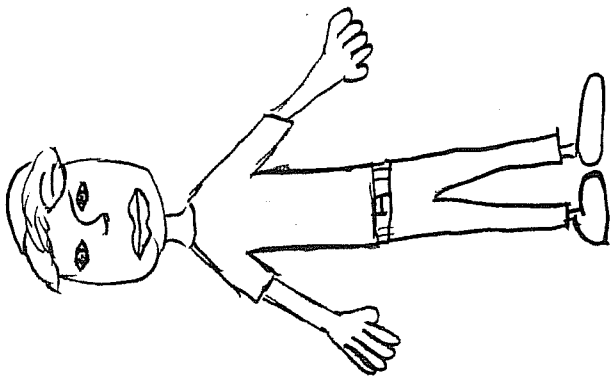
Acho que não é ninguém

6) E tu, nesta família, quem preferes?

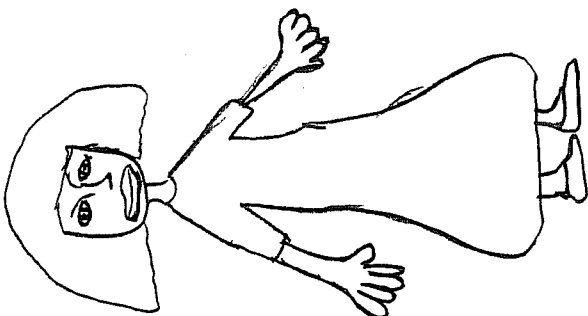
Os meus pais

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

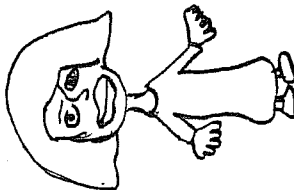
Não sei



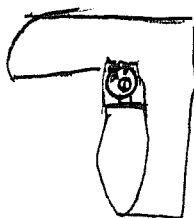
1



2



3



4

QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 20 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O pai (1), a mãe (2), a filha mais velha (3; 3 anos)
e o filho mais novo (4)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A mãe, porque está sempre a ajudar os filhos
e as outras pessoas.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O filho mais novo, porque está sempre a
chorar e a atinar coisas às coisas dos outros.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

É a filha, porque tem muitas amigas ao
lado e ainda sempre a brincar

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

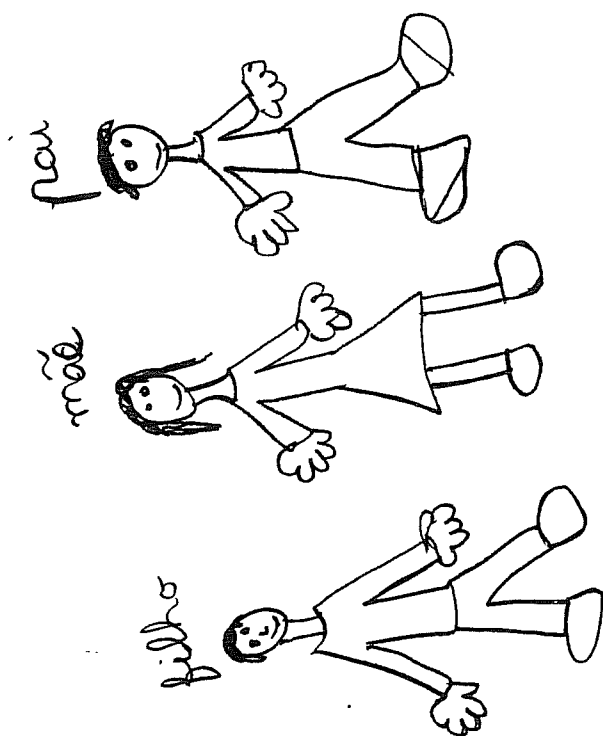
É o pai, porque tem um trabalho pesado
e não ganha muito dinheiro e não pode sair
muitas vezes com a família.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

Prefero a mãe

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

A filha mais velha, porque gosto de ser pequena,
mas não muito pequena.



pai

mãe

filho

3

2

1 ↑

QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 21 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O filho (1; + anos) , a mãe (2) e o pai (3)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A mãe. Porque ajuda-nos a lavar a roupa,
a limpar a nossa higiene e faz o comer.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O filho. Porque às vezes bate nos outros

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O pai. Não sei

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

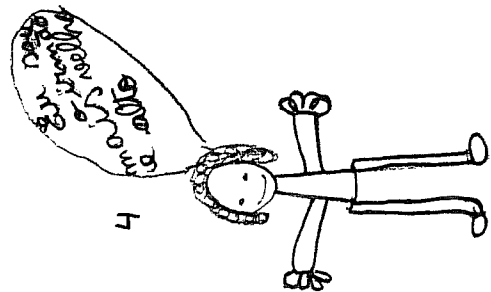
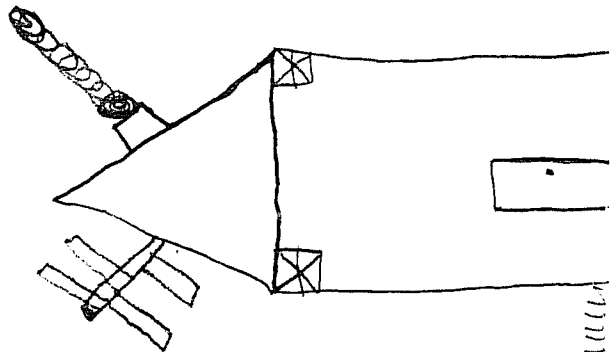
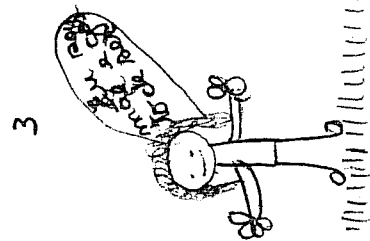
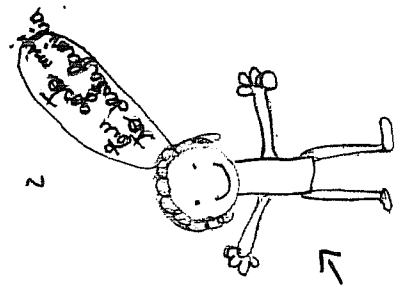
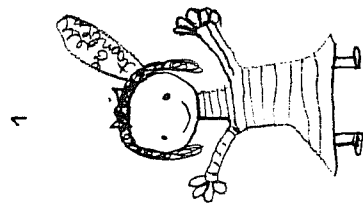
Deve ser a mãe, porque às vezes não
acontece o que ela quer.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O pai

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O pai. porque gostava de criar um filho



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 22 ; 07

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A irmã deste miúdo (1; 8 anos), este miúdo que gosta muito da família (2; 5 anos), a mãe (3) e o irmão mais alto (4; 13 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A mãe. Porque ela é que dá mais carinho, dá mais coisas e defende mais o filho

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O irmão (2) porque está a dizer que gosta da família mas não diz de quem é que gosta.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

Este (4) porque já é mais velho e já pode fazer muitas coisas.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

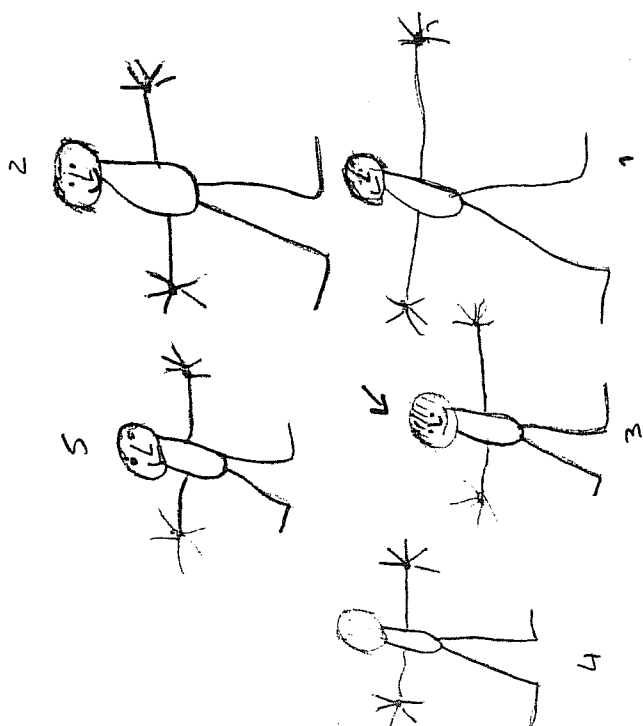
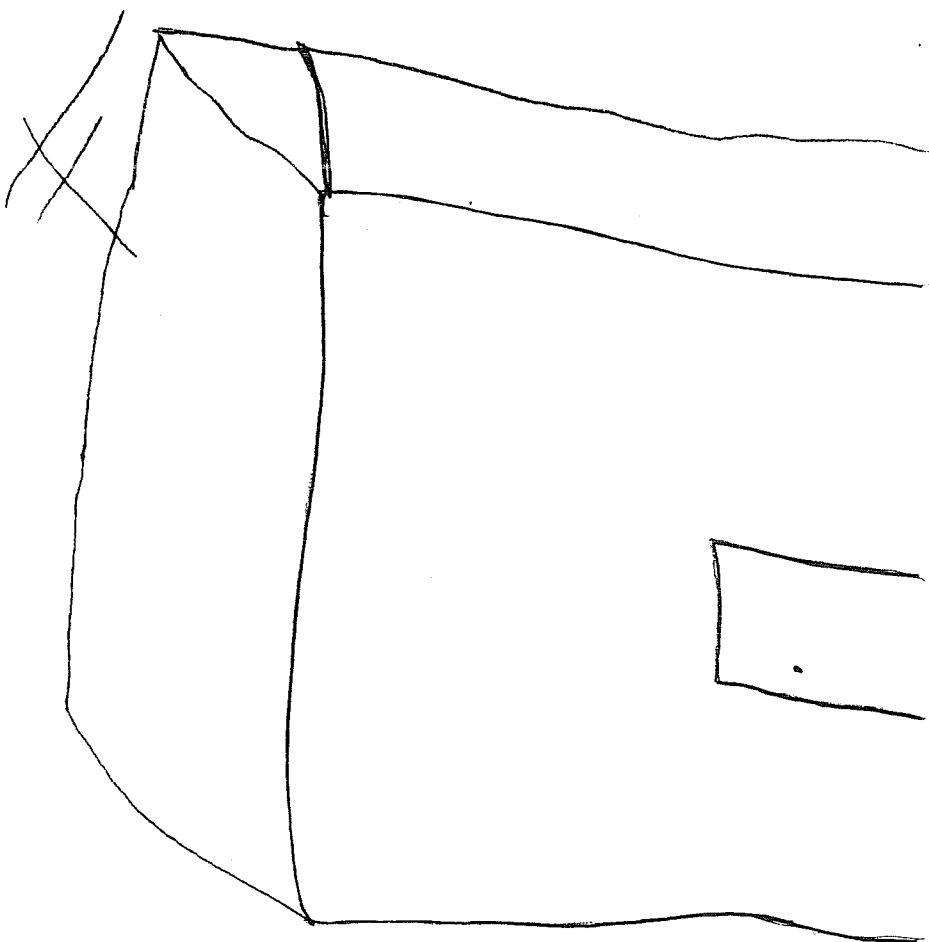
Esta (1), porque está triste porque o irmão não falou dela

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A mãe

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Não sei ... este miúdo (2), porque ^{pode} brincar muito.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. N° 23; 07

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A mãe (1), o pai (2) e os filhos (3; 6 anos) (4; 12 anos) (5; 15 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

São todos

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Este (5). Porque é o mais velho e pensa que manda em todos.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O de 6 anos. Porque é o mais bem tratado

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

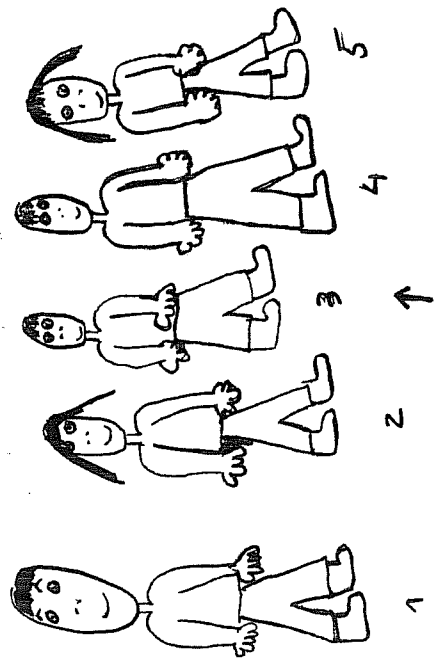
O pai e a mãe, porque são os que trabalham mais

6) E tu, nesta família, quem preferes?

Todos

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O filho mais novo, porque é o mais novo.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 24 ; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O meu pai (1), a minha mãe (2), ~~eu~~ (3), o meu irmão (4; 19 anos) e a minha irmã (5; 17 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

Não sei. Às vezes são umas outras vezes são outras É o meu irmão, às vezes eu quero umas coisas e ele faz comigo

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Ninguém

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

Sou eu. Às vezes chegamos a casa mal dispostos e eu sou o único que estou contente.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

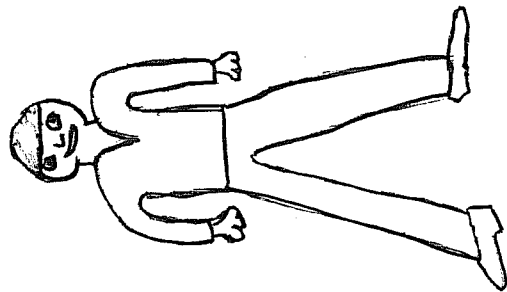
Não é ninguém.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

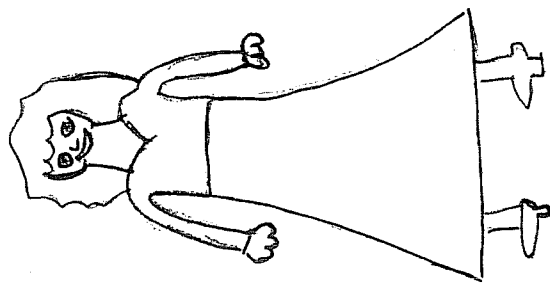
A minha mãe, porque me vai buscar à escola, arranja o pequeno almoço, o jantar e tudo.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

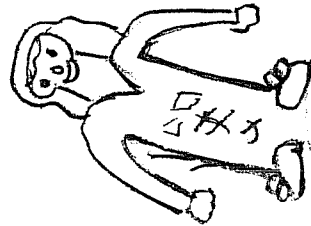
Não sei, eu sou eu.



1



2



3



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 25; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O pai (1), a mãe (2) e a filha (3)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

Acho que é o pai. É mais compreensivo.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

A filha, talvez seja muito egoísta.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

É a filha, por ter o pai e a mãe juntos

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

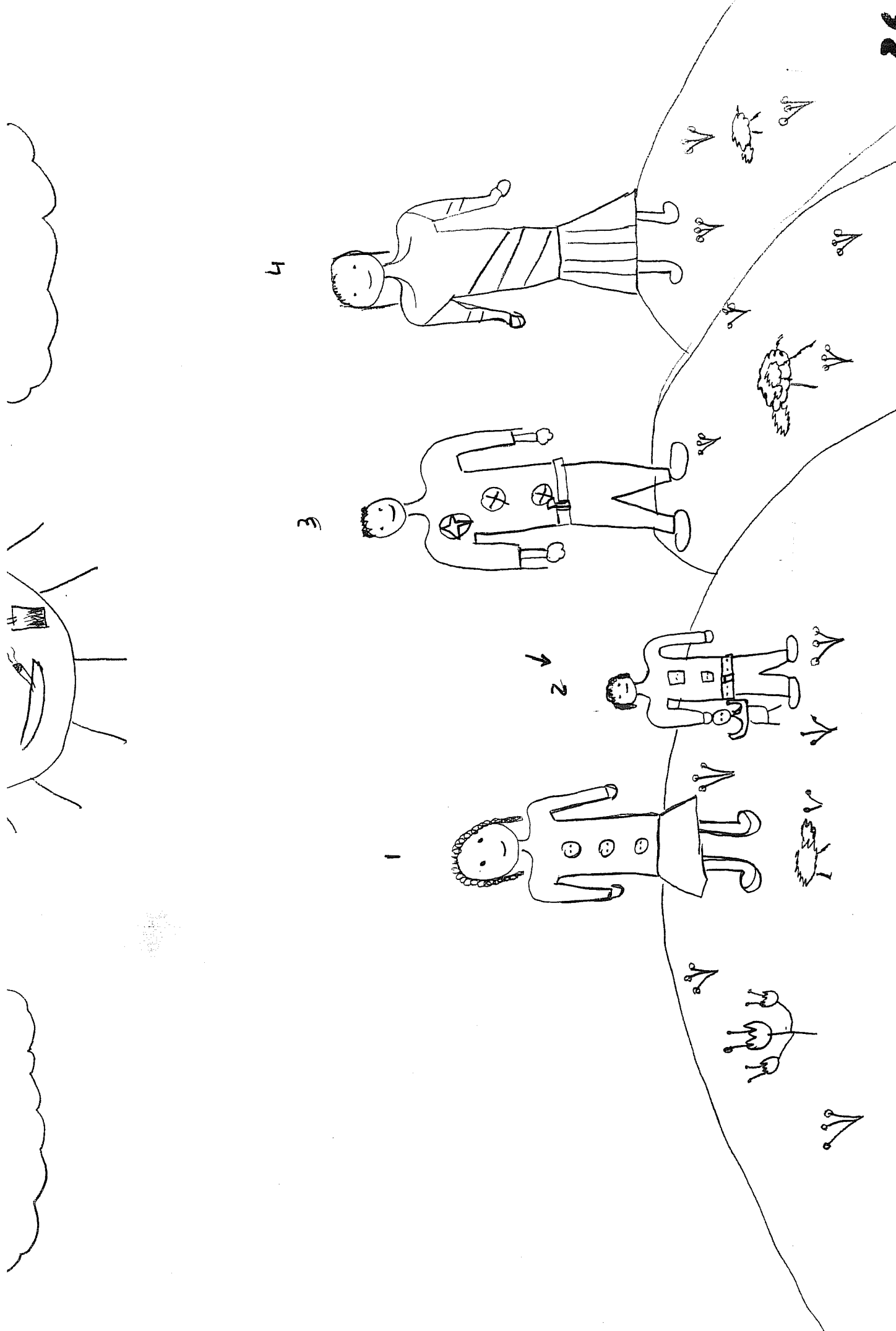
Talvez seja o pai por não ter um filho

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O pai

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

A filha. Porque sinto-me melhor em casa, nunca vivi em grande.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 26; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A irmã (1; 7 anos), o irmão (2; 3 anos), o pai (3) e a mãe (4).

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

É a menina, porque brinca com o irmão, faz jogos quando ele tem lá amigos. E a mãe a menina irmã faz.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Nenhuma

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

A irmã, porque sabe brincar sozinho

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

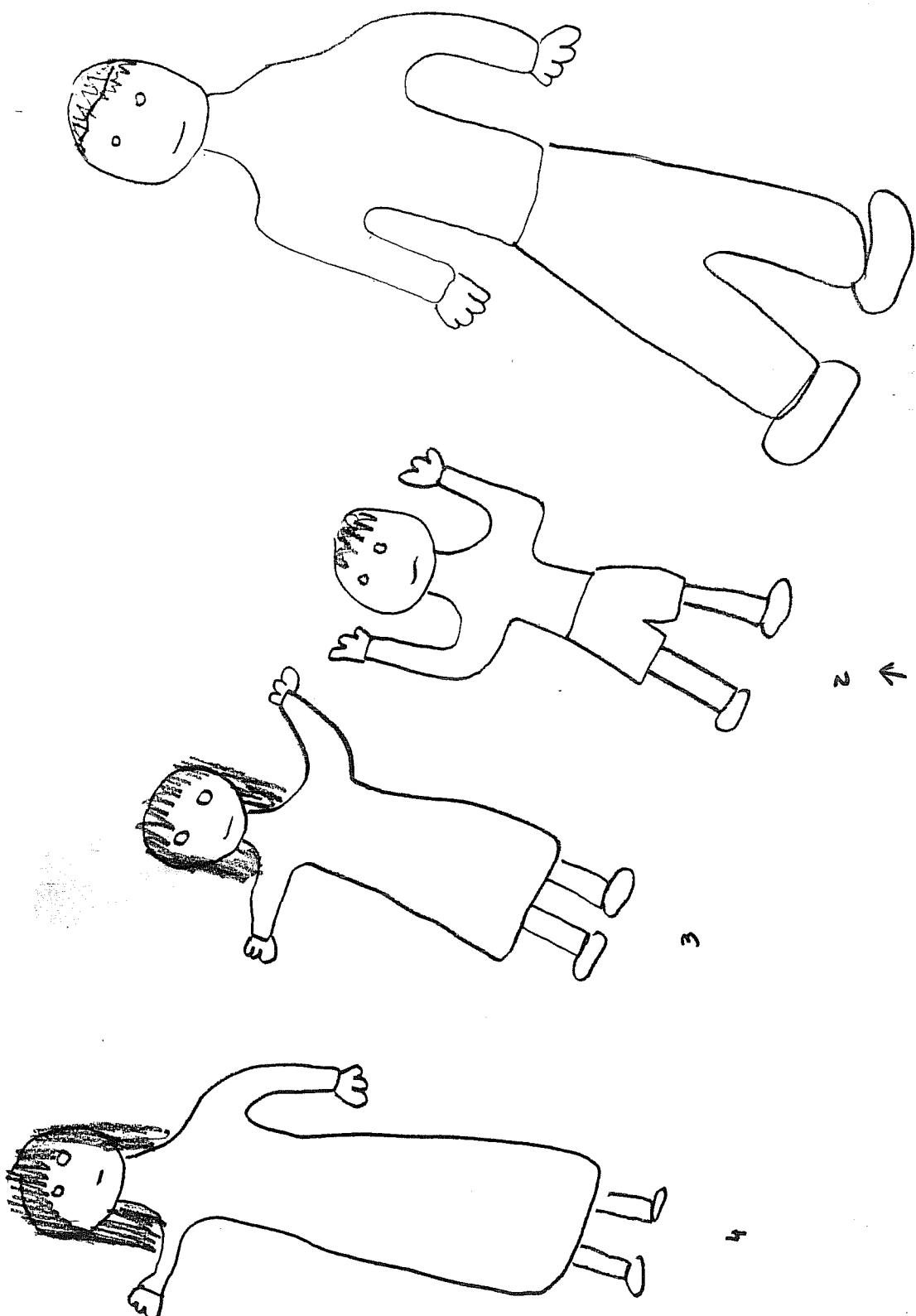
Nenhuma

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O menino, porque é querido e aperta apanha

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O menino, porque é o mais querido



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 27; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O meu tio (1), o meu primo (2; 4 anos), a minha
primo (3; 12 anos) e a tia (4)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

É o primo, porque nunca faz coisas
más. Não tinha nada a mim mesmo.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

É a menina. Quer sempre tudo para ela

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

É o pai, porque tem uma família completa.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

É a menina, ninguém gosta dela, porque
quer sempre tudo para ela

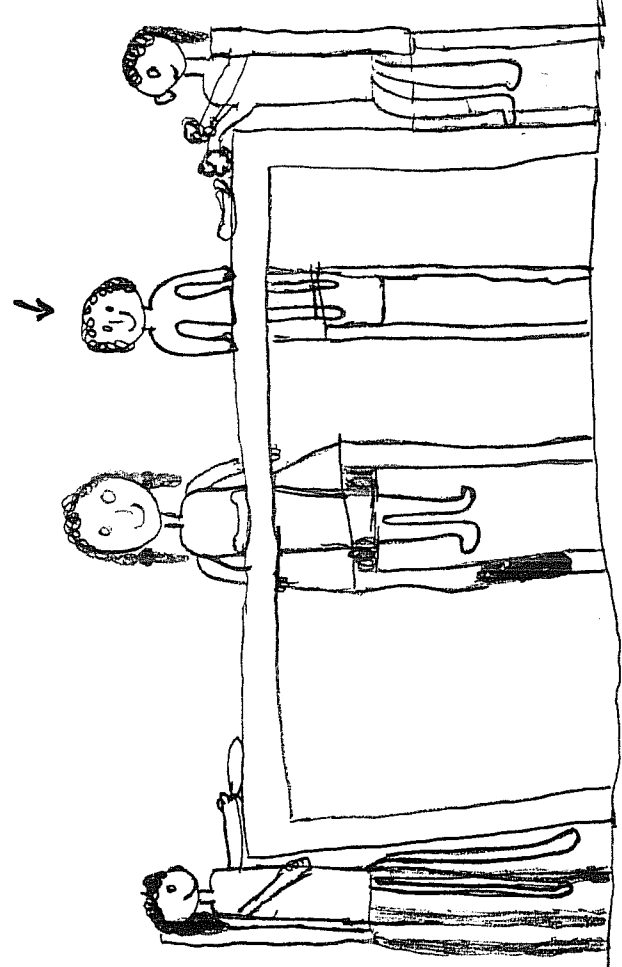
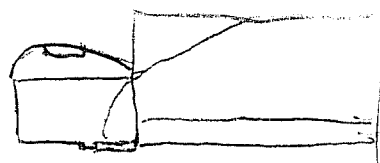
6) E tu, nesta família, quem preferes?

O primo

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

A mãe, não sei

(Esquadrinho)

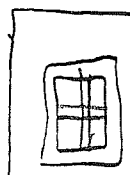


3

2

1

4



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. N° 28,07

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A mãe (1), o filho (2; 6 anos), a filha (3; 8 anos)
e o pai (4). Enganei-me, fiz o caselo dele comprido.

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A mãe. Porque compreende-nos quando
estamos chateados e não fala-nos com ela.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O pai. Porque ri-lha muito.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

A mãe. Porque queria um filho e uma
filha e teve.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

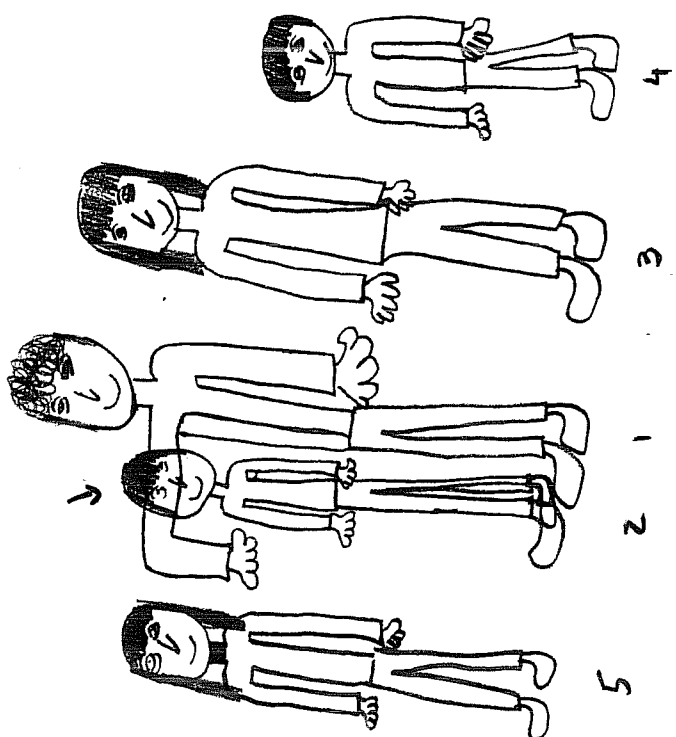
O filho. Porque a irmã não gosta dele, porque
ele é muito chato

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A mãe, porque é boa, chateia-se pouco
conosco.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O filho. Porque tinha menos idade
e podia viver mais.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 29 ; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O meu pai (1), eu (2), a minha mãe (3), o meu irmão (4; 3 anos) e a minha irmã (5; 11 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

Pode ser o meu pai, porque brinca muito comigo.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Às vezes é a minha irmã. Porque às vezes fala assim um bocado mal comigo.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O meu irmão, porque ele costuma estar sempre contente.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

Penso que é a minha mãe, mas nunca notei assim muito. Mas deve ser ela, porque o pai dela morreu quando ela tinha 15 anos.

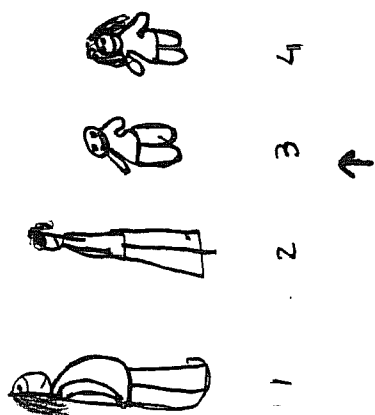
6) E tu, nesta família, quem preferes?

O pai e a mãe

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O pai, porque sim.

(Esquerdino)



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. N° 30; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O pai (1), a mãe (2), o filho (3; 10 anos) e a filha (4; 9 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

O miúdo. Porque era da minha idade e eu podia brincar com ele como quisesse

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Não há nenhuma

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

A mãe. Porque estava grávida e ia ter outro filho.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

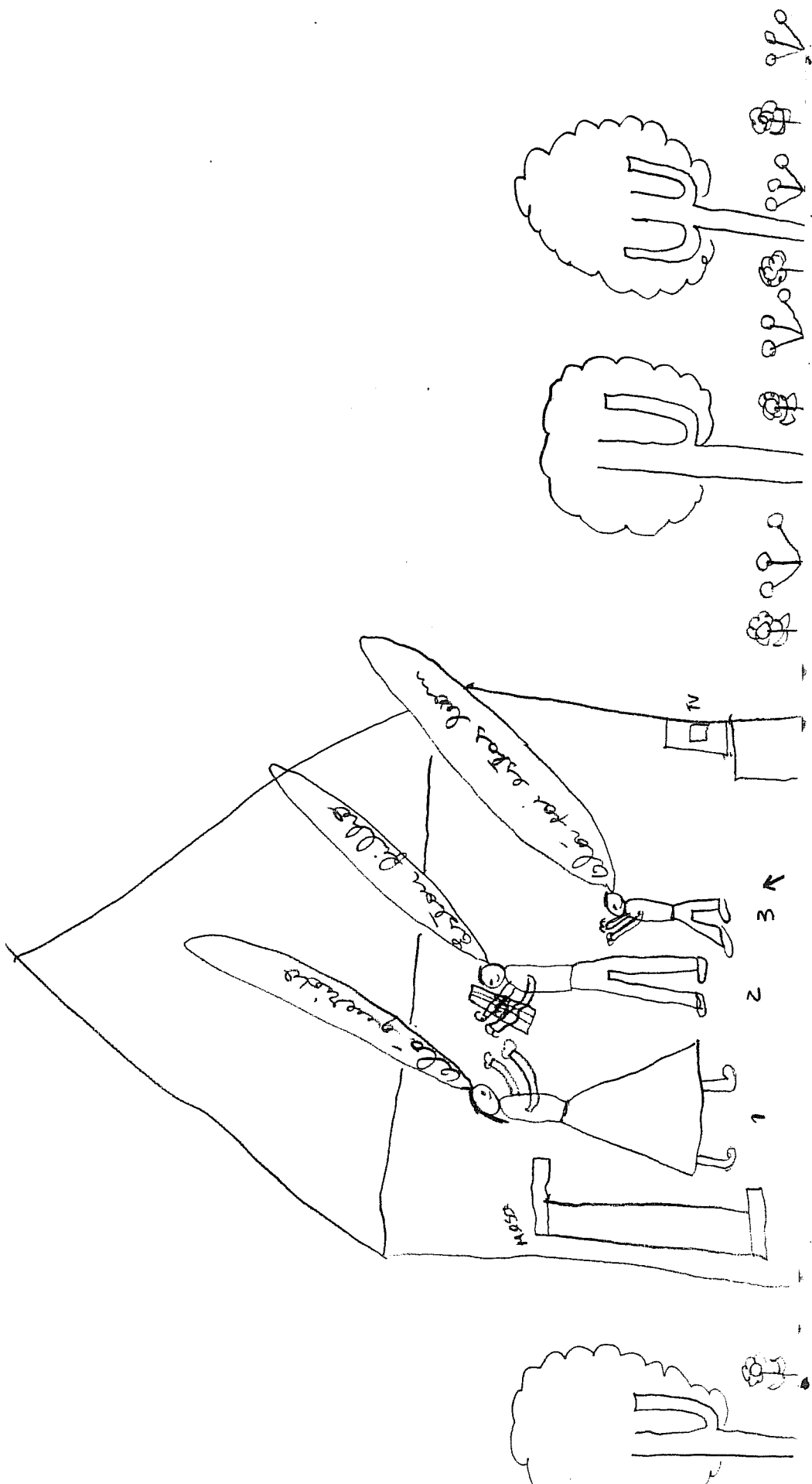
Não havia nenhum

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O filho

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O pai, porque era o mais velho



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. N° 31 ; 07

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A minha mãe (1), o meu pai (2), e este sou eu (3)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

É mais o meu pai, dá-me mais coisas.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Às vezes é a minha irmã e às vezes sou eu porque peço com os meus pais

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

A minha mãe e o meu pai. Porque estão contentes.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

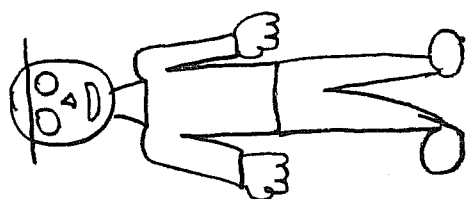
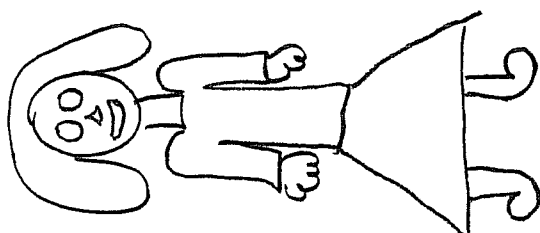
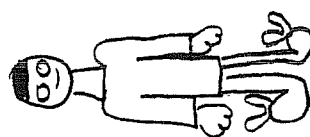
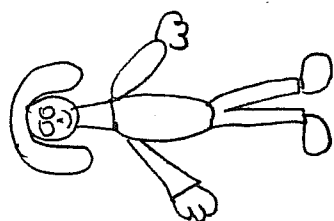
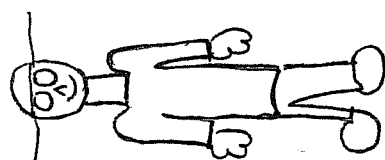
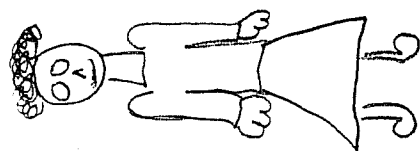
N é nenhum.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

Os meus pais e a minha irmã.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O meu pai, porque gosta camionetas grandes.



5

4

3

2

1

QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 32 ; 07

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O pai (1) , a mãe (2) , o filho (3; 9 aucs) , a filha (4; 10 aucs) , o avô e a avó.

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

O pai. Porque é ele que trabalha e trabalhar é bom.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O avô. Porque é' nobujento.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

A avó. Porque tem dois netos

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

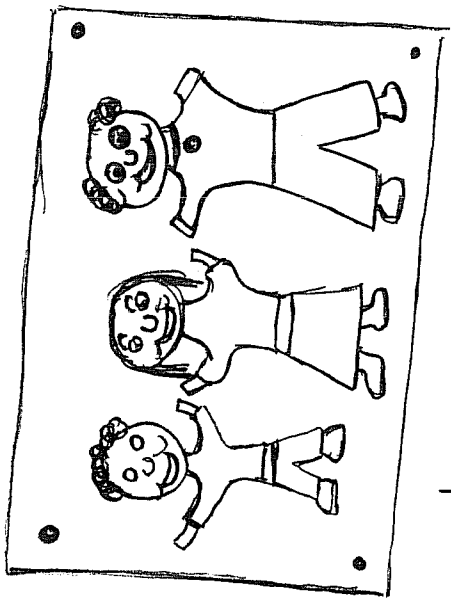
A mãe , porque a avó tem sempre os filhos dela em casa dela e ela nunca os pode ver.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O menino. Porque é' da minha idade.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O menino. Porque anda mais contente, a brincar e os outros só trabalham e eu não gosto de trabalhar.



3

2

1 ↑

QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 33; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O filho (1; 10 anos), a mãe (2) e o pai (3)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A mãe, porque está mais tempo com o filho.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O pai, porque trabalha mais.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O filho, porque está mais tempo a brincar

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

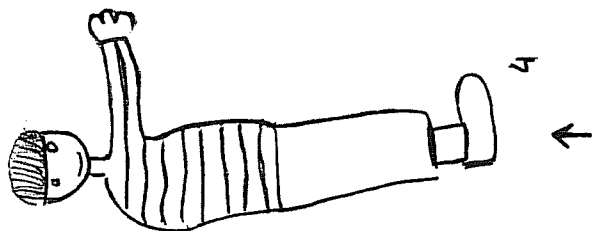
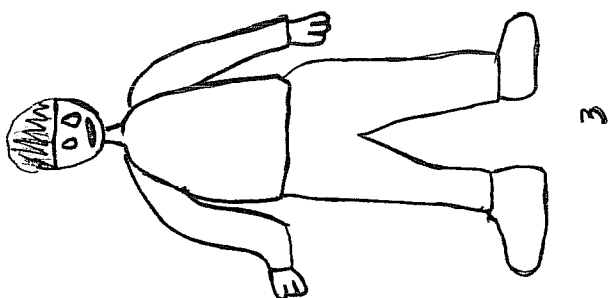
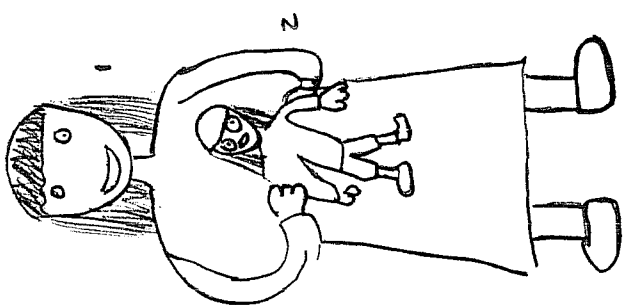
O pai, porque está muito tempo fora de casa e trabalha muito.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A mãe

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O filho, porque ainda era uma criança.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 34 ; 07

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A minha mãe (1), a minha irmã (2; 8 anos),
o meu pai (3) e eu (4)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

É o meu pai. Não me manda fazer
tantas coisas, acho um bocadinho mais
simpático.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Não acho nenhum antipático.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

A minha irmã, porque está sempre a
brincar, a rir e isso.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

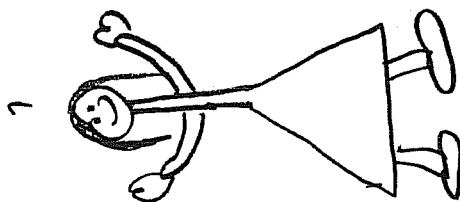
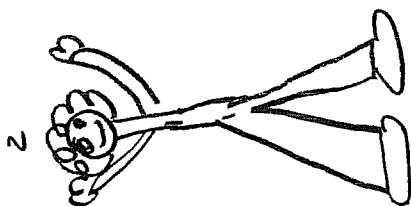
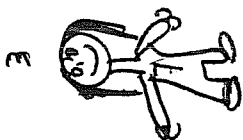
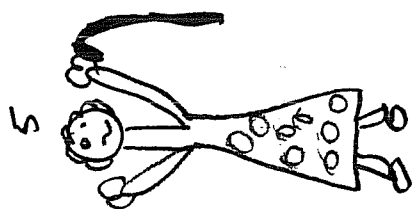
Acho que são todos contentes.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O meu pai.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Não sei.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 35; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A mãe (1), o pai (2), a filha (3; 4 anos), o filho (4; 5 anos) e a avó.

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A avó. É a que conta mais histórias.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

A irmã. É chata, estamos sempre a emburrar um com o outro.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

A mãe. Não sei.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

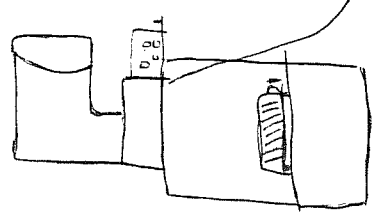
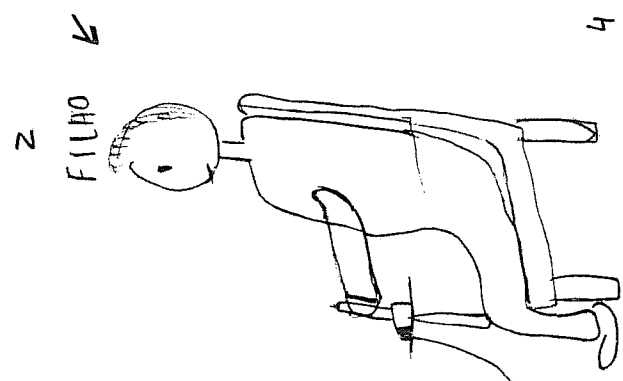
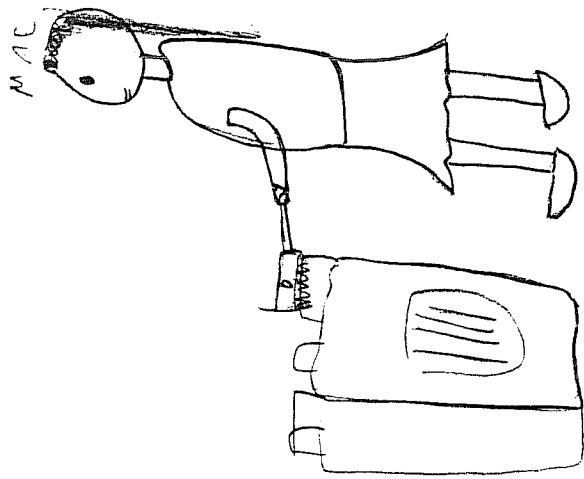
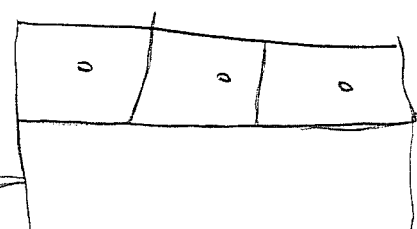
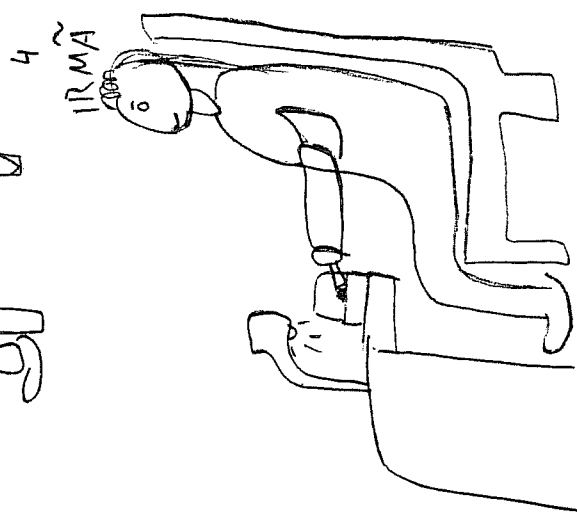
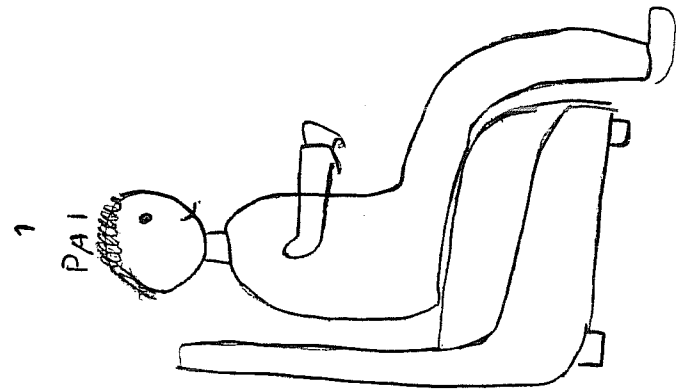
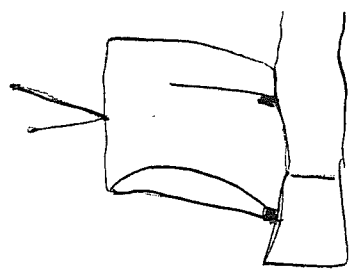
O pai, porque ainda sempre a trabalhar, muito tempo a trabalhar.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A mãe.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Ele, o filho. Não sei.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. N° 36; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O pai (1), o filho (2; 9 anos), a mãe (3) e a irmã mais velha (4; 13 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

Não sei, a mãe estraga os filhos com miminhos; são todos.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Não sei ... o antipático não dá, talvez o mais novo fosse o filho mais novo.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

talvez os pais por terem tido uns filhos tão bons e os filhos por terem tido uns pais tão bons.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

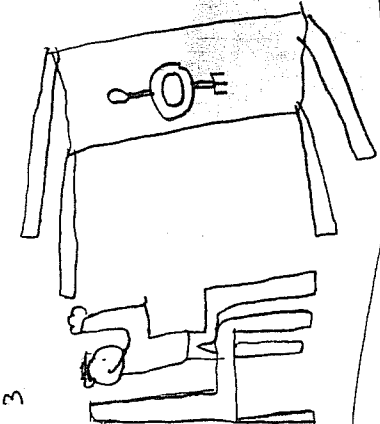
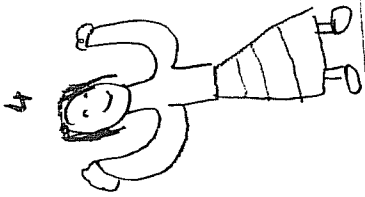
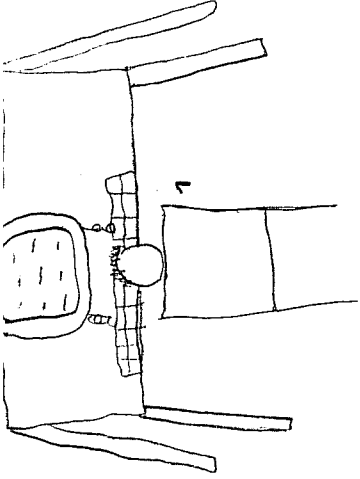
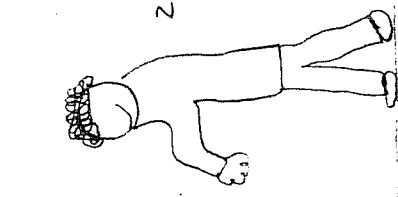
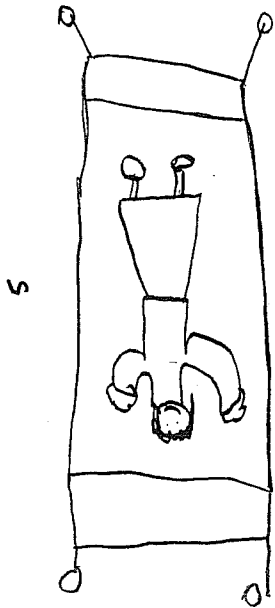
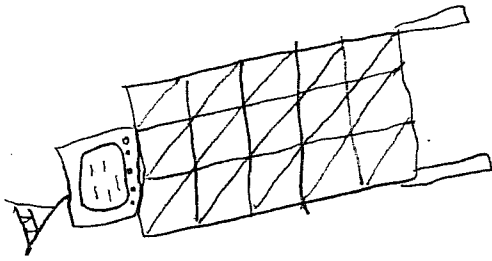
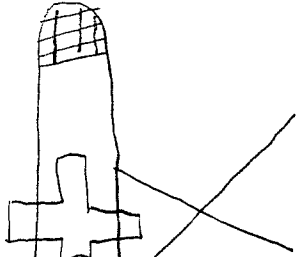
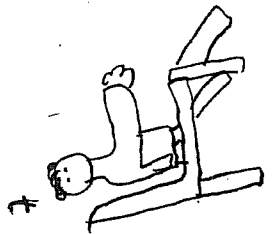
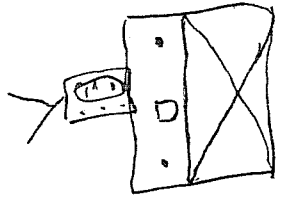
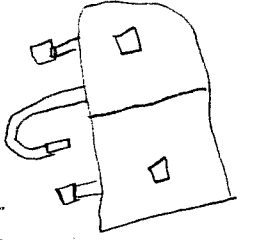
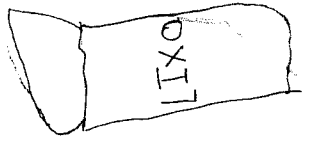
Infeliz não deve ser nenhum

6) E tu, nesta família, quem preferes?

talvez o pai, o chefe da família.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

se o filho fosse bom aluno e simpático gostava de ser o filho.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 37; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O meu irmão J. (1; 17 anos), o P. (2; 23 anos), eu (3)
a E. (4; 13 anos), a F. (5; 2 anos), a empregada (6)
o meu pai (7) e a minha mãe (8)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A minha mãe, porque estou mais tempo
com ela

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

A minha irmã E., porque não me deixa
brincar antes dos trabalhos de casa. A mãe
diz para ela tomar conta de mim.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O meu irmão J., porque entra na católica.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

Não sei

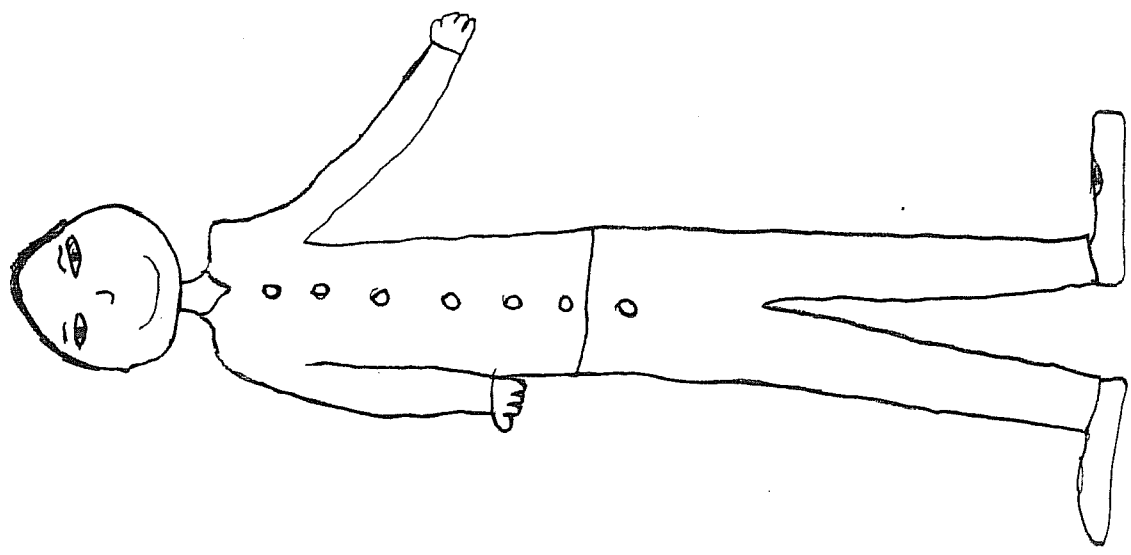
6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha mãe e o meu pai

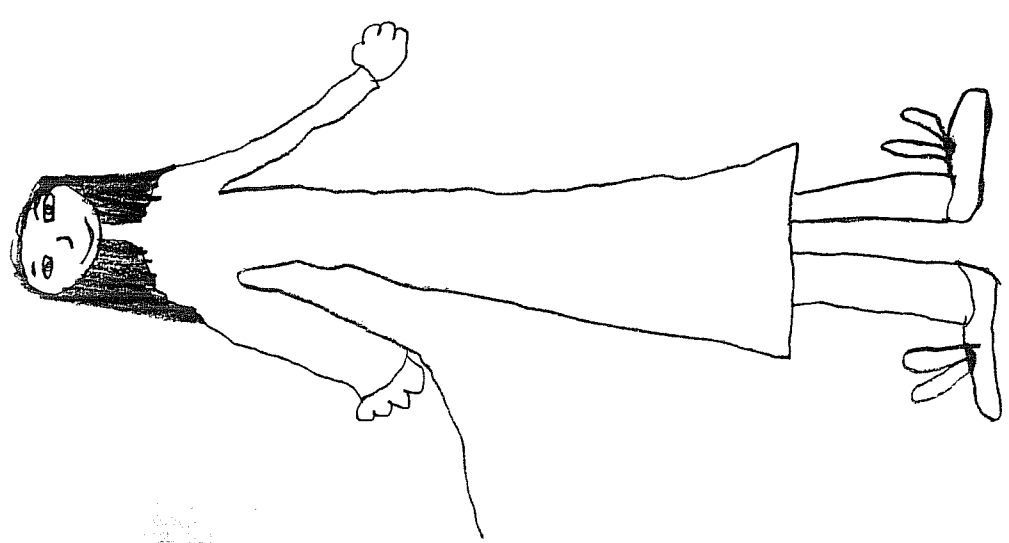
7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Não sei.

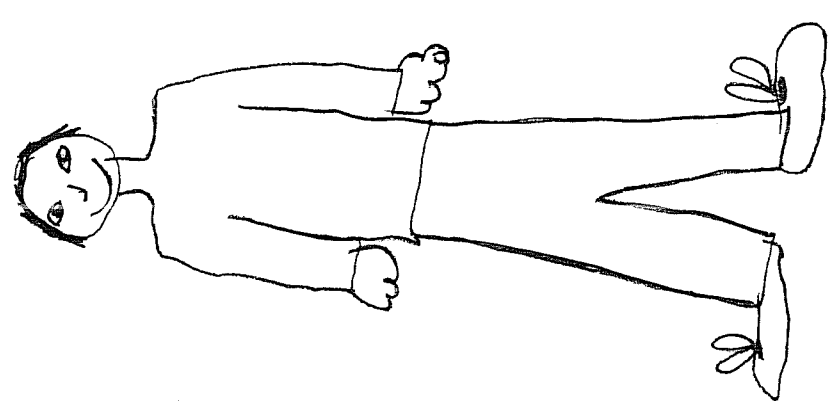
1



2



3 ↑



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 38; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O meu pai (1), a minha mãe (2) e eu (3).
Falta a minha irmã. Quer me desenhes?

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

São todas

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Nenhuma

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O meu pai, porque está sempre no trabalho
e nunca se causa a fazer as coisas da
casa e a mãe causa-se.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

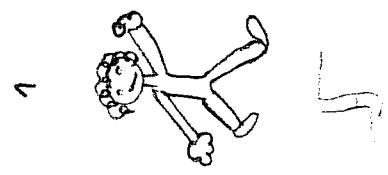
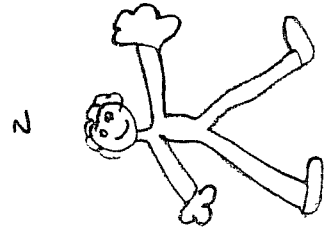
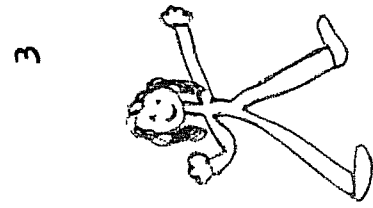
Nenhuma

6) E tu, nesta família, quem preferes?

Prefero todos

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O meu pai...



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 39 ; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A minha irmã (1; 4 anos), o meu pai (2) e a minha mãe (3).

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A mãe. Porque dá sempre dinheiro para comprar um gelado, às vezes deixa-me ir às festas e às vezes compra-me muitas coisas.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

A minha irmã. Porque puxa-me os cabelos, não me deixa brincar, tira-me as coisas da mão e dela não me dá nada.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

É a minha mãe. Porque nunca riacha comigo.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

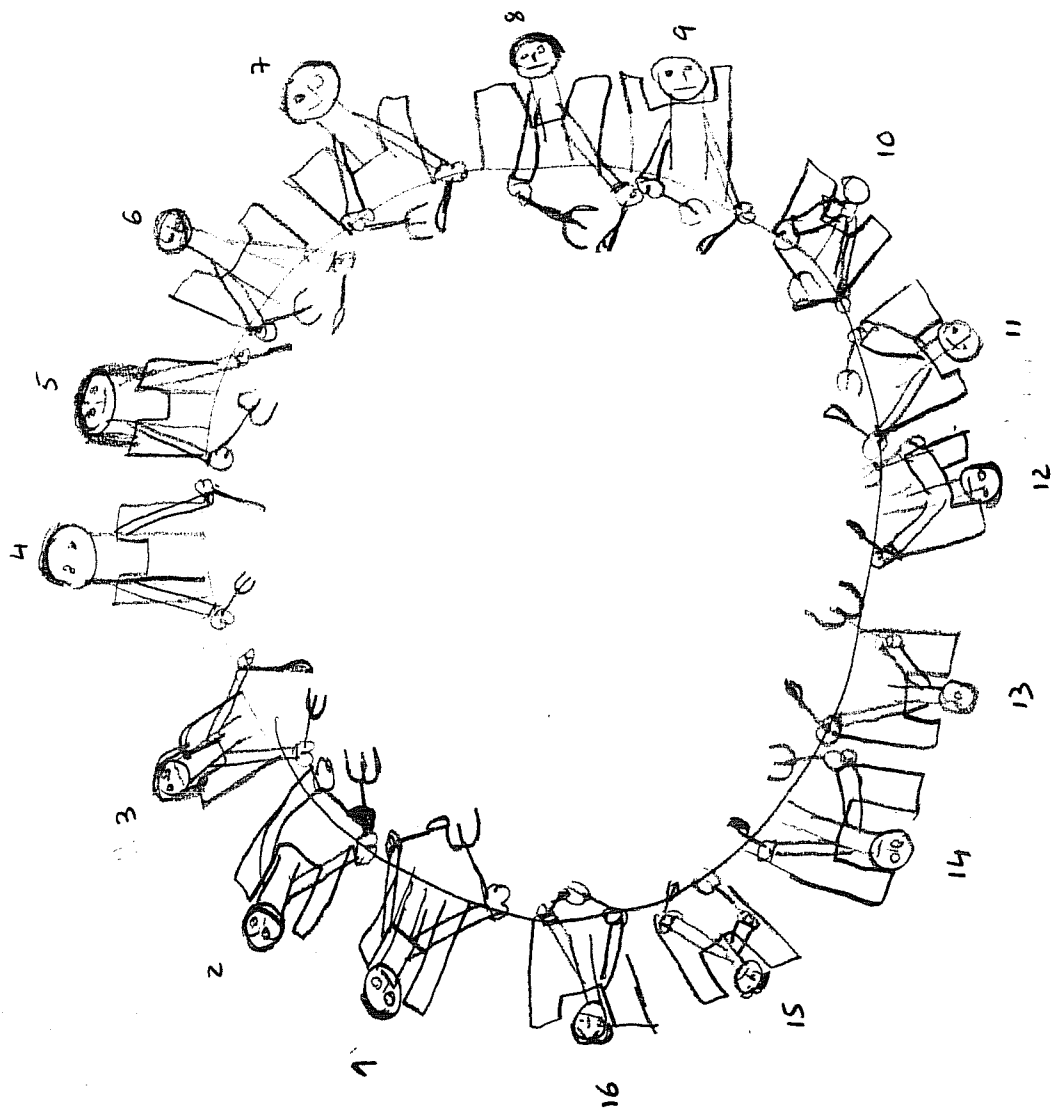
É a minha irmã, porque quando eu tenho uma coisa nas mãos ela pede-me e eu não dou.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha mãe.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Não sei.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 40; 07

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O meu pai (1), o avô (2), a mãe (3), o tio (4), a madrinha (5), a tia (6), o primo (7; 12 anos), o tio (8), a tia (9), o primo (10, 2 anos), o tio (11), a tia (12), a bisavó (13), o bisavô (14), a avó (15) e o avô (16).

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A minha mãe, trata de mim e dá-me de comer.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Não sei

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

Não sei

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

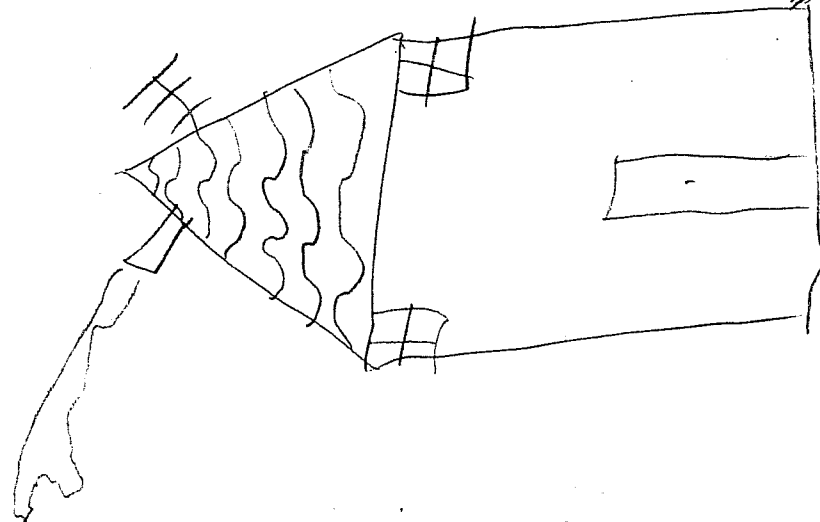
Se calhar é o meu bisavô, porque a minha bisavó já morreu, se calhar.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

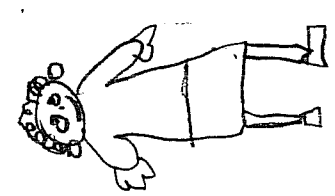
A minha mãe e o meu pai

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O meu pai. Porque ele vende muitas coisas.



uma



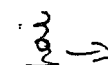
4



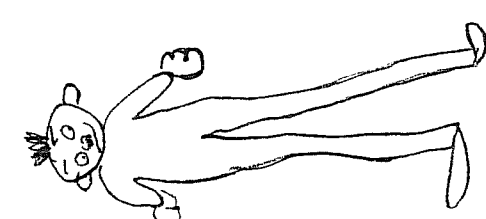
du



3

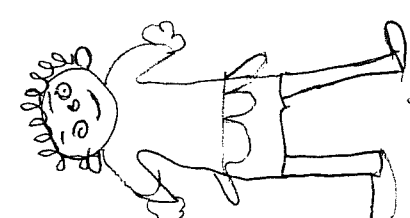


hou

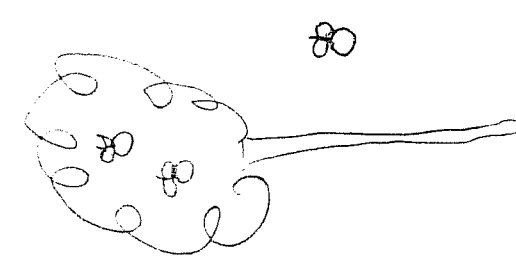


2

mae



1



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. N° 41; 07

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A minha mãe (1), o meu pai (2) eu (3) e a
minha irmã (4; 3 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

Pa mim, são todos.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

A irmã. Porque eu estou a arranhar e ela
desarranhar

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

são todos.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

Não é ninguém

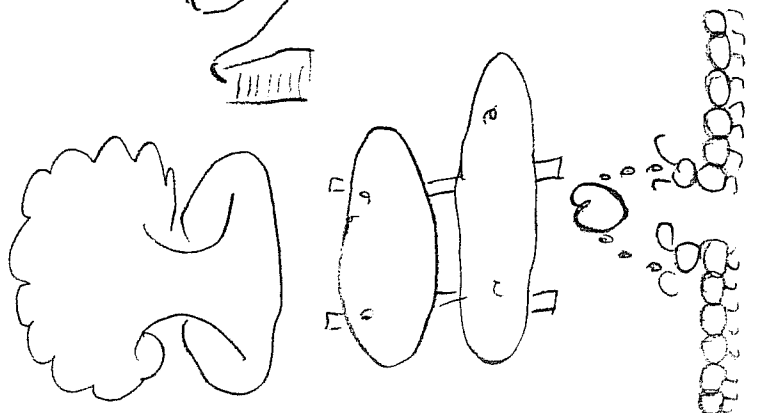
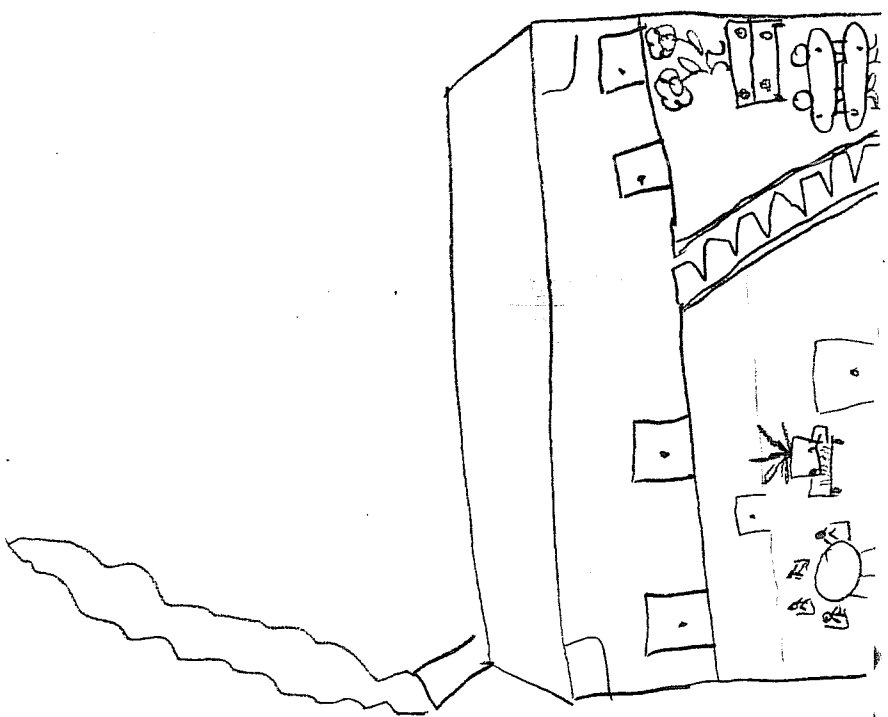
6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha mãe

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

EU ... sou este.

1
 2
 3
 4
 5
 6
 7
 8
 9
 10
 11
 12
 13
 14
 15
 16
 17
 18
 19
 20
 21
 22
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33
 34
 35
 36
 37
 38
 39
 40
 41
 42
 43
 44
 45
 46
 47
 48
 49
 50
 51
 52
 53
 54
 55
 56
 57
 58
 59
 60
 61
 62
 63
 64
 65
 66
 67
 68
 69
 70
 71
 72
 73
 74
 75
 76
 77
 78
 79
 80
 81
 82
 83
 84
 85
 86
 87
 88
 89
 90
 91
 92
 93
 94
 95
 96
 97
 98
 99
 100



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 42 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A minha mãe (1), o meu pai (2), a minha irmã (3)
eu (4) e o meu avô (5)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A minha mãe. Sinto-me bem com ela

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Às vezes é a minha irmã, sempre a
mandar vir comigo, mexe nas minhas
coisas e eu não gosto.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

A mãe, não sei

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

Sou eu, porque às vezes porto-me mal, sou chata,
vou lá para o colégio e não me deixam ir
e eu fico triste.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha mãe.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

A minha mãe, porque já é mais velha.

QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 43; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A minha mãe (1), a minha irmã (2; 6 anos), esta sou eu (3) e este é o meu pai (4)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

É esta (mãe). Porque as mães é que dão tudo.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

É esta (irmã). Ainda sempre a puxar-me os cabelos.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

É esta (mãe). Porque está-se a rir e porque nós andamos a brincar.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

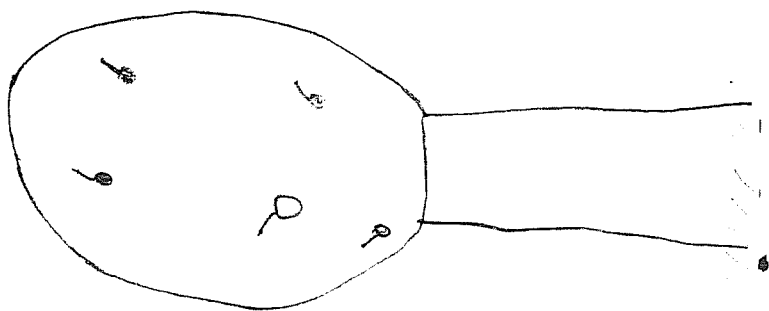
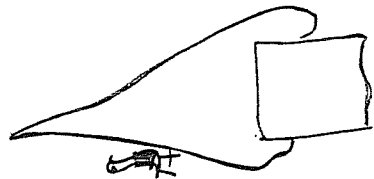
Sou... é esta (aporta p/ o desenho de si própria), porque ela estava a chorar porque a irmã lhe bateu.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O meu pai, a minha mãe e a minha irmã

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

...



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 44 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A mãe (1), o pai (2) e a filha (3; 8 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A mãe, porque está com a filha em casa.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O pai. Porque vem do Trabalho cansado e fica zangado se não está o almoço feito ou o jantar.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

É a filha. Porque na escola está quase sempre a brincar, no recreio.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

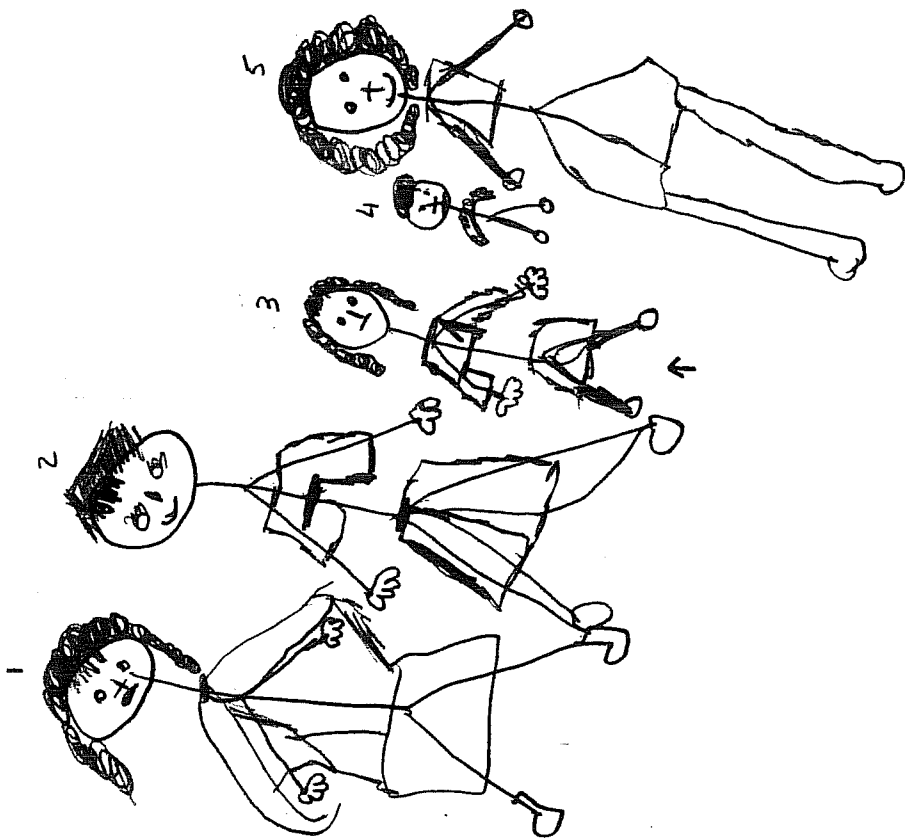
Não sei... é o pai, porque está a trabalhar

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A mãe

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

A mãe ... não sei



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 45 ; ♀

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A minha mãe (1), o meu pai (2), eu (3), o meu irmão (4; 6 anos) e o avô meu irmão, que está feio, parece uma mulher (5; 18 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A minha mãe. Porque sim, não sei

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

(Aponta p/ o irmão mais velho). Porque ele bate-me

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

... .. (Aponta para o mais novo),
porque é mais pequenino

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

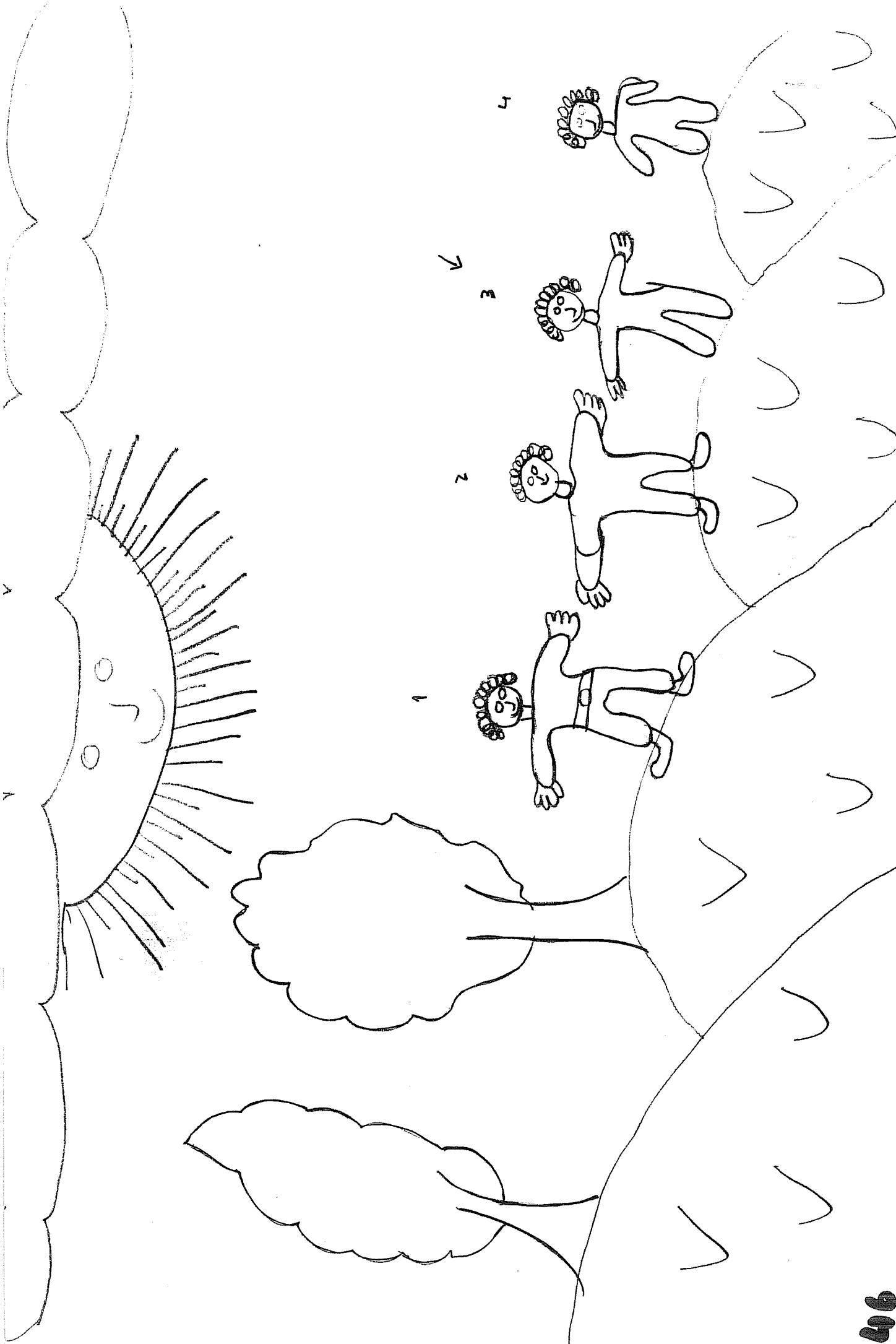
Sou eu ... Não sei

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha mãe e o meu pai

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

(Aponta para o mais novo). Porque era pequenino



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 46 ; 87

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

o meu pai (1), a minha mãe (2), eu (3) e a
minha irmã (4; 4 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

o meu pai, porque eu gosto mais dele

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

A minha irmã, porque mexe em tudo.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

o meu pai, não sei.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

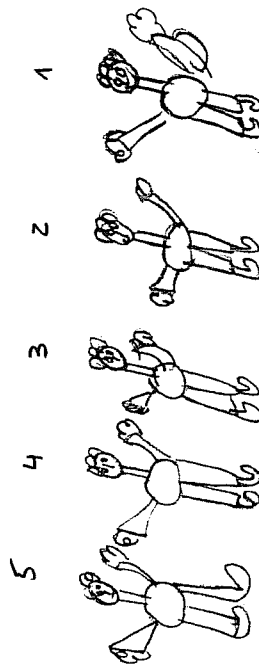
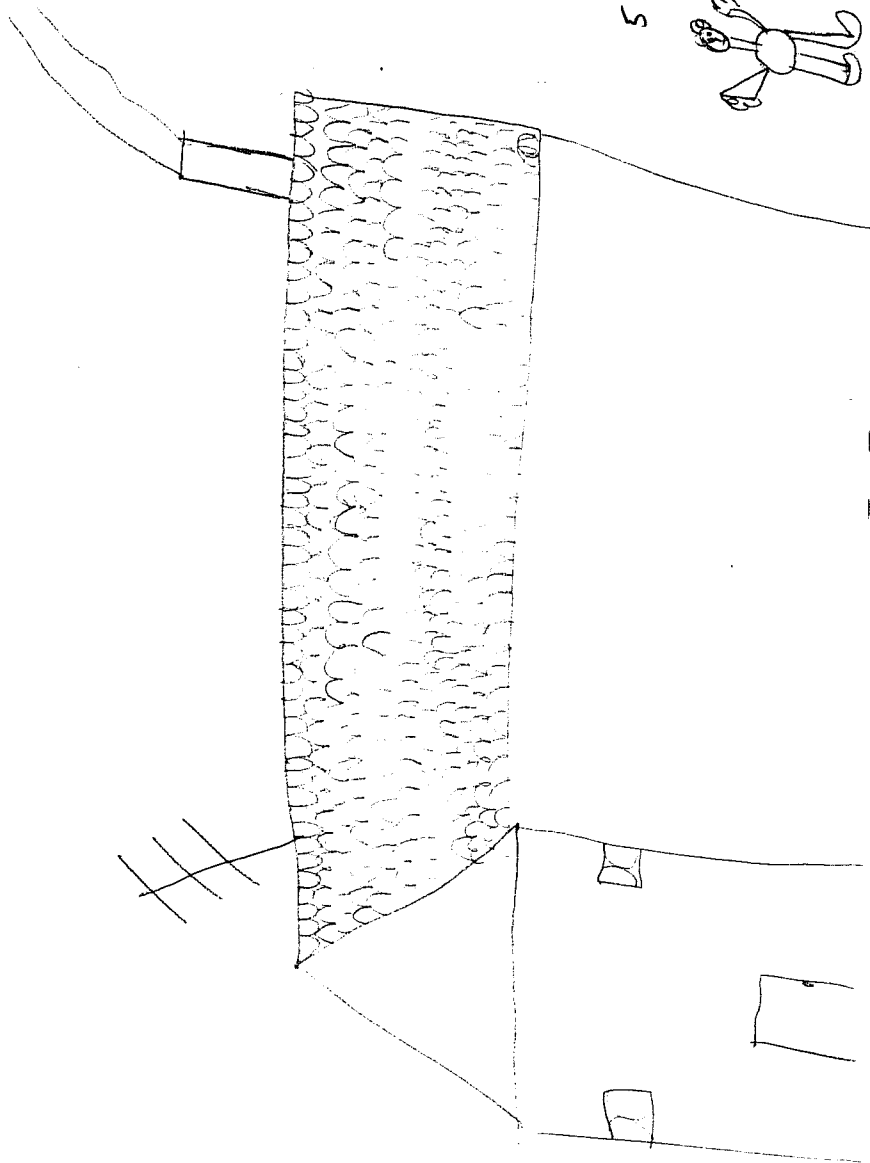
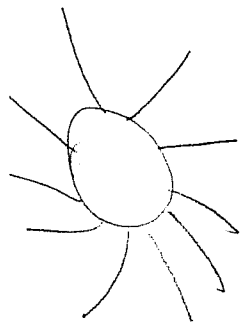
sou eu, porque todos me batem

6) E tu, nesta família, quem preferes?

o meu pai

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

... .. Não sei



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 47; 07

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A minha mãe (1), o meu pai (2), a avó (3), o avô (4) e o meu primo (5)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

É a avó, porque danço lá quando ela está de folga

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

É o meu pai, porque bate-me muito

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

É o meu primo, porque ele vai a casa do meu avô dançar lá, fica lá sozinho, às vezes vai passar férias lá ao pé do pai dele. Ele vive com os meus avós.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

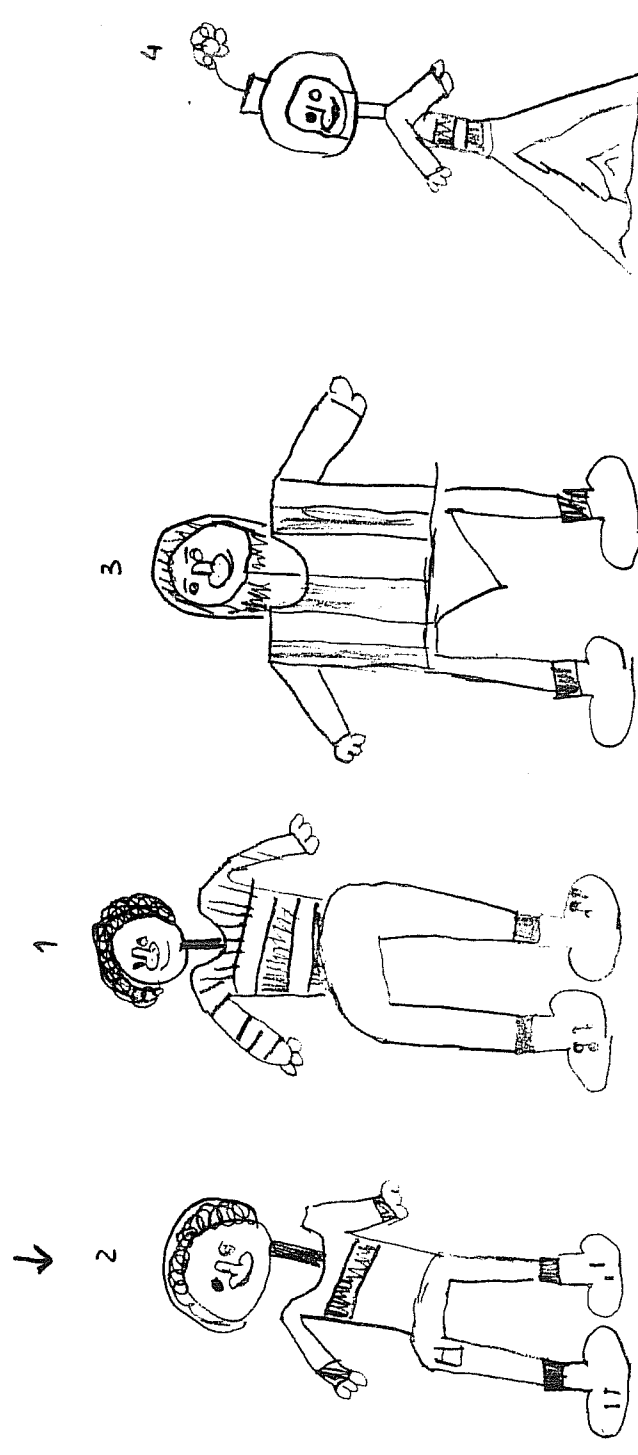
A minha mãe. Porque tem lá os meus irmãos em casa e eles andam sempre a gritar. Não sabem brincar. Às vezes brincam sem, mas a minha mãe tem sempre que gritar.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha mãe. Porque ela é simpática, nas às vezes eu grito e ela bate-me. Eu faço ela gritar

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Gostava de ser ao pé da minha mãe e ao pé da minha avó. Porque a minha avó também é simpática, compra-me presentes, faz-me o jantar e almoço lá.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 48 ; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O primo (1; 23 anos), o filho (2).
O pai (3) e a prima (4; 6 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

O primo, porque ele brinca connosco

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

A prima, porque não brinca connosco

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O primo, porque tem muitas coisas para brincar. Eu também tenho.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

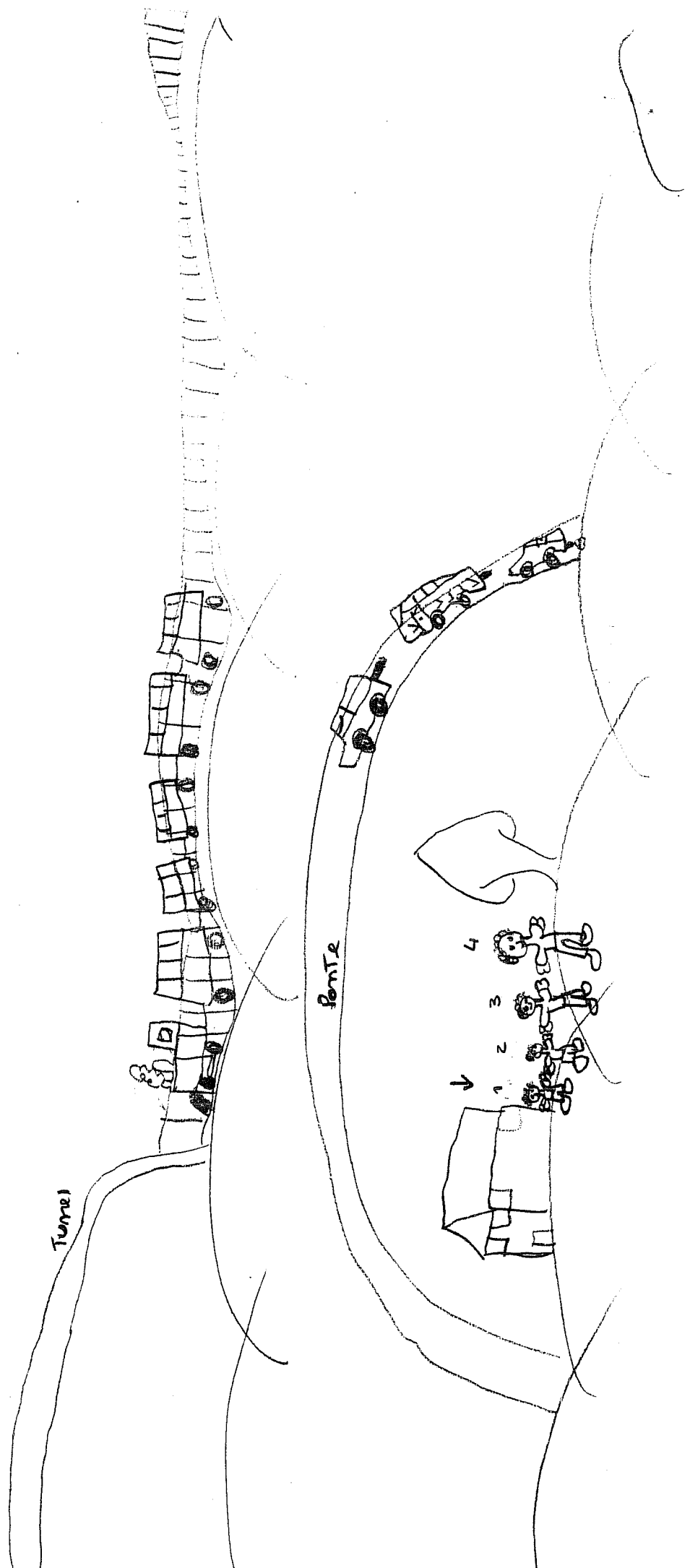
O meu pai, porque não tem amigos

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O primo

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O primo, porque ele já é mais velho do que eu.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 49; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

Este é o filho (1; 8 anos), esta é a filha (2; 4 anos)
o pai (3) e a mãe (4)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

Todos. A mãe porque lava a loiça, faz o comer
e lava o chão

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O filho, porque aleija a irmã.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O pai, porque trabalha

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

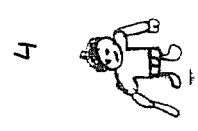
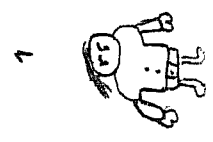
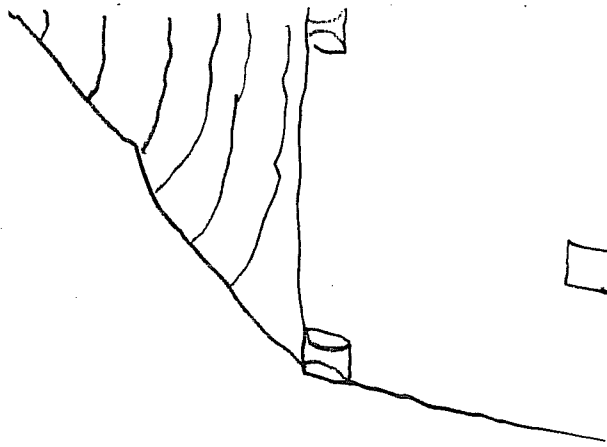
A filha, porque o irmão a aleija

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A mãe

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O pai, porque trabalha



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 50; 07

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

A madrinha (1), o padrinho (2), a avó (3) e o avô (4)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

São todas. A minha madrinha, o meu padrinho, e a minha avó. O meu avô já morreu, tinha um problema

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Ninguém

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

A madrinha e o padrinho. Vivem numa casa grande e vão para a praia. Tiram eu cacaveiros.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

A avó. Porque ela chora, às vezes

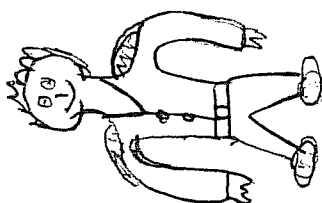
6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha avó, o meu padrinho e a minha madrinha

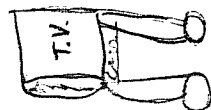
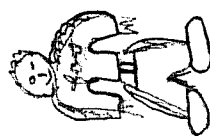
7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Os meus padrinhos, porque eu gosto, vivem numa viveenda, gosto de estar na praia com eles. Ele põe-me jogos na computador e joga à bola comigo. A madrinha também brinca comigo.

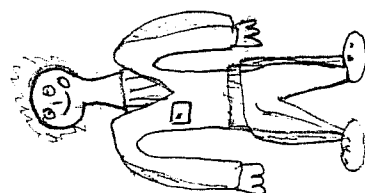
5 ↓



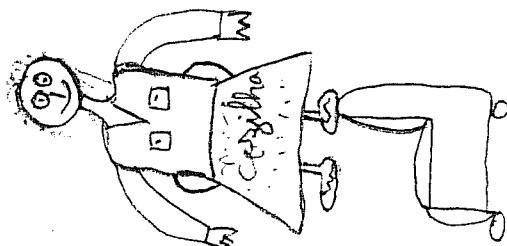
4



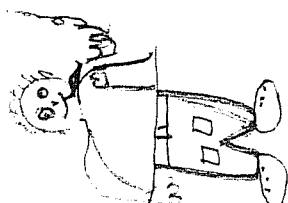
2



3



1



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 51; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O avô (1), o pai (2), a mãe (3), o meu irmão (4)
e eu (5)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

O meu pai, porque é simpático.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O meu avô. Porque é de idade, embina
conosco e tudo

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O meu irmão, brinca muito comigo,
anda-me à bolha e isso tudo

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

A minha mãe. Muitas vezes zanga-se por
causa do meu avô. Ele zanga-se com
a minha mãe.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

Os meus pais ... e o meu irmão, claro.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O pai. Porque é quem manda mais na
família, agora, por enquanto.

3 2 1
↓ 4 5 6 7 8
林 林 林 林 林 林 林

QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 52 ; 57

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O meu pai (1), eu ... o meu irmão (2 ; 11 anos), a minha mãe (3), o meu avô (4), eu (5), o meu avô avô (6), a minha avó (7), a minha avó avó (8).

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

O meu pai. Porque dá-me dinheiro, e' bom para mim ... dá-me coisas, faz-me as vontades.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

O meu irmão. Porque ele goza-me e ... não gosta dos outros, e e' mau para o meu avô. Empurrou-o e ele caiu no chão.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

A avó A. e o avô R. (maternos). Porque são felizes e alegres. Porque eles gostam de nós e não batem a nós.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

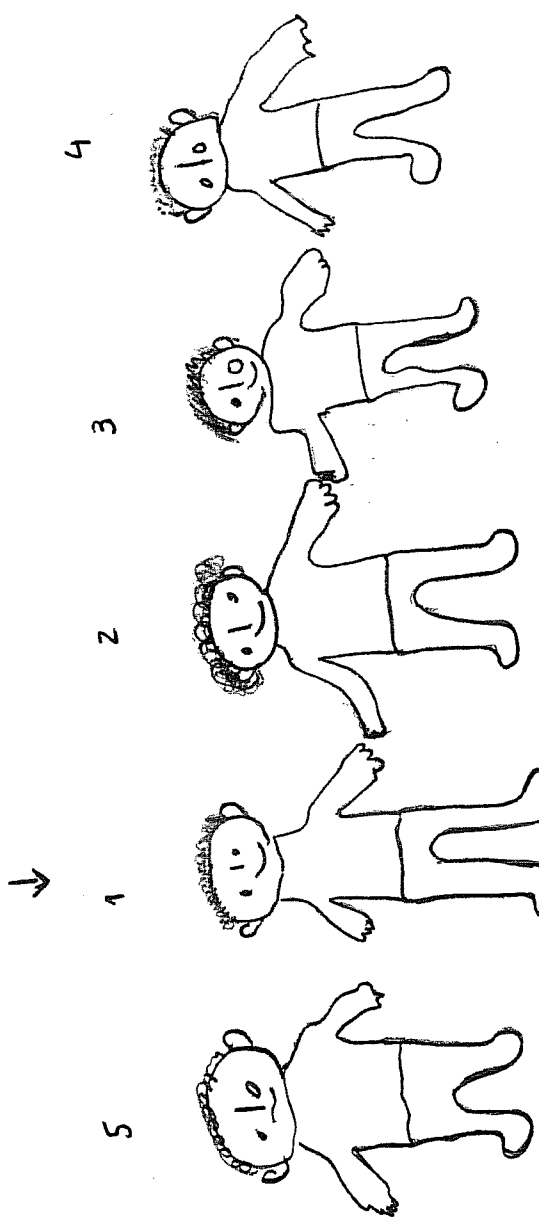
A minha avó G. e o meu avô C. (paternos), porque não gostam de nós, só fazem as vontades do meu irmão e a minha mãe.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O meu pai e a minha mãe

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O meu pai. Porque ele e' simpático e bom para nós.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 53; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

Sou eu (1), o meu ... a minha mãe (2) o meu pai (3),
o padrinho (4) e a minha madrinha (5).

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

Os meus pais. Porque dão-me coisas.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

... .. o meu padrinho. Porque não me
dá coisas, só às vezes.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

Sou eu. Porque sou o mais novo

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

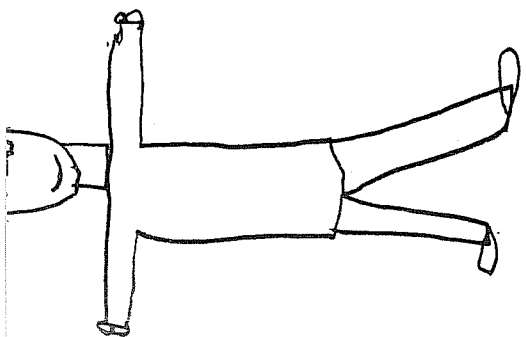
A minha mãe. Porque já morreu o pai
e a mãe dela

6) E tu, nesta família, quem preferes?

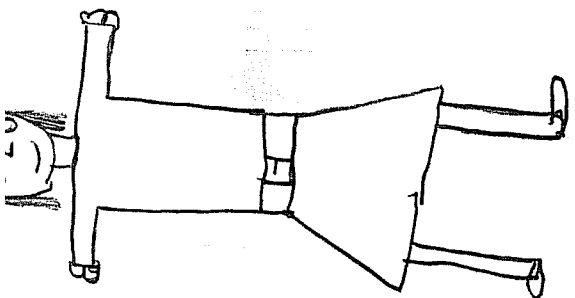
Os meus pais

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

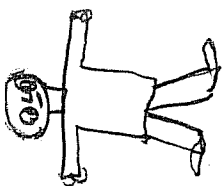
O meu pai. Porque é mais velho.



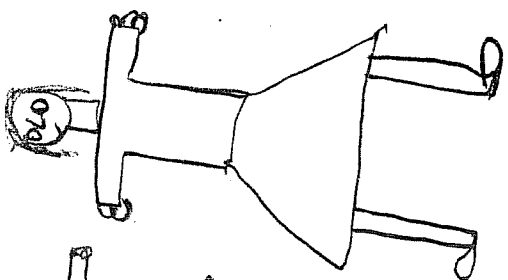
1



2



3



4

QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 54 ; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

o meu pai (1), a minha mãe (2), eu (3) e
a minha irmã (4; 14 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

É a mãe. Porque ela é minha amiga

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

É a H. (irmã). Porque me bate.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

É o meu irmão (aponta para o desenho de si próprio), o meu pai e a minha irmã. Porque eu faço brincadeiras e eles começam-se logo a rir.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

É o meu irmão. Quando o meu pai manda para a cama ele não quer ir

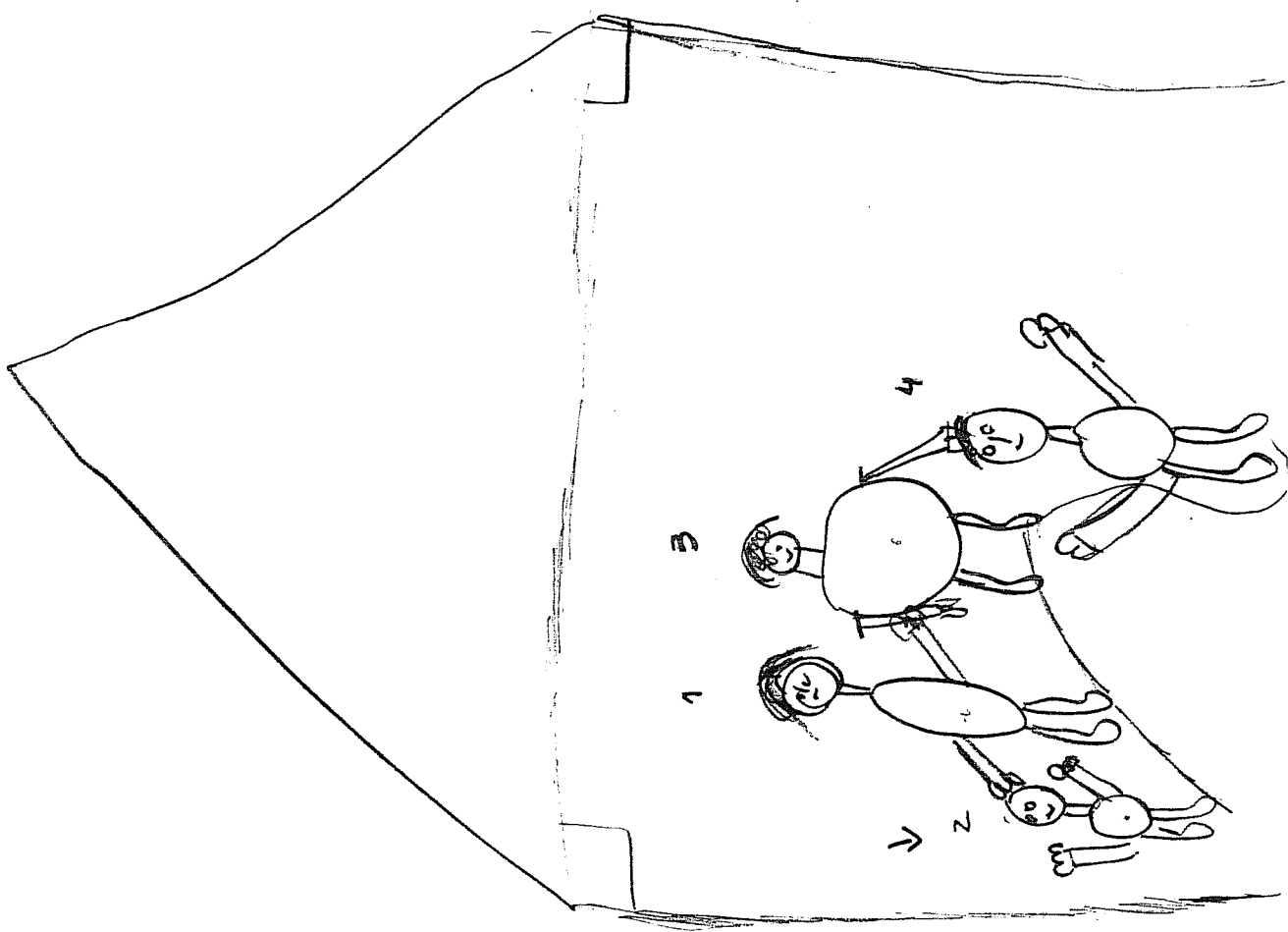
6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha mãe, porque a minha mãe gosta de mim.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O pai. Porque já gosta como

(Esquerdino)



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. N° 55 ; 07

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O meu pai (1), eu (2), a minha mãe (3)
e o meu irmão (4; 17 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

Para mim é o meu pai e a minha mãe.
Porque dão-me brinquedos e coisas

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

Ninguém

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O meu irmão. Porque leva-me aos bombeiros
e inscrevem-se na fantania dos bombeiros

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

Acho que não é ninguém.

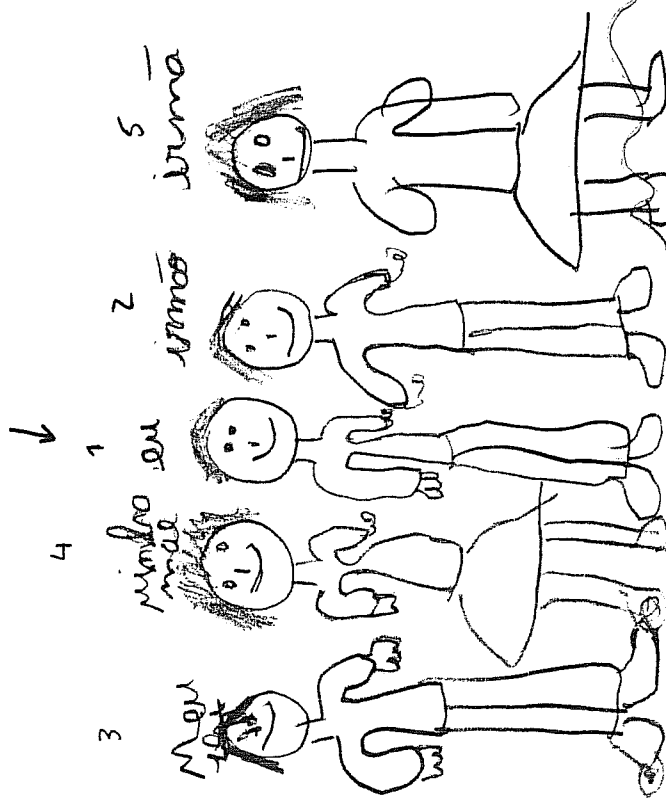
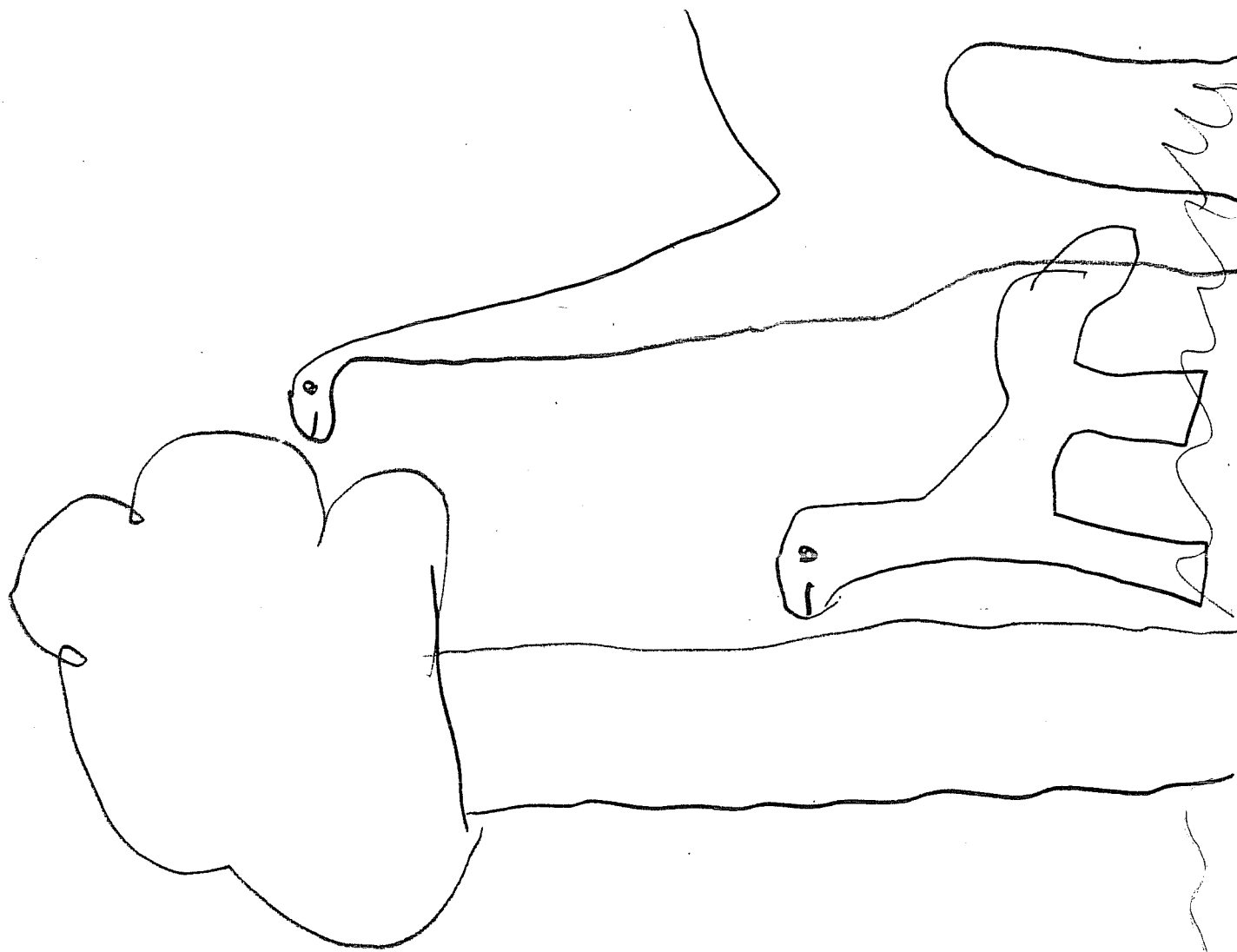
6) E tu, nesta família, quem preferes?

Todos

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

Gostava de ser o meu irmão mais velho
para poder trabalhar nos bombeiros.

20. FEB 1988



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 56 ; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

SOU EU (1) e o meu irmão (2; 4 anos), o meu pai (3) a minha mãe (4) e a minha irmã (5; 11 anos)

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

É a minha mãe, o meu pai e o meu irmão. Porque me fazem as vontades e o meu irmão porque brinca comigo.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

A minha irmã. Porque anda-me sempre a bater.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O meu irmão. Porque está sempre contente e a ri-se. Às vezes também chora.

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

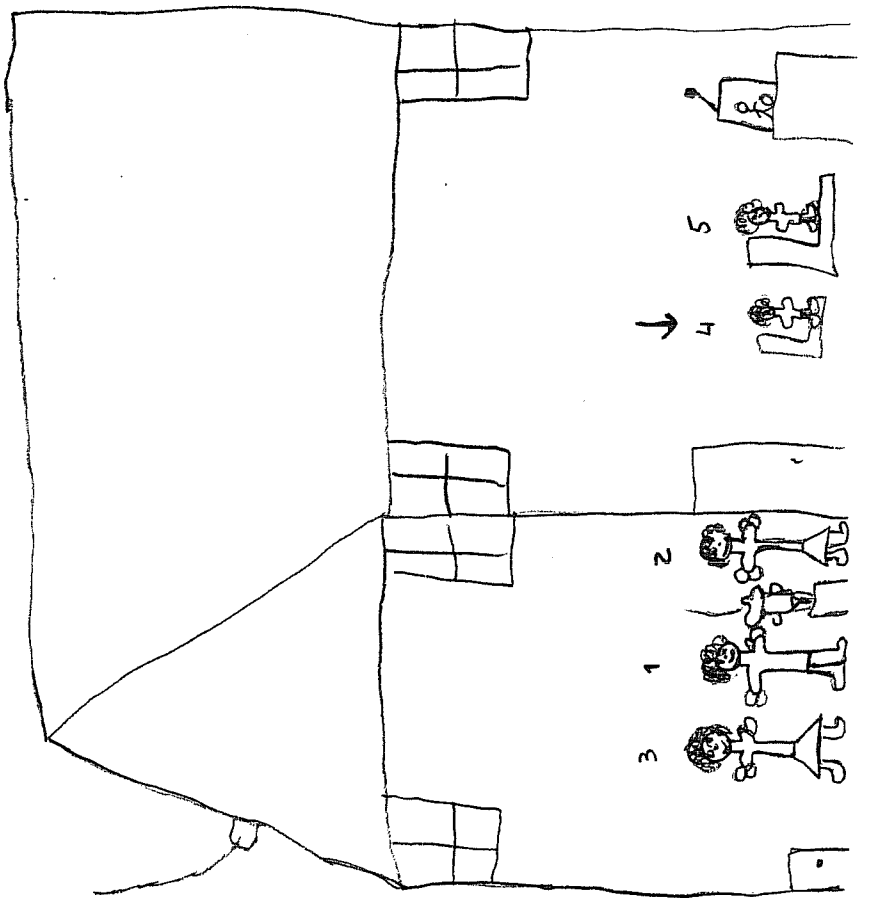
O meu pai. Porque está sempre com a cara triste.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

O meu irmão, o meu pai e a minha mãe.

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

SOU ESTE.



QUESTIONÁRIO SOBRE DESENHO

SUJ. Nº 57; ♂

1) Diz-me, a começar pela 1ª pessoa que desenhaste. Quem é?

O meu tio (1), a avó (2), a minha mãe (3),
sou eu (4) e o meu pai (5). Estamos a ver futebol.

2) Qual destas pessoas é a melhor (a mais simpática)? Porquê?

A minha mãe. Quando lhe pego uma coisa
ela dá-me. Quando me abejo, trata-me.

3) Qual delas é a pior (a mais antipática)? Porquê?

É o meu pai. Discute com a minha mãe,
diz que a vida está muito mal.

4) Qual é a mais feliz (a mais contente)? Porquê?

O meu tio. Ainda a trabalhar, vai ter com
a namorada, tem muitos amigos, vai para
as discotecas, leva-me a sair com os amigos

5) Qual é a mais infeliz (a mais triste)? Porquê?

A minha avó. Nunca sai de casa, só para
beber a bica, o pão e isso. Está lá fechada
em casa, sozinha, só aos fins de semana
é que saímos com ela.

6) E tu, nesta família, quem preferes?

A minha mãe, a minha avó e o meu tio

7) Quem gostarias de ser? Porquê?

O meu tio. Vai sempre sair, vai às
discotecas com os amigos.

ANEXO 3 - Quadros referentes à cotação de cada desenho, de acordo com a grelha de análise definida

COTAÇÃO DOS DESENHOS DA FAMÍLIA
(Ver Grelha de Análise)

RAPARIGAS NORMAIS

SUJEITO	FAMÍLIA REPRESENTADA (A)	DIFERENC. DE GERAÇÕES (B)	DIFERENC. SEXUAL (C)	O PRÓPRIO (EU) / FIG. DOMINANTE DA FRATRIA (D)	PAI (E)	MÃE (F)	IRMÃOS / PRIMOS (G)	AMBIENTE (H)	TAMANHO MÉDIO DA FIGURA MAIOR (em cm) (I)	GRAU DE OCUPAÇÃO DA FOLHA (J)	PARTICULARIDADES (L)
1	4	1	1	3	4	2	-	1	8	2	-
2	4	2	1	2; 5	2	3	3	1	9,5	1	-
3	4	1	1	4	2	4	-	1	11	2	-
4	4	1	2	2; 7; 9	4; 5	4; 5	6	1	12,5	1	-
5	4	1	1	3	5	2	3	1	16	1	-
6	1	1	1	2; 3; 7	7	2	3	1	9,5	2	-
7	4	1	1	2; 3; 7	2	2	4 6	1	9,5	2	-
8	1	2	1	3; 7	7	2	4	1	9	1	-
9	4	2	1	2; 3; 7	4	4	-	1	9	2	-

RAPARIGAS NORMAIS

SUJEITO	FAMÍLIA REPRESENTADA (A)	DIFERENC. DE GERAÇÕES (B)	DIFERENC. SEXUAL (C)	O PRÓPRIO (EU) / FIG. DOMINANTE DA FRATRIA (D)	PAI (E)	MÃE (F)	IRMÃOS / PRIMOS (G)	AMBIENTE (H)	TAMANHO MÉDIO DA FIGURA MAIOR (em cm) (I)	GRAU DE OCUPAÇÃO DA FOLHA (J)	PARTICULARIDADES (L)
10	4	1	1	2; 5; 7	7	5	3 4	1	7,8	2	-
11	4	1	1	5; 9	2	2	3 5 6	1	9,8	2	-
12	1	1	1	4	3	2	4	2a; f; g 3b	7,3	1	-
13	4	1	1	2; 3	7	7	-	1	6	3	1
14	1	3	2	5; 8	3	2	-	1	3,7	3	2
15	1	1	1	2; 3; 7	2	3	3	1	5,7	2	-
16	3	1	1	1	2	2	4	1	7,1	2	-
17	1	3	1	5; 7	3	3	3 4	1	6,8	2	-
18	1	3	3	2	7	7	6	2a; f; g 3b	3,7	1	3

RAPARIGAS NORMAIS

SUJEITO	FAMÍLIA REPRESENTADA (A)	DIFERENC. DE GERAÇÕES (B)	DIFERENC. SEXUAL (C)	O PRÓPRIO (EU) / FIG. DOMINANTE DA FRATRIA (D)	PAI (E)	MÃE (F)	IRMÃOS / PRIMOS (G)	AMBIENTE (H)	TAMANHO MÉDIO DA FIGURA MAIOR (em cm) (I)	GRAU DE OCUPAÇÃO DA FOLHA (J)	PARTICULARIDADES (L)
19	1	3	1	2; 3; 7	3	3	4	1	5	2	-
20	4	1	1	4	2	2	3	1	8	2	-
21	4	3	1	2; 4	3	7	-	1	5,7	2	-

RAPAZES NORMAIS

SUJEITO	FAMÍLIA REPRESENTADA (A)	DIFERENC. DE GERAÇÕES (B)	DIFERENC. SEXUAL (C)	O PRÓPRIO (EU) / FIG. DOMINANTE DA FRATRIA (D)	PAI (E)	MÃE (F)	IRMÃOS / PRIMOS (G)	AMBIENTE (H)	TAMANHO MÉDIO DA FIGURA MAIOR (em cm) (I)	GRAU DE OCUPAÇÃO DA FOLHA (J)	PARTICULARIDADES (L)
22	4	3	1	2; 4	1	3	3 4	2a 3b	4	2	-
23	4	2	3	2; 4	7	7	6	2a 3b	3,5	2	2; 3; 7
24	1	3	2	2; 4	2	7	6	1	4,7	3	3

RAPAZES NORMAIS

SUJEITO	FAMÍLIA REPRESENTADA (A)	DIFERENC. DE GERAÇÕES (B)	DIFERENC. SEXUAL (C)	O PRÓPRIO (EU) / FIG. DOMINANTE DA FRATRIA (D)	PAI (E)	MÃE (F)	IRMÃOS / PRIMOS (G)	AMBIENTE (H)	TAMANHO MÉDIO DA FIGURA MAIOR (em cm) (I)	GRAU DE OCUPAÇÃO DA FOLHA (J)	PARTICULARIDADES (L)
25	4	1	1	4; 8	3	2	-	2g 3b	7	1	-
26	4	1	1	2; 3; 7	2	2	3	2f; g; h 3b	7,5	1	-
27	3	1	1	2; 3	2	7	6	1	13,5	1	-
28	4	3	2	2; 4	3	2	6	2b; c 3a	5,5	2	-
29	1	1	2	2; 3; 7; 9	4	7	6	1	7,7	2	-
30	4	1	2	3; 8	3	2	6	1	2,6	3	2
31	1	1	1	3; 9	5	5	1	2a; b; c; f; g 3a	4,8	1	-
32	4	1	1	2; 4; 7	2	2	6	1	7	2	-

RAPAZES NORMAIS

SUJEITO	FAMÍLIA REPRESENTADA (A)	DIFERENC. DE GERAÇÕES (B)	DIFERENC. SEXUAL (C)	O PRÓPRIO (EU) / FIG. DOMINANTE DA FRATRIA (D)	PAI (E)	MÃE (F)	IRMÃOS / PRIMOS (G)	AMBIENTE (H)	TAMANHO MÉDIO DA FIGURA MAIOR (em cm) (I)	GRAU DE OCUPAÇÃO DA FOLHA (J)	PARTICULARIDADES (L)
33	1	2	1	2; 4	3	7	-	1	4,2	3	-
34	1	1	1	3; 7; 9	4	5	4	1	8	2	-
35	4	1	1	3; 8	5	5	6	1	5,1	2	-
36	4	2	1	2; 7	6	3	3	2b; c; d 3a	7,9	1	-
37	1	2	1	2; 5	3; 6	6	3 5 6	2b; c; d 3a	5,5	1	-
38	1	1	1	4; 6	2; 5	5	1	1	14,5	1	-
39	1	2	3	1	7	7	6	1	3,1	3	3
40	2	3	3	1	7	7	6	2c; 3a	3,1	2	3
41	1	1	1	3; 8	3	2	3	2a; f; g; h 3b	6,5	2	1

RAPARIGAS DEPRIMIDAS

SUJEITO	FAMÍLIA REPRESENTADA (A)	DIFERENC. DE GERAÇÕES (B)	DIFERENC. SEXUAL (C)	O PRÓPRIO (EU) / FIG. DOMINANTE DA FRATRIA (D)	PAI (E)	MÃE (F)	IRMÃOS / PRIMOS (G)	AMBIENTE (H)	TAMANHO MÉDIO DA FIGURA MAIOR (em cm) (I)	GRAU DE OCUPAÇÃO DA FOLHA (J)	PARTICULARIDADES (L)
42	1	3	3	5	7	7	6	2a; f; g; h 3b	1	1	1; 3
43	1	3	1	3; 8	2	2	4	2a; f; g 3b	2,8	2	-
44	4	3	2	3; 8	2	2	-	2a; f; g 3b	2,3	2	-
45	1	2	3	2; 3	7	7	6	1	8,5	2	1; 5; 7

RAPAZES DEPRIMIDOS

SUJEITO	FAMÍLIA REPRESENTADA (A)	DIFERENC. DE GERAÇÕES (B)	DIFERENC. SEXUAL (C)	O PRÓPRIO (EU) / FIG. DOMINANTE DA FRATRIA (D)	PAI (E)	MÃE (F)	IRMÃOS / PRIMOS (G)	AMBIENTE (H)	TAMANHO MÉDIO DA FIGURA MAIOR (em cm) (I)	GRAU DE OCUPAÇÃO DA FOLHA (J)	PARTICULARIDADES (L)
46	1	3	3	4; 9	2; 4	4	4	2f; g 3b	3	1	3
47	2	3	3	1	7	7	1	2a; g 3b	2,3	2	3; 6
48	2	3	2	2; 8	3	1	3	1	7	2	1; 5
49	4	2	3	2; 5; 8	3	2	6	2a; e; f; g 3b	1,8	1	3
50	3	3	3	1	1	1	-	2a; g 3b	1,5	2	2
51	1	2	1	5; 7	6	6	6	2b 3a	4,5	2	-
52	2	1	2	6	5; 6	5; 6	3	1	1,5	3	2; 3; 7
53	2	3	3	2; 4; 9	3; 5	4; 5	-	1	4,8	2	2; 3
54	1	1	1	4; 8	3	2	2; 6	1	7,8	2	4

RAPAZES DEPRIMIDOS

SUJEITO	FAMÍLIA REPRESENTADA (A)	DIFERENC. DE GERAÇÕES (B)	DIFERENC. SEXUAL (C)	O PRÓPRIO (EU) / FIG. DOMINANTE DA FRATRIA (D)	PAI (E)	MÃE (F)	IRMÃOS / PRIMOS (G)	AMBIENTE (H)	TAMANHO MÉDIO DA FIGURA MAIOR (em cm) (I)	GRAU DE OCUPAÇÃO DA FOLHA (J)	PARTICULARIDADES (L)
55	1	2	3	2; 3; 8	4; 5	2; 5	6	2a 3a	4	2	1
56	1	3	1	2; 4	3	7	3 4	2f; h 3b	6,5	1	-
57	1	3	2	3; 8	3; 6	2	-	2a; b; d 3a	2,1	2	-

ANEXO 4 - Tabela dos valores residuais referidos no ponto 2.2.a), Parte III, Vol.I

Quadro 9, apresentado no ponto 2.2. a), parte III, vol.I

	Família Real	Família Alargada + Real não nuclear	Família Imaginada
CD	9 (1.0)	5 (2.3)	2 (-2.7)
CN	17 (-1.0)	3 (-2.3)	21 (2.7)

$$\chi^2 (2) = 9,5, \quad p < 0,01$$

Nota: Entre parentesis encontram-se os valores residuais.

ANEXO 5 - Transcrições das respostas ao questionário (crianças, mães e pais)

Nota: À frente da identificação dos sujeitos, aparece a letra N ou D que significa, respectivamente, criança normal ou deprimida

Nota 1: Quando aparece a letra (Q), significa que houve intervenção do entrevistador no sentido de esclarecer a pergunta.

Nota 2: Onde se lê "doutra" leia-se sempre "de outra".

1N

- 1) O pai às vezes pode ser muito querido, mas muitas vezes ralha e é rabujento. A mãe a maior parte das vezes é mais atenciosa, mais querida.
- 2) O pai é atencioso mas muitas vezes aborrece-se com muita facilidade. A mãe ... é ligar importância, tratar do nosso bem estar.
- 3) Os homens são mais trabalhadores, chegam mais tarde a casa com o trabalho, muitas vezes são mais exigentes. As mulheres chegam cedo a casa, têm tempo para fazer alguns trabalhos da casa, domésticos, e têm menos trabalho.
- 4) Por exemplo, a mãe deve compreender que um filho gosta de coisas diferentes e não os trata da mesma maneira por esse motivo. Deve arranjar alguém que tome conta da filha, de confiança, para brincar com a filha; o filho não gosta tanto que tomem conta dele, a mãe deve convidar amigos para os deixar ir jogar à bola.
- 5) O pai diverte-se mais com o filho, porque quando era pequenino também brincava com a bola. Enquanto para a filha, deixa os trabalhos para a mãe, não está tanto com ela.
- 6) As filhas são mais mimadas, dão mais atenção à mãe do que ao pai, gostam mais de estar com a mãe. Os filhos não são assim tanto, divertem-se mais com o pai, gostam mais de estar com ele, jogar à bola, e isso.
- 7) Nos tempos livres, os filhos gostam de jogar à bola e divertir-se. Pedem autorização ao pai e à mãe para convidar amigos. A filha também pede para convidar amigas para passarem a tarde com ela a brincar às bonecas.
- 8) Os rapazes são matulões, são brutos, não ligam muito quando pisam uma rapariga, muitas vezes são bons a ginástica. As raparigas gostam de brincadeiras mais calmas, jogos, são mais delicadas.

9) É igual, é carinhoso com os dois.

10) Ela gosta mais de estar com a mãe, porque a mãe também tem menos trabalho, e é isso que a prende mais à mãe. Com o pai está menos ...

2N

1) São diferentes. Os pais dão mais carinhos, são simpáticos para os filhos. As mães também dão, mas é mais tratar de nós, dar-nos de comer, comprar a roupa, e isso.

2) O meu pai vem-me buscar à escola e ... ajuda os meus tios que estão a fazer uma casa perto da do meu pai. A minha mãe trabalha muito, chega sempre mais tarde a casa porque tem muito trabalho. Se nós estamos a dormir vai lá ao quarto, mas não faz barulho para nós não acordar-mos.

3) Os homens são mais brutos. Se acontece alguma coisa os pais podem bater ou começam logo a gritar. As mulheres têm mais calma no que fazem.

4) Acho que não. A minha mãe vem ter comigo quando eu estou mal e com o meu irmão também. Gosta muito de nós os dois e não nos trata de maneira diferente.

5) Também não.

6) As filhas dão mais carinho aos pais e os filhos não. Quando eles estão doentes ou cansados, vamos sempre ter com eles para saber o que foi. Os filhos não ligam tanto.

7) Os filhos querem sempre brincar à bola e isso, têm menos interesse por estudar. As filhas estudam mais.

8) Os rapazes jogam à bola, e as raparigas ficam a conversar, ou a jogar ao elástico.

9) Acho que não. Pode gostar tanto do pai como da mãe e dar-se bem com os dois.

10) Acho que não.

3N

- 1) A mãe tem mais medo que nos aconteçam coisas e preocupa-se mais connosco, se comemos bem, ... O pai preocupa-se menos, mas dá mais carinhos, está mais ao pé dos filhos.
- 2) O pai está sempre a comprar presentes para nós, dá-nos mais carinho, está sempre ao pé de nós. A mãe preocupa-se mais connosco, ralha mais quando fazemos as coisas mal, muito mais do que o pai.
- 3) Os homens trabalham até mais tarde. As mulheres tratam dos filhos e saem mais cedo do emprego.
- 4) Acho que é diferente. Se o filho fôr mais velho, não se preocupa tanto com ele, se fôr a filha preocupa-se mais.
- 5) Não, acho que o pai é da mesma maneira para o filho e para a filha.
- 6) Dão-se da mesma maneira. Dão-se bem.
- 7) O filho brinca de uma maneira, com os carros e isso, e a filha brinca doutra, com bonecas.
- 8) Os rapazes é andar de motas, e coisas assim; as raparigas é ir a casa umas das outras, brincar, ou sair como eu vejo a minha irmã.
- 9) Acho que o filho é duma para o pai e doutra para a mãe. Costuma lidar mais com a mãe, estar sempre ao pé dela. Com o pai não, porque ele está sempre a trabalhar.
- 10) Acho. A filha costuma, quando o pai chega, estar sempre ao pé dele. Gosta mais de estar ao pé dele.

4N

- 1) São iguais. Gostam dos filhos, fazem tudo para o bem deles.

- 2) O pai costuma ajudar nos T.P.C., comprar coisas para a escola. A mãe também, ajudar nos T.P.C., as mesmas coisas que o pai.
- 3) Os homens ... põem alcatifas. As mulheres fazem o jantar, põem a mesa.
- 4) Não, é igual para os dois.
- 5) Não, é da mesma maneira.
- 6) São iguais; ajudam os pais, fazem favores.
- 7) O filho costuma brincar com carrinhos, jogar futebol. A filha costuma brincar com bonecas.
- 8) Os rapazes costumam ser mais brutos, batem-se mais e as raparigas param as lutas.
- 9) O rapaz é melhor para o pai, porque ... tenta imitar o pai porque também é rapaz. Não imita tanto a mãe, porque não é rapariga. Não está tanto com a mãe.
- 10) Imita a mãe, mais do que ao pai, porque é rapariga e está mais com a mãe.

5N

- 1) São diferentes. Porque os pais têm mais trabalho e têm que ir arranjar coisas para que os filhos sejam felizes. As mães arranjam a casa, ajudam os filhos a fazer os trabalhos.
- 2) O meu pai joga xadrez com o meu irmão e brinca comigo também. Trabalha muito, e conseguiu ter um barco. A minha mãe arruma a casa, vê televisão, vai comigo comprar roupa, toma conta de mim.
- 3) Os homens tomam conta das coisas, por exemplo, se têm um barco, têm que pôr as coisas bem. As mulheres arrumam a casa.
- 4) Não, é igual para os dois.

- 5) Também não.
- 6) São diferentes. As filhas gostam mais de andar com os pais. Os filhos só gostam de andar por aí sózinhos.
- 7) Os filhos é pedirem aos pais para saírem e andar com os amigos. A filha anda mais com os pais, quer estar mais com eles, gosta de ajudá-los, gosta muito de estudar.
- 8) Os rapazes é andar fora de casa, andar sempre com muitas pessoas, brincar às escondidas. As raparigas têm gosto por estudar, gostam de andar sempre com os pais para não se perderem.
- 9) Não, é igual.
- 10) Também não, é igual.

6N

- 1) São iguais. Eles gostam uns dos outros e também gostam de nós.
- 2) O pai costuma ver televisão, ler o jornal, às vezes cozinha. A mãe cozinha, arruma a casa, vê televisão, lê revistas e trabalha.
- 3) Os homens é ver televisão, ler o jornal, andar de carro. As mulheres costumam cozinhar, arranjar a casa ...
- 4) Não, trata os dois da mesma maneira. Não gosta mais de um do que do outro.
- 5) Também não. É amigo dos dois.
- 6) Os filhos batem-se uns aos outros e não batem aos pais (Q). Não sei, isso não sei.
- 7) O filho costuma brincar, ver televisão, ler revistas, fazer desporto. A filha lê revistas, vê televisão, faz desporto.

- 8) Os rapazes brincam com carros, e as raparigas com bonecas, fazem desenhos, jogam jogos e é só isso.
- 9) Não. Gosta do pai e da mãe. (Q).
- 10) Não, é amigo do pai e da mãe. (Q).

7N

- 1) São diferentes, porque os pais ... às vezes são, outras não; (Q) A mãe quando são pequenos dá-lhes banho, o pai não tem tanto jeito. Não tem tanto jeito para dar o biberon. O pai sabe tratar melhor para levar as coisas, arranjar as coisas o autoclismo, montar as coisas, pregar pregos.
- 2) O pai costuma trazer os sacos do supermercado. A mãe faz a lista para as compras. O pai é que vai comprar as fraldas para o meu irmão. Tem mais jeito para essas coisas. A mãe está na cozinha, arruma os pratos, escolhe a roupa para nós vestirmos na escola, mete o banho ... a água na banheira.
- 3) Sei melhor as mulheres ... sabem melhor tratar dos filhos. Os homens têm mais jeito para ralar com eles. Há homens que têm jeito para cozinha, mas isso têm mais jeito as mulheres. As mulheres têm mais jeito para se arranjarem. A mulher ~~mão~~ sabe fazer a barba ao marido ... ao homem dela.
- 4) A minha mãe trata-me melhor a mim do que ao meu irmão, ele anda-me sempre a bater, é um estúpido. Tanto gosta de mim como dele. Ralha com ele mas é para o ensinar.
- 5) O meu pai ... gosta mais do meu irmão para o ajudar a trazer os sacos, porque ele é homem, quer dizer é um miúdo. Quando vai ao AKI pede ao meu irmão para ir e a mim não me pede. Acho que divertem-se mais os dois. Mas a mim trata-me tão bem como a ele.
- 6) São um bocado diferentes. Eu é que ... o meu irmão dá miminhos a eles, mas eu ajudo-os mais.

- 7) O filho costuma ajudar mais o pai e a filha ajudar a mãe porque o meu irmão não tem jeito para pegar no bebê, eu é que tenho que dizer. Não tem jeito para pôr a mesa, põe ao contrário. Ajuda mais o meu pai a arranjar as coisas.
- 8) Os rapazes é jogar à bola, gostam mais de fazer desportos para rapaz. As raparigas brincam com bonecas, eu ando sempre a brincar na minha cozinha, com as minhas amigas.
- 9) Gosta mais de ajudar o pai, de fazer tudo o que ele faz. Não gosta de ajudar a mãe porque a mãe ... mete a mesa.
- 10) Ajuda a mãe a pôr a mesa, faz as coisas que ela faz. Eu dou mais miminhos ao meu pai do que à minha mãe porque ela anda sempre a tratar do bebé.

8N

- 1) São diferentes. Às vezes o meu pai zanga-se mais comigo e a minha mãe não, é mais querida.
- 2) O meu pai gosta mais de ver televisão, não me liga; liga-me, mas se eu pedir para ir brincar ele prefere ver televisão do que ir brincar, e a minha mãe não vê muita televisão, lava a cozinha, tem que passar a ferro, e fazer tudo e quando acabar pode vir brincar comigo e com a minha irmã.
- 3) Os homens gostam de ver televisão, o meu pai gosta mais de estar a dormir. As mulheres, às vezes, é elas que têm que arrumar a cozinha, fazer as camas.
- 4) Acho que sim; nós, as raparigas, às vezes gostam mais da mãe do que do pai. Eu tenho um amigo meu que gosta mais do pai do que da mãe (Q). A minha mãe ... não sei.
- 5) Também são sei.
- 6) Acho que não. São iguais.

- 7) As raparigas gostam mais de ajudar e os rapazes gostam mais de brincar com coisas deles, carros e isso. Alguns também podem ajudar. As filhas ... eu ajudo a minha mãe a pôr a mesa, passo a ferro coisas que não sejam difíceis
- 8) Os rapazes brincam com carros, gostam mais de jogar ao ringue. As raparigas também gostam de jogar ao ringue, mas menos. Dançamos, inventamos jogos, conversamos.
- 9) O filho às vezes gosta mais do pai, porque eles são os dois homens.
- 10) A filha às vezes gosta mais da mãe porque dá-se melhor com a mãe, porque são as duas mulheres. As filhas às vezes contam coisas à mãe que têm vergonha de contar ao pai.

9N

- 1) São diferentes; o pai quase nunca me bate é querido, eu é que bato a ele. A mãe não, a mãe bate. O pai nunca gosta de viajar e a mãe gosta imenso. Eu também gosto.
- 2) O meu pai lê-me histórias, às vezes vai estudar comigo. A minha mãe também estuda comigo, vem comigo comprar roupa, às vezes passeamos ...
- 3) Os homens gostam de lutas. Fazem mal em ir para a guerra, não devia haver guerras. As mulheres têm filhos, tratam deles.
- 4) Não é igual. Quando o filho faz alguma coisa, a mãe também faz isso à filha.
- 5) O pai é. Eu não faço nada, o meu irmão chateia-me, começa a briga e o meu pai ralha comigo. A maior parte das vezes é para mim, a ele desculpa sempre.
- 6) São diferentes. As filhas são mais meiguinhas e os filhos são mais brutos.
- 7) A filha brinca com bonecas e o filho ou vai andar de skate ou brinca com carrinhos.

- 8) Os rapazes sobem às árvores, brincam com carrinhos telecomandados. As raparigas brincam à macaca, cantam cantigas e brincam com bonecas.
- 9) Não. Se faz uma coisa para o pai, também faz uma para a mãe.
- 10) Não, é igual.

10N

- 1) São iguais. São simpáticos, gostam de criar os filhos da mesma maneira.
- 2) O pai costuma brincar com os filhos nos tempos livres, e a mãe costuma ajudar os filhos em tudo o que eles precisam.
- 3) Os homens têm mais força e conseguem fazer trabalhos mais pesados. Cozinhar podem fazer os dois, mas as mulheres fazem mais, e arrumam a casa e isso.
- 4) É igual.
- 5) É igual.
- 6) Não. Acho que ajudam os pais, são simpáticos para eles.
- 7) Os filhos ajudam mais o pai nas coisas mais pesadas. As filhas ajudam a mãe em casa.
- 8) Os rapazes jogam mais com o carros e à bola e as raparigas brincam mais em casa, com as bonecas.
- 9) Não, é igual.
- 10) Não, também é igual.

- 1) Dão-se igual. Dão-lhe carinhos, mas também se zangam às vezes.
- 2) O pai costuma vir mais tarde, está mais tempo a trabalhar. Mas também nos ajuda quando é preciso. A mãe está mais tempo connosco, trata mais de nós.
- 3) Os homens lêem o jornal, vêem televisão, às vezes ajudam a mãe. As mulheres estão atentas às coisas que os filhos fazem na escola, às zangas deles.
- 4) Não, é igual.
- 5) Também é igual.
- 6) Não, dão-se igual. Obedecem, ajudam, comportam-se bem, alguns.
- 7) O filho joga à bola, ao berlinde, jogos electrónicos. A filha salta à corda, brinca com bonecas, brinca com as amigas às casinhas.
- 8) Os rapazes metem-se muito em brigas, dão-se com pequenos grupos de rapazes. As raparigas são meiguinhas, dão-se em grandes grupos, não despacham tanto os trabalhos para irem brincar. Estudam mais.
- 9) Não, é igual.
- 10) Não, é igual.

- 1) Talvez. O meu pai gosta muito de mim e a minha mãe gosta muito do meu irmão. O meu pai anda sempre ao pé de mim a perguntar como é que eu estou e a minha mãe também ao pé do meu irmão.
- 2) O pai gosta de brincar com eles, de estar ao pé deles; a mãe gosta de ser muito cuidadosa com os filhos, tratar deles, andar sempre em cima deles a ver se estão a fazer asneiras ou não.

- 3) Os homens estão sempre a ver televisão e as mulheres é coser a roupa, tratar do comer, tratar da casa, dos filhos.
- 4) Não, somos todos a mesma coisa, eu e o meu irmão é a mesma coisa. O que eu tenho ele também tem, se me compra a mim compra para o meu irmão.
- 5) Também não.
- 6) Não são diferentes. Eu posso dizer uma coisa à minha mãe, que gosto muito dela, que gosto muito dos meus pais, o meu irmão também diz a mesma coisa.
- 7) O filho está sempre ao pé da mãe, a conversar com ela, a querer ajudá-la; e a filha está sempre a brincar na rua com as amigas, a saltar à corda, às vezes costuma ajudar a mãe a limpar o pó.
- 8) Os rapazes costumam brincar aos berlindes, com os carros, andar de skate, e as raparigas é saltar à corda, sempre a conversarem com as outras, brincar às telenovelas.
- 9) Não, é a mesma coisa para o pai e para a mãe, porque os pais não têm nada de diferente.
- 10) Não, é da mesma maneira.

13N

- 1) Sim, as mães dão-se bem. Os pais também acho que dão bem, são iguais.
- 2) O pai está sempre a ver corridas de carros na televisão, quase não faz nada comigo, e a mãe costuma passar a ferro, lavar a roupa, fazer o jantar. Às vezes o meu pai também faz as camas.
- 3) Os homens gostam de ver futebol, e as mulheres costumam fazer o jantar, fazer as camas, arrumar a casa, limpar a casa, lavar a loiça, lavar a roupa.
- 4) Não. É igual.

- 5) Também não.
- 6) Não, são iguais.
- 7) O filho costuma brincar com carrinhos, jogar futebol, andar de skate, bicicleta, e a filha costuma brincar com as bonecas.
- 8) Os rapazes brincam com carrinhos, jogam futebol, andam de skate, bicicleta e as raparigas brincam aos cabeleireiros com as bonecas.
- 9) Não, é igual.
- 10) Não, é igual.

14N

- 1) São iguais, tratam bem os filhos, ajudam-nos quando estão em dificuldades.
- 2) O pai aconselha para não fazer certas coisas, ajuda às vezes nos trabalhos de casa. A mãe não ajuda tanto porque está a fazer o comer.
- 3) Os homens arranjam carros, vêem futebol, e as mulheres fazem o comer, vêem telenovelas, não sei mais.
- 4) Não sei ... Não é igual. A mãe ... os meninos não têm as mesmas ideias que as meninas, os meninos jogam à bola e as meninas às bonecas. Eu acho que é diferente mas não sei explicar (Q).
- 5) Sim. O pai dá mais ordens ao filho do que à filha.
- 6) São iguais. Tratam bem os pais, não respondem.
- 7) O filho costuma ver televisão, passear, e a filha brincar com bonecas, ao elástico e isso.

- 8) Os rapazes costumam jogar à bola, jogar ao monopólio, e as raparigas jogar ao elástico, jogar ao dominó.
- 9) Não. Trata-os bem, é igual para os dois.
- 10) Não. Trata-os bem também, é igual.

15N

- 1) É diferente. A minha mãe está sempre em casa e não me bate muito, é mais carinhosa. O meu pai trabalha sempre até às sete horas e bate-me muito.
- 2) O meu pai de vez em quando brinca, vem passear comigo e com o meu irmão, vamos sair. Também me leva ao médico quando eu estou doente, mas a minha mãe leva mais porque o meu pai trabalha e ela não, trata de nós e da casa.
- 3) Não sei.
- 5) Acho. O meu pai dá mais coisas ao meu irmão e a mim dá-me poucas.
- 4) A minha mãe é ao contrário do meu pai, de vez em quando dá-me mais coisas a mim do que ao meu irmão.
- 6) São diferentes. Eu de vez em quando chateio-me com o meu pai e depois não me apetece falar com ele. O meu irmão não, quando se chateia com o meu pai, depois fala logo com ele.
- 7) O filho costuma brincar com carros, com bola e outras coisas e a filha costuma brincar com bonecas, enquanto ainda tem idade.
- 8) Os rapazes trabalham e estudam para ser "senhor doutor." E as raparigas também trabalham e estudam.
- 9) O meu irmão de vez em quando bate à minha mãe, zanga-se com ela. Com o meu pai não tanto.

- 10) É igual. É boa para o pai e para a mãe, mas com o meu pai zango-me muito e com a minha mãe não.

16N

- 1) Por vezes as mães têm muito mais que olhar por nós "J. faz isto", "J. faz aquilo". O pai não, é só para sair, para nos divertirmos.
- 2) O pai costuma ver televisão e a mãe arruma a casa, trata das coisas.
- 3) Os homens trabalham nas hortas, trabalhos difíceis, cavar o quintal, por exemplo, e as mulheres estão mais a lavar a loiça, a arrumar a casa.
- 4) Não. O filho lá por ser rapaz não é diferente duma rapariga. A mãe é igual para os dois.
- 5) Sim, conforme a idade do filho e da filha. O meu irmão é mais velho e ele não o trata bem como a mim. A mim dá-me mais carinho e a ele não tanto.
- 6) São diferentes. As raparigas querem mais estar com as mães, até ajudar e isso. Os rapazes não, costumam mais ... querem estar mais com os pais.
- 7) O filho costuma ver televisão e jogar computador, e a filha costuma ficar no quarto, a brincar com as bonecas, ou ajuda a mãe.
- 8) Os rapazes costumam andar mais com o pai, ajudar a cavar o quintal, ajudar o pai; e as raparigas costumam mais ajudar a mãe.
- 9) Acho que não. Porque a mãe ou o pai são os nossos pais e não temos que dar melhor com um do que com outro, por exemplo, falar mais com o pai e a mãe ficar a olhar. Acho que não.
- 10) Não, é a mesma coisa.

- 1) Não são diferentes. São bons, dão-se bem connosco.
- 2) O pai trabalha para nós comermos, dá-nos atenção, ajuda às vezes nos trabalhos de casa. A mãe também trabalha para nós comermos, trata de nós, arruma a casa, também ajuda nos trabalhos da escola.
- 3) Os homens não arrumam a casa, vão ao café sempre, à noite. Não sei mais. As mulheres arrumam a casa ...
- 4) É igual. Trata-os bem.
- 5) Não. É igual.
- 6) As filhas às vezes gostam mais de estar com a mãe, a ajudá-la ou isso, e os filhos às vezes gostam mais de estar com o pai.
- 7) O filho costuma jogar à bola, brincar com os carros, fazer desenhos, e a filha brincar com as bonecas, fazer ginástica, fazer puzzles.
- 8) Os rapazes costumam jogar à bola, brincar com os carros e as raparigas brincar com bonecas, fazer puzzles.
- 9) Não. Trata da mesma maneira.
- 10) Não, é a mesma coisa.

- 1) São diferentes. As mães às vezes são simpáticas, os pais às vezes são maus.
- 2) O pai às vezes começa a bater nos filhos porque vêm muito tarde para casa. A mãe costuma ver a telenovela e quando dá futebol não deixa os pais verem.

- 3) Os homens costumam andar muito de carro, comprar matrículas novas e pôr gasolina para o carro andar bem. As mulheres costumam passear muito com os filhos, e ir às compras, andar de carro, também.
- 4) Acho que sim, não sei. Para mim é muito simpática para o meu irmão é muito má. Eu ajudo-a e o meu irmão não faz nada. Ela compra-me coisas, bolos, e para o meu irmão não compra nada.
- 5) O meu pai bate mais ao meu irmão. A mim não bate tanto, é mais meiguinho.
- 6) Não. São simpáticos, às vezes.
- 7) O filho às vezes começa a brincar muito e a filha começa a trabalhar para a mãe que está doente, ajuda-a.
- 8) Os rapazes costumam brincar muito, futebol, escondidas, apanhada, muitas coisas, e as raparigas ajudam muito a mãe.
- 9) É diferente. Para o meu pai é muito bom, faz os mandados e para a minha mãe é muito mau, não faz nada à mãe, não faz os mandados.
- 10) É diferente. A filha para o pai é muito boa, é meiguinha, avisa as coisas que a professora diz, e para a mãe quer sempre fazer as coisas como ela faz, ajudar, fazer igual a ela.

- 1) São diferentes. As mães são mais apegadas aos filhos os pais não. Dão mais ajuda aos filhos, estão sempre com os filhos. Os pais não, estão sempre a trabalhar.
- 2) O meu pai brinca muito connosco, vê muita televisão, faz-nos muitas cócegas, está sempre a fazer-nos rir e a brincar a coisas que nós queremos. A mãe está sempre na cozinha, e só à noite é que está sentada no sofá.
- 3) Os homens gostam muito de ver futebol e as mulheres algumas também gostam de futebol outras não. São mais de estar na cozinha.

- 4) Não. É da mesma maneira.
- 5) Também acho que não. Trata da mesma maneira o filho e a filha.
- 6) Acho que se dão todos da mesma maneira. Gostam de se tratar bem uns aos outros para não haver guerra lá em casa. Gostam muito de ajudar os pais como os pais aos filhos.
- 7) O meu irmão está sempre fechado no quarto, ver livros, fazer pesquisas sobre os dinossauros sobre os planetas e a história dos reis. Estuda muito. A filha gosta muito de ouvir música, algumas também gostam de estar pegadas aos livros, não é o meu caso, detesto livros. Divertirem-se. Ir ao cinema estar sempre com as colegas.
- 8) As raparigas gostam mais de estar enfiadas no quarto, a conversar. Os rapazes gostam mais de brincar com as coisas deles, e andam muito à luta.
- 9) Acho que não, trata da mesma maneira o pai e a mãe.
- 10) A filha também, trata da mesma maneira o pai e a mãe.

20N

- 1) São diferentes. Os pais andam sempre mais desorientados, não têm muitos cuidados com as crianças, são mais brincalhões, brincam mais connosco. As mães já têm muito mais cuidado, tratam de nós, e sempre que fazemos alguma coisa mal têm preocupações, e lá vai um raspanete.
- 2) O pai brinca mais com os filhos, sempre que os filhos estão de férias, leva para o seu trabalho. A mãe manda o filho vestir-se e comer, diz-lhe para fazer as coisas dele, os TPC.
- 3) Os homens costumam ir ao café, andar nos bares, beber cervejas, chegar a casa com uns copitos a mais, aos fins de semana ir à bola, quando não há bola ir à pesca ou à caça. As mulheres é lavar a roupa, passar a roupa, cuidar da casa.

- 4) Não. O filho e a filha fazem as mesmas actividades que o outro; aquilo que a mãe manda a um também manda ao outro.
- 5) É diferente. O pai, ao filho, brinca com ele à bola, ensina-lhe a caçar e a pescar, a ver futebol, todas as regras; está muito mais com ele. À filha manda-a brincar às bonequinhas e ajuda-a a fazer os trabalhos de casa.
- 6) Não são diferentes. É tudo igual. Podem às vezes quando lhes dão raspanetes dizer que são maus e quando lhes fazem uma vontade tratam-nos bem.
- 7) O filho costuma andar a jogar à bola, fazer corridas de bicicleta; quando fôr mais crescido costuma ir com os outros passear. As raparigas ficam a ajudar a mãe a fazer as coisas dela.
- 8) Os rapazes costumam andar na rua a jogar à bola, corridas de bicicletas e as raparigas costumam ajudar a mãe nas limpezas, ir às compras com ela .
- 9) Sim. Para o pai, anda sempre a brincar com o pai, a fazer traquinices, a jogar com ele. Para a mãe é todo chateado, passa pela mãe e diz "olá mãe" e despacha-se da mãe para ir para o quarto ou brincar com o pai.
- 10) Não, a filha não é diferente. É carinhosa para os pais, às vezes também descarrila, é um bocadito mais traquina. Costuma andar com os pais, acompanhá-los em todas as actividades.

21N

- 1) São diferentes. O pai dá a educação masculina e a mãe feminina. O pai é mais mandão e ensina-nos a fazer as coisas que ele faz, os desenhos e isso. A mãe está mais connosco e ensina-nos a fazer as coisas dela.
- 2) O pai ajuda-nos a arranjar as bicicletas, brinca connosco, diz como se faz os trabalhos, explica e depois nós fazemos. A mãe ajuda em qualquer coisa que nós tenhamos dificuldade, pode ser da escola ou não.

- 3) Os homens ... são mais mandões e a maior parte deles trabalham para sustentar a família. As mulheres, a maior parte trabalha nas coisas da casa.
- 4) Não. Dá o mesmo carinho, dá tudo igual aos dois.
- 5) Não, é a mesma coisa.
- 6) Não são diferentes. Se fosse o dia da mãe ou do pai, talvez fizessem um trabalho junto, ou então fariam igual; não são diferentes.
- 7) O filho pode ajudar o pai a fazer coisas porque também é masculino e a filha à mãe porque também é feminina. O filho ajuda a limpar o carro e a filha pode ajudar a lavar a loiça ou a lavar a roupa.
- 8) Às vezes fazem coisas que a mãe não gosta mas o pai pode gostar porque às vezes ele também faz. Por exemplo, sentar a ver televisão logo depois da mãe ter acabado de lavar a sala; a mãe pode não gostar mas o pai às vezes faz igual. (Q) Não sei.
- 9) Não, é igual para os dois.
- 10) Também não, é igual.

22N

- 1) São iguais. Às vezes quando fazem asneiras castigam. Quando se portam bem, às vezes podem dar surpresas e também têm carinhos com eles.
- 2) Os pais costumam arranjar as coisas, consertar alguma coisa que se estraga. As mães costumam limpar a casa, lavar a loiça, limpar o pó.
- 3) Os homens costumam às vezes, quando as mulheres querem alguma coisa, dar de surpresa, ou quando faz anos ou no natal, dar assim uma coisa que a mulher gosta. E as mulheres, às vezes quando os homens fazem anos dão prendas que eles gostam ou desejam muito ter.

- 4) Não. A mãe às vezes dá coisas que o filho goste e coisas diferentes que a filha goste. Às vezes quando o filho deseja ter alguma coisa dá, e à filha também.
- 5) Sim, o pai deixa a filha fazer mais coisas que ela quer, ir sair, ir fazer recados, ir às compras, porque ela sabe escolher. Com o filho ... zanga-se mais com ele, porque ele às vezes faz tudo mal.
- 6) Dão-se de maneira diferente. A filha dá-se com o pai de maneira diferente porque gosta mais dele, e às vezes quando alguém lhe bate vai dizer ao pai ou então à mãe. O filho dá-se melhor com a mãe porque quando ele quer assim alguma coisa a mãe dá e o pai já não dá assim tanto, mas também gosta do pai.
- 7) O filho costuma brincar no recreio com os rapazes, com os carros, os berlindes, gosta de ver filmes que a filha não gosta. A filha gosta mais de brincar com bonecas, saltar à corda, brincar com os amigos, e gosta mais de desenhos animados.
- 8) Os rapazes costumam mais divertir-se com os colegas na rua, com os carros e isso, e também costumam brincar com as meninas, de vez em quando. As meninas costumam brincar mais às bonecas, com as amigas.
- 9) Acho; os filhos às vezes gostam mais do pai porque é homem, gostam mais de estar com ele.
- 10) Sim, as filhas às vezes dão-se melhor com a mãe porque a mãe também é rapariga, e gostam mais de estar com ela.

23N

- 1) São diferentes. As mães trabalham mais em casa, tratam dos filhos, e os pais trabalham em bancos, não costumam trabalhar em casa.
- 2) O pai costuma dar atenção aos filhos, ajudar quando eles precisam, e a mãe também ajuda, só que dá os comeres aos filhos quando eles são bebés e os pais não fazem isso.

- 3) Os homens dão o dinheiro para sustentar a casa e são eles que mandam. As mulheres é que fazem o jantar e o almoço, os homens não fazem.
- 4) Não, é igual, dá a mesma coisa a um e a outro também.
- 5) Não, também é igual.
- 6) Não, dão-se da mesma maneira.
- 7) O filho joga futebol, joga ténis e ... a filha só salta à corda.
- 8) Os rapazes é jogar ténis, jogar futebol, e as raparigas é saltar à corda, conversar.
- 9) Não, é igual para os dois. Se dá uma coisa à mãe também dá ao pai, um bocadinho de chocolate, por exemplo, dá ao pai e à mãe.
- 10) Também é igual para os dois.

24N

- 1) São diferentes. As mães são mais simpáticas, às vezes quando eu estou cansado e não consigo fazer uma coisa, a mãe diz para eu não fazer. O pai não, diz para eu fazer, manda logo fazer, e eu já não sei mais nada.
- 2) O pai quando chega a casa senta-se no sofá a ler o jornal e fica a ver televisão. A mãe quando eu chego, põe a mesa, jantamos às oito horas, vamos arrumar a cozinha e eu vou para a cama.
- 3) Os homens costumam fazer mais desporto, às vezes as mulheres ficam a ver ou a fazer o que lhes apetece, ver telenovelas ou ler revistas.
- 4) Não, a minha mãe quando eu discuto com a minha irmã, em vez de proteger algum, discute com os dois, zanga-se com os dois igual.
- 5) Não, o pai também não. É igual para os dois.

- 6) Acho que não são diferentes, são iguais.
- 7) O filho às vezes fica a ver televisão e ... a filha também.
- 8) Os rapazes fazem mais desporto, e as raparigas ficam a ver televisão, a pentear-se, a brincar às bonecas e isso tudo.
- 9) Não, eu por exemplo trato o meu pai e a minha mãe da mesma forma.
- 10) Também não.

25N

- 1) Os pais dão-se duma maneira e as mães doutra. As mães são mais irritadas, mais chateadas porque têm que tratar da casa e das coisas. Os pais não, são mais compreensivos, mais brincalhões.
- 2) O meu pai costuma jogar à bola connosco, fazer jogos, dar voltas de carro, ir até à praia. A mãe, pelo menos para mim, é fazer o jantar.
- 3) Os homens costumam ver futebol pela televisão ou ir ao estádio, só muitas poucas vezes ajudam a mãe. As mulheres ... costumam mais ver telenovelas e essas coisas.
- 4) Acho. Para uma filha é mais boa. Ensina-a a fazer mais coisas, tem mais tempo, brinca com ela. Para um filho não, pômo-nos a jogar futebol dentro de casa e pôe-se aos gritos, não podemos fazer nada. A filha como está a jogar às bonequinhas ...
- 5) Acho. O pai é mais bom para um filho. Ensina a jogar futebol, a fazer jogos, a subir às árvores até. Para as filhas não tem tanta paciência, porque não sabe brincar às bonecas.
- 6) Os filhos gostam mais de brincar com os pais e acham que as mães não têm paciência. As filhas vão para o pé da mãe, brincar às bonequinhas, a mãe ensina a coser roupas, coisas assim.

- 7) O filho costuma jogar futebol, jogar computador, e a filha ocupa mais o tempo a brincar às bonecas quase não se interessa por computadores.
- 8) Os rapazes costumam andar de bicicleta, jogar futebol, jogar baseball, subir às árvores, e as raparigas costumam brincar com as bonequinhas, andar a fazer "tótós", a brincar aos cabeleireiros.
- 9) É ... interessa-se mais pelo pai. O pai já foi como ele, rapaz, e ele interessa-se em saber como foi o passado dele, como ele jogava, quer saber isso.
- 10) A filha já não gosta de subir às árvores, já não está interessada em saber como ele jogava, como se joga futebol. Interessa-se por saber o passado da mãe, quem eram as amigas, como é que ela fazia tótós até ... o filho para a mãe não se interessa em saber o passado, quem foram as amigas, de quem eram as bonecas.

26N

- 1) São diferentes. O pai trata o filho um bocadinho de nada pior por causa das bofetadas. Dá mais bofetadas. A mãe trata de nós, leva-nos aos sítios quando tem tempo.
- 2) O pai brinca com os filhos, joga futebol. A mãe é cozinhar, levar os filhos aos sítios.
- 3) Os homens fazem ginástica, jogam futebol, andam de bicicleta ... tratam de negócios muito importantes. As mulheres lavam a roupa, limpam a casa, cozinham.
- 4) Não, acho que é igual é querida para os dois e má para os dois, de vez em quando.
- 5) Acho que também não. É igual para os dois.
- 6) Acho que são diferentes. Um filho dá-se de uma maneira mais forte; se o meu pai não me quizesse levar a um sítio, eu insistia, e algumas filhas não, só querem ficar ao pé dos pais.

- 7) O filho joga futebol, brinca com carrinhos, faz cross de mota, anda de skate, joga basquet se fôr alto, tanta coisa para dizer sobre o menino. A filha brinca com as bonecas, lava a roupa, essas coisas.
- 8) É a mesma pergunta, não é? Acho que é o que eu já disse.
- 9) Não, é igual para os dois.
- 10) Também, é igual.

27N

- 1) São iguais. São bons, dão-nos tudo.
- 2) O meu pai brinca mais connosco e costuma ajudar a fazer os trabalhos, e a minha mãe faz o jantar, limpa a casa.
- 3) Os homens costumam levar às festas, a mãe fica sempre em casa. Quando vamos a uma viagem eles é que põem as coisas pesadas no carro. As mulheres costumam lavar a roupa, engomar, estender; ajudam a escolher as roupas.
- 4) Acho, para a filha anda sempre com ela, mais do que com o filho.
- 5) Também é. Para a filha, ela quer sempre tudo e o pai compra, e aos filhos não compra.
- 6) São iguais. Dão-se bem entre eles e com os pais.
- 7) A filha costuma brincar só com as bonecas e o filho anda sempre a jogar futebol, e a ...
- 8) Os rapazes é andar de bicicleta, jogar futebol ... e as raparigas andam sempre com as mães, sempre aos beijinhos.
- 9) Não, é igual. Deve ser bom para os pais.

- 10) Acho. Para o pai anda sempre a refilar com o pai. Para a mãe anda sempre a pedir tudo, sempre agarrada a ela.

28N

- 1) São diferentes. A mãe pode estar mais tempo em casa do que o pai e compreende-nos melhor. Quando a chateamos, ela percebe, sabe que nós não somos antipáticos. O pai está sempre a trabalhar, está menos em casa, e conhece-nos menos que a mãe.
- 2) O pai joga à bola connosco, brinca mais connosco. A mãe tem mais carinhos, faz mais carinhos.
- 3) Os homens fazem mais um trabalho duro, pesado, carregar um grande saco de batatas muito pesado. As mulheres arrumam a casa, e normalmente têm o seu trabalho, mas é mais fácil. O dos pais é mais duro, mais difícil.
- 4) Acho que sim. Para o filho a mãe não brinca muito, não dá tanto assim valor. Para a filha dá mais, liga-lhe mais, porque é feminina como a mãe.
- 5) É diferente. Também dá mais valor ao filho porque é do mesmo sexo, é masculino.
- 6) São iguais. Têm respeito, para os pais.
- 7) O filho costuma jogar à bola, lutar com o pai a brincar, e a filha costuma brincar assim às brincadeiras das meninas, saltar à corda, brincar às bonecas.
- 8) Os rapazes jogam à bola, fazem mais desportos, não brincam às bonecas com as meninas e as raparigas brincam às bonecas, falam com as amigas, brincam com as amigas.
- 9) Acho que não é igual. Têm mais medo do pai do que da mãe, porque o pai é mais duro. Com a mãe têm mais carinhos.

- 10) A filha é igual para os dois. Brinca mais com o pai e com a mãe. Não tem tanto medo.

29N

- 1) São iguais. Fazem as vontades, dão carinho, ajudam-nos e tentam estar sempre connosco.
- 2) O pai, ao fim de semana, costuma jogar ténis e desportos comigo e brincar comigo. A mãe é arrumar a cozinha e essas coisas da casa e quando eu peço ajuda, ajuda-me sempre.
- 3) Os homens costumam fazer desporto, ler o jornal, jogar às cartas e as mulheres arrumar a casa, fazer o almoço e o jantar.
- 4) Não. Mas às vezes dá mais coisas a um e outras vezes a outro. Vai dar ao mesmo.
- 5) Não, é igual.
- 6) São iguais. São bons, mas às vezes portam-se um bocado mal.
- 7) O filho costuma jogar futebol, brincar com carros, fazer desportos e a filha brincar com bonecas, algumas ouvir música, fazer penteados.
- 8) O mesmo que eu disse agora. É a mesma coisa.
- 9) Não. Trata da mesma maneira o pai e a mãe.
- 10) Não. Também trata da mesma maneira.

30N

- 1) Não, são iguais. Tratam da mesma maneira.

- 2) As mães trabalham em casa, tratam dos filhos. Os pais vão passear com os filhos e com a mãe, brincam com os filhos, é isso.
- 3) Os homens fazem coisas mais pesadas, ajudam a fazer a casa, com os avós e isso. As mulheres trabalham em casa, fazem o comer, limpa a casa.
- 4) Não porque são os dois filhos dela e não têm nada que haver um mais importante do que o outro.
- 5) Não. Pela mesma razão.
- 6) Não, é tudo igual; falam com eles calmamente, têm respeito.
- 7) O filho costuma brincar com os outros rapazes, à bola, fazer jogos, ver televisão, e a filha brinca mais com as raparigas, às bonecas.
- 8) Os rapazes ajudam o pai nas coisas mais pesadas, e as raparigas vão brincar umas com as outras, com as bonecas, fazer jogos ... É difícil para mim porque não tenho irmãs.
- 9) Não, a mãe e o pai são iguais para ele.
- 10) Não, é a mesma coisa.

31N

- 1) São iguais. São amigos dos filhos, dão carinho, brincam com eles e compram brinquedos.
- 2) O pai costuma trabalhar muito, ver televisão e ... não me vem mais nada à cabeça. A mãe costuma arrumar a casa, arrumar a cozinha.
- 3) Os homens é que devem construir casas, guiar carros, ser motoristas, porque são mais fortes. As mulheres só sabem arrumar casas e costurar.

- 4) As mães dão-se melhor com as filhas, enquanto os pais dão-se melhor com os filhos. As mães conversam mais com as filhas porque são meninas.
- 5) O pai fala muito com o filho, gosta muito dele. A filha é menina e o pai não fala lá muito com ela.
- 6) São iguais. Dão-se bem, às vezes brigam um bocado, mas pedem logo desculpa aos pais.
- 7) O filho costuma brincar, ao futebol, às vezes, os mais pequenos, brincam com os carros pequenos, e a filha, as mais novas brincam com bonecas e as mais velhas conversam.
- 8) Os rapazes gostam mais de brincar, jogar futebol, brincar com carros, e as raparigas não gostam de jogar futebol, gostam mais de brincar com as outras miúdas, às bonecas, à apanhada, às vezes.
- 9) Não, é igual para os dois, trata igual a mãe e o pai.
- 10) Não, é como o filho.

32N

- 1) São iguais, dão-se da mesma maneira. Se um ano a mãe compra uma coisa para o filho, o pai, no outro ano, é a vez dele.
- 2) O pai, quando nós pedimos para vir connosco dar um passeio ou brincar ele vem. A mãe está sempre a mandar-nos fazer coisas, os trabalhos da casa, ou ajudar nalguma coisa.
- 3) Os homens costumam ir ver jogos de futebol, rugby, e as mulheres costumam varrer a casa e fazer o jantar.
- 4) Não. Se dá uma roupa a um filho também tem que dar à filha. Trata da mesma maneira.

- 5) Também é igual.
- 6) São iguais. Os filhos pedem coisas ao pai e à mãe e as filhas também.
- 7) O filho costuma mais ir jogar à bola, andar para a praia, tomar banho, e a filha costuma sair com as amigas, conversar.
- 8) Os rapazes jogam à bola, andam mais na rua, as raparigas ficam mais dentro de casa, a ver televisão.
- 9) Não, trata os dois da mesma maneira.
- 10) Também não.

33N

- 1) As mães costumam estar mais tempo com os filhos, tratam mais deles. Os pais costumam gostar mais de brincar com os filhos.
- 2) O pai costuma brincar com os filhos, contar-lhes histórias e a mãe dar de comer aos filhos, tratar dos filhos.
- 3) Os homens costumam ir trabalhar para fora, e as mulheres costumam tratar da casa, ficar em casa.
- 4) Não, trata-os da mesma maneira.
- 5) Também não.
- 6) Sim, costumam dar-se de maneira diferente. As filhas querem sempre estar ao pé da mãe, ajudá-la nas coisas que ela faz em casa, e os filhos querem estar sempre ao pé dos pais.
- 7) O filho gosta mais de andar a brincar e a jogar à bola, e a filha gosta mais de ficar em casa a brincar com bonecas e com as casinhas.

- 8) Os rapazes gostam mais de jogar à bola e as raparigas gostam mais de brincar com bonecas e ajudar as mães.
- 9) Acho que sim, porque a mãe como está mais tempo com o filho ele é mais meiguinho, mas o pai, como está mais tempo fora de casa, quando está, o filho quer sempre estar a brincar com ele.
- 10) Não. É igual para os dois.

34N

- 1) Diferentes. As mães são mais preocupadas com os filhos, tratam sempre deles, e essas coisas. Os pais gostam mais de estar sossegados, não gostam que os chateiem; se fôr com os filhos é só a conversar.
- 2) As mães costumam fazer o jantar, e os pais gostam de estar sossegados, a ver televisão, a pensar nas coisas.
- 3) Os homens estão sempre a discutir negócios, coisas importantes e as mulheres andam sempre a ler revistas e isso.
- 4) Não. Costuma ser tão preocupada com o filho como para a filha, brincar tanto com o filho como com a filha.
- 5) Não, também brinca com o filho e com a filha. Quando é simpático para um, também é para outro.
- 6) As filhas costumam ajudar mais do que os filhos, e os filhos gostam mais de brincar com eles, de estar com eles.
- 7) O filho costuma jogar jogos, brincar com bonecos, carros, às escondidas e isso, e a filha costuma saltar à corda, brincar com bonecas.
- 8) Os rapazes costumam fazer desportos, jogar jogos, brincar à apanhada e as raparigas brincar às bonecas, ouvir música, saltar à corda.

9) Não, quando chegam a casa diz dá aos dois. É igual para os dois.

10) Não, também não.

35N

1) São iguais. São bons, tratam-nos bem.

2) O pai costuma trabalhar em casa, faz facturas e isso, e a minha mãe trata da casa, faz o jantar, compra-nos roupa.

3) Os homens costumam trabalhar e as mulheres coser meias, fazer o jantar, tratar da casa.

4) Não. É igual para os dois. É boa, simpática.

5) Não, é igual. É simpático também.

6) Dão-se bem. São iguais. Respeitam-nos, obedecem-lhes.

7) O filho costuma estudar, brincar, jogar à bola e a filha costuma estudar e ajudar a mãe.

8) Os rapazes costumam jogar à bola e as raparigas brincar com bonecas.

9) Não, é igual para os dois.

10) Também é igual.

36N

1) Talvez as mães sejam um bocadinho mais boazinhas, porque os pais têm que fazer de nós, dos filhos, uns homens. Vamos crescendo cada vez mais e vamos deixando de fazer essas coisas de bebés e o pai é que nos diz para fazer isso, para fazer

coisas de mais crescido, que tenho que ir para o ténis sózinho. As mães são menos exigentes, mais boazinhas.

- 2) O pai tem que trabalhar para sustentar a família, porque é o chefe da família, é ele quem tem que tomar decisões. As mães ... há mães que também trabalham, mas têm que cuidar da casa, cozinhar, tomar conta dos filhos, tratar deles.
- 3) Os homens fazem sempre as coisas mais difíceis ... na tropa ... as coisas mais difíceis e perigosas são para os homens. As mulheres é as coisas mais fáceis, cozinhar, cuidar da casa, ir às compras.
- 4) A mãe gosta a mesma coisa dos dois, mas eu acho que deve dar mais miminhos à filha.
- 5) O pai também nunca gosta mais dos filhos do que das filhas, mas talvez mande mais os filhos fazer coisas assim mais de homem, talvez seja mais exigente com eles, para fazer dos filhos homens. Com as filhas não deve ser assim, deve ser um bocadinho mais bonzinho.
- 6) São iguais, dão-se da mesma maneira. Mas, normalmente, de prenda de anos os filhos podem pedir um computador e as filhas uma boneca, cada um tem o seu gosto.
- 7) O filho costuma jogar mais à bola e a filha costuma ir a casa das amigas brincar com as bonecas.
- 8) É o mesmo que eu já disse.
- 9) Não, gostam sempre a mesma coisa dum e do outro, como eu. Mas talvez peçam ao pai para ensinar a guiar o carro e a fazer as coisas que ele faz, e talvez sejam mais meiguinhos para a mãe.
- 10) A filha também gosta sempre a mesma coisa do pai e da mãe, mas se calhar é mais meiguinha para o pai. Também deve pedir à mãe para fazer as mesmas coisas que ela faz, como o filho.

- 1) São iguais. Reagem da mesma maneira, a nós não fazemos disparates, fazemos logo os trabalhos.
- 2) O pai leva-me à escola de manhã e quando eu chego a casa manda-me fazer os trabalhos, depois de lanche. A mãe costuma fazer o jantar e tratar das nossas coisas.
- 3) Os homens fazem a barba. Vão para o trabalho. As mulheres vão às compras, tratam dos filhos não os deixam fazer disparates, e querem o bem da família.
- 4) É igual para todos.
- 5) Não, os meus pais gostam de todos.
- 6) São iguais; os mais velhos têm que ter mais responsabilidades do que os mais pequenos, todos dão-se bem, rapazes e raparigas, com os pais.
- 7) O filho costuma obedecer aos pais, fazer os trabalhos de casa, não aborrecer os pais, ajudar quando pedem. A filha deve ajudar mais a mãe, porque é rapariga.
- 8) Os rapazes costumam jogar à bola, jogar hóquei, fazer a barba. As raparigas ajudam a mãe, tomam responsabilidades pelos mais pequenos,
- 9) Eu não sou, não estou a dizer que os outros não são. Eu com o meu pai faço da mesma maneira do com a minha mãe.
- 10) Não, também não, porque nós gostamos dos dois pais igual.

- 1) São iguais. Parece que as mães dão mais atenção mas os pais também dão.

- 2) O pai está sempre a trabalhar, vem tarde para casa mas gosta muito de estar com os filhos e quase nunca está, só aos fins de semana. A mãe chega mais cedo, está mais tempo com os filhos, dá-lhes de jantar.
- 3) Os pais costumam levar os filhos a outro lado, aos parques, onde querem brincar. A mãe diz que tem mais que fazer e que não pode levar, que o pai é que trata dessas coisas. Os homens é que costumam trabalhar mais e passear mais, as mulheres ficam sempre em casa, a fazer as coisas, não passeiam muito, saem poucas vezes.
- 4) Não, a mãe gosta igualmente de todos os filhos, não há razão nenhuma para não gostar, porque nasceu de dentro dela e gosta dos dois da mesma maneira. (Q).
- 5) Não, porque o pai também é pai deles e não tem razão nenhuma para não gostar, porque casou-se com uma mulher e teve filhos, são mais crianças para a família, não há razão para não gostar. Se se zanga mais com a filha é porque ela faz alguma coisa, e com o filho também, não se zanga assim sem mais nem menos.
- 6) Não, os filhos gostam muito dos pais e tratam da mesma maneira porque são os pais e foram eles que fizeram nascer, são da família, gostam muito dela. Em pequeninos não conseguem viver sem eles. As filhas também, também gostam dos pais, porque foram eles que as fizeram nascer, quando fazem anos levam o pequeno almoço à cama, ou coisas do género.
- 7) Os filhos pedem mais brinquedos de rapaz e as filhas pedem brinquedos de rapariga.
- 8) Os rapazes querem sempre andar mais com os pais, estar com eles, e as raparigas querem ir sair com as amigas, não ligam assim tanto, nem se lembram que em pequenas iam ao parque.
- 9) Um filho parece que gosta mais da mãe porque a mãe é que faz tudo, dá carinhos e isso. O pai só está em casa ao fim de semana, mas o filho quer sempre brincar com ele, e gosta dos dois.

- 10) A filha também desde muito pequena que leva muitos mimos da mãe, muitos beijinhos. Mas chega ao fim de semana e às vezes também gosta de estar com o pai, de sair com ele.

39N

- 1) As mães são mais boazinhas, às vezes não ralham quando os filhos partem alguma coisa. Os pais ralham logo.
- 2) O pai quando a mãe está doente leva-lhe o jantar, quando a gente está a dormir no sofá, leva-nos para a cama. A mãe costuma passar a roupa, fazer o jantar, lavar a roupa, fazer as camas.
- 3) Isto é que é complicado! Às vezes os pais levam os filhos a passear, e as mães quando estamos doentes vão à farmácia comprar xaropes e comprimidos.
- 4) É igual para os dois. Se o filho tem um brinquedo e a irmã também quer, a mãe dá.
- 5) Não, também é igual.
- 6) Quando a filha estiver a brincar com uma coisa que ela goste, se o filho vir e se ela estiver a meter inveja, ele quer. (Q) O filho tem mais força do que a filha.
- 7) O filho às vezes pode andar de skate, de carrinhos de choque e pode jogar à bola e a filha pode brincar com as bonecas, pode andar nos aviões.
- 8) Os rapazes estão sempre a jogar futebol, quase todos os dias e as raparigas brincam sempre com bonecas.
- 9) Não, é igual para os dois. O pai e a mãe quando nasce um filho gostam dele e o filho também gosta deles.
- 10) Não, também é igual.

40N

- 1) São iguais. Dão-nos comer, compram-nos roupas e gostam de nós.
- 2) O pai costuma ir passear com os filhos e com a mãe e a mãe também, costuma ir passear comigo e com o meu pai.
- 3) Os homens costumam ir ao café, bebem, e as mulheres fazem o comer, estendem a roupa.
- 4) Não, é igual para os dois.
- 5) Não. É igual.
- 6) São iguais, dão-se da mesma maneira.
- 7) O filho costuma brincar com os carrinhos e andar de bicicleta e a filha brinca com as bonecas e também anda de bicicleta.
- 8) Os rapazes jogam à bola e as meninas brincam com bonecas.
- 9) Não, é igual para os dois.
- 10) Não, é a mesma coisa.

41N

- 1) São diferentes. As mães são muito meiguinhas para os filhos, são calminhas, avisam quando deve ser. Os pais não, é logo a bater, a armarem-se em bons, a mandarem as mães fazer as coisas e assim.
- 2) O pai costuma bater muito, ralhar muito. Às vezes também brinca e ensina-me as regras dos jogos. A mãe arruma a casa, as coisas da cozinha, a sala, o quarto dela, faz a cama, lava a loiça. De resto sou eu que faço tudo, ajudo-a

- 3) O meu pai faz de tudo um pouco, limpa o quintal, limpa o tecto que tem bulor, e isso. A minha mãe trata da casa, põe a água para os banhos, fazem os dois muitas coisas.
- 4) Não. Trata os dois da mesma maneira.
- 5) Não, é a mesma coisa.
- 6) Eu e a minha irmã tratamos os meus pais com muito carinho, e alegria. Eu, quando a minha mãe está doente levo-lhe o comer à cama e dou-lhe festinhas, e a minha irmã fica mais com o meu pai.
- 7) O filho deve arrumar o quarto dele, fazer a cama, limpar a estante, deve ajudar a mãe. A minha irmã gosta mais de ajudar o meu pai.
- 8) As irmãs podem brincar com os irmãos e os irmãos devem ensinar às irmãs. Brincam às mesmas coisas.
- 9) Não, é igual.
- 10) Também não.

42D

- 1) O meu pai está sempre a discutir comigo e com a minha irmã, está sempre a mandar vir. Eu também discuto com ele; a minha mãe é mais compreensiva.
- 2) O pai vai para o quintal, arranjar as coisas. A minha mãe ajuda-me nos trabalhos, quando tem vagar. Quando não tem, penso e lá consigo. Ela lava a roupa e isso.
- 3) Os homens é raro ajudarem as esposas. Vão lá para o quintal, semear, regar. As mulheres tratam da casa, lavam a roupa, passam, limpam o pó.
- 4) Ela a mim trata-me bem, gosta de mim e dá-me carinho. Eu acho que a mãe deve gostar mais da filha porque sai à mãe, e se fôr um rapaz sai mais ao pai.

- 5) O pai à filha não dá tanta atenção, porque os homens gostavam mais de ter um rapaz.
- 6) As filhas têm outra maneira de falar com as mães, podemos abrir, de falar. Há coisas que não podemos falar com o pai, é só com a mãe. Os filhos não se abrem tanto com as mães, abrem-se mais com o pai. É conversa de homem para homem e mulher para mulher.
- 7) O filho costuma jogar à bola, ao berlinde, ralhar com a irmã. A filha ajuda a mãe a fazer as coisas, não brinca tanto como o filho.
- 8) Os rapazes é ver televisão e video, ouvir música, é o que gostam. As raparigas é estudar, às vezes.
- 9) Abre-se mais com o pai porque é conversa de homem para homem. Com a mãe não fala muito.
- 10) A filha abre-se mais com a mãe, fala de coisas que só é de mulher e que não se pode falar com os homens, e por isso não fala tanto com o pai.

43D

- 1) São diferentes. Quando os filhos fazem asneiras os pais são mais maus que as mães. Ralham mais, as mães são mais boazinhas.
- 2) Os pais e as mães vão passear os filhos, compram coisas ... não sei mais.
- 3) Os homens estão sempre a trabalhar e as mulheres ... não sei, limpam as casas, fazem o comer, não sei mais.
- 4) Não. Trata os dois da mesma maneira. Trata bem
- 5) Não. Também trata os dois bem.
- 6) São diferentes. Não sei dizer.

- 7) O filho costuma jogar à bola e brincar com carros e a filha começa a brincar com bonecas e com loiças de brincar.
- 8) Os rapazes costumam jogar à bola e brincar com carros e as raparigas com bonecas, com loicinhas de brincar, com carros de passear as bonecas, com ursinhos.
- 9) Não sei (ver resposta seguinte).
- 10) Eu dou mais beijinhos à minha mãe ao meu pai não dou muitos. Se calhar o filho dá mais beijinhos ao pai e liga menos à mãe.

44D

- 1) As mães ... estão mais tempo em casa, arrumam as coisas, e os pais não, estão sempre a trabalhar (Q).
- 2) O meu pai costuma fazer uns trabalhos lá em casa, quando há alguma coisa avariada. Ele é pedreiro e faz aquelas coisas. A minha mãe costuma arrumar a casa, dar o comer, essas coisas.
- 3) Os homens estão mais tempo fora de casa, a trabalhar. As mulheres quando não trabalham, estão sempre em casa e quando têm alguma coisa que arrumar arrumam, e limpam as casas.
- 4) Não. (Q) É igual.
- 5) Também é igual.
- 6) Uma moça dá-se mais com a mãe e o filho dá-se mais para o lado do pai.
- 7) Eu não tenho irmãos. O filho costuma ajudar o pai quando precisa. A filha também ajuda o pai quando não se tem filhos, mas ajuda mais a mãe.
- 8) Os rapazes jogam à bola no recreio. As raparigas brincam ao elástico, à apanhada e às escondidas, aos peixinhos no recreio.

- 9) Sim, é diferente. Um pai pode ir à caça e um filho quando fôr maior pode ir com ele. O filho é mais para o lado do pai, não está tanto com a mãe.
- 10) A filha é mais para o lado da mãe, gosta mais de estar com ela. O meu pai gostava que eu fosse um rapaz e a minha mãe que eu fosse uma rapariga.

45D

- 1) Os pais dão-se doutra maneira. As mães ralham e batem e os pais não, são mais bonzinhos.
- 2) O pai ... não sei dizer ... as mães não fazem todas as vontades e os pais fazem, mas só às vezes. Os pais fazem mais as vontades que as mães. As mães ralham mais.
- 3) Os homens ... passam o tempo a ver a bola. E as mulheres a tratar dos filhos, a fazer o almoço, a ir às compras.
- 4) Não. A mãe quando o filho e a filha se portam mal bate da mesma maneira.
- 5) O pai ... não sei, se o irmão bater à filha ele ralha, mas também faz carinhos ao filho, e à filha também. Às vezes o meu irmão está-me a bater o meu pai ralha com ele, eu começo a chorar e o meu pai ralha comigo. E ralha com ele. O meu irmão pequeno é que leva miminhos, porque é pequeno. Eu não levo.
- 6) Os rapazes dão-se duma maneira e as raparigas doutra. Os rapazes não ligam aos pais e as raparigas ligam.
- 7) As filhas ajudam a mãe e os filhos não, só querem é andar na rua a brincar, ou a ouvir música.
- 8) Os rapazes é jogar à bola, ouvir música. As raparigas vêem os desenhos animados, os filmes.
- 9) Sim, ele com o meu pai "não levanta a voz" é com a minha mãe já vai assim levantando, grita mais.

10) É igual para os dois.

46D

- 1) O meu pai bate-me, a minha mãe já não, está lá sempre a fazer as coisas dela, a arrumar a casa.
- 2) O meu pai também me dá carinhos, só está em casa à noite. A minha mãe, sei lá, faz as coisas dela, está a costurar, faz o comer, traz-me cá, sei lá.
- 3) Os homens vão para o café e as mulheres gostam mais de passear, de fazer crochet.
- 4) Sim, quando vai ao café, compra coisas para a filha e como o filho está na escola não lhe compra nada. Depois o filho vê os pacotes no lixo e ela mesmo assim diz que não compra.
- 5) O pai quando vai ao café compra para os dois. Se não compra para mim, também não compra para ela.
- 6) As filhas nunca estão ao pé dos pais, estão sempre ao pé das mães e os filhos estão sempre ao pé dos pais, os que têm os pais ao pé deles.
- 7) O filho vai jogar à bola e a filha vai brincar com as amigas, com as bonecas.
- 8) Os rapazes jogam à bola e ao berlinde, e as raparigas ao elástico.
- 9) O filho está sempre ao pé do pai quando tem o pai ao pé dele, não está tanto com a mãe.
- 10) A filha está sempre ao pé da mãe.

- 1) São diferentes. A minha mãe é mais simpática do que o meu pai, está mais comigo, leva-me a passear, às vezes ao baile. O meu pai não, bate-me muito; às vezes também me leva a passear.
- 2) A minha mãe não trabalha porque tem dois gémeos e vai buscá-los à escola ao meio dia. Às vezes vou com ela ao pão, ela trata de nós. O meu pai ... a minha mãe bate pouco, o meu pai bate mais do que a minha mãe.
- 3) Os homens às vezes trabalham na polícia, e as mulheres trabalham em casa, ou em supermercados.
- 4) Não sei. Acho que é. A mãe gosta mais da filha do que do filho. Porque o filho é mais embirante, a filha é mais sossegada.
- 5) Não sei ... o meu pai gosta mais ... gosta dos três, mas bate mais a mim do que a eles. Não gosta que eu lhe chame nomes a ele e diga asneiras.
- 6) As meninas não gostam de andar de bicicleta e de skate. Elas só gostam de apanhar flores e rosas e dar aos pais e os meninos não. Gostam de andar de skate e de correr.
- 7) Às vezes as meninas brincam com bonecas e os rapazes andam a jogar à bola, e elas estão a apanhar rosas.
- 8) Os rapazes andam de bicicleta, andam de skate, jogam à bola e as raparigas não, brincam com bonecas e apanham rosas.
- 9) Às vezes os filhos contam mais coisas à mãe do que ao pai, com o pai não falam assim tanto.
- 10) As filhas gostam mais da mãe do que do pai.

48D

- 1) São iguais, não sei, são bons.
- 2) O pai costuma jogar às cartas, ver futebol comigo e a minha mãe arruma a casa.
- 3) Os homens trabalham, a pintar e a martelar. As mulheres lavam a loiçã, o chão, fazem as camas.
- 4) Não. A mãe faz as mesmas coisas ao filho e à irmã.
- 5) Acho que sim. Zanga-se mais com um e com o outro, com a filha não. Ralha mais comigo. Ele está a descansar, eu vou para lá e ele zanga-se. Com a irmã, com a filha, não.
- 6) São iguais. Dão-lhes presentes.
- 7) O filho dá coisas ao pai e à mãe. A filha também.
- 8) Os rapazes jogam à bola e as raparigas brincam às bonecas, aos pais e às mães, mais nada.
- 9) Não, um filho dá coisas para eles os dois, para a mãe e para o pai. Dá plantas à mãe, uma rosa, e compra um presente ao pai.
- 10) A filha é diferente, porque dá mais coisas à mãe do que ao pai. Gosta mais de dar coisas à mãe e ao pai dá menos. À mãe dá Santos de Fátima, e isso, e ao pai não. É mais amiga da mãe.

49D

- 1) Os pais batem aos filhos e as mães defendem.
- 2) O pai ... costuma ralhar, e a mãe costuma cozinhar, lavar o chão, varrer, mais nada.

- 3) Os homens chateiam-se quando os meninos fazem asneiras. As mulheres não, defendem mais; às vezes chateiam-se com os maridos.
- 4) Sim, o filho porta-se mal e a mãe bate. À filha não bate tanto.
- 5) Quando o filho e a filha se portam os dois mal, o pai é igual para os dois.
- 6) Os filhos fazem zangar o pai e as filhas chateiam a mãe, fazem zangar a mãe.
- 7) Os filhos às vezes brincam no quarto, com os carrinhos e as filhas às vezes a mãe pede ajuda e elas são teimosas.
- 8) Os rapazes brincam com os carros e jogam à bola. As meninas ajudam a mãe a descascar batatas.
- 9) É igual para os dois, às vezes porta-se bem outras vezes mal.
- 10) Não, também é igual.

50D

- 1) São iguais. A minha mãe liga-me e o meu pai também me liga. Dão-se bem com os filhos. Alguns não.
- 2) O pai arranja coisas, arranja fichas, as máquinas, vai para o trabalho. A mãe faz o almoço, lava o chão, põe a mesa.
- 3) Os homens gostam de comprar coisas, arranjar os carros, as bicicletas, e as mulheres gostam de ir passear, comprar lenços para o pescoço, ver telenovelas.
- 4) É igual para o filho e para a filha. Todos nasceram da barriga dela. Trata todos da mesma maneira.
- 5) O pai também, trata da mesma maneira.
- 6) Os filhos dão-se mais com o pai e as filhas com a mãe.

- 7) Os filhos brincam à bola, aos carros, à apanhada, e as filhas brincam com bonecas, com loiças.
- 8) Os rapazes é brincar à bola, à apanhada, à barra do lenço, andar de skate e as raparigas gostam mais de brincar com bonecas.
- 9) Trata os dois com carinho, é igual.
- 10) Não, é o mesmo.

51D

- 1) O meu pai ajuda nos trabalhos da escola, porque a minha mãe só tem a 4ª classe e às vezes gagueja, e por isso ele ajuda na leitura. Quando me porto mal levo mais da minha mãe porque ela é mais nervosa. O meu pai é mais atencioso, perdoa mais vezes. A minha mãe também perdoa, mas enerva-se mais.
- 2) O meu pai tem sempre mais o trabalho dele, está pouco tempo em casa. A minha mãe costuma brincar muito connosco, às vezes saímos.
- 3) O meu pai é mais brusco a falar, quando grita a gente já sabe. Mas eu também gosto muito dele. A minha mãe é mais suave a falar, é mais meiga, mas é mais fácil de irritar-se. A minha mãe confia mais nos filhos.
- 4) Não, ela gosta, tanto faz, como uma rapariga ou como um rapaz. Faz a mesma coisa a um e a outro.
- 5) O pai também, tanto faz para um como para outro.
- 6) Não, é tudo igual.
- 7) Um filho costuma ir para a rua brincar com os amigos, futebol e isso. As raparigas ficam em casa a brincar com as bonecas, isso tudo.

- 8) Os rapazes costumam jogar à bola, ao berlinde, ao palmo que é a mesma coisa que o berlinde. As raparigas vão para casa de outras raparigas brincar com bonecas, se calhar jogam jogos, não sei bem.
- 9) Para um pai, o filho fala de coisas importantes, porque eu sou o mais velho, e digo mais coisas, estou mais à-vontade com o meu pai, porque somos homens. Com a minha mãe não posso dizer tantas coisas, porque ela é nervosa e não gosta de asneiras.
- 10) Para a mãe, a filha brinca mais, vai à casa de banho com ela, essas coisas todas, como a minha prima. A filha está sempre mais presa à mãe, está sempre com a mãe e não se liga tanto ao pai.

52D

- 1) Não, são todos simpáticos, tanto os pais como as mães.
- 2) O meu pai costuma dar-me dinheiro, ser simpático e bom para nós. ... E gosta ... de nós. Ela também é como o meu pai, gosta de nós e é simpática e dá dinheiro.
- 3) Os homens devem trabalhar e as mulheres devem cozinhar.
- 4) Não, gosta dos dois. Porque ela tem que tratar os dois, da mesma maneira que trata um tem que tratar o outro como tratou o outro.
- 5) Não, é a mesma coisa que a mãe.
- 6) Não, tem que tratar da mesma maneira. Os filhos são como as filhas.
- 7) A filha tem que aprender a cozinhar e o filho tem que estudar.
- 8) Os rapazes é estudar, e as raparigas é ajudar as pessoas.
- 9) É simpático, mas é mais brincalhão com a mãe porque o pai ralha mais, tem mais medo do pai.

10) Não sei, não tenho irmãs (Tens amigas?) Tenho, mas elas não me contam o que é que acontece. Não sei.

53D

- 1) São iguais, são bons.
- 2) O meu pai é pintor. (Q) Quando eu me porto mal, põe-me de castigo. A minha mãe é doméstica, trata da casa, dá-me o jantar.
- 3) Os homens trabalham muito e as mulheres tratam da casa, arrumam a casa.
- 4) Não. É igual para os dois.
- 5) Não, é igual também.
- 6) Não, são iguais.
- 7) O filho costuma ir para a escola e brincar com os pais. A filha a mesma coisa.
- 8) Os rapazes costumam jogar à bola, brincar à apanhada e as raparigas brincam às bonecas, saltam à corda..
- 9) É igual, gosta de estar com os dois.
- 10) Não, é como o rapaz.

Nota: Criança muito inibida, com muita dificuldade em verbalizar.

54D

- 1) A mãe é igual à gente. Não, a mim não, eu sou igual ao meu pai. (Repito). Não sei, isso não sei.

- 2) A mãe costuma fazer a comida. O pai costuma fazer os trabalhos dele. Eu faço às vezes a comida com a minha mãe. E quando o meu irmão não quer comer a comida da minha mãe faz com o meu pai.
- 3) Eu acho que os homens costumam fazer... pintar os tectos, arranjar carros. As mulheres fazem comida, arrumar a roupa, passar a ferro.
- 4) A minha mãe ralha mais com a minha irmã, zanga-se mais com ela. Comigo não, é mais boazinha.
- 5) O meu pai zanga-se com a gente os três. É igual.
- 6) (Repito a pergunta várias vezes, sem qualquer resposta).
- 7) O filho costuma brincar, andar de bicicleta, de skate. A filha estuda mais.
- 8) Os rapazes brincam com carros, andam de skate, as raparigas brincam com bonecas.
- 9) Não, é igual para os dois.
- 10) A minha irmã zanga-se mais com o meu pai do que com a minha mãe. Gosta mais de estar com a minha mãe.

55D

- 1) Não sei. Os pais são bons para os filhos e as mães também.
- 2) O pai costuma ler o jornal e isso. A minha mãe vai comigo ao cinema, ou dar uma volta, compra-me ténis.
- 3) Os homens costumam ler o jornal e as mulheres costumam trabalhar em casa, limpar, lavar a roupa, fazer o comer.
- 4) Não sei, nunca tive uma irmã. Acho que as mães são mais boas para elas, são melhores para as filhas do que para os filhos, talvez.

- 5) Também é. Acho que gosta mais do miúdo do que dela.
- 6) Acho que sim. Acho que a filha dá-se melhor com a mãe e os filhos dão-se melhor com os pais.
- 7) A filha costuma ajudar a mãe e os miúdos costumam ir jogar à bola, jogar à apanhada.
- 8) Os rapazes costumam jogar à bola e as raparigas jogar à apanhada ou jogar com o elástico.
- 9) O filho, para o pai, é assim um bocadinho mais ligado ao pai e menos à mãe.
- 10) A filha é mais ligada à mãe e menos ao pai.

56D

- 1) São diferentes. As mães são boazinhas e os pais também. Mas há pais que são maus e mães que são boas e há mães que são más e pais que são bons. O meu pai e a minha mãe são os dois bons, não são diferentes.
- 2) Trabalhar. A minha mãe trabalha em casa, e o meu pai trabalha na escola. (Q) Comigo não fazem nada. A minha mãe bate-me às vezes, quando eu me porto mal, mas o meu pai bate-me mais. A minha mãe trata da casa.
- 3) Os homens costumam trabalhar nos empregos e as mulheres trabalham em casa, lavam a roupa, passam a ferro.
- 4) Não, é igual para o filho e para a filha.
- 5) Não, também é igual.
- 6) As filhas não ajudam e os filhos ajudam em muitas coisas. As filhas não ajudam em nada, só refilam.

- 7) As filhas costumam brincar e trabalhar na escola. Os filhos costumam estudar mais, estudam mais que as filhas. Às vezes também brincam e ajudam.
- 8) (Chucha no dedo). As meninas fazem o pino e os rapazes jogam à bola.
- 9) É a mesma coisa para os dois.
- 10) O filho também.

57D

- 1) São diferentes. Os pais são assim ... às vezes nunca vai comigo e a minha mãe é que vai sempre comigo. Às vezes vamos dar um passeio, vamos às Olaias, depois vamos à fonte luminosa, vamos fazer compras. O meu pai nunca vai.
- 2) O meu pai às vezes fica a ver televisão, nunca sai de casa. Depois a minha mãe pede-lhe para ele ir connosco e ele nunca vai. A minha mãe vai trabalhar e quando chega, come, vê um filme e vai para a cama. Quando eu estou doente leva-me ao médico, fica sempre muito aflita por causa de mim.
- 3) Isso é um bocado difícil, não sei dizer.
- 4) É. Para a filha dá-lhe mais coisas. Para o filho compra mais coisas para trabalhos escolares e isso. Dá mais brinquedos à filha, e ao filho é só mais coisas para a escola, para ele estudar.
- 5) É o pai para a filha leva-a a sair e assim. E para o filho já não sai, não vai com ele a lado nenhum.
- 6) Acho. As filhas dão-se mais com os pais e os filhos mais com as mães.
- 7) Os filhos estudam. Fazem mais isso. As filhas já têm mais amigas, vão brincar com as amigas.
- 8) Os rapazes brincam pouco com os amigos e estudam mais. As raparigas estudam menos e brincam mais que os rapazes.

9) O filho para o pai, pergunta mais coisas, e assim. Para a mãe ... para o pai compra mais coisas, para a mãe é raro comprar, para o pai dá prendas e para a mãe é raro.

10) A filha é ao contrário. Dá mais à mãe e ao pai já não dá. Dá prendas à mãe e ao pai não.

1) Diferentes, tipicamente, portanto: a mãe talvez mais carinhosa, o pai mais brincalhão. Mas isso difere, quer dizer ... tipicamente será assim, mas conheço muitos casos em que não é assim, a mãe é mais brincalhona. Mas tipicamente julgo que é verdade, quer dizer, que a mãe é mais carinhosa e o pai é mais brincalhão.

2) Eu tenho alguma dificuldade em responder a este tipo de perguntas porque eu julgo que nós somos um casal um bocadinho igual.

Aquilo que eu costumo fazer ... não, não brinco muito, confesso. Converso mais talvez.

Não passo tanto tempo como gostaria, mas sobretudo tento prestar atenção ao desenvolvimento da criança e às necessidades que ela tem, no dia a dia, concretamente.

Desprezo um pouco mais o tempo para brincar porque também não tenho, não é? O meu marido talvez incentive um bocadinho a leitura, eu também incentivo, mas ele gosta de facto francamente de ler e de vez em quando senta-se com a mais velha, a mais nova não que ainda é muito pequenina, ... com os livros favoritos dela, que são normalmente de guerra, de ... está a ver esse género de coisas, história, e enciclopédias. E isso ele gosta de fazer, faz com grande prazer.

3) O que é que eu constato que fazem ... mais uma vez nós somos um bocadinho à parte, não é? Mas o que eles fazem normalmente é pagamento de contas, tipo electricidade, a renda se houver, portanto esse género de administração doméstica, ... e a mulher normalmente dedica-se mais à execução doméstica, ou seja, se não há mulher a dias é limpar o pó, cozinhar, não sei quê, tratar das crianças esse género de coisas. Portanto, o pai está mais na administração cá em cima e a mulher é mais executora.

É o que constato, mas não quer dizer que não haja muitas excepções, e não quer dizer que eu ache bem.!

- 4) Eu acho que sim, acho que há uma maior cumplicidade entre mães e filhas e pais e filhos. Quer dizer, há uma certa afinidade de sentimentos e de gostos, que é um facto, pronto, homens e mulheres são diferentes e isso traduz-se numa certa cumplicidade que muito prosaicamente se traduz "Ah, nós estamos em maioria". Mas é um sentimento verídico de facto. E o meu marido sente isso, não é? O facto de nós sermos três contra um. Ele sente isso. E nós sentimos também, que estamos em franca maioria e isso, quando há alguma coisa para se decidir que tem a ver com gostos, sei lá, o que é que vamos fazer, o que é que vamos ver, o que é que vamos comer, normalmente as filhas alinham por um lado e os filhos alinham por outro, com o pai. Há sempre as excepções, mas isto é também digamos que um caso típico, na minha maneira de ver.
- 5) Acho que sim. Aí acho que há talvez um outro factor que eu acho muito importante, que é: o homem tem uma certa necessidade de proteger; muitas vezes a mulher não tem necessariamente de ser protegida, mas o homem tem necessidade de proteger, e isso reflete-se em relação às filhas, que não sentem relativamente aos filhos porque acham que eles se defendem sózinhos. O que não deixa de ter uma certa razão de ser não é, porque a mulher é um ser mais frágil, embora muitas vezes eu, de facto, não sinta necessidade de ser protegida.
- 6) São diferentes. Eu diria que, vá lá, em média ... isso muda bastante com a idade. Acho que há uma fase em que os filhos são muito agarrados à mãe. Mas depois mais tarde tornam-se bastante mais independentes afectivamente e as filhas continuam uma ligação afectiva, aos pais, ambos, não quer dizer que seja só ao pai ou só à mãe, ambos que é mais forte. E isso reflete-se naquilo que a gente mais tarde costuma dizer "Ah, se tem filhas não vai ter uma velhice sózinha". De facto as filhas têm esses laços muito estreitos com os pais. Mais tarde; nesta fase dos 8/9 anos os rapazes são mais idênticos. Depois na fase da

adolescência, talvez os filhos tenham uma grande necessidade da mãe. Mas isso muda com a idade, com o evoluir da criança. Depois mais tarde, aí por volta dos 20 anos eles são completamente diferentes, não é?

A experiência da vida faz com que as pessoas sintam e vejam as coisas de maneira diferente. E nós somos 5 filhos e de facto de longe a pessoa que faz mais companhia aos meus pais sou eu. De longe. E nós moramos todas no mesmo raio. E é uma coisa que eu tenho constatado, de facto. E eu faço com grande prazer. Não é aquele sentido do dever: "Ai, tenho que ir fazer companhia aos meus pais, porque eles estão sózinhos".

" Não, é porque de facto sinto grandes laços, e aqui não faço distinção entre pai e mãe, de facto. Tenho laços fortíssimos com o meu pai.

7) e 8) Varia muito não é? Eu vejo pelos meus sobrinhos, a coisa que eles mais gostam de fazer neste mundo é jogar à bola. É a ambição máxima, da idade da M.. A M. não gosta nada de jogar à bola, nem pouco mais ou menos. Gosta de brincar às bonecas, há uma coisa que ela tem um fascínio total que é ... brincar às escolas. Os rapazes e as raparigas têm características diferentes que talvez ... se expressam nas brincadeiras que escolhem, eles têm mais energia para expandir talvez.

9) Acho que sim. Acho que manifesta mais ternura pela mãe. Bastante mais. (ver 10)

10) A filha diferencia menos, quer dizer, pelo menos na manifestação de afectividade. Varia ... é por ciclos, mais uma vez é por ciclos. Há fases em que gosta mais de mostrar afectividade pela mãe, há outras fases que gosta mais de mostrar afectividade pelo pai. Mas o filho, duma maneira geral, tende sempre para a mãe. O sexo masculino não gosta de manifestar a afectividade entre si, nem que seja entre pai e filho.

- 1) Ai acho que sim. Penso que as mães têm uma ligação maior visto também terem mais contacto, mais típico com os filhos. Os pais podem ter um bocado mais de paciência, pelo menos o meu tem, em ouvi-la, mas está muito pouco tempo com ela. Quer dizer eu é que a ponho na carrinha, eu é que lhe dou o pequeno almoço, eu é que lhe dou banho, eu é que preparo o jantar, eu é que faço no fundo essas coisas todas. Tenho mais disponibilidade, até porque tenho um horário muito melhor. Agora o pai, é capaz até de lhe dar mais atenção no aspecto de estar mais disponível o pouco tempo que está com ela.
- 2) Eu acho que hoje em dia são ... as tarefas devem ser repartidas e divididas, o que é que realmente o pai dela não é esse o caso. Mas penso que sim, que as coisas que se fazem aos filhos tanto pode o pai como a mãe fazer. Simplesmente é que nós realmente sabemos que a mãe está mais vocacionada para essas tarefas do que propriamente o pai. O pai dá-lhe mais atenção no aspecto de ela pedir isto, pedir aquilo, ouve com mais atenção. Eu sou capaz de dizer: "Olha, a mãe agora vai fazer o jantar, olha espera lá um bocadinho. Não é que não dê atenção mas ... o pai vem e é: "ai um beijinho, sim senhor ..." Eu é: "Ai deixa lá a mãe está atrasada, a mãe agora tem que fazer isto, tem que ir comprar aquela coisa", pecebe, esse género de coisas.
- 3) Olhe, o meu, de costume, não faz nada. Também não me chateia nada, mas também não faz nada. Eu acho que hoje em dia não há coisas específicas dos homens nem mulheres. Agora há é homens que realmente fazem as coisas que as mulheres deviam fazer. Deviam fazer, quer dizer, se por acaso eu não trabalhasse eu acho que um homem não devia fazer um certo e determinado número de coisas. Agora hoje em dia, como a mulher trabalha, por exemplo o meu pai,

quando eu era miúda, a minha mãe não trabalhava, aliás as nossas mães antigamente não trabalhavam e então faziam as coisas todas de casa e os homens não faziam nada; sentavam-se no sofá, "trás-me um copo de água" e não sei quê. Hoje em dia isso já não se passa. Mas, quer dizer, na minha casa isso continua a acontecer.

- 4) Não sei, eu não tenho filhos rapazes. Não, eu acho, quer dizer, eu não tenho um filho mas vejo que o relacionamento com um rapaz e com a mãe é muito melhor do que uma mãe com uma filha. Eu era capaz de ser diferente com um filho. Penso que por exemplo, enquanto estão na infância acho que é igual; Uma mãe com um filho ou com uma filha. Mas na parte da Adolescência acho que o relacionamento mãe-filho rapaz que é melhor do que mãe-filha.
- 5) Também acho que sim. Sou capaz de não saber bem explicar mas penso que sim, que é ... não sei explicar.
- 6) A minha opinião também está formada também um bocado relacionada com a vivência que nós temos e do que vimos com as outras pessoas. Penso o que já lhe disse anteriormente. (Q) Acho que isso tem a ver também com o sexo. A relação eu penso ... aliás isso aconteceu comigo ... eu quando era miúda, na infância, a minha relação com o meu pai era optima. Na adolescência houve choques. Com a minha mãe quando era miúda havia sempre aquela coisa da mãe: "não faças isso, e tal ... " e há também um choque. Mas depois quando nós começamos a ser mulheres, sei lá, para aí aos 15, 16 anos compreendemos melhor as mães do que propriamente os pais. Estou a falar do meu caso em especial, não sei se isso acontece com todas as pessoas. Comigo aconteceu isso. Até aos 15 anos a minha relação com o pai era uma coisa maravilhosa. Depois a partir dos 15 anos que eu comecei a querer usar outro género de roupas, a querer pintar os olhos, essas coisas; aí as filhas e os pais chocam-se um bocado. Quer dizer, mas isto é no meu caso. Por exemplo, eu estou a ver o meu

marido com as minhas filhas e ele acha imensa graça, percebe? Acha que também depende do feitio das pessoas, claro, como todas as coisas.

- 7) Acho que um filho rapaz é mais meigo para a mãe do que uma filha, penso que sim, que é mais meigo ... não sei se está a ver ... meigo não é no aspecto ... até de falar, até mesmo de acariciar, acho que os rapazes são mais do que as raparigas. As filhas são muito respondonas. A M. ainda só tem 9 anos, não chegou àquela fase crítica. Mas como eu tenho a mais velha com 15 anos, acho que nesta altura chocamo-nos um bocado. Não sei, ela também é capaz de pensar que já é muito crescida, que já pode fazer essas coisas todas; eu apesar de tentar compreender e sei que a vida é outra ... mas acho que são um bocado exigentes, hoje em dia, os miúdos. Quer dizer, nesta fase, nesta idade pensam que já sabem tudo e que podem fazer tudo ...
- 8) Ai, eu hoje em dia acho que tanto rapazes como raparigas fazem mais ou menos a mesma coisa. Por exemplo a minha filha faz surf, uma coisa que está mais destinada para os rapazes, não é? Adora, pronto, este ano começou com esta idade dos 15 anos, os amigos fazem ela também tem que fazer; este género de coisas acho que hoje em dia é um bocado difícil de haver separação ... Eles adoram música, eu acho também isso, todos os adolescentes e assim os jovens ... é as boites, é a música, é os concertos, é o surf, esse género de coisas.
- 9) Acho que sim. Isso tanto acho de um rapaz ou uma rapariga. O rapaz, maior parte das vezes, penso que no rapaz há uma certa distância com os pais, apesar de depois quando são velhos, eles tentarem compreender-se. E os rapazes, nessa idade em que os pais, como o pai têm essa, vá lá, essa separação, com as mães eles estão mais perto. Isto na idade da adolescência que é a mais difícil. Isto é quanto a mim, mas acho que sim, acho que duma maneira geral, é a idade mais complicada.

- 10) Uma filha para o pai a maior parte das vezes é toda amorosa, pelo menos é o exemplo também que eu tenho, é toda ... corre tudo também muito bem; porque os pais compreendem melhor, porque as mães estão sempre a maçar: "não podes sair, não podes assim ..." Os pais geralmente nessas coisas não se metem muito.

M 4N

- 1) Acho que são diferentes. Acho que são diferentes porque as pessoas, pelos menos na minha geração também têm um papel social é um pouco diferente, e em termos profissionais eu estou mais livre que o meu marido, portanto tenho mais tempo para apoiar os filhos do que o meu marido. Os casais de hoje em dia se calhar não será tanto assim mas na minha geração ainda é. Por outro lado também acho que é diferente consoante é filho ou é filha, apesar de tudo, as ligações, como sabe são diferentes. Mas sobretudo em termos de disponibilidade e até de imagem para eles. A imagem de mãe e de pai são seguramente diferentes para eles. São ambas necessárias e se calhar até é bom que sejam diferentes.
- 2) O meu marido, como lhe disse, tem uma vida mais ocupada que eu, por isso eu faço mais as ... as ... vá lá, a rotina é mais garantida por mim embora o pai apoie também em termos de educação, de conversas com eles, mas não tem a disponibilidade que eu tenho para os tratar se estão doentes, para lhes dar de comer, para lhes dar banho, para essas coisas, que no fundo neste momento, já só tenho a M. a sair dessa fase, mas esse tipo de coisas habitualmente sou eu. Se eu estou profissionalmente mais ocupada o pai fá-las mas não as faz nem com grande vontade nem tem de facto muita disponibilidade.
- 3) Eu acho que as mulheres fazem tudo e que os homens fazem muito pouco (ri-se). Em minha casa é um bocado

assim. O meu marido pode ajudar, enfim, mas faz o possível por ... não é um homem muito moderno, nesse aspecto. É filho único de mãe única e viveu sempre com 3 mulheres em casa, percebe? A mãe, a empregada que estava lá desde que ele nasceu e a avó. Portanto teve 3 mulheres para o servir e agora é um bocado ... Mas portanto, os pais, no nosso caso ... não há assim coisas que só o pai faça pois eu também não acho, e lembro-me por exemplo quando era miúda: "O pai é que vai ralhar" ou "quando o pai vier é que ..." eu faço o possível por evitar esse tipo de ... e ele também. Esse tipo de "o pai é que mantém a disciplina não me diz muito, diz-me muito pouco, é preciso estar numa situação de desespero.

Até porque já vivi sózinha porque o meu marido esteve a fazer a tese lá fora, estive 2 anos fora e portanto durante 2 anos eu fui o homem da casa e portanto eles habituaram-se, eu habituei-me a ter que substituir o ... e não me deixar embarcar em "como o pai não está não se faz". Acho que já tenho servido de pai.

- 4) Eu não sei se é para o filho ou para a filha, ou mais para o filho que tem aquele carácter ou para a filha que tem aquele carácter. O facto de ser menino ou menina não me diz muito especialmente. Até posso dizer que nunca tive assim um desejo muito marcado por um rapaz ou por uma rapariga. talvez para o primeiro mas como nasceu ao contrário esbateu-se completamente, percebe? ... não sei, não me é muito nítida.
- 5) O pai ... não sei o que é que ele acha, mas que tem um comportamento diferente tem. Eu provavelmente também tenho mas não sou capaz de especificar. Ele é mais ligado às filhas entende-se melhor ... mas lá está, também não sei se é porque é filha, mas porque as filhas são mais ... têm um carácter mais próximo, gostos mais ... por exemplo, o meu marido, tem uma ligação muito às artes, gosta muito de ler história, gosta muito de ir aos

concertos, e as filhas é que gostam, o filho não gosta. O meu marido nunca soube o que era uma bola de futebol, o meu filho adora desporto, portanto são muito diferentes. Eu acho que não é por ser rapaz, acho que é por serem diferentes; têm muitas coisas em comum, quer dizer, entendem-se são fisicamente diferentes, têm o mau génio parecido, mas acho que não é bem o ser rapaz ou ser rapariga.

6) Eu volto ... diz-lhe sempre a mesma coisa, não sei se a distinção tem a ver com o sexo ou se tem a ver com ... eu tenho 3 filhos, 2 raparigas e 1 rapaz, são todos diferentes. Não sei se tem a ver com o sexo. Acho que não, não sei.

7) Portanto, o rapaz tem entretenimentos mais masculinos, gosta de jogar à bola, gosta do desporto, gosta de coisas que habitualmente os rapazes gostam. As raparigas, a mais velha é muito marcada às coisas femininas, moda, estilismo, gosta de andar bem arranjada, bem penteada, bem vestida, liga a esse tipo de coisas, não liga ao desporto, minimamente. A mais nova eu acho que é um misto, porque depende um bocado da disponibilidade que os outros têm para ela. Tanto faz de rapariga, ou tanto brinca mais com raparigas com a mais velha, como é capaz de alinhar com as brincadeiras do rapaz.

Em termos de ajuda eu também faço um bocado o possível por não ... não posso como mulher de hoje dar uma educação diferente ao meu filho, quer dizer: quando é para ajudar têm que ajudar todos, ou não ajuda ninguém ou ajudam todos, acho que o rapaz não pode, hoje, ser educado como o pai. Tem que ajudar e tem que receber uma educação idêntica. Se os problemas são tão ... são iguais. Quer dizer são iguais, têm sido iguais, porque acabam sempre condicionados à biologia, mas a responsabilidade deve ser igual. Acho que devemos responsabilizar e educar com responsabilidade.

9) Lá está, não sei, eu acho que eles são diferentes mas

também tem a ver com a nossa maneira de ser. Eles sabem também, sabem-nos levar, sabem como é que têm que funcionar comigo, sabem como é que têm que funcionar com o pai. Mas apesar de tudo acho que sim. Por exemplo, se eles têm uma aflição recorrem mais à mãe, claro, a mãe está mais presente, a mãe é que resolve os problemas práticos, neste aspecto é diferente. O pai, é muito mais, eu estou a falar lá em casa, não é? O pai acaba por ser um pouco mais condescendente nalgumas coisas, porque está menos, o pai é a quem eles pedem o divertimento, é mais o aspecto lúdico da vida.

10) Elas é a mesma coisa.

8) Mais uma vez são coisas que também se tem vindo a esbater ao longo do tempo não é? Mas os rapazes numa maneira geral estão mais ligados efectivamente à mecânica, aos desportos, são mais violentos, são mais violentos até nas suas brincadeiras, não estou a dizer que sejam mais violentos mais maus, mas mais turbulentos, mais mexidos. As raparigas são mais delicadas, são mais suaves numa maneira geral é mais as bonecas e assim. São mais ligadas também a ... lá em casa são mais ligadas também aos interesses artísticos, do que o rapaz.

M 5N

1) Pode depender um bocado do feitio ou da personalidade do pai ou da mãe, mas penso que, em geral, o que eles pensam é relacionar-se bem com o filho que têm. Portanto pode depender mais da personalidade de cada um dos pais e da criança também, de facto. Mas penso que o objectivo é conseguir o melhor relacionamento possível. Há diferenças necessárias. Acho que os problemas que preocupam uns e outros, por natureza, tenho impressão que são um bocadinho diferentes, mas sem eles admitirem. As mães preocupam-se mais com umas coisas, os pais com outras;

penso por exemplo, relativamente ao dia a dia, as mães preocupam-se mais com os problemas de saúde da criança, problemas de ... de integração na escola, actividades; os pais preocupam-se mais com o final disto tudo, se for positivo se for negativo, tenho impressão pelo menos é o que eu sinto.

- 2) Na nossa casa, a mãe costuma ter mais oportunidades de ir com ele aos médicos, por exemplo, às rotinas, de vacinas, acompanhá-la quanto possível, também porque a mãe também tem uma vida ocupada. Eu estou a falar no meu caso concreto, não é? O pai, neste caso concreto estimula muito a aptidão intelectual da R. ... gosta de lhe ensinar música, pô-la a ouvir música, gosta de lhe ler livros, fazer jogos com ela, sempre que pode faz isso. Entretem-se muito com ela, sempre que pode.
- 3) Penso que hoje em dia isso cada vez se adapta menos. E lá em casa, apesar de ser uma família tradicional, evidentemente que eu estou mais na cozinha e ele está mais a poder fazer outras coisas, ver televisão e isso mas como a profissão é idêntica, e a sobrecarga de trabalho também é muito idêntica, eu acho que cada vez tem que haver mais divisão de tarefas.
- 4) Não consigo responder, não sei.
- 5) Também penso que não, penso que será igual, ou pelo menos tentará ser igual. Não sei se o próprio pai ou a própria mãe se apercebem disso, se houver diferenças.
- 6) Tenho dificuldade em responder.
- 7) As filhas, pelo que eu sinto, são mais solicitadas, a acompanhar a mãe nas tarefas que a mãe por rotina faz. Os rapazes, não é que não acompanhem, portanto, acompanham mas são mais rebeldes em fazê-lo e sobretudo não o fazem tão espontaneamente.
- 8) Lá em casa não sinto isso, porque acho que eles porque faço o possível para que façam ambos aquilo que é necessário fazer. Quando é preciso ajuda deles, não distingo sexos. Acho que não distingo isso, primeiro

porque em criança fiz sempre aquilo que os rapazes faziam, só tinha irmãos e fui considerada uma maria rapaz no meio dos irmãos e depois porque sinto que lá em casa, relativamente a eles, por exemplo, relativamente a desportos: o que um faz, e que eu sinto se está adaptado à rapariga ela também vai fazer: portanto não os distingo aí.

9) Não sei.

10) Penso que não. Acho que se não houver nenhuma relação patológica entre uns e outros acho que eles usufruem tanto do pai como da mãe e pelo menos eu não sinto isso.

M 6N

- 1) Acho que são diferentes. Embora, no meu caso, o pai normalmente tem mais contacto com as minhas filhas, porque o meu trabalho tem muito tempo fora, mas é totalmente diferente, bastante diferente. Eu acho que as mães são mais ... vão mais direitas aos assuntos, querem mais ... pedem mais dos filhos, neste caso das filhas, que eu tenho duas, os pais são um bocado mais tolerantes, bastante mais tolerantes, embora vejam as coisas talvez com mais clareza do que as mães. Acho que as mães são mais exigentes.
- 2) Em casa, o pai normalmente faz mais pelos filhos, porque como lhe disse estou fora de casa a maior parte do tempo; mas a educação, regras, trabalhos da escola, assiduidade, é tudo o pai que faz, mais do que eu, bastante mais do que eu; eu quando tenho tempo, aos fins de semana, ou vamos à praia, para o Alentejo para uma casa que temos lá, raramente vamos ao cinema, muitas vezes elas lêem em voz alta, lá em casa.
- 3) Nada especial, acho que tanto o homem pode fazer as mesmas coisas que as mulheres, duma maneira geral, não indo especificamente porque teria que pensar, mas acho

que tanto o homem como a mulher podem fazer a mesma coisa.

- 4) Eu à partida penso que deveria ser igual, por exemplo não lhe sei dizer também, porque tenho 2 filhas. Se eu pensar nos meus irmãos acho que a minha mãe tratou-nos igual, duma maneira ou doutra.
- 5) O pai também, a mesma coisa.
- 6) Eu pelo que vejo das outras pessoas, mais uma vez por mim não, mas pelo que vejo das outras pessoas, numa maneira geral acho que não. Não são diferentes.
- 7) Em termos de brincadeiras há sempre os jogos mais para rapazes e outros para raparigas. Em termos de o que é que fazem na realidade, talvez os rapazes ajudem mais o pai em certas coisas, e as raparigas vão mais para a cozinha, ajudar a mãe.
- 8) Os rapazes talvez jogar à bola, as raparigas não as vejo fazer isso. Jogar à bola, brincar com carros; elas é imenso brincar com bonecas, ainda hoje vejo as minhas filhas com 9 e 10 anos a brincar com bonecas e a brincar aos pais e às mães, que são casas das raparigas e que os rapazes habitualmente não fazem.
- 9) Não sei, no caso dos meus irmãos era capaz de acontecer um bocadinho porque aí era ao contrário, a minha mãe estava em casa, o meu pai estava mais fora e com menos assiduidade do pai há mais respeito, habitualmente há menos ... há mais falta de confiança, menos abertura, não há tanta habituação à pessoa ... e talvez os filhos tivessem pelo meu pai um bocadinho mais de respeito do que em relação à minha mãe.
- 10) As minhas filhas têm muito mais contacto com o meu marido, com o pai, do que eu quando era criança tinha com o meu pai; o meu pai era uma figura mais de respeito, brincava menos, falava menos, do que hoje em dia as minhas filhas com o meu marido. Talvez elas me tenham mais respeito a mim, que estou menos tempo com elas, e talvez tenham mais confiança com o pai.

- 1) Completamente diferentes. Os pais ... no meu caso, não é? O pai não tem tanta paciência, a mãe está muito mais disponível, porque a mãe está mais tempo com os filhos do que o pai, o pai tem sempre mais que fazer do que a mãe, fora de casa. A mãe tem sempre que fazer dentro de casa. Por isso a mãe está sempre ... quando é preciso vir à escola vem, o pai normalmente não vem, quando é preciso ir ao médico a mãe vai e o pai não vai não é? Normalmente quando há a escolher, a mãe "tem que fazer" e o pai "é preciso fazer-se" e a gente faz. Portanto, é nesse caso que eu acho que o homem é diferente.
- 2) Talvez dar uma volta com eles, passear, correr, talvez seja mais isso. A mãe tem mais paciência se calhar para estar sentada, a conversar, a ler uma coisa, a fazer um boneco com eles, ... o pai não, não tanto isso.
- 3) Hoje em dia isso é um bocado ... não se usa tanto, sei lá, está a passar um bocado. Normalmente o homem tem tendência a ter cargos de chefia muito mais do que a mulher; a mulher não, tem cargos mais subalternos, vamos lá. Noutro caso, sei lá, o pai ... o homem, pode ... jogar à bola, ouvir relatos de futebol, ver corridas de carros, pronto, essas coisas todas, a mãe ... a mulher, não se interessa em geral. Talvez seja mais coisas de cozinha, talvez se interesse; se houver uma conversa de culinária à mulher interessa muito mais do que a um homem, nesse aspecto é geral. E outras coisas assim ...
- 4) Não sei, eu só tenho filhas, não é? (Q) Mas tenho a relação do meu marido, que tem uma irmã; o que ele diz é que ele pagava as favas sempre, em relação a alguma coisa que a irmã fizesse e o que a irmã diz é que ele era muito mais querido da mãe do que ela.
- 5) Não sei, acho que ... depende, depende muito do caso. Eu,

por exemplo, o meu marido era capaz de ser diferente para um filho do que para a filha, porquê? porque talvez a filha não se interesse tanto pelas coisas que ele gosta, como ele gostaria, pode ser este o caso.

- 6) Não noto assim tanta diferença, há uma questão de feitio, de um e doutro, tenho impressão que na generalidade ... acho que deve ser ... dá-me ideia que é mais o feitio ... não tem nada a ver: conheço filhos, pronto, rapazes que por serem rapazes não deixam de, por exemplo, sei lá, na relação de interajuda, isso não quer dizer que não façam mais que a filha. Na relação de amizade ... tem tudo a ver com a relação pai-filho ou pai-filha ou mãe ... e entre as pessoas em si, tenho impressão que não há assim diferenças.
- 7) Dá-me ideia que é indiferente. Não me dá ideia que haja assim muita diferença. Quer dizer, não tenho experiência não é? Tudo depende, também está ligado com a pergunta antes, não é? Tudo depende.
- 8) O jogar à bola ... o ... o que não quer dizer ... a minha filha mais velha adora correr tipo rapaz, a mais pequenina não ... portanto tem a ver ... mas no geral, como é evidente os miúdos gostam muito mais de correr, eu vejo lá pelas festas de anos lá em casa. Os miúdos, fazem grupos, não é, os miúdos nesta idade não se misturam muito com as raparigas, têm brincadeiras próprias, a corrida, o jogar à bola ... as miúdas elas não gostam nada, os rapazes não gostam muito que as miúdas venham para lá: "isto é coisas de homens ...". E elas têm outra maneira: apesar de brincarem, de poderem correr, têm outro género de brincadeiras ... talvez sejam mais calmas mais ... apesar de ... é isso que eu lhe digo ... a minha gosta também de ...; mas por outro lado são capazes também de se entreter com uma boneca mas com a idade dela enquanto que os miúdos é muito difícil estarem a jogar, a fazer um jogo ali, entretidos, acho que é muito mais difícil a concentração nos rapazes do que nas raparigas.

As raparigas têm muito mais facilidades para isso.

- 10) Acho que sim. Tem que ser. É obrigatório que seja não é? Apesar de ... eu acho que as filhas têm ... elas sentem um carinho muito grande pelos pais, também não é? mas pela mãe é um sentimento diferente, é mãe, é sempre diferente, não é? Por muito que os pais estejam mais disponíveis, ou que queiram fazer mais coisas que a mãe, a relação vai sempre diferente, mais próxima. Em princípio, por uma questão de natureza, são mais próximas da mãe, mais distantes do pai.
- 9) Também acho que sucede a mesma coisa, é geral. O filho ou a filha acham que têm uma relação para com a mãe mais próxima, por isso não, por um elo de ligação que têm que é muito mais forte do que o pai. Apesar de que com o pai gosta, concerteza, mas ...

M 9N

- 1) Acho que são diferentes. As mães têm mais o sentido de responsabilidade em relação às tarefas vulgares do dia a dia e os pais são um pouco mais ... como vêm menos os filhos, estão menos com eles, tem menos esse tipo de preocupações e dedicam-se mais a tarefas de fim de semana, de lazer.
- 2) A mãe é a parte toda de educação, de transmitir as tradições, da vida do dia a dia. O pai ... deixe lá ver o pai ... o pai é sempre mais difícil ... o pai no fundo transmite a imagem masculina de ... deixe-me lá pensar como é que eu hei-de responder a isso ... não sei, o pai ... vou particularizar: lá em casa o meu marido tem mais uma função da parte de lazer em relação a eles.
Acho que a maior parte da educação é transmitida através da mãe. Penso que é assim em todas as famílias, não sei, mas penso que é assim.
- 3) A parte doméstica mais em relação às mulheres. Isto é na

generalidade, eu penso que a maioria das mulheres se dedica à parte doméstica e à educação dos filhos, pronto. E que os homens se dedicam ao trabalho e pronto ajudam na educação dos filhos. É o que eu penso. Mas que está a mudar porque as tarefas hoje em dia estão a ser muito divididas.

- 4) Acho que é diferente. Acho que a educação duma rapariga é diferente da educação de um rapaz. A parte da relação ... as raparigas são educadas a fazerem mais tarefas, depois um bocadinho preparadas, hoje em dia, penso que para trabalharem, mas também para tratarem da casa. E os rapazes são mais preparados para trabalhar.
- 5) Acho que também é diferente. Na generalidade acho que sim. Acho que é muito difícil educar um filho e uma filha da mesma maneira, porque mesmo que depois os objectivos finais sejam os mesmos até chegar lá eu acho que as pessoas diferenciam muito os sexos. Acho que o pai também faz um bocado esta distinção entre rapaz e rapariga. Pelo menos faz a restrição de certas actividades em relação à filha, de certos comportamentos, em deixar fazer ou não fazer, ser bem ou não ser bem, é diferente para um e para outro.
- 6) Penso que no início não serão, mas acabam por se tornar, com o tipo de educação que têm acabam por se tornar um pouco diferentes. Agora se as filhas são mais meigas ou ao contrário acho que não ... não sei responder.
- 7) Não acho que haja grandes diferenças. Acho que há rapazes que fazem, pronto, o tipo de ser meigo, há rapazes muito mais meigos do que raparigas ... eu por exemplo tenho um rapaz que é muito mais meigo do que a rapariga. Nesse aspecto vejo diferença, ela é mais arisca. Mas fora isso ...
- 8) Rapazes ... o futebol é muito típico dos rapazes e das raparigas é mais brincadeiras de dentro de casa, bonecas e isso. Isso é o que normalmente se passa, em regra geral.

- 9) e 10) Talvez o filho seja mais ligado à mãe e a filha um bocado mais ligada ao pai. Não sei, acho que são diferentes pelos próprios pais serem diferentes em relação a eles, não propriamente por eles. Talvez realmente haja atracção do sexo oposto. Habitualmente costuma haver (mas não sei se é assim uma coisa muito marcada).

M 10N

- 1) Acho que são completamente diferentes. As mães são mais permissivas, estão mais tempo com os filhos ... Eles, em relação a nós também sabem que nós somos mais permissivas, deixamos fazer mais coisas. Os pais são ... pelo menos lá em casa, são os que têm mais autoridade sobre eles. Mas uma coisa que eu acho é que, por exemplo, o pai pode estabelecer muito mais relação de amizade do que a mãe que tem é que mandar tomar banho, e mandar comer, e mandar arrumar o quarto e que mandar não sei quê, não sei quê. Eu acho ... lá em casa acontece muito isso. Depois quando vão sair com o pai sózinhos ou quando vão não sei quê é uma alegria, enquanto que eu não consigo fazer muito isso porque ... E eu acho que na generalidade acaba por ser assim. É mais a mãe que manda fazer as coisas chatas, quando é uma coisa divertida é-o com o pai; embora ele tenha mais autoridade, tem muito mais autoridade que eu.
- 2) O que a mãe costuma fazer é ... é a mãe que faz o almoço e o jantar e que arruma o quarto as secretárias e que ... lhes vai escolher a roupa, essas coisas todas. O que o pai faz, pelo menos a elas, vai levá-las e buscá-las a todos os sítios que elas querem, vai ... todas as actividades que elas têm, ballets e não sei quê, é sempre o pai que vai buscá-las e que vai levá-las, funciona muito como choffer e a mãe como mulher a dias (ri-se). É

um bocado e a gente mesmo diz, lá em casa, eu sou a cozinheira e ele é o choffer.

- 3) Eu não faço bem a distinção, só que acaba por haver, não é? Pronto, quem cozinha sempre é a mulher, quem arruma sempre, quem faz as camas, quem acaba por limpar é sempre a mulher, pronto. Coisas que o homem costume fazer é coisas mais penduras coisas na parede, arrumar coisas no alto dos armários, faz ele, isso é a distinção. Eu não acho que tenha que ser assim, acho que um homem pode perfeitamente cozinhar e arrumar e essas coisas todas, só que acaba por ser assim.
- 4) Só tenho filhas. Mas eu acho que uma mãe seja diferente para um filho ou para uma filha, eu só acho é que os filhos são diferentes das filhas. As filhas são muito mais complicadas, precisam muito mais de conversa e dessas coisas todas e eu acho que os rapazes são mais simples. (interrompem). E depois lá em casa acontece isso também, porque como eu não guio de todo, tenho carta mas não guio, tudo o que é preciso fazer com carro é sempre ele que faz. E mesmo quando vou ali ao supermercado e não sei quê, coitado o pobre do homem tem que ir sempre atrás, portanto é sempre ele. Também acho que não seja preciso, até vejo imensa gente que vai sózinha, eu é que sou parva e não guio, porque para mim não é preciso que ele vá comigo, só é preciso relativamente a esse aspecto. Eu posso dizer pelo que eu via na minha mãe. Mas a gente fartava-se de dizer que os meus irmãos, ou que o meu irmão mais velho tinha complexo de Édipo em relação à minha mãe, passava a vida agarrado a ela e não sei quê, mas as minhas filhas também devem ter complexo de Édipo em relação a mim. (ri-se) Porque não me podem ver nem sequer fraquejar, percebe?, porque ficam numa aflição horrorosa. Eu não consigo dizer muito em relação à filha e ao filho porque não tenho experiência nenhuma, com rapazes.
- 5) Tenho impressão que, se a gente tivesse filhos, eu acho

que o meu marido seria diferente para um filho, porque ele é completamente ... eu tenho uma filha já com 15 anos e é um bocado superprotegida, aliás ela queixa-se Não pode sair as vezes todas que ela queria, ele gosta imenso de conhecer os amigos todos para ver com quem é que ela sai ... tenho impressão que se fosse com um rapaz ele não superprotegia tanto, dava-lhe mais liberdade.

- 6) Acho. Que as meninas são muito complicadas, têm imensos problemas assim picuinhas, coisinhas assim que não têm importância nenhuma e discussõezinhas e fazem um drama por causa de tudo. São capazes de chorar se discutem com uma amiga e não sei quê, e tenho impressão que os rapazes não são tão complicados, pelo que tenho visto. São mais ... são capazes de ser mais ... de fazer mais barulho, fazer mais disparates e não sei quê, mas depois nesse aspecto de serem complicados eu acho que não são tão complicados como as raparigas. As filhas exigem mais do pai e da mãe do que os rapazes.
- 7) Em que aspecto? As meninas em princípio devem ser mais arrumadas, fazer a cama ... mas eu não faço muita distinção, talvez por não ter muita experiência. Então em pequeno, acho que qualquer um deles pode ajudar as mães, os pais, os pais, qualquer um deles pode arrumar, fazer as camas, essas coisas todas, ir à rua, fazer um recado. Eu isso como só tenho filhas, as minhas vão, e se eu tivesse rapazes também iam à mesma. Acho que hoje em dia já não se faz distinção nisso.
- 8) Os rapazes, sei lá, jogarem à bola, eu vejo às vezes que vão lá filhos de amigos meus lá a casa, e que são rapazes. Claro que ela queria era ter amigos para jogar futebol, e para brincar com carrinhos e não sei quê. Mas as minhas filhas dispõe-se a fazer isso, a mais nova, dá-se lindamente. As meninas devia ser mais próprio brincar com bonecas e essas coisas mas as minhas hoje em dia já não. Já nem fazem nada disso, nem sequer a M. Não vejo muita distinção, aquela coisa que havia antigamente que

as meninas tinham que brincar com casinhas e com bonecas e com ... e os rapazes só com automóveis eu nas minhas filhas e nos amigos delas não vejo muito essa distinção. Elas são capazes de brincar à bola com eles, se for preciso, e elas gostam de andar aos saltos e isso tudo, e eles também são capazes de irem brincar com elas às bonecas, aos pais e às mães.

- 10) Uma filha acho que está mais ligada á mãe. Vai contar mais coisas da vida dela e esconde um bocado as suas intimidades do pai e a mim ... contam-me tudo. Noto nas minhas filhas elas terem muito mais abertura em relação a mim. Quando querem alguma coisa, se for de comprar, ou se for de sair, ou não sei quê, vão logo pedir ao pai ... (ri-se). Agora quando é para contar chatisses, é para mim. Mas isso eu acho que é por terem mais intimidade não é. Depois se eu digo, "pois as chatices são todas para mim, para o pai não são nenhuma!" elas dizem: "pois mas é que a mãe é que nos compreende" e o H. é capaz de se pôr com imensas filosofias e depois elas não ... já nem têm mais paciência, e acharem que eu sou mais racional.
- 9) Os filhos não sei, mas já não noto tanto isto. Mas não sei, não lhe posso dizer.

- 1) São diferentes. Caberá mais à mãe a educação dos filhos e o pai é o chefe da família, é a figura de autoridade. Isto na nossa sociedade. O pai é o sustento, levar o pão para casa. Ainda é assim. O posto de trabalho é ocupado pelo homem.
- 2) O pai ajuda no banho, no que eu lhe peço. Não há grandes diferenças. fazemos os dois o que é preciso. Penso que não há nada que deva ser só o pai a fazer ou só a mãe. Cabe aos dois as mesmas coisas.
- 3) O homem é mais forte, faz os trabalhos mais duros e a mulher quer-se mais elegante, é mais franzina, cabem-lhe as tarefas caseiras, domésticas. Volto a dizer, na nossa sociedade, ainda é assim.
- 4) Não, é igual.
- 5) Também penso que não, é igual.
- 6) Penso que não, ainda não me apercebi de nenhuma distinção: carinhos, perguntas, levantar a mesa, é igual. Não noto nada.
- 7) Tenho mais cuidado na maneira de vestir da I.. Ela está forte e requer mais atenção. Não é por ser rapariga. Não vejo diferença. Andam os dois de bicicleta, fazem natação, não vejo diferença.
- 8) Em temos gerais, do que se vê, é mais os rapazes naquelas brincadeiras de rua e as meninas mais vaidosas, com os penteados, as bonecas.
- 9) Penso que não.
- 10) Também não.

- 1) São diferentes. Não sei eu por exemplo, em relação a mim, gosto muito dos meus filhos e não sei quê. Mas para os educar sou mais eu do que o pai. O pai é mais calmo, é meigo, mas não tem pulso sobre eles, eu acho. Eu já não sou assim. Eles a mim têm-me respeito e ao pai não têm.
- 2) Eu por exemplo com os meus faço tudo, trato de tudo, porque eles andam sempre comigo. O pai de vez em quando brinca com eles. Não é assim aquele pai que seja agarrado mesmo aos filhos. É à maneira dele, gosta de brincar e de sair com eles.
- 3) Acho que é igual. No meu caso é.
- 4) Eu não sou. Não sei, por exemplo a minha mãe tinha 8 filhos e era diferente para alguns. Aquele filho era tudo para ela. Embora ela diga que não, mas nós irmãos viamos que sim. Mas eu, cá em casa, não sou.
- 5) O meu pai não era e o meu marido também não é.
- 6) Eu acho que isso depende da educação. Eu para mim vejo assim. Os meus ainda são pequenos mas é tudo um conjunto, não noto grandes diferenças.
- 7) Quer dizer em casa brincam os dois. Brincam os dois sempre, não há muitas diferenças.
- 8) Não sei, o meu por exemplo ainda é pequenino mas eu acho que ele tem brincadeiras de menino e ela de menina. Ela adora brincar com Barbies, tudo isso, ela adora. Vestir-se, dançar em frente ao espelho, ela adora essas coisas. Ele gosta de brincar com carros, subir às árvores ... é mesmo rapaz.
- 9) Não sei, quer dizer, depende dos feitios. O meu é muito meiguinho, ela já é mais possessiva. (Q) Não, ele é igual para os dois, é meiguinho para os dois.
- 10) Ela é igual para mim como para o pai, só que talvez seja mais agarrada ao pai. Não sei. Conversa muito com ele; ela às vezes vinha para conversar comigo e eu converso

mas pronto, como tenho mais coisas para fazer, ela
agrarra-se mais ao pai.

- 1) São diferentes. Normalmente o pai tem sempre a tendência para ser a autoridade máxima, mas nem sempre acontece isso. Mas na maior parte dos casos é assim que funciona. A mãe é mais a parte mais carinhosa, cuida mais dos filhos, isto na média, mas há casos em que não é bem assim.
- 2) Ah, isso hoje em dia já é um bocado confuso, as tarefas são muito mais divididas. Mas de qualquer maneira, as mães cuidam mais da alimentação, da parte higiénica dos filhos; e a parte do pai é mais a parte educacional. A parte educacional é as conversas sérias quando é preciso, pelo menos cá em casa funciona assim.
- 3) Não sei, o que eu posso falar é cá por casa, e cá por casa as tarefas são muito divididas. Se for preciso dar banho à M. ou fazer qualquer outra coisa, tanto faz o pai como eu. É sempre quem está mais disponível. Eu acho que qualquer das tarefas funciona assim.
- 4) Não, penso que não.
- 5) Não também acho que não, pelo menos em princípio não deve ser. Eu também tenho só uma não é, também é difícil, mas acho que não.
- 6) Não, penso que não. Isso também depende muito da personalidade deles. Mas de qualquer maneira acho que não, de modo mais geral, penso que não.
- 7) Não sei, também não tenho muita experiência disso. Repare eu só tenho a M. Lá em casa eramos só raparigas ... As filhas são um bocado teimosas, talvez sejam um bocado mais com tendência para a desobediência, não é desobediência, deixe ver se eu me explico doutra maneira, sei lá, o esticar mais a corda, medir mais as coisas, tomar mais posição da parte delas, guardar mais o terreno do que os filhos, pelo menos dos poucos rapazes pequenos com quem eu tenho tido contacto. As filhas são mais ciumentas em relação aos pais, ao pai. Os filhos são mais desagarrados, ou pelo menos dão essa sensação de desagarrados. Também têm outro tipo de brincadeiras, não é? Normalmente estão mais ... são mais libertos dos pais.

- 8) Sei lá, pelo menos pelo que vejo pelo menos no meu sobrinho, os miúdos que conheço andam mais tempo na rua, têm mais brincadeiras de rua. As miúdas têm mais tendência para estar em casa, brincar com bonecas e isso.
- 9) Sim, também é. Eu acho que por exemplo que o meu sobrinho acontece exactamente o contrário. Ele mede muito mais terreno por exemplo com o pai do que com a minha irmã. (Q) Vê até onde é que pode ir, ele é muito mais teimoso com o pai e a M. é muito mais teimosa comigo, do que com o pai.
- 10) A M. é. Ela comigo é mais teimosa, tenta mesmo medir mais o terreno dela, entra mais em conflito. Também sou eu um bocado que a prendo mais, que a segura mais, o pai é um bocado mais de deixar mais à-vontade, de a compreender melhor; dá-lhe talvez mais espaço.

M14N

- 1) No meu caso acho que é a mesma coisa. Eu estou mais tempo com ela, mas a educação é a mesma coisa.
- 2) O pai no dia de folga sai muito com ela. Eu no dia a dia brinco mais porque tenho mais tempo. Mas ... não vejo assim grandes diferenças.
- 3) O homem tem o seu trabalho, mas deve ajudar nas lidas da casa desde que estejam ambos a trabalhar. A mulher costuma fazer as lidas, lavar a roupa, passar a ferro, ir às compras e isso.
- 4) Acho que não, tanto o filho como a filha são os dois iguais. Não há diferença.
- 5) Para o pai a mesma coisa.
- 6) Há casos que sim. Por exemplo, a minha cunhada e o meu marido são totalmente diferentes para com a mãe. Ela não admite coisas que a mãe lhe diz e ele admite. Ela fica com "trombas", e ele passado cinco minutos desliga. Eu acho que ele é mais chegado à mãe.

- 7) A filha ajuda às vezes a mãe, quando está bem disposta ou quando eu estou sempre em cima dela. Os filhos, ... os rapazes são diferentes. Puxam mais para vir para a rua, jogar à bola, não quer dizer que não haja um ou outro que ajude a mãe.
- 8) Eles é mais jogar à bola, brincar com carrinhos, jogar ao pião, jogos, coisas dessas. As raparigas é mais para as bonecas, fazer papas para as bonecas, brincar às cabeleireiras, etc..
- 10) perante mim, tem todas as vontades e por isso exagera um bocado. Faz muitas birras. Com o pai tem mais respeito. Ele tenta levá-la a bem e ela fica mais humilde percebe melhor o que não deve fazer ou onde não deve ir.
- 9) Talvez ache que sim, que os rapazes tenham também mais respeito ao pai. E se calhar são mais ligados à mãe, não sei.

M16N

- 1) Acho que as mães são mais rigorosas em pequenas coisas, não é?, coisas que as mulheres tratam mais, não é? Portanto, higiene, isto e aquilo. E os pais já é mais outras coisas, um passeio, mais, pelo menos no meu caso, como eu tenho uma vida mais ocupada, dedico-me mais a essas pequenas coisas e ele dedica-se mais a sair com eles. Porque claro, fora do emprego tenho a casa, não é? Ele sempre está mais um bocado livre aos fins de semana e então dividimos assim.
- 2) Tirando este aspecto, eu penso que é mais ou menos igual. Penso que talvez não haja tanto essas etiquetazinhas sem ser isso que eu falei ... A partir daí também os meus filhos, eles não estão nessa fase de ouvir o pai e de ouvir a mãe, não é? Como eu tenho um rapaz e uma rapariga ... Daqui para a frente não sei como será. Sou muito franca, eu acho que essas coisas são tratadas conforme se vai andando, os anos vão passando e que se vai encarando as coisas e são coisas que aparecem espontaneamente e aí é que se resolvem os assuntos, mas de comum acordo, não é?
- 3) Aí eu acho que isso deve ser de tudo, de parte a parte. Eles claro, nós sabemos muito bem que isso a igualdade ainda é só de falar, não é? porque a agir, temos que ver que isso é só no papel, é só de boca para fora. Eles podem ser muito

democratas na rua, mas depois chegam a casa ... vão fazendo, vão estando um bocadinho mais avançados que o meu pai, por exemplo não é? Mas ainda não é o total, aquilo que nós mulheres achávamos que eles deviam de fazer. A lida da casa é muito mais para mim, sem dúvida nenhuma. Quando eles eram mais pequenos ele ajudava-me mais, portanto, por vezes até o banho mesmo, era ele que os ia buscar, às vezes dava banho, essas pequenas coisas. Mas depois passou a fase deles estarem maiores, a coisa já voltou outra vez um bocadinho para trás. Faz as coisas dele, vai lá para o quintal, e pronto.

- 4) Eu penso que não. Acho que é igual. Portanto, eu tenho um e uma ... Não sei, eu no E, gosto mais umas coisas no E. do que na J. não é? E outras coisas gosto mais nela, na questão de feitio, da maneira de ser, mas isso ninguém é perfeito. Mas acho que sou igual para os dois.
- 5) É a tal coisa: no meu caso, quando ele anda no quintal ou está na oficina é mais natural chamar antes o E., também é mais velho, não é? É a tal coisa, certos trabalhos distingue-se homem e mulher, mas noutras coisas não. Talvez ele exija mais dele porque é homem, e para ela é mais meigo, mas é só isso...
- 6) Eu, vá lá, naquilo que me diz a mim, não sei, é natural que a J. seja mais chegada a mim do que o E.. é que são também de idades diferentes, não é? Mas mesmo assim três anos de diferença não é muito. Eu penso que sim, que as raparigas são mais chegadas à mãe do que ao pai. Talvez os filhos sejam mais chegados ao pai, há sempre aquela coisa de acompanhar o pai, a filha já fica mais em casa ao pé da mãe, não é?
- 7) Eu, pelo menos, os meus filhos, eles gostos ... portanto, na questão de música: eles gostam da mesma coisa, praticamente. Portanto, na questão de desporto, isto e aquilo, ambos andam na natação, não vejo "eu gosto mais disto ou mais daquilo". Penso que isto de dizer eu gosto mais disto por ser rapaz ou mais daquilo por ser rapariga, hoje em dia já não existe tanto.
- 8) Não vejo assim diferença, acabam por brincar às mesmas coisas. Não vejo assim, tanto um gosta duma coisa como doutra.
- 9) Até agora não notei assim grandes diferenças. Talvez seja, como disse, um bocadinho mais chegado ao pai do que a mim.

10) Ela por enquanto é mais chegada a mim, como já disse. Não é que goste muito mais, não, mas é mais ligada. É natural, como ela está mais dentro de casa. O que não quer dizer que quando for mais velha ainda haja esta diferença. Eu acho que isto também é por idades sabe? Agora é assim, mas eles também mudam com o tempo, não é? E nós também, e muito.

M17N

- 1) Acho que não. (Q) Sei lá (ri-se) ...
- 2) isso não sei. (Q) (Q) Para a escola não pede ajuda. A pedir pede à irmã. De resto ... não sei. Com o pai ela gosta de ir passear. Ele faz-lhe mais vontades do que eu não faço (ri-se muito). Eu estou mais em cima delas.
- 3) Isso não sei porque o meu não me faz nada. Vem do trabalho e não me faz nada. Eu faço tudo. (Q) Sei lá ...
- 4) Acho que não.
- 5) Também não.
- 6) Acho que não.
- 7) Ai fazem tanta coisa! Olhe chateiam-me a cabeça, isso é a primeira. Estarem sempre a implicar umas com as outras, essa é a segunda. Os rapazes não sei, não tenho rapazes! Tenho sobrinhos mas é muito raro.
- 8) Jogar à bola, se calhar (Q). Elas é brincar às escolas, brincar com brinquedos.
- 10) Depende. Eu tenho três, cada uma tem o seu feitio. Sei lá. (Q) Acho que são iguais.
- 9) Eu não tenho filhos (Q). Acho que não são diferentes.

M19N e M35N

- 1) Deviam de ser iguais, mas são diferentes. Falo por mim. Ele está fora muito tempo. Faço de mãe e de pai. Não se conta com o V. Faço de conta que sou mãe solteira. Sou sempre eu para tudo. Estou sempre sózinha com as crianças. Tudo inclui tratar deles, estudar, conversar, tudo.
- 2) O pai está muito tempo fora, está pouco em casa. Quando está ... conversa com eles. Eu é tudo, como já disse.
- 3) Eu acho que o homem trabalha fora de casa e a mulher trabalha em casa, o dobro deles.
- 5) Eu acho que a I. puxa mais ao pai, e se calhar o pai conversa mais com ela do que com ele, por isso mesmo.
- 4) Ele puxa mais a mim, quer sempre estar comigo quando estamos os dois. É assim, talvez o pai mais com a I. e eu mais com o P.
- 6) Acho que já disse um pouco. Cá em casa é assim, ele puxa mais para mim, ela ao pai.
- 7) Ele quer sempre estar em casa, ler, ver dinossauros, estudar história, geografia. É muito interessado quer saber tudo. A I. não, quer sempre brincar com as coisas dela, ou sair.
- 8) Ele não é exemplo. Em geral os rapazes gostam de jogar à bola, os carros e isso. Ela é mais jogar ao elástico, joguinhos de meninas, essas coisas.
- 9) Ele quer sempre estar comigo. Está muito mais à-vontade comigo do que com o pai.
- 10) Ela puxa muito mais ao pai, como já lhe disse.

- 1) São um pouco diferentes. Não sei, pelo menos por causa do nascimento, a mãe é que anda com eles durante os nove meses, e acho que há um bocadinho mais de sensibilidade do que os pais; os pais têm-lhes amor, mas a mãe tem assim já, pronto, um carinho interior, eu acho que sim, que deve ser essa a diferença; apesar de serem os dois amigos dos filhos, como é o caso, nos outros casos não sei, mas eu penso que há sempre um quê de mais carinho, da minha parte, eu falo por mim.
- 2) A mãe costuma mais dar-lhes de comer, por exemplo, lavá-los, porque ... o meu marido é ... portanto eu tenho impressão que só umas duas vezes ou três é que lhes deu banho; mas na maioria que eu conheço, tanto um como outro fazem essas tarefas, mas no meu caso, o meu marido ainda é capaz de ter uma educação um bocado mais antiquada, não sei, e não estava habituado, mas como agora tenho dois, e portanto já estávamos mais sobrecarregados de trabalho, aliás eu, mais sobrecarregada, e ele teve que dar um bocadinho mais de apoio. Mas portanto, sou praticamente tudo eu, eu é que lhe mudo a fralda, pronto, faço tudo. O que ele faz é sair, brincar um bocadinho com elas, dar-lhes um bocadinho de atenção quando pode.
- 3) Se for com respeito a forças, eu acho que o homem sempre tem mais forças; eu vejo por mim, não é, que ele tem mais força do que eu, e ele faz as coisas de mais força até mesmo de canalização e isso é tudo mais para ele não é? Eu não vou para isso, vou mais para lavar loiça, e tratar das crianças e da casa é tudo assim mais ...
- 4) Isso já não sei, tenho só duas filhas. Mas julgo que não, que não é diferente. No meu caso era igual para um e para outro. Quer dizer eu ou o meu irmão às vezes temos um pouco de ciúme e depois dizemos à mãe "és mais para o J." ou "és mais para a P." ou não sei quê, podia ser era mais isso, mas era uma questão de ciúme; agora haver assim diferença eu julgo que não.
- 5) O meu pai talvez às vezes fizesse assim um bocadinho, não quer dizer que não gostasse dos dois, mas, quer dizer, o que aconteceu no nosso caso, é que, quando eu nasci, o meu pai estava com aquela ideia fixa de que queria um rapaz, e portanto naquela altura foi um choque e não me encarou, não é? Porque depois começou a gostar ainda mais de mim do que foi com o meu irmão. Ficou mais ligado a mim.

- 6) Talvez, não sei. Acho que sim. Não sei, depende ... é assim um bocado complexo. depende da educação que os pais tiveram para os cativar, não sei bem responder.
- 7) Isso agora já não me estou a recordar bem ... não me recordo bem.
- 8) Eu não sei porque sabe ... a minha filha ... eu gostava muito de bonecas, não é?, e a minha filha já não, sempre gostou mais de objectos de rapaz. Queria mais brincar com outras coisas que pertenciam mais a um rapaz, não queria bonecas pronto. Não queria bonecas, queria bolas; e a maioria das raparigas puxa mais para um boneco, não é?, para uma boneca. Eles ... o meu irmão gostava muito era de bicicletas era assim.
- 9) É capaz de haver alguma diferença, mas agora qual não estou a ver assim muito bem.
- 10) Também é capaz de haver. Também é capaz de haver, mas não estou a ver qual.

M21N

- 1) São, penso que sim. Penso que as mães são, pronto. mais atentas, estão sempre ali a ouvir os problemas das crianças e os pais ... também não digo que alguns pais não sejam assim não é?... só que talvez não tenham tanto tempo para estar com as crianças, sei lá ...
- 2) No meu caso eu faço mais ... Talvez ajude mais as minhas filhas se tiverem assim um problema que elas queiram falar ou assim. Da escola não, os trabalhos da escola é sempre com o meu marido, o J. é que faz. Elas têm um problema aqui ou ali e ele é que faz a explicação, ele é que explica ele é que está ali com elas e especialmente desenhos porque ele é desenhador.
- 3) Eu penso que não há assim nem para uns nem para outros. Eu, se uma mulher tem capacidade para fazer o mesmo trabalho que um homem porque é que não há-de ser? Eu penso que é assim ... pronto igualdade especialmente nesse aspeco, profissional.

- 4) Não sei, porque só tenho duas miúdas não posso dizer, ... mas penso que não, que há-de ser igual.
- 5) Sim, penso que sim. Por exemplo, faz de conta agora o meu pai, talvez tivesse um pouco mais de vá ... atenção comigo como filha do que com o meu irmão. Não quer dizer que ele gostasse mais de mim do que ele. Ele gostava dos dois igual vá, só que ... talvez me desse um pouco mais de atenção.
- 6) Penso que é igual; ... talvez na minha experiência, como eu não tenho filhos e filhas, só tenho filhas, não posso falar nesse aspecto; no aspecto do meu irmão, eu era assim talvez um pouco mais ligada ao meu pai e por acaso o meu irmão era exactamente o contrário, era mais chegado à minha mãe.
- 7) Não sei porque olhe, a minha mãe era uma daquelas senhoras que, pronto, só porque era rapaz não dizia que ele não podia fazer nada em casa; ele tinha que fazer tarefas de mulheres também, faz de conta ... se nós fôssemos algures e ele precisasse de começar a jantar ele teria que começar a jantar ou teria que fazer a cama dele ... ou tinha que ter o quarto dele arrumado ou ... uma coisa assim, não é? Por isso se houvesse alguma tarefa que a minha mãe ou eu não estivessemos ele teria que a fazer, por isso ele hoje é um bom esposo, ajuda a esposa dele.
- 8) Não sei ... as raparigas eu penso que brincam assim mais com bonecas, ou ... mantêm-se mais em casa; os rapazes são mais ... pronto ... gostam mais de andar na rua, jogar à bola, coisas desse género.
- 9) Acho que não.
- 10) Não, penso que também seria igual.

- 1) São. Eu acho, no meu caso, eu não vou generalizar porque eu não sou capaz de generalizar. Em minha casa, o pai é quem manda ... é quem manda porque eu acho lindamente que haja uma pessoa a mandar e que tome as decisões, e a mãe é a pessoa que acompanha e que apoia, mais. Embora o pai também apoie e acompanhe. Mas quem está sempre, e quem deve estar sempre é a mãe.
- 2) A mãe é quem faz tudo. (ri-se) O pai faz ... o pai para já ganha dinheiro para lhes dar de comer e dar-lhes a roupa e assim, que é uma coisa que eu não faço. E está, quando é preciso o pai está. (Q) Para tomar todas as decisões, as grandes decisões não são tomadas sem o pai dar o seu apoio. É como lhe disse, tem que haver alguém que tome decisões, que mande.
- 3) Eu detesto generalizar. Generalizar é muito complicado. Eu acho que os homens têm ... eu sou muito retrógrada e muito antiquada ... os homens têm que ser ... no meu caso, o meu marido funciona como a ancora de todos. É no fundo quem decide. Não quer dizer que eu ache que ele seja mais inteligente que eu, ou que tenha mais geito ou mais experiência da vida, não é nada disso. Mas acho que tem que haver uma pessoa, neste caso é um homem, que é quem sustenta tudo, sustenta financeiramente e sustenta tudo o resto. Tem que haver um sustento, um apoio. A mãe, as mulheres, neste caso a mãe, tem que servir um bocado de sargento, no dia a dia, quem está no meio, percebe, quem vai desempatando, quem vai passando palavra do filho para o pai e do pai para o filho, isto não só no caso do T. mas nos dos mais velhos, o mais velho tem 19 anos.
- 4) Acho. Para um filho, para um rapaz ... bom, para já é diferente para os 3 filhos. Eu sou diferente para os 3 filhos. Tenho um filho, mais velho, 19 anos, que foi o maior deslumbramento da minha vida, porque foi o

primeiro. Foi assim uma coisa ... coitado, sofreu horrores, porque eu era muito insegura e tinha a mania que educava e ainda hoje nos damos muito bem e eu com ele tenho uma relação de muita cumplicidade e é de facto aquele filho que eu mais acho que é ... e que é lindo ainda por cima, de maneira que é assim o máximo. É parecido com o pai. É igualzinho ao pai. Depois tenho a minha filha, ela tem 17 anos agora. Eu sempre pedi muito mais dela, sempre a responsabilizei mais: ela com 5 anos, eles andavam no instituto espanhol, era ela que ... eu só soube mais tarde, tinha 5 anos e o A., mais velho, tinha 7, e era ela que levava o cesto e que tirava os pratos e punha os pratos e punha os talheres, que servia, com 5 anos, percebe? Eu acho que isso é de facto da educação que eu lhes dou. Dela peço mais, em termos de responsabilidade para o dia a dia, para estas coisas que ... não valem muito. Depois para as coisas maiores, tipo estudos e profissões, eu acho ... eu peço-lhe a ela bastante porque acho que ela tem que ser independente, mas sinceramente, sou muito antiquada, e acho que o A., o mais velho, tem que ainda fazer mais, embora faça pouco. Portanto eu acho que rapaz rapariga, acho que há diferenças, na maneira de educar, não quer dizer que goste mais duns que de outros.

- 5) Ainda é pior do que eu. (ri-se) No fundo deve ter as mesmas ... deve pensar exactamente como eu. Acha que o rapaz ... e acha que o mais velho tinha que ser a imagem dele, ou melhor que ele ainda e pediu imenso dele desde o princípio, desde pequenino, as notas melhores, as coisas melhores, se ele viesse com um Suficiente era um drama, e para a rapariga não. É tudo ... nunca lhe pediu muito, e agora ... ela faz o que quer dele, de facto. É a típica família (ri-se) é exactamente aquilo que vem nos livros, é o que está. Exactamente.
- 6) Eu acho que sim. Eu agora só posso falar da minha

experiência como filha, não é? Não posso falar dos meus filhos como filhos. Eu acho que sim. Uma filha em relação ... eu em relação ao pai, adorava o meu pai e dava-me lindamente com ele, e com a minha mãe sempre me dei péssimamente.

- (Q) Eu era a rapariga mais velha, só tive uma irmã muito mais tarde. Eu sempre fui muito mais dócil e sempre tive muito ... sempre me pediram no fundo aquilo que eu faço com os meus filhos, acho eu. Eu creio que me pediram sempre mais responsabilidade em relação aos irmãos, em termos de tomar conta e controlar, os mais novos e sempre fui muito ligada à família. Os meus irmãos não eram assim, tinham mais a vida deles. Eu acho que as filhas se dão muito mais do que os filhos, pela minha experiência.
- 7) Eu acho que eles fazem exactamente a mesma coisa, os dois. Portanto eu, não estou a falar do T., estou a falar dos outros dois. Embora o rapaz tenha mais liberdade porque tem 19 anos e é rapaz, sai mais sózinho à noite, ela não, e em casa no dia a dia têm os dois ... pedimos a mesma coisa, quer dizer eu peço a mesma coisa igualzinha aos dois: um dia põe um a mesa outro dia põe outro, não fazem sistematicamente as camas, são os dois desarrumados, portanto eu acho que é igual, não sei.
- 8) Os rapazes ... jogar futebol, fazer desportos mais violentos, iniciar a sua vida sexual mais cedo, isso sem dúvida nenhuma eu acho que sim. Eu sou o mais apologista, acho que os rapazes têm que começar muito mais cedo do que as raparigas; ... as raparigas são muito mais seguras do que os rapazes ... e são muito mais espertalhonas que os rapazes (ri-se). É muito difícil responder a isso porque é generalizar e, sei lá, ... eu acho que os rapazes são muito mais para a tropa não é? E as raparigas não, são mais dóceis, mais calmas. No fundo resume-se a isso.
- 9) O filho? É! Para o pai tem bastante ... como é que se diz ... competição ... no fundo são dois homens ... eu

estou a falar dos mais velhos, estou-me a esquecer do T. ... e têm em relação às mães um relacionamento melhor, ao contrário das filhas.

- 10) As filhas estão sempre, como eu estive com a minha mãe e tenho a certeza que a minha filha está comigo e que eu estou com a minha filha, mulher contra mulher, e em relação ao pai não, mulher-homem, no fundo, não é? E isso sente-se, e eu acho que é ... eu com a minha mãe tinha imenso e ... está-me a fugir o termo ... confronto, percebe? Confronto, com o meu pai não tinha, eu adorava o meu pai. Também gosto muito da minha mãe, ela é viva ainda, e a minha filha, eu acho que com a minha filha sou exactamente aquilo que era com a minha mãe. Estamos sempre em confronto uma com a outra, eu sinto, mas ao mesmo tempo há imensas coisas em que somos cúmplices. No filho também há este confronto com o pai e em relação à mãe há, no caso do meu filho, e em relação a mim, ele tem imenso instinto protector, tem-me imensa ternura, e tudo, e ao meu marido já é mais complicado.

- 1) Acho que são diferentes. Acho que os pais impõem mais respeito, são mais ríspidos, acho um bocadinho. As mães tentam ser mas não conseguem tão bem, são mais brandas, mais emotivas.
- 2) Tudo. Fazemos os dois as mesmas coisas. Ajudamos os dois nos trabalhos da escola, damos os dois banho, ou dávamos quando eram mais pequenos, ajudamos a vestir, fazemos os dois. A única coisa que eu noto, e talvez porque tenha dois rapazes é que a parte das confidências é mais para mim do que para o pai. No entanto o pai é uma pessoa que fala bastante com eles, mas tanto com o D., como o A., no entanto eu noto que principalmente o D., a parte confidencial, tudo o que diz respeito a namoradas, brincadeiras mais de meninos da idade dele e já mais adultas ele conta muito mais a mim. Têm também tendência a brincar mais com o pai, isso sem dúvida.
- 3) Eu francamente não ... não ... como há muita partilha entre mim e o meu marido em casa, acho que a única coisa que ele não faz mesmo em casa é cozinhar porque não sabe. Eu não considero que haja coisas para homens e coisas para mulheres. É um facto que há coisas que os homens fazem mas eu estou a falar a nível de força, se calhar com mais facilidade que as mulheres. De resto não.
- 4) Eu não tenho filhas nem posso ter mais filhos, apesar de gostar de ter uma filha. Não faço ideia como é que seria com uma filha mas penso que iria ser exactamente igual como sou para o D. e para o A.. Se eu pensar no meu caso, a minha mãe achava que os rapazes deviam de não ter preocupações com a casa, não ter preocupações como o arrumar dos quartos, não ter preocupações ... tudo o que dizia respeito à casa era para as filhas. Eu não sou assim, de maneira nenhuma, eu digo ao D. e ao A. para arrumarem o quarto deles porque são eles que desarrumam.

- 5) Eu penso que ... acho que sim ... E acho que se o meu marido tivesse uma filha iria ser diferente. Acho que não ia ser tão exigente. Eu penso que há muita amizade da parte dele para com os filhos, até uma amizade muito de amigo, não tanto de pai para filho mas de amigo, mas acho que há muita exigência da parte dele. Ele quer que eles dêem sempre o melhor. E acho que com uma rapariga não ia ser assim, era talvez menos exigente, mais tolerante, mais ternurento, até.
- 6) Eu, pela minha experiência pessoal, portanto nós somos cinco irmãos, acho que as raparigas, involuntariamente, tendem mais a ter uma ternura especial pelo pai e acho que os rapazes tendem mais para a mãe. Não é uma coisa visível é uma ternura interior. Há sempre aquela tendência não sei se é o sexo oposto que atrai, mas há uma ternura especial pelo pai. Eu vejo isso, ainda hoje: eu gosto imenso dos meus pais dou-me bem com os dois, mas há uma ternura muito especial pelo meu pai, não sei porquê.
- 7) Olhe, quando nós éramos pequenos e tínhamos pouca idade, portanto eu estou a falar de mim e dos meus irmãos porque não tenho filhas em casa, não é? Acontecia uma coisa: não havia muitas diferenças no nosso procedimento porque a dada altura, nós temos muito pouca diferença de idade, e a dada altura as brincadeiras duns eram as brincadeiras dos outros. E até inclusivé os trabalhos de casa depois passaram a ser divididos: nós todos os dias cada um fazia as coisas da casa: arrumava a sala, arrumava os quartos, porque havia uma idade muito junta, não é? Não havia assim muitas diferenças entre nós. Agora o que eu noto francamente, e ainda hoje noto, ouço muito mais uma mãe dizer: "Catarina, vem arrumar o teu quarto" ou "Catarina, ajuda-me a pôr a mesa" do que oiço, por exemplo, dizer: "D. vem pôr a mesa". Até porque os rapazes esquivam-se muito mais a esse tipo de situações, estão sempre a brincar.

8) Acho que as raparigas têm sempre tendência para aquela parte feminina mesmo ... acho que isso é uma coisa que já nasce e que é orientado e que segue: a rapariga aprende cedo a ver a mãe cozinhar, a rapariga aprende cedo a ver a mãe a arrumar a casa, fazer as camas, varrer o chão, aspirar o chão, pôr a roupa na máquina, tudo para ela já é uma curiosidade mas acho que é um desenvolver que ... acho que, à partida, ela vai assumir isso como sendo o trabalho que ela vai ter mais tarde que fazer não é? Enquanto que acho que o rapaz pensa que, "se eu vejo a minha mãe fazer, é porque eu não vou fazer", não é? Porque eu vejo o meu pai chegar a casa, o pai possivelmente ... hoje em dia os pais já não são tanto assim, já não são tanto de sentar no maple e ler o jornal, possivelmente pegam no computador ou fazem alguma outra coisa, mas nunca vêm o pai chegar a casa que isso acontece em quase todas as casas, e pegar por exemplo no avental. Porque acho que as mulheres, chegam a casa e quase que não se sentam, não é? Pegam no avental, começam a fazer o jantar e pode surgir de vez em quando, a pergunta: "queres ajuda?". Mas é sempre aquela pergunta que já vem depois do jantar estar pronto. De maneira que eu acho que isso vai provocar, de início, na criança, uma tendência que, à partida, já está pré-concebida que "é isto que eu vou fazer: eu vou trabalhar e chego a casa e farei alguma outra coisa que não seja trabalhos de casa, não é?" E as raparigas, à partida, já parece que são vocacionadas que têm que ser donas de casa. Portanto acho que é isso, até a brincar com bonecas, nós não vimos uma criança pequenina, nunca vi, não estou a imaginar o rapaz pensar assim: "ai eu vou chegar a casa e vou ter que fazer não sei quê. Quando crescer vou ter que ser assim, vou ter que ajudar ... Não. Os rapazes, vê-se nas brincadeiras, na maneira de brincar, e é raro uma menina brincar com uma pistola, ou pedir no Natal uma pistola, nunca vi, nunca ouvi; normalmente recebem bonecas, porque

já há aquela parte, eu pelo menos lembro-me desde pequenina de ter aquela tendência maternal, e os rapazes gostam é de bolas e carros, e pistolas. Eu acho que é isso, as brincadeiras dizem muito.

- 9) Acho que sim, e inclusivé acho que há filhos que gostam mais do pai do que da mãe. Acho que há determinada altura da vida deles em que vêm o pai como um heroi e como um exemplo. O D. neste caso está com dez anos. O que o pai faz tem que ser perfeito e ele tem que fazer como o pai faz, ou pelo menos tão bom como o pai fez ou como o pai é, ou o que é que o pai vai fazer e há uma certa altura na vida, e eu tenho-me apercebido disso ao longo dos anos, o D. estava muito pegado a mim quando era mais novo e agora noto que à medida que tem ido crescendo vai-se pegando cada vez mais ao pai. Não a nível de confidências, de namoradas, porque ele pode achar que o pai acha isso uma parvoíce, e acha o D. muito novo e acha uma série de coisas, inclusivé até a nível de perguntas de carácter sexual. O D. comigo fala muito mais. Talvez porque o pai ache que o D. ainda não tem idade para saber, mas o D. sabe o que é a Sida, sabe o que é a droga, sabe o que é um preservativo, porque eu tenho feito questão de lhe explicar. E sem meias palavras. Porque acho que ele deve saber, acho que ele está numa idade em que já tem de saber de tudo isso, inclusivé porque vai mudar de escola, vai para uma escola totalmente diferente e eu tenho feito questão que ele saiba.

Mas por outro lado acho que o D. não me admira mais por isso. Acho que entende que o pai tem sido uma pessoa extraordinária, acha que o que o pai faz é optimo, ele tem imensa vaidade quando o pai diz "acabei de vir de dar as aulas", porque o pai dá aulas de computadores e ele fica cheio de vaidade: "e os alunos entenderam?" E foram bons? E tu fizeste? E aconteceu? E não sei quê. E até mesmo a nível de trabalho o pai agora está a trabalhar em

televisão, qualquer anúncio do pai que apareça na televisão, ele fica extaseado a olhar: "isto foi o meu pai que fez". No entanto nunca me pergunta como é que o meu trabalho correu, se correu bem, quais foram as minhas vitórias ou as glórias, ou se correu mal, ou se eu estou aborrecida; portanto eu acho que o D. vê o pai como uma pessoa que está fora de casa, que é muito bom, faz tudo muito bem e que é uma espécie de herói, quer dizer, "eu quando crescer eu vou ter de ser assim, como tu, porque tu és bom, tu controlas aviões, tu fazes anúncios para a televisão"; e depois há outra coisa também que é: é tudo palpável, também são tudo coisas visíveis, que ele vê, enquanto que o meu trabalho ele não vê não sabe o que é nem imagina. No que respeita a outro tipo de perguntas ele possivelmente acha que "se eu for perguntar isto ao meu pai ele vai achar que eu sou parvo". Porque é que eu vou fazer estas perguntas ao meu pai". É incapaz, se der um anúncio na televisão de um preservativo ele não pergunta ao pai. No entanto o pai sai da sala e ele diz-me: "o que é o preservativo?" Claro que eu explico-lhe e digo-lhe o que é que se passa e digo-lhe como é e digo-lhe tudo o que se tem passado, e tudo o que se passa a nível de droga, de Sida, porque é que as pessoas têm que usar o preservativo, e depois a atitude do pai é a seguinte: "mas porquê tanta explicação? Ele é tão novo. Tem tanto tempo para aprender isso tudo, ele vai aprender tudo isso" ... mas é assim que funciona.

- 10) Eu acho, como já lhe disse, que as filhas tendem a ter uma ternura muito especial pelo pai, involuntariamente, claro. Até mesmo a nível de confidências, fazem mais aos pais do que às mães. Eu falava muito mais com o meu pai, com a minha mãe bloqueava um bocado, entrava até às vezes em choque. Acho que há ali uma cumplicidade entre o pai e a filha, mesmo sem que a mãe se aperceba e acho que até às vezes surge um bocado de ciúme da parte da mãe. Porque é filha, não é? E como filha e como

mulher que um dia iria ser, não é? Depois há sempre um comentário do pai: "fulana está tão bonita!" e a mãe tem um bocado de ciúmes. Eu acho que isso acontece, porque os anos passam, a mãe vai, envelhecendo, as coisas modificam-se, não é? a vida muda, e eu acho que depois começa a haver um bocado de cumplicidade entre pai e filha e a mãe começa a sentir que é posta de parte. Então começa a haver um bocado de ciúmes: "porque é que tu te pintas?", ou "porque é que puseste esses sapatos?" ou "porque é que vestiste esse vestido?" Isso aconteceu comigo, aconteceu com a minha irmã, e havia sempre mais choques com a minha mãe.

- 1) Acho que são diferentes. Acho que as mães por tradição, por cultura, são mais sensíveis a observarem as crianças, porque estão mais tempo com elas. Normalmente como mulheres que são, têm uma maior sensibilidade para se aperceberem de pequeninas coisas das crianças. E acho que os pais são importantíssimos porque são um bocadinho os heróis deles, numa certa fase e que também são ... têm uma importância tão grande como a mãe mas talvez em fases diferentes. Talvez ... e acho que as crianças aceitam mesmo o pai e a mãe como eles são, como diferentes, como eles são a cada tempo: percebem que têm a mãe a determinada altura, que têm o pai a determinada altura, procuram o pai ou a mãe para determinadas coisas, tarefas, para determinados segredos. Procuram um ou outro de maneira diferente.
- 2) Eu acho que depende também dos rapazes e das raparigas. Como eu tenho rapazes e raparigas noto que também eles são diferentes, os meus filhos, nesse aspecto: portanto as raparigas procuram imenso o pai às vezes para se apoiarem em estudos, em coisas que elas sabem que o pai sabe melhor do que a mãe, e a mãe procuram um bocado talvez para contarem determinadas coisas, pedem imensa ajuda á mãe para fazerem chantagem ... não é bem chantagem, mas pedem para ir interceder junto do pai para poderem fazer coisas. Porque nisso, é verdade, o pai é talvez mais intransigente.
- 3) Acho que ainda hoje que os homens costumam fazer sobretudo coisas mais ligadas ao desporto e ao trabalho e que estão muito mais fora de casa e as mães mais viradas para dentro de casa. Também quer dizer, hoje em dia cada vez ... eu trabalho imenso, quer dizer, eu trabalhei sempre, mas tenho é que conseguir conciliar a casa com o trabalho, enquanto que o meu marido não tem, não é? Eu

também considero que o trabalho dele é mais importante do que o meu e isso para mim não me faz importância nenhuma. Quer dizer, não quero nada que ele faça as coisas que eu tenho que fazer em casa; primeiro acho que ele não foi educado assim, e percebo lindamente que não faça, mas acho que ele tem que participar muito mais ... quando tenho que tomar decisões relativas aos meus filhos, ou a mim, decisões importantes, então aí a opinião dele é importantíssima. E discutir determinadas coisas, sei lá ... problemas com essa minha filha do meio tive que a mudar de colégio, tive que ... quando decidi trazê-la para aqui lembro-me que o meu marido me disse: "Ah, mas isso a minha mãe é que decidia tudo, essas coisas todas". "Está bem, mas aqui não. Isto é uma decisão muito importante para ela e eu não sei decidir isto sózinha, quer dizer, acho que temos que tomar esta decisão os dois juntos, vamos discutir isso". E depois pronto, tudo bem, e veio para cá e ficou muito melhor, foi ótimo para ela, foi a decisão boa na altura certa. Mas foi fundamental a força do meu marido, e a opinião dele foi quase decisiva.

- 4) Acho que não. Acho que só é diferente na medida em que um rapaz e uma rapariga são completamente diferentes, e eu acho que aí mesmo entre os vários filhos, quer dizer, eu tenho duas raparigas e um rapaz e acho que sou diferente talvez com os três porque cada um tem a sua personalidade.

A educação foi a mesma e são personalidades totalmente diferentes, eu acho que tenho que tentar é estar atenta à personalidade de cada um. Ser mais exigente ou menos conforme.

- 5) Eu acho que o pai também, o pai muitas vezes talvez seja diferente com o filho mais velho. Isso noto que nós transmitimos e criamos e exigimos de um filho mais velho uma data de coisas, mais do que aos outros. Os outros depois já nos falta a paciência, já não são ... os nossos

sonhos todos ... nós pomos muito nos nossos filhos mais velhos todos os sonhos e aquilo que gostávamos que fosse e portanto exigimos muito deles. Damos muitas responsabilidades, às vezes demais. Os outros, acho que a coisa vai ... talvez por sermos mais velhos, outras vezes porque também aprendemos que se calhar não vale a pena ser-se assim, que se aprende imenso ... já não somos tanto ... é-se diferente.

- 6) Eu acho que os rapazes são muito mais afectuosos com as mães do que as raparigas ... não sei, elas são mais afectuosas para os pais, talvez.
- 7) Acho. E acho, desde sempre reparei que, desde que nasceram ... o comportamento das raparigas é diferente do comportamento dos rapazes, de facto. Não é por acaso que eles começam a pegar imediatamente num carro. São muito mais mexidos. Era muito mais mexido do que elas, tinha atitudes de rapaz ... olhava para uma bola de futebol como elas nunca olharam. E isso não é porque eu lhe desse uma bola de futebol, não é porque o meu marido, que adorava futebol, lhe dava uma bola de futebol, acho que é deles. Elas são mais calmas.
- 8) ... Uma rapariga está horas agarrada a um telefone, eu também estou a pensar em idades mais velhas ... e os rapazes não estão, não ligam nem pouco mais ou menos a esses pormenores, é muito mais meia bola e força, são muito mais ... mas nalgumas coisas, talvez, elas são mais teatrais. As raparigas são mais teatrais do que os rapazes. Os rapazes são mais pão-pão queijo-queijo. E as raparigas para mim são mais problemáticas, de dentro, mostram menos, quando têm problemas são mais complicadas do que os rapazes. Os rapazes, pronto têm, problemas, e nós ... temos o problema de feitio, é malcriado, mas aquilo ... tem aquela fúria naquele minuto, tem aquela fúria e é malcriadíssimo ... mas depois eu tenho que lhe dar uma bofetada, um ... e elas o comportamento delas geralmente mete-se muito mais para dentro, não deita

tanto cá para fora, são mais sensíveis é mais difícil de eu perceber exactamente o que é que se passa, e talvez possa por isso ter consequências mais chatas, na vida delas e na educação delas do que um rapaz que explode ali e o assunto passa, está resolvido, quer dizer ... E às vezes resolve-se com um castigo, ou com uma boa bofetada na altura certa, que eu acho que é fatal na altura certa (ri-se).

- 9) Acho que para um pai um filho rapaz é sempre importantíssimo. (Q) Acho que sim, que fala com o pai de diversos assuntos, e discute assuntos mais relacionados mais entre homens, e sei lá, ... cotoveladas, por exemplo, vê uma coisa na televisão porque está-se a rir duma coisa qualquer que viu na televisão. Quer dizer, eu acho que têm umas certas cumplicidades com o pai que não têm com a mãe. Com a mãe têm outro tipo de cumplicidades. Por exemplo, ter feito uma asneira e "por tudo, não conte ao pai", a filosofia de não sei de quê (ri-se), vem dar muitos beijinhos pedir muitas desculpas, e dar muitos beijinhos para depois não contar ao pai porque com o pai ... o pai é sempre talvez a pessoa mais autoritária, representa sempre a pessoa que tem mais autoridade, a quem também a mãe, eu acho, que recorre imensas vezes para usar dessa autoridade quando nós já estamos fartas, já não sabemos o que é que havemos de fazer.
- 10) Acho que também é diferente. Também me pedem imensas coisas a mim para eu depois ir pedir ao pai, ou vêm primeiro sondar qual é a minha opinião porque sabem que geralmente eu depois converso com o meu marido. Ou mesmo sem conversar a opinião acaba por ser a mesma. Portanto, elas sabem que o acesso ao pai é mais fácil pela mãe. Isto para discutir assuntos que elas consideram que estão no risco ... delicadas e que se calhar vamos dizer que não, por isso vêm primeiro fazer à mãe.

- 1) Acho que são diferentes. Acho que as mães vão mais ao encontro do coração dos filhos e os pais vão mais pelo exterior, pelo geral, pelo aspecto geral que querem dar no ambiente de casa, impõem-se mais. Não quer dizer que não possam fazer isso, mas têm que ser um bocado chamados à atenção. É a minha experiência ...
- 2) Com os filhos ... sei lá, além do brincar, tanto um como outro, depende um bocado, acho que a mãe brinca mais em casa e o pai fora de casa. Dentro de casa, dão-lhes o jantar ... acho que é mais da mãe. Em minha casa há uma coisa que o pai faz que não sei se faz nas outras, mas há muitas que faz que é ajudar o banho. O B. já não está muito em idade mas o pai continua a tomar conta da casa de banho, das saídas e das entradas. Nos estudos é mais a mãe, depois também depende um bocadinho da disponibilidade do pai e da mãe, no meu caso sou eu. Quando estão doentes também é mais a mãe que toma conta; penso que o pai impõe mais o respeito, pelo menos obedecem-lhe mais rapidamente, acho que uma voz de homem tem muito mais impacto para as crianças obedecerem mais depressa (ri-se) e os pais todos usam um bocadinho, às vezes abusam dessa autoridade, dessa obediência que eles acham que é muito mais fácil com eles, que as mães nunca sabem.
- 3) Eu penso que as mulheres têm uma maior preocupação pelo relacionamento com as outras pessoas, procuram dar-se bem com as outras pessoas, conviver e ajudar e penso que os homens hoje estão mais preocupados com o seu trabalho, com preocupações mais materiais, com a organização geral da vida, dum bom emprego e uma boa casa, enquanto que a mulher às vezes consegue abdicar de certos confortos para que as coisas corram melhor noutros aspectos sem ser o aspecto material, penso eu. Têm mais espírito de

sacrifício que os homens. O que é que fazem, de fazer, fazer, acho que depende um bocadinho.

- 4) Diferente tem que ser sempre um bocadinho não é, porque está a tratar duma rapariga em vez de um rapaz, só na maneira de vestir e tudo é logo diferente, e os rapazes também depende um bocado dos filhos porque há filhas que se preocupam imenso em determinadas coisas que as raparigas às vezes não se preocupam e o inverso também se dá, depende um bocadinho do rapaz e da rapariga. Mas assim o geral eu penso que é igual.
- 5) Não, o pai acho que não (ri-se). Mas é que o meu caso é diferente que eu só tenho uma rapariga. Eu acho que o pai tem uma atenção especial de carinho, isso também para os filhos, mas (alguém interrompe). Bem se tiver uma só filha também é um caso diferente. E às vezes depende de filha para filha. Se a filha for toda feminina e for toda menina, eu acho que a trata ... tem sempre mais atenção com ela, até tem uma certa admiração, porque é mulher. Eu acho que eles têm sempre uma certa admiração e ainda por cima como vem deles, pronto tratam-nas de maneira diferente. Eu não estou, eu não estou ... isso não é só o meu caso, estou a pensar em mais, pronto. Agora se for única ainda é pior não é? Para os filhos tenta fazer um bocadinho à imagem dele, é mais exigente com eles.
- 6) Não, da minha experiência acho que não. Eu tenho 4 rapazes e há uns que se dão exactamente como ela e outros que se dão doutra maneira mas acho que tudo depende do temperamento. Acho que eles quando se apercebem que ou o pai dá mais atenção às raparigas ou ... se a rapariga se apercebe disso é um caos perfeito. Se se apercebem que a mãe dá mais atenção a algum ou dá mais ... sei lá, consentimentos a alguns, aí a relação começa a ser diferente, mas só depois de se aperceberem disso.
- 7) Isso lá em minha casa é totalmente diferente: Os rapazes gostam de lutas, de jogar à bola, alguns de ver televisão mas isso também é comum a rapazes e raparigas, no resto

das coisas penso que são iguais, em mimos, em atenções, penso que ... alguns gostam outros não gostam, não tem nada a ver com ser rapaz e rapariga. A filha gosta de brincadeiras de bonecas, mas isto é em minha casa, eu sei que há umas que não gostam. De escrever, de estar sentada, de coisas mais sossegadas.

8) Os rapazes, vejo pelos meus filhos, foi o que eu já disse.

9) Não.

10) Não, também não.

- 1) São diferentes. Acho que as mães sabem ouvir melhor, sabem perdoar mais; os pais são mais rigorosos, têm mais disciplina com eles; nós não, nós quebramos mais um bocado.
- 2) Isso não sei. As coisas são as mesmas. Só se for jogar à bola com o pai. Quando saímos saímos todos; só quando eles vão assim jogar à bola é que vão todos e eu fico, de resto a gente sai sempre todos.
- 3) Se falar por mim, eu faço as coisas que me competem em casa e ele trabalha fora. Já trabalhei, mas ele não ajudava ... acho que nunca foi motivado para ajudar, por isso não consegue, acha que é suficiente trabalhar fora e pronto, e depois era pesado para mim e por isso não trabalhei mais.
- 4) Não sei, não tenho filhas. (Q) Eu não sei, eu fui a mais velha e como fui a mais velha e nunca dei razões para a minha mãe me bater nem nada, acho que ... não sei., e como quando casei os meus irmãos eram todos mais novos do que eu, e agora depois de eu sair de casa é que eles cresceram também não sei, mas eu acho que a ligação entre mãe é a mesma coisa.
- 5) Talvez tenha mais cuidados com a filha do que com o filho; o filho não tem tanto medo que ele saia, e a filha é sempre aqueles cuidados, anda na rua e não sei quê. É essa a diferença; vejo pelo meu pai, porque pelos outros, não sei.
- 6) Não sei. Não conheço assim ... não sei. Aqui a família do meu marido só tem é rapazes praticamente, só uma irmã é que tem uma menina. Na minha família, como eu lhe disse já, os meus irmãos eram todos mais pequenos, eu saí de casa e eles cresceram já longe de mim e agora aqui assim por perto não vejo ninguém.
- 7) Agora se tivesse uma filha mandava-lhe fazer as mesmas coisas que mando fazer ao filho, porque eu mando os meus filhos; simplesmente talvez as filhas não digam aquilo que eles dizem, porque eles por vezes dizem assim: "Eu não sei nenhuma menina.", mas eu faço da mesma maneira: se é para mandar lavar a loiça lava a loiça, se é para limpar o pó mando limpar o pó. O mais velhinho é que às vezes já diz. " Eu não sou nenhuma miúda" e não sei quê. Eu digo "não és nenhuma miúda mas tens obrigação de ajudar a mãe"; por isso eu acho que as mesmas coisas

manda-se fazer a uma menina manda-se fazer a um menino. Eu acho que sim, se tivesse uma menina fazia igual.

- 8) Os rapazes jogam à bola, brincam com carros. Eu se tivesse uma menina e um menino saberia responder melhor. Elas, sei lá, brincam às bonecas, brincam com outras miúdas. ... As brincadeiras agora eu acho que já não estão assim muito diferentes ... antigamente tinha mais aquela coisa que era as meninas e os meninos, as meninas não podiam jogar à bola, os meninos não podiam fazer certas coisas mas agora não; eu não sei porque não tenho uma filha, já lhe disse; mas se tivesse, se ela quizesse ir jogar à bola com os rapazes eu não me importava.
- 9) O filho brinca mais com a mãe, levam as coisas mais a brincar e com o pai não. Com o pai, o que o pai diz faz-se, com a mãe não.
- 10) A filha deve ser a mesma coisa, acho que é a mesma coisa. Têm mais respeito ao pai. Não sei porquê mas têm mais respeito ao pai.

- 1) Penso que não há assim uma grande diferença, pelo menos nós; na relação que temos com os filhos, na maneira ... é mais ou menos igual.
- 2) Eu, em relação aos meus filhos, dou-lhes mais o apoio nos estudos, em casa. O pai, como é uma pessoa que gosta muito de desporto anda com eles ... o D. é uma criança que até acompanha muito o pai ... quando ele joga vai muitas vezes vê-lo jogar ... é assim um acompanhamento de homem para homem. Com a J. também, não há assim uma discriminação pai filha isso acho que não há.
- 3) É difícil, não sei ... assim à primeira ... o cozinhar é típico das mulheres, não vejo assim outras coisas ... sempre que possível ajudamo-nos um ao outro. (Q). Eles ... assim em casa não estou a ver ... sair com eles, saí muito mais, é que vão jogar ténis e isso ... eles dizem: "mãe queres ir jogar comigo?" e eu digo "olha, pede ao pai". É assim, nesse aspecto. Em casa não vejo assim mais nada.
- 4) Acho que não.
- 5) Penso que também não.
- 6) Penso que não. A relação é idêntica, embora se note uma certa diferença, ele é muito calado. Mas essa timidez tanto é para mim como para o pai. Ele é diferente dela, mas eu acho que é uma questão de feitio e não por ser rapaz.
- 7) O Diogo joga à bola, brinca muito com os amigos. Ela dedica-se mais à leitura e a ouvir música; é assim isso.
- 8) Eu penso que não há assim uma discriminação, isto é para rapaz isto é para rapariga porque às vezes eu digo: "J. vai fazer a tua cama, D. vai fazer a tua cama". Penso que não há ... de resto ... ele joga muito à bola, mas ela às vezes também joga com ele, com os amigos e por ela ser rapariga não lhe vou dizer não jogas, por isso não estou a ver ... de uma maneira geral ... pelo menos

eu falo pelos meus filhos ... nos outros, pelo que vejo, especialmente na idade dos 8 ... eles fazem grupinhos ... as raparigas ouvem música, são mais calmas, não sei ... vê-se assim mais que o futebol é para rapazes não sei.

- 9) Penso que não, pelo menos no meu caso, acho que não.
- 10) No caso dela talvez. Ela com o pai acha que há assim uma certa disputa, às vezes ela e o pai ... mas acho que é capaz de ser este caso, sem generalizar; Ela põe-se mais em despique com o pai, ela tem um feitio um bocado difícil, é talvez mais ligada a mim.

- 1) Acho que são diferentes. Acho que a mãe compreende melhor os filhos do que os pais. Os pais como estão com eles menos tempo são capazes de ver duma maneira diferente, são mais rígidos. A mãe é mais agarrada aos filhos, penso eu.
- 2) O pai gosta mais de passear com eles ao fim de semana, a mãe acho que gosta mais de estar com eles, em casa, ensiná-los a fazer isto, a fazer aquilo, acompanhar nos trabalhos da escola, também é importante. O pai é mais, vá, brincar, a mãe é mais estar em casa, ensinar a fazer outras coisas.
- 3) Normalmente o homem trabalha, não é? A mulher agora também trabalha, mas, não sei, a mulher trata da casa, trata dos filhos, não é? O homem é mais virado para fora de casa, embora também ajude. Mas acho que é mais para coisas fora de casa. A mulher é mais para tratar dos filhos, para limpar a casa, também para trabalhar, não é? Acho que é isto.
- 4) Não, acho que não. Eu só tenho um filho, mas acho que se tivesse uma filha agia da mesma maneira.
- 5) Acho que o pai talvez fosse já diferente. Porque o pai se o filho fôr um rapaz, gosta de andar com ele ir com ele para o futebol, ir com ele brincar; se for uma menina já se sente um bocado deslocado. Gosta mais que ela esteja em casa com a mãe, a fazer as coisinhas que a mãe faz.
- 6) É um bocado difícil para mim ... eu falo enquanto eu fui, vá, antes de casar, não é? A maneira como eu reagia. Acho que eu e o meu irmão eramos iguais em relação aos meus pais, mas os outros não sei.
- 7) e 8) Bem os rapazes gostam de jogar à bola, não é? As meninas gostam mais de brincar com bonecas, de saltar à corda e os rapazes gostam mais de outras coisas, gostam de ouvir música, gostam de jogar futebol.
- 9) Não, penso que não. O meu pelo menos não é, é igual.
- 10) Não, também acho que não. Acho que é igual. Eu pelo menos sempre fui igual para o meu pai e para a minha mãe. Depende também da maneira como são

educadas, não é? A maneira delas serem educadas também vai influenciar a maneira delas verem o pai ou a mãe.

M31N

- 1) Eu acho que sim. Bom, o meu marido é muito bom, muito amigo dos filhos. Só que realmente não sei, a mãe gosta mais, acho que gosta mais a mãe do que o pai. A mãe gosta muito mais dos filhos do que propriamente os pais. Não sei ... Eu gosto muito dos meus filhos e eu sei lá ... eu dava tudo por eles. E o meu marido, como ele, pai, eu acho que ele, também, ele dava tudo. Só que realmente às vezes a gente, quer dizer, as mães têm mais tendência para dar sempre uma palmada do que os pais. Eu sou assim, qualquer coisa: "Toma, (ri-se), uma palmada". Aquilo não dói nada. Mas quando o pai lhe bate, isso é que ele ... é que ele treme todo. Ele bate pouco, não é? mas quando bate é a valer. Dá palmadas e fortes. Então ele quando o ~~pai~~ vai para lhe bater "Ó pai! Ó pai! Desculpa! Desculpa!" É isso o pai põe mais o respeito do que eu.
- 2) Quer dizer, eu acho que faço mais, sim, faço mais que o pai. Eu faço tudo. Falo com ele, ele procura-me qualquer coisa, alías, pois ele procura-me qualquer coisa eu tento explicar-lhe, e dizer-lhe que não faça isto, não faça aquilo, isto não está bem, isto assim, isto assado. Eu falo mais com ele do que propriamente o meu marido. Bem, também estou mais em casa do que ele. O meu marido também tudo o que ele puder explicar ele também explica, e fala, e ajuda. Isso o meu marido brinca mais com ele. Joga à bola, eles fazem coisas, eu sei lá (ri-se). Isso o meu marido tem mais coisa de brincar com ele do que eu. Tem mais paciência, não sei, não é paciência, não sei. E ele gosta muito de brincar com o pai, mas só que eu não gosto que eles brinquem porque em geral dá ... eu já tenho visto vários filhos com os pais e em geral fica sempre a chorar porque se aleija (ri-se). Ele bate no pai, depois o pai não quer que ele bata, porque é a mania de que lhe falta ao respeito ou qualquer coisa, e na brincadeira acaba sempre por chorar. E eu não gosto nada que eles brinquem ... Mas ele gosta muito de brincar com o filho e ele gosta muito de brincar com o pai, também.
- 3) Bom, quer dizer, a gente faz coisas que os homens não fazem, não é? Por exemplo, sei lá, limpar a casa, tratar dos filhos, fazer comer, que os homens não fazem, alguns; eles trabalham fora de casa, pronto. Pelo menos o meu marido não faz nada em casa.

- 4) Eu acho que não. Eu pelo menos não. É a mesma maneira, gosto tanto de um como gosto do outro (Q) acho que não.
- 5) Bom, o meu marido agora é. É diferente para o filho do que é para a filha. Porque, sabe, eu acho que ele é uma pessoa que ... não sei ... "é que a filha já é crescida, e que a filha já devia de procurar a vida dela, e que a filha já devia de ser independente e que não havia de estar ao pé dos pais" e isso tudo. O miúdo, será por ele ser mais pequeno ou será por ele ser rapaz, talvez. Eu acho o meu marido diferente da filha para o filho. Gosta se calhar mais do filho, ... gosta num sentido, por causa dele ser mais pequeno e de ser um rapaz, mas quando ela era da idade dele ele adorava a filha, também. Agora é que já, realmente, qualquer coisa mesmo que ela diga ele começa logo a barafustar com ela, começa logo. Às vezes eu evito qualquer coisa por causa que ele salta logo em cima, não é? Já para o filho não. Não sei, não sei se é por ser ela já ter idade ou qualquer coisa, não sei porquê.
- 6) A minha filha é diferente do ... pelo menos ele, ainda é pequeno, não sei. Mas a minha filha é diferente, a minha filha gosta mais de mim do que do pai (ri-se). Ele que não esteja aqui a ouvir isto (ri-se). Qualquer coisa que coiso ele salta logo em cima. Ela não pode que o meu marido lhe diga qualquer coisa. Ela gosta mais de mim do que do pai. Já ele brinca mais com o pai.
- 7) O filho quer dizer ... bom ... a filha, quer dizer ... ela, não faz diferente, não faz diferente. Olhe ela é muito sossegada, ele ... não acho diferença, a ele e ela não acho diferença um do outro.
- 8) Eu acho que tanto a rapariga como o rapaz agora é tudo igual, só que ... só menos por exemplo fazer crochet. Ela faz, o rapaz já não faz isso. O rapaz, por exemplo, joga à bola, ela era mais as bonecas.
- 9) Eu acho que sim. Não sei, eu acho que é diferente o filho para o pai, da mãe para o pai ... não sei ... porque ... quer dizer, ele é diferente porque a mãe ... ele, o meu filho, diz coisas para o pai que não diz para mim. Aliás, fala, não é? diz, fala em coisas que ele não fala comigo. Já coisas assim de homens, já fala assim, que não fala para mim. Por exemplo, ele diz assim: "Ó pai, olha, vi ... tu tens uma pila como a minha. Tu és homem como eu". (ri-se). Assim certas coisas que ele diz. "Já a mana não tem, a mana não tem pila" (ri-se). Assim coisas que ele fala com o

pai que não fala comigo. Comigo não fala nisso. Ele comigo não fala nem pila nem em ... Por exemplo, ele no outro dia dizia assim: "Ó pai, vi-te a pila!" Mas já ao pé de mim não diz isso, ao pé de mim já não fala disso. A mim às vezes diz que tem uma namorada, diz que tem namoradas, que namora esta, que namora aquela, mas não fala mais nada.

- 10) Diferente ... diferente vá lá, ela fala mais comigo do que fala com o pai. Certas coisas que tem fala mais comigo do que fala com o pai. Ou qualquer problema ou assim, ela fala para mim o que não fala para o pai. É isso. Para o pai ela já não tem certas conversas que tem comigo.

M33N

- 1) Acho que são diferentes. Eu sou mais exigente. O meu marido tem mais paciência para o M., talvez, é mais condescendente e acho que às vezes até é demais. E eu acho que sou um bocadinho exigente demais, confesso. Talvez por estar mais em contacto com ele, porque o meu marido está sempre fora de casa. ...Às vezes chega a casa e diz "estas tão alto!". Talvez seja por isso. E depois tenho impressão que tem a ver com a minha profissão. Talvez traga um bocadinho da disciplina da escola aqui para casa.
- 2) O vestir, o alimentar, o segui-los no dia a dia. O meu marido é outro aspecto. É mais o jogar com ele, é mais o divertimento, a parte de divertimento é mais o pai.
- 3) Isto agora já não há bem muita diferenciação. Antigamente é que ... por exemplo na casa do meu pai era totalmente diferente de agora da minha casa. O meu pai trabalhava e pronto, era isso. Fora de casa, não é? O trabalho normal. O meu marido não, se está em casa ele é que faz as camas, ele é que vai às compras, muitas vezes, por exemplo, se está ele é que vai buscar o pão para o pequeno almoço, arranja o pequeno almoço e tudo. Por isso vê, aqui em casa não há muito essa distinção.
- 4) Acho que é. por exemplo na minha casa eu tive um irmão e havia essa diferença. O filho às vezes podia sair e se fazia certas maldades iguais às das irmãs ele era perdoado e às vezes as irmãs não. Eram mais exigentes com as filhas, talvez, mais rigorosos, lá em minha casa.

- 5) Também é diferente. É a mesma coisa. Mas isto é a minha experiência, a minha educação, o que foi.
- 6) Acho que também é diferente. Olhe, eu não sei bem. Mas talvez seja diferente, não sei bem ... talvez ... por exemplo, o meu irmão era mais chegado à minha mãe, acho que era. Mais as vontades e isso tudo, era a mãe. Eu talvez mais ao meu pai. Agora não sei como é que é. Os rapazes e as raparigas agora já estão mais livres, já saiem mais. Não sei.
- 7) A filha acho que ajuda mais. Eu vejo pelas minhas alunas, às vezes faço certas perguntas, as meninas gostam mais de ajudar, ajudam em casa, a mãe. Os rapazes gostam mais de ajudar o pai. Os pais às vezes têm mais profissões que os filhos possam ajudar.
- 8) É que ... muitas vezes as pessoas ainda têm a ideia do que é próprio de rapaz e de rapariga. Por isso, as meninas ajudam mais no serviço domésticos e os rapazes o pai. Sem ser isto, talvez as raparigas estudem mais, sejam mais estudiosas que os rapazes.
- 9) Talvez tenha mais respeito ao pai. Cá em casa não. É o contrário. Esta mais à vontade com o pai.
- 10) Acho que a filha é mais aberta com a mãe, talvez converse mais com a mãe, exponha mais os problemas do que ao pai.

- 1) Acho que são diferentíssimos. Acho que as mães têm uma relação muito mais difícil com os filhos e filhas porque têm um desgaste muito maior com os filhos do que os pais. E os pais são um bocadinho a autoridade; chegam a casa, estão ali dez minutos com as crianças e se há qualquer problema resolvem em três tempos e sabem que as crianças lhes obedecem. Nas mães há muito mais desgaste e muito mais luta, muito mais desgaste da relação do que com os pais.
- 2) A mãe acompanha-os em tudo. Por exemplo eu em relação aos meus, saio de manhã com eles, deixo-os nos colégios e eu trabalho mas tenho um horário que é as seis estou sempre com as crianças, todos os dias, nunca trabalho depois das seis para estar com eles e por isso, lá está, faço desportos com eles, jogo ténis com eles, ao mesmo tempo que eles, noutro campo, mas faço isso; trato das coisas todas com eles. Os pais, é o que eu dizia antes: é um bocadinho a relação de autoridade, mas há muito menos acompanhamento.
- 3) Eu acho que hoje em dia isso é um bocado relativo porque hoje em dia toda a gente faz de tudo, não é? Mas eu acho que continua a ser um bocado o papel da mulher é acompanhar os filhos, estar com eles, segui-los, o mais que puder. Embora ache que não deva de todo de deixar de ter a sua vida e de trabalhar porque os filhos crescem e depois adeus, e a gente fica completamente sem nada que fazer. E dos homens acho que continua a ser um bocado trabalhar para manter um nível de vida bom para a família, o melhor possível.
- 4) Talvez. Acho que a mãe continua a ter um bocado, ... quer dizer ... tentar fazer menos diferenças possíveis hoje em dia, mas acho que continua um bocado a puxar sempre mais para a rapariga para a ajudar, para fazer, para

acontecer, está a ver? Sempre. Não é consciente, mas acho que continua a fazer isso inconscientemente e a dar tarefas diferentes aos rapazes. Embora eu ache que isso cada vez mais vai mudar e eu, por exemplo, ponho os dois a fazer a mesma coisa, embora ele refile muito mais e acha-se no direito de refilar que ela não acha. Ela obedece muito mais facilmente do que ele. E se calhar eu, por isso, às vezes insisto menos com ele. Os dois arrumam o quarto, os dois fazem a cama, mas por exemplo, pôr a mesa, ele ajuda se quer, porque mesmo se for obrigado vai mesmo já no limite ...

- 5) No caso do meu marido não noto imensa diferença, embora ache que a minha filha leva-o melhor do que ele. A M. ... o meu marido, é mais condescendente com a M. do que com o B., mas sem dúvida nenhuma. Acho que ele com o B. é muito mais radical. É frontal com o miúdo e ... acho que é radical, como lhe digo, na educação. Pode ser por ela ser rapariga, mas também pelo feitio dela, porque a M. tem um feitio muito fácil e que leva as pessoas com muita facilidade, por isso não sei ...
- 6) Acho que sim. São diferentes ... Acho que as filhas mais facilmente têm igual respeito pelos pais e pelas mães, com mais facilidade, sem ser preciso impor, são mais meigas. Os filhos ... o pai impõe-se e o assunto está resolvido, e com as mães chocam. Não há dúvida que os rapazes, há uma idade ... principalmente agora nesta idade destes miúdos, portanto nove - dez anos é a idade da afirmação e acho que é uma idade difícil.
- 7) Os meus fazem mais ou menos a mesma coisa: a nível de desportos, jogam os dois ténis, estão os dois na natação, estão no mesmo colégio, têm feito mais ou menos sempre o mesmo tipo de vida.
- 8) Elas têm a parte de bonecas e não sei quê que continuam a adorar que eles não ligam nenhuma. Acho que eles estão muito mais ligados aos jogos, àqueles nintendos e não sei quê do que as raparigas. Acho que elas apesar de tudo ...

por exemplo eu tenho um rapaz e uma rapariga e digo-lhe ela não joga de todo nesses jogos e ele joga imenso e se pudesse só jogava. Ela vê pouca televisão ele vê imensa televisão. Ela lê ele não lê. Portanto estão aqui diferenças completamente básicas.

Eu acho, pelo que vejo, que os computadores é uma coisa mais de rapazes. Aliás tenho dois irmãos pequenos, também um com dez anos e uma com seis, e ele é a única coisa que faz e que brinca é com os computadores, a televisão e os jogos.

- 9) Eu acho que o B. tem mais facilidade de falar com o pai assim coisas íntimas dele. Digo-lhe um caso: um disparate que ele tenha feito enorme é capaz de contar mais facilmente ao pai do que a mim. No dia a dia acho que muito mais depressa se relaciona comigo, se tem uma dificuldade, se precisa de uma ajuda, se precisa de alguma coisa vem falar comigo. Para contar lá as suas coisas vai mais ter com o pai. Embora comigo, é como já lhe disse, há mais choque, há muito mais desgaste.
- 10) Acho que são diferentes. Acho que connosco têm um bocado uma relação de companheirismo, com as mães, que acham que são um bocadinho iguais a nós, ou vão ser um bocadinho iguais a nós, e tentam acompanhar e aprender connosco. É uma relação muito mais próxima. Em relação aos pais, acho que têm imenso respeito por eles e acho que tentam um bocado fazer imenso charme e conseguir as coisas que elas querem, mas também é a tal coisa, quando o pai diz que é assim, o assunto está arrumado.

- 1) Não, são diferentes. Têm que ser. Eu posso falar pela minha experiência pessoal e por aquilo que tenho observado, duma maneira geral, as mães são mais moles, no tratamento das crianças; em relação aos filhos são mais sentimentais, deixam-se levar mais pelas coisas que eles dizem. Os pais não, são mais rígidos, pela minha experiência pessoal, como filha, como mãe e como observadora de outros casais, vejo isso.
- 2) O quê, especificamente não sei. Sei é que em determinadas situações em que se tem que manter uma opinião que se contraria a criança, talvez o pai mantenha a maior parte das vezes a sua posição de negar alguma coisa à criança, até ao fim. Enquanto a mãe a determinada altura é capaz de dizer, pronto, está bem, acabou, tens razão, faz lá isto ou faz lá aquilo.
- 3) Eu considero que, no dia a dia, no que diz respeito a profissões, penso que hoje em dia as mulheres têm acesso a quase tudo, mas não têm acesso a tudo. Eu sei que não têm. Mas penso que duma maneira geral têm acesso a muita coisa já que antigamente não tinham: cargos políticos importantes, e nas empresas, e isso tudo, eu penso que sim, que têm acesso a quase tudo. No dia a dia da vivência pessoal em casa, no meu caso pessoal, as coisas mantêm-se como na geração dos meus pais: a mulher tinha as tarefas da casa, e dos filhos, aquelas coisas que é normal dizer "ah isso são coisas de mulheres" e o homem tem coisas de homem, não é? Vai para o emprego, vem do emprego e não tem mais nada a fazer. Já trabalhou ...
- 4) Como mãe não lhe posso responder a essa pergunta, porque não passei pela experiência de ser mãe de uma filha, ainda. Mas espero vir a ser. Eu penso, assim à distância eu penso que não. Eu penso que vou reagir, um dia que tenha uma filha, eu penso que vou reagir de maneira

idêntica. Pronto, tanto quanto possível. Porque há coisas que dizem mesmo respeito aos rapazes e outras são às meninas. Mas eu penso que em termos afectivos, acho que não vou fazer diferença absolutamente nenhuma.

- 5) Ai sim, porque ele diz declaradamente que sim. Aliás, porque diz que os rapazes não podem ser mimados, por muito que nos custe, não podemos mimá-los e não podemos fazer-lhes as vontades todas, não podemos tratá-los como se fossem umas meninas, não é? Mas isto é a opinião do meu marido, que ele ... pronto ... ainda tem ... continua ... tem a mesma mentalidade da geração por exemplo dos meus pais. O meu marido, segundo ele, sim, ele seria diferente, a atitude dele; ele mesmo diz que gostava de ter uma filha para mimar, para dar colinho, para aparicar, para dar maminhos, essas coisas.

Eu acho que tanto ia dar maminhos à minha filha como dou ao meu filho. Ele diz que seria menos exigente com uma filha, na prática não sei.

- 6) Pois lá está, eu como mãe, não lhe posso responder porque não sei como seria com uma filha minha. Mas por aquilo que eu observo nos outros eu dá-me a sensação que sim ... Eu vejo que os rapazes ... tanto os rapazes como as raparigas, até determinada idade estão muito ligados à mãe. E a partir aí talvez dos sete, oito anos, é que talvez se dê uma divergência: em que os rapazes se começam a ligar muito ao pai, a querer acompanhar, a querer imitar o modelo do pai e em que as meninas querem acompanhar o modelo da mãe.

- 7) e 8) Posso-lhe responder, sei lá, pelas minhas alunas. Até aos sete/oito anos eu penso que eles fazem ... geralmente ... duma maneira geral eles fazem a mesma coisa: gostam de ir para casa uns dos outros, independentemente de ser rapaz ou de ser rapariga, gostam de dormir em casa uns dos outros, têm o mesmo tipo de brincadeiras, excepto a brincadeira das bonecas, que eu acho que isso aí os rapazes são raros aqueles que aceitam

brincar com a boneca, e fazer apenas coisas e brincar com os tachinhos e panelinhas. De resto penso que elas brincam à bola com eles, às vezes, e fazem tudo o que eles fazem duma maneira geral. Eles é que não fazem tudo o que elas fazem. Depois, aí por volta dos dez anos, as coisas começam aí então a tomar cada um a sua forma especial.

As raparigas tomam aquela atitude de menina mais crescida, e aqueles cuidados ... aquelas vaidosisses delas, não é, e os rapazes já têm aquela atitude de "eles são rapazes, as raparigas para o lado" ... embora eu note que o meu filho, foi uma coisa que ele sempre fez, desde muito cedo, foi separar as raparigas. As raparigas para ele não não servem para nada. As raparigas só servem para chatear, como ele diz. As raparigas só servem para chatear, não servem para mais nada. Ele tem um grande amigo, que tem uma irmã ... que inicialmente, quando eles começaram a amizade, a S. acompanhava-os sempre. Mas passado para aí quê, um ano, ele começou a afugentar a S., que foi um disparate. Era do género: o amigo tocava à porta e a primeira coisa que ele perguntava era: "a S. vem contigo? Se vem, diz já que não sobe". Pronto, para ele as raparigas são um fardo. Eu até lhe costumo dizer: "olha, trata bem as raparigas agora porque ainda vais precisar delas um dia. Mas ...

9) O meu é. O meu é sem dúvida nenhuma. Há alturas então em que eu acho que ele fala comigo como se fosse da mesma idade: ele exige de mim, ele fala com uma autoridade comigo, como se estivesse à minha altura. Com o pai ele não faz isso. É claro, comigo faz, mas é chamado à atenção e pronto, reage, põe-se no lugar dele. Mas noto, e quando ele vem pedir uma coisa ao pai, sabe que precisa mesmo da autorização do pai. Para aquilo que ele quer, ele é muito mais cuidadoso, rodeia muito mais os assuntos do que comigo.

10) Não sei. Eu como filha, eu penso que não sou um modelo,

a minha situação como filha penso que foge um bocado à norma daquilo que eu oiço dizer sobre as outras pessoas. Porque aquilo que eu consigo dizer é que as meninas ligam muito ao pai e acompanham sempre o pai, e têm uma paixão pelo pai ... o pai assim, o pai assado ... e o pai pelas meninas. E observo um bocado isso realmente, que as pessoas dizem. O meu caso pessoal não foi assim. Não sei porquê, porque o meu pai tinha muito pouco tempo para nós, porque talvez não desse às raparigas aquele valor que deveria dar, o meu irmão é mais novo, por exemplo, e ele tinha coisas que eu nem imaginava, não é? E portanto ... o meu pai foi sempre uma pessoa que eu receei, nunca me consegui, pronto, chegar muito a ele. Ainda hoje em dia, eu gosto imenso dele, mas foi uma pessoa que eu me habituei a ver assim um bocadinho ao longe. Até porque era uma pessoa que normalmente ele trabalhava imenso, chegava a casa muito tarde, nós muitas vezes estávamos sem o ver, ao fim de semana estava mal humorado, irritava-se e rabujava lá em casa e eu detestava os fins de semana. E ... maneira que ... com o meu pai nunca me senti assim muito ligada, senti sempre o meu pai como uma pessoa de quem nós precisávamos, mas que não nos apoiava e então era como se não estivesse. Eu fui sempre muito amiga da minha mãe, a minha mãe foi sempre a minha melhor amiga e dei-me sempre lindamente com ela. Ainda hoje, quando eu penso nos meus pais, vem logo em primeiro lugar a minha mãe. E eu às vezes sinto-me um bocado culpada por causa disso, de deixar o meu pai para segundo plano. Muitas vezes quando eu telefono à minha mãe, eu digo-lhe, falo com ela e só quando desligo o telefone é que digo: "que horror, não perguntei pelo meu pai, não sei como é que ele está nem como é que ele não está". Mas que gosto imenso dele gosto, e sei que ele gostava imenso de mim, e que se não conseguiu ser um pai melhor foi porque realmente não pôde de todo. Isso eu tenho consciência disso, porque é um pai que é incapaz de ... hoje, ele é

um pai incapaz de negar o que quer que seja aos filhos,
mas o que quer que seja. Mas foi uma pessoa que teve ...
pronto, enquanto os filhos foram pequenos não teve
disponibilidade.

- 1) Acho que são diferentes. As mães têm mais a responsabilidade do dia a dia da criança, dos pequenos detalhes, da evolução, da educação, do não lhes faltar nada, da saúde: o pai é mais o elemento que assegura a continuidade de toda esta relação no sentido de enfim não ser tanto o detalhe, ser mais a visão abrangente da educação da criança; é o que impõe talvez mais segurança à criança. No entanto o pai lá em casa também tem uma parte muito importante que é a parte recreativa que eu não tenho, tem muito mais o pai. Mas, pronto, assim em termos muito gerais é isto que eu penso. Nós somos muito mais sérias, eles são elementos de segurança.
- 2) A mãe faz as coisas sérias; leva-os aos médicos, faz as compras, zanga-se com eles pelas pequeninas coisas porque está mais com eles, portanto, detecta mais onde é que eles falham, enfim, onde é que os quer corrigir, faz os trabalhos de casa com eles, acompanha-os, etc. O pai é mais aos fins de semana, têm uma tarefa recreativa, vai muito com eles ... ao cinema, a exposições, enfim tem toda uma disponibilidade imensa para isso que eu não tenho.
- 3) O homem está sempre associado à força, não é, o elemento físico, o forte da casa. No entanto lá em casa não é assim. Eu é que faço tudo o que é carregos, mudar lampadas, electricidades, eu é que faço tudo. Mas penso que .. o pai deveria ter essa função, ligada às coisas de força. A mulher mais ligada ao dia a dia da casa e da criança, o que lá em casa também não acontece. Acontece mas duma maneira especial. Eu trabalho das oito da manhã as oito da noite, e no meio disto tudo trato das coisas todas deles e faço as compras e tudo; portanto ... mas a mulher é mais o dia a dia, os pequenos detalhes, a comida, a casa, as crianças, os amigos, etc..

- 4) Acho que sim, que o rapaz e a rapariga são diferentes. Mas não é só por ser rapariga ou rapaz é todo um conjunto de características que o filho tem e que se calhar estão correlacionadas pelo facto de ser rapaz; Não sei, acho que talvez para o rapaz a mãe é mais o modelo, é muito a segurança dele. Os rapazes são preparados na nossa sociedade para coisas diferentes das raparigas, embora nós exijamos das raparigas exactamente que elas se comportem como eles, que tenham as mesmas notas, que possam vir a ser profissionalmente exactamente igual a um rapaz. Eu dou muita importância a este aspecto porque sou professora na Universidade e sou profissional, tenho a carreira independentemente da Universidade. Vejo esses dois aspectos. Vejo que a mulher, pelo facto de ser mulher ... acho que sou mais exigente com a minha filha do que com o meu filho, a mulher tem que, na sociedade em que vivemos, tem que ser muito melhor do que o homem, porque exactamente vai encontrar muito mais obstáculos; o homem a sociedade é feita para serem os homens os líderes e portanto a mulher se quer ser profissional, se não gosta só dos tachos e das panelas, se quer ser uma boa profissional, acho que vai encontrar muito mais obstáculos pela frente portanto eu sou muito mais exigente com a minha filha do que com o meu filho; até porque ele tem uma maneira de abordar os problemas diferente dela. Ela é muito mais espontânea, expõe-se muito mais, ele é muito mais "vai à volta até conseguir", portanto eu com ela tenho que ter uma atitude completamente diferente. Sou muito exigente e muito frontal, com ele as coisas já se passam mais ao nível da conversa.
- 5) Acho que sim, acho nitidamente. O meu marido vê no filho exactamente a cópia dele. E vai fazer tudo ... o nome é igual, e eles são muito unidos, como pai e filho são muito, muito unidos. Com a minha filha ele já é mais distante, já não tem assim uma união tão grande nesse

sentido, quase conivência, que tem com ele; é uma relação pai-filha de autoridade, a tal relação superior, o exemplo dos bons princípios; mas com ele há uma conivência especial, que vem já herdada, que é herdada do pai dele para com ele, que também é A. e que portanto é já uma coisa herdada, que foi muito alimentada na infância do meu marido e que ele agora transmite ao filho.

- 6) Acho que as filhas têm uma relação muito especial com os pais, tanto assim se prova que depois de casadas ... e as avós maternas são sempre mais importantes na relação de família. Eu e a minha irmã temos ... as filhas têm sempre uma relação com os pais, talvez até mais com a mãe diferente; uma relação de responsabilidade para com eles, quer dizer: depois inverte-se a coisa, passam a ser elas as responsáveis enquanto que os filhos seguem mais a vida deles, estão mais independentes e é isso que é esperado deles, quer dizer os pais estão ali para lhes dar toda aquela formação e a partir de determinada altura enfim ... sentem-se muito mais livres para seguir o seu caminho. As filhas mantêm sempre aquele cordão umbilical...
- 7) Lá em casa ... Bom, eu acho que a filha está mais associada às coisas da casa, diz-se-lhes mais "faça as camas, ajude a mãe", enfim, acho que é mais esse o aspecto que lhe é atribuído; e ao filho talvez mais o aspecto desportivo, e isso. Embora lá em casa eu não tente incutir isso. Tudo aquilo que eu espero da minha filha espero também do meu filho e vice-versa. Por exemplo pôr a mesa, não faço discriminação, têm que ajudar os dois, vão às compras comigo os dois, quando não está ela vai ele, quando ele não está vai ela, portanto, eu acho que temos que tender para uma sociedade em que filhos e filhas, irmãos e irmãs, marido e mulher, têm que cada vez mais ser substituíveis uns pelos outros e portanto saber fazer tudo. Não acho que o filho é que tem

que mostrar que é o inteligente e o cabeça da casa e a mulher que seja boa cozinheira, não vejo nada disso. Os filhos e as filhas acho que devem ter os mesmos papéis. Não quer dizer que os meus irmãos, por exemplo, tenham tido o mesmo papel que eu, mas acho que é isso que deve ser.

- 8) Os rapazes vão mais com o pai tratar dos carros e dos aspectos desportivos e vão às vezes ao escritório com os pais e as raparigas é que vão com a mãe às compras, ao supermercado, que têm que ajudar mais em casa, aprender a cozer; mas como digo, eu não penso assim, acho que isso é, se calhar, aquilo que as pessoas esperam do rapaz e da rapariga; Eu acho que um rapaz e uma rapariga devem ter tarefas muito semelhantes pelo menos na infância, depois mais tarde têm toda a liberdade para se encontrarem uma pessoa, enfim um companheiro ou uma companheira que seja mais complementar noutra área, para eles se desenvolverem mais noutras áreas, e deixarem mais para trás outras coisas, enfim ... mas acho que os devemos preparar para eles fazerem as mesmas coisas; acho que a nossa sociedade exige isso. Agora mãe é sempre mãe, o papel de mãe nunca é substituído (ri-se).
- 9) Acho que sim, que é diferente. Para a mãe ... como é que eu lhe hei-de explicar isto ... Bom, o meu filho eu acho graça por exemplo, vou só contar uma história: eu tenho tido uma semana de intenso trabalho, por acaso calhou em que eu tenho chegado a casa e ele já está a dormir. O que acontece é que por exemplo uma destas noites ele esteve mal disposto ou não sei quê, mas eu nem o tinha visto quando cheguei a casa, e achei graça que, apesar de não ter sido a figura que ele viu antes de se deitar mal acordou às cinco da manhã, quatro da manhã, veio logo ter comigo ... "mãe, isto, aquilo e aqueloutro". Portanto eu acho que exactamente a mãe para eles é quem resolve os problemas ao filho, nomeadamente. O pai é com quem ele conta para, por exemplo, fazer as coisas que ele gosta de

fazer em termos de divertimentos e que eu não faço, porque, isso normalmente estou muito cansada. Portanto, eles sabem que eu trabalho muito e respeitam muito, aliás só me conheceram a trabalhar desde que nasceram; portanto o pai vai com eles ... brinca muito com eles e a mãe é como lhe digo, para resolver os problemas, para as coisas sérias, para os problemas que eles têm; O A., meu filho discute muito comigo os problemas que tem. Com o pai não é tanto a discussão de problemas mas é mais "posso convidar um amigo", "venha comigo ao cinema, ao futebol, não sei onde", quer dizer é mais esse aspecto. Ele espera que o meu marido exactamente contribua para esse aspecto da vida dele, que contribui.

- 10) A filha ... eles são muito unidos, filho e filha lá em casa funcionam muito em conjunto. Acho que é a mesma coisa. Acho que é o mesmo tipo de coisa. O pai é mais para os aspectos lúdicos ... e o dia a dia é comigo, quer dizer, todos os problemas são discutidos comigo.

- 1) Acho que sim. São diferentes. A mãe é mais carinhosa, talvez, do que o pai, a mãe talvez dê tudo ao filho que o pai já não ... estou a falar por mim e pelo meu marido, não é? Sou mais carinhosa, sou capaz de brincar com ele; o pai já não tem aquela força de vontade, de brincar, dar o auxílio na brincadeira; ... acho que o pai é um bocadinho mais diferente do que a mãe. É mais duro do que a mãe.
- 2) Isso aí é um bocado mais difícil; por exemplo o filho, por exemplo o N., pede-me mais alguma coisa, uma brincadeira, pede-me mais a mim que ao pai; o pai é capaz de dizer: "não, não se pode", e a mãe diz: "talvez, hoje não mas amanhã"; o pai diz logo que "não se pode". O pai é mais rígido em casa, quer que ele seja pontual, quer que ele seja arrumadinho no quarto dele, tenha as coisinhas limpas, quer que ele seja uma criança já de 14 anos. Que ele é um miúdo que obedece, a gente basta só dizer uma coisa que é um miúdo que compreende logo, mas é mais rijo que eu.
- 3) Isso aí não sei bem explicar ... Eu, pronto, como mãe, gosto de sair com ele, ir ao cinema, ir ver lojas, por exemplo, ao Centro Comercial, e o pai puxa mais por ele para ir ver futebol, ou assim ...
- 4) Eu, como mãe, não sou diferente para um filho e para o outro mas o pai já é um bocadinho mais diferente.
- 5) O pai puxa mais para a irmã, para a filha do que para o filho. Deixa fazer tudo à filha, e ao filho, se faz alguma coisinha, está logo a abrir-lhe os olhos; aí há uma pequena diferença, mas desde o nascimento.
- 6) São diferentes. Os filhos puxam mais para as mães do que para os pais e elas puxam mais ao pai. Têm tudo mais dos pais do que ... e os filhos têm tudo mais das mães. Eu como mulher, em criança puxava mais para o meu pai do que

para a minha mãe. E os meus filhos é a mesma coisa, ela é mais carinhosa com o pai, puxa mais ao pai, e ele à mãe.

- 7) O N. é um miúdo que a gente manda fazer alguma coisa e ele faz, é muito obediente e faz e ela já não; Ela é mais riça, dia "não" e não mesmo. E ele já não é assim. Nem todos os rapazes são assim, eu falo pelo meu filho, como pelo meu irmão e como a gente era. O N. é muito melhor do que ela, trinta vezes, é mais riça, mais mázinha, muito teimosa.
- 8) Não sei bem explicar ... porque ... aqui em casa tudo faz igual; (Q) o Nuno entretém-se a brincar com os jogos, gosta muito de brincar com o computador. Ela gosta de brincar com as coisas do irmão, os carrinhos, os brinquedos, os jogos dele, é o que ela gosta, brincam muito juntos.
- 9) Ele agarra-se mais à mãe do que ao pai, porque o pai é um bocadinho mais riço para ele, e então ele agarra-se à parte mais fraca.
- 10) A filha agarra-se à parte do pai, porque tem tudo quanto quer do pai. Ele já assim não é. Ele agarra-se mais à mãe porque tem mais coisas da mãe do que do pai.

- 1) Acho, por exemplo, da minha parte, acho o meu marido um bocado mais rude, talvez mais ... como é que hei-de explicar ... eu sou mais mole quer dizer: compreendo talvez melhor o filho do que o pai. O filho agarra-se mais à mãe, conta mais os seus problemas, e um pai já não está tão à-vontade, é diferente. Apesar de ele ser muito carinhoso com o filho. Pronto, os problemas dele aqui são conversados junto com o pai e com a mãe, não é? Mas coisas mínimas assim pequenos valores para a gente e que para eles têm muito acho que é mais a mãe, está mais à-vontade.
- 2) Eu não sei, além disto que eu já disse não sei bem responder. Eu tenho um trabalho muito preso, a gente poucas vezes sai com ele. Todo o dia está lá com a gente, passa o dia na brincadeira e pronto. Chegamos a casa e praticamente eu faço o comer, tomar banhinho e cama. É isso.
- 3) Os homens gostam mais de conversar uns com os outros, estar no café, beber a sua imperial, jogam a sua partidinha de cartas; a mulher já não, conversa mais, desabafa mais umas com as outras, não estou a ver assim mais, eu tenho a vida muito presa, não tenho assim muita convivência.
- 4) Da minha parte acho que não. Só tenho um filho, não é? mas acho que hoje tanto se quer conversar com uma rapariga da maneira que se conversa com um rapaz, porque acho que o mundo está de tal maneira que tem que haver uma ajuda de parte a parte, tanto de um como de outro. Acho que não deve haver nenhuma diferença.
- 5) Acho que é a mesma coisa.
- 6) Só se fizer o meu aspecto com a minha mãe, porque como lhe disse só tenho um menino. Prontos, sempre fui muito aberta com ela. O meu irmão a mesma coisa. Tanto eu como o meu irmão sempre houve um bom relacionamento com a minha mãe. Qualquer coisa que houvesse, qualquer opinião, íamos sempre ter com ela, perguntávamos, portanto não havia ali ... tanto eu como ele não havia diferença nenhuma. Portanto, a minha irmã e tudo o relacionamento era igual. Qualquer problema que a gente tinha, tanto ele como eu e a minha irmã, portanto, a gente ia ter com ela, conversávamos, e ela às vezes ... não era de ralar, quer dizer fazia-

-nos ver as coisas, mostrava as coisas de certa maneira, acho que havia um relacionamente bom, muito bom.

- 7) A menina é bonecas ... pronto. O menino é mais carrinhos, é mais bicicleta, o meu gosta muito de andar de bicicleta, de ver filmes de vídeo, jogam à bola, é diferente.
- 8) Talvez brincar aos carrinhos. As meninas brincam mais às bonecas, não é?
- 9) O meu não. O meu ... comigo ... quer dizer, tem mais respeito ao pai. Não tem tanto respeito à mãe como ao pai. Pronto, o pai é mais ... eu sou mais mole ... dou-lhe mais ... ralho e não sei quê, mas passado um bocadinho já estou agarradinha a ele e ele a mim. O pai não, o pai já é um bocadinho mais duro. Pronto ele não é assim de bater muito e não sei quê, mas acho que ele tem mais respeito ao pai. Talvez o pai impõe mais ... não sei explicar. É diferente.
- 10) Eu penso que sim também. O pai tem sempre tendência a ser mais rigoroso do que uma mãe. É um relacionamento diferente. O pai impõe mais respeito. Diz-se sempre: " Casa que não tem homem ..." (ri-se).

M41N

- 1) Eu penso que são um bocadinho diferentes. No meu caso, o meu marido teve uma educação, teve o pai dele até ele já ser adulto, já casado e tudo. Enquanto que eu não tive pai. Eu fiquei sem o meu pai aos dois anos. Portanto fui ... pronto fui educada de maneira diferente da que foi o meu marido. Portanto acho que ... eu trato o meu filho da maneira como eu julgo que está melhor. O meu marido já teve aquela educação mais rígida, já lida com ele doutra maneira, não é? Eu tenho impressão que sou um bocadinho mais branda e ele é um bocadinho mais severo. Eu penso que as poucas pessoas que eu conheço, que eu tenho poucos conhecimentos já me deu a perceber que as mães são mais calmas e os pais são um bocadinho mais alterados.
- 2) Eu acho que o pai tem mais as convencionadas brincadeiras de rapaz, não é? Gosta muito de pesca, quando vamos à terra eles vão sempre os dois à pesca, aquelas brincadeiras ... ou um jogo de bola ou ... pronto aquelas brincadeiras que se

convencionou que tinham que ser para rapazes. Enquanto que eu não ... sou capaz conversar com ele, de jogar com ele um jogo qualquer, dos brinquedos dele, quando ele era mais pequenino, ler-lhe uma história, isso é coisa que o meu marido não tem paciência nenhuma.

- 3) Isso é assim um assunto um bocadinho relativo, não é? Sei lá, talvez para o homem sejam trabalhos mais pesados, tarefas assim um bocadinho mais duras ... Não é estar, como se costuma dizer, a rebaixar a mulher, mas a mulher é um bocadinho mais fraca do que o homem, diga-se a verdade, não é? A mulher faz coisas mais brandas, não é? O trabalho da casa, costuras, pronto. Embora hoje em dia as mulheres já trabalhem e já tenham empregos como têm os homens, não é?
- 4) Não, no meu caso é capaz de ser um bocadinho diferente, porque também diferente das idades deles, não é? Se a menina fosse a mais velha, talvez eu não tratasse a ela como trato este, não é? Este, como é ele o mais velho, já ... pronto ... tento, como é que hei-de explicar ... se a menina fosse a mais velha, pronto tentava ensinar-lhe já as minhas tarefas, pedia-lhe ajuda e isso assim. Enquanto que sendo ele o mais velho, já não posso pedir-lhe ajudas e pronto nem ensinar-lhe as coisas que eu aprendi também. Tenho impressão que vai um bocadinho da idade que as crianças têm. Se for o rapaz mais velho trata-se duma maneira, da menina é diferente.
- 5) Olhe, eu assim no geral, pronto, como eu já disse, eu não tenho muitos conhecimentos, não sei. No meu caso, acho que o meu marido age da mesma maneira como eu. No meu caso já lida duma maneira diferente com ele do que lido eu, não é? Porque, ele como é homem, ... como se costuma dizer os homens entendem-se. Penso que é basicamente ... temos as mesmas maneiras de pensar e de agir, em relação aos miúdos. Temos mais ou menos as mesmas maneiras de agir com eles.
- 6) Eu tenho impressão que sim, tenho impressão que sim. Por exemplo a minha filha é mais meiga do que ele, para mim, em relação a mim. E em relação ao pai também, não é? Não sei, talvez dependa da idade que eles têm, não é? Lá está a tal coisa, se fosse ela a mais velha era capaz de ter outra maneira de agir, não é? mas acho que não, que é mais meiguinha, ele já é mais armado em homenzinho, não é? Ele já é mais homenzinho, mais independente. Portanto eu acho que sim que são diferentes na maneira de se dar com os pais.

- 7) Olhe, eu não sei. A minha pequenina por exemplo ela não é muito dessas coisas de só brincar com bonecas e ... pronto. Ela tanto brinca com bonecas, como com um carro, como com uma bola. Portanto, acho que, talvez devido à idade ela não tenha ainda esse conceito de brinquedos para menino e brinquedos para menina. Mas é mais sossegada, mais calma do que ele era. Nisso é mais menina. Ele talvez influenciado já pelos colegas dele, é capaz já ... pronto, ele quer já mais as coisas de rapaz, não é? os jogos, o computador, as brincadeiras, as bicicletas, essas coisas que talvez influenciado por outras crianças ele diga que são de rapaz.
- 8) Olhe, eu não sei, acho também vai do ambiente que os rodeia. Acho que é, se for uma criança, pronto que tenha uma posição social elevada, por exemplo ela não vai andar na rua a brincar com as outras crianças, nem vai ter assim brinqueditos, como se costuma dizer, depende um bocado do ambiente. (Q) O jogar à bola no meio da rua, as bicicletas, ou então os computadores, Eu vejo pelos amigos do meu filho. Eu não tenho uma posição muito ... não sou o que se pode dizer probrezinha, mas também não sou rica. Vamos vivendo, para o que dá, não é? Ele vai brincado com as coisas que tem. Também tem computador, também brinca. As meninas ... elas não sei ... depende também da idade ... da idade dele eu conheço poucas miúdas mas é mais estar em casa, ler livros, as poucas que eu conheço não é? Conheço poucas miúdas. Tem mais tendência para as leituras, ... para estar em casa. São mais caseiras, mais pacatas que eles.
- 9) Acho que sim. Eu vejo por exemplo pelo meu filho. Ele para mim é assim um bocado mais respondão, mais ... pronto, não tem aquele respeito que tem pelo pai ... porque ... lá está a tal coisa, talvez seja influenciado por outros miúdos e o pai é o pai, é ... não sei se na escola aprendem isso, se em conversas com outros miúdos, eles vêem o pai como a figura de, vá, do mandão, está a perceber? No caso do meu filho é isso que eu vejo. Para mim, acho que não tem tanto respeito como para o pai. Refila mais, choca mais comigo.
- 10) Não sei, as meninas têm mais ... têm uma maneira de ser diferente dos rapazes. Talvez até, ... pronto, tenham respeito pelo pai, pronto, porque é o pai, mas, como lidam mais com a mãe, acho eu, não é?, por ser menina também, juntaram-se as duas mulheres e acho que têm diferente, não digo respeito, mas mais à-vontade com a mãe. As meninas têm mais à-vontade com as mães do que com o pai. Falam mais, abrem-se mais com a mãe.

- 1) São diferentes. Falo por mim. São mais carinhosas para comigo e eu com elas. Talvez eu dê mais carinho que o pai dá. Talvez eu saiba compreender melhor do que o pai. O pai é mais brusco, talvez.
- 2) Acho que o pai ajuda mas é mais a mãe em todos os aspectos. Tenho que ser eu para tudo. Educá-las, resolver os problemas todos. Ele devia dar um certo apoio e não dá. Está sempre no canto dele, a ver televisão ou qualquer coisa.
- 3) Educar as filhas pertence mais à mãe, aos homens é o rapaz. Eu como só tive filhas ... ele não faz muito. Como mãe faço tudo o melhor que posso, para o bem delas.
- 4) Não sei, para as minhas sou igual. Acho que deve ser igual, no caso do filho.
- 5) Também não sei, mas tenho um irmão que tem mais tendência para a filha do que para o filho. O motivo não sei, mas já vi outros assim, mais para as filhas do que para os filhos.
- 6) São diferentes. O filho vai sempre mais para o lado da mãe e a filha vai mais para o lado do pai. É este o caso que conheço e não conheço mais casos. Depois há desentendimentos entre eles e até entre o pai e a mãe.
- 7) Falo pelas filhas, os filhos não sei. Só me têm feito bem. Evitam chatear, nunca fizeram nada do que eu já tenho ouvido dizer de outras crianças. São obedientes.
- 8) Elas gostam é de ver TV e video, os rapazes talvez seja mais coisas de ... como hei-de explicar, mais maldades, mais rebeldes, pronto.
- 9) Não sei, não tenho filhos, não sei.
- 10) As minhas filhas falam-me mais meigas do que para o pai. Não falam tanto com ele.

- 1) Bem no meu caso, portanto, somos iguais. O que eu faço em relação às miúdas ele também, portanto, está sempre de acordo ... Portanto, somos iguais. (Q)
- 2) Não sei ... Portanto, o pai das minhas está de acordo sempre de tudo quanto eu faço em relação a elas e dá-me muito apoio em casa em relação a elas. Portanto ajuda-me muito. Pronto, eu também trabalho e chego à noite e em vez de ser eu a tomar conta delas não, também é ele. Ele só está praticamente à noite. Esta coisa de ir aos médicos, tratar das coisas de escola e isso tudo sou sempre eu. Ele sai de manhã, entra à noite, as vezes vem às tantas da noite que anda por fora. Portanto, aí não posso estar a contar com ele. Mas quando ele está à noite em casa é ele que está a tomar conta delas. A F. trás trabalhos da escola e ele está a ver se estão bem, se estão mal, obriga a miúda a fazer os trabalhos, portanto, dá-me assim um ajuda.
- 3) Eu só respondo o que se passa lá em casa. O meu marido, quando está em casa, ajuda-me, mesmo na lida da casa, ajuda-me muito. Eu acho que quando a mulher trabalha e o homem trabalha o homem deve ajudar a mulher em casa. As mulheres é tratar dos filhos e tratar da vida da casa.
- 4) Não sei, eu como tenho duas raparigas, não sei assim.
- 5) Não sei. O pai é capaz de ligar até mais para o rapaz porque é rapaz ... e não sei ... ainda não tive essa experiência mas ... vejo pais que jogam à bola com o filho e as raparigas não, dedicam-se mais à mãe.
- 6) Não sei, portanto, no meu caso, tenho as duas ... Acho que os rapazes vão mais para o ... bem, depende, ... mas acho que vão mais é para o pai. Não sei ... e as meninas vão mais para as mães.
- 7) Isso depende ... há filhas que não querem ajudar a mãe em casa e há filhos, que eu, portanto, conheço pessoas que têm rapazes e raparigas e que a rapariga não ajuda nada; tenho uma cunhada assim: a rapariga não ajuda nada em casa e se fôr preciso o rapaz é que ajuda a mãe em casa. Aí já está diferente, o rapaz é mais para a mãe e a rapariga já é mais para o pai ... Depende, há raparigas que ajudam e outras que não querem fazer nada. Os filhos ... há rapazes que só querem é andar

na rua, mas há outros que já são assim mais caseiros, já querem assim só mais casa ...

- 8) Não sei ... os rapazes acho que só querem é jogar à bola e andarem com carros e andarem na rua. Acho que as raparigas é ... bem, a minha mais nova já é o contrário da irmã. A mais velha é só bonecas, e jogos, entretêm-se muito bem em casa, e a outra só quer rua, e se lhe derem carros e bolas é o que ela quer. é uma maria rapaz.
- 9) Não sei, acho que é igual. Acho que talvez se pegue mais ao pai, como é rapaz, talvez, acho que sim.
- 10) Não pelo menos as minhas não. Tanto é para o pai como é para a mãe. Eu às vezes por acaso a tirar delas pergunto "de quem é que gosta mais, se é do pai, se é da mãe". Mas é igual, é igual .

M44D

- 1) Eu acho que nem todas as pessoas são iguais, nem todos têm a mesma maneira. (Q) Sei lá, há pais que têm outra maneira, os homens têm outra maneira de lidar com os filhos que não têm as mães. Eu como o meu marido, por acaso, não tenho esse problema. Ele ralha com elas e tudo, mas é muito meigo para a filha, faz tudo pela filha, tanto por uma como pela outra. Mas acha que há pais que têm outra maneira. Os homens são mais agressivos. Aqui há dias era um miúdo a chorar e o pai disse: "cala-te senão parto-te um braço!". Eu acho que isso não são maneiras. Eu acho que há mães também agressivas, mas no geral são mais meigas, compreendem-nos melhor que os pais.
- 2) O pai, se a filha lhe pedir, qualquer coisa, só não faz se não puder. Tudo quanto puder faz pelas filhas. (Q) O meu marido é um homem que brinca mais com as filhas do que eu. Eu gosto muito das minhas filhas, mas não ^{me}ponho a brincar com elas. Eu pronto, estou no dia a dia com elas, vou levá-las à escola, vou buscá-la, cuido dela, dou-lhe de comer, mas não tenho assim aquele coiso de brincar com ela, não tenho. Não tenho esse feitio, não sei.

- 3) Ele não é homem que vá a uma consulta com ela. Não é homem para isso, eu é que tenho que fazer. As mulheres tratam mais dos filhos, os homens não sei, têm o trabalho deles.
- 4) Não, eu acho que a minha mãe tem uma filha e um filho e no entanto o que faz para um faz para outro. Não tem distinção.
- 5) O meu pai já é diferente. Já tem coiso por mim do que tem pelo meu irmão. Acho que há muitos pais assim.
- 6) Acho que sim. Eu tenho duas filhas. Mas tenho um irmão e a relação do meu irmão com os meus pais é diferente de mim. Pronto, eu sou mais apegada aos meus pais, e convivo mais com eles. O meu irmão é um rapaz mais "desviado", a minha mãe adora o meu irmão, se fizer a mim faz ao meu irmão, mas o meu irmão é uma pessoa mais desviada dos pais. Casou, foi lá uma vez ou duas à casa da minha mãe, já casou fez um ano em Setembro. Eu não, sou mais coisa dos meus pais. Acho que os rapazes são diferentes das raparigas.
- 7) Eu acho que uma filha ajuda mais a mãe em casa. Que há rapazes que fazem que as filhas, mas uma filha ajuda mais a mãe. Os rapazes é mais jogar à bola, não são crianças para estarem assim em casa.
- 8) Acho que a rapariga seja mais coiso para estar em casa a ajudar a mãe. Os rapazes não, o que querem é brincar, andar na rua.
- 9) Tem uma relação diferente com o pai do que tem com a mãe. Vejo pelo meu irmão. O meu irmão tem mais coiso pela minha mãe do que tem pelo meu pai. É mais apegado à minha mãe do que ao meu pai, acho que há muitos casos assim.
- 10) Eu gosto muito da minha mãe, mas gosto muito do meu pai. A minha filha que anda aqui, tem mais coiso pelo pai que tem por mim. Basta às vezes qualquer pessoa na brincadeira que diga qualquer coisa, "o teu pai é maluco", ou assim, ela não gosta. Ela é mais apegada ao pai. Eu gosto muito da minha mãe, mas tenho aquele coiso pelo meu pai, pronto. Gosto muito do meu pai; também gosto da minha mãe, ela para mim é tudo. Eu adoro a minha mãe, mas tenho aquele coiso pelo meu pai.

M45D

- 1) Acho que são iguais; acho que sim.
- 2) Ele faz as vontades. Compra as coisas que eles querem. Eu já me encolho mais um bocadinho. (Q) Eles estão lá em casa comigo, estão a brincar enquanto eu faço as coisas da casa.
- 3) Não estou a ver. (Q) Só se forem certos trabalhos. Trabalhos para homens, ele pode ensinar o filho, a fazer o pão, eu já não lhe posso ensinar nada, só a lida da casa.
- 4) Eu sou igual. Eu falo por mim, não sei.
- 5) Em minha casa não.
- 6) Não sei ... o meu filho quando quer alguma coisa é comigo pede-me sempre a mim e ela procura o pai.
- 7) Ele não ajuda nada, ela ajuda mais mas é preciso eu estar a dizer.
- 8) Há rapazes que ajudam, o meu não ajuda nada. Ele era empregado, está desempregado. Sei lá, as raparigas ... brincam. Mas agora já andam no ciclo ... (como se fosse horrível). Não lhe sei responder.
- 9) A minha pede mais coisas ao pai. Ela a mim pede, só que como eu não lhe dou, vai ter com o pai. Puxa mais ao pai. Ele é ao contrário, como sabe que o pai não dá vem ter comigo.
- 10) O filho puxa mais para o meu lado. Mas ele tem dezoito anos e ela tem dez.

M46D

- 1) Deveria ser igual, mas no meu caso não sou. O meu marido é mais de acarinhar o J., de lhe dar um beijo, brincar com ele. Eu não, falo com ele quando é preciso

mas não chego ao pé dele para dar um beijo. Não sei se é por ele ser grande mas é assim.

- 2) O pai é mais dar uma ordem, o filho obedecer. Tem mais respeito ao pai. Quando manda, gosta que seja feito. A mãe é dar carinhos aos filhos, fazer-lhes as vontades quando pode ser, ser amiga deles.
- 3) O direito é igual, cuidar os dois igual dos filhos. Os homens às vezes mandam mais nos filhos, qualquer coisa que não obedecem às mães e têm mais respeito ao pai. Faz falta a conversa do pai. A mulher é tratar bem dos filhos, deixá-los andar limpinhos, educá-los para não fazerem mal, ter cuidado para chegarem a horas à escola.
- 4) Acho. Eu tenho uma filha e um filho e sei que sou diferente. Ela é muito carinhosa anda sempre de roda de mim a dar carinhos e beijos. Como ela faz isso eu também faço. O J. é mais seco, e eu sou igual. Uma mãe é mais ligada à filha eu acho que é assim. Ela agarra-se mais a mim do que ao pai. Em qualquer lado está sempre à roda de mim a dar-me beijos e carinhos.
- 5) Não o pai não é. É igual para os dois. Tantos carinhos dá ao filho como dá à filha. Não faz diferença de um para o outro.
- 6) A minha filha é quase a mesma coisa para mim e para o pai, mas é mais para mim. O miúdo é mais chegado ao pai. São diferentes.
- 7) A filha está todo o dia comigo. Senta-se ao pé de mim, cose os trapinhos dela, ajuda-me a lavar a loiça, a varrer, a fazer a cama. Põe um avental pequeno e ali anda. Ele ... é mais difícil. Chega a casa, faz os trabalhos, briga com a irmã por tudo e por nada. Parece que lhe faz impressão vê-la calada. Tira-lhe os brinquedos, arranja sempre maneira de a deixar a chorar. Eu mando-o estar quieto e ele não está. Chama-me nomes, tudo o que vem à cabeça é o que diz. O filho é assim.
- 8) Os rapazes têm desportos para fazer, a bola, e isso. As raparigas é ir passear um bocado, brincam com as bonecas e isso.
- 9) Acho que o filho faz muita diferença do pai e da mãe. O pai manda e ele faz logo na hora. A mãe manda, pode ser a mesma coisa e ele não vai. À frente do pai ele é muito meiguinho e o pai não acredita no que eu lhe conto. Esta semana espalhou-

-me a roupa que eu já tinha pronta para entregar. Se estivesse lá o pai não fazia nada disto.

- 10) Não, a filha não faz mal a ninguém. É um bocado mais agarrada à mãe do que ao pai.

M47D

- 1) Não, acho que há diferença. Acho que a mãe é mais carinhosa, mais dócil, ... o pai é ... pronto, desde miúdos que a gente vê o pai que é o que dá o respeito, é o maior, não é que ele não seja meigo, não é?... mas desde miúdos que a gente vê o homem como outra figura; o pai é ele que dá o respeito, é ele que resolve.
- 2) Eu acho que o pai é aquele aspecto de ... se há algum problema, a mãe tenta chegar ao pai para o pai pronto, dirigir-se ao filho como amigo, não é? O que às vezes não acontece em certos casais, tem que ser a mãe, porque nesse aspecto às vezes há pais que não ... compreensão não dá, é só bater e gritar e em vez de irem para ter um diálogo não dá, não resolvem nada. Às vezes até é a mãe o chefe lá de casa, é tudo, não é? Eu acho que a mãe pode ser para resolver mais assim casos de ajudar na escola ... mais ... acho que é isso.
- 3) Os homens é mais jogarem às cartas, irem para a taberna, beber ... infelizmente. As mulheres também há mulheres que vão mais para o café do que outras ... mas é mais passear, conversar umas com as outras.
- 4) Não, no meu caso não. Tenho uma menina, tive um casal de gémeos. E quer dizer, ou foi de eu estar habituada a lidar com o meu primeiro filho, que é um rapaz, não mudei assim no que diz respeito à educação.
- 5) É diferente. Ele mudou. É mais carinhoso com ela do que com os rapazes. É mais ligado a ela.
- 6) A rapariga é mais calma, é mais meiga ... o rapaz é mais vivo, ... a miúda é ...acho que é diferente ... também nem todas, não é? Mas no meu caso ela é mais parada do que eles, mais sossegada. Eles gostam mais assim de gritar e ... mas ela é outro feitio, mais parada.

- 7) Os filhos acho que é mais à bola, a jogarem à bola, ou com outros rapazes brincarem. Elas é mais de ficar em casa, não sei. A minha gosta de brincar com eles, não é aquele estilo de bonecas, dá-me a impressão que ela gosta mais é de brincar com carrinhos, e jogar à bola, o que é que tem dias que lá está com os pratinhos e eles já não gostam de brincar a isso.
- 8) Os rapazes é mais á bola e correrem, e jogar às escondidas, com os outros e muitas vezes nem querem que as raparigas brinquem com eles, dizem "não, não vai lá brincar com as bonequinhas que isto é brincadeira de rapazes." ... Que eu também joguei à bola, mas às vezes ouve-se isso. As meninas por exemplo, se ela gostasse mais de brincar com bonecas, que é como dizem que as meninas gostam mais de brincar com bonecas, não é? São coisas de rapariga.
- 10) Na minha maneira ~~da~~ olha para a minha mãe e para o meu pai, a gente olha sempre para o pai aquele homem que ... eu nunca tive esse problema, mas ... eu acho que a mãe, a gente pega-se mais à mãe por ser mulher e a gente tenta-se abrir mais com a mãe do que com o pai, logo de pequena a gente começa logo com aquela noção que nos metem na cabeça "o pai é o pai, é o homem que manda", faz do pai aquele homem grande, para a gente ter respeito, medo.
- 9) Os filhos não sei ... o meu por exemplo é mais comigo, com o pai eles não se dão bem ... têm tido muitos problemas um com o outro. Ele tudo o que tem a dizer ou se tem alguma coisa que ele queira ele vem é ter comigo. É muito raro pedir ao pai. Quer dizer, é mais para o meu lado, basta que ele tem um medo do pai horrível.

M48D

- 1) Sim. Pelo menos eu por mim falo, não é? A mãe tem sempre uma maneira o pai tem outra. Não sei explicar bem ... Quer dizer, acho que a mãe fala mais com o filho do que propriamente o pai. Acho que o pai também havia de falar mais. A maior parte do tempo é sempre passado com a mãe e não com o pai.
- 2) O pai poucas, não é? Anda sempre a trabalhar, está ao domingo em casa, mas também passa pouco tempo em casa e com a mãe, sei lá, eu faço tudo. A gente sai, muitas vezes, embora não seja assim para passear, porque eu trabalho, faço

algumas horas, então às vezes levo-os comigo. Às vezes brinco com eles, jogos, assim, com eles. O meu marido também, nem sempre mas às vezes.

- 3) Os homens, por exemplo, deviam sair com os filhos ... Portanto, muitas vezes a mulher não tem tanta disponibilidade como os homens. As mulheres é vesti-los, lavá-los, embora que haja homens que também fazem isso, não é? Portanto, no meu caso não. É isso.
- 4) Acho que não, que é a mesma coisa. Por mim não. Aquilo que faço a um faço à outra, a mesma coisa. Aquilo que digo para um se comportar é a mesma coisa que a outra.
- 5) Não, acho que não. O que fala para um é o que fala para outro, a mesma coisa.
- 6) Acho que são iguais, pelo menos eu não vejo diferença nos meus.
- 7) Sei lá ... Não vejo assim diferenças.
- 8) Sei lá, ... por exemplo eu no meu caso, o rapaz é mais aquele tipo de querer ajudar; ela já não. Ela por exemplo, se eu não mandar ela também não faz. É mais teimosa. (Q) Os rapazes, sei lá, uma travessura que a gente até diz uma travessura de rapaz. Sei lá, as raparigas é diferente, não sei porquê. Não fazem tanto isso.
- 9) No meu caso não. Acho que aquilo que faz comigo faz com o pai, a mesma coisa.
- 10) Os meus são iguais.

M49D

- 1) É diferente. As mães compreendemos mais os filhos, tentamos dar mais carinho que o pai. Às vezes dá, mas é diferente. É mais rude. Nem todos, já tenho visto pais carinhosos. Mas o meu marido não é.
- 2) A mãe deve ajudá-los. Se eles chegarem ao pé de nós e vemos que eles precisam de nós, a vestir, no banho, coisas da escola, ou isso. O pai, sei lá, tantas coisas que ele pode fazer. Costuma brincar com eles, joga à bola. Ajuda mas é raro nas coisas da escola. Gostava que ele estivesse mais com os miúdos, era uma verdade.

- 3) O homem deve trabalhar para ajudar a casa e nós estarmos mais com os filhos. Hoje em dia também temos que trabalhar, mas as mulheres trabalham mais em casa, principalmente quem tem filhos. O homem é mais fora.
- 4) Acho que não. Não acho nenhuma diferença nos meus. Nunca achei. De hoje para amanhã pode ser, mas hoje não. Tanto tento ajudar um como outro, é igual.
- 5) Há alguns pais que sim, mas o meu marido não. Acho que é igual tanto para um como para outro.
- 6) Dão-se. Falo pelos meus. A S. é mais aberta para nós, o que tem a dizer diz, fique bem ou mal. É mais refilona. Ele já não é assim, pensa mais. É mais meigo talvez. Ela diz que eu estou velha e ele ralhóu e disse que "isso não se diz à mãe".
- 7) Fazem as mesmas coisas. O filho e a filha costumam pôr a mesa, levantar, fazem a cama, arrumam o quarto. Gostam muito de brincar.
- 8) Os rapazes é jogar à bola, brincar com os carros, ver bichos a andar (caracóis, todos os bichos que vê). As raparigas é mais de brincar com bonecas, de contar histórias.
- 9) Acho que sim. Depende da nossa maneira de ser para eles. Se formos agressivos para as crianças, eles também não são meiguinhos. Eles reagem da nossa maneira de ser e o meu marido é mais agressivo que eu, somos diferentes. No caso concreto, o P. convive mais comigo do que com o pai, porque o pai teve um problema e eles afastaram-se e agora tentam-se aproximar, mas com medo. Eu digo para ele se aproximar, para eles não fugirem tanto.
- 10) Eu acho as meninas mais para o pai, mas amigas do pai. Abraçam mais o pai, dão-lhes mais beijinhos do que à mãe. Se eles estiverem dispostos a isso claro. A S. não, é mais para mim porque o pai manda-os embora.

- 1) Em certo ponto talvez, porque a mãe está mais perto deles. A mãe contraria mais os filhos e o pai não tanto. Ele queixa-se que eu mando vir e o pai não. O pai com está pouco tempo dá-lhe mais abertura.
- 2) O pai cede mais a qualquer coisa que o D. peça, a mãe não; é mais rígida.
- 3) Hoje em dia é tudo igual, fazemos tudo em comum. Está tudo tão evoluído, esta geração quer-se ajudar mutuamente. No meu caso não é bem assim porque como o meu marido sai, não tem tempo para ajudar certas coisa, as coisas da casa e isso. Sou eu que faço quase tudo porque ele está pouco.
- 4) Acho que não. Se eu tivesse uma menina não tratava de maneira diferente.
- 5) Acho que não. (No entanto, ver resposta à 10).
- 6) Com as filhas há qualquer rivalidade, não admitem determinadas conversas com os pais, não se entendem. Tenho a impressão que se impõem mais. Os filhos às vezes são diferentes. São mais ligados, não sei explicar.
- 7) Na fase do D. não há diferenças. Fazem os dois a mesma coisa.
- 8) Os rapazes é jogar à bola, andar de bicicleta, e isso. As raparigas têm tendência a ajudar mais a mãe, já gostam de fazer bolos e isso.
- 9) Não, acho que é igual.
- 10) Não é tanto. Parece que vêm as coisas doutra maneira. Vêm maior facilidade nas coisas. O pai é um sexo oposto e tem um certo carinho pela filha e a filha também pelo pai. Nota-se que o homem tem qualquer atracção pela menina.

M51D e M52D

Nota: Discurso pouco claro, respostas confusas.

- 1) São diferentes. Acho que sim, que é diferente do pai para a mãe porque eu acho que a mãe sente mais a dor se lhe bater, ao filho, do que o pai. O que às vezes pode ser o contrário: há mães ... há melhores pais do que mães. Mas no meu caso, se o meu marido bater ao meu filho eu sinto mais a dor do que se ser eu a bater ao meu filho. (Porquê?) Porque acho que ele é agressivo. Não sei se será por trabalhar no trabalho que tem ou ... não sei. Dá-me a sensação que o meu marido pega nas coisas e julga que está a pegar com menos força e pega com mais força e então é esse o meu medo que ele bata demais aos filhos. Pelo contrário, que eu sei que ele gosta muito dos filhos. Eu sofro se bater muito. Eu acho que os pais às vezes podem ser mais agressivos do que as mães.
- 2) O pai pode ensinar a fazer as tarefas dele. Agora uma mãe ensina as tarefas dela. Sei lá, por exemplo conforme o trabalho do pai seja, o pai tem sempre a inclinação de puxar o filho para a profissão dele, não é? E depois é capaz de não gostar de seguir a profissão. A mãe não puxa para a profissão mas, por exemplo, para a lida da casa, puxar para pedir para fazer as coisas e neste caso, não é o meu caso, porque no meu caso o meu marido gosta muito de ajudar a fazer a lida da casa, quer dizer, o comer. Vai á praça, faz o comer e já puxa as crianças para fazer isso. (Q) A mãe gosta mais de brincar, o pai já não. O meu marido nunca puxou assim muito para brincar com os filhos, tanto como eu. Ele achou sempre que o dever dele era trabalhar para a casa e pronto. Pegar nos filhos e dar atenção e estar com eles, mas aquela coisa de se deitar no chão para brincar com o filho ele nunca fez. Não quer dizer que ele não gostasse dos filhos, pelo amor de Deus.
- 3) Ai, eu acho que a mulher pode fazer tudo o que quer, como o homem. É preciso é querer. Conforme a capacidade da pessoa humana. Eu acho que hoje em dia vejo que qualquer mulher faz tudo o que o homem faz.
- 4) Às vezes há mães que fazem essa diferença, sim. Eu acredito que haja mães que façam essa diferença, que separem os filhos, filho da filha, façam essa diferença. Mas senão, eu acho que não: quando há amor e tudo, dá amor aos dois.

- 5) Dizem que sim, que há essa coisa do sexo, puxar o sexo, não sei se isso faz parte. Não sei, eu oíço dizer que a menina tem mais tendência a puxar pelo pai, não é? isso faz tendência de gostar, de achar que o pai ... a mãe está a roubar o pai a ela; mas não, não sei, porque não tenho nenhuma menina, tenho só rapazes. Por isso eu não sei ver a diferença da menina.
- 6) Sim, eu falo por mim. Eu tenho uma grande coisa pelo minha mãe do que tenho pelo meu pai. Não sei porquê, mas tenho. É ao contrário, eu sou muito ciosa pela minha mãe. Neste caso eu devia de ser era ciosa pelo meu pai e não, sou ciosa pelo meu pai, sou ciosa pela minha mãe. Devia ter mais inclinação pelo rapaz, pelo pai, mas não. Do que eu vejo as raparigas, são mais pegadas ao pai. Os filhos eu acho que são mais para as mães.
- 7) Não sei o que é que a filha pode fazer não é? Mas o que o meu filho faz acho que é como outra criança qualquer pode fazer. Querer brincar, por exemplo o meu mais velho já não quer brincar como o meu mais novo quer brincar, por exemplo, já quer acompanhar as pessoas mais velhas. O meu mais novo não, quer brincar comigo como se fosse irmão pequenino, com os carros e isso.
- 8) É conforme a criança. Porque eu era ... somos muitos rapazes e somos três raparigas, e eu faço uma grande diferença da minha irmã que eu sou mesmo menininha, era mesmo menininha, e a minha irmã era rapazona. Era tipo rapaz. Ela fazia tal e qual aquilo que os meus irmãos faziam. Eu, se fosse preciso, era daquele género que não me mexia para não sujar o meu vestido. Ela fazia tudo e mais alguma coisa para se sujar, para rasgar. Por isso faz muita diferença entre a criança. Porque eu faço isso, porque vejo que eu da minha irmã só faço diferença de 1 ano e ela sempre era assim. É da criança. Mas no geral as meninas são mais sossegadas e eles são mais mexidos.
- 9) Sim, por exemplo: se fôr ver pelo meu filho mais velho, como eu já tinha dito, ele puxa muito o pai, não é? E quer tudo o pai; o pai quando vier faz, o pai quando vier diz. Vai uma inclinação muito grande que o meu filho tem pelo pai. Depende do feitio da criança, também. Se fosse um rapaz e outro rapariga talvez um puxasse a mãe e outro puxasse o pai. E isso, por exemplo, como eu estava a dizer há bocado, por ser o sexo, por ser menino ou menina.

- 10) É como o rapaz, acho que é a mesma coisa. Não adianta, vou bater à mesma coisa. Depende do pai, depende da mãe, se puxa pela criança, se não puxa; porque, há pais aí e paizinhos e há mães e mãezinhas, não é? Depende.

M53D

- 1) Acho que são iguais. Acho que sim. Não sei o que é que hei-de ... Não, eu para mim acho devem ser iguais, eu para mim acho.
- 2) Eu para mim é quase a mesma coisa. O que eu faço, já se sabe, o pai às vezes chega a casa ele até já está a dormir, não é? Abala de manhã e vem à noite. Mas, no caso, eu acho que eu com o meu filho e o pai é a mesma coisa. A gente não tem muito tempo. Só ao fim de semana é que a gente tem mais tempo de estar ao pé deles. (Q) Ao fim de semana, ao sábado, nas compras, o miúdo vai comigo. Vai sempre comigo. Só às vezes que está a chover é que não. Depois vai, eu arrumo a casa, ele anda a brincar, às vezes pede para ir lá para fora para a rua brincar com os miúdos, eu deixo-o ir. Passa assim o fim de semana. O meu marido praticamente trabalha todos os sábados. Só ao domingo é que não. O pai às vezes vai sair com ele, vamos sair, quando saímos saímos os três, rara a vez, mas quando saímos saímos os três. E é assim, mais ou menos.
- 3) Isso agora não sei o que me vem à cabeça. É praticamente ... eu de casa faço tudo. O meu marido quase nunca está, mas às vezes também ajuda a fazer qualquer coisa.
- 4) Eu acho que não. Acho que deve ser igual. E só tenho aquele miúdo mas acho que deve ser igual. Penso que uma mãe que tenha um filho ou uma filha que deve ser igual para um ou para outro. Por acaso a minha mãe, infelizmente já faleceu, tinha oito filhos, acho que era tudo mais ou menos igual. Feitios um bocadinho diferentes uns dos outros, mas ^{era} tudo igual.
- 5) Às vezes o pai. Também há pais que são assim um bocadinho diferentes, não é? O meu não. O meu é muito amigo do filho. Mas há pais um bocadinho diferentes. Mas, no geral acho que não, que não é diferente.

- 6) Eu acho que às vezes há filhas mais meigas para os pais, mas eu como só tenho o miúdo não sei explicar bem. Algumas raparigas são mais meigas, do que os filhos. Eles são mais soltos.
- 7) A rapariga acho que faz mais coisas em casa, não é? Acho que sim. Também há filhos que, praticamente, são como uma filha como raparigas em casa. Eu acho que as raparigas é mais para a casa. Os filhos ... não sei o que é que hei-de dizer ... talvez sejam mais para a brincadeira.
- 8) O meu filho em casa às vezes é assim um bocadinho muito "desinquieto". Tem dias que é assim um bocadinho "desinquieto". Ele entretem-se com tudo: uns carritos, às vezes anda lá, está a guiar uma camioneta, entretem-se assim, e na rua então entretem-se mais. Ele gosta muito de rua. (Q) Há um bocadinho de diferença, não é? Algumas também gostam de rua, mas a maioria é mais as bonecas, ficar em casa.
- 9) Quer-se dizer, o meu, eu falo pelo meu: o meu às vezes para o pai é mais meigo do que para mim (quase que chora). O pai entra vai sempre beijar o pai. E eu chego, se não lhe disser nada ele não faz para me beijar. Mas foi sempre de pequenino. Mas mais ou menos é a mesma coisa. E ele ao pai tem mais respeito do que tem a mim.
- 10) Acho que deve ser a mesma coisa, não sei. Deve ser igual para os dois.

M54D

- 1) Um bocadinho diferentes. Não sei. Sou capaz de aceitar as coisas de maneira diferente que ele não aceita. Eu sou nervosa, mas tenho mais paciência do que o pai. Ele exalta-se, ele grita e eu não sou de gritar. Tento compreender coisas de miúdos que o pai não faz. Somos unidos e tentamos ajudar. Somos as únicas pessoas que temos, ele tem-nos a nós e nós a eles.
- 2) Eu trabalho por turnos. Uma vez o pai dá de comer, dá o banho, vai buscar ao colégio. É um trabalho que tanto faz eu como ele. Outros dias que estou de manhã e sou eu que faço com eles. Também não pode haver diferenças, não é? Com duas crianças!! Ensinar os trabalhos sou mais eu, quando estou. Quando o pai os vai

buscar fazem no ATL, porque ele vai mais tarde; eu vou buscá-los mais cedo e faço com eles.

- 3) A lida da casa é mais para as mulheres. Pintar a casa não sou eu que vou pintar. Já me tem feito comida, ajuda a lavar a loiça.
- 4) Também depende das idades. Eu ser diferente do miúdo para a miúda não sou. Mas a idade é diferente, e os problemas são diferentes, e tenho que ter conversas diferentes. Em termos do dia a dia são iguais.
- 5) Esta parte de falar com a M. sou mais eu. No caso deles ainda não foi aquela coisa de ter de falar com eles em pormenor. Eu falo mais com a filha do que o meu marido ele diz que "eu que fale com a miúda. Tu é que tens que ver essas coisas". Mas ele se calhar vai falar mais com eles. Mas no dia a dia é igual para todos.
- 6) Acho que não, que não há grandes diferenças.
- 7) A M. ajuda-me e os miúdos pouco me ajudam. O V. gosta de ajudar o pai; sair com o pai. O D. gosta mais de estar ao pé da irmã, já me têm ajudado, mas é para brincar. Eu deixo, não vou contrariar.
- 8) Nunca tive rapazes na família, só irmãs. Elas são mais organizadas. À vista dos meus rapazes, que são uns terroristas. A M. na idade deles era mais arrumada, com as bonecas, estava mais no mundo dela. Eles é aqui é ali, e com tudo, os carros, tudo. Eles não são arrumados, nem o quarto arrumam. Ela é que arruma e depois ralha com eles por eles desarrumarem.
- 9) Não vejo diferença. São muito agarrados a mim. Eu também os protejo até demais, Mas também vão pai, mas talvez mais a mim. Eu noto. E eu também sou muito agarrada a eles.
- 10) A minha filha não. As minhas irmãs davam-se mais com a minha mãe porque o meu pai estava muito fora. Mas na minha filha não vejo isso. É igual. Ela também gosta muito do pai. Quando se passa qualquer coisa tenta falar comigo, para o pai não saber, para não ralhar. Tem talvez mais coiso comigo, ponho-a mais à vontade. Por ele se exaltar, às vezes têm medo: ela contou-me uma coisa que se eu contasse ao pai ele batia-lhe. Eu, às vezes, não é mentir, mas como o meu marido tem uma vida muito ocupada e anda muito no carro tento poupá-lo algumas vezes.

- 1) Acho que sim, são diferentes. As mães por si próprias têm mais tendência a ser um bocado mais carinhosas, mostrarem ser mais carinhosas. Não quer dizer que os pais não sejam, mas não mostram assim logo tão facilmente como mostram as mães o carinho que sentem pelos filhos.
- 2) Quem os acompanha sempre, quem os tem acompanhado sempre sou mais eu do que o pai. Acho que desde que os pais fossem habituados, acho que deviam dividir as tarefas, mas no meu caso não é. Eu faço tudo, desde falar, ir ao médico, tudo. Com o pai não fazem grande coisa porque não têm grande chance para isso. Vêem televisão com o pai, isso sim. Se saírem com o pai, saímos todos, porque sózinhos com o pai não saem. Se fôr eu tudo bem. Se eu não fôr já não vai. Eu vejo aqueles pais que vão passear com os filhos, ao jardim, e assim, o meu não, não faz isso. Mas eu gostava que fizesse!
- 3) Os homens sei lá, talvez trabalhos fora de casa, trabalhos mais pesados. De resto, o resto talvez compete à mulher. Desde lavagem da roupa, fazer o comer, tratar da casa, tratar dos filhos. O homem é mais para fora, não sei. Não faz nada em casa.
- 4) Talvez, não posso imaginar. Mas talvez será diferente, uma rapariga talvez tenha uns conselhos que tenha que se dar, não é? O rapaz não necessita, propriamente assim desde pequenino. Penso eu, como não tenho filha nenhuma. Mas penso que uma rapariga requer talvez um bocado mais de atenção desde pequenina. Atenção numa maneira de ver: deve-se logo preparar para a vida numa maneira diferente do que um rapaz, não é. Um rapaz pode-se preparar mas um bocado mais tarde. Mesmo em termos sexuais e isso. O rapaz não terá propriamente aquela necessidade de ser logo conduzido desde pequenino, não é?
- 5) Não sei. A minha experiência como filha tanto foi como a minha mãe como com o meu pai. Pouco me lembro deles. Saí de casa com seis anos. Apesar de ainda serem vivos. Eu gosto muito da minha mãe, gosto muito do meu pai, mas pouco me lembro, é o que eu digo. A filha deve talvez ser encarada doutra maneira porque eu tenho um afecto diferente com a minha mãe do que tenho com o meu pai. A minha mãe para mim ... pronto, sinto-me mais à-vontade com a minha mãe do que não me sinto com o meu pai. Agora no mundo moderno talvez não, talvez o pai consiga encarar tanto para a filha como para o filho, de igual para igual. No

antigamente acho que o filho era diferente, o pai era diferente para o filho e para filha. Talvez fosse mais próximo do rapaz do que da rapariga.

- 6) Eu não tenho essa experiência. Só tenho dois rapazes, tenho ouvido dizer que sim. Que as raparigas são mais a favor do pai e os rapazes mais a favor da mãe, talvez sejam assim, mas não tenho essa experiência.
- 7) Lá está a tal pergunta que eu não sei responder. Os meus são meiguinhos, são docéis, não tenho nada a dizer, não sei. É difícil. Não sei responder.
- 8) os meus rapazes, um gosta muito de bonecos da "playmobil" outro gostava muito de brincar com as panelas. Depende não sei. As meninas ouço dizer que umas gostam de brincar com carros, outras com bonecas. Não sei, não tenho essa experiência. Não sei responder.
- 9) Talvez, também depende do à-vontade que o pai e a mãe o ponham. Os meus, por exemplo, o pequeno ainda não, tanto vê o pai como a mãe em partes iguais. Mas o mais velho, não quer dizer que não goste do pai, mas tem muito mais à-vontade comigo do que com o pai, conversa muito mais comigo do que com o pai, mas eu penso que isso seja da maneira como o meu marido fala com eles. Também não é aquele pai, apesar de gostar muito dos filhos, que diga: pronto, vou tirar meia hora para brincar com os miúdos, ou conversar. Não. Há um problema, o miúdo fala comigo eu depois transmito ao pai. Eu digo: "O pai está aqui, vais falar com ele, ou pedir isto, ou aquilo! ", "vai lá tu mãe". Está sempre a empurrar para mim. Eu digo: "Não, és tu que precisas vais lá tu.". Às vezes pedir dinheiro ou qualquer coisa. Geralmente pede-me a mim, mas eu ou que não tenha trocado ou não queira dar, "vai ao pai que o pai é capaz de ter", "Ó mãe vai lá tu pedir", "Vais tu que é para ti.". Ele, como eu não vou, acaba por ir. Mas é isso, os miúdos às vezes parece assim mais um bocadinho porque talvez não se sintam à-vontade desde pequeninos, não é? O meu marido desde pequenino nunca foi uma pessoa de acompanhar os filhos, ir a um baloiço com eles, ou falar com eles, conversar com eles, dar de comer, sentá-lo ao colo, dessas coisas que eu vejo os outros pais fazerem aos filhos, alguns, ele nunca fez e portanto as crianças não sentem tão à-vontade.
- 10) Na minha experiência acho que sim, mas hoje em dia não sei avaliar. Mas penso que no meu caso do meu marido com os meus filhos, penso que haverá outros pais com os mesmos problemas que tenham com as filhas e as filhas com eles. Eu era

mais a favor da minha mãe porque havia um desequilíbrio muito grande, o meu pai sempre foi um homem assim de arranjar assim amantes e chegava a casa e tratava mal a minha mãe e só por isso eu tenho essa imagem horrível. Claro, ainda hoje eu me lembro disso e puxo mais para a minha mãe do que para o meu pai, mas só por isso, porque o meu pai não nos tratava mal a nós, tratava mal a minha mãe, mas a nós não.

M56D

- 1) Acho que sim. Logo à partida, no meu caso, eu estou em casa e o meu marido não está. Portanto logo sou eu que estou mais tempo com os filhos enquanto que ele ... A relação tem que ser completamente diferente. Ele está muito menos tempo com eles. Eu posso ficar um bocadinho mais saturada deles, às vezes (ri-se), inclusivé com o N., sou eu que estudo com ele, o meu marido não, e às vezes isso pode levar a um certo desgaste entre mim e ele, que já não existe com a outra minha filha. Eu com a outra não estudo, ela é independente, e com o N. tenho que estudar e tenho que estar ali ... Eu penso que para ele eu devo ser um bocadinho a chata, que estou ali a massacrá-lo, o pai já não tem essa tarefa. Comigo há um bocadinho de maior desgaste do que com o pai, embora o pai esteja pouco.
- 2) Ele brinca mais do que eu, é mais brincalhão, por natureza, eu não sou. Faz parte do feitio. Ele brinca mais e eu é a parte da escola e as outras coisas, pronto, tudo, doença, o que houver não é?
- 3) Pode ser que lá em casa haja coisas que eu faça e outras que ele faça mas não é por eu ser mulher e ele homem; talvez seja eu por estar mais disponível. Pronto, se é preciso levar um dos filhos ao médico pois, se eu estou em casa, sou eu que estou disponível, vou eu. Agora não quer dizer que isso seja sempre assim, porque há muitas mulheres que trabalham e não acontece isso. Não há muita diferença. Simplesmente no meu caso pronto, eu estou em casa.
- 4) Não acho. Acho talvez, eles têm feitios diferentes. Um é diferente do outro. Posso preferir uma maneira de ser de um e uma maneira de ser de outro. Gostar, gostamos de todos. Eu penso é que posso dar-me melhor com um feitio do que com outro. Não acho grandes diferenças, mas nós também não somos iguais.
- 5) Não, acho que não.

- 6) Eu volto a dizer o que já disse: Eles têm o seu feitio, têm a sua maneira de ser. Não é por ser rapaz ou rapariga. Eu vejo lá em casa: o N. talvez seja mais meiguinho, no aspecto de ser capaz de me fazer uma meiguice, uma festinha, um beijinho e a mais velha não. Mas não é por ser rapaz ou rapariga. Eu acho é porque o N. tem esse feitio e a outra é doutra maneira. Não vejo que seja por ser rapariga ou rapaz. Porque se fosse assim então ele era mais comigo do que com o pai, mas ele é igual, e ela também é igual para os dois. E nós somos diferentes.
- 7) Não sei ... não vejo assim nada que seja mais típico ^{de} um ou de outro.
- 8) A minha filha adora jogar futebol, no meu tempo não se via. Hoje não vejo essa diferença.
- 9) Não, acho que não.
- 10) Pelo menos, da minha experiência também não.

M57D

- 1) São diferentes. Portanto, eu acho que a mãe talvez seja mais carinhosa. Enquanto que o pai põe-se ao lado na questão do respeito, da educação. Acho que o pai é mais exigente. A mãe é talvez mais carinhosa.
- 2) O pai deixa um bocadinho mais para a mãe ... acha que a responsabilidade é mais da mãe, da educação, da escola, da doença, da saúde; isto é mais a mãe. E o pai talvez fique um bocadinho mais à parte. Eu sinto isso no meu marido.
- 3) Acho que sendo rapaz, havia de ter mais um apoio do pai. Acho que coisas que eu faço devia ser o pai a fazer. Um apoio mais forte.
- 4) Eu como mãe, se tivesse uma filha, acho que dava mais o exemplo à filha do que ao filho. Tentava, como ela sendo uma rapariga, ajudava, sei lá, certas conversas até de sexualidade que uma mãe com uma filha deve ter mais à-vontade, e quanto ao rapaz acho que puxa mais o exemplo do pai não é? deve-se apoiar mais no pai.

- 5) Também penso que sim, que certas coisas o pai, como rapaz era capaz de estar mais à-vontade, sendo uma menina, talvez empurasse um pouquinho mais para a mãe, não é?
- 6) Eu, tendo um irmão, eu já sou ao contrário: como rapariga, puxava mais para o meu pai e o meu irmão entendia-se mais com a minha mãe.
- 7) Não sei (Q).
- 8) O rapaz impõe-se mais não é? Não é capaz de ir ajudar a mãe, a lavar a loiça, por exemplo? Enquanto uma rapariga, nesse aspecto, ajuda mais, não é? Já é mais caseira. Enquanto o rapaz já é mais, impõe-se mais ... gosta é de carros, coisas totalmente diferentes, mas masculinas.
- 9) É. Sei lá, o pai é como um "servidor" de exemplo e a mãe um apoio talvez. Vai procurar à mãe mais os carinhos e ao pai o exemplo, o modelo.
- 10) A filha já é capaz de de auxiliar mais à mãe e ao pai ... por exemplo uma filha já mais velha, é capaz de pedir à mãe para pedir ao pai para poder sair, porque tem mais respeito. Tenta servir-se da mãe como um apoio nesse aspecto.



- 1) São diferentes. Vou falar nas filhas que é a única coisa que eu posso falar por exemplo. Acho que as mães ... vou usar a minha parte universitária, vou tentar generalizar primeiro e depois vou concretizar rapidamente. Acho que os pais e as mães são diferentes. Acho que há sempre um que tem uma relação diferente com os filhos. Cada casal, há um que é o elemento protector, ou mais benevolente e há outro que é o elemento disciplinador, menos benevolente, talvez no nosso caso seja eu. Depois em função do sexo de ser rapaz ou ser rapariga, há a tendência para haver um que é mais companheiro, eu diria que nas raparigas o companheiro é a mãe, aquele a quem contam os segredos é a mãe, ... o pai serve para as pequenas cumplidades.
- 2) No nosso caso, 90% daquilo que é o acompanhamento da M. é da mãe, ou seja, há muita coisa da M. que me passa despercebido. Não me passa tudo porque sou eu que a levo de manhã ao colégio, mas mesmo assim só agora, porque durante anos a M. de manhã foi com o motorista para o colégio. Quase nem a via. Acho que o pai serve para quê ... o pai para as crianças como a M., é um pouco o elemento de referência, que está lá, ... é a pessoa a quem fazem perguntas que têm a ver com a sua concepção do mundo, no sentido dos pilares, mas, ... é capaz de ser, estou a ver pelos meus sobrinhos, é capaz de ser companheiro, dos rapazes, nos desportos, no desporto físico ... Mas nas raparigas o pai não é o companheiro a não ser para, por exemplo, para levar com as amigas ao cinema, isso aí é o pai, para a levar com as amigas ao Mcdonalds, é o pai, para convencer a mãe que vamos não sei onde, isso é o pai. O pai no fundo é o elemento de referência ... mas não é o companheiro do dia a dia.
- 3) Eu acho o seguinte: acho que a minha geração é a última geração de resistentes. O que significa que na geração a seguir à minha vai haver muito menos diferenças, já há muito menos diferenças, portanto a geração dos vinte anos, eu tenho quarenta, não é? Na geração a seguir à minha há muito menos diferença naquilo que os homens fazem e o que as mulheres fazem. Na minha geração, eu estou muito ligado à minha actividade, mas mesmo assim pela força das circunstâncias, partilha-se quase tudo; não se partilha ainda uma coisa essencial que é o governo da economia doméstico. O governo da casa, não é tanto o governo quotidiano, eu digo da gestão estratégica da casa. Sei lá, quem escolhe os cortinados, quem escolhe os sofás, quem escolhe o que as crianças vestem,

quem escolhe quem são os médicos das crianças, isso ainda hoje, nesta geração, são as mulheres quem fazem. Em termos filosóficos acho que não há diferença nenhuma.

- 4) Não sei, só tenho duas filhas. Pela experiência dos meus amigos e dos meus cunhados acho que a mãe se agarra mais às filhas.
- 5) Eu acho que seguramente o pai se agarra mais aos filhos, acho eu. Tenho imensa pena de não ter um filho.
- 6) Em tese, acho que são diferentes. Acho que os filhos são mais distantes, acho que a relação entre os filhos e as mães tende a ser uma relação mais conflituosa. Acho que a relação entre as filhas e as mães tende a ser uma relação mais duradoura. Portanto isso leva a que muitas vezes, mais as mulheres, as filhas sejam as melhores companheiras das mães, haja mais sogras a viver em casa dos genros do que dos filhos.
Penso que isso não é tanto da relação entre as duas mulheres, é mais da relação entre um filho e a mãe e uma filha e a mãe.
- 7) Sobretudo eu acho que procuram repartir a atenção. Gostam de se sentir importantes para os pais, mas gostam sobretudo de que não hajam coisas ou pessoas que não sejam mais importantes para os pais do que eles, mas isto tanto rapazes como raparigas.
- 8) O tradicional: as raparigas instintivamente têm brincadeiras de raparigas, embora os rapazes brinquem com bonecas ... eu continuo a achar que é um sinal de perversão à partida. Acho que os rapazes têm uma tendência natural para desportos mais violentos, um pouco, se quiser, como que uma manifestação instintiva do ... se eles vivessem numa sociedade completamente selvagem ou primitiva eles teriam que começar a dominar (?) os jogos de supremacia dos adultos e acho que ainda hoje em dia os rapazes mostram isso. E mostram isso nas suas relações entre eles, nos seus jogos, e depois mostram isso na sua relação, por exemplo, na idade da M., na sua relação com as raparigas, que é uma relação difícil, têm tendência a brincar de forma que acabam muitas vezes zangados uns com os outros, até aos dez anos.
- 9) Também falando em tese, acho que um filho rapaz é diferente para o pai e para a mãe. E acho que um filho rapaz, e falo da minha experiência pessoal, ou tem uma

relação de cumplicidade e afecto com a mãe, e o pai no limite há a relação edipiana, e às vezes, sabe melhor do que eu, o que é verdadeiro; outras vezes, falo por exemplo de mim, acho que o pai, a relação de companheirismo e a verdadeira admiração pelo pai é uma coisa que surge relativamente tarde. Admira-se o pai, o tal respeito, como referencial de estabilidade, mas a estima como pessoa é uma coisa que por vezes só vem na idade quase adulta. Porque é provavelmente o primeiro objecto dos nossos antagonismos, quando nós começamos a crescer. Não sei se a relação entre as raparigas e as mães é igual ou não. É capaz de ser, não faço ideia.

- 10) A filha é completamente diferente. Eu acho que a filha tem tendência a ... Acho que a filha nunca é igual. A filha ... Aquilo que um rapaz e uma rapariga esperam da família são coisas diferentes. Eu acho que a rapariga espera mais protecção da família, e mais segurança, e mais elementos de ligação, portanto, até por isso a realação dela com a família é mais estável; com os pais é mais estável, mais duradoura, tende a por exemplo a ... criar determinado tipo de simbolismo só entre raparigas, por exemplo, com os natais, com os dias de anos, no fundo com referenciais que fazem o seu imaginário; mas que não são só o seu imaginário de criança, são os seus referenciais de vida. Eu penso que a relação dos pais com a família é uma relação diferente. É mais ... os rapazes é mais a família em termos bipolares: escolhem o pai ou a mãe. O outro eu, desenvolve-se assim. Essa relação do rapaz que assume institucionalmente que a família dos seus pais tem que ser qualquer coisa que continua, que é marcado por uma relação duradoura, efectiva, não se encontra muito. Encontra-se nos rapazes uma outra coisa: eles encontrarem referenciais que por vezes vão até aos antepassados; é muito mais fácil encontrar rapazes que se preocupam com a heráldica, com os antepassados e com as linhagens e com a árvore geneológica do que raparigas. As raparigas não ligam tanto. Mas raparigas são mais estáveis em termos da relação familiar, do que os rapazes, e talvez sejam mais agarradas às mães, de facto.

P 3N

- 1) Penso que sim, que são diferentes. Bem, eu vou falar no meu caso extremamente pessoal, porque eu acredito entre pais e mães, de casal para casal varia com certeza de maneiras muito diferentes. Em relação ao meu caso, o que é que eu posso dizer do pai e da mãe ... penso que há diferenças, mas eu penso que essas diferenças estão um bocado alicerçadas na formação de cada um, isso é crucial. Portanto,

apesar do casamento tentar aproximar as pessoas, eu penso que elas mantêm sempre a sua individualidade, portanto, desde a sua origem, à sua formação, ao seu ramo de actividade, etc., e à sua personalidade, como é evidente. Portanto eu penso que o pai e a mãe, pelo menos eu sinto isso, são diferentes. O pai é sempre o mais forte, é a reserva da família, é ainda ao fim e ao cabo entendido pela criança, e em casa, como o tribunal de última instância, chamemos-lhe assim. A mãe é a pessoa, que em minha opinião que se expõe. Que se expõe muito no dia a dia, que tem uma participação muito maior que o pai, porque o pai normalmente transporta para casa, leva consigo os problemas do trabalho, as preocupações do trabalho; a mãe talvez desligue um bocado mais das preocupações do trabalho e quando chegue a casa tem que enfrentar o dia a dia e tem que participar muito mais na actividade, ou seja no acompanhamento do filho. Eu penso que é um bocadinho isso.

- 2) Quer dizer, a mãe está na frente ... na primeira fila, no sentido de corrigir, de ralhar, de chamar a atenção, nos mais pequenos pormenores, no comportamento, nas palavras, no que ela diz, nas atitudes, na maneira de estar, na maneira de comer, etc. Eu sinceramente afasto-me um bocado disso. O meu comportamento com as duas filhas tem sido igual. A minha experiência da M. já tem como passado a J., a mais velha. E portanto eu sinto quer em relação a uma, quer em relação a outra, apesar de terem seis anos de diferença, a minha maneira de ser ou de influenciar a formação delas é sempre igual. Eu sou muito adepto da grande liberdade, dou a liberdade realmente total às miúdas, pronto, mas depois sou extremamente exigente. Não sou capaz de ralhar e sinto que elas também sentem isso, quer dizer ... também não sou muito, vamos lá, de as formar, praticamente, quer dizer, é mais a minha presença. Talvez elas em mim vejam mais a presença e respeitem mais talvez porque a minha intervenção é pequena. Eu sinto muito isso, sinto que realmente se não fosse a mãe permanentemente preocupada, não sei quê, etc., ter a parte chata, no fim, do dia a dia da casa, não é? Eu sou mais reservado e sou quase a reserva, quer dizer, quando eu falo é o ponto final. Não se se isto é um bocado antiquado mas é assim.
- 3) Eu creio que é fácil, quer dizer, eu penso que hoje em dia ainda há uma grande diferença, salvo raras excepções entre o homem e a mulher. Salvo raras excepções, eu considero isso. Portanto há uma percentagem ainda mínima de mulheres que têm, digamos, até ao nível profissional ... eu acho que isso está tudo relacionado com a formação da pessoa e com o desempenho das funções que ela tem na parte profissional. Portanto, desde que uma pessoa seja responsável, por exemplo, em

qualquer sítio como eu sou, por exemplo, na minha empresa: sou director, portanto num nível top numa empresa; a minha mulher não, tem um nível mais médio em termos de formação e de responsabilidade diária ao nível do trabalho. Eu penso que a partir daí define-se muito o que é que é do homem e o que é que é da mulher. O homem, no meu caso concreto, estou habituado a ter responsabilidades, a ter que mandar, a terem que me obedecer, entre aspas, vá lá numa democracia ou num diálogo com o chefe, como lhe queira chamar, temos essa abertura; mas, portanto, daí eu creio que há uma certa ... no dia a dia isso transfere-se um bocado para aquilo que é o homem. E é por isso que as mulheres protestam tanto de não ver senhoras, mais mulheres no parlamento, ou mais mulheres no governo, ou mais mulheres em lugares de chefia, ou mais mulheres etc.; portanto eu acho que o homem assume um bocado o poder, ainda. E que a mulher é realmente um elemento imprescindível porque o homem ficava perdido, não é? se não tivesse aquele grau intermédio que ajudasse o homem, em casa e tudo, mas penso que efectivamente está ainda longe de fazer aquilo que fazem os homens. Não lhe vou dizer que compete ao homem ir ao futebol porque eu não vou ao futebol, ou compete ao homem ir ao café a seguir ao jantar ou compete só ao homem sair com os amigos, ou compete ao homem ir para a pesca e não sei quê, deixar a mulher e os filhos em casa. Não é nada nesse sentido. Portanto, em termos de comportamento ao nível familiar acho que tanto o homem como a mulher se juntam e portanto a família é o conjunto e o conjunto move-se em bloco, e eu penso que é o meu caso. No resto, homem / mulher acho que ainda há grandes diferenças.

- 4) Eu penso que antigamente talvez fosse mais visível. Penso eu; quer dizer que as mães tentavam ... quer dizer a filha, a minha irmã só saía se os irmãos iam. Havia, quer dizer, o rapaz fazia sempre uma certa protecção em relação à filha, não havia a liberdade que há hoje. A minha filha com quinze anos vai para a boate, vai para o Bananas e para o não sei quê e não sei que mais, com os amigos; e ela diz-me que vai com os amigos e eu acredito e ela vai. E não tenho nenhum ... nem eu vou, nem a mãe vai, e não tenho nenhum irmão para a acompanhar. Isto antigamente era impensável. O rapaz tinha que ir sempre. As minhas irmãs, para onde quer que fossem, iam com o irmão ou com os irmãos, ^{os} rapazes não. As raparigas eram mais controladas.
- 5) Eu queria dizer que não, mas eu acho que sim. Eu acho que é ... isto há um certo de espelho, quer dizer, há um certo de reflexo, porque se efectivamente hoje o homem e a mulher ainda são diferentes, por muito que o mundo tenha evoluído,

por muita evolução que haja, por muita modernidade, chamemos-lhe assim, que hoje exista, eu penso que continua a haver diferença entre o homem e a mulher. A não ser que a mulher se sobreponha ao homem em termos de riqueza, por exemplo, dinheiro, ou qualquer coisa. Mas tirando esses aspectos, eu penso que hoje o homem, ainda, se sobrepõe à mulher. Pronto, é uma opinião formada. (Q)

Não, eu penso que que na relação de pais, isso não tem problema porque, quer dizer, há uma relação que é aceite, de parte a parte; uns cedem numa parte, o pai, e a mãe cede noutra, etc., e há uma tentativa de, vamos lá, pelo menos de convívio harmonioso, apesar de haver sempre diferenças, porque é impossível haver harmonia. E eu penso que os filhos são uns receptores terríveis que apreendem os mais pequenos pormenores que advêm dessa situação. Porque eles são perfeitamente capazes de ver, por exemplo, as minhas filhas, são capazes de fazer muito mais asneiras ou criar muitos mais problemas em casa quando o pai está presente. Sentem uma certa protecção porque o pai é mais benevolente. O pai não castiga tanto, não ralha, não chateia. A mãe pressiona permanentemente, não sei quê, não sei que mais, mas quando eu não estou em casa, chega e tudo correu bem. Mas quando às vezes estou em casa e aquilo é um pandemónio. E eu não tenho intervenção nenhuma. E a minha mulher diz: "Você não faz isto, você não faz aquilo", e as miúdas percebem e fazem asneiras. Mas depois isto também depende de cada um, porque depois também o nível das asneiras que se fazem também tem uma valorização diferente aos olhos da mãe e do pai. A mãe, para ela, eu acho que amplia tudo, quer dizer tudo para ela é muito pior, se não põe as mãos em cima da mesa ao jantar, se não come de boca fechada, se contarola. Se faz uma asneira ou outra ... eu sinceramente não ligo.

- 6) Mantenho sempre a tese de que sim, de que há uma ligação diferente, porque nós ... o pai e a mãe são diferentes. Portanto se eles fossem a mesma pessoa ... mas eles são diferentes. O pai é diferente da mãe. Quer dizer eu não digo que a gente diga que ... é isso mesmo, por ser pai ser pai e por ser mãe ser mãe. É difícil para mim ... precisava realmente de fazer um exercício muito profundo para lhe poder responder a isso, porque ... Em relação, por exemplo, se eu tivesse um filho ou uma filha: evidentemente que há matérias ou há sectores em que a relação era capaz de ser diferente. Quais ... evidentemente que eu tenho como filho, tenho muito mais abertura aos assuntos tabu dum rapaz, ainda hoje, do que tenho certamente com uma filha. Apesar de que eu tentar sempre falar as coisas sérias a brincar, mesmo com elas, não lhes escondo nada de nada, da relação sexual, até essas coisas todas, mas quer dizer, faço isso, com elas, quer dizer, tento transportar isso para uma forma agradável mas a brincar, a falar. Mas quer dizer qualquer das filhas, por

exemplo, sempre viu o pai nú, sempre viu a mãe nua, sempre brincaram com a pilinha do pai, sempre mexeram na pilinha do pai, quando estava a tomar banho; eram mais pequenas, foram crescendo até que elas próprias se afastam e, pronto, deixa de haver essa relação tão próxima. Mas quer dizer isto eu penso que não é matéria tabu, mesmo com raparigas. Mas penso que se fosse com rapazes a relação era capaz de ser diferente. (Q).

Eu penso que a mãe, não sei o que é que ela disse antes de mim, mas eu sinto que a minha mulher tem muita pena de não ter um rapaz. Eu penso que os rapazes são extremamente importantes, costuma-se dizer e eu sinto isso, para as mulheres, para a mãe. Eu penso que eu sou muito babado e quando me disseram que eu tinha a segunda filha eu fiquei muito satisfeito, porque realmente gosto das raparigas.

- 7) Eu acho que o que eles fazem é implicar uns com os outros; são poucos os momentos de harmonia entre eles; acho que o que eles têm todos tendência muito para implicar uns com os outros. Penso eu, e isto filhos e filhas, tanto faz.
- 8) Eu acho que é do senso comum, quer dizer é aceite, quer dizer, os homens ... os rapazes, os miúdos, são mais para a bola, para o futebol, para os desportos, para os jogos, para as coisas um bocado mais violentas e as raparigas penso que ainda mantêm o gosto pelo boneco de peluche, o gosto pela boneca, o gosto pelos bonecos, o gosto pelas bonequinhas miniaturas, o gosto pelas colecções de coisas pequeninas, engraçadas de ... todos aqueles instrumentos dos médicos, de brincar aos médicos, isto e aquilo. Os rapazes penso que normalmente têm tendências mais violentas, digamos para os jogos mais físicos, quer dizer, usar mais, utilizar mais o físico. A rapariga penso que sob este aspecto se defende bastante bem.
- 9) e 10) Acho que sim. acho que é claríssimo. Eu penso que sim. Só me posso reportar, e já lá vão muitos anos, porque eu no caso concreto só tenho duas raparigas, não tenho nenhum rapaz, tenho essa dificuldade. Mas se me lembrar das relações, e de agora, das relações que existe entre os rapazes e o pai e a mãe quer dizer ... depende um bocado sempre da personalidade de cada um, isso está extremamente ligado. Mas eu penso que quase sempre a tendência é dos rapazes terem maior abertura para com o pai e as raparigas para com a mãe, eu penso que isso é do senso comum, é absolutamente aceite, acho que sim.



- 1) Acho que são diferentes por eles e facilmente compreendido pelos filhos e bem aproveitado e bem explorado por eles. (Q) Isso já é mais difícil de responder, porque não tenho o assunto suficientemente claro para lhe definir, mas sei-lhe dar alguns exemplos: Enfim, assuntos que sejam habitualmente rotinas do pai ou da mãe as crianças espontaneamente adaptam-se a isso e têm necessidade de ... seja com que propósito ou com objectivo fôr, mesmo sem grande interesse, ... em recorrer a qualquer assunto desse domínio mais do pai ou mais da mãe sabem perfeitamente distinguir e como ir ter com ele. E isto manifesta-se desde práticas que constituem os hábitos da casa, não só da casa, mas dentro do agregado familiar, até assuntos mais transcendentais, entre aspas, e que são dúvidas que possam ocorrer à criança que sabe muito bem seleccionar qual o pai ou a mãe, com quem é que vai ter para fazer a pergunta. E também sabe modificar essa pergunta se não se sente satisfeito com a resposta que o primeiro deu.
- 2) Então, a mãe costuma estar mais próxima dela. Em toda a rotina da casa. O pai em tudo o que é mais fora, de divertimentos. As excepções à rotina também são habitualmente ... uns pedidos ao pai e outros à mãe, ... as dúvidas dela, consoante o tipo de assunto, eu sinto que ela recorre mais a mim do que à mãe.
- 3) Pois eu ... acho que, no geral, e em minha casa também, as mulheres costumam habitualmente ocupar-se mais de, enfim, de assuntos domésticos. Os homens costumam ocupar-se mais de fugas à rotina, seja de que tipo de coisas fôr, ou pelos menos são altamente ouvidos nisso, e muitas vezes são empurrados para terem o papel activo se não o tiverem espontaneamente; e no meu caso em particular, muito pouco mais do que isso. Embora haja enfim tarefas próprias dos homens em casa. Habitualmente há uma gestão financeira em casa que por exemplo é levada por homens, e independente daquela que é uma parcela que é conduzida pelas mulheres, acho que isto é habitualmente o papel dos homens.
- 4) Não sei, não sei responder a isso porque isso para mim prende-se com dois aspectos: em primeiro lugar com as preferências que os pais possam ter dos filhos e acho que isso é variável. Em segundo lugar prende-se também muito com, no meu caso em particular, com o facto de haver uma segunda criança em casa, mais nenhuma, e que é filho dum primeiro casamento meu e não da mãe e que vive,

alternadamente, semana sim semana não em casa. E portanto, enfim, eu estou num caso muito particular; mas acho que eu sou mais sensível às ... às preferências que possa haver dos pais pelos filhos a comandar essa questão que me falou do que qualquer outro tipo. E que independente de ser rapaz ou rapariga, habitualmente no primeiro filho, depositam-se uma série de exigências que depois vão ser mais ou menos tidas como modelo nos seguintes, ... isto é cumprido ou não é ... naquilo que foi falhado, quando o propósito foi este, tenta-se um repescar algum propósito nos outros a seguir; não sei acho que também estou influenciado pelo que vi na minha própria casa, no meu crescimento em toda a minha infância com duas irmãs mais novas que tive. Mas vejo isso de certa forma repetir-se, e pelo menos há muitos aspectos que se prendem com o que me pergunta e que eu vejo serem uma repetição da metodologia que vi antes.

Eu se calhar não estou a responder a nada do que me está a perguntar ...

- 6) Não sei. Acho que deve haver muitos outros factores, independentemente do sexo do filho ou da filha, muitos outros factores de natureza psíquica a comandar aquilo que me está a perguntar e portanto independente do ser rapaz ou rapariga. Mas há seguramente outros aspectos que são intrínsecos a isso mesmo, mas não sei dizer.
- 7) Pois ... habitualmente, eu não sei, mas acho que aquelas tarefas de rotina que são mais de homem e mais de mulher, são espontaneamente tomadas como ajuda das mesmas crianças. Eu sei que por exemplo, é mais ... o meu filho leva mais a sério ajudar-me a ver os pneus do automóvel e a encher o depósito de gasolina do que ela. Embora ela o queira imenso fazer; mas eu estou convencido que é para querer imitar o irmão, porque ele é mais velho e para se insinuar também junto de mim. Mas por exemplo, é com muito maior à vontade e espontaneidade que é ela a ajudar a mãe a pôr a mesa ao domingo quando não há empregada em casa. Relativamente a ele que o faz, também, mas a arrastar-se e não com tão boa cara. De modo que acho que ... eu não sei explicar porque é que há estas diferenças entre homem e mulher mas acho que elas existem seguramente e é assim.
- 8) Além de todas estas funções, em termos de divertimentos os jogos computadorizados entram independentemente dos sexos com uma diferença: é sempre ele aquele que deve comandar o ligar, o desligar, o reparar as avarias, etc., mas eu não sei quanto disto é que é por ele ser rapaz e quanto é que é por ele ser o mais velho. Por outro lado é curioso também que tudo o que sejam jogos habitualmente praticados por rapazes ... bolas, futebol, etc., há muito maior iniciativa e receptividade e espontaneidade dele do que dela. Dela quando há é

numa tentativa de imitação e de insinuação junto do outro que é mais velho. Pelo menos é o que eu penso, mas também não sei quanto é que está o influir aqui a diferença de idades e o ela ser mais nova. Agora sei dizer-lhe que não há , nem pouco mais ou menos, tão pronta receptividade de rapazes para entrarem em brincadeiras de raparigas, e falando nas idades infantis deles, o grupo a que nos referimos, a entrar em jogos de bonecas, de pais e mães e estas coisas parecidas que eles arranjam. Há muito mais facilidade das raparigas, portanto, aceitarem colaborar com os rapazes nos jogos dos rapazes, do que dos rapazes colaborarem nos jogos das raparigas. Quando o fazem, é pela novidade que isso representa, é exactamente por não ser um hábito. Então estão prontos, estão disponíveis.

- 9) Eu já há bocadinho acho que falei disso mas ... é seguramente diferente. Mas atribuo mas às apetências próprias ... sabe que eu acho que as crianças são extremamente objectivas, simples nos propósitos que têm, mas olham muito para o seu interesse próprio. Não deixam de o manifestar em tudo o que estão a fazer. São muito directas; crianças, crianças, estou a falar de um período infantil longe da adolescência. Tenho esta noção de verificação entre eles. Não sei se isto não contribui também para uma maldade própria que os miúdos têm. São safados uns para os outros. Não sei se me estou a afastar da pergunta ... a pergunta era desculpe? Ele vai ser diferente em função dos outros aspectos que eu falei antes. Vai-se aproximar, daí pôr questões ou pedidos ao pai ou à mãe em função daquilo que pressente ser as apetências próprias do pai ou da mãe, exactamente por este mesmo interesse muito directo, não é?

- 10) Ela também, qualquer deles. Sobretudo quanto mais novos mais fazem assim.



- 1) Acho que enfim, ... eu penso que haverá uma pequena diferença sempre; tem a ver também com os valores e as normas que cada um de nós tem nas educações e que depois, enfim, tenta transmitir aos seus filhos. Haverá, eventualmente, uma pequena diferença. A mãe tem sempre o aspecto mais feminino, mais afectivo, enquanto que o pai duma forma geral é capaz de ser sempre assim uma figura mais autoritária, mais afirmativa.
- 2) Não tenho ideias muito certas acerca disso; não vejo que obrigatoriamente o pai tenha que ter umas responsabilidades bem definidas e a mãe outras. Não vejo, não

veja. Pode acontecer consoante as circunstâncias e as disponibilidades mas assim à partida que caiba essa responsabilidade especificamente, enfim, não vejo.

- 3) Há de facto uma distinção, nós estamos numa fase de grande mudança, não é ... a mulher tem cada vez mais uma vida activa, não é, portanto: esta história de ter a mãe fora de casa, no trabalho, enfim, é qualquer coisa que ainda não sabemos muito bem que implicações é que tem no desenvolvimento das crianças. Mas isso é uma coisa que hoje em dia é inegável e é uma evolução em relação àquilo que acontecia uns tempos atrás. Mesmo, eu diria que a nível de algumas camadas da sociedade, isso aparece cada vez com mais frequência: a mãe que está fora. Apesar disso, eu acho que mesmo assim, na generalidade, eu diria que há ainda, enfim, alguns aspectos que cabem à mãe, à mãe que está em casa, à mãe que trata dos meninos, que vai à escola ver as notas, e o pai é capaz de estar mais ausente, faz o trabalho. Eu penso que haverá mesmo assim algumas normas, algumas tradições, eventualmente que transitaram para hoje e que fazem com que ainda haja esta separação. Portanto, o pai é capaz de, enfim, neste sentido de ter ... julgo eu ... enfim ... ser mais o que brinca mais e a mãe ter uma situação mais passiva ... falta-me o termo, não é acomodada, mas mais tranquila.
- 4) e 5) Penso que não, que não haverá diferenças. Haverá é normas e valores e à medida que o filho vai crescendo que eu penso que aí sim, haverá diferença naquilo que se transmite a um rapaz e a uma rapariga. É o que eu penso, são as tais normas, não é?, que nós ainda transmitimos. E valores, não é?, a rapariga terá outro tipo de valores. A educação da rapariga segundo um tipo de valores, talvez até mais tradicionais, e a educação do rapaz voltada para actividades mais abertas, mais fora. Tem provavelmente mais liberdade.
- 6) Eu já tenho comentado isso com alguns amigos meus e ... não sei ... mas vejo, pelo menos, na comparação que faço, mesmo em relação às minhas, penso que são muito mais meigas, muito mais ... é isso, uma meiguice maior. O rapaz é mais violento, berra, berros, não sei quê; eu vejo isso e estava a falar com amigos meus: "É pá, isto de facto ter filhas é diferente dos rapazes. Arrancam os cabelos às meninas, mas as meninas não dão pontapés aos rapazes". Tinha essa ideia, que havia de facto uma diferença.
- 7) e 8) Julgo ... que o rapaz é mais irrequieto, não sei se isso tem a ver com a maneira, com aquilo que cada um de nós tem na cabeça na forma como

depois os educa, como lida com eles, etc. Eles são fisicamente mais expansivos, o jogar à bola, o correr. Elas, enfim, veja que são as brincadeiras de maior promenor, mais quietas. É a ideia que tenho.

- 9) Penso que sim, que poderá haver algumas diferenças, mas ... consoante a idade também não é, e isso sabe melhor do que eu; consoante a idade, penso que poderá haver algumas diferenças. (Q) Enfim aquela atracção pelo pai ou pela mãe, consoante rapaz ou raparigas, numa certa fase, poderá haver uma atracção maior do rapaz pela mãe, numa certa fase.
- 10) Talvez o inverso para com a rapariga, quer dizer, na fase em que elas estão, não sei se não haverá, de facto, uma maior atracção pelo pai, por mim, do que pela mãe. Talvez, não sei.



- 1) Acho que são diferentes. As mães são mais maternais e portanto estão mais, enfim, vivem mais os problemas com mais gravidade, os pequenos problemas com mais gravidade. Nós estamos mais um bocadinho mais distantes, somos talvez menos maternais, somos paternais, talvez mais autoritários. Somos um bocadinho mais distantes e acho que isso automaticamente implica uma maneira de lidar com eles diferente. As mães estão mais tempo com eles, nós estamos menos tempo.
- 2) No dia a dia, hoje em dia cada vez mais, no dia a dia, enfim, as tarefas diárias que, enfim, implicam cuidar deles, hoje em dia misturam-se bastante. Sou sapaz de mudar uma fralda ao meu filho recém nascido não é?, sou capaz de dar banho à minha filha, se for preciso, hoje em dia já não porque já é grande ... mas nesse tipo de coisas mistura-se muito, se bem que isso vai de pessoa para pessoa, não é? E da disponibilidade de cada um para cuidar, para poder dar ajuda nessas tarefas. Pela minha experiência, normalmente é a R. que cuida deles, ao fim do dia, vê se eles estão a estudar, ou se eles jantaram ou se tomaram banho, enfim. Isso eu acho que é mais por uma questão de disponibilidade de vidas que eu não tenho. Agora assim coisas especiais ... não sei. Eu pela minha disponibilidade, enfim, ao fim de semana, não tanto quanto devo, estou com eles, brinco com eles, passeio com eles, vou-lhes mostrar coisas, isto em função da minha disponibilidade.

- 3) O normal, é, se houvesse uma separação, enfim, a mãe cuida do dia a dia, essa tarefa toda de organizar a vida deles, em termos de refeições, ir para a escola, de acordá-los a horas. O pai põe ... talvez ... põe um bocado mais regras, um bocado mais de ordem, não sei porquê ... acho que talvez por estar menos é capaz de isso provocar, enfim, uma relação não sei se de maior respeito não, não é uma questão de respeito. É e não é, ... talvez quando eu estou menos com eles se calhar chego a casa e quando eu digo que não é não, e se calhar a R. está com eles e eles estão sempre em cima dela, sempre a dar-lhe a volta, sempre a quererem enrolá-la, enfim ... e portanto eu como estou mais distante, seja as coisas talvez mais frias ... enfim, talvez por isso imponha mais respeito. Não sei se será por causa disso ..., na parte que diz respeito aos estudos é natural que para obrigar a uma certa disciplina, de criar hábitos de trabalho, que é ... talvez por isso a gente tenha maior influência de impôr ordem.
- 4) e 5) Acho que ... isso é uma coisa que ... eu tenho pensado comigo próprio porque, enfim, também tenho a minha experiência. Tive doze irmãos, e era natural que às vezes a gente comparasse de alguma forma: este teve um presente que eu não tive, mas porque é que eu não tenho, enfim ... os próprios feitos deles obrigam a que nós tenhamos um comportamento diferente com um e com outro. Isso passa-se quer comigo, quer com a R. também. Acho que tem a ver muito mais com o feitio do que com o ser rapaz ou rapariga, mas não sei. ... Acho eu, agora vou ter o terceiro filho e a experiência ... se calhar vou marcar diferenças. Mas eu por exemplo, em relação a mim, vejo a minha filha J., que enfim, está muito bem com a vida, está muito à vontade com a vida, extrovertida, para ela tudo está bem, não cria problemas; eu também, naturalmente, não crio problemas para ela. Ou se calhar dou menos atenção porque ela não tem problemas. O meu filho T., porque é mais reservado, tem o seu mundo mais ... enfim ... é um miúdo mais complicado de feitio, se calhar tenho que dar mais atenção e dou naturalmente mais atenção a ele do que à J.. A minha mulher também.
- 6) Completamente diferente. Comigo a J., enfim, acho que a J., pelo facto de pretender ser mais parecida com a mãe, liga-se mais a ela. E o T. por querer ser, enfim, mais perto de mim ... nesta fase estão a querer ser muito parecidos connosco, adoptar um modelo, naturalmente, acho que isso automaticamente implica um relacionamento diferente.

- 7) A J., o feitio dela, é capaz de ajudar muito mais em casa, tarefas do dia a dia, exactamente por essa semelhança, porque é a R. que faz. O T. se calhar é mais avesso a fazer esse tipo de coisas. Por outro lado ajuda-me quando é preciso, nos arranjos.
- 8) Desporto, por exemplo, os rapazes são muito mais ... se bem que o T. não seja um miúdo de gostar muito de desporto, mas no geral desporto, acho que aí há uma grande diferença. Os rapazes são muito mais para o desporto, para os animais ... os jogos, enfim, jogos completamente diferentes. Os jogos delas são as bonecas ... a minha filha J. representa imenso com a M., com a prima, que vive perto. Estão sempre a representar, sempre a fingir, a criar situações do quotidiano à custa das bonecas e dos amigos, sempre nesse tipo de coisa. O T. não, gosta mais de coisas de ... gosta muito mais de me ajudar a mim ... a J. foge logo, se eu faço alguma bricolage em casa. O T. gosta muito mais, pegar, ajudar a fazer a bricolage, enfim, nas brincadeiras ele gosta de fazer construções, a J. não ... ele gosta de fazer cabanas ... ela não, é muito virada para o lado feminino, as bonecas, enfim.
- 9) e 10) Joga muito com eles ... usam um bocadinho ... enfim, em termos de relação acho que não. E daí é ... estou-me a lembrar de situações em que eles possam ser diferentes ... eu acho que há coisas que a J., enfim, confidências, sei lá, conversas que tem com a R. que não tem comigo. A R. é capaz de me contar depois a mim ... essas conversas. Assim como o T. tem conversas comigo que não tem de certeza com a R. e ... mas que eu sou capaz de lhe contar a ela, depois ... mas não vai contar à R.. Acho que é muito nesse jogo de tentar-se assemelhar que caminham as coisas mais ... íntimas, mais privadas deles, ... ganham mais confiança em falar desses temas mais com a mãe, a rapariga, e o rapaz mais com o pai.

- 1) Sim, claro que são diferentes. Penso que a mãe tem uma relação diferente, tem para com elas uma relação de muito amor e muito de sentimento de pertença onde a sensação que eu tenho é a de que ainda não conseguiu cortar, e não sei se o conseguirá, cortar o cordão umbilical definitivamente. Se calhar nunca consegue, mas ... Acho que este sentimento de pertença é muito mais forte nas mães do que

nos pais, se bem que há mães que não têm ... mas essas se calhar são as crianças que lhe dão problemas, depois.

- 2) Bom, eu só posso falar do meu caso e do meu caso, a minha relação com elas, o que eu costumo fazer com elas é ... de brincar pouco. A mãe brinca mais com elas e tem mais tempo, também. (Tem também a parte mais difícil que é o comer, os banhos, essas coisas). No entanto quando alguém tem que tomar alguma decisão que seja de negar qualquer coisa aos filhos, geralmente cabe-me a mim, um pouco mais difícil esse papel.
- 3) A política é mesmo uma coisa só para homens. As mulheres que tivemos na política, geralmente não foram grandes exemplos. É mesmo só para homens. Se bem que há mulheres que têm muita garra, mas acabam por ser mais frágeis em ... Talvez em aspectos emocionais, quebram mais nos aspectos emocionais. Acho que a política é jogar futebol. As mulheres ... gerem bem escolas, por exemplo, penso que é uma das coisas que gerem bem, se calhar é essa a razão porque a R. aqui está.
- 4) Eu diria que não, mas talvez seja. Nós só temos filhas e por isso é difícil. Não sei, provavelmente a mãe acaba por se ligar mais às filhas do que aos filhos. É uma questão de afinidades, talvez.
- 5) Acho que um pai de alguma forma liga-se mesmo mais a um rapaz do que se acaba por ligar à rapariga. Pode não ser nos primeiros anos, porque as coisas são semelhantes, mas no futuro acaba sempre por se ligar mais a um rapaz, porque há coisas de mais interesse, do que uma rapariga.
- 6) Eu acho que ... são diferentes. Acho que as filhas são muito mais graciosas para com os pais do que são ... pais homens, assim como os filhos são mais graciosos para com as mães, assim um sentimento que está descrito há muitos anos; portanto acho que realmente são diferentes na forma de se lidar ... tem variações, penso eu, ao longo da idade. Nestas idades nota-se muito.
- 7) Um filho costuma fazer ... disparates ... bastantes disparates (ri-se). Acho que o rapaz faz ... mais do que a rapariga. ... A rapariga comporta-se melhor até mais tarde. Quando se quer tornar independente torna-se mesmo independente, o rapaz é mais lento, fica mais tempo nas brincadeiras.

- 8) Eu hoje penso que não há grandes diferenças. E acho que não há coisas extremamente específicas que os rapazes costumam fazer e que as raparigas costumam fazer. Não vejo hoje em termos de juventude que isso se ponha. Penso que eles vão para campos de férias em conjunto, as aulas são mistas, os liceus são mistos, as faculdades são mistas, estudam em conjunto, vivem em conjunto e, portanto, hoje qualquer adolescente ou jovem começa a fazer coisas completamente indiferenciadas dos sexo. Portanto, penso que não tem realmente muita diferença.
- 10) Acho que tem a ver com a forma como ela sente essa ligação. Ou que o pai ou a mãe lhe transmitem esse tipo de ligação: é diferente se o pai e a mãe têm para com eles atitudes diferentes. De modo geral elas têm mais carinho com aquele com quem estão mais e menos com aquele que é mais severo ou mais ausente. No nosso caso é a mãe que está mais. Não quer dizer que em coisas extremamente específicas ela não me venha pedir auxílio a mim, a quem não sente constantemente o apoio. São situações escolhidas, em que se refugia no outro que costuma estar mais afastado.
- 9) Acho que com o filho se passa a mesma coisa.

P 9N

- 1) São diferentes. As mães têm uma relação mais próxima dos filhos do que os pais, quer dizer, pelo menos eles abrem-se mais com a mães do que com o pai. O pai tem mais um papel protector e talvez de autoridade e a mãe acompanha mais as crianças, sem dúvida do que o pai.
- 2) A mãe dá mais atenção à parte dos estudos, sem dúvida, acompanha-os mais nos trabalhos que têm que fazer em casa e eu ... o quê ... dou-lhes mais ... encarrego-me doutros aspectos como sejam trazê-los da escola, levá-los para casa ..., faço-lhes leituras, mais as coisas de lazer, do que propriamente atenção ou acompanhá-los na educação e no dia a dia, que é mais a mãe, sem dúvida.
- 3) Em princípio não devia haver grandes diferenças entre um e o outro. Mas ... depende um bocadinho do casal em si não é quais e que são as habilitações ou ... neste, no meu caso concreto eu sei que a minha mulher assegura mais a educação

não só em termos de estudos como até inclusivamente nas regras de comportamento; mais persistente na educação de algumas normas de comportamento. Enquanto que, de facto, eu sou menos exigente, mais condescendente. Sou mais de brincar com eles.

- 4) Em nossa casa não estou a ver a minha filha ter uma educação diferente do meu filho. Quer dizer, em termos de educação vai-se exigir tanto a um como a outro, e aí não vejo qualquer diferença. Talvez nesta fase agora o rapaz tenha mais tendência para a mãe e isso reflecte-se nela; isto é, se agora o rapaz se agarra mais à mãe, talvez à medida que for crescendo se agarre, se calhar vai ter maior intimidade com o pai do que com a mãe, que é ao contrário do que acontece agora.
- 5) No caso concreto, como a minha mulher é mais exigente do que eu, a rapariga acaba por vir mais para mim para evitar discussões. A rapariga é talvez um pouco mais meiguinha que o rapaz, mas quer dizer ... Possivelmente, por ser uma rapariga, à medida que as raparigas crescem a ligação com a mãe vai ser certamente maior do que será agora. Porque agora acabam por ter muito mais tendência para precisar do pai em contraponto com a mãe. Enquanto que com o rapaz é ao contrário. Não sei se percebe bem ...
- 6) ... Eu penso que as raparigas na fase em que está a M., o pai é o sexo oposto, é naturalmente uma maior atracção pelo pai. Gosta de dar beijinhos, gosta de xicorações, gosta dessas coisas que eu penso que é um bocadinho de eu ser rapaz e dela ser rapariga. O rapaz ... quer dizer eu penso que as raparigas, duma forma geral, gostam bastante do pai, enquanto são miúdinhas, desta idade. Depois, à medida que crescem, são capazes de ser as mães que dão mais apoio ao dia a dia e acabam por se sentir um bocadinho mais próximas da mãe ao fim de algum tempo. Os rapazes acho que será ao contrário, são um bocadinho mais múdos, mais infantis, gostam do apoio da mãe, gostam de se sentir apoiados pela mãe. Depois quando crescem, o seu tipo de problemas acaba por se assemelhar mais aos problemas do pai e por isso, possivelmente, vão ter mais intimidade com o pai do que costumavam ter.
- 7) Em minha casa o meu filho é mais intelectual, gosta de actividades ... é capaz de se entreter sozinho, ou com um jogo, ela é menos concentrada e portanto gosta mais das actividades sejam elas quais forem que envolvam terceiras pessoas e movimento. Normalmente seria ao contrário mas não é.

- 8) Nós não tentamos orientá-los muito nesse sentido, quer dizer, ou seja ... a minha filha nunca se entreteve com uma única boneca, nunca houve essa preocupação que ela brincasse com bonecas ou que o rapaz brincasse de jogar à bola. As actividades que eles têm extra escolares acabam por ser exactamente as mesmas: andam na natação, vão os dois ao ténis e ... enfim é isso.
- 10) Penso que já lhe disse há bocado, quando referi a relação das raparigas com o pai, na idade da M. e a sua evolução.
- 9) Também já o disse, é o que referi há pouco sobre o apoio da mãe primeiro e depois, à medida que o tempo passa uma maior proximidade com o pai.



- 1) Acho que são basicamente iguais, não é? embora em função das tarefas que geralmente desempenham, enfim, haja algumas diferenças, mas mais do tempo que estão com os miúdos, do tipo de apoio que lhes dão. Em média, não é? Eu por exemplo estou menos tempo com eles, trabalho até mais tarde, enfim, é um pouco diferente nisso, mas de resto não, não vejo outras diferenças.
- 2) Eu aí não vejo grandes diferenças. Basicamente são as mesmas coisas, digamos. O que há é talvez uma abordagem mais pela mãe de certas áreas e pelo pai outras em função realmente do tempo disponível. Eu diria que neste momento o acompanhamento dos estudos e do dia a dia deles é função da mãe. Nitidamente por falta de tempo, embora eu acompanhe também, mas não tenho realmente tempo de fazer o acompanhamento que ela faz.
- 3) Não sei. Não vejo assim grandes diferenças. Há realmente coisas que os homens fazem tipicamente, talvez não seja o meu caso e cada vez há menos essas diferenças.
- 4) Acho que não.
- 5) Também não.

- 6) Não sei bem responder a essa pergunta. Tenho alguma dificuldade em pôr as coisas assim. Não sei, penso que varia muito.
- 7) As mesmas coisas. Talvez os rapazes ... brincam mais com coisas de ... nomeadamente os meus filhos, brincam muito às lutas e coisas assim, mas a minha filha às vezes também entra nessas lutas. Mas é mais típico este tipo de brincadeiras que tem por preferência, actividades mais bélicas. As meninas é evidente, não sei se forçadas pelos pais ou por tradição acabam por brincar mais com objectos ligados à família, bonecas e essas coisas assim.
- 8) É isso, já disse.
- 9) Não acho que seja diferente. (Q)
- 10) Também não.

P 12N

- 1) Acho que são iguais. Penso que tentam ajudar e ser o melhor para eles, de hoje para amanhã.
- 2) Acho que é diferente. No meu caso, por exemplo, a mãe tem mais autoridade sobre a criança do que eu, porque sempre ... pois eu estive fora a trabalhar e ela viveu mais com a mãe do que comigo. Voltei há três, quatro anos.
- 3) Eu, falo por mim, quando é coisas de lavar a loiça eu ajudo. Eu trabalho mais horas, mas quando posso ajudo a mulher em casa. Lavo a loiça, ou às vezes limpo a casa de banho. Portanto, ajudar a mulher dentro do meu possível, embora ela faça mais, claro.
- 4) Acho que não, que é igual para os dois. Mas pode haver pessoas que são.
- 5) Eu sou, mas há pessoas que não. Trato-os da mesma maneira. Sou igual para os dois.

- 6) Em certos casos; não sei, depende às vezes numa brincadeira ou disto ou daquilo, ou de pedir, a maneira de pedir é diferente. Não sei, a P. por exemplo, é capaz de chegar ao pé do pai e dizer: "ó pai, e tal, se me deres isto", um beijinho e tal. O miúdo já não é igual, "ó pai, e tal, se me desses isto ou aquilo" mas pronto, não tem tanto carinho, penso eu.
- 7) Mais ou menos brincam da mesma maneira. Vêem televisão, desenhos animados, videos, cassetes, não sei quê. Quando há programas que não gostam brincam comigo. É mais ou menos igual.
- 8) Eu acho que a nível das crianças, falo pela minha filha, acho que elas são mais vaidosas. Gostam mais de se enfeitar, e isso. Eles, é os carros, bolas, a televisão ...
- 9) Não, é igual.
- 10) Também é igual.

P 13N

- 1) Não sei. Eu acho que são bons, são carinhosos. Alguns, não todos. Portanto acho que estão mais ou menos afim, ou quando vão conceber esse ser humano acho que são dignos de os ter (Q). Há de tudo. Eu conheço pais que não andam com os filhos. Eu, por exemplo, sou um pai que, não sei porquê, sou um bocado agarrado à minha filha, e a minha mulher também. Mas ... tenho amigos meus que têm filhos que não são ... quer dizer, não têm aquela interligação tão forte, se calhar, como nós. Por isso é que eu deduzo que há pais, pais portanto, tanto mulheres e homens, que não têm o mesmo coiso pelos filhos que outros pais poderão ter. É o que vejo.
- 2) Bem, no meu caso, eu por acaso faço de tudo, tanto faço ... faço tudo: dou-lhe banho ... sei lá, faço tudo. Quer dizer, há pessoas que poderão dizer: "Ai o pai estar a dar banho à filha, não sei quê, ou ao filho, é assim um bocado coiso", mas, no meu caso eu dou, não tenho problemas nenhuns. No nosso caso nós dividimos bastante as tarefas, tanto dela, como a nível de casa e tudo.
- 3) Pois é o tal caso, eu no meu caso eu não vejo isso porque tanto eu como ela fazemos as coisas.

- 4) Não sei, quer dizer, não sei. Nesse caso não sei (Q) ... quer dizer, é a tal coisa, há pessoas que dizem que os pais protegem mais as filhas e as mães os filhos, mas eu daí não sou capaz, porque eu nunca tive irmãos, portanto não sei qual é a sensação de viver em família, mãe e filha e mãe e filho, não sei como é que é isso.
- 5) Talvez hajam coisas que a filha talvez não pudesse ir ou não pudesse fazer, por exemplo jogos de boxe, desportos assim mais violentos. Eu gosto de certo tipo de desporto, gosto de boxe, gosto de luta livre, mas acho que talvez eu não a levasse comigo. O rapaz já é outra coisa, é masculino e portanto é aquela coisa, vem na fibra, nasce na fibra da pessoa, do pai, o pai quer transmitir ao filho.
- 6) Eu acho que não. Acho que em geral eles são carinhosos também para com os pais, as reacções deles são normalíssimas, não há diferenças.
- 7) Os carrinhos, as bonequinhas e não sei quê ... Mas hoje em dia já não se nota tanto esse tipo de coisas. Tanto os miúdos como as miúdas já têm ... As brincadeiras deles já são iguais. Por exemplo, eu vejo o caso da minha filha: ela tanto brinca com bonecas ou com carrinhos, ou com skate ou com ... diversos tipos de coisas que antigamente, por exemplo, na minha altura, era mais se calhar apropriado para os rapazes do que raparigas. Mas hoje em dia isto evoluiu tanto que as brincadeiras deles são iguais.
- 8) Não vejo muitas diferenças. Porque eu por exemplo, quando vou buscar a minha filha à escola, tenho visto que eles, montes de brincadeiras que há uns anos atrás talvez fossem mais apropriadas ou adequadas às raparigas e agora eles fazem-nas também. A macaca, e tudo isso. Por isso é que eu digo que não há muitas diferenças.
- 9) Acho que não.
- 10) Também acho que não. Quer dizer, no meu caso eu acho que não, no meu caso. Estou a falar por mim. Acho que não. Porque eu acho que a minha filha, por exemplo, tanto se sente à-vontade comigo como com a mãe, por isso é que eu acho que não.

- 1) Tem a ver com a formação das pessoas e a educação. É inerente à infância que tiveram e se estão preparados para ter filhos. A minha filha está mais em contacto com a mãe, recorre sempre mais a ela, nas coisas do dia a dia. Tudo o que é ballets, bicicletas, inerente a dinheiro vai procurar a mim. Vir aqui, vir ali, desporto, andar de mota é comigo. A mãe não, tem a lida da casa e embora se faça em conjunto, é uma violência.
- 2) A mãe está mais em contacto com a criança, deve dar-lhe educação, incutir hábitos de boa alimentação e higiene. É uma guerra, a alimentação. Dar-lhe a provar saladas, legumes e cabe à mãe esse papel. O pai é o aspecto da segurança, da ternura, deve ajudar e compreender. Não quer dizer que na mãe não exista, mas eu vejo assim.
- 3) Os homens é os trabalhos mais duros, que seja necessário mais esforço. As mulheres é o trabalho mais pormenorizado, dentro de casa, mais feminino: a lida da casa, as refeições, cuidar das roupas. É mais feminino
- 4) Acho que não deve haver distinção entre o filho e a filha. Embora haja diferenças: enquanto a filha deve estar mais a ajudar a mãe, para aprender, o rapaz está mais solto disso, e por isso por haver uma relação um pouco diferente.
- 5) O pai acho que é igual para os dois, é a mesma coisa para um e para outro.
- 6) Acho que as meninas lidam com o pai e a mãe duma forma mais doce do que os rapazes. São mais agressivos, mais arrogantes, mais traquinas.
- 7) O filho à medida que vai crescendo vai tendo o exemplo do pai e, a pouco e pouco, vai tentando ajudá-lo nas coisas dele. A filha acho que ela sente que o pai é o maior e que vê os pais como um exemplo, quer sempre ver-nos bem aos dois, por cima.
- 8) Os rapazes, com dez - onze anos começam a querer experimentar coisas, traquinices, querem ser independentes mais cedo. É mais os rapazes, na minha filha não sinto isso. Começam a ficar mais femininas, a ter curiosidade em determinadas coisas, os namorados e isso. São mais meigas, são mais femininas.

- 10) Eu vejo que as meninas inclinam mais para o pai e os rapazes para a mãe. Elas são mais meigas para o pai. Com a mãe há aquela coisa de tentar ajudar, para imitar, para fazer como a mãe e isso.
- 9) Os filhos, como eu já disse, acho que inclinam mais para a mãe. Mas também tenta imitar o pai, vão tentar seguir o seu exemplo, acho eu.



- 1) Tem uma certa diferença porque normalmente as mães são mais apegadas. São capazes de dar mais carinhos e menos castigos. Quando castigam são capazes de ser mais exageradas. Os pais eu falo por mim, tento ser justo e eles têm o que merecem, embora eles possam pensar que não é assim.
- 2) Passear a pé com eles, ir até à praia, ao campo, algumas visitas a museus, festas que eles gostem e conviver com eles, passar com eles o máximo tempo possível. A mãe não tem esse tempo para passear com eles, porque tem folga à segunda-feira e eles têm escola. Vai com eles comprar roupa, faz-lhes o comer, chega a um acordo comigo para os extras que eles pensam que não levam e acabam por levar. Faz a orientação da casa e o arranjo e já não é pouco.
- 3) No meu caso, trato do quintal, à volta da casa, e da criação. Ela trata do arranjo da casa normal, o que uma mulher tem de fazer dentro da casa, limpezas, lavagens, etc..
- 4) e 5) Não, fazemos os possíveis para não ser, tanto eu como ela. Procuro de todas as maneiras possíveis ser igual para os dois, como ela.
- 6) Em certas coisas são diferentes: o rapaz é mais velho, já procura outras coisas, ir ver um jogo de futebol. Ela pode preferir ir ver um festival de música. Mas no lidar com os pais acho que não há diferenças. É a mesma coisa.
- 7) O filho se eu estou ajuda-me, mas prefere sempre ir para a rua brincar com os rapazes, ou tocar viola, ou isso. Por ele, prefere sempre ir brincar. Aos fins de semana anda nos escuteiros e saem muito. A filha também quer sempre ir para a

rua, ver se as amigas querem brincar, lá os jogos dela. Às vezes arruma a casa quando está à espera de alguma coisa, esforça-se para ter aquilo que quer.

- 8) Os rapazes é mais de ajudar as coisas de esforço, de força. As raparigas ajudam mais nas coisas de habilidade, de jeito, mais tendência feminina, de precisão.
- 9) Creio que não.
- 10) O filho a mesma coisa. Trata os dois da mesma maneira.

P 19N e P35N

- 1) Depende se a mãe trabalha ou não. No meu caso ela dá mais atenção que eu. Eu sou mais frio, embora não queira admitir. Ela percebe melhor do que eu a realidade deles. Eu estou muito fora, muito mesmo. Ela tem muito mais tempo para eles do que eu. Eu chego com vontade de perceber os problemas deles mas os meus são muitos.
- 2) Como estou pouco tempo com eles, passeio, nem sempre faço o que eles querem mas o que eu acho que é bom para eles. Os bens culturais, cinema, vão muito. A mãe é mais o dia a dia deles, é o apoio diário. Há sempre um magnetismo, um bocado por medo de os deixar sózinhos.
- 3) Os homens são muito egoístas, pela educação da minha geração. Com tudo o que isso quer dizer. Fazemos muito o que queremos. O homem é mais aventureiro. Elas são menos egoístas e sobretudo não mostram tanto. Agarram-se mais à casa e aos filhos. Às vezes por segurança, estão mais ligadas à família.
- 4) e 5) Os pais são mais ligados às filhas e as mães aos filhos. Inconscientemente, ela tem uma ligação mais forte ao P., do que à I.. É visceral, já nasce. Há uma certa cumplicidade entre eles, traduz-se por afectividade. Eu preciso de mais afectividade de uma pessoa de sexo feminino do que do sexo masculino. Não é cumplicidade, é afectividade.
- 6) Podem parecer iguais mas uns ligam-se mais ao pai e outros à mãe, segundo o seu sexo.

- 7) Eles são diferentes; ela em relação ao pai tenta apreender o que vai ser o futuro dela, como lidar com o sexo masculino. Ele é o trivial, os carrinhos, e isso, embora o P. goste muito de estudar e seja muito interessado.
- 8) O P. é diferente, como já disse, mas em geral eles são mais infantis, carros, bolas, etc.. Elas são mais adultas, querem perceber as conversas dos adultos. Ao longo da vida são mais permeáveis e mais frágeis. Mais afectivas, talvez.
- 9) Ela em relação à mãe tem uma relação mais fria, a mãe é uma rival em relação ao pai. É mais malcriada, nota-se uma certa competição entre elas. Comigo não é assim, é mais meiga talvez.
- 10) Ele comigo é também uma questão de competitividade: o pai é como uma pista, tenta seguir o caminho e é orgulhoso. Para a mãe é mais meigo.



- 1) Acho que são diferentes. Acho que as mães, para mim, a minha maneira de pensar, acho que são mais ligadas aos filhos, portanto neste caso mais às filhas, que os pais. Eu acho que são mais ligadas, não quer dizer que os pais não gostem dos filhos, que é no meu caso, eu gosto bastante dos meus filhos, mas acho que há mais uma aproximação dos filhos com as mães do que com os pais. Isto na minha opinião. Eu como pai ... não sei ... tento dar mais amor, é difícil de explicar ... eu é mais para o lado das brincadeiras, talvez eu seja um bocadinho mais para brincar com elas e a mãe para tratar delas. Acho que é isso.
- 2) Acho que nesse caso ... isto de tratar da criança neste caso é mais função da mãe e a parte do pai é mais aquelas brincadeiras
- 3) Não estou a ver bem, mas olhe eu gosto muito de futebol, e gostava muito que a minha filha fosse ao futebol comigo, como ela é rapariga já não puxo tanto, se fosse rapaz era diferente, já gostava mais que fosse comigo. As mulheres é mais para passear, ver telenovelas, para a praia e isso.
- 4) Em relação à minha esposa não noto isso. Não temos filhos mas eu acho que seria a mesma coisa.

- 5) Eu também estou na mesma situação mas acho que se fosse um rapaz que era capaz de ter assim uma aproximação que não tive propriamente com uma filha, eu acho que sim, que se fosse um rapaz parece que estava mais à-vontade. Isto é a minha opinião.
- 6) Acho que não.
- 7) É o mesmo problema, não tenho filhos ... não sei
- 8) Eu acho que agora já não há distinções nos trabalhos, se é de rapaz ou se é de rapariga, quanto mim já fazem todos a mesma coisa. Já não há assim distinção.
- 9) Acho que os filhos estão mais ligados aos pais.
- 10) E acho que as filhas estão mais ligadas às mães, acho que sim, que os rapazes são mais ligados aos pais e as raparigas são mais ligadas às mães.



- 1) Quer dizer, em princípio pode haver diferenças em certos casais. Pessoalmente eu acho que não. Eu acho que tanto eu como a minha esposa devemos ter mais ou menos a mesma relação com as miúdas. Um igual ao outro.
- 2) Aqui em casa ... Talvez qualquer coisa que seja onde talvez um homem seja mais necessário, por exemplo, por acaso a minha mais velha esteve a montar umas bicicletas que a gente trouxe, era uma coisa que elas vinham ter comigo em vez de ir ter com a mãe não é? Com a mãe por exemplo coisas que sejam mais vá, mulher com mulher, irão directamente mais a ela do que a mim. A minha mais velha, há certas coisas que já não vem ter comigo, não é? Talvez questões de rapazes ou sexualidades, coisas assim ela já irá mais ter com a mãe do que comigo.
- 3) Qualquer coisa que seja ... que tenha a ver com a casa é a minha mulher que toma conta disso. O resto, normalmente, como eu disse ainda há bocadinho, se fosse coisas de bicicletas, arranjos e essas coisas elas vêm ter comigo.
- 4) Acho que não.

- 5) Também acho que não. Eu pessoalmente não teria diferença nenhuma de lidar com um ou com outro.
- 6) Bem, eu agora tenho um problema, porque não tenho filhos. Essa pergunta verdadeiramente ... Não haveria de ser diferente. Se realmente houver uma boa harmonia em casa não havia de ser um caso. Um rapaz ou uma rapariga tanto se haveria de dar bem com o pai ou com a mãe, para mim eu acho que é assim.
- 7) e 8) Eu tenho um problema, que eu acho a N. é um tipo maria rapaz, é um bocadito arrapazada e ela faz tudo um bocado, mas pronto; um rapaz iria jogar futebol, por exemplo, e uma rapariga normalmente não faz isso. E que mais ... Bem em termos de desporto haveria uns desportos logicamente mais adaptados mais rapazes e aqueles mais para raparigas, o futebol; um que poderiam praticar os dois é a natação, que a N. por intermédio da escola está a fazer, mas há outros desportos que os dois poderiam praticar, quer rapazes ou raparigas, Basquetebol, voleibol, andebol, coisas assim.
- 10) Talvez a rapariga realmente se adapte mais à parte da mãe do que ao pai, logicamente o feminino com o feminino; ela talvez automaticamente haja essa tendência.
- 9) Ah ... eu agora vou-me lembrar um bocadinho do meu tempo de criança, eu pessoalmente tanto me dava bem com a minha mãe como com o meu pai, não havia grande diferença. Mas talvez no geral os filhos tendam mais para o pai..

P 24N

- 1) Acho que são completamente diferentes. Acho que a mãe tem mais uma perspectiva de amparo, de ternura, e o pai tem mais uma perspectiva de dureza ... Eu estou a falar por mim e pela minha mulher, não é? E de certo modo também em relação às pessoas que, ... portanto, aos casais nossos amigos, não é? Acho que o pai tem mais uma visão de preparar para as agruras da vida e a mãe tem mais uma atitude de minimizar as agruras da vida. Portanto acho que são duas atitudes completamente diferentes.

- 2) Bem, eu em casa ... bom quando está a falar pais e mães eu estou a falar em relação a mim e à minha mulher, ... Em relação aos tempos livres, que infelizmente são muito poucos, porque trabalho muito tempo, doze horas por dia, mais ou menos, mas nos tempos livres procuro saber, quase todos os dias, senão todos os dias, se ele fez bem os trabalhos, se teve dificuldades na escola, se ... o que é que brincou, ... coisas do estilo. Todos os dias normalmente pergunto como é que foram os estudos. A mulher, todos os dias, está preocupada, sei lá, com a perspectiva de se comeu bem, se dormiu bem, se lhe doeu a barriga, coisas do estilo. É uma perspectiva completamente diferente. Embora também se preocupe muito com a parte da formação dele, é evidente. Ela é, aliás, é uma mãe espectacular, está muito ligada aos filhos todos e sobretudo a este, nesta fase.
- 3) Eu acho que fazem. Eu sou muito machista nisso, infelizmente. Acho que os homens fazem coisas completamente diferentes das mulheres. Em termos muito simples e muito estupidamente conservadores eu acho que os homens têm que ganhar a vida e as mulheres têm que suportar o homem estar a ganhar a vida para uma boa harmonia familiar. Infelizmente isto é um bocado estúpido estar aqui a dizer isto, mas eu podia estar a florear imensas coisas, mas no fundo, tudo aquilo que se possa florear, ou em termos intelectuais ou racionais, vem a dar a isto.
- 4) Tirando o exemplo da minha família acho que é completamente diferente. Como é que eu lhe hei-de explicar, é igual no sentido de os preservar daquilo que é mau da vida, portanto isso acho que é uma tendência natural duma mãe é evitar-lhes o que há de mau na vida, às vezes de uma maneira um bocado exagerada, porque eu acho que às vezes o contactar com aquilo que há de mau na vida é bom porque cria defesas nas pessoas, não é? Mas portanto é igual, nesse aspecto, em relação a filhas e filhos é igual, a atitude é igual nesse sentido, de os preservar. Acho é que preserva as coisas más da vida ... coisas más diferentes para um e para outro. Por exemplo, em relação aos rapazes preserva-os deles se deixarem ir na sua emocionalidade, por exemplo, com raparigas e com namoros e com coisas assim, o que não acontece em relação por exemplo à minha mulher com a minha filha, deixa-a perfeitamente sair, etc; eu sou muito mais duro nisso. Mas, nesse aspecto, tem muito mais medo dos namoros do meu filho do que da minha filha.
- 5) Sou, sou, completamente diferente. Eu em relação ao meu filho mais velho, e mesmo em relação ao mais novo. Mas em relação ao meu filho mais velho, não me importo nada que ele faça loucuras e ... portanto, que tenha um certo espírito

de aventura, eu tive muito também e que só me enriqueceu, se conseguirmos tirar um certo partido positivo disso. Ao mesmo tempo incuto-lhe muito mais e exijo-lhe muito mais todo um grau de responsabilidade do que à minha filha. À minha filha sou um pai perfeitamente, antiquadamente, estupidamente antiquado. Sou muito mais rígido na educação que procuro dar. A minha mulher não me deixa dar, mas procuro dar-lhe uma educação muito mais à antiga dela ter que ficar em casa quase a fazer tricôt. Eu se ela não tirar um curso superior não me preocupo nada, o que é perfeitamente estúpido em relação aos tempos que correm hoje. Mas é a minha atitude natural em relação a isso, e a minha educação em relação a ela, apesar de eu saber que isto é errado, não me importo nada que ela não tire um curso. Só insisto que ela tenha boas notas e estude, etc, por uma questão de enriquecimento cultural que acho que é muito importante, e não por uma questão de ferramenta na vida. Enquanto que o meu filho empurro-o, e isto deve estar completamente errado porque eles têm reacções diversas: ela é boa aluna e ele não é, o que prova que eu devo estar completamente errado, mas pelo menos é a realidade, é a verdade. E acho que o meu filho mais velho tem que saber assumir responsabilidades na vida. Tem que saber arranjar uma posição de estar na vida, de modo a que outras pessoas dependam dele sem problemas, está a ver? E acho que a minha filha não, a minha filha está vocacionada para depender de outras, mas isto é um bocado antiquado, enfim.

- 6) Também acho que sim, são diferentes. Há uma cumplicidade em certas coisas de uma filha para um pai que um filho não tem por exemplo. Se calhar até por isso que eu disse antes, de criar uma certa dureza e uma certa agressividade e uma certa preparação para os rapazes enfrentarem outras coisas na vida, um certo grau de responsabilidade. Como se é mais intransigente com este tipo de educação, isso cria um certo distanciamento, e até alguns conflitos e não há uma abertura tão grande entre filho e pai. Entre filha e pai é muito mais chegada a relação, num certo sentido.
- 7) Olhe, na idade em que eles estão, os mais velhos, o que eles costumam fazer hoje em dia é chatear (ri-se). Porque estão numa fase de afirmação ... enfim, têm este aspecto que eu acho que é negativo. Que é negativo mas que é normal, é negativo para quem é o receptor disso, não é? Porque é uma fase de afirmação e portanto normalmente entra um confronto mais ou menos de atitudes, nem é de valores, porque graças a Deus os meus filhos nesse aspecto, mal ou bem, têm os mesmos valores do que eu tenho e têm a mesma hierarquia de valores que eu tenho, não é? Mas é quase mais uma questão de atitude e de confronto, porque por necessidade

de afirmação, quando se chega aos dezasete, dezoito, dezanove anos é comum. E isto tanto ele como ela, não há grandes diferenças.

- 8) Um rapaz procura mais o desporto por exemplo, ... procura mais o sentido do colectivo, por exemplo; uma rapariga para mim procura muito mais o sentido do individual e tem actividades mais calmas, talvez.
- 9) É, em relação ao pai ele quase que se sente como um igual; o pai é o modelo. Em relação à mãe até uma certa altura é mais dependente, a partir de uma certa idade sente-se protector da mãe. E em relação ao pai não, em relação ao pai nunca se sente protector do pai.
- 10) Em relação à filha penso que se passa algo de semelhante. Quer dizer, a mãe também serve um pouco de modelo para ela, como mulher, e talvez no futuro como mãe, não sei. Neste aspecto acho que a filha se prende mais à mãe do que ao pai.

P 26N

- 1) O pai e a mãe? Acho que são diferentes. Se pensasse no meu pai e na minha mãe eram diferentíssimos porque o meu pai estava muito mais longe de nós do que a minha mãe. A minha mãe não trabalhava. Tratava assim de algumas coisas de actividade social, no sentido de creches e coisas que ela ajudava, mas estava sempre em casa e estava sempre perto de nós e o meu pai só o via à noite e aos fins de semana. E eu acho que ele acompanhava bastante ... Interessava-se bastante pelo que nós fazíamos mas muito mais à distância do que a minha mãe. Hoje em dia acho que a situação é diferente porque acho que nós estamos muito mais perto dos filhos ... mas eu hoje em dia acabo também por estar um bocado longe porque saio de casa muito cedo e chego muito tarde, mas acho que estou mais próximo dele, do J. e das outras do que o meu pai estava; mas muito mais. Mas mesmo assim acho que é bastante diferente a minha relação com eles do que a da D. Mas por acaso tenho alguma dificuldade em lhe explicar porquê, mas sei lá ... eu tenho alguma dificuldade ... por exemplo, com a nossa filha mais velha eu, às vezes sou muito duro com ela. Tenho que ter assim um papel de alguma disciplina, alguma ordem ... mas tenho alguma dificuldade em dizer mais coisas. Talvez eu me zangue com eles mais um bocadinho do que a mãe. Bom, com o J. ela baba-se completamente, qualquer coisa que ele faça ou que ele diga ela está sempre a rir, é

um problema que a gente tem lá em casa porque ela não resiste, ela não resiste é mais forte do que ela olhar para a cara dele, (ri-se) ... ela até é uma pessoa com força e com garra, não é nada piegas, mas com o J. é. ... Passamos eu e as minhas duas filhas a fazer troça o tempo inteiro porque ela desfaz-se completamente. Mas por acaso tenho alguma dificuldade em distinguir ... Acho que o pai continua a estar mais distante, talvez por razões até práticas de ocupação do tempo, do que por razões conceptuais ou intelectuais, ou por vontade.

- 2) Está-me a fazer perguntas que eu nunca pensei nisto. Vou fazendo as coisas mas nunca pensei ... Há o lado desportivo, por exemplo, que eu acho que é muito importante e ... que a minha mulher é pouco desportista eu sou muito mais, e por isso acho que me compete mais a mim, embora sou um bocado preguiçoso, não tenho feito se calhar tanto quanto devia, mas isso compete-me mais a mim. As mães ... eu acho que as mães fazem tudo. Acho que a principal coisa que se tem, que se dá, é o exemplo, e isso acho que tanto compete ao pai como à mãe; é evidente que são diferentes, os homens são diferentes das mulheres, os pais são diferentes das mães, mas acho que o exemplo da maneira como vivem fora de casa, como vivem em casa, e como se dão um com o outro acho que é talvez uma das coisas mais importantes. E porque sinto que eles são extraordinariamente atentos ao que se passa e a tudo o que os pais fazem e portanto acho que o exemplo tem uma influência muito grande. Quer pela positiva, quer pela negativa, acho que, às vezes, mesmo exemplos negativos, acho que as crianças que tenham alguma capacidade para isso, também aprendem com isso e vêem às vezes situações que elas acham que não se devem fazer, ou que elas não gostariam de fazer ... e isso é pena porque as marca às vezes um bocado negativamente, mas penso que as pessoas aprendem. Isto do exemplo acho que compete tanto ao pai como à mãe, compete aos dois. E acho que cada vez mais o que é importante é falar com eles. Ter disponibilidade para falar com eles, para os ouvir, tentar também fazê-los sentir-se à-vontade, isso tanto cabe à mãe como ao pai. É que eu tenho dificuldade, ao ver o que nós fazemos no dia a dia, não vejo que haja assim uma grande diferença. Acho que cada um faz o que está ali à mão. Acho que tem que haver uma grande disponibilidade para falar com eles, para os ouvir. Eu no meu tempo sentia uma diferença enorme. Sei lá, o meu pai não sabia onde era o meu colégio, faz de conta, eu era bom aluno e tal, ele sabia que as coisas corriam todas bem, mas o meu pai nunca falou com um professor meu, nunca foi à minha escola, ao meu colégio, nada. A minha mãe fazia alguma coisa que era preciso os pais irem. Naquela altura os pais também não participavam tanto, hoje em dia há mais conselhos de pais e reuniões, mais coisas, e eu estou a dizer isto tudo e por

acaso quem vai sempre é a D., por preguiça minha, mas sei lá ... se eu, quando a S. era mais pequena eu ia imenso. Nós vivíamos em Paris e eu ia imenso, e depois quando ela estava aqui num colégio eu também ia bastante. Mas quando eu era miúdo não me passava pela cabeça, nem a mim nem à minha irmã, que o meu pai fosse alguma vez ao colégio, quer dizer ... Mas nunca me passou sequer pela cabeça. Se alguém falasse nisso desatava a família toda a rir porque não nos passava pela cabeça. Hoje em dia não, hoje em dia só não vou porque não tenho tempo e um bocado por preguiça, saio tardíssimo, as reuniões normalmente são ao fim da tarde, mas, quer dizer, é uma coisa que lá em casa não seria estranho se eu fosse; no meu tempo era, só para lhe dar ideia da diferença. Mas tirando assim coisas práticas ... sei lá, não ensino as minhas filhas a cozinhar, não é? A D. também não porque não gosta muito e não tem muito jeito, mas, sei lá, às vezes ensina-lhe algumas coisas dessas, eu isso não ensino. Eu jogo futebol com o J., pronto, porque eu adoro jogar futebol e ele também, e vou com ele ao futebol e tal mas quer dizer, não acho que isso seja uma diferença, se quiser, conceptual. Tem mais que ver com, sei lá, eu uso calças a minha mulher usa saias e pronto.

- 3) Acho que hoje em dia cada vez há menos diferenças dessas ... eu tirando jogar futebol, jogo às vezes com um grupo de amigos meus, tirando isso e ir ao futebol, que hoje em dia até vou pouco, não há praticamente nada que eu faça que não haja mulheres. Em relação às coisas de casa, é evidente que eu não me preocupo rigorosamente nada com o que acontece lá em casa, porque de uma maneira ou de outra, as coisas aparecem feitas e por isso eu não me preocupo. Por exemplo, não me preocupo se há sopa ou não há sopa, ou se é pastéis de bacalhau, as coisas aparecem feitas e é ela que trata disso. É evidente que tem quem a ajude, tem quem trabalhe, mas quer dizer, quem gere essa parte lá em casa é ela. Isso é verdade. Tal como, embora ela ganhe e tenha a sua independência e a sua vida e isso tudo, quem se preocupa se há dinheiro para a família viver de uma certa maneira ou outra sou eu. Se quiser aí há uma separação, uma diferença, que se calhar vai ao encontro da diferença clássica; isso é verdade, ela ganha, tem o dinheiro dela, se calhar não precisava de mim para nada, para ter a sua vida e educar os filhos e isso tudo, mas não há dúvida nenhuma de que em termos de como o casal funciona, quem é responsável por gerir, se quiser, financeiramente a vida do casal sou eu, e quem determina o nível de consumo e de poupança do casal sou eu. Ela não tem uma visão global da situação financeira do casal. Tal como eu não tenho um conhecimento detalhado de como é que aquilo tudo funciona lá em casa. Aí de facto há uma diferença. Eu acho que, tirando algumas excepções, na maioria dos casos, eu acho que as mulheres, as mães neste caso,

procuram ou esperam do marido e do pai um bocado, alguma protecção e alguma liderança. Eu acho que esperam. E acho que os homens cada vez mais se apercebem que as mulheres têm muita força e eu tenho a mania de dizer que as mulheres é que mandam, e que lá em casa quem manda é a D. e isso tudo, embora isso também seja uma maneira de, pronto, ser simpático. Mas acho que as mulheres têm de facto uma influência muito grande em como é que as coisas acontecem, mas apesar de tudo esperam que haja alguém que chegue a determinada altura e diga ou é branco ou é preto, ou vamos por aqui ou por ali. Isso eu acho que esperam. Depois no aspecto material eu acho que isso também depende, não sei, no meu caso, isso também pode ter a ver com minha formação e a minha profissão. O meu trabalho é mexer em dinheiro e portanto é normal que em casa também trate disso.

- 4) Acho que sim ... O meu problema com estas perguntas todas é que eu nunca pensei nisto e só vou apanhar aspectos superficiais ... Acho que é muito diferente. Eu acho que sei lá, vou dar o exemplo outra vez da minha mãe. Eu acho que a minha mãe desde miúdo eu era ajuizado e tal, tinha boas notas, e ela sempre teve um orgulho enorme em mim. E tem, continua a ter, e tal ... o único rapaz ... também só tenho uma irmã. Mas ela não dá um passo e não consegue viver sem a minha irmã. É diferente. Sei lá, eu trato-a mal, no sentido de que não tenho paciência para muitas das coisas que uma mãe, sobretudo à medida que vai envelhecendo, quer, e depois a determinada altura começa cada vez mais a parecer um menino pequeno, quer mimo, quer atenção e não sei quê. E eu às vezes não tenho tempo, ou não tenho paciência e sou um bocado brusco com ela ... adoro-a mas ... portanto acabo por ter uma ... sou muito mais distante, não é? Embora eu viva ao lado dela. A minha irmã, que vive no Porto, agora vem para cá, quer dizer, elas são completamente unha com carne, está a ver? Além de serem mãe e filha, eu acho que são a melhor amiga uma da outra. Gostam e fazem tudo junto, vão às compras juntas ... eu não me passa pela cabeça fazer coisas dessas com a minha mãe, não é? Nem ela comigo, e elas as duas são completamente unha com carne. Telefonam-se todos os dias, falam sobre tudo, acho que há uma intimidade, uma ligação, uma proximidade ... que sobretudo eu acho que é diferente. E vejo noutras mães com filhas ... que também são assim.
- 5) Não sei ... Olhe eu tive uma filha, e depois quando tive o segundo, outra rapariga ... Segundo a D. diz eu fiquei completamente branco, verde, desiludido, furioso, como ela diz. Eu acho que não fiquei nada, mas pronto ela continua a dizer isso, e quando foi o J. isso de facto foi uma festa. Para toda a gente. E portanto desde aí,

não é, desde o momento que ele nasceu, eu acho que a partir daí acho que há diferenças. Embora eu tenho uma filha com dezoito, o J. com nove, e depois tenho uma no meio com treze. Há uma diferença muito grande entre a mais velha e o mais novo, portanto há uma data de coisas que eu já vivi com a mais velha e tenho alguma dificuldade em tentar comparar como é que será com o rapaz porque com o rapaz ainda estou muito longe de lá chegar ... Mas é diferente, é claramente diferente. Eu acho que é diferente. Por exemplo, mesmo ao nível profissional eu hoje em dia acho que tenho um certo fairplay com a situação das minhas duas filhas e preocupo-me mais com os resultados que elas obtêm face àquilo que eu penso que são as expectativas delas próprias, e portanto, ou elas sentem-se bem na pele delas ou não, e eu tentar antecipar os problemas que elas vão ter mais à frente na vida delas, por aquilo que eu penso que é a maneira de ser delas ... Vou dar um exemplo para explicar isto melhor ... e portanto não me preocupo tanto com o valor absoluto daquilo que elas fazem. E eu acho que com o J. eu vou-me preocupar com o valor absoluto. A minha filha mais velha é boa aluna, e na minha opinião tinha obrigação de ser óptima aluna, e de ter notas a rebentar a escala. Já teve, quando era mais nova e agora não tem porque não estuda e os namorados, e não sei quê, os dezoito anos. E eu tenho uma guerra enorme com ela, para já porque acho que ela é preguiçosa, de a obrigar a estudar e a ter mais do que ela tem, não porque ... é-me completamente indiferente que ela seja a primeira da aula ou a quinta ou a décima, nunca tive isso; agora eu sei que ela é muito ambiciosa, é a leitura que eu faço dela. é que é uma pessoa muito ambiciosa, que gosta de mandar, e gosta de ter sucesso, e gosta de ser o centro das atenções ... pronto, está habituada a isso desde pequenina, porque foi a primeira neta dos dois lados, etc., e portanto, eu acho que se ela não tiver sucesso e realização profissional, e se as amigas dela tiverem, eu acho que ela daqui a três, quatro, cinco anos, eu acho que ela vai sofrer imenso. A menos que nessa altura, ela tenha tido, e depois recuse tê-lo porque entretanto casou e teve muitos filhos, ou outras coisas quaisquer, ou dedicou-se a outras actividades; mas pelo caminho que já lá vai da maneira de ser dela, eu acho que ela precisa disso para se sentir bem. Se não tiver vai ficar frustrada, vai ficar ressabiada, tenho imenso medo disso ... A segunda é o oposto ... Nunca foi boa aluna, toda a vida passou, tem passado sempre, nós sempre achámos que ela ia ter imensos problemas. Quando era miúda teve imensos problemas, uma vez chamaram-me à escola, estava na escola inglesa, e chamaram-me e disseram-me que não a passavam para a 1ª classe porque ela era atrasada. Era atrasada mental e era atrasada física. O que é que se passava? Ela não falava inglês, não percebia nada de inglês, tinha cinco anos e então entrava na escola com os pés para dentro e a esconder-se. Depois eles achavam que ela tinha as pernas

tortas e não era nada, ela é que quando saía do carro, entrava na escola e depois como não falava com ninguém, não percebia nada ... Mudámos de escola, foi para a escola Avé Maria e agora saíu, está no liceu; foi um passo um bocado arriscado, ir para o liceu, mas tem-lhe feito lindamente, todos os anos devagarinho melhora as notas, tinha 10, 10, 10 agora se calhar tem uns 10, uns 11 e uns 12; e então eu tinha uma dificuldade enorme porque ... estamos todos lá em casa na sala, não é?, e eu andava aos berros com a mais velha porque tinha tido 16 e eu achava que ela tinha que ter 18, enfim 14, e tinha que ter 16, e esta tinha um 10 e eu fazia uma festa enorme. Ela, que não é burra, chorava, "porque é que o pai diz isso? Diz isso porque tem pena de mim!" Porque eu queria lá saber ... quando ela aparecia com um nota boa, "mas que chatisse, não me traga notas boas porque senão perde a graça! Tinha graça era quando era má aluna e perde a graça toda e a sua personalidade é ser assim". E ela depois dizia: "O pai só diz isso porque tem pena de mim.". E eu dizia que não era nada disso. Hoje em dia ela já percebeu isso e tem vindo a ganhar imensa confiança nela e qualquer dia até tem demais. Portanto está a ver, eu com essa não me importa nada que ela tenha 10, tenha 8, é-me completamente indiferente, mas é-me mesmo indiferente; porque eu acho que não é esse o problema dela. Ela nunca há-se querer ser presidente de um banco, ou uma carreira de sucesso ou assim. Embora ela se esforce imenso, esforça-se muito mais do que a mais velha, tem imenso brio, luta imenso, mas eu acho que não é esse o mundo dela. Ela, o que ela gostava era de fazer teatro, agora estão com a mania de teatro. Sempre teve assim umas coisas completamente diferentes. A mais velha no fundo se calhar é muito mais parecida comigo, tecnocrata e tal, tem jeito para as contabilidades e essas coisas; esta é mais artista, tem uma sensibilidade diferente. Pronto, e eu não me importo nada, se ela tem 10 ou tem 12, é-me completamente indiferente. Acho que com o J. não vai ser nem como com a mais velha nem como com ela. Nem vai ser por pensar que ele vai ser mais feliz ou mais infeliz, e não vai ser de não me importar. Eu acho que nele vou-me importar. Se calhar porque é um prolongamento de mim, está a ver ... Eu acho que vou-me importar. Para já não me importo, ele não é o melhor, mas é bonzinho, portanto ... mas daí não sei ...

É porque eu acho que num filho uma pessoa revê-se um bocado. Isso eu acho que se revê. E pode ter um bocado a tentação ainda que às vezes inconsciente de querer que ele faça coisas que nós não fizemos ... No fundo se quizer, é um melhoramento da raça ... (ri-se). Ao passo que nas minhas filhas não me importo muito, não tenho tanto essa preocupação.

- 6) Eu acho que é diferente. Agora porque é que é diferente?... Não sei ... Eu acho que ele ainda é muito pequeno para se notar as diferenças. Só tem nove anos. Olhando para como é que elas eram com nove anos ... ele é talvez mais independente, naquela idade. Com a idade dele, ele é mais independente do que elas eram ... Estava a ver se identificava melhor as diferenças, mas eu de facto tenho dificuldade. ... Mas é basicamente isso, acho que ele é mais independente, elas eram mais agarradas a nós.
- 7) Uma diferença que eu noto é porque elas são mais curiosas ... mas isso também é capaz de ter a ver com a idade ... elas são mais curiosas sobre o que eu faço ou que eu fiz. Quer sobre a minha vida passada, quer sobre a minha vida presente, elas são muito mais curiosas. Ele está-se borrifando. Mas coitado, ela só tem nove anos, não sei se isso é uma diferença ... depois daqui a três ou quatro anos ... não sei se isso tem mais a ver com a idade do com ser rapaz ou rapariga. Mas sei lá elas sempre tiveram a mania de saber quem eram as minhas namoradas, se são amigas que vão lá a casa ou se não são, têm a mania desse género de coisas quer uma quer a outra. E se eu tinha boas notas, se não tinha boas notas, se eu era bom aluno, se não era bom aluno; e depois vão confirmar isso com a minha mãe, e depois quando eu lhes digo algumas coisas elas sabem argumentar que no meu tempo eu fazia isto ou fazia aquilo; chegava a casa tarde ou não chegava tarde, fui expulso duma aula ou não fui expulso duma aula; elas têm essa história toda ... E ele não tem de todo. Coitado, tem nove anos, se calhar não tem vida para se interessar por isso, mas não sei ... Isso eu acho que duma maneira geral ele é mais independente, ele é mais desprendido, em certo sentido eu acho que ele é mais desprendido. Se calhar é porque a gente o quer agarrar sempre porque ele é o pequenino e pronto, mas eu acho que ele é mais desprendido. Começa a fazer os seus programas ...
- 8) Jogar futebol, andar com tábuas ... não é de surf mas aquelas coisas que eles andam, eu lembrei-me disso porque ele agora tem a mania disso: compra fatos, compra tábuas e não sei quê... Isso claro que é de rapazes, não é? Jogar ténis, eles jogam juntos e para o ski também vamos todos juntos ... Na idade dele elas brincavam com bonecas, e essas coisas todas, e isso ele nunca fez não é? Porque há muitos rapazes que brincam, mas ele aí foi sempre muito rapaz ... muito, muito. Mas eu acho que eles hoje em dia vivem muito mais misturados do que quando eu era miúdo, muito mais. Desde as porcarias dos jogos electrónicos que eu odeio até ... uma série de outras coisas ... Vivem muito mais juntos. Mas nesta idade em que

o J. já está agora já se separam claramente, ele vai com os amigos dele. Fazem aquelas coisas todas que a gente fazia e que eles fazem também, jogar aos cowboys, etc., isso fazem muito mais os rapazes do que as raparigas.

- 9) Acho que um filho é sempre mais ternurento para a mãe. Acho que com o pai o filho também tem um desejo de se impôr ou de mostrar o que vale, talvez de afirmar mais a sua independência. Ir adquirindo o seu espaço. Acho que há um bocadinho uma certa ... enfim, não é competição, mas é querer-se afirmar perante o pai, não é? E acho que isso não existe tanto perante a mãe. Acho que o filho quer mostrar que é capaz, seja profissionalmente, seja desporto, seja o que fôr, é mais importante mostrar ao pai. Até porque o pai é que, sei lá, se calhar passou pelas mesmas coisas, é mais o termo de comparação mais credível. Acho que o pai é mais credível ...
- 10) As filhas são mais ternurentas para o pai e talvez menos afirmativas para a mãe. Acho que elas chamam mais a mãe para as ajudar a criar o espaço delas, para no fundo lhes servir de modelo. Fazem mais isto do que o filho em relação ao pai, aí acho que há uma diferença.

P 27N

- 1) São diferentes. Para já acho que a relação com a mãe é muito maior do que pai filho. Porque a mãe ao princípio cuida, muda a fralda, dá de mamar, de maneira que a mãe depois é que dá a conhecer um bocado o filho ao pai, não é? Portanto a mãe é a interface entre o filho e o pai, não é? É assim que eu vejo. Daí, portanto, a criança dá mais interesse à mãe do que ao pai. Eu também quando a M. tem os filhos, eu, principalmente, nos primeiros meses, fico logo para trás, para segundo plano. Fico cheio de ciúmes, acho isso. Porque é de noite, é de dia, é a qualquer hora. É as mamadas, é mudar a fralda. Fico para segundo plano, apesar de ajudar, dentro do que posso e tal, o arrote, aquelas coisas, mas acho que daí a relação da mãe é sempre mais importante. Talvez futuramente quando eles crescem, para a brincadeira e tal, jogar futebol, é melhor o pai.
- 2) A mãe nos primeiros meses é a sobrevivência, cuida do bem estar, alimenta-o tudo isso. Eu nessa fase tenho uma intervenção mais restrita, não é? Depois disso, portanto, enfim, a mãe continua ..., tem mais tempo, e eu estou mais fora. Aos fins de semana é que podemos estar mais juntos, porque como eles estudam na escola

com a M., estão muito mais acompanhados. Ao passo que eu saio de manhã, chego a esta hora, seis horas e trinta, sete horas, ... acontece que estou menos tempo não é ... Portanto, tudo o que é assim virado para o desporto, claro, as mulheres não estão tão aptas, não têm tanta paciência.

Ao passo que eu, na praia, e tal, jogamos à bola e isso. Aqui em casa também isto agora é televisão e computador. Acontece que quando eles lá uma dúvida que não sabem carregar o programas, recorrem-me a mim. Agora de resto ...

3) Eu, portanto, no meu caso ...

Nós cá não temos o que é da mulher e o que é do homem. Nós cá fazemos aquilo que é preciso. Para já como somos muitos, não é? Não há, portanto, vá lá, de certa maneira, essas barreiras: daqui para a frente é do homem, daqui para trás é da mulher. Não, aqui mistura-se tudo. Se é preciso eu fazer qualquer coisa, cá em casa, eu faço. Estou absolutamente aberto, mesmo, portanto, em relação ao miúdos.

5) Acho que sim. Por exemplo, cá em casa, a M. é a única rapariga no meio dos quatro rapazes e eu sou muitas vezes criticado que: "não sei quê, a M. pode fazer, a M. é que não sei quê, e os outros não, também tens mais quatro filhos ..." ... Acho que ... não sei se ela sente alguns ciúmes ... não faço a mínima ideia (ri-se).

4) Acho que não. Como é que eu hei-de dizer, enfim, a sociedade está organizada mais para os homens não é? Mas há coisas que por exemplo, a mãe chega ao quarto dos rapazes, está tudo desarrumado, não é? "Ah, está desarrumado." Chega ao quarto da M.: "Oh M., o quarto duma menina não está desarrumado, tem que estar mais arrumado do que o dos rapazes ..."

6) Acho ... também não sei se isto tem a ver ... não posso estar a fazer um paralelo entre o mesmo grupo etário. Mas por exemplo, a M. é a mais nova e enquanto que os rapazes, por exemplo, o D., tem sete anos, é capaz de me vir dar um beijinho, não sei quê, a M. é mais, dá-se mais, vem para cima de mim. Enquanto que os mais velhos não. É raro dar beijo e tal ... são mais ariscas ...

Não sei se uma rapariga com essa idade também tem esse comportamento, doze anos, não sei.

No caso da M. que gosta de dar um beijinho de manhã, por exemplo; à noite, gosta que lhe vá dar um beijinho, chama-me o tempo todo, tenho que ir lá dar um beijinho.

... Os rapazes não. De manhã a mesma coisa, vêm-me dar os bons dias; os rapazes não, nem querem saber.

- 7) Isso eu vejo ... os rapazes gostam de brincadeiras mais violentas, mais dinâmicas, mais mexidas. As raparigas não, acho que gostam de coisas mais calmas, pintar, ler, ler não, que ela ainda é pequenina, ver assim um livro. Os rapazes não, andam ali aos saltos o dia todo, é diferente.
- 8) Portanto as coisas estão a mudar, mas em todo o caso continuo a ver, por exemplo, que tudo o que é parte doméstica continua a ser um bocado mais para as meninas. Enquanto que para os rapazes, por exemplo, fazer a cama; para os rapazes fazerem as camas ao fim de semana é uma luta e tal. A M. não, já ajuda, vai lá, puxa o ederdon para cima, enfim. Os rapazes não, é computador, televisão e video, video, televisão e computador.
- 9) Acho que sim. Continuo a ver, portanto, que o rapaz continua a ter aquela reminiscência dos primeiros tempos de vida, não é? continua mais ligado à mãe. Um bocado mais distante do pai.
- 10) A filha também, também está mais próxima da mãe. Apesar de ser mais meiga para o pai do que os rapazes, ela continua mais ligada à mãe, mas está um bocadinho mais próxima do pai do que os rapazes.

P 28N

- 1) Os pais são bastante diferentes. As mães deixam passar mais as asneiras que os filhos fazem, os pais talvez repreendam mais ...
No meu caso a minha mãe batia-me mais do que o meu pai, mas quando o meu pai abria os olhos eu tinha muito mais respeito do que propriamente à minha mãe, portanto eu acho que aí, nesse caso, os pais são diferentes. Eu vejo o meu caso, não quer dizer que seja sempre assim.
- 2) Por vezes parte da educação. As mães, a resposta de há bocado, por vezes as mães não são tão severas com os filhos e depois os pais têm que vir atrás, numa coisa que por vezes devia de ser a mãe a fazer.

Eu digo que "hoje estão de castigo vão lavar a loiça à noite" e se eu não estiver em casa provavelmente eles não lavam porque a mãe, como são mais boazinhas, como elas têm fama de ser mais boazinhas e os pais mais mauzinhos...

- 3) Os homens? Uma ida ao futebol, uma passagem pelo café eventualmente depois do trabalho, beber uma imperial com amigos. Elas vêm as telenovelas antes de fazer o jantar e fazem crochet. Algumas. Outras que trabalham não, têm que correr, metem a máquina de roupa a lavar, fazer o jantar a correr e depois entram no stress.
- 4) Eu se fosse mãe, mesmo que fosse pai de uma filha não havia diferença nenhuma de certeza absoluta. Não iria ser diferente de certeza absoluta. Eu respondo por mim. Nisso sou ...
- 5) Quando numa família não há doenças acho que não, mas como nós fomos uma família de cinco irmãos muito diferentes, um era doente, outro refilão, outro aos catorze anos saíu de casa e começou a viver a vida dele, eu também aos quinze anos comecei a viver a minha vida, portanto, há muita diferença. Mas no geral acho que não há diferença.
- 6) São diferentes. Os rapazes acho que, é um bocado subjectivo, mas pelo menos no meu tempo, os rapazes queriam sair mais cedo. As filhas não, são mais ligadas aos pais, só começavam a namorar aos dezoito anos, até aos vinte e um e os rapazes não. Começavam o trabalho cedo como eu comecei e tinham logo muito mais liberdade, portanto há aí uma grande diferença. Queriam-se libertar mais cedo. Eu quando saí da escola, a minha mãe mandava-me ao barbeiro cortar o cabelo pequenino e depois eu aos catorze anos comecei a trabalhar e deixei crescer o cabelo como me apeteceu. Era-se adulto muito mais cedo do que hoje.
- 7) Isso para mim é um bocado difícil ...
Essa resposta não sei responder.
- 8) As miúdas entretêm-se mais com as bonequinhas, como a senhora deve saber, com as amigas e com os segredos delas, sei lá. Os miúdos não. Os miúdos acho que se entretêm mais a jogar à bola, a jogar jogos e tal. Não se agarram tanto aos estudos como as miúdas, isso é um facto.

- 9) Os meus são diferentes no comportamento, talvez tenham mais respeito talvez ao pai; isso na primeira pergunta ... é talvez diferente.
- 10) Também deve ser diferente. Comigo não seria, que eu iria pô-la à-vontade nos problemas dela, mesmo quando fosse mulher e tudo, não teria problemas nenhuns. Mas no geral devem ser diferentes. Às mães devem contar mais os segredos do que aos pais, estão muito mais à-vontade com elas.



- 1) Penso que serão um bocadinho diferentes, porque as pessoas também são culturalmente diferentes. Não só biologicamente, mas também culturalmente existe, pronto, existem determinados conceitos sobre o posicionamento do pai e da mãe que, por mais que não se queira, isso, mesmo sem querer, se transmite. Eu penso, portanto ... vamos lá, no essencial, eu penso que o relacionamento deve ser parecido, em termos de relacionamento ... afectividade, proximidade, diálogo. Quer dizer, quanto a isso eu acho que deve ser igual. Agora, quer dizer, isso transmite-se de maneira diferente porque eu penso que o homem e a mulher são seres diferentes, embora no essencial sejam iguais, e devam defender os mesmos valores, etc, etc. Mas, quer dizer, eu penso que será diferente só no aspecto formal; no essencial, acho que o relacionamento deve ser mesmo ... aliás deve ser o mais parecido possível e o mais sintonizado possível.
- 2) Eu custa-me, tenho alguma dificuldade em estabelecer diferenças. Porque, por exemplo, às vezes essas diferenças prendem-se mais com a disponibilidade de cada um. Neste momento a minha mulher tem mais disponibilidade, mas não acho que haja alguma coisa que eu não possa fazer ou que ela não possa fazer. Portanto, se ... se um dos progenitores está mais com eles, acaba por haver às vezes um certo desgaste na autoridade, é um facto. Mas não acho, que, quer dizer, em termos de relacionamento, haja coisas que caibam à mãe e coisas que caibam ao pai. É evidente, salvo as coisas que são biológicas, o dar peito. Agora por exemplo mudar fraldas e isso qualquer um pode fazer, ou pôr a mesa ou tirar a mesa, isso
- 3) Poderei achar que os homens têm mais facilidade para determinadas coisas, porque, têm uma massa muscular maior. Não quer dizer que as mulheres, se

desenvolverem ou se treinarem mais essa parte que a natureza não as beneficiou tanto, não possam atingir uns padrões parecidos. Sei lá, trabalhos mais pesados, assim coisas. Agora fora isso, ... é evidente que, culturalmente não acho que um homem fique bem de saias ou que ... pronto, mas são coisas secundárias. No essencial eu penso que não há coisas exclusivas do homem e da mulher, ou pelo menos, tendencialmente, deverá não haver. Não quer dizer que na prática, a pessoa, naturalmente, não tenha determinados padrões, vamos lá, uma certa delicadeza que se tem com uma senhora que não se tem com um senhor.

- 4) Acho que há algumas diferenças, no que respeita, pronto, a uma certa reminiscência do complexo de Édipo, penso que haverá algumas diferenças. A partir de determinada altura não sei se se passará a haver um certa competitividade, ou poderá existir, entre uma mãe e uma filha, o que não existe entre uma mãe e um filho. Mas poderá haver depois em relação à escolhida do filho.
- 5) Eu tenho uma filha e ainda por cima é a mais velha. Portanto, o que eu sempre esperei ... mas existe um relacionamento mais ambivalente com a minha filha do que com os meus filhos. Com os meus filhos eles têm também um feitio mais fácil, do que a rapariga. A rapariga tem um feitio um bocadinho mais difícil. Mais difícil no sentido de ser menos afectuosa, mais rebelde ... também tem muitas qualidades, mas ... às vezes tenho uma certa dificuldade em relação a ela.
- 6) Eu penso que duma maneira geral, sem reportar ao meu caso particular, é muito mais fácil para as raparigas exteriorizarem a sua sensibilidade e a sua afectividade do que os rapazes. Os rapazes querem ser mais impenetráveis, mais violentos, mais agressivos; acham que isso se enquadra mais no conceito de virilidade e de masculinidade.
- 7) ... Pois, por exemplo ir às compras com a mãe são mais elas que vão; isto duma maneira geral, mas lá em casa nem um nem outro gostam de ir às compras. Nem um nem outro, porque o outro ainda é mais pequeno ... também noto, que, por exemplo, na cozinha a rapariga tem mais interesse, tem mais curiosidade do que o rapaz. Ele é mais desporto, puzzles, jogos.
- 8) Nesse aspecto particular em termos de cozinha penso que há mais tendência para a rapariga fazer mais. Em termos de, por exemplo, desportos: pois o rapaz tem mais,

não sei se será habilidade natural, mas tem mais tendência. Mas acho que as raparigas também podem perfeitamente fazer essas coisas.

- 9) Sim talvez aceite melhor as carícias e as festas da mãe do que do pai, embora por acaso no meu caso particular, como o D. é muito sensível, ele aceita bem as ... o campo das carícias aceita muito bem do pai. Da mãe é capaz de gostar mais, não é? Sente-se mais no papel.
- 10) Também acho que sim. Eu penso que habitualmente a filha choca-se mais com a mãe do que com o pai. Ouve mais o pai e entra mais em conflito, competição, em choque com a mãe. Isto numa fase de crescimento, não é? Infância e adolescência, mais.

P 30N

- 1) É capaz de haver diferença. Sei lá, o pai é capaz de ter menos paciência, talvez, não sei. Se fôr pais que trabalhem tanto um como o outro, chegam a casa um bocado saturados do trabalho. Agora se a mãe estiver em casa, por exemplo, é capaz de ter mais paciência para o filho, não sei.
- 2) Sei lá, o pai talvez passe o tempo com ele de outra forma, sei lá, leva a passear, a jogar à bola, e a mãe faz mais as coisas dela talvez.
- 3) Os homens, vá lá, coisas mais forçadas, que as mulheres não têm ... não podem Talvez a lida da casa mais das mulheres, a educação dos filhos mais que os pais e ... o trabalho de casa.
- 4) Acho que não. Não.
- 5) O pai também não. Não ...
Acho que a partir de uma certa idade, sei lá, talvez o pai se possa abrir mais com o filho ... não sei, só tenho um filho, mas talvez esteja mais à-vontade. É isso, o filho, o pai é capaz de estar mais à-vontade, a partir duma certa idade, não é? Talvez a mãe também esteja mais à-vontade com a filha.

- 6) Sim, eu, portanto, eu ... em relação ao meu filho, é ele só, não é? Mas eu em relação com os meus pais, sei lá, abro-me mais com o meu pai, talvez. Talvez as filhas se abram mais com a mãe.
- 7) Não sei, o filho ... é um bocado difícil, eu não estou ligado. Está a ver, sou filho único, o meu filho também, não vejo ... mas ... não estou a ver.
- 8) Os rapazes jogam mais à bola, embora hoje as raparigas também já joguem à bola. As raparigas entretêm-se mais com bonecas e com brinquedos. Os rapazes, hoje em dia, é com a bola e os computadores, sei lá ...
- 9) Depende de como, vá, dos contactos que ele tem com o pai e com a mãe, não é? Portanto se ele tiver um à-vontade com o pai e com a mãe acho que será igual. Aqui em minha casa acho que é igual, ele tanto está à-vontade com o pai como com a mãe.
- 10) Isso eu hoje em dia já acho que é igual, mas olhando para os tempos passados acho que era diferente: que a filha estava mais à-vontade, que se abria mais com a mãe do que com o pai, embora isso hoje em dia já não se passe, não é? Hoje em dia é igual.



- 1) Penso que não ... penso que ... portanto, devem conviver com os filhos, mediante a época que estamos agora, não é? Portanto, temos que ser abertos, e falar, porque ... os miúdos, ... têm que ser elucidados da vida que está a correr. Porque se nós vamos a esconder alguma coisa, isso não há hipótese de se esconder nada, porque os miúdos ou hoje, ou amanhã ou daqui a oito dias, ele vêm realmente a aperceber-se da vida que está a correr. Eu por mim penso assim: que não se deve esconder nada às crianças; porque é que se há-de estar a esconder se isso é uma coisa que têm que se saber? Penso que não, eu ao meu filho não escondo nada. Falo abertamente, se ele procura qualquer coisa, pois eu tento-lhe fazer explicar, por isto ou por aquilo, por estes meios ou por aqueles. Penso que ele tem de saber, não lhe vou esconder nada e a minha mulher é a mesma coisa.

2) Ora, isso eu penso que os pais ...

Por exemplo, eu tenho uma bicicleta de corrida e ele tem uma bicicleta, nós vamos dar umas voltinhas, jogar à bola, não sei quê. Às vezes até vou trabalhar, tenho uma quintazinha ali em coiso, vamos trabalhar os dois, arrancar ervas, eu digo: "olha, vamos fazer isto.". E vamos. Vamos dar uma corrida até lá, de bicicleta, chegamos lá arrancamos umas ervas, umas coisas e vimos embora.

A mãe, isso às vezes andam à guerra uns com outros mas isso é natural. Eles dão-se muito bem, isso os filhos dão-se mais, quer dizer, as mães, têm mais tempo para estar com os filhos do que com os pais. Ocupam-se mais deles ...

3) Eu penso que, sei lá, às vezes há esforços que excedem as mulheres, não é? Excedem porque, a mulher, a gente sabe, que é um ser mais fraco, tem menos força, e pronto, certos e determinados esforços que a mulher não pode fazer. Portanto é simplesmente isso. Sei lá, a cozinha, passar a ferro ainda são mais elas, mas isso ...

4) Não, é a mesma coisa. Pelo menos a minha não é, a minha é igual.

5) Eu sou, pronto, eu agora tenho um bocado, pronto, ou perco mais tempo com o filho do que com a filha. Porque a filha já está formada, tem a vida dela, não é? Não posso andar a acariciá-la, não é?

6) A filha tem outra idade e desempenha as funções dela. E o filho brinca agora porque está na idade disso. Mas ao fim de semana ela às vezes até sai com a mãe, para aqui e para ali, andam as duas, outras vezes tem que preparar aulas para dar aos alunos e não sei que mais; ele não, não tem essas preocupações. Existe. Vai com o pai para ali ou para acolá. Hoje em dia eu dou mais atenção ao miúdo do que a ela, porque a idade é diferente e por exemplo, ao fim de semana entretenho-me mais com ele. Ela é mais com a mãe.

8) As raparigas, para mim, antigamente, elas no antigamente agarravam-se mais às bonecas e os putos mais às bolas, não é? Hoje, tanto pratica a menina como o menino: futebol, andebol, hóquei em patins, qualquer coisa de desporto. Isto agora está muito equiparado, minha senhora.

9) Não, penso que não.

10) Não, na minha intenção não (Q). Não, penso que não. Pode haver, mas aqui na minha casa não. Não tem havido.

7) Cá em casa ele é mais de andar de bicicleta, de brincar com as coisas dele. Ela, como já disse tem as funções dela. De resto sai com a mãe, as colegas, também faz crochet ...



1) Acho que são capazes de ser diferentes por serem homem e mulher. Não lhe sei talvez dizer muito concretamente o que é que se vai passar ou porque é que os pais são diferentes das mães. Mas talvez que as preocupações dos pais ou das mães sejam de alguma maneira diferente. A mãe é mais o dia a dia, a cuidar do filho, a educação, o pai está mais ocupado com o seu trabalho.

2) Não ... a mãe talvez se preocupe mais com a educação e com o acompanhar da escola, e os problemas da escola e o pai, enfim, talvez não tanto esse aspecto, não sei. Eu talvez seja mais conversar, brincar, passear, mas eu também tenho pouco tempo disponível para o acompanhar nas coisas da escola, de maneira que como tenho pouco tempo e a mãe está mais tempo, com ele para essas coisas, a mãe talvez o acompanhe mais nessas coisas e eu depois quando estou brinco mais com ele e converso ...

3) Não sei, não ponho as coisas assim. (Q).

4) Não tenho filhas, não sei. Se calhar é, mas não lhe sei objectivamente dizer o quê. É capaz de ser diferente, mas não sei.

5) Não, ou talvez seja diferente porque, por exemplo: em relação a saídas e entradas em casa, chegar cedo a casa ou chegar tarde a casa, o meu pai era muito mais rígido com a minha irmã do que era comigo, por exemplo. Isso talvez ainda seja actualmente. Eu tinha mais liberdade que ela.

6) Não, não acho.

- 7) Talvez houvesse mais tarefas, as tarefas mais domésticas que a minha irmã fizesse e eu talvez não fizesse, não sei. Eu acho que estudava mais do que ela.
- 8) Ele é muito ver televisão e jogar jogos do video. É o que ele se entretém mais. As raparigas talvez seja mais as bonecas e isso, não sei ...
- 9) Não, acho que não.
- 10) Não sei, não tenho filhas, não lhe sei dizer. Mas acho que em relação ao M. acho que não.



- 1) Completamente diferentes. Acho que há uma relação muito mais distante do pai do que da mãe. Em tempo, bastante, claro. Sobretudo no meu caso. Também conheço casos em que isso não é assim, mas no meu caso, incomparavelmente mais distante do que a minha mulher, mas mesmo quando estamos os dois presentes, também talvez por isso mais autoritário. Em 90% das situações. Há 10% das situações em que não é assim.
- 2) Sempre no meu caso, digamos que a mãe faz 99% das coisas que uma mãe faz com os filhos, portanto: os acompanhar no dia a dia, aquelas necessidades, estudos, vai buscar à escola, vai pôr à escola, leva-os ao ténis, sei lá, isso tudo. Eu o que é que faço com eles: no fundo estou meia hora por dia ou uma hora por dia com eles, ainda por cima eles vêem imensa televisão e portanto estou relativamente pouco com eles; acho que os miúdos hoje vêem imensa televisão, é uma coisa horrorosa mas é assim. E estou um bocado mais com eles ao fim de semana. Eles vão comigo, eu vou jogar ténis eles vão comigo, ou se eu vou à praia vão comigo, mas digamos que acompanho-os relativamente pouco no dia a dia, nas coisas básicas.
- 3) Eu aí vou-lhe dizer: eu sou considerado um bocadinho uma aberração, porque, quer dizer, há coisas que eu prefiro não fazer. Porque, pronto, acho que a pessoa não deve fazer tudo na vida se não gostar, acho que deve levar a vida numa forma agradável. E como nesse aspecto a minha mulher poupa-me imenso, ela cobre bastante tudo o que seja a vida da casa, os miúdos, tudo isso, faço muito pouco. E

o que é que eu acho que se deve fazer ou não? Sabe que eu acho que isso faz parte um bocadinho do equilíbrio de um casal, tem um bocadinho a ver com isso. É que acho que é diferente em todos. No fundo cada um arranja lá a sua forma de estar. Acho, que há uma coisa que é importante, e é onde eu talvez intervenha mais, é um bocado por excepção: quando as coisas estão a correr mal, então aí é evidente que eu tenho que ajudar. Agora deixo-lhe imenso a ela a decisão da rotina do dia a dia, que escola é que vão, como é que vão, se

Quando há assim alguma coisa que corre mal é evidente que aí intervenho. Até porque penso que isso facilita-me um bocado a mim no aspecto de eu estar um bocadinho mais distante deles. Não é que eu não tenha uma relação relativamente próxima com eles, mas é evidente que não tenho aquele desgaste do dia a dia, de estar permanentemente com eles, e isso facilita-me a ter digamos alguma autoridade quando eles ... há assim um disparate maior ou dessas coisas. Depois de resto, realmente, para mim é uma sorte, porque as coisas vão-me aparecendo feitas.

- 4) Acho que sim, que é diferente. Eu acho que enquanto os miúdos são pequenos, muito pequenos é indiferente. Depois a partir de certa altura, isto pegando no exemplo que eu tenho, porque nós exactamente temos um rapaz e uma rapariga; no fundo eu vejo que a partir de certa altura vejo o B. a desafiar extraordinariamente a mãe, mas desafia duma forma! Pronto, está naquela idade que deve achar que tem que se impôr ou qualquer coisa, deve ser a única pessoa a quem ele pode desafiar na vida, maneira que ele abusa um bocado disso. Eu acho que, a partir de certa altura há uma relação mais próxima das mães com as filhas do que com os filhos. Acho que os filhos, com certeza, continua a haver uma relação óptima e até próxima, mas não tem talvez a proximidade que tem com uma filha. Há com certeza a afinidade feminina no meio disso, e isso deve ajudar, não sei, qualquer coisa com isso.
- 5) Enfim, eu tento não ser, do meu lado, penso que para eles é com certeza, porque não sei se eles até no aspecto daquela admiração que nós temos em pequenos com o pai e com a mãe deve interferir nessa relação. Mas de resto não, tento não ser diferente.
- 6) Eu já lhe respondi um bocadinho a isso, acho que sim que se dão com os pais e com as mães duma forma diferente. Acho que há um bocadinho de cumplicidade dos rapazes com os pais e das raparigas com as mães, quer dizer, lá está o que eu

lhe estava a dizer há bocado. E penso que eles próprios seleccionam aquilo que gostam de tratar com um e aquilo que gostam de tratar com outro.

Aliás eu vejo, por exemplo, que quando há qualquer coisa maior, ela corre para a mãe, não corre para mim. Ele já não, e lá está, ele normalmente recorre a mim quando está atrapalhado. Quando é assim uma atrapalhação simples recorre à minha mulher, quando é uma coisa mais grave recorre a mim. Por isso, é mais pacífica a relação com ela do que com ele, quer dizer, nesse aspecto de que ela traz-me menos assuntos ou assuntos menos graves do que ele. É o meu caso, mais uma vez. Não sei se isto será sempre assim.

- 7) Nós tentamos que eles façam os dois um bocado as mesmas coisas porque é muito mais prático: estão os dois nos mesmos desportos. Normalmente vão os dois ao ténis, vão os dois à praia, vão os dois a um cinema, tenta-se um bocadinho que façam os dois as mesmas coisas. Depois digamos, as ocupações que eles têm cada um, em casa, mais sózinho do que com os pais: ele joga imenso aqueles joguinhos electrónicos nas televisões, e isso ela não. Ela tem as bonecas e, sei lá, imensas coisas dessas que não isso, e lê muito mais do que ele por exemplo, embora ele seja, o B. é mais velho, não lê muito, ela lê mais.
- 8) Ele imenso nos joguinhos electrónicos, que isso hoje em dia é até em exagero Embora elas também joguem mas menos. Depois, pronto, gostam paralelamente a isso, vejo imenso, hoje em dia já não tanto, mas os bonecos e os carrinhos, gosta de andar de bicicleta, gostam de ... são um bocado mais abrutalhados talvez nas brincadeiras. Elas imenso as bonecas, gostam imenso de imitar as mães, têm imensas coisas daquelas de brinquedos que há para se pintar, os colares, para construir, essas coisas. Mas vejo por exemplo, quando eu lhes pergunto: "O que é que querem que eu lhes traga de presente?" Ela pede sempre as bonecas e o B. tenta-me pedir uma disquete para o jogo ou uma coisa qualquer desse género.
- 9) Eu acho que já lhe respondi isso, mas volto a dizer: ele está numa fase em que desafia muito a mãe, quer impôr-se muito. Comigo não se nota tanto até porque estou muito menos com eles. Mas recorre muito a mim nas coisas que precisa, sei lá, é capaz de me telefonar para o escritório muito atrapalhado para eu ir comprar uma coisa muito urgente, que ele precisa de levar para a escola e esqueceu-se de comprar.

- 10) Com ela já não se passa assim. Ela recorre muito mais à mãe, no dia a dia, para as pequenas coisas. Comigo é mais aos fins de semana que estamos, vamos sair, ela pede-me que a leve aqui e ali, etc.

P 36N

- 1) Julgo que há ligeiras diferenças. Eu julgo que os pais junto dos filhos têm uma imagem mais de autoridade, talvez, e também, se fôr um rapaz, um modelo a seguir. Digamos que na infância, pelo menos, falo por mim, quando era da idade do meu filho, o meu pai era o meu modelo, era o meu herói, quando fosse grande queria ser como o meu pai. Julgo que é um bocado essa imagem que o meu filho tem de mim. E nota-se mesmo, quando eu lhe digo qualquer coisa, ele tem mais obediência, digamos, para o pai do que para a mãe. Não porque eu lhe bata, porque não lhe bato, assim como a mãe não lhe bate, mas não sei ... julgo que a diferença está aí e pouco mais. Talvez as mães, vejo pela minha mulher, é mais condescendente, faz-lhe certos mimos que eu não faço, porque acho que o estou a habituar mal.
- 2) Eu julgo que ambos fazemos a mesma coisa. Quer dizer, ... eu não passo a roupa, não sou eu que o visto, que cuido dele no dia a dia.
Mas se fôr preciso vesti-lo e não havia de ser a primeira nem a última vez que o ia fazer. De resto joga ténis comigo, jogamos no computador, e depois algumas brincadeiras que são mesmo entre nós, digamos.
- 3) Cada vez mais é difícil de arranjar diferenças não é? Porque não há nada . praticamente agora que as mulheres não façam que os homens não façam também. Sei lá, julgo talvez, ... nem isso, nem na parte desportiva, porque as mulheres também já fazem tanto desporto como os homens. Acho que não há praticamente diferenças.
- 4) Eu não tenho experiência disso, como só tenho um rapaz, não sei ...
Com a minha mãe nunca notei grande diferença. Mas eu sei que há casais em a mãe tem uma ligação muito próxima da filha porque são as duas mulheres, e porque a filha ajuda muito mais em casa, os rapazes querem mais é sair e estar com os amigos e há muitas vezes uma relação especial entre mãe e filha. Porque

são do mesmo sexo, deve haver alguma proximidade e maior intimidade entre mãe e filha, do que entre pai e filha, sem dúvida.

- 5) É. Tem um sentido protector muito maior em relação à filha, talvez por conhecer melhor os homens (ri-se). E numa filha não tem qualquer preconceito em mimá-la, fazer os mimos todos, as vontades, e não sei quê. Num filho, já propositadamente não o faz porque sabe que o está a preparar mal para a vida e porque ele mais tarde vai ter que ser uma pessoa que vai ter de enfrentar responsabilidades ... não é que a mulher não vá ter também, mas um homem sempre assume que uma mulher vá ter sempre um homem que a há-de acompanhar na vida e pronto, há uma diferença.
- 6) Por experiência própria não posso dizer, como disse. Quer dizer, eu tenho uma irmã mais velha e tenho um irmão mais novo. Sempre nos demos com os nossos pais de maneiras idênticas, mas havia aquela pequena diferença que há, as raparigas com a mãe os rapazes com o pai...
- 7) Brincar com os carrinhos e brincar com as bonecas ... pronto isso é normal, penso que já nasce com as pessoas. Por muito que as pessoas às vezes digam: "Ah não, isso é porque lhe metem os carros à frente". Não é, acaba por não ser. Mete-se um grupo de crianças que nunca viram brinquedos à frente e mete-se carros e mete-se bonecas e os rapazes vão brincar com os carros e as raparigas vão brincar com as bonecas. Há aí realmente essa diferença.
- 8) Os rapazes costuma-se dizer que são mais estouvados, fazem mais aquelas brincadeiras, sei lá, subir às árvores, atirar pedras, se calhar partir os vidros, andar loucamente de bicicleta, por aí fora. As raparigas gostam de brincar aos pais e às mães, pronto, há brincadeiras diferentes de sexo entre as crianças.
- 9) Lida de maneira diferente, principalmente se, como eu disse no início, se ele tiver um sentimento de que existe mais autoridade da parte do pai, que tem uma relação diferente. Tem mais obediência ao pai. Da mãe, ele sabe que a mãe é mais condescendente, que lhe dá mais mimo, e agarra-se a isso.
- 10) Com a filha, eu acho que se passa a mesma coisa, porque eu acho que o pai é sempre uma figura mais autoritária, que impõe mais respeito.

- 1) Acho que são diferentes. Há sempre uma ligação mais directa da mãe aos filhos, pelo menos nas fases mais jovens, não é? Ocupa-se deles, há sempre ligação mais directa. O pai é sempre um bocadinho mais distante. Talvez até mais autoritário, por isso mesmo, embora connosco não seja assim. Mas é sempre mais distante, é uma questão de temperamento, faz parte da natureza.

- 2) À mãe cabe mais a gestão propriamente dita da relação e, digamos, do arranjo do que é preciso fazer e não fazer, a gestão corrente do dia a dia.
 Digamos que o pai, pelo menos é assim que acontece connosco, eu acabo por ficar mais livre para brincar com eles. Quer dizer, ocupa-se menos do que é do dia a dia, das necessidades propriamente ditas; digamos que saber que roupa vestem ou que não vestem para mim é complicado, isso cabe mais à minha mulher, e portanto a minha relação é um bocadinho mais distante no sentido, não de autoridade, como eu disse há bocado, mas no sentido em que não é quotidiana em relação aos pormenores.
 Mas, pronto, basicamente, a minha relação com eles é mais de brincadeira, é mais de acompanhamento.
 Os estudos também é a minha mulher que acompanha directamente. Portanto um acompanhamento mais directo acaba por ser ela, portanto uma relação mais forte no sentido dos pormenores. Eu acompanho também, brinco muito com eles.

- 3) Acho que não devem fazer coisas iguais, são diferentes. São completamente diferentes. O sentido da competitividade é muito mais masculino, o sentido da, digamos, da afeição é muito mais feminino, não é? e portanto isso diferencia as pessoas. E portanto, enfim, faz parte da natureza humana, na minha opinião, o homem deve ser competitivo, tem que ser.

- 4) É diferente. Tem mais intimidade com a filha, a partir de determinada altura pelo menos. Conversam mais uma com a outra.

- 5) O pai também é diferente, tem mais intimidade com o filho. Nas idades deles já se começa a notar isso. Sobretudo como a mais velha, que já tem doze anos. Já tem conversas com a mãe que não tem comigo. E eu não faço para ter conversas que são mais femininas, não entro nessa conversa. Acho que é uma relação muito

directa que tem com a mãe que deve ser assim. Assim como entre pai e filho também deve ser assim.

- 6) Eles os dois são diferentes, concretamente, em particular. Acho que em geral também. Sim, são diferentes, necessariamente. ... Tem a ver com a natureza das pessoas, não é? O sexo masculino e feminino.

Acho que os filhos têm uma relação menos, pelo menos exteriormente, menos sentimental, não é? ... Acho que há uma tendência para as filhas serem mais íntimas com os pais do que os filhos, mais afectivas.

- 7) A filha tem tendência a fazer ... prendas, é ela que faz; digamos tem uma preocupação em fazer, de vez em quando, determinado tipo de coisas manuais, costura, qualquer coisa que é uma prenda pessoal, e eu acho, que é muito feminina, são coisas de raparigas; um rapaz não faz isso, faz outras coisas. Normalmente o A. o que faz é dá prendas aos pais, gosta de dar, mas dá, enfim, ou são desenhos ou são outras coisas, não é?

- 8) Eu acho que também é diferente. É evidente que tem a ver com a educação, mas também tem a ver com a natureza; é claro que o A. brinca, como qualquer rapaz, com carros, gosta disso. A M. nunca gostou de brincar com carros. O A. não gosta de brincar com bonecas. Apesar do ambiente em casa ser muito feminino, ele é o único rapaz, e no quotidiano está menos em contacto com o pai.

- 9) É, também é diferente. Acho que sim...

Quer dizer, comigo brinca mais, por exemplo; se calhar a determinadas alturas tenho mais dificuldade em impôr uma determinada orientação, do que a minha mulher. Porque eu como brinco mais, muitas vezes não sou levado tão a sério.

- 10) Em conversas é diferente, não é? Quando são conversas mais particulares é diferente, tem mais intimidade com a mãe, sem dúvida. Agora no que eu disse em relação a eu brincar com eles, por isso não ser levado tão a sério, ela aí até força mais, vai mais até ao limite.

- 1) Eu acho que é um bocado diferente. A mãe é sempre ... portanto eu falo concretamente no meu caso: as mães, às vezes, pensam por facilitar, vá lá, por dar

tudo aos filhos que os tem aqui ao pé dela. Eu por mim, tenho a minha opinião pessoal e às vezes, muitas vezes, o meu filho pede-me isso e eu acho que não devo lhe dar, mas não quer dizer que não goste tanto dele como gosta a mãe. Mas em relação aqui em minha casa, a minha mulher, em relação a mim é mais, quer dizer, faz mais vontades aos filhos do que eu.

Se fôr preciso eu digo "calma, espera aí, isto não". Mas não quer dizer que eu não goste tanto deles como eu. Neste aspecto as mães para os filhos são mais dadas, querem-lhes dar tudo. Eu sou o contrário. Quer dizer, tenho que lhe dar o melhor que posso a ele, fazer dele alguém, se ele souber aproveitar aquilo que eu lhe dou, mas certas e determinadas coisas, quer dizer, não dou tudo aquilo que ele quer. Mas lá por não lhe dar tudo, gosto tanto dele como gosta a mãe. A mãe é mais, portanto, aqui no caso concreto, ele pede mais coisas à mãe do que a mim, porque já sabe que dali leva e daqui muitas vezes leva, e às vezes eu acho que lhe devo dar, outras vezes acho que não devo dar, mas não quer dizer que não goste dele.

- 2) Sei lá ... a mãe acho que lhe deve dar mais carinhos do que o pai, e não sei que mais, o pai quer dizer, poderá dar-lhe outras coisas diferentes da mãe ... sei lá ...
Vamos para ali um bocado jogar à bola ou passear um bocado, ou "homem, queres ir comigo ao futebol?".
- 3) O que faz uma mulher e o que faz um homem? Eu no meu caso concreto aqui em casa faço tudo. Aqui em casa praticamente eu faço, portanto, ajudo a minha mulher em quase tudo, aquilo que posso. Hoje em dia as coisas tanto são para o homem como para a mulher. Isso era antigamente. Em pleno século XX temos que estar na modernização. Até porque hoje em dia, desde que haja respeito e tudo, tanto dá para o homem como para a mulher.
- 4) Se quer que lhe diga eu sou filho único, concretamente não sei responder a esta pergunta, mas eu posso dar o exemplo da minha casa: a minha mulher para os filhos, tanto para ela como para ele, ela é assim um, vá lá, um termo assim um bocado simbólico, é uma "parva"; mas há certas reacções, portanto aqui no caso concreto, eles são um casal, e ela também já se apercebeu, acho que ela puxa mais para o filho do que para a filha. Mas não quer dizer que ao fim e ao cabo não goste dos dois a mesma coisa. Tem é esta tendência.
- 5) Olhe, eu quando foi com o meu filho, ao princípio, tinha mais tendência numa menina. Gostava mais, pronto, pendi para aí. Veio um menino. Agora às vezes ralho com ele porque, vá lá, no meu pensamento, não quer dizer que esteja num

pensamento errado, acho que ele já tem uma certa e determinada idade que a irmã não tem e que já deve saber aquilo que faz. E em relação à irmã que tem quatro anos e depois diz ela: "Ah, gostas mais dela do que dele". Mas não, porque para mim são os dois iguais, foram os dois meus filhos, se um tiver qualquer problema a mim dói-me o braço. Por exemplo, se às vezes actuo dessa maneira, é porque ele já tem determinada idade, já sabe aquilo que faz e ela é mais miúda. Não quer dizer que ele não esteja em idade de proceder mal. Sou capaz de reagir mais de certa e determinada maneira para ele, mas o amor tanto faz, é igual, não há distinção; por exemplo, estou a comprar uma coisa a um e a outro, a minha mulher está aí que diga. Tanto posso dizer a um que não como a outro que não. Acho que são os dois iguais, para além de eu às vezes reagir desta maneira.

- 6) Há sempre diferenças. Há uns que sabem levar melhor os pais do que outros. ... Ele pede menos ao pai, pede mais à mãe. Ela tem outra maneira de levar as pessoas. É mais labiosa. Quer sempre diferente, tem que ter diferente dele. Ele, como disse, pede mais à mãe do que a mim. Mas aqui acho que ela vai ter mais jeito para pedir do que ele. Posso estar enganado, é mais labiosa. Portanto, eu falo concretamente neste caso, consegue dar mais a volta. Há sempre a tendência a dar mais a volta, já o outro é mais orgulhoso, vai mais à mãe, às escondidas e tal.
- 7) Ela anda sempre a fazer mal, aqui em casa sempre à bulha com o irmão, não sei dizer muito mais....
Ele é obediente.
- 8) Os rapazes é brincar com carros e não sei o que mais, e as raparigas é brincar com bonecas e mais não sei quê.
- 9) É natural que seja diferente, é natural que o filho escolha sempre aquele que, vá lá, que ceda mais, que ceda mais em tudo; dar um exemplo daqui, é natural que o meu filho peça mais à minha mulher do que a mim, porque ela cede mais do que eu.
- 10) Ela, pra já, como eu disse, é labiosa e sabe levar mais as pessoas; mas com quatro anos também não se pode ter uma ideia fixa de que ela tem uma tendência assim pelo pai ou assim, só quando fôr mais velhita é que poderá saber como é que ela reage sob este aspecto. Mas sei que ela é capaz de pelo menos dar a volta mais depressa, isso sim.

- 1) Acho que são iguais. São um bocado diferentes, mas tratar do filho tanto faz o pai, como a mãe, é igual.
- 2) Não sei, acho que a mãe dá-lhe mais carinho, mais mimos. E o pai passeia-o mais.
- 3) Em relação ao filho, a mãe dá-lhe de comer, veste-o e trata dele. E o pai passeia-o e sei lá. A lida da casa também é da mãe, ele sabe. E sei lá, o trabalho, o pintar, já faz parte do pai. Ele sabe que quando é para pintar sou eu e quando é para fazer o comer é a mãe que lhe vai fazer o comer.
- 4) Acho que não. Eu não tenho filhas, mas por exemplo a minha mãe tratava-nos igual. Até acho que ser filha é mais sacrificada. É mais presa. É mais chamada à responsabilidade. A mãe obriga-a a estar em casa, obriga-a a trabalhar. Tem que ajudar a lavar a loiça e isso tudo. Pelo menos com as minhas irmãs era assim, uma pessoa já não tinha esse problema.
- 5) O pai acho que tem mais tendência a andar com o filho, do que com a filha.
- 6) Não, acho que não. No meu caso davamo-nos todos bem com o meu pai e a minha mãe. Tinha-mos respeito, que era o essencial, e nunca tínhamos grandes problemas.
- 7) Eles têm tendência mais de brincar sei lá, com carros, coisas, jogar à bola e isso. As raparigas é mais para brincar com bonecas e acho que ... mais nada.
- 8) Jogar à bola, é uma coisa que os rapazes é que costumam fazer, embora as raparigas também joguem, mas acho que é mais para rapaz. E brincar com bonecas é uma coisa assim mais para raparigas.
- 9) Não, acho que não.
- 10) Não sei, acho que também não. Embora acho que depende também dos miúdos. Podem ser mais amigos do pai ou da mãe. Mas no geral acho que não.



- 1) Também depende um bocadinho se o pai ou a mãe trabalha ou não trabalha. Se o pai tem mais tempo disponível, logicamente que há-de dar mais tempo aos filhos. Se a mãe tiver mais tempo disponível, logicamente será a mãe. (Q) Normalmente há um que trabalha mais. É o que descansa mais o que se adapta mais ao filhos. Depende da profissão dos pais.
- 2) O pai normalmente é mais para o lado de arranjos ... a mãe é mais para a lida da casa e o pai está virado para o lado de bricolages, pronto. O pai ensina-os nisso, isso aprendem muito mais com o pai do que com a mãe. E os filhos aprendem mais a parte da lida da casa com a mãe do que com o pai, pronto.
- 3) É difícil responder a isso. É difícil responder agora ... no geral, no geral, no que é ainda actualmente, pois é evidente que a mulher está mais virada para a lida da casa e o homem para o lado de por exemplo quintal, bricolage, é isso.
- 4) Não, acho que não.
- 5) Também, não. Quer dizer, ele é mais bruto e a rapariga é mais meiga, pronto. Não se pode brincar com o filho com meiguices porque ele não gosta.
- 6) As filhas são mais meigas Os filhos, claro, também o podem ser, no geral acho que as filhas são mais meigas. Eles são ... quer dizer ... são mais rebeldes.
- 7) Está tudo ligado ao mesmo. A rapariga é mais para o lado da boneca e o rapaz para o lado do carro, para o lado da bola e rapariga mais para o lado daquilo que aprende com a mãe, a lida da casa.
- 8) Jogar à bola, brincar a jogos mais brutos, pronto. Elas não, elas são outro tipo de ... brincam às casinhas, às bonequinhas e pronto ...
- 10) Não, também não vejo diferença. Embora no meu caso, por exemplo, talvez se dê um bocadinho a mim mais ao respeito do que a ela. A mãe também tem mais paciência.
- 9) O filho também se dá mais ao respeito para o pai do que dá pela mãe.



- 1) Há muitas mães e muitos pais. São todos diferentes. Há mães que ralham muito com os filhos, ou dão porrada, não é o caso da minha mulher, não é o meu caso, não bato nas minhas filhas, é raro. Só se elas fizerem mal, mesmo mal. A I. não leva uma palmada desde os quatro ou cinco anos, ela tem nove, está a ver. Levou quando era mais pequena que abusava um bocadito, de resto daí para cá nunca mais lhe caí. Este problema que ela tem, não sei porquê, ela sair assim, não sei a quem é que ela sai. (Q) Eu farto-me de trabalhar para ganhar para elas, para não lhes faltar nada. A minha mulher é sempre diferente. Passa mais tempo com as filhas do que eu, ela é que trata delas. Eu abalo para o trabalho de manhã, venho ao almoço, vou-me embora, só as vejo à noite. O bocadito que eu estou com elas é à noite. Durante o dia nunca estou com elas. Ao domingo vou para a caça. Só à noite é que estou com elas.
- 2) Estou na conversa com elas, aquilo que é preciso, pois é evidente. Ainda esta semana, com a minha S., ela vinha do ciclo um moço que a agarrou lá pelo pescoço, um moço de dezoito anos que até esteve preso; e eu estava dentro do carro mais a minha mulher à espera dela. Eu deixei o gajo entrar no escuro e "amandei-lhe" uma tarefa. Pronto. Resolvi as coisas à minha maneira. O pouco tempo que tenho ando sempre com o olho em cima dela. Ela tem doze anos mas é quase do meu tamanho, espigada. Ando sempre em cima dela, levo aquilo controladinho, não é? (Q). A minha mulher passa lá os dias com ela: "Ó I. arruma a cozinha, ó I. faz isto. Vai estudar, ou pega no acordeão e vai estudar música."
- 3) A vida de casa é a mulher que a faz. Quem ganha lá para casa sou eu, a minha mulher não trabalha.
- 4) Eu para mim, das duas que tenho, não acho que uma é mais que a outra ... É só o problema que a I. tem, mas que é um problema que é natural que seja resolvido, não é? Não estou a ver diferença. Acho que não devia de haver diferença. Na minha mulher não vejo.
- 5) Para mim é assim, eu como lido com uma lido com a outra.
- 6) Sim, o miúdo é sempre um miúdo porque acompanha mais o pai em certas e determinadas coisas que não uma filha, a partir de certa idade. Não estou a ver, as

minhas filhas vão comigo para todo o lado. A minha I. acompanha-me mais, anda mais comigo; a S. anda muito comigo, mas já é mais mulherzinha, já conversa mais com a mãe do que conversa comigo. Pois os rapazes acompanham mais o pai. Aconteceu comigo; não fui criado com o meu pai, só com a minha mãe, mas mesmo assim eu gostava mais do meu pai do que gostava da minha mãe. O meu pai nunca me bateu. É um tipo de homem que não ligava aos filhos, fazia-os mas não os criava, mas de qualquer das maneiras respeitava, e um gajo tinha respeito por ele. Tipo vadio, pronto. Mas eu gostei sempre mais dele. Ele nunca me bateu, a minha mãe era quase todos os dias, Deus lá tenha a alma dela em descanso.

- 7) Filhos não sei porque não tenho nenhum, não é? Acho que as minhas filhas se portam dentro da tabela. Vejo muitas galdeironas, as minhas não têm essa hipótese que eu não deixo. Têm respeito ao pai por princípio, nem é preciso eu dizer. A minha S. demora vinte minutos até à escola. Ela saí às 7h, às 7h.30m está em casa. Foi só o que eu lhe disse uma vez e chegou. Bastou dizer na 1ª classe. Não foi preciso dizer mais nada. Há pais que não dão o respeito e dão-lhes porrada, o que eu não faço às minhas. Nem à mãe. A mãe só lhe bato realmente se fôr mesmo necessário. O moço é sempre totalmente diferente, as brincadeiras são diferentes e, as palavras são sempre diferentes, com as mães é umas, com os pais é outras. Um gajo ao pé dum moço diz um palavrão, duma moça já não vai dizer. É sempre diferente.
- 8) Elas brincam uma com a outra, aquilo que lhes dá na cabeça. Têm lá os bonecos, às vezes vestem aquelas roupas compridas e andam a brincar lá por casa. Os miúdos é mais jogar à bola, quer sempre mais ir jogar à bola, ir para ali e para acolá.
- 9) Não sei responder porque não tenho miúdo nenhum. Vejo uns que se dão melhor com as mães e pior com os pais e outros que é ao contrário e outros que se dão igual com o pai e com a mãe; depende dos miúdos, de pais para pais, varia logo. Não lhe sei responder.
- 10) Comigo têm sempre mais respeito; embora tenham respeito pela mãe, comigo têm sempre mais respeito. Eu basta olhar para elas e elas sabem aquilo que eu quero. Eu é raro ralhar, tanto faz para uma como para outra. Quando olho assim, sabem logo: "Já fiz mal.". Talvez com a mãe elas conversem mais, sobretudo a mais velha.

- 1) Pode depender de ser miúdo ou miúda. Da maneira como falamos para ele ou para ela. (Q). Pode até que o pai seja nervoso ou a mãe e ralhar mais com eles, como é o caso da minha mulher, não é? É mais nervosa e anda sempre a ralhar com a rapariga, não é? Ela ralha mais que eu. Isto é o que se passa lá em casa, na casa dos outros não sei. Ela enerva-se com os filhos, com todos. Anda tudo ali à roda e ela enerva-se.
- 2) Eles ... eu ensino o que eu posso, o que eu sei. Coisas da escola, às vezes a falar, e em relação a dizer palavras que não estão certas. Da escola, eu já fiz a escola há muitos anos, as coisas estão diferentes, e já pouco sei ensinar. Mas ela vem sempre é ter comigo. Depois vai à mãe, mas primeiro é o pai sempre. A mãe está lá na cozinha, às vezes a lavar a loiça ... (Q) Está sempre ocupada com a cozinha, depois senta-se um bocadinho a ver Televisão e daqui a bocado estão as duas a dormir. Acaba assim todas as noites.
- 3) Ah, na minha profissão, por exemplo, as mulheres são raras. Há mais homens. Só em grandes fábricas é que se vê uma meia dúzia delas. (Q) A lida da casa é uma coisa que a gente diz sempre aquilo é para a mulher, não é? Eu quando era casado, ao princípio, às vezes ainda fazia o jantar, mas depois comecei-me a relaxar um bocadinho. Mas é como se costuma dizer, isto é trabalho para as mulheres.
- 4) Acho que os rapazes são capazes de ser mais "desagarrados" das mães e a mãe sente que o rapaz que é mais "desagarrado", mais solto e é capaz de não o puxar tanto, de não o prender tanto. "É homem, vai com o pai ou com os colegas ..." A mãe é mais agarrada à rapariga.
- 5) Eu comigo, eu gosto muito da minha C. porque (quase chora) ... rapazes tenho dois e ela é a única filha e então, às vezes puxo mais um bocadinho para ela. O rapazito pequeno às vezes parece que tem ciúmes e monta-se também em cima de mim. Mas eu tenho uma, um coiso assim por ela. Nos termos de linguagem, de ensinar-mos certas coisas, a gente parece que está mais à-vontade com o rapaz. Pelo menos a partir de que o rapaz tem quinze ou dezaseis anos. Claro que com a rapariga já não, já é diferente.

- 6) ... Os filhos ... dizem que se separam ou se soltam mais dos pais do que as filhas. Diz que as filhas são mais amigas dos pais. Às vezes um casal tem um filho só e diz-se: "quando fores velho, tens uma nora, faz-te assim faz-te assado. Se tivesses uma filha era melhor". Eu acho que isso até é capaz de estar certo. Eu tenho mais dois irmãos, somos seis ao todo. Tenho três irmãs. E vejo que é capaz de estar bem esse ditado, porque as minhas irmãs puxaram sempre mais para os meus pais do que os meus irmãos.
- 7) Entre as filhas e os filhos ... não vejo assim grande diferença, a não ser na brincadeira, um é brincadeira de menino e outra de menina.
- 8) Eles é mais carrinhos e aquelas coisas e ela não, é para as bonecas. É como as profissões: como há profissões para homem e outras para mulher, e as brincadeiras de homem e de mulher.
- 10) A C. vem sempre mais para mim porque eu nunca ralho com ela. E quando ela quer saber alguma coisa vem sempre é ao pai. Ainda ontem à noite foi-se deitar ao pé de mim. Depois a mãe estava a chamar para ir beber o leite e depois ter de se deitar para ir para a cama dela. "Depois já não posso vir para aqui!", "Depois o pai vai trabalhar, vens para aqui e ficas com a mãe". Ela estava ali agarradinha a mim, estava a gostar, ia beber o leite, e depois já sabia que ia para a cama dela. É porque eu não ralho com ela. Se não ralharem com ela, aquilo anda muito bem. Mas quando ela ralha com ela, anda ali um bocado que aquilo anda torto. Ela talvez ache é que eu sou mais meigo para ela do que para a mãe, não é ela ser mais meiga: acha que é um pouco mais mole para o lado do pai e encosta-se mais.
- 9) O filho encontra-se mais à mãe. Porque ele agora já está com dezoito anos e eu às vezes tenho que lhe falar áspero e ele já não gosta muito. Depois começa-se a encostar à mãe, como sabe que leva a melhor. Não é que eu lhe bata muito, é raro. Mas tenho que lhe falar áspero. Eu, para o fazer chorar, não é preciso ralhar ou bater.

- 1) Não, acho que, portanto, na minha forma de ver e na minha forma de ser, somos diferentes. Acho que há uma atitude diferente entre o pai e a mãe. A minha é sempre um bocadinho mais autoritária. Por vezes até ... eu sou, eu gosto de ser

amigo, mas quando vejo que as coisas não estão a ir bem terei que levar mesmo correcto. Em relação à minha mulher não, ela não pensa assim. Ela está mais com eles, por vezes não consegue culpar, tolera um bocadinho mais, e às vezes até há um bocadinho de, sei lá, de ... às vezes até consegue haver abuso da parte do J., por exemplo, o J. tratar a mãe menos bem, por exemplo, porque ela não se impõe.

- 2) Talvez eu me preocupe mais, sei lá, com as coisas do J., de acompanhar o J. como é que vai com a escola dele, como é que não vai, como é que passa normalmente os dias, como é que não passa, o que é que ele fez, o que é que não fez. A mãe talvez não se preocupe tanto com isso, preocupe mais, sei lá, com o J. a outros níveis, sobre a roupa dele, sobre o ele ir sempre à escola a tempo e a horas, é isso.
- 3) Hoje em dia já não há muito isso. Embora há serviços, seja lá, por exemplo há serviços no campo, há serviços pesados em que eu considero, até mesmo na minha profissão, acho que a mulher não se envolva muito, não é que eu não ache que ela tenha também capacidade para o fazer, mas são trabalhos forçados não é?
As mulheres sei lá, em minha casa uma coisa que eu nunca faço é passar a ferro. Faz a minha mulher, eu não sei de modo algum fazer isso. E talvez porque ela também é doméstica e eu nunca tive essa necessidade.
- 4) Em relação a nós, portanto, o casal, noto que ela se relaciona mais com a filha do que com o filho. Portanto, o J. sendo miúdo, e sendo um miúdo mais traquina, ela, na minha forma de ver, acho que ela que é um bocadinho mais amiga da filha do que do filho, porque é mais dócil, mais meiga, mais labienta, é capaz de com mais facilidade ir dar um beijo à mãe, acariciar a mãe, defendê-la até, por algum motivo.
Acho que ela em relação à filha terá um comportamento diferente, é mais amiga dela do que do filho.
- 5) Na minha forma de ver ... dar-se duma maneira diferente a gente sempre se dá. Há sempre uma forma diferente de ser, até porque eles ainda têm uma idade diferente, um tem mais seis anos que outro. Com a filha não me preocupo ainda tanto, ainda é muito pequenita. Por vezes dou mais atenção ao J. do que a ela. Às vezes também acho que como ela tem muita atenção da mãe as vezes que não precisa tanto da minha atenção.

- 6) Portanto, aí não sei muito responder a isso, ainda porque a idade deles é ainda muito tenra e ainda talvez não se note muita diferença. A diferença que eu sinto é, portanto, vejo que ela é mais dócil, e ele mais reguila.
- 7) Sei lá, por exemplo, o filho, normalmente ... o J. entretêm-se em casa a ver televisão, por exemplo, conta como é que foi o dia dele, um pouco isso. Faz os trabalhos diários dele, discute-se qualquer coisa que haja, sei lá, que ele tenha feito; ela é uma criança que brinca com as bonecas e isso.
- 8) Hoje em dia os rapazes brincam tanto com as raparigas que eu já não consigo muito ... diferença entre uns e outros, sei lá, já não acho muito. Antigamente havia mais aquela forma de ser de que os rapazes é que, portanto, o rapaz é que só jogava o pião e a rapariga não jogava o pião, saltava à corda, sei lá, jogava à cabra cega, por exemplo, fazia esse tipo de jogos. Hoje acho que já não haverá muitas diferenças.
- 9) Sim, talvez seja um bocadinho diferente. É um bocadinho diferente, talvez o pai às vezes para ele represente, por exemplo, no meu caso, talvez represente para o J., sei lá, que ele veja em mim a pessoa com mais autoridade, que ele não tenha campo para determinadas baldas e com a mãe é diferente. Mas por outro lado o J. com a mãe é capaz de ir, sei lá, pedir-lhe qualquer coisa, ou fazer que ela faça qualquer coisa que não consiga fazer a mim, portanto não tem tanto à-vontade com o pai, por vezes, como com a mãe.
- 10) Sim, a filha é precisamente a mesma coisa que o filho.

P 48D

- 1) Eu no meu caso acho que não são diferentes, eu simplesmente , ela é que dá mais atenção a eles, porque, eu a minha vida não me permite, não é? É mesmo assim. Ela actualmente, até agora tinha mais disponibilidades, agora também está a trabalhar e tal, está assim um bocado mais difícil. Mas até agora ela é que deu sempre atenção a eles e eu acho que está tudo mais ou menos numa relação correcta, não sei.

- 2) Essa pergunta agora ... quer dizer, o pai, no meu caso, não é? Eu convivo com eles à noite, não é? E vá lá, um domingozito que às vezes eu tenho a possibilidade de ficar em casa. De resto acho que não tenho mais grande convivência com eles, que é chato, não é? Que eu acho que é chato. Nos bocadinhos de tempo que tenho, a gente está para lá entretidos, joga um bocadito de dominó e tal, ensina lá algumas coisas que eles tragam da escola, quando sei. Quando não sei, é claro, porque isto agora está tudo modificado, é um bocado mais chato. Mas há umas que eu sei, contas e tal, escrevo e às vezes dito alguns ditadozitos, uma coisa qualquer, é a minha vida que eu faço com eles. A mãe geralmente, pelo que eles dizem, praticamente todos os sábados estão sempre agarrados, é como quem diz, uma ou duas horas a mãe dita-lhe ditados, essas coisas, ensina-lhes certas coisas que eles têm mais dificuldade. No resto, no dia a dia é a mãe que trata sempre deles.
- 3) Eu no meu caso posso responder, não é? Portanto, eu tenho que trabalhar para sustentar a casa, não é? Que é assim mesmo. E a mãe talvez seja para tomar conta dos filhos e tomar conta da casa. Talvez seja isso, não sei.
- 4) Isso aí torna-se uma resposta difícil. Eu acho que no caso da gente não há esse problema. Eu vou-lhe dizer, que sou concreto, sou correcto, que em princípio, portanto, tenho uma filha, e em princípio, quando a mulher andava grávida, eu não queria o filho. Tanto que eu disse-lhe: se é um rapaz eu desistia. Portanto, tivemos a sorte, graças a Deus, e veio a filha. E até agora eu acho que a mãe tanto para o filho como para a filha não há diferenças. A filha, actualmente, tem mais carinho e tal porque é mais novita e tal, precisa de mais carinho, não é? E a mãe dá-lhe mais. Pode ser essa a diferença. Mas de resto acho, que não há assim grandes diferenças dos dois.
- 5) Eu então é deles os dois. Quer-se dizer, eu talvez goste um bocadinho mais dele. Mas o filho também não tem ... pode ter uma diferença mínima, uma coisa pouquinho. Pronto, gosto mais dele, pronto. Foi o primeiro, e tal, e depois é aquelas coisas. Depois até havia pessoas que me diziam que os pais que depois que adquiriam mais a filha, mas é pá, eu não, eu sempre gostei deste miúdo, e continuo a gostar sempre um bocadinho mais, mas também gosto muito da miúda, isso não há hipótese.

- 6) No meu caso, a miúda, uma coisa é certa, a miúda é mais meiga, é mais ... portanto, não tem assim tanto respostas, não tem estas coisas assim. O miúdo é mais atrevido, tem mais respostas, mais coisas. De resto acho que são iguais.
- 7) É uma pergunta assim um bocadinho difícil. Os miúdos têm mais tendência de jogar mais à bola, carros e não sei quê. As miúdas é claro, aquelas brincadeiras de miúdas, bonecas, pelo menos é o que eu vejo mais ou menos na minha, não é?
- 8) Em brinquedos, os rapazes é bola, carro, coisas assim. A rapariga é bonecas e estas coisas assim.
- 9) Eu acho que não. O meu, no meu caso, eu nos tempos que eu tenho, tanto brinca comigo como brinca com a mãe, ... essas coisas. Agora, quer-se dizer, pode haver uma relação que ele gosta mais da mãe ou até goste mais do pai mas isso eu acho que no meu caso não, quer dizer, que eu não sinto.
- 10) Não, também acho que não. Pela minha vejo, quem a conhecer ela é muito meiguinha também. Tanto para mim como para a mãe.

P 49D

- 1) Há um bocadinho de diferença. O pai dá carinho mas a mãe é capaz de dar mais um bocadinho. Eu falo por mim. Eu mesmo que o queira dar, não tenho tempo suficiente para isso. Ela está mais ao pé deles.
- 2) Para ser sincero tenho dois meios dias de folga (Sábado e Domingo de manhã). Tenho pouco tempo ao pé deles. Não tenho saída. A mulher trabalha toda a semana e ao fim de semana acaba por fazer as coisas de casa. Esses bocados, levanto-me por volta das onze horas, almoço, estou um bocado ao pé deles até às quatro horas. Ela é que os acompanha mais.
- 3) Uma mulher não vai trabalhar para as obras. Os homens é a pesca. Eu, agora para dizer a verdade, não, porque temos andado zangados, mas até aqui, pouco tempo em que estava, eu ajudava-a em tudo: fazia almoço e jantar quando tinha folga. Não tinha problema nenhum.

- 4) Acho que deve ter uma relação um bocadinho diferente com a filha. Em coisa de mulher deve prevenir a filha para certas coisas. Pode fazer ao filho mas faz mais à filha. Com o filho preocupa-se menos com isso.
- 5) Eu respondendo por mim sou igual para os dois.
- 6) Os meus filhos, a maneira de ser connosco não têm uma grande diferença um para o outro.
- 7) Eu no meu caso, por norma, quando um faz uma coisa o outro quer fazer também. Mesmo nas ajudas.
- 8) A miúda tem mais tendência a brincar com bonecas, os miúdos é carros, é motas, essas coisas assim. É bola
- 9 e 10) Isso são coisas que não tenho experiência. Os meus filhos é os dois para ela. É com quem convive mais.



- 1) Eu penso que a maneira de tratar os filhos será idêntica. Portanto, a preocupação, a amizade, os sentimentos que se nutrem pelos filhos penso que será o mesmo. Por outro lado, talvez, a mãe para o filho represente um papel mais de carinho, uma vez que o pai talvez por estar a trabalhar, e não só porque a mãe também trabalha, mas porque o pai talvez esteja mais horas fora de casa, ou vai com os amigos, ou fica a fazer serão ou ... enfim, o tratamento, portanto, da mãe em relação ao filho, a mãe para o filho talvez represente uma maior protecção. Não o filho se esquecendo que também tem o pai, mas ... é diferente.
- 2) Eu na maioria das vezes ando bastante ocupado, a minha mulher é que se ocupa mais deles, de maneira que só às vezes quando tenho assim um bocado livre é que vamos dar uma volta, vamos até ao jardim, vamos até ao jardim zoológico, enfim, dar assim uma volta. Ou então ficamos em casa a ver um filme ou qualquer coisa.(Q) (sobre a mãe).

- 3) Eu penso que hoje em dia, dada a situação em que estamos, as coisas serão mais ou menos distribuídas pelo casal. Portanto, sei lá, por exemplo: se eu vejo a minha mulher com uma coisa muito pesada, pois eu digo: "É pá! Estamos em igualdade, ~~mas~~ não és tu que vais levar isso.". Agora em relação a fazer compras, fazer comer, portanto, a ajudar na lida da casa, ajudo bastante a ela. Muitas vezes ela está a trabalhar até mais tarde estou eu a fazer as coisas.
- 4) Poderá estar mais preocupada com uma filha, quando ela atinge uma certa idade ... uma vez que pode haver um azar qualquer ... e depois esse azar poderia haver a questão de aumentar a família e uma mãe não quer isso. Agora em relação ao filho já não tem essa preocupação mas poderá ter outras. Portanto eu penso que por um lado preocupa-se com uma filha por uma coisa e preocupa-se com o filho por outra. Sei lá, questões de drogas, de roubos, não sei, más influências, coisas assim no género. Preocupa-se com coisas diferentes, mas a preocupação continuará a ser a mesma. As coisas são diferentes. Rapazes e raparigas as coisas são diferentes, mas também hoje em dia as diferenças já não são muitas.
- 5) Eu não tenho nenhuma filha, mas penso que se estaria neste caso na mesma situação da mãe, penso que sim. Com os meus rapazes teria um certo tipo de preocupações com os estudos e isso, e para uma rapariga passaria a ter outro tipo de preocupações. Portanto, tenho a minha afilhada, que ainda este fim de semana estive com ela, é como se fosse minha filha e de vez em quando falo com o meu cunhado "é pá tem cuidado, vê lá, quais são as companhias em que ela anda, vê lá, para onde é que ela vai, anda com olho nela que ela já tem doze aninhos, está a começar a crescer e tens que ter cuidado com ela". Esse era mais ou menos o tipo de preocupações que eu teria se tivesse uma filha, penso eu. .
- 6) Sinceramente não sei. Os meus rapazes dão-se muito bem comigo e com a mãe, mas talvez se dêem melhor comigo, talvez confiem mais em mim, não sei. Porque a mãe é diferente, gosta muito deles, mas é diferente. Agora as raparigas não sei, talvez se dêem melhor com a mãe.
- 7) Fazer o comer, e as camas é mais para as raparigas, são mais cuidadosas. Agora aspirar o chão, fazer compras, ir à rua, ajudar-me aqui em qualquer coisa, sei lá, é sempre os rapazes. Mas todos teriam as suas tarefas.

- 8) Um rapaz, eles estão-me sempre a pedir jogos, não querem estudar, querem ir para a rua jogar à bola, jogar computador com os amigos; as raparigas talvez não sei, outro tipo, bonecas, eu sei lá. Umas talvez queiram coisas similares e outras talvez diferentes.
- 9) Penso que já respondi. Acho que os meus rapazes dão-se melhor comigo do que com a mãe. Mas isto é o nosso caso, não é? As crianças talvez sintam mais protecção por parte do pai porque é o chefe de família, é o homem. Talvez se sintam mais protegidos do que em relação à mãe, embora tenham o mesmo sentimento de amor que têm ao pai. Talvez se sintam mais protegidos e daí a sensação que inclinam mais para o pai, mas é uma sensação irreal, penso eu.
- 10) Penso que será a mesma coisa que os rapazes.

P 53D

- 1) Não, acho que não são diferentes. (Q) Assim coisas não vejo diferenças.
- 2) Assim, a respeito do meu filho? Eu costumo fazer poucas coisas porque eu tenho pouco tempo. Trabalho por conta própria e sou uma pessoa que tenho pouco tempo. Às vezes estou ao sábado em casa, outras vezes nem sempre estou, nem ao domingo. Mas quando tenho assim tempo, vamos dar uma volta, um passeio ou estou assim mais a ver e obrigá-lo a fazer as coisas da escola, porque é um problema, para ele. Tem que se andar sempre em cima dele e só à base de porrada é que faz alguma coisa. Parece sempre muito desinquieto, só pensa na brincadeira. A mãe está mais tempo em casa faz mais do que eu. Sei lá, se uma pessoa chega à noite a casa, nove e tal 10 horas, já pouca convivência tenho com ele. Às vezes já está a dormir. A mãe ocupa-se em tudo, na comida, na roupa, nos deveres da escola, em certas coisas é tudo a mãe.
- 3) As mulheres costumam mais cuidar deles. Eu ocupo-me pouco com o meu filho porque eu não tenho muito tempo. É o meu trabalho. As mulheres é mais para os filhos, estão mais tempo em casa, apesar que a minha mulher também trabalha, mas tem um horário diferente. Os homens é mais para o trabalho, pois eu trabalho por conta própria, tenho que andar sempre aí ...

- 4) Não, acho que não. Eu não tenho filhas, não sei. Mas na minha criação não havia assim grande diferença. Uma irmã para um irmão, duma mãe que dava mais carinho a um ou a outro, não, nunca senti isso.
- 5) Não, eu essa coisa não posso explicar muito porque também tivemos pouco pai, morreu muito cedo. Ficámos todos muito pequenos. Mas do que me lembro do meu pai não havia aquela diferença dum filho, ou mais isto e mais aquilo.
- 6) Não, é tudo igual (Q).
- 7) Ah, o filho fazia mais coisas... no meu tempo, quando o meu pai era vivo, e a minha mãe, já morreram os dois, ajudava mais o meu pai, ou como a gente estávamos na província, íamos apanhar ervas para o gado, ou assim qualquer coisa, enquanto a minha irmã, só tenho uma irmã, ficava mais em casa, ajudava mais a mãe, na vida da casa; também era pequena, mas ajudava mais a mãe.
- 8) Eu acho agora a mocidade totalmente diferente daquilo que era antigamente. Eu no caso dele acho-o muito desinquieto, assim muito, pronto, não sei ... Com aquela idade entretêm-se muito com brinquedos, só pensa em brincar. Com carros, ou isto ou aquilo, não quer fazer nada, agarra-se a um livro ou uma coisa qualquer, não, pronto. Só pensa é andar com carrinhos, está a fazer onze anos e só quer é brincadeira. (Q) Eu como só tenho aquele filho, não sei, tenho lidado pouco com raparigas. Mas penso que elas é mais bonecas, casitas ...
- 9) Sim, eu o meu acho. O meu a mim tem-me mais respeito do que tem à mãe. E acho que é mais meigo para mim do que é assim para a mãe. Apesar de que eu sou um bocado ... é raro bater mas falo mais grosso com ele e ele tem mais respeito.
- 10) Não sei, não lhe posso explicar. Não tenho a filha. (Q) Não sei, penso que as raparigas são capazes de dar-se mais para o lado da mãe.

P 54D

- 1) Eu penso que é provável que haja diferenças. As mães no geral estão mais tempo com as crianças, com os filhos. Dedicam-se mais do que os próprios pais. Não

quer dizer que isto seja o meu caso. Idas ao médico, todos estes promenores, têm mais esse cargo. Os homens têm mais o seu trabalho.

- 2) Por exemplo, em minha casa eu dava o banho aos miúdos, e dou. A minha mulher também dá. É realmente aquele que está disponível. Lembro-me que quando eles eram pequenitos ela tomava conta de um e eu de outro, como era normal, não é? Tem sido assim ao longo de ... No meu caso é assim, mas há outros casos em que pode não ser.
- 3) Não sei ... Não estou ... a ver...
- 4) Penso que sim. A mãe tem que acompanhar mais a filha e não o pai. É a minha opinião. Há certas coisas que a filha não se ... vá lá ... abre para o pai mas para a mãe já conta. A parte da sexualidade, namoros; portanto daí o maior relacionamento da mãe com a filha.
- 5) O que eu vejo da minha parte é que eu brinco mais abertamente com os miúdos do que com a miúda; ela é mais velha também, não é? Mas da idade dela também brincava assim. Mas também penso, tal como a mãe, que eu tenho que acompanhar mais os filhos, quando chegarem a essa altura.
- 6) Não, penso que não (Q).
- 7) Como é que hei-de dizer ... Quando vamos de férias empenham-se todos, "Ó mãe quero levar estas calças, quero levar isto". É uma preocupação geral. No dia a dia, a M. ajuda a mãe no aspecto da casa; os miúdos, neste caso o V., acompanha-me; eu saio de casa, mesmo em serviço e ele acompanha-me sempre. O D. já não é assim.
- 8) As bonecas são para as meninas, de modo geral. Os rapazes é mais à base de carrinhos, comboios, essas coisas assim.
- 10) Penso que sim. Noto no meu caso, que a minha filha, com a mãe é capaz de contar certas e determinadas coisas que não me conta a mim. Até por exemplo, se tiver uma falta ou um ponto negativo, ela diz à mãe, e a mim tem que me trazer para eu rubricar, mas vem já de pé atrás. Talvez eu tenha mais autoridade. Talvez por eu ter menos tempo, estar menos tempo com eles e além disso eu tento manter um pouco mais o respeito, como se costuma dizer, porque tem que haver alguém que

mande naquela casa. Quando chega uma altura em que a coisa está a ir além do possível, tem que haver sempre alguém por cima. A mãe proceder como está a proceder, eu acho que está correcto, só que eu mantenho-me à distância, para quando chegar à altura de entrar ter que entrar mesmo, não é? Senão, calcule, não é? Mas repare, eu acompanhei sempre muito os meus filhos, mesmo muito. Quando a minha filha era pequenina, eu tomava conta dela. A minha mulher trabalhava aos fins de semana e eu ficava com ela, fazia tudo. Mudava fraldas, dava o biberon. Quando eu digo manter à distância não quer dizer que eu tenha sido um pai ausente, até passo muito tempo com eles, mais do que a mãe às vezes, mas às vezes mantenho-me afastado de propósito para poder intervir quando for preciso. E isto tanto com os filhos como com a filha. Eles têm mais respeito a mim por isso.



- 1) Iguais eu penso que nunca são iguais. Há sempre diferenças. às vezes podem ser mínimas, mas há sempre diferenças entre o homem e mulher. Mesmo nos próprios feitos. Eu, falo no meu caso. A minha mulher, para os filhos, é um pouco mais ... não quer dizer que não tenha o mesmo carinho que eu tenho, mas obriga-os a cumprir mais que obrigo eu. Portanto aí já enquanto eu, qualquer coisa, não me faz grande diferença, a minha mulher já é um pouco diferente. Para eles, já quer que eles levem as coisas mesmo a rigor, mesmo como deve ser, e eu já sou uma pessoa um pouco mais distraída.
- 2) Logicamente que a mãe tem sempre mais coisas a fazer que o pai. Eu em princípio não fui habituado assim a grandes lidas de casa, ou mesmo a grandes preocupações com os filhos. Estive a trabalhar no estrangeiro em tempo quando não estava no estrangeiro saía de manhã entrava à noite, muitas vezes chegava a casa já os filhos estavam na cama, e aí a mãe é sempre diferente em todos os aspectos. A mãe faz quase tudo. Aquelas coisinhas miudinhas, a mãe é que percebe disso; eu no meu caso pouco percebo. O I. precisa disto, ou daquilo, a mãe está mais a par disso do que eu. Quando estamos em casa ou lemos ou fazemos qualquer coisa, quando estão comigo quase sempre saímos de casa, vamos dar uma volta, tenho um terreno com criação e vamos até lá e passamos por lá uns bocados.

- 3) Eu no meu caso, sou uma pessoa mais para a rua a minha mulher é mais para casa. Eu em casa sou uma pessoa que trabalho muito pouco. Faço muito pouco em casa. Às vezes um jantar ou um almoço que a gente está já muito atrasado ou assim mas pouco. Ela ocupa-se da casa e eu ... aos sábados e domingos de manhã vou para o terreno, almoçamos e à tarde vamos toda a tarde para o terreno, andamos por lá toda a tarde. Ela é mais para a casa, e eu sou mais para o meu trabalho.
- 4) Não, penso que não. Não tenho filhas, tenho dois rapazes, mas tenho família com rapazes e raparigas e não vejo diferenças.
- 5) Penso que seja a mesma coisa. Tenho família que tem um casal e não vejo a diferença nesses pormenores.
- 6) Isso é como todas as coisas. Há filhos que até podem ser mais carinhosos para os pais e a filha não ser, como há filhas que podem ser mais carinhosas para os pais e até para os irmãos do que o rapaz. Há crianças, quer seja rapariga ou rapaz pode haver poucas, mas há outras que têm diferenças. Mas a rapariga torna-se mais meiga, pode-se tornar mais meiga. O rapaz como é mais vivo, é uma pessoa mais mexida, não é? É um homem, não é? pode ter uma ideia já não aqueles carinhos, aquelas coisas mais calmas, mais meigas como a mulher tem sempre tendência de ter.
- 7) Hoje a diferença já é pouca. O rapaz joga à bola, a rapariga joga à bola também. É mais na lida da casa que a rapariga pode fazer mais qualquer coisa que o rapaz não faz. De resto, não vejo diferença.
- 8) É como lhe disse, vai-se para um passeio, vê-se um grupo de rapazes e raparigas, todos fazem a mesma coisa, num jardim e tal, é a mesma coisa, não se vê grande diferença. No meu tempo era diferente.
- 9) Olhe, eu falando no meu caso, os meus filhos são mais abertos para a mãe do que para o pai, e isto porque a mãe sempre foi mais habituada com eles, sempre esteve mais tempo com eles, e até pode ter mais paciência com eles, não será esse o caso mas sempre ... mesmo o mais velho, com dezasete anos, ele é capaz de ter uma coisa assim mais em segredo e é capaz de o dizer à mãe e talvez tenha um certo receio de dizer-me a mim. Porque a mãe até pode concordar mais vezes com eles

do que concordo eu. Na questão do gostar, eles pelo menos não mostram que gostam mais do pai ou da mãe. Sentem-se mais à-vontade com a mãe.

- 10) Eu penso que não; tenho colegas rapazes e raparigas agora a trabalhar comigo, e a gente assim a conversar, e coisa, não vejo diferenças muito grandes nisso. Não vejo que elas metam o pai à parte da mãe ou não vejo grandes diferenças nisso.

P 56D

- 1) Acho que são diferentes. Depende do pai e da mãe que fôr. A minha mulher tem uma relação muito mais estreita com os meus filhos, visto que eu tenho uma vida profissional que não me permite dar muita assistência à família, entre aspas, não é? Não dou tanta quanto gostaria. Chego tarde, saio muito do país. Não tenho uma relação tão próxima dos meus filhos como tem a minha mulher.
- 2) Os pais costumam jogar mais com os filhos, praticar mais desporto que infelizmente não é o meu caso, devo confessar, mas é o que eu vejo mais, os pais têm mais esse tipo de tarefa, penso eu. A mãe é diferente, é mais o suporte moram da família, da casa, dos filhos.
- 3) Com toda a honestidade não consigo ver coisas que possam ser feitas só pelos homens e coisas que possa ser feitas só pelas mulheres.
- 4) Em princípio não deverá ser diferente. Deverá ser exactamente a mesma pessoa, quer se trate de um filho, quer se trate de uma filha, sob pena de estar a cultivar alguma forma de uma certa separação ou uma mentalidade machista na própria família. Penso que em princípio isso não deve acontecer. Em nossa casa isso não acontece.
- 5) Acho que o pai também não é diferente. Simplesmente com as filhas há talvez um carinho maior, por se tratarem de meninas penso eu.
- 6) Eu penso que todos os filhos são diferentes. Nós temos três filhos e são todos diferentes uns dos outros. Penso que não são diferentes por ser raparigas ou rapazes; cada pessoa é um mundo, as pessoas são todas diferentes umas das outras e eu tenho três filhos e não tenho nenhum filho igual ao outro.

- 7) Repito o que disse há bocado, a minha filha tem mais jeito para umas coisas, o meu filho terá mais jeito para outras, nas não por se tratar de rapazes e raparigas, mas por serem diferentes.
- 8) Em nossa caso os nossos filhos fazem todos as mesma coisa. A minha filha não faz determinadas coisas por ser filha, ou o meu filho não faz determinadas coisas por ser filho. Não sinto essa diferença, nem nós lhe damos essa educação.
- 9) Não lhe sei responder assim em termos gerais. Eu acho que um filho se pode dar melhor com o feitio da mãe ou com o feitio do pai e daí se poder vir a dar melhor com o pai ou com a mãe. Mas acho que é basicamente uma questão de feitio, com certeza.
- 10) A filha a mesma coisa, penso que sim.



- 1) Penso que é exactamente a mesma coisa. Tanto a mãe como o pai penso que é a mesma coisa.
- 2) Isso já é um bocado mais difícil. Pela minha parte falar do meu caso e da minha mulher, ela capaz de dar mais apoio ao meu filho do que propriamente eu. Em tudo, ajuda-o a fazer os trabalhos da escola ... parece que lhe dá mais carinhos que eu (quase chora) ... também, o meu trabalho não me permite isso. Eu trabalhava às vezes até mais tarde e Sábados e tudo e não tinha tanto tempo disponível para o meu filho.
- 3) Não sei, isso é um bocado difícil, não sei.
- 4) É capaz. É natural. É capaz de ... na idade do meu filho é capaz de ser idêntico, mas mais velhas é capaz de dar mais apoio à filha, dar mais atenção no aspecto de educação; o rapaz não, o rapaz já é mais livre, penso que seja assim. A mãe conversa mais com a filha, sobre problemas de mulher para mulher.
- 5) Penso que deve ser igual. O pai é igual para os dois, tanto para a menina como para o menino.

6) Penso que não. São iguais.

7) Talvez as filhas ajudem mais a mãe na lida da casa, o rapaz não, é difícil fazer isso. Sai mais, tem mais liberdade para sair. A filha talvez seja mais caseira.

8) Na idade dele só pensam na brincadeira. As raparigas brincam mais com bonecas e os rapazes mais com carros, futebol ...

9) Penso que não.

10) Acho que também não. De filhas para pais penso que seja a mesma coisa.

ANEXO 6 - Quadros referentes à cotação das respostas ao questionário, de acordo com as categorias definidas

Nota: No fim de cada grupo (CN, CD, MN,MD,PN e PD) aparecem três totais: T2, T1 e TOTAL qu significam, respectivamente, total de respostas tipo 2, total de respostas tipo 1 e total de respostas "Não sei" e "Não há diferenças"

PERGUNTA 1

[illegible]

[illegible]

PERGUNTA 1

CATEGOR.	CUID. FILHOS	AFFECTIV.	AUTORI.	DIST. /CONF.	LAZER	BRICOLAGE	TRAB. PROF	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.	
SUJEITOS										
M54		2	1							
M55		2		1						
M56	2			1						
M57		2	1							
T 2	2	10	1	0	0	0	0			
T 1	0	2	8	3	0	0	0			
TOTAL								0	3	
P1		2	1							
P3	2		1							
P5								1		
P6		2	1							
P7		2	1							
P8		2	1							
P9		2	1							
P11	2						1			
P12									1	
P13									1	
P14	2				1					
P16		2	1							
P19		2					1			
P20		2			1					
P21									1	
P24		2	1							
P26		2	1							
P27	2				1					
P28		2	1							
P29		2	1						1	
P30		2							1	
P31									1	
P33	2						1			
P34		2	1							
P35		2					1			
P36		2	1							
P38	2		1							
P39		2	1							
P40									1	
P41	2						1			
T 2	7	16	0	0	0	0	0			
T 1	0	0	15	0	3	0	5			
TOTAL								1	6	
P44	2						1			
P45		1	2							
P46	2		1							
P48	2									
P49		2					1			
P51		2					1			
P52		2					1			
P53									1	
P54	2						1			
P55		2	1							
P56		2					1			
P57									1	
T 2	4	5	1	0	0	0	0			
T 1	0	1	2	0	0	0	7			
TOTAL								0	2	

PERGUNTA 2

CATEGOR.	CUID. FILHOS	AFECTIV.	ED. SEX.	AUTORI.	TRAB. PROF	OR. GERAL	LAZER	BRICOLAGE	VER T.V.	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.
SUJEITOS											
1	2			1							
2					2			1			
3		1		2							
4											1
5	2						1				
6	2								1		
7	2							1			
8	2								1		
9	2						1				
10	2						1				
11	2				1						
12	2						1				
13	2								1		
14	2			1							
15	2						1				
16	2								1		
17	2	1									
18				1					2		
19	2						1				
20	2						1				
21	2						1				
22	2							1			
23	2	1									
24	2								1		
25	2						1				
26	2						1				
27	2						1				
28		2					1				
29	2						1				
30	2						1				
31	2				1						
32				2			1				
33	2						1				
34	2								1		
35	2				1						
36	2			1							
37	2			1							
38	2	1									
39	2	1									
40											
41	2			1							1
T 2	34	1	0	2	1	0	0	0	1		
T 1	0	5	0	6	3	0	16	3	6		
TOTAL											0 2
42	2							1			
43											1
44	2							1			
45		1		2							
46	2	1									
47	2			1							
48	2						1				
49	2			1							
50	2							1			
51					1		2				
52											1
53	2			1							

PERGUNTA 2

CATEGOR.	CUID. FILHOS	AFFECTIV.	ED. SEX.	AUTORI.	TRAB. PROF	OR. GERAL	LAZER	BRICOLAGE	VER T.V.	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.
SUJEITOS											
54	2				1						
55							2		1		
56	2			1							
57		2							1		
T 2	10	1	0	1	0	0	2	0	0		
T 1	0	2	0	4	2	0	1	3	2		
TOTAL											0 2
M1	2						1				
M3	2	1									
M4	2					1					
M5	2						1				
M6	1						2				
M8		2					1				
M9	2						1				
M10	2						1				
M11											1
M12	2						1				
M13	2			1							
M14											1
M16	2						1				
M17		1		2							
M19	2				1						
M20	2						1				
M21	1		2								
M24	2			1							
M25			2				1				
M26		2		1							
M27	2			1							
M28											1
M29	2						1				
M30	2						1				
M31	2						1				
M33	2						1				
M34	2			1							
M35	2				1						
M36		2		1							
M38	2						1				
M39		2		1							
M40	2			1							
M41		2					1				
T 2	21	5	2	1	0	0	1	0	0		
T 1	2	2	0	8	2	1	15	0	0		
TOTAL											0 3
M42	2								1		
M43	2				1						
M44	2						1				
M45	2	1									
M46		2		1							
M47		2		1							
M48	2				1						
M49	2						1				
M50		1		2							
M51					1		2				
M52					1		2				
M53	2				1						

PERGUNTA 2

CATEGOR.	CUID. FILHOS	AFFECTIV.	ED. SEX.	AUTORI.	TRAB. PROF	OR. GERAL	LAZER	BRICOLAGE	VER T.V.	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.
SUJEITOS											
M54											1
M55	2						1				
M56	2						1				
M57	2			1							
T 2	10	2	0	1	0	0	2	0	0		
T 1	0	2	0	3	5	0	4	0	1		
TOTAL										0	1
P1	2					1					
P3	2			1							
P5	2						1				
P6											1
P7	2						1				
P8				1			2				
P9	2						1				
P11	2				1						
P12				2	1						
P13											1
P14	2	1									
P16	2						1				
P19	2						1				
P20	2						1				
P21			2					1			
P24	2					1					
P26	2						1				
P27	2						1				
P28		2		1							
P29	2			1							
P30	2						1				
P31	2						1				
P33	2						1				
P34	2						1				
P35	2						1				
P36	2						1				
P38	2						1				
P39		2					1				
P40		2					1				
P41	2							1			
T 2	22	3	1	1	0	0	1	0	0		
T 1	0	1	0	4	2	2	17	2	0		
TOTAL										0	2
P44	2			1							
P45	2	1									
P46	2			1							
P48	2						1				
P49	2				1						
P51	2						1				
P52	2						1				
P53	2			1							
P54											1
P55	2						1				
P56	2						1				
P57		2			1						
T 2	10	1	0	0	0	0	0	0	0		
T 1	0	1	0	3	2	0	5	0	0		
TOTAL										0	1

PERGUNTA 3

[illegible]

PERGUNTA 3

[illegible]

PERGUNTA 3

CATEGOR.	CUID. FILHOS	TRAB. PROF	AUT. /POD.	AFFECTIV.	DIST.	BRICOLAGE	DESPORTO	REVIS. /TEL.	LAZER	NAO SEI	NÃO HÁ DIF.
SUJEITOS											
M54	2					1					
M55	2					1					
M56	2	1									
M57										1	
T 2	12	0	0	0	0	0	0	1	0		
T 1	0	6	1	0	1	3	1	0	1		
TOTAL										1	2
P1	2	1									
P3	2		1								
P5	2								1		
P6	2								1		
P7	2		1								
P8	2		1								
P9	2								1		
P11											1
P12	2	1									
P13											1
P14	2					1					
P16	2					1					
P19	2		1								
P20							1	2			
P21	2					1					
P24	2	1									
P26	2		1								
P27											1
P28							1	2			
P29				2		1					
P30	2					1					
P31	2					1					
P33										1	
P34	2		1								
P35	2		1								
P36											1
P38			1	2							
P39											1
P40	2								1		
P41	2					1					
T 2	20	0	0	2	0	0	0	2	0		
T 1	0	3	8	0	0	7	2	0	4		
TOTAL										1	5
P44	2	1									
P45	2	1									
P46	2					1					
P48	2	1									
P49	2					1					
P51	2					1					
P52	2					1					
P53	2	1									
P54										1	
P55	2					1					
P56											1
P57											
T 2	9	0	0	0	0	0	0	0	0		
T 1	0	4	0	0	0	5	0	0	0		
TOTAL										2	1

PERGUNTA 4

[illegible]

PERGUNTA 4

[illegible]

PERGUNTA 4										
CATEGOR.	AFFECTIV.	ED. SEX.	AUT/EXL.	DIST.	COMP. / RV.	LAZER	PROT. /CON.	DAR LIBER.	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.
SUJEITOS										
M54										1
M55							2	1		
M56										1
M57		2		1						
T 2	2	1	0	0	0	0	1	0		
T 1	0	0	0	3	0	0	0	1		
TOTAL									1	11
P1	2			1						
P3	2		1							
P5	2		1							
P6										
P7	1						2	1		
P8	2			1				2		
P9	1			2						
P11										
P12										1
P13										1
P14			2					1		
P16										1
P19	1			2						
P20										1
P21										1
P24							1	2		
P26	2			1						
P27	1		2							
P28										
P29	1				2					1
P30	2			1						
P31										1
P33									1	
P34	2			1						
P35	1			2						
P36	2			1						
P38		2		1						
P39	1			2						
P40			1					2		
P41										1
T 2	8	1	2	4	1	0	1	3		
T 1	7	0	3	7	0	0	1	2		
TOTAL									2	8
P44										1
P45	2							1		
P46	2			1						
P48	2			1						
P49		2						1		
P51										1
P52										1
P53										1
P54		2		1						
P55										1
P56										1
P57		2						1		
T 2	3	3	0	0	0	0	0	0		
T 1	0	0	0	3	0	0	0	3		
TOTAL									0	6

CATEGOR.	AFFECTIV.	ED. SEX.	AUT/EXL.	DIST.	COMP. / RV.	LAZER	PROT. /CON.	DAR LIBER.	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.
SUJEITOS										
M54										1
M55							2	1		
M56										1
M57		2		1						
T 2	2	1	0	0	0	0	1	0		
T 1	0	0	0	3	0	0	0	1		
TOTAL									1	11
P1	2			1						
P3	2		1							
P5	2		1							
P6										
P7	1						2	1		
P8	2			1				2		
P9	1			2						
P11										1
P12										1
P13									1	
P14			2					1		
P16										1
P19	1			2						
P20										1
P21										1
P24							1	2		
P26	2			1						
P27	1		2							
P28										1
P29	1				2					
P30	2			1						
P31										1
P33									1	
P34	2			1						
P35	1			2						
P36	2			1						
P38		2		1						
P39	1			2						
P40			1					2		
P41										1
T 2	8	1	2	4	1	0	1	3		
T 1	7	0	3	7	0	0	1	2		
TOTAL									2	8
P44										1
P45	2							1		
P46	2			1						
P48	2			1						
P49		2						1		
P51										1
P52										1
P53										1
P54		2		1						
P55										1
P56										1
P57		2						1		
T 2	3	3	0	0	0	0	0	0		
T 1	0	0	0	3	0	0	0	3		
TOTAL									0	6

PERGUNTA 5

[illegible]

PERGUNTA 5									
------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--

[illegible]

PERGUNTA 5

CATEGOR.	AFFECTIV.	ED. SEX.	AUT. /EXI.	DIST.	COMP. /RV.	LAZER	PROT. /CON.	DAR LIBER.	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.	
SUJEITOS											
M54										1	
M55	1			2							
M56										1	
M57		1		2							
T 2	3	0	0	4	0	0	0	0			
T 1	3	1	0	3	0	0	0	0			
TOTAL										2	7
P1	1			2							
P3		1						2			
P5	2		1								
P6							2	1			
P7	1							2			
P8	1			2							
P9	2			1							
P11										1	
P12										1	
P13	2					1					
P14										1	
P16										1	
P19	2			1							
P20	1			2							
P21										1	
P24			1				2				
P26	2		1								
P27	2		1								
P28										1	
P29	1			2							
P30	1			2							
P31	1			2							
P33											
P34							2	1			
P35	2			1						1	
P36	2		1								
P38		1		2							
P39	2		1								
P40	1			2							
P41	2			1							
T 2	10	0	0	8	0	0	3	2			
T 1	8	2	6	4	0	1	0	2			
TOTAL										0	7
P44											
P45	2	1								1	
P46	1			2							
P48	1			2							
P49											
P51			1				2			1	
P52			1				2				
P53											
P54		1		2						1	
P55											
P56	2			1						1	
P57											
T 2	2	0	0	3	0	0	2	0		1	
T 1	2	2	2	1	0	0	0	0			
TOTAL										0	5

[illegible][illegible]

PERGUNTA 6

CATEGOR.	APECTIV.	LIG. MÃE	LIG. PAI	AJUDA	VIVAC. /MOV.	IND. /REB.	CONF. PAI	CONF. MÃE	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.
SUJEITOS										
M8										1
M9									1	
M10	2					1				
M11										1
M12										1
M13										1
M14	1							2		
M16		2	1							
M17										1
M19		1	2							
M20									1	
M21		1	2							
M24	2					1				
M25		1	2							
M26		1	2							
M27										1
M28									1	
M29	1				2					
M30										1
M31		2	1							
M33		1	2							
M34	2							1		
M35		1	2							
M36		2	1							
M38	2					1				
M39		1	2							
M40										1
M41	2					1				
T 2	6	4	7	0	1	0	0	1		
T 1	2	7	4	0	0	5	0	1		
TOTAL									5	9
M42		1	2							
M43		2	1							
M44	2					1				
M45		1	2							
M46		2	1							
M47	2				1					
M48										1
M49	1					2				
M50	1					2				
M51		1	2							
M52		1	2							
M53	2					1				
M54										1
M55		1	2							
M56	1					2				
M57		2	1							
T 2	3	3	5	0	0	3	0	0		
T 1	3	5	3	0	1	2	0	0		
TOTAL									0	2
P1		2						1		
P3									1	
P5									1	
P6	2				1					
P7		2	1							
P8		1	2							
P9		1	2							
P11									1	
P12	2					1				
P13										1
P14	2					1				
P16										1
P19		1	2							
P20										1
P21										1
P24			2				1			
P26	2					1				
P27	2					1				

PERGUNTA 6											
CATEGOR.	AFECTIV.	LIG. MÃE	LIG. PAI	AJUDA	VIVAC. /MOV.	IND. /REB.	CONF. PAI	CONF. MÃE	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.	
SUJEITOS											
P28	2					1					
P29	2				1						
P30		2	1								
P31		2	1								
P33											
P34		2	1							1	
P35		1	2								
P36		2	1								
P38	2					1					
P39		1	2								
P40											
P41	2					1				1	
T 2	9	6	6	0	0	0	0	0			
T1	0	5	5	0	2	7	1	1			
TOTAL										3	6
P44		2	1								
P45	2					1					
P46	2					1					
P48	2					1					
P49											
P51		2	1							1	
P52		2	1								
P53											
P54										1	
P55	2				1					1	
P56											
P57									1		
T 2	4	3	0	0	0	0	0	0		1	
T1	0	0	3	0	1	3	0	0			
TOTAL										1	4

[illegible]

PERGUNTA 7

[illegible]

PERGUNTA 7

CATEGOR.	AFFECTIV.	AJUDA MÃE	AJUDA PAI	BRIN. RAPAZ	BRIN. RAPARIGA	NOVAS TECN.	IND./REB.	OPOS. /PERS	OEDIENCIA	ESTUDAR	NÃO SEI	NÃO HA DIF.
SUJEITOS												
54				1						2		
55		2		1								
56					2					1		
57					2					1		
T 2	0	4	0	0	8	0	0	1	0	1		
T 1	0	0	1	10	0	0	0	0	0	3		
TOTAL												0 2
M1				1	2							
M3	1							2				
M4				1	2							
M5		2					1					
M6		2	1									
M8												1
M9	1						2					
M10												1
M11												1
M12												1
M13							1	2				
M14		2		1								
M16												1
M17												
M19					2					1		
M20											1	
M21												1
M24												1
M25		2		1								
M26				1	2							
M27				1	2							
M28												1
M29				1	2							
M30				1	2							
M31												1
M33		2	1									
M34												1
M35					2					1		
M36				1	2							
M38												1
M39								2	1			
M40				1	2							
M41				1	2							
T 2	0	5	0	0	11	0	1	3	0	0		
T 1	2	0	2	11	0	0	2	0	1	2		
TOTAL												2 11
M42							1		2			
M43		2		1								
M44		2		1								
M45		2					1					
M46		2					1					
M47				1	2							
M48												1
M49												1
M50												1
M51				1	2							
M52				1	2							
M53		2		1								

PERGUNTA 8

CATEGOR.	AFFECTIV.	AJUDA MÃE	AJUDA PAI	BRIN. RAPAZ	BRIN. RAPARI.	NOVAS TECN.	INDEP. /REBEL.	ESTUDAR	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.
SUJEITOS										
1				1	2					
2				1				2		
3				1	2					
4				1	2					
5				1				2		
6				1	2					
7				1	2					
8		2		1						
9				1	2					
10				1	2					
11	2			1						
12				1	2					
13				1	2					
14				1	2					
15										1
16		2	1							
17				1	2					
18		2		1						
19				1	2					
20		2		1						
21									1	
22				1	2					
23				1	2					
24				1	2					
25				1	2					
26				1	2					
27	2			1						
28				1	2					
29				1	2					
30			1		2					
31				1	2					
32				1		2				
33				1	2					
34				1	2					
35				1	2					
36				1	2					
37		2		1						
38	1						2			
39				1	2					
40				1	2					
41										1
T 2	2	5	0	0	27	1	1	2		
T 1	1	0	2	35	0	0	0	0		
TOTAL									1	2
42						1		2		
43				1	2					
44				1	2					
45				1		2				
46				1	2					
47				1	2					
48				1	2					
49		2		1						
50				1	2					
51				1	2					
52		2						1		
53				1	2					

PERGUNTA 8

CATEGOR.	APECTIV.	AJUDA MÃE	AJUDA PAI	BRIN. RAPAZ	BRIN. RAPARI.	NOVAS TECN.	INDEP. /REBEL.	ESTUDAR	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.
SUJEITOS										
54				1	2					
55				1	2					
56				1	2					
57					2			1		
T 2	0	2	0	0	12	1	0	1		
T 1	0	0	0	13	0	1	0	2		
TOTAL									0	0
M1				1	2					
M3										1
M4				1	2					
M5										1
M6				1	2					
M8				1	2					
M9				1	2					
M10										1
M11				1	2					
M12				1	2					
M13				1	2					
M14				1	2					
M16										1
M17				1	2					
M19				1	2					
M20				1	2					
M21				1	2					
M24				1	2					
M25				1	2					
M26	2						1			
M27				1	2					
M28				1	2					
M29				1	2					
M30				1	2					
M31				1	2					
M33		2	1							
M34					2	1				
M35				1	2					
M36				1	2					
M38										1
M39										1
M40				1	2					
M 41				1	2					
T 2	1	1	0	0	25	0	0	0		
T 1	0	0	1	24	0	1	1	0		
TOTAL									0	6
M42				1		2				
M43				1	2					
M44		2		1						
M45									1	
M46				1	2					
M47				1	2					
M48		1					2			
M49				1	2					
M50		2		1						
M51				1	2					
M52				1	2					
M53				1	2					

PERGUNTA 8

CATEGOR.	APECTIV.	AJUDA MÃE	AJUDA PAI	BRIN. RAPAZ	BRIN. RAPARI.	NOVAS TECN.	INDEP. /REBEL.	ESTUDAR	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.	
SUJEITOS											
M54				1	2						
M55									1		
M56										1	
M57		2					1				
T 2	0	3	0	0	8	1	1	0			
T 1	0	1	0	11	0	0	1	0			
TOTAL										2	1
P1				1	2						
P3				1	2						
P5				1	2						
P6				1	2						
P7				1	2						
P8										1	
P9											
P11				1	2					1	
P12				1	2						
P13										1	
P14	2						1				
P16		2	1								
P19	2			1							
P20										1	
P21				1	2						
P24				1	2						
P26				1	2						
P27		2				1					
P28				1	2						
P29		2		1							
P30				1	2						
P31										1	
P33					2	1					
P34					2	1					
P35	2			1							
P36				1	2						
P38				1	2						
P39				1	2						
P40				1	2						
P41				1	2						
T 2	3	3	0	0	19	0	0	0			
T 1	0	0	1	20	0	3	1	0			
TOTAL										0	5
P44				1	2						
P45				1	2						
P46										1	
P48				1	2						
P49				1	2						
P51				1	2						
P52				1	2						
P53				1	2						
P54				1	2						
P55										1	
P56										1	
P57				1	2						
T 2	0	0	0	0	9	0	0	0			
T1	0	0	0	9	0	0	0	0			
TOTAL										0	3

PERGUNTA 9									
------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--

[illegible]

PERGUNTA 9

CATEGOR.	AFFECTIV.	ABERT. /CONF.	AUX. PRATICO	LAZER	AD. /MOD. /IMI.	RESP. /MEDO	DIST. /CONF.	RIV. /COMP.	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.	
SUJEITOS											
54										1	
55	1						2				
56										1	
57	1						2				
T 2	1	1	0	0	0	1	7	0			
T 1	5	2	0	0	0	2	1	0			
TOTAL										0	6
M1	2						1				
M3	2						1				
M4			2	1							
M5									1		
M6		2				1					
M8	2						1				
M9	2						1				
M10									1		
M11										1	
M12										1	
M13	2						1				
M14	2					1					
M16	1						2				
M17										1	
M19	2						1				
M20									1		
M21										1	
M24	2							1			
M25		2			1						
M26	2					1					
M27										1	
M28	2					1					
M29										1	
M30										1	
M31		1					2				
M33	1					2					
M34		1					2				
M35	2						1				
M36						1	2				
M38			2	1							
M39	2						1				
M40	2					1					
M41						1	2				
T 2	13	2	2	0	0	1	5	0			
T 1	2	2	0	2	1	7	8	1			
TOTAL										3	7
M42									1		
M43	1						2				
M44	2						1				
M45	2						1				
M46						1	2				
M47	2					1					
M48										1	
M49	2						1				
M50										1	
M51										1	
M52										1	
M53	1						2				

PERGUNTA 9

CATEGOR.	AFFECTIV.	ABERT. /CONF.	AUX. PRATICO	LAZER	AD. /MOD. /IMI.	RESP. /MEDO	DIST. /CONF.	RIV. /COMP.	NÃO SEI	NÃO HÁ DIF.	
SUJEITOS											
M54	2						1				
M55	2					1					
M56										1	
M57	2				1						
T 2	7	0	0	0	0	0	3	0			
T1	2	0	0	0	1	3	4	0			
TOTAL										1	5
P1	2					1					
P3		1					2				
P5									1		
P6	2						1				
P7		1					2				
P8	2		1								
P9	2						1				
P11										1	
P12										1	
P13										1	
P14	2				1						
P16										1	
P19	2							1			
P20	1						2				
P21	1						2				
P24	2				1						
P26	2							1			
P27	2						1				
P28	2					1					
P29	2						1				
P30										1	
P31										1	
P33										1	
P34			1				2				
P35	2							1			
P36	2					1					
P38				1		2					
P39	2						1				
P40										1	
P41	2					1					
T 2	15	0	0	0	0	1	5	0			
T1	2	2	2	1	2	4	5	3			
TOTAL										1	8
P44									1		
P45	2					1					
P46	2					1					
P48										1	
P49	2						1				
P51	1						2				
P52	1						2				
P53						1	2				
P54	2					1					
P55		2					1				
P56									1		
P57										1	
T 2	4	1	0	0	0	0	3	0			
T1	2	0	0	0	0	4	2	0			
TOTAL										2	2

PERGUNTA 10

[illegible]

PERGUNTA 10

[illegible]

ANEXO 7 - Resultados estatísticos referentes à análise das respostas ao questionário

Nota: Dada a extensa quantidade de cálculos efectuados, optámos por apresentar somente os valores estatisticamente significativos. Os símbolos * e ** indicam, respectivamente, resultado significativo com $p < 0,05$ e $p < 0,01$.

PERGUNTA 1			
REFERÊNCIA	TESTE	VALOR DA ESTATISTICA OU PROBABILIDADE	
2 a) Afectividade	x2 (g.l. = 1)	11	**
Autoridade	x2 (g.l. = 1)	8.32	**
2 c) Cuid. filhos	x2 (g.l. = 1)	13	**
Afectividade	x2 (g.l. = 1)	4.263	*
Autoridade	x2 (g.l. = 1)	9.8	**
2 d) Afectividade	x2 (g.l. = 1)	5.33	*
Autoridade	Binomial	p = 0.0392	*
2 e) Cuid. filhos	Binomial	p < 0.01	**
Afectividade	x2 (g.l. = 1)	16	**
Autoridade	x2 (g.l. = 1)	15	**
3 a) Não há dif.	Cochran (g.l. = 2)	10.1	**
3 b) Afectividade	Cochran (g.l. = 2)	6.3	*
3 c) Afectividade	Cochran (g.l. = 2)	9.25	**
3 d) Trab. prof.	Cochran (g.l. = 2)	12.3	**

PERGUNTA 2			
REFERÊNCIA	TESTE	VALOR DA ESTATISTICA OU PROBABILIDADE	
2 a) Cuid. filhos	x2 (g.l. = 1)	34	**
Lazer	x2 (g.l. = 1)	16	**
2 b) Cuid. filhos	Binomial	p = 0.0019	**
2 c) Cuid. filhos	x2 (g.l. = 1)	15.696	**
Autoridade	Binomial	p = 0.0392	*
Lazer	x2 (g.l. = 1)	12.25	**
2 d) Cuid. filhos	Binomial	p = 0.0019	**
2 e) Cuid. filhos	x2 (g.l. = 1)	22	**
Lazer	x2 (g.l. = 1)	14.22	**
2 f) Cuid. filhos	Binomial	p = 0.0019	**
3 a) Cuid. filhos	Cochran (g.l. = 2)	6	*
3 b) Ver T.V.	Cochran (g.l. = 2)	12	**
4 Lazer /outras	Fisher	p = 0.0179	*
5 Trab. prof./outras	Fisher	p = 0.0287	*

PERGUNTA 3			
REFERÊNCIA	TESTE	VALOR DA ESTATISTICA OU PROBABILIDADE	
2 a) Cuid. filhos	x2 (g.l. = 1)	34	**
Autoridade	Binomial	$p < 0.01$	**
Bricolage	x2 (g.l. = 1)	11	**
Desporto	x2 (g.l. = 1)	14	**
2 b) Cuid. filhos	x2 (g.l. = 1)	11	**
Trab. prof.	Binomial	$0.01 < p < 0.05$	*
2 c) Cuid. filhos	x2 (g.l. = 1)	23	**
Trab. prof.	x2 (g.l. = 1)	11	**
Bricolage	Binomial	$p < 0.01$	**
2 d) Cuid. filhos	x2 (g.l. = 1)	12	**
Trab. prof.	Binomial	$0.01 < p < 0.05$	*
2 e) Cuid. filhos	x2 (g.l. = 1)	20	**
Autoridade	Binomial	$p = 0.0078$	**
Bricolage	Binomial	$p < 0.01$	**
2 f) Cuid. filhos	Binomial	$p = 0.0039$	**
3 a) Cuid. filhos	Cochran (g.l. = 2)	6.7	*
Desporto	Cochran (g.l. = 2)	10.43	**
3 d) Desporto	Cochran (g.l. = 2)	6	*

PERGUNTA 4			
REFERÊNCIA	TESTE	VALOR DA ESTATISTICA OU PROBABILIDADE	
3 a) Não há dif.	Cochran (g.l. = 2)	10.18	**
Autoridade	Cochran (g.l. = 2)	7	*
3 b) Autoridade	Cochran (g.l. = 2)	6	*

PERGUNTA 5			
REFERÊNCIA	TESTE	VALOR DA ESTATISTICA OU PROBABILIDADE	
2 c) Autoridade	Binomial	$p = 0.0078$	**
2 e) Autoridade	Binomial	$0.01 < p < 0.05$	*
3 a) Não há dif.	Cochran (g.l. = 2)	11.52	**
Afectividade	Cochran (g.l. = 2)	6.14	*

PERGUNTA 6		
REFERÊNCIA	TESTE	VALOR DA ESTATÍSTICA OU PROBABILIDADE
2 e) Afectividade Independente	Binomial	$p < 0.0078$ **
3 a) Não há dif.	Binomial	$p < 0.01$ **
4 Não há dif./há dif.	Cochran (g.l. = 2)	14.7 **
	x^2 (g.l. = 2)	6.078 *

PERGUNTA 7		
REFERÊNCIA	TESTE	VALOR DA ESTATÍSTICA OU PROBABILIDADE
2 a) Brinc. rapaz	x^2 (g.l. = 1)	29 **
Brinc. rapariga	x^2 (g.l. = 1)	29 **
2 b) Brinc. rapaz	Binomial	$p = 0.0019$ **
Brinc. rapariga	Binomial	$p = 0.0078$ **
2 c) Brinc. rapaz	x^2 (g.l. = 1)	11 **
Brinc. rapariga	x^2 (g.l. = 1)	11 **
2 d) Ajuda a Mãe	Binomial	$0.01 < p < 0.05$ *
Brinc. rapaz	Binomial	$0.01 < p < 0.05$ *
2 e) Brinc. rapaz	x^2 (g.l. = 1)	> 8.32 **
Brinc. rapariga	x^2 (g.l. = 1)	8.32 **
2 f) Ajuda a Mãe	Binomial	$0.01 < p < 0.05$ *
3 a) Não há dif.	Cochran (g.l. = 2)	6.85 *
Brinc. rapariga	Cochran (g.l. = 2)	12.09 **
3 b) Brinc. rapaz	Cochran (g.l. = 2)	8.27 *
3 d) Estudar	Cochran (g.l. = 2)	6 *

PERGUNTA 8		
REFERÊNCIA	TESTE	VALOR DA ESTATÍSTICA OU PROBABILIDADE
2 a) Brinc. rapaz	x^2 (g.l. = 1)	35 **
Brinc. rapariga	x^2 (g.l. = 1)	27 **
2 b) Brinc. rapaz	x^2 (g.l. = 1)	13 **
Brinc. rapariga	x^2 (g.l. = 1)	12 **
2 c) Brinc. rapaz	x^2 (g.l. = 1)	24 **
Brinc. rapariga	x^2 (g.l. = 1)	25 **
2 d) Brinc. rapaz	x^2 (g.l. = 1)	11 **
Brinc. rapariga	Binomial	$p = 0.0078$ **
2 e) Brinc. rapaz	x^2 (g.l. = 1)	20 **
Brinc. rapariga	x^2 (g.l. = 1)	19 **
2 f) Brinc. rapaz	Binomial	$p = 0.0039$ **
Brinc. rapariga	Binomial	$p = 0.0039$ **

PERGUNTA 9			
REFERÊNCIA	TESTE	VALOR DA ESTATISTICA OU PROBABILIDADE	
2 c) Afectividade	χ^2 (g.l. = 1)	> 6.8	**
2 e) Afectividade	χ^2 (g.l. = 1)	> 6.8	**
3 a) Não há dif. Afectividade	Cochran (g.l. = 2)	22.8	**
	Cochran (g.l. = 2)	8.84	*
3 b) Respeito	Cochran (g.l. = 2)	7.714	*
Distancia	Cochran (g.l. = 2)	6.729	*
4 Não há dif./há dif.	χ^2 (g.l. = 1)	4.53	*

PERGUNTA 10			
REFERÊNCIA	TESTE	VALOR DA ESTATISTICA OU PROBABILIDADE	
2 b) Afectividade	Binomial	$p = 0.0039$	**
Distancia	Binomial	$p = 0.0019$	**
3 a) Não há dif.	Cochran (g.l. = 2)	22.52	**
Distancia	Cochran (g.l. = 2)	8.67	*
3 b) Afectividade	Cochran (g.l. = 2)	6.37	*
Respeito	Cochran (g.l. = 2)	8	*
4 Não há dif./há dif.	χ^2 (g.l. = 2)	8.863	*